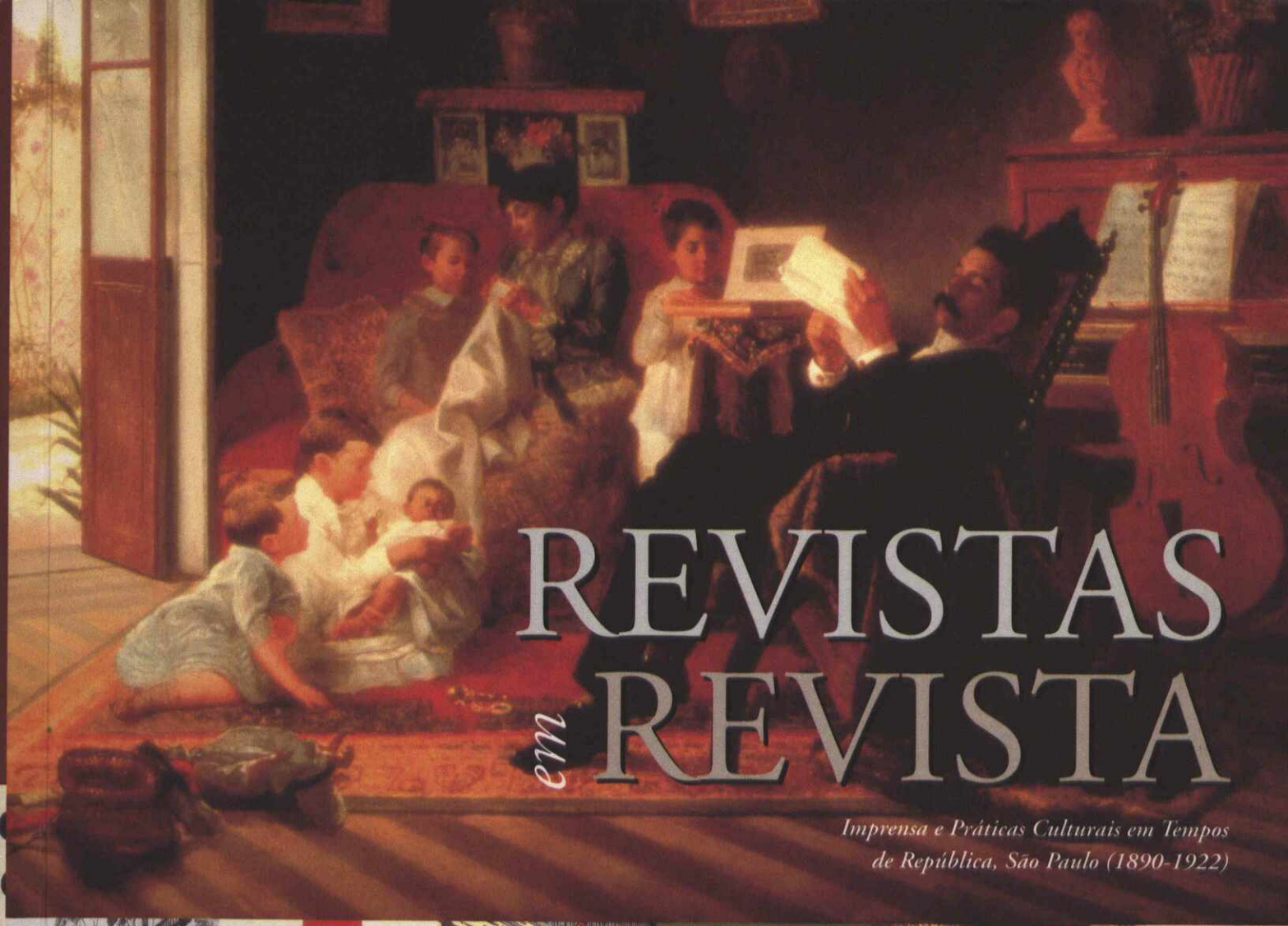


REVISTAS *em* REVISTA

Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)



Ana Luiza Martins

FAPESP
edusp
Sihi

TRABALHO RARO de classificação temática e crítica das revistas como fonte histórica, *Revistas em Revista* aponta para a conformação de imaginários, ao recuperar parte do universo mental da efervescente São Paulo da *Belle Époque*, na virada do século XIX para o XX, investigando a ampliação do público leitor e, sobretudo, a força da revista como impresso decisivo na passagem do consumo do jornal para o livro, momento de emergência de sua produção em escala pré-industrial.

Ao elencar um número significativo de publicações Ana Luiza Martins revela aspectos insuspeitos de nossa história cultural, dimensionando temas candentes e alguns "silêncios da História", como a definição da forma revista na perspectiva de sua historicidade, a presença desse periódico nas bibliotecas da época, a profissionalização do escritor e os gêneros literários em voga, assim como as políticas de alfabetização popular e o público leitor em formação. Do ponto de vista técnico, a autora examina a constituição do parque gráfico e os dramas da incipiente indústria papeleira no país, as conseqüências da proliferação da imagem e as inúmeras estratégias de venda do produto, atreladas aos modelos iniciais de propaganda e de publicidade no Brasil.

O rico material consultado permitiu a sistematização temática desse tipo de imprensa, analisando as principais demandas de uma sociedade em transformação, mediante a pesquisa em revistas agrícolas, pedagógicas, institucionais, científicas, esportivas, religiosas, femininas, operárias, teatrais – que se transformaram em cinematográficas – e mesmo infantis. Ressalte-se que a

Slhi

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitora Suely Vilela
Vice-reitor Franco Maria Lajolo

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plinio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

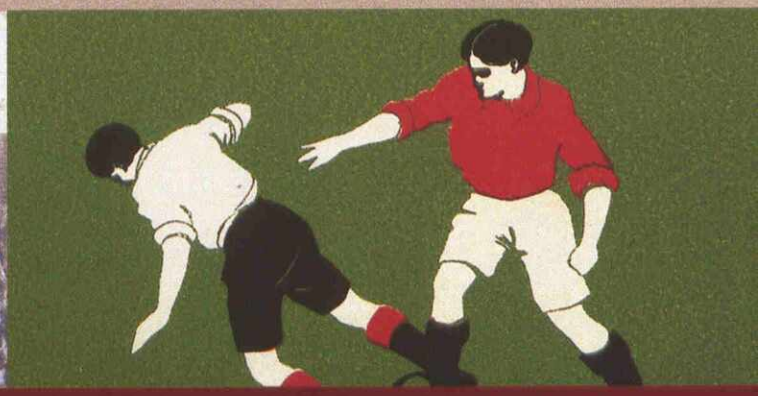
Presidente José Mindlin
Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas
Benjamin Abdala Júnior
Carlos Augusto Monteiro
Maria Arminda do Nascimento Arruda
Nélio Marco Vincenzo Bizzo
Ricardo Toledo Silva

Diretora Editorial Silvana Biral
Editoras-assistentes Marilena Vizentin
Carla Fernanda Fontana

Revistas em Revista

SIhi

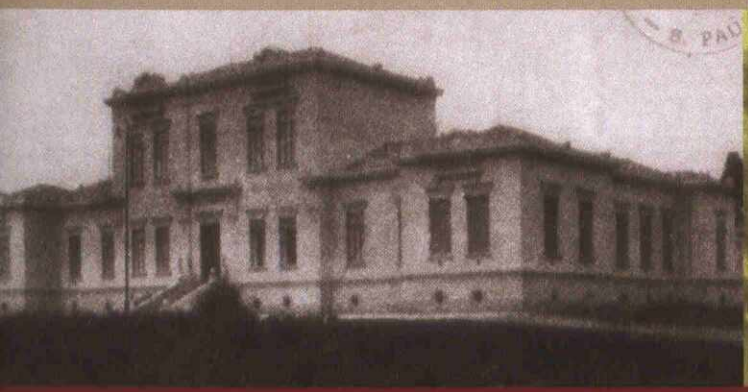

INAUGURAÇÃO
DO VIADUCTO
EM S. PAULO



Revistas em Revista

Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)

ANA LUIZA MARTINS





edusp

FAPESP

SIhj

Copyright © 2000 by Ana Luiza Martins

1ª edição 2001 (Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado)
1ª edição, 1ª reimpressão 2008 (Edusp/Fapesp)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Ana Luiza
Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922) / Ana Luiza Martins. – 1ª ed. 1ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

Bibliografia.
ISBN 978-85-314-0569-3

1. Cultura – São Paulo (Estado) 2. Imprensa – São Paulo (Estado) 3. Jornalismo – São Paulo (Estado) 4. Periódicos 5. São Paulo (Estado) – História I. Título. II. Título: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).

00-3655 CDD-050.98161

Índices para catálogo sistemático:

1. Revistas: São Paulo: Estado: História 050.98161
2. São Paulo: Estado: Revistas: História 050.98161

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374
6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
SAC (11) 3091-2911 – Fax (11) 3091-4151
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2008

Foi feito o depósito legal

Slhj

Para Aldo de Cresci Neto

Sumário

Lista de Abreviaturas, 10
Agradecimentos, 11
Prefácio – José Mindlin, 14
"A Que se Deve", 16

Parte I • **TEXTO E CONTEXTO**, 33

1. **De Revistas, Hebdomadários e Magazines**, 35
   Ilustração e Universalização, 38
   A Palavra Re[vista], 45
   No Circuito das Representações, 69
   Revista: Cultura e Fetiche, 97

2. **Sob o Signo da Mudança**, 111
   Ritos de Passagem, 114
   Controle e Repressão, 121
   Da República das Confeitarias à República das Letras, 136
   Para Além das Crônicas, 148

3. **Oficinas da Palavra**, 163
   No Universo Gráfico das Revistas, 166
   Por Trás da Máquina, 178
   Letra & Imagem, 185
   Leitura para Todos, 198
   Na Ciranda do Papel, 209

SIhi

4. **Tudo pelo Comércio**, 223
Fórmulas de Sucesso, 226
Pontos de Venda, 232
Incríveis Estratégias, 237
Propaganda e Publicidade, 244

Parte II • **FOLHEANDO AS REVISTAS**, 271

5. **Temáticas em Desfile**, 273
Intérprete de Utopias, 276
No País Agrícola: Revistas "Agronômicas", 282
Modelando Gerações: Revistas Pedagógicas, 304
O Saber Científico e as Revistas Institucionais, 324
Por trás do *Sport*: Revistas Esportivas, 340
Em Nome da Fé: Revistas Religiosas, 355
A Produção de uma Nova Mulher: Revistas Femininas, 371
Impressos de Exclusão: Revistas Operárias, 388
Revistas em Cena: Revistas Teatrais e o Ensaio das Cinematográficas, 396
Sob a Rubrica Infantil: Revistas Infantis, 406

6. **Gerações Diversas**, 413
Polígrafos da Transição: Escritores e Literatos no Periodismo, 416
Cafés da Paulicéia: Lugares de Sociabilidade, 455
Uma Ausência Instigante, 460

7. **São Paulo: Uma Matéria de Sucesso**, 469
Cidade Mercadoria: A Venda de uma Imagem, 472
A Celebração do Progresso, 475
"Capital Artística", 507
Palco da Nacionalidade, 526

Considerações Finais, 555
Fontes e Bibliografia, 566
Índice Remissivo de Periódicos Consultados, 587

SIhi

Lista de Abreviaturas

ABN	Anais da Biblioteca Nacional
AEL	Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp
BIHGSP	Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
BECA	Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP
BJM	Biblioteca José Mindlin
BMA	Biblioteca Mário de Andrade
BNL	Biblioteca Nacional de Lisboa
BK	Biblioteca Kennedy
BIHGB	Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
BN	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
BPD	Biblioteca Plínio Doyle
ECA	Escola de Comunicações e Artes da USP
HGCB	História Geral da Civilização Brasileira
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
MP	Museu Paulista
OESP	Jornal *O Estado de S. Paulo*
ORMA	Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade
RAM	Revista do Arquivo Municipal
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
RIHGSP	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
RMP	Revista do Museu Paulista

SIhi

Agradecimentos

Este livro – resultado de minha tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – só foi possível graças ao apoio de um coletivo de familiares, mestres, colegas, amigos e instituições. Nesta página, tradicionalmente reservada aos agradecimentos, furto-me das sistematizações herdadas do trato das questões acadêmicas e embaralho nomes, lembranças e emoções, sempre presentes no rememorar desta realização.

Ao Ari Camargo de Oliveira, pelo apoio incondicional e ao Aldo de Cresci Neto, solidário com o "fazer uma tese" e depois transformá-la em livro.

À mestra e amiga, Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro, que orientou este trabalho com dedicação, profissionalismo e generosidade. Aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo, Profa. Dra. Marlyse Meyer, Prof. Dr. Murillo Marx e Prof. Dr. Sergio Miceli, por enriquecerem com suas críticas minha reflexão sobre o tema e pela compreensão em face dos percalços burocráticos, que exigiram tantas mudanças de data para a defesa.

A José e Guita Mindlin, em cuja biblioteca conheci as muitas dimensões do impresso, nascendo ali a opção pelo trabalho com as revistas. Cristina Antunes, conservadora daquele acervo, ampliou as possibilidades de abordagem do assunto, com indicação de títulos e pesquisas paralelas. Lembro ainda a amizade e o carinho que encontrei naquela rua Princesa Isabel – de Siqueira, que me abria o "portão do paraíso", e de Catarina, com seu "dedo de prosa" e cafezinho, estímulos mágicos, em percurso de tantos obstáculos.

Slhi

No Rio de Janeiro sou também muito grata a Barbosa Lima Sobrinho, Gilberto Ferrez, Nelson Werneck Sodré e Plínio Doyle, cujos depoimentos resultaram em aprendizado valioso de revistas e, sobretudo, de vida. Da rua São Clemente, guardo uma lembrança especial, decorrente não só da "Casa de Rui": uma tarde com Laura Rodrigo Octávio que naquela mesma rua, do alto de seus 101 anos, com muita lucidez e alegria, entre vasos de tinhorão e livros "dos modernos", introduziu-me no tempo em que eu pretendia transitar. *In memoriam*, meus agradecimentos pelo desvelo.

À Heloisa Silveira Barbuy, Ilka Stern Cohen, Malu Eleutério e Sonia de Deus Rodrigues Bercito, pelas tantas leituras do texto e sugestões oportunas.

Ao mestres, colegas e amigos, que cumularam este trabalho com vários obséquios: Antonio Arnoni Prado, Boris Kossoy, Carlos Lemos, Celina Kuniyoshi, Célio Debes, Cristina Wolff, Helena Péjaro, Heloísa Faria Cruz, José Carlos Sebe Bon Meihy, José Guilherme Savoy de Castro, Lília Guzzo, Lucilena Whitaker Bastos, Márcia Camargos, Marcos A. da Silva, Maria Helena Capelato, Maria Inês Borges Pinto, Maria Lígia Prado, Marisa Lajolo, Margarida Cintra Gordinho, Marilena Bruno Fabiano, Marly Rodrigues, Miriam Moreira Leite, Naira Morgado, Paulo Del Negro, Priscila Perazzo, Rachel Mizhari, Raquel de Azevedo, Raquel Glezer, Regina Pedroso, Roberto Leme Ferreira, Sheila Schwartzman, Silvana Bahia, Sílvia Wolff, Sonia M. Simon, Stella Bresciani, Suely de Bem, Telê Ancona Lopez, Tereza Cristina R. Pereira, Vavy Pacheco Borges, Victor Campos, Walter Pires e Zilda Yokoi.

Às Instituições mantenedoras dos acervos periódicos, consignando aqui os nomes dos responsáveis no âmbito de meu convívio mais estreito – Biblioteca Municipal Mário de Andrade: Maria Victória Menezes de Camargo, Carmem Lúcia Sanches Jaquinta, Neusa Aparecida Barbosa e Maria de Fátima Lopes Thaumaturgo; Centro de Apoio à Pesquisa Histórica [CAPH]: Miriam Moreira Leite; Instituto de Estudos Brasileiros [IEB]: Maria Itália Causin; Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: Braz Ciro Gallotta; Real Gabinete Português de Leitura, Dr. Antônio Gomes da Costa e aos tantos funcionários das Bibliotecas da Ciências Sociais, da ECA, da História e Geografia, da Letras e da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. No Rio de Janeiro, aos funcionários da Biblioteca Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Slhj

À Capes, que financiou parte desta pesquisa e ao Condephaat, que me concedeu o afastamento necessário para a redação do trabalho.

A José Luis Ferrari Antunes (*in memoriam*), que me criou um especial banco de dados em "Access", sem o qual seria impossível trabalhar com os mais de 200 títulos compulsados.

Por fim, à Ruth, minha mãe, por tudo.

Prefácio

Se tivesse de apresentar este livro numa só linha, diria simplesmente que "este é um livro que eu gostaria de ter escrito". Mas isto, evidentemente, seria muito pouco para falar do que representa o excelente trabalho da Dra. Ana Luiza Martins Camargo de Oliveira, mais conhecida como Ana Luiza Martins, ou, como acontece comigo, apenas como Ana Luiza.

O título do livro – *Revistas em Revista* – é bem sugestivo, mas deixa de fora boa parte de seu conteúdo, pois Ana Luiza também estuda o jornalismo das quatro primeiras décadas da República, principalmente de São Paulo, e o livro acabou resultando numa verdadeira história da cultura e dos meios literários paulistas daquele período, graças ao talento com que foi escrito, e à profundidade das pesquisas realizadas. Vai ser, para os estudiosos, uma obra fundamental de referência bibliográfica, histórica e iconográfica (a ilustração é excelente e enriquece substancialmente a obra), e, para os leigos, uma leitura muito saborosa. Diga-se de passagem que isso não é comum, pois obras de referência são normalmente consultadas, e não lidas de ponta a ponta, ao passo que os livros bons de se ler não se usam para consulta especializada. Ora, *Revistas em Revista* atende aos dois objetivos.

Os trabalhos anteriores de Ana Luiza desde logo faziam prever um bom livro. Só que, quando ela me falou pela primeira vez de seus planos para este livro, confesso que fiquei um pouco assustado, mesmo achando a idéia muito boa. É que o tema me parecia um bocado amplo, e pensei logo na provável dificuldade de reunir um conjunto abrangente de informações a seu respeito, que imaginei extremamente dispersas. Ana Luiza, no entanto, resolveu enfrentar o desafio, e

Slhi

este livro (que antes foi tese de doutorado), mostra que conseguiu vencê-lo brilhantemente.

O livro excedeu as expectativas mais otimistas, e hoje estamos todos de parabéns por podermos dispor de tanta informação, analisada com agudo senso de observação, e apresentada de forma tão atraente.

Não vou entrar em detalhes, pois isso retardaria o prazer do manuseio e da leitura, mas... há sempre um "mas": por que Ana Luiza parou em 1922? Dá para entender a prudência de fixar limites, mas nem por isso se pode deixar de ficar com pena de o livro acabar tão cedo. Vamos todos fazer um apelo à autora para que ela se disponha a estudar pelo menos mais algumas décadas do mesmo assunto deste livro, que ela conseguiu tornar tão fascinante!

José Mindlin

"A que se Deve"[1]

Suprindo uma lacuna era a chamada de apresentação recorrente nas revistas paulistas da virada do século, mas, não só. Tudo dependia do teor da publicação. Se jocosa, o *cavaco preliminar* era de rigor; se dinâmica, atenta à "velocidade" daqueles novos tempos, o *duas palavras* bastava para dizer a que vinha; se solene, um compenetrado *a que se deve* introduzia o primeiro número. No geral, todos esses artigos de fundo nada mais eram que o "narcótico habitual com que se entretem o leitor", de acordo com a apresentação da revista *A Borboleta*, de 1899.

Revistas em Revista: Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922) gostaria de ser um pouco disso tudo, bem ao espírito daquelas revistas de época. O teor desse relato, contudo, atende a outros reclamos e subordina-se a cânones acadêmicos. Para introduzi-lo, embora o *Suprindo uma lacuna* seja justificativa plausível, é recomendável o imparcial *a que se deve*. Nele cabem, com mais pertinência, a razão de ser da pesquisa, o propósito do texto, sua metodologia e periodização, a opção de encaminhamento; se possível, em *duas palavras*. Isto posto, para que não se caia no quase pejorativo *cavaco preliminar*, vamos ao necessário *artigo de fundo* ou de apresentação.

Esse trabalho incide sobre a história das revistas periódicas publicadas na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1922, procurando dimensionar seu significado no quadro mais amplo do impresso no Brasil, especialmente no que diz respeito

1. Título convencional da época para nomear a apresentação da revista, quando de seu lançamento. *Suprindo uma lacuna*, mais freqüente, usado, entre outras por *O Fazendeiro*, revista mensal de agricultura, indústria e comércio, São Paulo, 1908, n. 1; *Cavaco preliminar* por *O Álbum*, de Arthur Azevedo, Rio de Janeiro, 1893, n. 1; *Duas palavras*, em *O Álbum Imperial*, São Paulo, 1906, n. 1; *Narcótico habitual*, em *A Borboleta*, órgão literário, São Paulo, set. 1899.

Slhi

à ampliação do público leitor, à conformação de imaginários e à recuperação de parte do universo mental do período. Neste propósito, as revistas foram tratadas em dupla dimensão: como *objeto de análise*, tema a ser historicizado e, como *fonte*, que, cotejada com as demais – jornais, memórias e iconografia –, subsidiou esta pesquisa, permitindo reconstruir a história no âmbito de um de seus principais suportes documentais, isto é, a imprensa periódica.

A exemplo da persistente justificativa para o surgimento de uma nova revista – *suprir uma lacuna do mercado* – a opção deste estudo deveu-se, inicialmente, à lacuna registrada na historiografia no tocante às séries periódicas – em que pesem as notáveis contribuições da bibliografia sobre periodismo – em geral trabalhadas sob outro escopo. Concomitantemente, inferiu-se que o uso recente, freqüente e indiscriminado de revistas em busca da reconstrução do passado, resultava em equívocos de interpretação, frutos do desconhecimento das condições de vigência daqueles periódicos, da falta de cotejo com seus parâmetros e da efetiva inserção em seu tempo.

Decisiva, contudo, foi a atração suscitada pelo "documento-revista", conjunto lúdico irresistível, que numa só publicação reunia texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos. Todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugeriam uma série de indagações que prenunciavam a carga de historicidade presente nas, hoje, velhas e amarelecidas publicações.

A proposta de um estudo sistemático esbarrou em dificuldades de ordem vária, agudizadas neste levantamento pela precariedade das séries, em geral incompletas, dispersas, fragmentadas. No universo de mais de centena de títulos arrolados, apenas uma dezena foi localizada com seriação completa, muitas vezes em estado precário de conservação. Por outro lado, a intenção inicial de abarcar as revistas de maior circulação na Primeira República, limitadas ao Rio de Janeiro e São Paulo, tão logo iniciada, revelou-se inviável. A vastidão do campo, as especificidades da imprensa carioca e paulista e, acima de tudo, a percepção de um periodismo paulistano, com características e temporalidade muito particulares, redirecionaram o trabalho para a produção paulistana. Esse recorte se apresentou viável em face do potencial informativo sugerido pelo *corpus* documental, ainda carente de reflexões por parte da historiografia brasileira.

A periodização, igualmente, demandou alteração. Não se tratava de percorrer toda a Primeira República e sim balizar o término da análise em 1922. Não

Slhj

exatamente por causa da "Semana de 1922" – embora no âmbito tratado ela tenha sido marco decisivo – mas pela conjuntura diversa que passou a presidir a produção do impresso nos anos imediatamente posteriores àquele evento.

Insista-se que 1922 foi um ano de balanços e tomadas de posição. A fundação do Partido Comunista do Brasil e o levante dos 18 do Forte, marco inicial do movimento tenentista, se constituem em ocorrências políticas de significado. No âmbito da imprensa, a comemoração do "Centenário da Independência", de enorme repercussão, suscitou múltiplas reflexões, trazendo à baila os tempos diversos que coexistiam na Capital paulista e no País. Nesse quadro, o lançamento da revista *Klaxon*, em maio de 1922, pelo grupo modernista, sinalizava que a feitura e fatura periódicas vivenciavam um novo momento. Entravam em cena outra estética e outra censura, que prosseguiram pelos anos de 1930 com seus desdobramentos, compondo momento histórico diverso.

Relevada a rigidez de balizas, no que diz respeito a recortes culturais, a investigação em curso circunscreveu-se, finalmente, às revistas que efetivamente circularam entre 1890 e 1922. A delimitação deste tempo – premido por um marco político, a Proclamação da República, e outro cultural, o lançamento da revista *Klaxon* – possibilitou transitar pelas tantas diversidades do período, dimensionando permanências do velho regime e propostas da nova Ordem, inferindo transformações técnicas, estéticas literárias e plásticas, idealizações e projeções da sociedade heterogênea que transitava na São Paulo da virada do século, recuperando seu diapasão cultural.

No decorrer da pesquisa confirmou-se imperativa a limitação geográfica, aflorando com clareza as realidades distintas do Rio de Janeiro e São Paulo, com produção periódica específica aos seus cotidianos, conjunturas e demandas. Aquela carioca, lastreada no rico periodismo ilustrado ao tempo da Corte e a imprensa paulista, de estágio gráfico inferior, em via de transformação. O rastreamento em paralelo de jornais, memórias, iconografia, historiografia e bibliografia do período confirmou as singularidades regionais que presidem tais estudos, norteando o trabalho e o diálogo com a documentação, no sentido de se perceber os silêncios, preencher vazios, recuperando nuanças reveladoras do processo histórico paulista, em via de tornar-se referência para a memória do País.

Não obstante este trabalho apoiar-se em leituras teóricas propostas pela Nova História, consignando-o ao tratamento referencial da história do cotidiano e das mentalidades, as obras de Robert Darnton, Roger Chartier e John B. Thompson

Slhj

inspiraram sua construção, direcionando-o para as áreas de história da leitura, práticas culturais, ideologia e cultura moderna, respectivamente[2].

Alguns critérios no uso das fontes merecem justificativa prévia. A aludida falha nas séries periódicas determinou o tratamento circunstancial das mesmas, limitando-se ao material encontrado. Na impossibilidade da coleção completa de uma revista, recorreu-se aos números remanescentes localizados; na inexistência destes, procurou-se o levantamento de Afonso de Freitas, *A Imprensa Periódica de São Paulo 1823-1914*[3], a seleção mais completa de que se tem notícia sobre o tema.

Quanto à ficha informativa das fontes, optou-se por mencionar no corpo do texto o maior número de referências sobre os títulos trabalhados, remetendo para o rodapé a tradicional citação bibliográfica, neste caso circunscrita aos dados disponíveis sobre a publicação. A impossibilidade de obter informes técnicos completos sobre cada periódico limitou-nos ao encontrado, em geral, o título, local de edição, editora ou gráfica, ano de circulação, número e página. Por vezes, obteve-se tão-só o título, o local, sem precisão de ano, número e raramente página. Não obstante, o cotejo com informações paralelas à publicação permitiu identificar a temporalidade e procedência de alguns títulos, viabilizando sua inserção no quadro mais amplo de análise.

Quanto à ortografia original dos textos, tanto no corpo do trabalho quanto no rodapé, foi normatizada de acordo com a ortografia contemporânea, exceção para algumas passagens referenciadas por *sic.*

No encaminhamento da redação houve necessidade de contemplar temáticas subsidiárias, de tratamento inexistente na historiografia do impresso, obrigando a retrospectos e incursões em áreas não desbravadas. Desde o surgimento das revistas inglesas e francesas, matrizes preferenciais do gênero periódico revista, às tentativas de fabrico do papel no Brasil, procurou-se enveredar pelos atalhos que

2. Robert Darnton, *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990; *Edição e Sedição: O Universo da Literatura Clandestina no Século XVIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992; *O Iluminismo como Negócio: Uma História da Publicação da Enciclopédia, 1775-1800*; Roger Chartier, *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*, Rio de Janeiro/Lisboa, Editora Bertrand Brasil S.A./Difel, s/d, *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII*, Brasília, Editora da UNB, 1994; Roger Chartier (coord.), *Práticas da Leitura*, São Paulo, Estação Liberdade, 1996; John B. Thompson, *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa*, Petrópolis, Vozes, 1995.

3. Afonso A. de Freitas, "A Imprensa Periódica de São Paulo", *RIHGSP*, São Paulo, Tipografia do Diário Oficial, 1915, vol. 19.

encaminhavam o entendimento amplo das políticas do setor. Nesse sentido, o trabalho foi dividido em duas partes:

Texto e Contexto, centrado no tempo de produção do impresso periódico, que procura recuperar o quadro subsidiário à sua emergência, a conjuntura que presidiu seu florescimento. *Folheando as Revistas*, que resgata o conteúdo daquelas publicações, dimensionando suas temáticas, os produtores do impresso e, finalmente, a imagem mais forte que emergiu daquele periodismo, isto é, aquela da cidade de São Paulo.

A primeira parte, *Texto e Contexto*, compõe-se de quatro capítulos. O primeiro – *De Revistas, Hebdomadários e Magazines* – rastreia o curso da revista periódica, de suas origens à implantação no Brasil, com vistas a surpreender o objeto de estudo em sua historicidade. No segundo capítulo – *Sob o Signo da Mudança* – infere-se o tempo específico da produção e circulação do periódico revista, já percebendo-o como sintomático das novas relações, definidas por outro modo de produção e demandas, peculiares daquela virada do século. Quanto ao terceiro capítulo – *Oficinas da Palavra* – cuida da evolução do universo gráfico contemplando a instalação da imprensa em São Paulo, seus agentes sociais e a montagem do tripé para a sustentação daquela "indústria": as transformações técnicas, o incremento da alfabetização, os ensaios de fabricação do papel. Já o quarto capítulo – *Tudo pelo Comércio* – procura evidenciar as circunstâncias de colocação do impresso periódico no mercado, sujeito às regras da propaganda e da publicidade.

Folheando as Revistas compreende três capítulos, em seqüência ao conteúdo anterior. No quinto capítulo – *Temáticas em Desfile* – privilegia-se o conteúdo das revistas, elencando e analisando as principais tipologias que emergiram daquele periodismo. Oportuno assinalar que o tratamento dos conteúdos não se pauta por abordagem uniforme das temáticas e sim pela análise específica que redundou de seus balanços particulares e distintos. O sexto capítulo – *Gerações Diversas* – procura apreender os agentes sociais que se envolveram com as revistas, em várias instâncias de sua produção, o que vale dizer que se tratou com a intelectualidade da época, responsável pela imprensa periódica. Finalmente, no sétimo capítulo – *São Paulo: Uma Matéria de Sucesso* – a análise incide sobre a cidade de São Paulo, temática recorrente daquele periodismo, veiculada num registro magnificado, sugestivo para a apreensão das imagens construídas e divulgadas para o País, via Metrópole do Café.

Slhi

Lamentavelmente, o concurso da história oral não pode ser levado a termo, dado que os possíveis depoentes já não existem; ou, estando em idade avançada, encontram-se sem condições de efetivar suas lembranças e registros. Testemunhos esparsos, contudo, subsidiaram a produção do texto, seja pela excepcionalidade de seus relatos – caso de Barbosa Lima Sobrinho –, ou, ainda, pela bagagem incomum sobre a matéria – em se tratando de Nelson Werneck Sodré e Plínio Doyle.

Antes de avançar, ainda uma consideração, ou, melhor, uma indagação. Seriam as revistas uma cilada documental?

Revista: Uma Cilada Documental?

Fonte preferencial para pesquisas de teor vário, a revista é gênero de impresso valorizado, sobretudo por "documentar" o passado através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores.

O caráter lúdico desse periódico, de leitura amena e ligeira, explica a opção expressiva por essa modalidade de suporte da leitura na produção da História em suas múltiplas dimensões. O gênero é privilegiado notadamente pelo historiador que, ao simples folhear dessas publicações de época, sente-se envolvido pelo tempo pretérito que busca reconstruir. Imagem, texto, reclames e seções ali contidas, em princípio, independente de análise mais profunda, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. Contudo, a fonte requer cuidados. Na verdade, os apelos que transportam e induzem o pesquisador a configurações quase pictóricas do passado, tal como um espelho disforme, refletem imagens falsas, imagens de superfície, que requerem investigação e decodificação.

Nesse sentido, a constância do uso de revistas como fonte histórica vem revelando que frases e imagens de periódicos pinçadas aqui e acolá, descosturadas do mergulho em seu tempo – vale dizer, no imaginário construído ao seu tempo – não iluminam suficientemente o passado. A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos.

Insista-se que na virada do século, quando o jornalismo transformou-se em grande empresa, as publicações periódicas foram criadas para ser vendidas e ge-

rar lucro. Nesse propósito, veiculavam o que era rentável no momento, procurando "suprir a lacuna" do mercado e atender a expectativas e interesses de grupos, segmentando públicos, conformando-os aos modelos em voga; e, na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema. Em outras palavras, desde então, as revistas em geral matizavam a realidade, veiculando imagens conciliadoras de diferenças, atenuando contradições, destilando padrões de comportamento, conformando o público leitor às demandas convenientes à maior circulação e ao consumo daquele impresso. Ou seja: expressavam o comprometimento apriorístico com aquilo que o leitor queria ler e "ouvir".

Nesse sentido, é oportuno o exemplo da revista *Kosmos*, na Capital da República[4]. Emblemática no gênero, de rico projeto gráfico, lançada em 1904, no calor dos preparativos para a construção da Avenida Central, no Rio de Janeiro, hoje é citada à exaustão para evocar o período. Afirmar que *Kosmos* retrata o cotidiano do projeto *O Rio Civiliza-se*, do qual é contemporânea, que sua impressão é de alto nível e que, portanto, dá conta de revelar o estágio técnico atingido por nossas gráficas, é muito pouco. A apreciação denota que se embarcou tão-só na sedução das imagens aliciantes, ignorando sua mensagem a serviço de um projeto político e econômico, generalizando o entendimento de um periódico que, a despeito de publicar contos, poesia e crítica, não era uma revista literária. Em boa hora, essa publicação foi objeto de estudo criterioso por parte de Antonio Dimas[5], inferindo que a publicação esteve a serviço, e talvez até tenha surgido como porta-voz, do programa de modernização de Rodrigues Alves. Não obstante sua análise abrangente, o próprio autor admite não obter elementos de comprovação material dessa ligação – poder e periódico – no plano de uma confirmação mecânica; e aí, inferimos nós, exatamente porque o conluio entre poder e editor era de tal ordem, que o produto vinha muito bem embalado, *na or-*

4. *Kosmos*, Rio de Janeiro, 1904. Num total de 64 números, foi dirigida por Mário Behring por dezesseis meses quando passou à direção e propriedade de Jorge Schmidt (1870-1926). Este, tendo estudado em Londres e na Bélgica, conhecendo as revistas de lá e como proprietário de uma tipografia na rua da Assembléia, amigo de literatos e jornalistas, fundou *Kosmos*. Cara para a época, (20$000 anual), voltava-se para intelectuais. De grande formato (31 x 25 cm), vinha impressa em papel couché, em cores, muitas ilustrações, diagramação sofisticada com predomínio de *art nouveau*. Compreendia seções de prosa, poesia, crítica, história, sociologia, geografia, matemática, noticiário, publicidade, diplomacia, matéria militar e muita ilustração. Escreviam: Medeiros e Albuquerque; Olavo Bilac; Artur Azevedo; Lauro Müller; Alberto de Oliveira; José Veríssimo; Oliveira Lima; Afonso Arinos; Manoel Bonfim; Gonzaga Duque, entre outros. Ilustrações: Rodolfo Bernardelli; Marc Ferrez; F. Soucaseaux; Guilherme Gainsly.

5. Antonio Dimas, *Tempos Eufóricos. Análise da Revista Kosmos: 1904-1909*, São Paulo, Ática, 1983.

SIhi

dem natural das coisas. Apontando para a mensagem dupla da revista, isto é, espaço de representação de grupo e veículo de propaganda da administração Rodrigues Alves/Pereira Passos, Dimas conclui:

> Como espelho polido de um período que se queria moderno, *Kosmos* carregava no bojo suas próprias contradições. Se a época era de trabalho, de labuta, convinha desmascarar certos preconceitos arraigados como o da fatuidade da classe diplomática, por exemplo[6].

Propósito frustrado, pois as próprias imagens reproduzidas em cuché acabavam por constituir-se em mostruário da elegância ociosa. A percepção de Dimas em outro âmbito foi reforçada pelo registro arguto de Lima Barreto, no papel de advogado do diabo, captando e destilando com sutileza o engodo inerente ao projeto civilizador, quando da inauguração da Avenida Central. Em carta de 13 de julho de 1905 a Gregório Fonseca, Barreto revelava o artificialismo do cenário em relação ao possível aproveitamento de elementos construtivos genuinamente brasileiros, reveladores de nossa paisagem, personalizados ao contexto local:

> Ontem inaugurou-se a avenida. Stá bonita; cheia de canteirinhos, candelabros, etc.; mas os edifícios são hediondos, não que sejam feios. Ao contrário, são garridos, pintadinhos, catitas; mas lhes falta, para uma rua característica de nossa pátria, a majestade, a grandeza, acordo com o local, com a nossa paisagem serena e mística. Calculas tu que na cidade do granito, na cidade dos imensos monolitos do Corcovado, Pão de Açúcar, Pico do Andaraí, não há na tal avenida-montra um edifício construído com esse material. Choveu a mais não poder, assim mesmo ela esteve cheia, de tropa e de povo [*sic*][7].

O empanar da realidade, divulgando-a conforme os interesses de classe, grupos e indivíduos, é vezo desse periodismo triunfante que, naquela virada do século, potencializado pelos recursos da propaganda e publicidade, tornou-se instrumento preferencial a serviço das relações capitalistas que permeavam a sociedade como um todo.

A sinalização adequada e preventiva para estudo das demais publicações do período vem novamente das palavras de Antonio Dimas, em sua análise de *Kosmos*:

6. Antonio Dimas, *op. cit.*, p. 136.
7. Lima Barreto, *Marginália*, Rio de Janeiro, Editora Mérito S/A, 1953, s/p.

SIhi

Da leitura integral de *Kosmos* o que emerge, em última instância, é o exemplo concreto de um tempo dilacerado e ambíguo. *Kosmos* é casca vistosa de modernidade que queria impor-se à custa de notícias ficcionalizadas como recurso de abrandamento; de concessões regionalistas alambicadas; de cronistas empenhados, mas cautelosos; de poesias moralizantes e edificantes, tudo isso envolto em vinhetas florais. A representação do momento encontrara excelente signo: a flor, que o *Art Nouveau* nos exportara. Mais uma vez o mito cumpria a função de "evacuar o real". A flor cheira, embeleza e purifica o ambiente[8].

Ou seja: tudo ficava muito bem *disfarçado*. Desmontado o ideário vendido pelo periódico, revela-se o quanto suas páginas higienizadas, de um Itamarati e de uma população brancas, estavam longe de retratar o cotidiano sofrido de um País analfabeto, atrasado e arcaico.

A recuperação de um libelo indignado na revista literária paulista *Íris*, de 1905, é esclarecedor dos comprometimentos dessa "indústria" ao seu tempo, percebido e combatido pela crítica coeva, que denunciava a submissão do periodismo aos anseios da opinião pública:

> O jornalismo que se faz indústria, longe de guiar e esclarecer a opinião, procura inspirar-se nela, sonda precatadamente suas tendências, afaga seus gestos, anima suas inclinações, corteja seus pendores, acaricia-lhe – quantas vezes! – as aberrações mórbidas repulsivas, acovarda-se, achata-se, anula-se, dissolve-se, num apagamento de critério, numa obliteração de vergonha. Mas [...] *não perde o leitor de todo o dia, o freguês da mofina, o freguês dos anúncios, o freguês dos editais.* No campo da estética, na arena da política, no domínio da moral, semelhante jornalismo não quer ter, não pode ter e não tem opinião própria, opinião redatorial, opinião responsável; esposa a média das opiniões de todo o mundo, pensa como todo o mundo e assim é lido por todo mundo.
>
> [...] O povo deleita-se com esta leitura desproveitosa e nociva, justamente porque as folhas são feitas a sua imagem e semelhança, porque elas o reproduzem com todas as suas impurezas e todas as suas paixões.
>
> [...] Os artigos de polêmica e de combate, os artigos de doutrinação e de política, os artigos de interesse comum relativos a questões econômicas, os artigos literários, as crônicas de arte e as crônicas de sport, a crítica, o verso, as diferentes seções, finalmente, são feitas pelo contingente dos colaboradores generosos, que não representam nunca a opinião dos jornais em que trabalham. É – como se vê – uma inversão total de postos e de funções[9].

Infere-se que a procedência e formação do articulista inscrevem-se num projeto nacionalista, debatendo-se pela construção qualificada da República, que esta-

8. Antonio Dimas, *op. cit.*, pp. 136-137.
9. *Íris: Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes*, São Paulo, Tip. Andrade & Mello, ano I, n. 1, nov. 1905, pp.16-17. Grifo nosso.

va longe de pensar, efetivamente, a *Res Publica*. Confirmava a produção dos escritos da imprensa a serviço de órgãos dependentes, encobrindo o registro espontâneo e a verdadeira opinião do jornalista, com o fim último de *não perder o freguês*.

Traços muito peculiares, portanto, vincam esse periodismo que se profissionalizava e se conscientizava de seu poder, ensaiando a entrada na grande imprensa. Nesse sentido, insistindo, a fonte periodística é capciosa. Deixa de sê-lo, e reveste-se de grande potencial como documento, se devidamente inserida em seu tempo, contextualizada nos termos de sua construção, desconstruída e reconstruída para os fins de testemunho que se pretende. Com esse propósito percorremos um pequeno, mas significativo trecho de sua trajetória, atentos ao sentido de mão dupla deste percurso, por vezes na contramão, com vistas a iluminar parte recôndita do passado.

Antes de prosseguir, contudo, um fragmento de humor – recurso dos mais presentes naquela imprensa periodística, confirmando através do chiste sua dubiedade –, alerta para o cuidado exigido na análise do texto jornalístico. A fonte é um pequeno jornal da Sociedade Dançante Terpsychore Paulistana, de 1888, denominado *A Violeta:*

> No tribunal.
> Juiz: – Qual é sua profissão?
> Testemunha: – Jornalista.
> Juiz: – Esqueça-se por um momento de sua profissão e diga somente a verdade[10].

Não seria demais lembrar, com Chesterton, que jornalista é aquele que escreve no reverso dos anúncios, ou, com McLuhan, que a notícia é um bem de consumo e por isso carrega com ela a publicidade[11], manipuladora de percepções e vontades.

Um Elenco de Títulos Diversificados

A história da imprensa vem sendo contemplada com volume razoável de títulos, poucos, porém, voltados para a análise crítica da produção periodística[12].

10. *A Violeta*, Órgão da Sociedade Dançante Terpychore Paulistana, ano I, n. 9, 12. 5. 1888. *Apud* Afonso A. de Freitas, "A Imprensa Periodística de São Paulo", *op. cit.*, p. 650.
11. *Apud* Walnice N. Galvão, *No Calor da Hora. A Guerra de Canudos nos Jornais*, São Paulo, Ática, 1977, p. 15.
12. Denominam-se periódicas todas as publicações que reaparecem após certo lapso de tempo: jornais diários,

Menos, ainda, aqueles que cuidam do tratamento histórico do significativo repertório do periodismo brasileiro, ensaio para a tardia editoração no País. A iniciativa nesse campo não coube a historiadores de ofício, mas, na sua maioria, decorreu do zelo de estudiosos autodidatas, profissionais da imprensa e bibliotecários que coletaram, sistematizaram e registraram a produção multifacetada de um país onde os prelos tardaram a chegar.

A displicência observada é extensiva ao periodismo como um todo, gênero recorrente do País que, até o início desse século, sem casas editoras, tinha, nas folhas baratas do jornal ou da revista, o espaço legitimador do impresso.

Na chave ampla do periodismo, enquanto o jornal mereceu estudos pontuais sob óticas diversas[13], sobretudo pelo seu caráter de fonte primária relevante para os estudos históricos, a revista, também sobejamente utilizada para esse fim, ressente-se de estudo sistemático e exaustivo no âmbito da historiografia[14]. Em particular as séries temáticas[15], de revistas especializadas, modalidade de impresso presente de forma episódica no Império, que ganhou importância na virada do século, disseminando-se durante a Primeira República.

Por volta de 1890, a inexistência de uma indústria livreira conferiu[16], especialmente às revistas, a função de suporte adequado para veiculação da imagem de um novo Brasil. Imagem tradutora das conquistas técnicas com as quais a imprensa periódica se defrontava, construída a serviço de um ideário inovador e

trisemestrais, revistas mensais, quinzenais. Cf. Miriam Lifchitz Moreira Leite, "O Periódico: Variedade e Transformação", *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, USP, 28: 137-151, 1977, p. 78.

13. Entre outros: Ana Maria de A. Camargo, *A Imprensa Periódica com Objetivo de Instrumento de Trabalho: Catálogo da Hemeroteca Júlio de Mesquita do IHGSP*, São Paulo, Doutorado História-USP, 1976; Beatriz Nizza da Silva, *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brasil*, São Paulo, Cultrix/INL/MEC, 1978; Maria Helena R. Capelato & Maria Ligia Coelho Prado, *O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de S. Paulo"*, São Paulo, Alfa Ômega, 1980; Maria Isabel Andrade Marson, *Posições Políticas na Imprensa Pernambucana 1842-1849*, São Paulo, Mestrado História-USP, 1974 [mimeo.]; Ademir Gebara, *Campinas 1869-1875: Republicanismo, Imprensa e Sociedade*, São Paulo, Mestrado História-USP, 1975 [mimeo.]; Maria Nazareth Ferreira, *A Imprensa Operária no Brasil. 1880-1920*, Petrópolis, Vozes, 1978; Arnaldo Contier, *Imprensa e Ideologia em São Paulo. 1822-1842*, Petrópolis/Campinas, Vozes/Unicamp, 1979; Carlos Guilherme Seroa da Mota & Maria Helena Capelato, *História da Folha de S. Paulo: 1921-1981*, São Paulo, Impress, 1980; Maria Helena Capelato, *Os Arautos do Liberalismo. Imprensa Paulista, 1920-1945*, São Paulo, Brasiliense, 1989.
14. Vale lembrar desde já, para São Paulo, o estudo de Heloísa Faria Cruz, *Na Cidade, sobre a Cidade. Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana*, São Paulo, 1890-1915, São Paulo, Doutorado História-USP, 1994.
15. Ver Miriam Lifchitz Moreira Leite, "O Periódico: Variedade e Transformação", *op. cit.*
16. Teresinha A. Del Florentino, *Prosa de Ficção em São Paulo. Produção e Consumo 1900-1920*, São Paulo, Hucitec/Secretaria de Estado da Cultura, 1982.

não raro também a serviço da defesa das tradições. Não seria abusivo admitir para aqueles idos que – *tanto quanto o jornal*, porém *mais que o livro* –, a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo. Acrescente-se a isso, por vezes, uma aparência luxuosa, divulgando, através da ilustração, propagandas e mensagens aliciadoras e pronto! Assim estava configurado o produto que subjugava corações e mentes, atingindo com presteza uma gama expressiva e diferenciada de leitores. Cada número publicado transformava-se em símbolo emblemático da transição vivida, expressando os conflitos do período e apresentando-se como porta-voz de múltiplas gerações.

Atestando o papel das revistas em sua função alternativa de espaço para publicações de teor vário, coube-lhes historicamente a veiculação dos primeiros estudos sobre a imprensa periódica no Brasil. A começar pela *Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo*, que priorizou a colaboração valiosa do sócio Lafayette de Toledo, divulgando a sua *Memória Histórica*, de 1897, com o registro comentado de 1.536 jornais e revistas da Província/Estado de São Paulo[17]. O mesmo cuidado para com a temática foi dispensado pela mais tradicional publicação do gênero no País, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, que, em 1908, lançou tomo especial sobre o *1º Centenário da Imprensa Periódica no Brasil*[18]. Com prefácio de Max Fleiuss trazia o estudo "Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil", do bibliófilo Alfredo de Carvalho, autor que percorreu documentação ampla e inédita para o delineamento da trajetória dos prelos no País[19]. Em 1911 saía o volume XIII da similar paulista, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, trazendo o ensaio "A Tipografia no Brasil" de Estevão Leão Borroul e outro, de Ernesto de Sena, "A Imprensa Régia"[20]. Em 1917, a mesma publicação retomava o tema, através de seu sócio Afonso A. de Freitas que contribuiu com minucioso estudo sobre periodismo – "A Imprensa Periódica de São Paulo" – registro comentado de 1.496 jornais e revistas da capital, a partir de 1823[21]. Ainda em 1919, Freitas acrescentava ao trabalho ante-

17. Lafayette de Toledo, *Memória Histórica*, *RIHGSP*, III, 1897, p. 303.
18. "Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil", *RIHGB*, tomo especial, vol. I, 1ª parte, 1908.
19. Ver ainda Alfredo de Carvalho, *Anais da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821 a 1908*, Recife, Jornal do Recife, 1908.
20. *RIHGSP*, 1911, vol. XIII, pp. 5-60.
21. Afonso de Freitas, "A Imprensa Periódica de São Paulo 1823-1918", *op. cit.* Ver ainda Antonio Barreto do Amaral, "Reparos e Aditamentos à Obra Impressa Periódica em São Paulo", *RIHGSP*, vol. 81, pp. 45-111.

rior "Notas à Margem do Estudo da Imprensa Periódica de São Paulo"[22]; no mesmo ano publicava "O Primeiro Centenário da Fundação da Imprensa Paulista", avançando na periodização apresentada anteriormente por Lafayette, discriminando jornais e revistas[23].

Por volta de 1920, uma das primeiras tentativas de abranger amplamente a análise da imprensa coube a Max Fleiuss, editor da revista *A Semana*, do Rio de Janeiro, junto com Valentim Magalhães. Contudo, premido pelo volume de informações, o autor circunscreveu sua análise ao período de 1550 a 1565, publicando-a em 1922 no *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*[24].

Já em 1940, firmada nossa editoração, os livros passaram a abrigar estudos dessa natureza. Os autores que elegeram a história da imprensa não mais se limitaram a trabalhar apenas com o elenco de seus títulos, mas procuraram contextualizar aquela produção. Caminha nesse sentido o valioso e hoje raro trabalho de Gondim da Fonseca, iniciativa da Editora Quaresma em 1941, *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*, em que o autor se transvestiu em vários personagens típicos da época, colocando-se como testemunha ocular da História[25].

Em 1945, publicou-se a obra *Contribuições à História da Imprensa Brasileira 1812-1869*[26], talvez o primeiro estudo sistemático sobre o tema, do acadêmico Hélio Viana, catedrático de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. No ano seguinte, Carlos Rizzini, também no Rio de Janeiro, lançou *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil 1500-1822*, pela Editora Kosmos, obra clássica e de fundamental importância para o entendimento histórico do impresso[27]. Ainda em 1950 José Freitas Nobre contribuía com a *História da Imprensa de São Paulo*, editado pela Leia, de São Paulo[28].

Um marco efetivo nos estudos da história da imprensa, contudo, data de 1966, com o lançamento da obra de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa*

22. Afonso A. de Freitas, "Notas à Margem do Estudo da Imprensa Periódica de São Paulo", *RIHGSP*, vol. 25, 1919, p. 445.
23. Afonso A. de Freitas, "O Primeiro Centenário da Fundação da Imprensa Paulista", *RIHGSP*, vol. 25, 1919.
24. Max Fleiuss, "A Imprensa no Brasil 1550-1565", em *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, s/ed, 1922, vol. 1º, 1922.
25. Gondim da Fonseca, *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1941. Devo a descoberta e aquisição dessa obra a Ilka S. Cohen, pelo que sou muito grata.
26. Hélio Viana, *Contribuições à História da Imprensa Brasileira 1812-1863*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.
27. Carlos Rizzini, *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil 1500-1822*, Rio de Janeiro, Kosmos, 1946.
28. José Freitas Nobre, *História da Imprensa de São Paulo*, São Paulo, Editora Leia, 1950.

no Brasil[29]. Embasado em alentada pesquisa desenvolvida ao longo de dez anos, o autor recuperou a trajetória do impresso no quadro mais amplo das relações capitalistas de produção. Em capítulos densos, situou a emergência e função do periodismo brasileiro, trabalhando aspectos até então desconsiderados pela historiografia, em particular o curso e a produção da imprensa operária no Brasil.

Nessa mesma década, o historiador José Honório Rodrigues contribuiu com sugestivo levantamento bibliográfico crítico sobre a história da imprensa ao lançar *Teoria da História do Brasil. Introdução Metodológica*, na qual arrolou a bibliografia pertinente à temática, abrangendo a produção dos demais Estados brasileiros. A crítica de Rodrigues, ao mencionar a dubiedade da fonte periódica, recaía no caráter meramente descritivo da maior parte das obras até então produzidas naquele âmbito, lamentando sua limitação tão-só "à exata ou inexata narração dos periódicos e jornalistas", desvinculados de um tratamento histórico crítico[30]. Este, sem dúvida, demandava rigoroso levantamento de fontes, pesquisas preliminares que ainda estavam por ser feitas e, em particular, o escrutínio de títulos. Em São Paulo, por volta de 1914, Afonso A. de Freitas, já levara a termo a empreitada quanto ao elenco paulista e, em 1967, o trabalho de Antonio Barreto do Amaral, *Nossas Revistas de Cultura: Ensaio Histórico e Literário 1833-1950*, selecionava as publicações paulistas, trabalho pioneiro no gênero, sobretudo em razão do recorte paulista[31].

No Rio de Janeiro o esforço nesse sentido se deu por ocasião do IV Centenário do Rio de Janeiro, em 1965, quando a Biblioteca Nacional editou o *Catálogo de Periódicos de 1808 a 1889*[32], no qual uma gama variada de revistas era elencada ao lado dos jornais. Sua importância para o estudo do periodismo, que então deslanchava, levou Plínio Doyle, Diretor da Biblioteca Nacional, a lançar, em 1981, a edição fac-similada desse número[33]. Diga-se que o próprio Plínio Doyle já encetara, em 1969, uma *História de Revistas e Jornais Literários*[34], na qual

29. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
30. José Honório Rodrigues, *Teoria da História do Brasil. Introdução Metodológica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969, p. 198.
31. A. Barreto do Amaral, "Nossas Revistas de Cultura: Ensaio Histórico e Literário 1833-1950", separata da *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1967, n. CLXXIV.
32. "Catálogo de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro (1808-1889)", *ABN*, vol. 85, Rio de Janeiro, 1965.
33. "Catálogo de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro (1808-1889)", *ABN*, vol. 85, edição fac-similar.
34. Plínio Doyle, "História das Revistas e Jornais Literários", separata da *Revista do Livro*, n. 37, Rio de Janeiro, INL, 1969.

SIhi

desenvolveu a "biografia" de algumas revistas do elenco periódico, trabalho que em 1995 conheceu um segundo volume, especialmente dedicado à *Revista Brasileira*[35].

Ao final dos anos sessenta, uma iniciativa auspiciosa. No Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), seu diretor José Aderaldo Castelo do Departamento de Letras da Universidade de São Paulo [USP], concebeu amplo projeto de estudo de revistas do acervo daquela casa, notadamente sobre o Modernismo[36]. O resultado foram publicações qualificadas, contribuições decisivas para o entendimento do periodismo no Brasil, introduzindo nova metodologia para o tratamento das revistas, efetivando a análise no panorama histórico mais amplo no qual se inseriam. A partir de então, na esteira da produção do IEB, as revistas passaram a ser objeto de interesse de pesquisadores, fosse pelos diversos assuntos tratados em seu interior, fosse como objeto de análise pontual de alguns títulos[37]; acrescente-se, ainda, sua valorização, a partir do uso de fontes alternativas e diversificadas sugeridas, em particular, pela Nova História.

No decorrer dos anos de 1970, estudiosos de áreas diversas contribuíram com trabalhos pontuais sobre o periodismo paulista e mesmo sobre o periodismo tipológico, ampliando o campo de análise, subsidiando e enriquecendo a pertinente bibliografia. Nessa produção, o ensaio de Paulo Duarte – *História da Imprensa Paulista*[38] – resultou dos mais oportunos, sobretudo pelo seu testemunho pessoal a respeito da formação de nosso parque gráfico, inferindo tendências e esclarecendo posições. Também nessa década, Barreto do Amaral divulgou, por ocasião dos 150 anos de fundação da Faculdade de Direito, o *Jornalismo Acadêmico*, relação e exame de 230 jornais publicados pelo corpo discente da São Francisco[39]. Contribuição valiosa decorreu da produção da Escola de Comunicações

35. Plínio Doyle; H. C. de Lyra; H. Senna & I. S. do Couto, *História das Revistas e Jornais Literários. Índice da Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1995, vol. II.
36. José Aderaldo Castelo, Prefácio ao trabalho de Roselis Oliveira de Napoli, *Lanterna Verde e o Modernismo*, São Paulo, IEB/USP, 1970, sobre a metodologia do projeto. Detalha-o mais Margareth Abdulmassih Wood da Silva, "O Projeto de Estudo de Periódicos do IEB da USP", *Revista do IEB*, São Paulo, 21, pp. 117-122, 1979.
37. Alguns resultados: Roselis Oliveira de Napoli, *Lanterna Verde e o Modernismo*, São Paulo, IEB/USP, 1970; Cecília de Lara, *Nova Cruzada*, São Paulo, IEB/USP, 1971; Antonio Dimas, *Rosa Cruz. Contribuição ao Estudo do Simbolismo*, São Paulo, IEB/USP,1980; Maria Lúcia Fernandes Guelfi, *Novíssima: Estética e Ideologia na Década de Vinte*, São Paulo, IEB/USP, 1987, entre outros.
38. Paulo Duarte, *História da Imprensa em São Paulo*, São Paulo, ECA/USP, 1972.
39. A. Barreto do Amaral, "Jornalismo Acadêmico", *RAM*, n. 190.

e Artes, da Universidade de São Paulo que, na vertente do jornalismo, desenvolveu pesquisas de fôlego, ampliando o espectro de análise[40].

Mais recentemente, tem-se a contribuição de Heloísa Faria Cruz voltada para a apreensão do *ethos* cultural urbano no quadro do avanço capitalista, percebido no desabrochar do parque gráfico[41]. Destaque-se, nesse trabalho, o levantamento preliminar de títulos realizado pelos alunos da PUC/SP, através de projeto do CNPq, sinalizando que estudos sobre o periodismo, efetivamente inovadores, só podem ser levados a termo com respaldo material para montagem de equipes, tal como já se dera com o projeto do IEB.

Cabe ainda uma última menção. Aquela do *Catálogo de Periódicos Brasileiros Microfilmados*, iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional, repositório da maior importância para o mapeamento da produção periódica brasileira[42].

Quase um século se passou entre os estudos iniciais da imprensa periódica paulista, marcados pela compilação de títulos com tinturas ufanistas, e o registro contemporâneo, de âmbito especializado, presidido por metodologias específicas às áreas de abordagens. Do mero elencar das fontes circunscritas às primeiras avaliações, chegou-se, a partir da década de 1970, à análise crítica dessa produção. Não obstante a produção qualificada de estudos sobre a matéria, ainda há muito que se pesquisar, compilar, interpretar e historicizar no tocante à temática, para sua efetiva compreensão.

A abordagem aqui encetada caminha, por isso mesmo, na direção de preencher lacunas dessa bibliografia e historiografia. Volta-se para o histórico do gênero revista na Capital paulista da virada do século XIX para o XX, tematizando suas séries, analisando títulos que espelharam as práticas culturais do período, inferindo persistências e inovações de uma sociedade, desde sempre em busca de sua identidade.

Na proposta de rastreamento do gênero, o Capítulo 1, a seguir, incide sobre as origens do periódico-revista em sua trajetória da Europa para o Brasil.

40. Entre outros: José Marques de Melo, *Sociologia da Imprensa Brasileira*, Petrópolis, Vozes, 1973; Raul C. Rosinha, *Os Periódicos Brasileiros de Agricultura*, Brasília, DNPEA, 1973; João Gualberto de Oliveira, *Nascimento da Imprensa Paulista*, São Paulo, Editora do Autor, 1978; Olao Rodrigues, *História da Imprensa de Santos*, Santos, Editora do Autor, 1979; Dulcília Buitoni, *Mulher de Papel. A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira*, São Paulo, Edições Loyola, 1981.
41. Heloísa Faria Cruz, *Na Cidade, sobre a Cidade: Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana. São Paulo 1890-1915*, São Paulo, Depto. História/USP, 1994 [mimeo.].
42. *Catálogo de Periódicos Brasileiros Microfilmados*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994.


LA SAISON
EDIÇAO PARA O BRAZIL.
chaque mois. 1er Octobre 1876. Publié en onze langues différent



PARTE I

Texto e Contexto

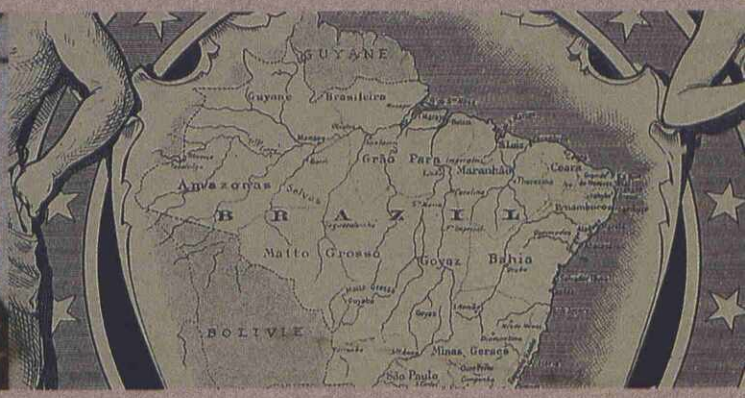




1

De Revistas, Hebdomadários e Magazines





O periódico é uma exibição quotidiana, ou intercadente, de fatos e idéas rotulados com a marca e assinatura continuamente mutáveis, dos seus expositores. Exceto o dístico da folha, tudo ali se desloca incessantemente, ou a espaços, inclusive, até, a individualidade do editor, eixo de seu movimento e princípio de sua coesão, mas suscetível de variar, de um para outro momento, por uma simples operação comercial [sic].

Rui Barbosa[1]

1. Rui Barbosa, "Réplica", *Estatística da Imprensa Periódica no Brasil*, Rio de Janeiro, Tipografia do Departamento Nacional de Estatística, 1931, p. XV.

Ilustração e Universalização

Para iniciar, a menção à *Edinburgh Review* (1802), seguida da *Quarterly Review* (1809) e da *Blackwood's Magazine* (1817), exemplares considerados pioneiros do gênero "revista" em sua forma tradicionalmente conhecida, publicados na Grã-Bretanha, país de conceituada tradição periodística[2]. Estas publicações, contudo, são marcos sinalizadores tão-só do surgimento do impresso "revista", pois as primeiras edições periódicas configuradas na forma de jornal, retrocedem no tempo, circulando episodicamente desde o século XVII[3]. Na Inglaterra, o jornal *New Letters*, por volta de 1638, detém a primazia de publicação periódica, restringindo-se à divulgação política ao tempo de Isabel I, marcando o jornalismo inglês que, por bom tempo, pautou-se por essa vertente[4].

Todavia, a bibliografia é unânime em apontar a experiência francesa como pioneira no periodismo literário, a partir do lançamento do *Journal des Sçavans*, mais tarde *Journal des Savants*, semanário que, sob direção de Denys de Sallo, circulou em Paris, de 1665 a 1795. O exemplar francês, considerado pela bibliografia pertinente como pai da moderna literatura periódica, trazia abrangência

2. Roger Chartier & Henri-Jean Martin [direction], *Histoire de l'édition française. Les temps des éditeurs. Du romantisme à la belle époque*, Paris, Promodi/Centre National des Lettres, 1985, t. III, p. 124.
3. Ao final do século XVI registra-se a primeira publicação *semestral*, em Colônia, por iniciativa do austríaco Michel von Aitizing, vendida na Feira de Frankfurt; em 1597, o Imperador Rodolfo II lança edições *mensais*, noticiando feitos políticos, bélicos e cortesãos, fora do Sacro Império; em 1609, em Estrasburgo e Augsburgo, é lançada a gazeta *semanal*, a partir da qual proliferaram edições *hebdomadárias* por toda a Europa; consta ser o *Reichszeitung*, publicado em Viena, em 1620, o primeiro *diário* a circular. Clemente Cimorra, *Historia del Periodismo*, Buenos Aires, Atlántida, 1946, pp. 14-18.
4. Clemente Cimorra, *op. cit.*, p. 19; *The 1995 Grolier Multimedia Encyclopedia*, Novato, Grolier Electronic Publishing, 1995.

temática e o caráter seriado e panorâmico que tipificou as publicações do gênero[5]. Na Itália, o pioneirismo coube ao *Giornale de Letterati*[6] que, de 1668 a 1881, voltou-se para a divulgação de textos literários; na Alemanha, a estréia se deu com o *Acta Eruditorum*[7], de Leipzig, editado de 1682 a 1731. Redigido em latim, tratava exclusivamente de assuntos científicos, cobrindo estudos de matemática, botânica e física, direcionado para restrito público leitor.

Importa considerar que a existência do periodismo ancorava-se em agremiações e/ou grupos que se queriam colocar, valendo-se do aperfeiçoamento do papel e de suportes técnicos que uma imprensa secular vinha permitindo operacionalizar, conjuntura favorecida, especialmente, pelo evoluir dos meios de transporte. Jornais, e em seguida revistas, tornaram-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata e às revistas temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as últimas descobertas sobre as matérias abordadas.

A despeito da aparente fragilidade daqueles impressos – fosse por seu caráter ligeiro, muitas vezes suspensos pela censura ou inviabilizados pelo fracasso econômico, coletânea heterogênea que abrigava nomes diversos, inovando até mesmo pelo formato inusitado da publicação –, o novo gênero periódico consolidou-se como ramo expressivo da imprensa. Mais que isso, passou a ser disputado por escritores reconhecidos, que tinham, nas páginas avulsas do jornal e da revista, o espaço alternativo para divulgação de seus escritos. Estimulados pelas possibilidades do novo veículo colocaram-se em sua defesa, sobretudo quando se tornava objeto de censura. John Locke, por exemplo, encarregou-se de persuadir a Câmara dos Lordes dos inconvenientes da censura periódica, conseguindo suspendê-la em 1695[8].

No início do século XIX, jornais e revistas tornam-se espaços disputados, inclusive para divulgação da literatura romântica, reunindo nomes consagrados da época. Só na *Edinburgh Review* colaboraram Thomas Carlyle, Willian Hazlitt e Macaulay; Sir Walter Scott impulsionou a criação da *Quarterly* e, mais tarde, da

5. *Enciclopaedia Britannica*, Chicago/London/Toronto/Geneva, William Benton Publisher, 1962, p. 512; Clemente Cimorra, *op. cit.*, p. 33; *The 1995 Grolier Encyclopedia*, *op. cit.*; C. Bellanger; J. Godechot; P. Guiral & F. Terrou, *Histoire générale de la presse française*, Paris, PUF, 1969.
6. *Enciclopaedia Britannica*, *op. cit.*, vol. 17, p. 512.
7. *Enciclopaedia Britannica*, *op. cit.*, vol. 17, p. 514.
8. Clemente Cimorra, *op. cit.*, pp. 20-26.

Blackwood's Magazine; Charles Dickens chegou a fundar seu próprio jornal, o *Daily News*[9]. No auge do vitorianismo, homens de imprensa gozavam de extraordinário prestígio, angariado pela força de suas penas, a serviço do periodismo.

Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a, definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.

Não obstante o sucesso do gênero, as revistas conheceram alguma discriminação por parte de especialistas, que alegavam polarização de seus conteúdos[10]. Por um lado, recriminavam o caráter rigorosamente científico de algumas, dirigidas a leitores especializados; por outro, o conteúdo absolutamente frívolo das demais, como os *magazins* semanais de Londres, que selecionavam de pronto o receptor, longe de interessar ao leitor mais sério. Enquanto o jornal, pelo seu propósito de informação imediata, caminhou para a veiculação diária, a revista, de elaboração mais cuidada, aprofundando temas, limitou-se à periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral ou semestral, por vezes anual.

No curso da trajetória da revista, contudo, um marco revolucionário na imprensa da época: os recursos da *ilustração*. Certo que de há muito, desde os incunábulos, a ilustração se fizera presente nos textos, diversificando-se com o passar dos anos através de iluminuras, xilogravuras, litogravuras, águas-fortes. Contudo, o extraordinário avanço técnico registrado na Europa, a partir do último quartel do século XIX, foi amplamente utilizado pelos periódicos, enriquecendo ainda mais aquelas publicações, transformadas em objetos atraentes, acessíveis até mesmo ao público menos afeito à leitura, se não à população analfabeta, que recebia as mensagens através dos desenhos grafados de forma visualmente inteligível[11].

9. *Idem*, pp. 25-26.
10. Roger Chartier & Henri-Jean Martin [direction], *Histoire de l'édition française*, *op. cit.*, p. 409.
11. Orlando da Costa Ferreira, *Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira*, São Paulo, Melhoramentos/

Convém insistir no impacto causado pelas publicações ilustradas, sobretudo no Brasil, distante e defasado em relação ao estágio gráfico da imprensa estrangeira, em momento em que a fruição da imagem era prazer de poucos. Em registro para meados do século XIX, quando praticamente inexistia o referencial imagético, Antonio Luiz Cagnin acentuou esse cotidiano desbotado de cores que então se vivia na Capital paulista.

> Obras de arte, quadros e pinturas habitavam as mansões; [...] as iluminuras, belíssimas e coloridas, trabalho de paciência beneditina [...] só nos livros de horas, raríssimos e mais caros ainda, adquiridos por algum devoto cheio de fé, e mais, de dinheiro. As estampas, xilogravadas ou em talho-doce, eram de produção limitada; se ornavam livros ou paredes, era com parcimônia franciscana. Os figurinos coloridos, vindos de França, embelezavam em encarte nossas revistas de moda e revestiam extravagâncias de [...] nobres e damas [...] pelos salões da Corte a deslizar um cicio de sedas nos salões[12].

De fato, naquela pacata São Paulo de 1864, o lançamento atrevido, já pelo título, dos jornais *Diabo Coxo,* 1864-1865[13], e *Cabrião,*1866-1867[14], do piemontês Angelo Agostini, resultavam em raro conjunto de imagens disponíveis, atingindo público maior que aquele da restrita elite letrada; ilustrações que se alternavam em meio aos temas da Guerra do Paraguai, as indecisões de Caxias e as primeiras tiras de estórias em quadrinhos. Balizando os primórdios do periodismo ilustrado paulista, ambos retratavam, por si só, a limitação gráfica da época.

Outros recursos técnicos de ilustração – da fotografia ao *cliché* em cores e à rotogravura – seriam desenvolvidos até ao final do século, a serviço prioritariamente do impresso revista. A modalidade *revista ilustrada* passou a ser preferen-

Edusp/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977; Boris Kossoy, *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil – Século XIX.* Rio de Janeiro, Funarte, 1980; Yone Soares de Lima, *A Ilustração na Produção Literária. São Paulo, Década de Vinte*, São Paulo, IEB, 1985; Carlos Botelho Martins Filho, *Introdução ao Conhecimento da Gravura em Metal*, Rio de Janeiro, PUC/Fundação Grandjean de Montigny, 1981; José E. Mindlin, "Illustrated Books and Periodicals in Brazil. 1875-1945", *Journal of Decorative and Propaganda Arts*, Japan/Miami, The Wolfson Foundation of Decorative and Propaganda Arts, 1995.

12. Antonio Luiz Cagnin, "O Diabo Coxo, o Primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo. 1864-1994", *DO Leitura*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 13 [149] out. 1994.
13. *Diabo Coxo*, São Paulo, 1864. Por trás do título, uma história de referências com títulos alusivos, elencados por Cagnin, com destaque para o *El Diablo Cojuelo*, do espanhol Luis Vélez de Guevara, de 1641, e *Le Diable Boiteux*, de Lesage, em 1772. Antonio Luiz Cagnin, *op. cit.*; Priscila Lambert, "O Diabo Coxo Está Fazendo 130 anos", *Jornal da USP*, 10 a 16.10.1994, p. 14.
14. *Cabrião*, Semanário humorístico editado por Angelo Agostini, Américo de Campos e Antonio Manoel dos Reis, São Paulo, 1866-1867. Edição fac-similar, com introdução de Délio Freire dos Santos, São Paulo, Imesp/Arquivo do Estado, 1982.

cial da população leitora; na sua esteira, o *magazine*, alternativa de revista periódica, acentuando a magia da ilustração enquanto embalava a publicidade de bens de consumo, potencializando as características comerciais do gênero; igualmente os *hebdomadários*, publicações que aceleravam a periodicidade das revistas, infundindo-lhes com precisão a marca temporal.

A partir da segunda metade do século XIX, a revista passou a ser publicação emblemática, expressão das exigências da vida moderna, assim percebida por Eça de Queirós, em 1897, habitual colaborador das páginas daqueles periódicos:

> Tão profusa, e complicada, e tumultuária, e rápida se tem tornado a vida moderna que, se os fatos dominantes não fossem flagrantemente apanhados em imagens concretas, e fixados em resumos límpidos, nós teríamos sempre a aflitiva sensação de irmos levados num confuso e pardacento redemoinho de ruído e poeira. A *Revista* é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente movediças cenas e os atores que, por um momento, merecem risos e lágrimas[15].

Se era modismo na Europa, por que não no Brasil, reiterando a tradição do País de transplantes precipitados, por vezes anacrônicos, reforçando o caráter fantástico de busca de nossa modernidade forçada a se nutrir não da realidade social, mas de fantasias, miragens e sonhos?[16] O contraponto não é difícil de evocar no caso brasileiro. Gráficas precárias, população analfabeta, ausência de livrarias e mesmo de pontos de vendas, raras bibliotecas públicas e editoração praticamente inexistente compunham o cenário do País que, em fins do oitocentos, acalentava a modernidade.

Entrando no século XX, a despeito da quantidade razoável de tipografias e mesmo casas editoras em algumas capitais do país[17], nossa galeria literária, com o melhor de José de Alencar e Machado de Assis, ainda era impressa pela Garnier em Paris através de títulos selecionados pelo restritivo Hippolyte Garnier, segundo Lima Barreto, "único desaguadouro da produção literária nacional e exercia sobre as edições um monopólio nem sempre favorável a nós"[18]. Em sintonia com

15. Eça de Queirós, "Prefácio", *Revista Moderna*, Paris, M. Botelho, 1897, ano I, s/p. Grifo nosso.
16. Marshall Berman, *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, pp. 223-224.
17. Janice Gonçalves, *Música na Cidade de São Paulo 1850-1900. O Circuito da Partitura*, São Paulo, Mestrado História-USP, 1995 [mimeo.]. A autora aponta por volta de 452 oficinas gráficas em São Paulo ao longo da segunda metade do século XIX.
18. Lima Barreto, *Impressões de Leitura*, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 280.

a realidade gráfica, o que de mais atraente havia no gênero era a *Revista Ilustrada* do mesmo Agostini, embora longe de competir com as congêneres estrangeiras, a começar pela qualidade do papel-jornal e o número exíguo de páginas[19].

Todavia, a valorização do periódico revista no Brasil ainda era reticente por parte do homem de letras que já gozava de prestígio e aceitação pública. Rui Barbosa, em parecer sobre a classificação do gênero periódico, opôs-se à inclusão de *revistas* e *jornais* na categoria de *obras*, propondo inseri-los em *publicação*. Seu argumento não deixa de ser ilustrativo da relatividade do gênero, sujeito a tantas variáveis temporais, ideológicas e mercadológicas. Nestas circunstâncias, de estágios técnicos e culturais diferenciados, a definição da modalidade revista só é plausível se formulada no contexto de sua emergência e florescimento, dadas as características singulares desse impresso, produto de conjunturas específicas e de estágios culturais determinados. Isto posto, o que era uma *revista* no Brasil?

Um objeto de difícil definição. Defini-la como gênero de impresso esbarra nas fronteiras quase conjugadas às do jornal, periódico que lhe deu origem e do qual, no passado, se aproximava tanto na forma – folhas soltas e *in folio* – como, por vezes, na disposição do conteúdo, isto é, seções semelhantes.

Por outro lado, suas variações no tempo, presididas por circunstâncias de produção (técnica) e recepção (público), conferiram-lhe traços temporais específicos, mutáveis diante das transformações da sociedade à qual serviu. Nesta trajetória, o surgimento, a partir de 1758, dos *hebdomadários*[20], publicações de periodicidade semanal precisa, de cunho informativo técnico e político, e, por volta de 1776, do *magazine*[21], a revista ilustrada por excelência, representativa de uma demanda de caráter ligeiro e de teor fortemente publicitário, confirmam as variações de periodicidade e de propósitos que o gênero conheceu.

O tradicional primeiro passo do pesquisador, de recorrer aos compêndios para a busca da definição, logo foi suplantado pelo contato com os editoriais das pró-

19. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1º jan. 1876. Segundo o próprio Agostini sua revista atingiu a "tiragem de 4.000 exemplares, número que até 31 de dez. de 1889 não fora alcançado por nenhum jornal ilustrado na América do Sul". *Apud* Orlando da Costa Ferreira, *op. cit.*, p. 231.

20. *Hebdomadário*, publicação que aparece regularmente a cada semana [hebdo]. Primeiro uso do termo, em 1758, por Voltaire. Paul Robert, *Le Robert, dictionnaire de la langue française*, Canadá, Les Dictionnaires Robert/S.C.C., 1989, t. V, p. 133.

21. *Magazine*, do árabe MAHAZIN, depósito de mercadorias a serem vendidas, bazar; a partir de 1776 a palavra foi retomada pelos ingleses, referindo-se à "publicação periódica, geralmente ilustrada, que trata de assuntos diversos". Como locução adjetiva, evoca a imagem convencional das revistas ilustradas: *Um sorriso de magazine*; Roland E. Wolseley, *Understanding Magazines*, Ames, Iowa University Press, 1972, pp. 6-7.

prias revistas, que ampliavam seu entendimento. Mais adiante, no compulsar da produção literária da época, surgiram outras concepções, conforme foram percebidas por seus contemporâneos, resultando com maior procedência a apreensão do sentido e significado daquele impresso a seu tempo no Brasil. A definição dos dicionários, o entendimento exarado pelos editoriais e a sua representação pelos contemporâneos permitem melhor apropriação do significado do gênero periódico revista, situando-o e dimensionando seu papel no quadro do impresso. É do cruzamento dessas informações que trataremos a seguir.

A Palavra Re[vista]

O dicionário *Le Robert* informa que, derivada da palavra inglesa *review*, data de 1705 o primeiro uso do termo revista, hoje mais divulgado no sentido de publicação, definindo-o como "publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomadários, anais e boletins"[22]. Nos dicionários de língua portuguesa, a gênese da palavra *revista* é situada no final do século XIX, quando, desgarrada do significado usual de "passar a tropa em revista", assume o *status* de publicação, mencionada sob a seguinte definição: "título de certas publicações periódicas, em que são divulgados artigos originais de crítica ou análise de determinados assuntos"[23].

Mais recentemente, Clara Rocha, no alentado estudo *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*[24] confirma esse entendimento ao concluir que "uma *revista* é uma publicação que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos o que [...] permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva". A autora vai além, contrapondo a revista ao livro, para melhor caracterizar sua especificidade.

22. Paul Robert, *Le Robert, dictionnaire, op. cit.*, t. VIII, p. 390.
23. Laudelino Freire, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1943.
24. Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 33.

[...] é um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fóra. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera: só os bibliófilos, os estudiosos e certos interessados pelas letras e pelas artes guardam a revista. Essa efemeridade [...] tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo], a revista é [pode ser] mais frágil em termos de duração material. [...] é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos volumosa do que um livro. E, *last but not least*, uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas excepções, costuma ser produzido por um só autor. [...] [*sic*][25].

Mais difícil é contrapô-la ao jornal, com periodicidade assídua, geralmente diária e muito semelhante no formato, sobretudo quando a revista se apresenta com páginas soltas, *in folio*. O que os distingue com freqüência é a existência da capa na revista, acabamento que não ocorre no jornal; mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgado no artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação.

Hoje, o popular *Aurélio*, deixando em segundo plano a tradicional definição de revista atrelada à conjugação do verbo "revistar", prioriza seu entendimento como publicação, confirmando a origem inglesa *review*:

[...] publicação periódica, em que se divulgam artigos originais, reportagens etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações[26].

Insista-se que o caráter fragmentado e periódico da revista é seu traço recorrente, imutável nas variações geográficas e temporais onde o gênero floresceu, resultando sempre em publicação datada, por isso mesmo de forte conteúdo documental. Quanto a seus objetivos, variaram ao longo do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de gestação e circulação, cabendo apreendê-los, reafirmamos, nos contextos próprios de sua existência, ao seu tempo cultural, revelador da variedade de seus propósitos[27].

25. *Idem*, p. 25.
26. Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 1234.
27. Ver ainda F. Adolpho Coelho, *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza Contendo a Significação e Prosodia por F. Adolpho Coelho*, Lisboa, P. Plantier-Editor, s/d., sabendo-se que as obras deste autor são posteriores a 1870. Aqui aparece a 1ª definição de revista como peça teatral: Peça cômica em que se repro-

Nesse sentido, o próximo passo busca sua definição no interior das próprias revistas, a partir de seus editoriais, conforme a formulação de seus agentes. Para tanto, é necessária uma breve incursão fora de território brasileiro, buscando, no exterior, as primeiras manifestações periódicas voltadas para o Brasil.

Da *Niterói* à *Revista Moderna*

De fato, cabe uma digressão nesse periodismo cognominado indiscriminadamente "indígena" por muitos de seus contemporâneos. A primeira manifestação periódica impressa voltada para o Brasil editou-se em Londres, representada pelo jornal *Correio Brasiliense, Armazém Literário* [1808-1822][28]. Ou seria uma revista? A julgar pelo seu aposto, *Armazém*, sinônimo de *Magazine*, conforme sugere sua etimologia, nosso primeiro jornal seria uma revista. Paulo Duarte faz sua apresentação nesse sentido:

> Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça [...] fundou em Londres, em junho de 1808, *aquele primeiro jornal*, ou melhor, *aquela revista mensal*, que se bateria pela Independência brasileira até o advento dela, quando desapareceu[29].

Importa considerar que não apenas a falta de vontade política e o peso da censura explicam o início da experiência periódica da Colônia no exterior. Outros tantos fatores foram determinantes na criação de um periodismo sediado no estrangeiro, a começar pelo ambiente acanhado do Brasil, pouco estimulante para investimentos no ramo, considerando-se a limitação cultural do meio, a maciça população analfabeta e o desconhecimento dos prelos – elementos que desencorajavam, de pronto, a atividade de forte peso mercantil[30]. A contingência

duzem, em geral satiricamente, os fatos sucedidos no ano precedente; Simões da Fonseca, *Novo Dicionário Encyclopedico Illustrado da Lingua Portugueza. Vocabulos vernaculos, provincialismos [...] organizado primitivamente por Simões da Fonseca inteiramente refundido. accrescentado e melhorado por João Ribeiro da Academia Brasileira e da Academia de Sciencias de Lisboa*, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1926. Nesta obra foi localizada a 1ª definição de revista no sentido em apreço: "publicação periódica e espaçada", p. 1114.

28. *Correio Brasiliense*, Londres, 1808.
29. Paulo Duarte, *História da Implantação da Imprensa no Brasil, Imprensa de São Paulo*, São Paulo, ECA, 1972, pp. 3-4. Grifo nosso.
30. José Eduardo M. de Mello inova na análise das razões do atraso. A falta de vontade política e o controle da censura não seriam responsáveis únicos pela instalação tardia da imprensa, mas sim o caráter mercantil capitalista da atividade, inviável no país analfabeto e escravocrata, sem consumidores; lembra ainda a natureza feitorial da colonização, o atraso das populações indígenas, a predominância do analfabetismo, a ausência de urbanização, a precariedade da burocracia estatal, a incipiência das atividades comerciais e in-

de impressão fora do País resultou em prática corrente, conforme sugerem vários exemplos, nos quais razões de ordem política e econômica se entrelaçaram, apresentando, contudo, periodismo de certa qualidade. Naquelas iniciativas, marcadas por momentos políticos específicos, ao lado da repressão à palavra, tanto a precariedade técnica como o atraso do País receptor foram decisivos para encetar-se o empreendimento periódico no exterior.

Produzido na Inglaterra e revelando parte do estágio gráfico daquele País, o *Correio Brasiliense* sinalizava os vínculos entre o público leitor do Brasil, inclusive o próprio Príncipe Regente D. João, seu leitor, com a sociedade inglesa, que pautava boa parte dos investimentos brasileiros. Considerado o primeiro periódico brasileiro e o primeiro periódico português que veio a público independente de censura, o *Correio Brasiliense* circulou mensalmente, a partir de junho de 1808 até dezembro de 1822, num total de 175 números, de 96 a 150 páginas, formato *in octavo*. Impresso em Londres, na oficina de W. Lewis, era vendido a 1$280, segundo anúncio do comerciante J. J. Dodsworth, no Rio de Janeiro[31].

A iniciativa coube a Hipólito José da Costa, nascido no Brasil e formado em Coimbra que, liberal de seu tempo, exilou-se posteriormente na Inglaterra, em decorrência da perseguição do intendente Pina Manique, que o acusava de ser franco-maçom. No exílio, publicou o jornal por treze anos. Embora o negócio tivesse tudo para ser rentável – independência da censura direta e ausência de concorrentes competitivos – na realidade o empreendimento sempre foi deficitário. Carlos Rizzini é enfático ao confirmar a baixa renda daquele negócio: "Hipólito foi [...] o primeiro a dar com a cabeça no muro que por longos anos desanimaria a imprensa, reduzindo-a a circunstancial aventurismo: o custeio"[32]. Nesse sentido, Hipólito da Costa também é apontado como introdutor do mau uso de "fontes invisíveis", isto é, empréstimos suspeitos, chantagens editoriais, alternativas através das quais se explicaria, ao longo dos anos, a sobrevivência de muitos periódicos, confirmando, cada vez mais, a força do quinto poder.

Vale lembrar que, naquele momento, dada a inexistência da publicidade mercantil, a manutenção do jornal dependia apenas da renda de assinaturas; embo-

dustriais, o reflexo da censura e obscurantismo metropolitanos. José Eduardo M. de Mello, *Sociologia da Imprensa Brasileira*, Petrópolis, Vozes, 1973, pp. 92-94.

31. Carlos Rizzini, *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, op. cit.*, pp. 345-347; Wilson Martins, *A Palavra Escrita*, São Paulo, Anhembi, 1957, pp. 352-353.

32. Carlos Rizzini, *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957, p. 30.

ra seu proprietário fosse empreendedor de largas relações, procurando arrecadar fundos necessários para seu negócio, é sabido que o número de assinaturas que amealhou, num total de seiscentas, não justificava economicamente o empreendimento.

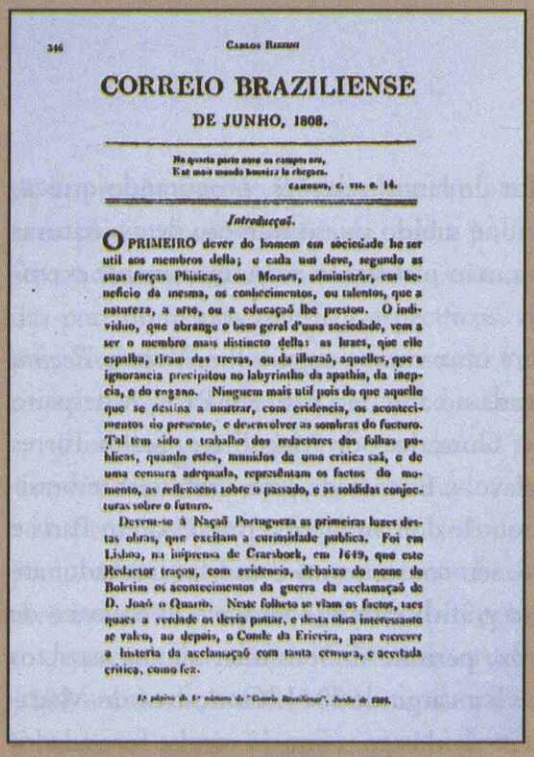
Com escopo diverso, e efetivamente uma *revista*, seguiu-lhe *Niterói, Revista Brasiliense, Ciências, Letras e Artes,* lançada no ano de 1836, em Paris. A despeito dos grandes nomes que a apoiavam – Gonçalves de Magalhães, Salles Torres Homem, Araújo Porto-Alegre e Monglave –, financiada pelo comerciante brasileiro Manuel Moreira Neves, não passou de dois números. Impressa em Paris e por lá circulando em ambiente restrito, seu consumo no Brasil foi limitado, até por constituir-se em produto de estágio gráfico estranho ao meio. No elenco de iniciativas da geração romântica, *Niterói* permite dimensionar alguns aspectos daquele projeto, pois sua redação esteve a cargo de D. J. Gonçalves de Magalhães e Manuel Araújo Porto-Alegre, envolvidos com aquela escola, formuladores do Romantismo no Brasil.

De proposta abrangente, pretendendo-se revista de alta cultura, vinha com o mesmo objetivo de *Ilustrar* o País e atrair a atenção "do brasileiro amigo da glória nacional", trazendo a epígrafe *Tudo pelo Brasil e para o Brasil.* À parte outro mérito dos reconhecidos autores, a *Niterói* balizou o surgimento do Romantismo nas letras brasileiras, gênero que presidiu o seqüente conjunto de revistas literárias, fortemente influenciadas pelos cânones românticos[33]. A apresentação, de cunho nacionalista, ilustra os propósitos do periódico:

> O amor ao país, e o desejo de ser útil aos seus concidadãos foram os únicos incentivos, que determinaram os autores desta obra [...] Há muito reconheciam eles a necessidade de uma obra periódica, que, desviando a atenção pública, sempre ávida de novidade, das diárias e habituais discussões sobre cousas de pouca utilidade, e o que é mais, de questões sobre a vida privada dos cidadãos, os acostumasse a refletir sobre os objetos do bem comum, e de glória da pátria. [...] Tal é o fim a que se propõem os autores dessa REVISTA, [...] para apresentar em um limitado espaço considerações sobre todas as matérias, que devem merecer a séria atenção do Brasileiro amigo da glória nacional[34].

33. Sodré elenca as revistas com características literárias do Romantismo, classificação que se opunha aos cânones do Classicismo: A *Minerva Brasiliense* [1843-1845], *Guanabara* [1851-1855], *Revista do Instituto Histórico Brasileiro,* secundadas pelas menores: *Íris* [1848-1849], o *Beija Flor* [1849-1852]; *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* [1850-1861], *Revista do Instituto Científico* [1860-1864], *Revista Popular* [1859-1862], *op. cit.*, p. 211.

34. *Niterói, Revista Brasiliense, Ciências, Letras e Artes*, Paris, Dauvin et Fontaine Libraires, Passage des Panoramas, 35, Imprimerie de Beaulé e Jubin, 1836.



346 CARLOS RATTON

CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quarta parte nova os campos ara,
E sua nova ventura a terra chegara.
CAMOENS, c. VII. e. 14.

Introducção.

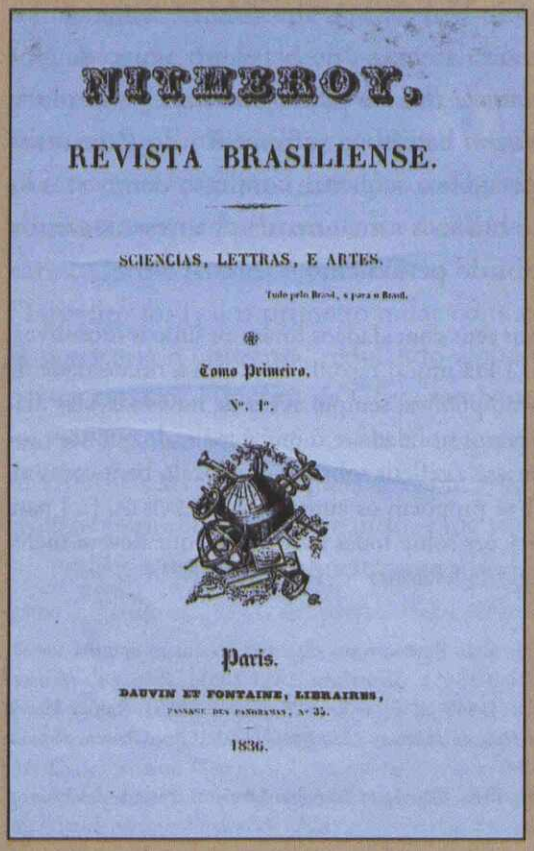
O PRIMEIRO dever do homem em sociedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, tiram das trevas, ou da illuzão, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica sã, e de uma censura adequada, representam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as solidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se á Nação Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesbeck, em 1649, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da acclamação de D. Joaõ o Quarto. Neste folheto se viam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da acclamação com tanta censura, e acertada critica, como fez.

1

Do Exterior, os Primeiros Periódicos para o Brasil

• 1. *Correio Braziliense*, Londres, 1808. • 2. *Niterói, Revista Brasiliense, Ciências, Letras e Artes*, Paris, 1836. • 3. *O Novo Mundo, Periódico Ilustrado do Progresso da Idade*, Nova York, 1870-1875.



NITHEROY.

REVISTA BRASILIENSE.

SCIENCIAS, LETTRAS, E ARTES.

Tudo pelo Brasil, e para o Brasil.

Tomo Primeiro.

Nº. Iº.

Paris.

DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,

PASSAGE DES PANORAMAS, Nº 35.

1836.

2



O NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA IDADE.

NEW YORK, 21 DE OUTUBRO DE 1870.

A CHRISTOVÃO COLOMBO
LA PATRIA

3

Através de *Niterói* reafirmou-se o caráter seriado e condensado do impresso revista a serviço da produção literária, acentuando seu propósito informativo, formador e de representação de grupo. A tônica de seu discurso, como seria aquela do Romantismo, centrava-se nos ideais de construção nacional. Valorizavam-se os estereótipos telúricos do País, projetados em termos grandiloqüentes, no esforço de fazer "a glória marchar na estrada da civilização e tocar ao ponto de grandeza que a Providência lhe destina"; *glória*, que, em quatro parágrafos, aparece quatro vezes, já magnificada na projeção da Pátria.

Trazia no primeiro número o *Discurso sobre a História da Literatura do Brasil*, de Gonçalves de Magalhães, uma das primeiras sínteses sobre a temática, enquanto apontava o desmerecimento do trabalho do homem de letras no Brasil, em particular aquele do poeta. A própria revista – produzida e lançada em Paris e de circulação restrita na terra de seus editores – confirmava a precariedade cultural brasileira, onde as gráficas eram poucas, os pontos de venda inexistentes e o público leitor diminuto[35].

Como sintoma dos primórdios de mudança do eixo das relações Brasil/ Inglaterra para Brasil/Estados Unidos da América, editou-se em Nova York a revista *O Novo Mundo, Periódico Ilustrado do Progresso da Idade* [1870-1875][36].

A iniciativa coube a outro especial empreendedor, José Carlos Rodrigues [1844-1923] que, na República, se ligaria definitivamente ao periodismo brasileiro, adquirindo com vinte e três associados o afamado *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, à frente do qual permaneceu por vinte e cinco anos[37]. Bacharel pela São Francisco, com passagem pelo escritório do então ministro Zacarias de Góis e Vasconcelos, já atuara no jornalismo "indígena" e ocupara cargos na administração do Império, secretariando em 1868 ao Conselheiro Carrão, Ministro da Fazenda. Nessa oportunidade, por motivos ignorados, rumou para os Estados Unidos, onde abriu sua própria revista, *O Novo Mundo*, que circulou por cinco anos.

Já na República, em 1897, uma iniciativa comercial e ilustrada de vulto foi encetada em Paris, ao editar-se a *Revista Moderna*, publicação que fugia do propósito político que marcara as experiências da Inglaterra e dos Estados Unidos[38].

35. Marisa Lajolo e Regina Zilberman recorrem ao exemplo da *Niterói* para fundamentar o capítulo: "Escrita no Brasil: Um Péssimo Negócio", *A Leitura Rarefeita. Livro e Literatura no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1991, pp. 151-153.
36. *O Novo Mundo, Periódico Ilustrado do Progresso da Idade*, Nova York, 1870.
37. Raimundo de Menezes, *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*, São Paulo, Saraiva/INL, 1969, vol. 4, p. 1103.
38. *Revista Moderna*, Paris, M. Botelho, 1897.

Típica do periodismo da *Belle Époque*, vinha com fatura qualificada, recheada com informes do elegante cotidiano europeu. Seu fundador, o paulista Martinho Carlos de Arruda Botelho [1867-1916], também passara pela Faculdade de Direito, sem completar o curso. Filho do oligarca Antonio Carlos de Arruda Botelho, Conde do Pinhal, reproduziu o roteiro da elite ilustrada e abonada da época, morando em Paris, onde exercitou-se na vanguarda do periodismo, criando sua própria revista[39].

Entre os méritos da publicação, está o de veicular, pela primeira vez, a obra de Eça de Queirós *A Ilustre Casa de Ramires*, produzida especialmente para figurar em partes naquela revista, a exemplo dos folhetins nos jornais.

O empreendimento de forte caráter comercial valia-se dos recursos publicitários da época, adequando-se às exigências do mercado periodístico, tendo como público-alvo a burguesia endinheirada do café, que se dividia entre o Brasil e as capitais européias. De volta a São Paulo, identificado com a prática jornalística, quase uma moda profissional da época, Martinho Botelho criou em 1906 a *São Paulo Magazine*, revista que inovava no tratamento gráfico, veículo da indústria "*da réclame*".

Não obstante sua produção fora do País, cabe à *Revista Moderna* figurar nesse momento como exemplo paradigmático na representação de revista mundana ilustrada da virada do século. Valeu-se com propriedade dos recursos inovadores da imprensa – imagem, sensacionalismo, texto jornalístico qualificado, técnicas avançadas de publicidade – creditando o gênero periódico revista como negócio. Dado seu caráter exemplar, será evocada com freqüência ao longo deste texto.

NA VANGUARDA DO PERIODISMO: *REVISTA DA SOCIEDADE FILOMÁTICA*

Não obstante o inicial isolamento de São Paulo no quadro da Província, sua Capital detém o pioneirismo de alguns empreendimentos no gênero periódico. A começar pela edição da primeira revista do Brasil independente, a *Revista da Sociedade Filomática*, iniciativa da Faculdade de Direito, no ano de 1833, impressa na Tipografia do Novo Farol Paulistano[40].

39. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, vol. 1, p. 233.
40. *Revista da Sociedade Filomática*, São Paulo, Tip. do Novo Farol Paulistano, 1833. Edição fac-similar da Metal Leve, 1977, apresentada por José E. Mindlin, prefaciada por Antonio Soares Amora.



O Luxo de Paris para os Trópicos • Cercada por elementos da cultura clássica – coluna jônica e a Vitória de Samotrácia –, a figura de mulher contempla a vista de Paris, a cidade Luz, considerada o centro da Civilização. Completam a mensagem da revista cultural símbolos alusivos às artes: a palheta de pintura e o compasso, alguns livros e a pena sugestiva da escrita. *Revista Moderna*, Paris, M. Botelho, 1897, n. 1.

SIhi

REVISTA MODERNA

MAGAZINE BRAZILEIRO E PORTUGUEZ

Publicação Quinzenal Illustrada

Com a Collaboração dos mais notaveis ESCRIPTORES BRAZILEIROS e PORTUGUEZES

ROMANCES, NOVELLAS, CHRONICAS, ACTUALIDADES, POLITICA INTERNACIONAL, VIAGENS, MODAS, SPORT, SUPPLEMENTOS MUSICAES, ILLUSTRAÇÕES ARTISTICAS E GRAVURAS EM CÔRES.

Cada numero contem 32 paginas, em excellente papel e mais de 50 illustrações.

O Nono numero da REVISTA MODERNA *esperado de Paris a 9 de Dezembro, publica um bellissimo conto inedito do apreciado Escriptor Portuguez* Trindade Coelho. *Dará tambem um artistico retrato do grande escriptor Brazileiro* Machado de Assis, *acompanhado da sua biographia por* Magalhães de Azeredo.

No mesmo numero a REVISTA MODERNA *inaugura um* SUPPLEMENTO MENSAL DE MODAS, *contendo 4* PAGINAS DE GRAVURAS, *que são a exacta reproducção dos ultimos modelos lançados pelas principaes Casas de Paris.*

PREÇO DA ASSIGNATURA

UM ANNO . . . . . 50$000
UM SEMESTRE . . . . . 30$000

UNICOS AGENTES

CASA GARRAUX C. Hildebrand & C. Successores

S. PAULO

BOLLETIM DE ASSIGNATURA

_____, de _____ de 189_

Snrs.ª C. Hildebrand & C.

S. Paulo.

Desejo tomar assignatura da

REVISTA MODERNA

para (um Anno).

» *(um semestre).*

Junto um vale Postal na importancia de

Rs. _____

Nome _____

Rua _____

Cidade _____

ASSIGNATURA

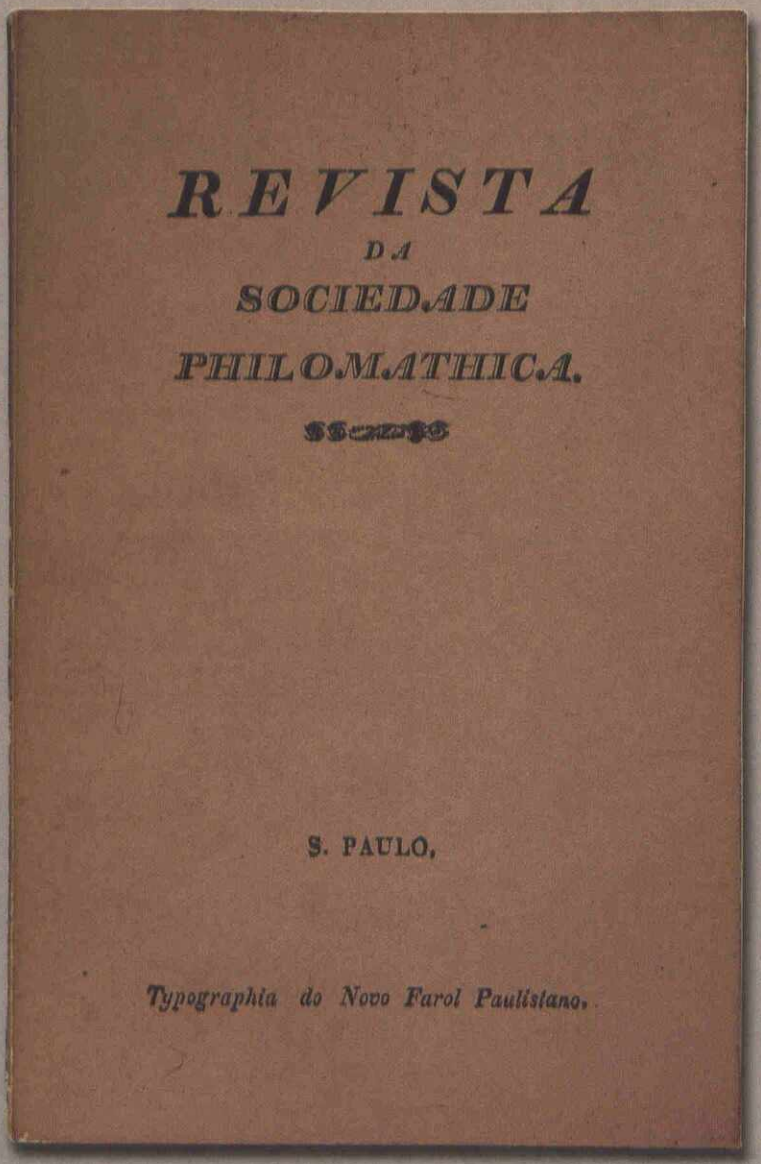
_____

Assinaturas • Entre as muitas estratégias para angariar assinaturas prevalecia o encarte de propaganda do periódico, junto à ficha de inscrição, de fácil preenchimento.

Revista, Veículo Literário de Sucesso • O encarte abaixo, da *Revista Moderna*, anunciava o lançamento em forma de folhetim de *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós, escrito especialmente para figurar naquela publicação.



A Primeira Revista Paulista • O despojamento da capa reflete a precariedade do meio gráfico vivido pela Província de São Paulo nos primórdios da imprensa local. *Revista da Sociedade Filomática*, São Paulo, Tip. do Novo Farol Paulistano, 1833, n. 1.


REVISTA
DA
SOCIEDADE
PHILOMATHICA.

S. PAULO.

Typographia do Novo Farol Paulistano.

Surgindo uma década após a Independência, trazia a marca do projeto literário, dotada de forte cunho político, com propósito nacionalista, procurando "alçar" a literatura do país à altura dos cânones da literatura européia. Nesse sentido, confirmava a tradicional e universal divisão dos primórdios do periodismo: aos jornais, circunscrevia-se a imprensa política e às revistas a imprensa literária. Naqueles anos conturbados de construção do Estado nacional ao tempo da Regência, quando os jornais eram a única manifestação de imprensa local, a criação de revistas solucionou a ausência do espaço literário, constituindo-se em veículo possível para os grupos letrados colocarem-se em letra impressa.

Conforme o nome sugere, a publicação resultava da iniciativa de membros da *Sociedade Filomática*, agremiação fundada, em 1832, por homens "amigos da ciência", fazendo da revista sua instância de representação. O cenário de sua emergência não passava de recém-nascido burgo de estudantes. A *Academia de Direito*, criada em 1827 e instalada em 1828, contava com turma limitada de formandos, apenas uma dezena de alunos em 1833, enquanto a população da Capital girava em torno de 10.000 habitantes; na Província, no máximo 300.000 habitantes, parte ínfima alfabetizada[41].

Quem seriam seus leitores? Qual teria sido a tiragem? Estes dados se perderam no tempo.

A *Revista da Sociedade Filomática,* de periodicidade mensal, a exemplo de tantas que estavam por vir, foi marcada pelo "*mal dos 7 números*", posto que circulou de junho a dezembro de 1833. Vinha na esteira de um modismo europeu dos anos de 1830, as *sociedades filomáticas*, proporcionando "aos sócios e a quem estivesse sob sua ação, a oportunidade de se porem a par do estado atual de todos os acontecimentos, particularmente os chamados conhecimentos úteis"[42]. O perfil de seus editores – C. Carneiro de Campos[43], F. Bernardino

41. Em 1831 circulavam em São Paulo os jornais a *Voz Paulistana*, de oposição; em 1832, *O Federalista*; em 1833, aparecia a *Filomática* e em 1835 o governo local comprou *O Paulista Oficial* e a oficina do *Farol Paulistano* para poder enfrentar as lutas políticas. Nelson Werneck Sodré, *op. cit.*, p. 149.

42. A. Soares Amora, Prefácio, *op. cit.*, s/p.

43. *Carlos Carneiro de Campos*, 3º Visconde de Caravelas, nasceu na Bahia, em 1805, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1878. Serviu como cadete no batalhão de D. Pedro I, estudou dois anos na Escola Militar e seguiu para Paris, onde doutorou-se em Direito, em 1827. Lente da São Francisco pelo dec. de 9 fev. 1829, tomou posse em 13 de maio, tornando-se em 1843 seu diretor efetivo. Deputado, senador, diretor do Banco do Brasil, inspetor geral do Tesouro Nacional, Presidente da província de Minas Gerais, 1º Vice-Presidente de São Paulo, ocupou a Pasta dos Estrangeiros e a Pasta da Fazenda. Spencer Vampré, *Memórias para a Academia de São Paulo*, São Paulo, Saraiva/Livraria Acadêmica, 1924, vol. 1, pp. 148-149.

Ribeiro[44] e J. I. Silveira da Motta[45] – os conforma à geração de bacharéis, com atuação política expressiva, a serviço do Império nascente, marcados pela conduta de aliar a literatura à política, vezo das gerações das Arcadas[46].

Ao contrário de artigos de fundo sucintos, característicos das revistas, a *Filomática* vinha com alentada "Introdução", de quinze páginas, assinada pelos três editores. Sob a apologia do espírito de associação, de clara influência maçônica, assentada no espírito liberal, os objetivos da *Sociedade Filomática* preconizavam: "criar um pequeno centro de luzes dispersas, procurar dessa maneira meios para seu adiantamento individual e incitar maiores capacidades a reunirem-se para proveito geral".

> Seu timbre, e sua única meta serão – coadjuvar a marcha lenta, mas sempre progressiva, da civilização brasileira com todos os esforços, ainda que minguados, que se compadeção com a debilidade de suas forças [...] Seus meios – a publicação de memórias úteis sobre as Ciências e a Literatura [...]: – a crítica das Obras notáveis que aparecerem em nosso país; a notícia do que forem tendo de mais interessante os Povos cultos [*sic*][47].

Desde aqui infere-se a busca da Ilustração tentada no meio inóspito. A referência aos *povos cultos* confirmava a crítica ao ambiente e a necessidade de qualificá-los para o desempenho da marcha lenta mas sempre progressiva da "civilização brasileira", oferecendo-lhe "princípios nacionais". Nesse sentido, a revista vinha para cumprir o papel que então se lhes reservava na época – auxiliar do desenvolvimento da cultura das nações. Intermediando classicismo e romantismo, a *Revista Filomática* expressou, como documento de um período de transição, o quanto se aspirava renovar, sem rejeitar os cânones clássicos, sem o "cego ardor das inovações", porta-voz de uma geração posteriormente definida como romântica.

44. *Francisco Bernardino Ribeiro*, em 1835 lente da Faculdade de Direito, já redigira a folha política *A Voz Paulistana* e com apenas 18 anos envolveu-se com a *Filomática*, falecendo aos 22 anos. Wilson Martins, *História da Inteligência Brasileira*, São Paulo, Cultrix/Edusp, 1977, 1794-1855, vol. 2. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, vol. IV, p. 1081.

45. *José Ignacio Silveira da Motta*, nasceu em 1807, na Vila Boa de Goiás, filho de desembargador e faleceu no Rio de Janeiro, em 1893. Irmão do Barão da Vila Franca e pai de Arthur Silveira da Motta, o intrépido Barão de Jaceguai. Fundou no 3º ano da Faculdade de Direito, em 1831, *O Federalista*, e no 5º ano a *Sociedade Filomática*. Nomeado para vaga de substituto de Direito Criminal em 1834; lente em 1842, por dec. de 2 de set. do mesmo ano; senador do Império, deputado em várias legislaturas, advogado ao final da vida. Spencer Vampré, *op. cit.*, vol. I, pp. 167-168.

46. Sérgio Adorno, *Os Aprendizes do Poder. O Bacharelismo Liberal na Política Brasileira*, São Paulo, Paz e Terra, 1988.

47. *Idem.*

Nesse momento a revista pode ser percebida como *lugar de afirmação coletiva,* não comportando a motivação mercantil que posteriormente marcou os empreendimentos do gênero. Cumpria papel específico, que também a situava em termos históricos, como espaço de representação, configuradora de identidades, *locus* da reflexão e, sobretudo, instrumento de construção e veiculação do modelo nacional. De alcance restrito em termos de público leitor, tão-só o acadêmico, a *Filomática* ganhou forte significado como fragmento documental de um instantâneo de nosso quadro mental, em que se delineava, como prioridade da elite letrada, a construção do projeto nacional.

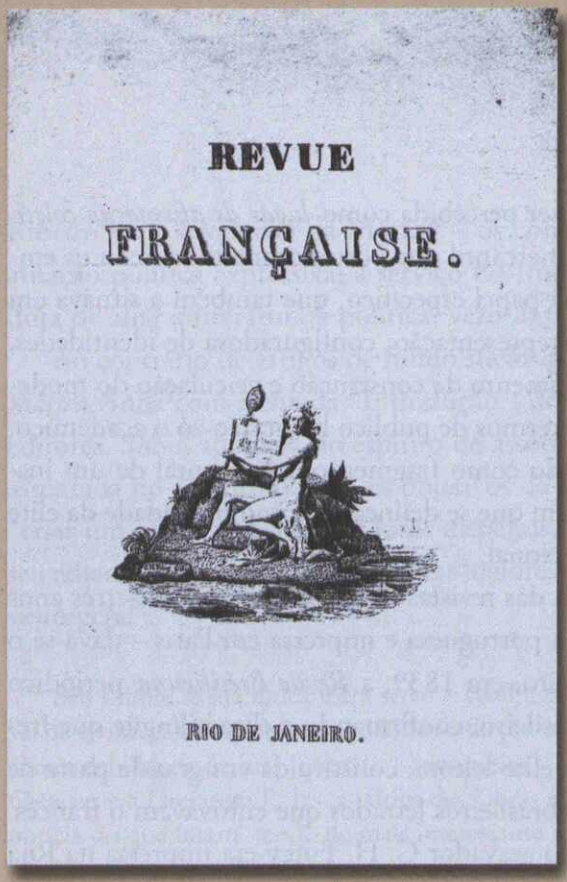
Na mesma década, na linhagem das revistas literárias românticas – três anos após a "francesa" *Niterói*, em língua portuguesa e impressa em Paris – dava-se o inverso. Lançava-se no Rio de Janeiro, em 1839, a *Revue Brésilienne*, periódico em língua francesa para público brasileiro, confirmando a elite bilíngüe que freqüentava a Corte, ou, por outra, a elite leitora, constituída em grande parte de público estrangeiro; ou, ainda, por brasileiros letrados que cultivavam o francês.

A *Revue Française*[48], iniciativa do gravador C. H. Furcy era impressa na Rua dos Barbonos e vendida na Livraria de Souza e Companhia, à Rua dos Latoeiros, n. 60. Obra pouco mencionada, conhecendo-se hoje raros exemplares, foi uma revista de expressão, superior ao que então se publicava no Brasil; talvez a pioneira no uso da ilustração, trazia cuidados estilísticos de tipografia, afinada com a proposta romântica em curso. Produzida por subscrição, contava com uma lista de quarenta e seis assinantes, na maioria franceses, observando-se entre os brasileiros os nomes de Eusébio Queirós Coutinho Matoso e Câmara, F. de Salles Torres Homem, F. E. Taunay, Francisco Freire Alemão, J. M. Rocha Cabral, José Clemente Pereira, José Joaquim da Rocha, Marquês de Maricá, Paulo Fernandes Viana; nomes que designavam representantes de uma reduzida elite, de atuação reconhecida, configurando parte do público leitor brasileiro da época.

De volta a São Paulo, já na segunda metade do século XIX, a paisagem urbana era outra, confirmando o avanço cafeeiro, encetando as experiências imigratórias, transformando-se em praça atraente para investidores estrangeiros, inclusive para aqueles que apostavam no impresso. Angelo Agostini, o piemontês habilidoso no traço, escolheu-a como sede, lançando em 1864 o jornal *Diabo*

48. *Revue Française*, Rio de Janeiro, Imprimerie et chalcographie dirigées par C.H. Furcy, Rua dos Barbonos, 75, 1840.

SIhi



REVUE

FRANÇAISE.

RIO DE JANEIRO.



Rio de Janeiro,
1.er Décembre 1839.

Première Année,
N.° 8, 1.er Vol.

REVUE FRANÇAISE.

LITTÉRATURE, SCIENCES, BEAUX-ARTS, POLITIQUE, COMMERCE.

Il paraît un Numéro, avec Gravure, le Premier de chaque mois, à l'Imprimerie et Chalcographie dirigées par C. H.-Fusey Fils. Rue dos Barbonos, N°. 75, et à la librairie de Souza et Comp.. Rue dos Latoeiros, N°. 60. — Le prix, payable d'avance, est de 2$000 rs. pour quatre mois, et 6$0 rs. pour un Numéro.

Sujet de la Gravure: (*)

OLAYA.

On vit bientôt paraître une jeune fille blanche, portant sur sa tête un vase rempli d'eau, et sous son bras un paquet de linge mouillé.

N. 8. Olaya et Julio.

Sommaire.

Olaya et Julio, nouvelle brésilienne (fin). — Variétés: Le Chasseur farbionable; L'Odalisque. — Littérature: Choix de maximes, pensées et réflexions du Marquis de Maricá. — Poésie: La Retraite. — Nouvelles diverses. — Revue du mois.

(*) Cette estampe, gravée à Rio par C. H. Fusey fils, se vend séparément 500 rs.

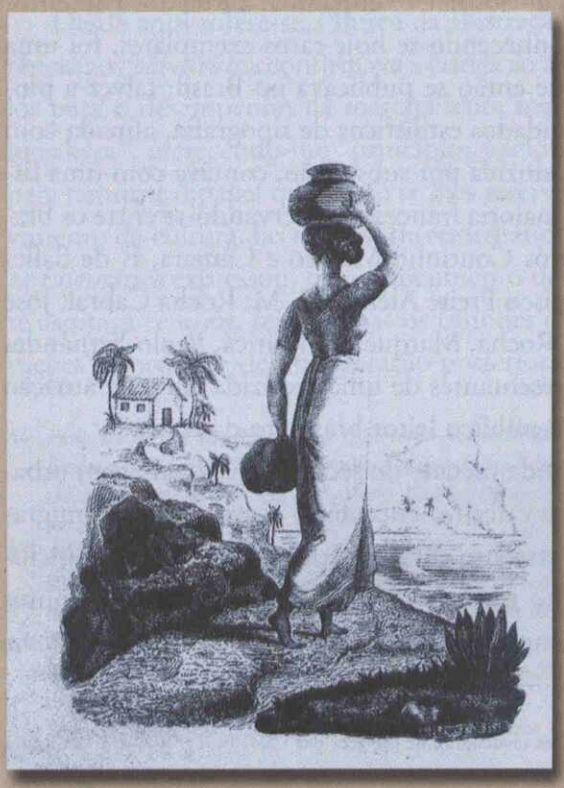
OLAYA et JULIO.

NOUVELLE BRÉSILIENNE,

Traduite librement du Portugais, Par H.-Furcy.

IV.

«La fortune favorisa l'entreprise commerciale de Julio à un tel point qu'au bout de trois années, il possédait pour sa part plus de cent contos de Reis. L'ambition et l'amour des richesses ne le dominant pas, il songea alors à se retirer. Pernambuco n'était à ses yeux qu'une halte faite en attendant son retour au lieu même de sa naissance. La ville qu'il habitait ne lui offrait pas cette félicité que son cœur désirait si ardemment, et qu'il sentait qu'il ne pourrait rencontrer



Revue Française • Publicação sofisticada para os padrões da época, tratava-se de uma revista típica do Romantismo, impressa pelo gravador francês sediado no Rio de Janeiro C. H. Furcy, talvez pioneira da ilustração em periódicos no Brasil. Rio de Janeiro, 1839.

SIhj

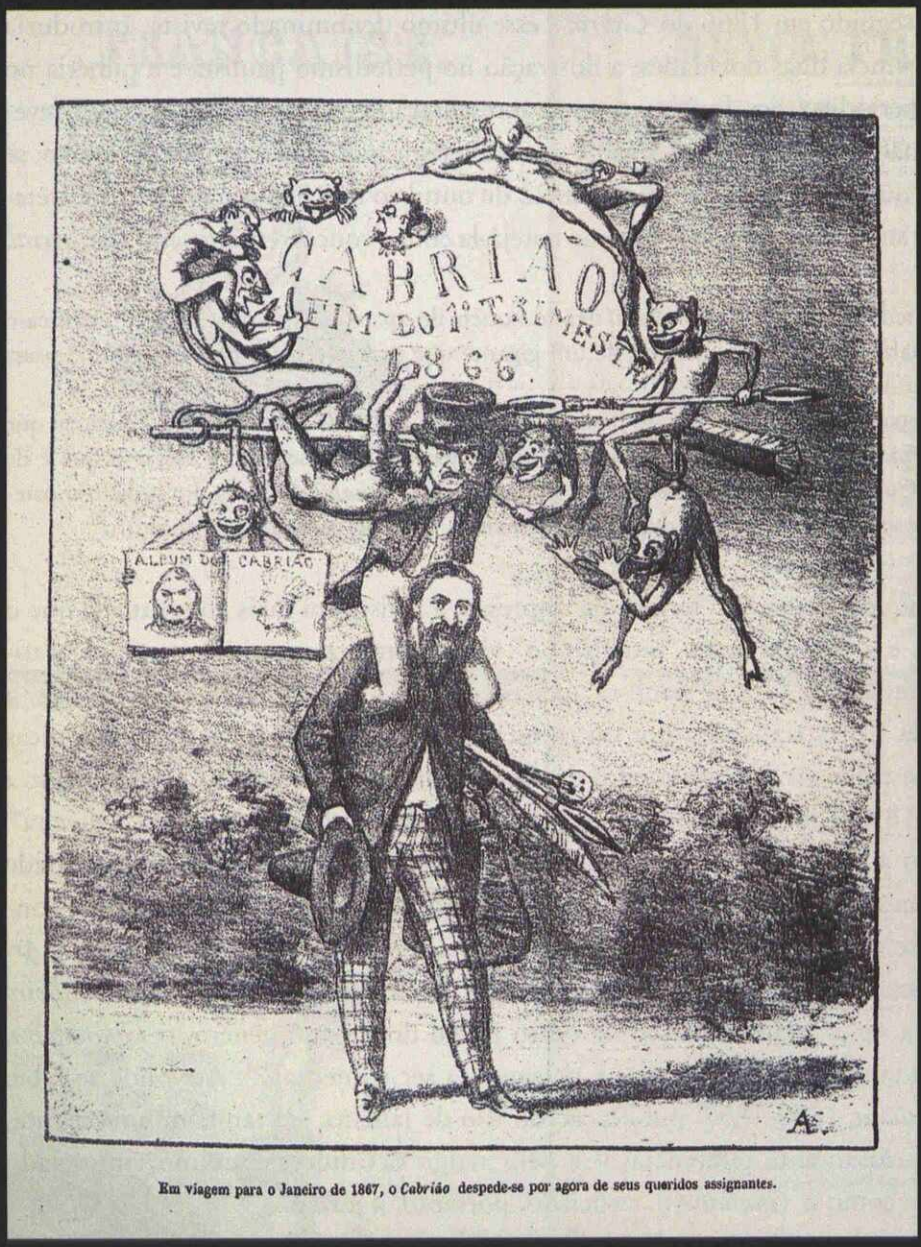
Coxo, seguido em 1866 do *Cabrião*, esse último denominado revista. Introduzia na Província duas novidades: a ilustração no periodismo paulista e a pilhéria no texto periódico. Seu longo artigo de apresentação em tom humorístico e irreverente não traz considerações sobre as características daquele gênero periódico, se jornal ou revista; mas, na edição de 22 de outubro de 1866, qualificava indiretamente sua publicação de revista, ao cotejá-la com a concorrente *Revista Comercial*.

> O redator da *Revista Comercial* dando notícia do aparecimento do *Cabrião*, qualifica-o de jornalzinho, assim à maneira de um gigante que mal enxerga o pigmeu que lhe passa debaixo das pernas.
>
> É boa! Quem souber do caso há de acreditar que a *Revista* é maior que o *Times*, ou que o *Cabrião* é pequeníssimo como um rótulo de garrafa. Não senhor; a César o que é de César. Confronte o estimável colega da *Revista* os dois *jornalzinhos*, faça um judicioso cotejo entre ambos, e verá que a respeito do tamanho, um não poderá rir-se do outro[49].

Naquela altura, em termos de impresso, a revista era mais conceituada que o jornal, e a denominação "jornalzinho" vinha com acento nitidamente pejorativo. Enquanto a Capital paulista apenas ensaiava a edição de algumas revistas, a sede da Corte respondia por outro estágio cultural, com iniciativas periódicas mais respaldadas. O lançamento da *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*, 1857-1861, segunda fase, sob a direção de Candido Baptista de Oliveira[50] revelou a existência de público mais interessado, ilustrando com oportunidade os tênues limites da época entre os gêneros jornal e revista. Já pelo título a confusão se estabelecia, informando ser a revista um *Jornal de Ciências, Letras e Artes*. E mais. Em seu artigo de apresentação, dava conta de que *Revista Brasileira* vinha a ser a "transformação de outro jornal do mesmo gênero, o *Guanabara*, tomando maiores proporções, e passando a ser trimensal"[51]. Até onde se sabe, *Guanabara*, 1849-1857, publicação do Rio de Janeiro, era também uma revista, que curiosamente referenciava-se pelo artigo definido masculino, anunciado sempre como o *Guanabara*, associado, portanto, a jornal.

Esse uso semântico indiscriminado dificulta a classificação rigorosa dos gêneros periódicos, obrigando privilegiarem-se outros critérios que particularizem

49. *Cabrião, op. cit.*, p. 26.
50. *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, Tipografia Universal de Laemmert, 1857-1861, 2ª fase. Dirigida por Candido Baptista de Oliveira.
51. Plínio Doyle *et alii*, *Histórias de Revistas e Jornais Literários, op. cit.*, p. 15.



Em viagem para o Janeiro de 1867, o *Cabrião* despede-se por agora de seus queridos assignantes.

Impresso, Ilustração e Humor na Província • Ilustrado por Angelo Agostini e redigido por Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis, circulou de 1866 a 1867, num total de 51 números. Era o mais conhecido periódico humorístico e de caricaturas editado em São Paulo ao tempo do Império. *Cabrião. Semanário Humorístico*, São Paulo, 16 dez. 1866.

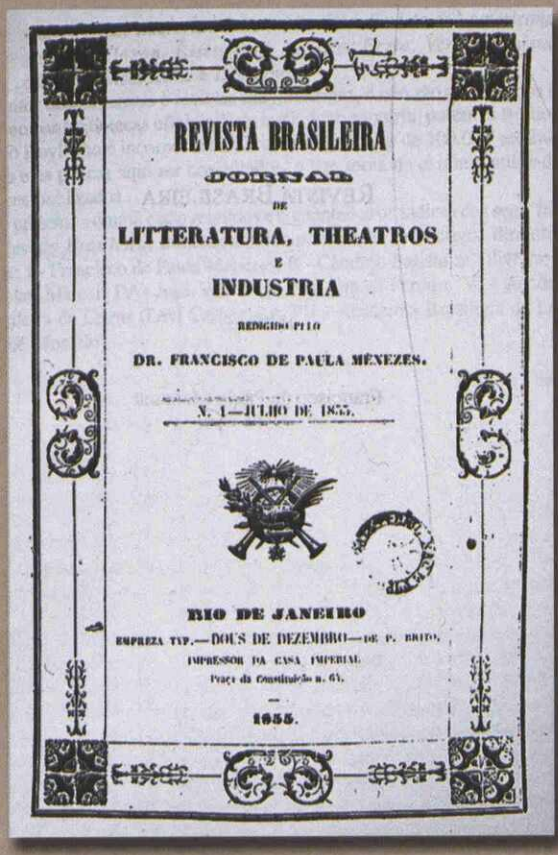
melhor seu entendimento: a existência da capa, como aventou Clara Rocha; a periodização mais espaçada; a diversidade temática de seu conteúdo. Enfim, questão de somenos importância ou não, é a própria *Revista Brasileira*, 1879-1881, em sua terceira fase, editada por Nicolau Midosi, que expressou o entendimento da categoria ao seu tempo; enquanto forneceu pistas para o momento cultural que se vivia:

> A *Revista*, transição racional do jornal para o livro, ou antes laço que prende esses dois gêneros de publicação, afigura-se-nos por isso a forma natural de dar ao nosso povo conhecimentos que lhe são necessários para ascender à superior esfera no vasto sistema das luzes humanas. Na *Revista* dão-se a ler, sem risco de cansaço, artigos sobre todos os conhecidos assuntos por onde anda o pensamento, a imaginação, a análise, o ensino do homem. Não se trata ali de uma só matéria, como de ordinário no livro singular, ou de muitas matérias em rápido percurso como no jornal, mas de todas com a conveniente demora, em forma de extensão, proporcionadas aos espíritos [...], qualquer que seja o grau da instrução de cada um, a intensidade de sua convicção, as tendências de seu gosto, a ordem de seu interesse[52].

O espaço veiculador de "convergência e irradiação de idéias", a "conveniente demora, em forma de extensão dos artigos", eram aspectos que singularizavam a publicação, individualizando-a perante o livro, "de uma só matéria", e do jornal com "muitas matérias em rápido percurso". Impressa na Tipografia Perseverança, à Rua do Hospício 185, com escritório à Rua Gonçalves Dias 47, seu lançamento se deu em bases comerciais mais sólidas, angariando já no primeiro número diversas assinaturas; em 1880 recebeu apoio financeiro de D. Pedro II, pela veiculação de número especial, comemorativo do Terceiro Centenário da morte de Camões. O elenco de colaboradores confere-lhe alta qualidade literária, lembrando que, em suas páginas, Machado de Assis lançou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a comédia *Tu Só, Tu, Puro Amor*, *A Mosca Azul*, entre outras obras; o jornalista Carlos de Laet, na seção *Crônica Literária*, defendeu Fagundes Varela, criticado por Castelo Branco; Sílvio Romero divulgou ali o primeiro capítulo de sua *História da Literatura Brasileira*; Sacramento Blake anunciou na *Revista* o lançamento de seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Não obstante seu nome – *Revista Brasileira* – e a contribuição expressiva às letras nacionais, a fase Midosi, não se propunha a nenhum programa deliberado de nacionalismo literário; pelo contrário, resultava em espaço de divulgação variada, no qual escritores portu-

52. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, N. Midosi Editor, 1879, n. 1, p. 19. Grifo nosso.

Um Exemplo Secular • Padrão de revista cultural, manteve-se praticamente inalterada no tratamento gráfico por mais de um século. • 1. 1ª fase: Francisco de Paula Menezes, 1855. • 2. 2ª fase: C. Baptista de Oliveira, 1856-1861. • 3. 3ª fase: N. Midosi, 1879-1881. • 4. 4ª fase: José Veríssimo, 1895-1899. • 5. 5ª fase: Baptista Pereira, 1934-1935. • 6. 6ª fase: ABL (Levi Carneiro), 1941-1966. • 7. 7ª fase: ABL (Josué Montelo), 1975-1980.


REVISTA BRASILEIRA

JORNAL

DE

LITTERATURA, THEATROS

E

INDUSTRIA

REDIGIDO PELO

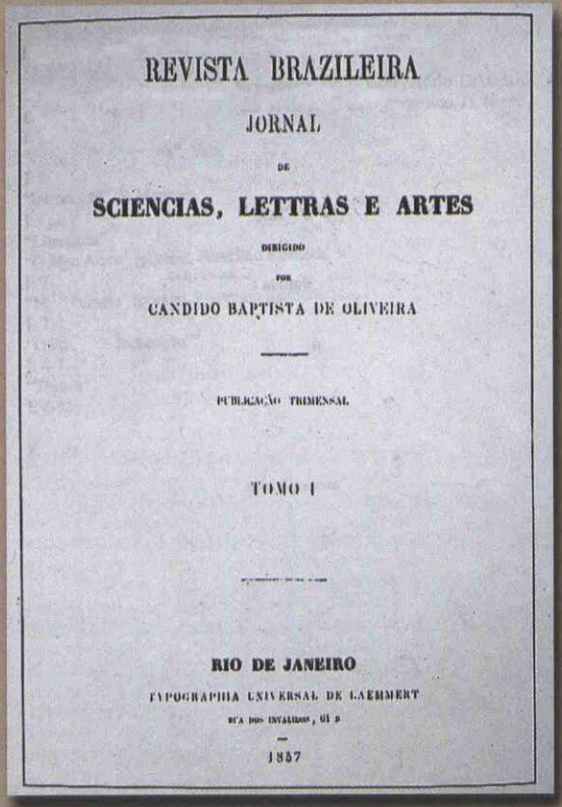
DR. FRANCISCO DE PAULA MENEZES.

N. 1—JULHO DE 1855.

RIO DE JANEIRO

1855.

1


REVISTA BRAZILEIRA

JORNAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES

DIRIGIDO

POR

CANDIDO BAPTISTA DE OLIVEIRA

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

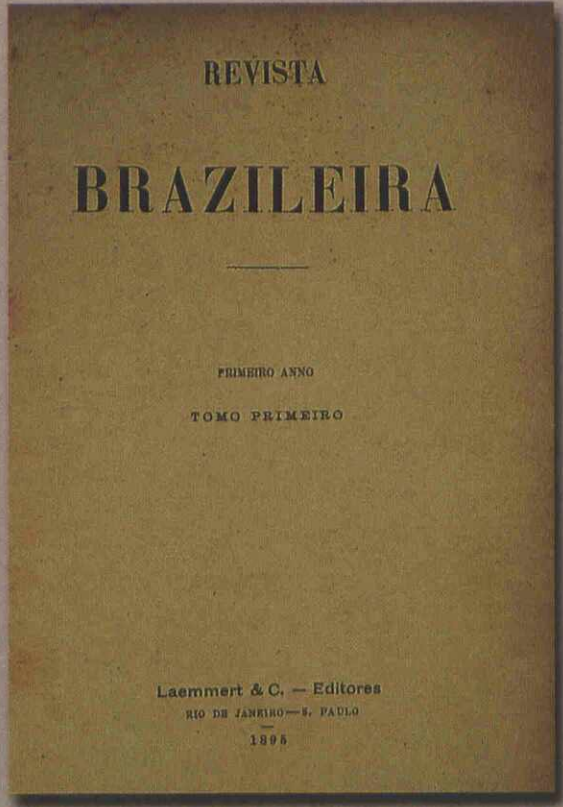
TOMO I

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

1857

2


REVISTA

BRAZILEIRA

PRIMEIRO ANNO

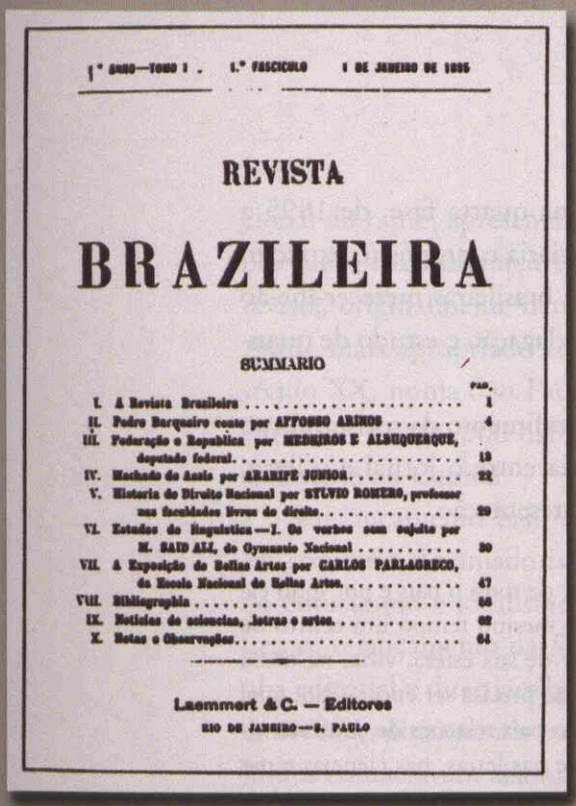
TOMO PRIMEIRO

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

1895

3



1º ANNO—TOMO I . 1.º FASCICULO 1 DE JANEIRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

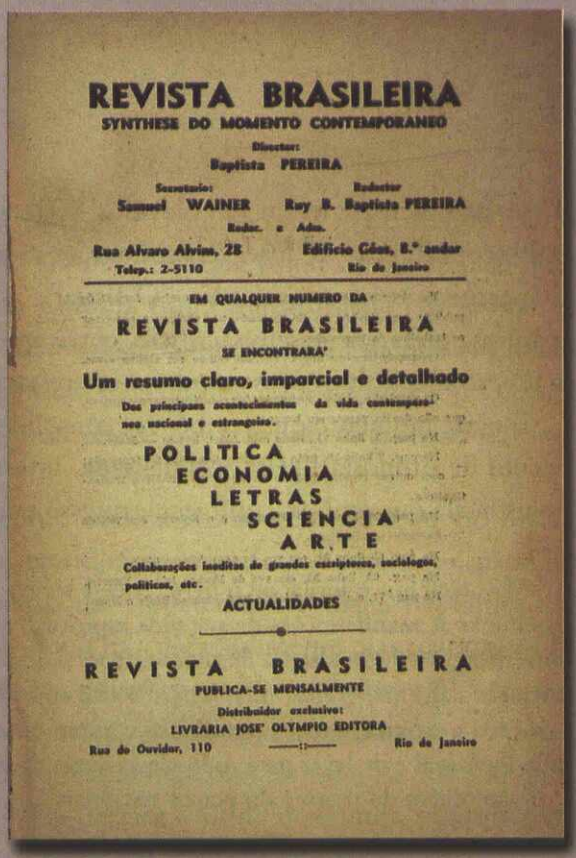
SUMMARIO

		PAG.
I.	A Revista Brasileira	1
II.	Pedro Barqueiro conto por AFFONSO ARINOS	4
III.	Federação e Republica por MEDEIROS E ALBUQUERQUE, deputado federal	13
IV.	Machado de Assis por ARARIPE JUNIOR	22
V.	Historia do Direito Nacional por SYLVIO ROMERO, professor nas faculdades livres do direito	29
VI.	Estudos de linguistica—I. Os verbos com sujeito por M. SAID ALI, do Gymnasio Nacional	39
VII.	A Exposição de Bellas Artes por CARLOS PARLAGRECO, da Escola Nacional de Bellas Artes	47
VIII.	Bibliographia	56
IX.	Noticias de sciencias, lettras e artes	62
X.	Notas e Observações	64

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

4



REVISTA BRASILEIRA

SYNTHESE DO MOMENTO CONTEMPORANEO

Director:

Baptista PEREIRA

Secretario: Samuel WAINER

Redactor: Ruy B. Baptista PEREIRA

Redac. e Adm.

Rua Alvaro Alvim, 28 — Edificio Góes, 2.º andar

Telep.: 2-5110 — Rio de Janeiro

EM QUALQUER NUMERO DA

REVISTA BRASILEIRA

SE ENCONTRARA'

Um resumo claro, imparcial e detalhado

Dos principaes acontecimentos da vida contemporanea nacional e estrangeira.

POLITICA
ECONOMIA
LETRAS
SCIENCIA
ARTE

Collaborações ineditas de grandes escriptores, sociologos, politicos, etc.

ACTUALIDADES

REVISTA BRASILEIRA

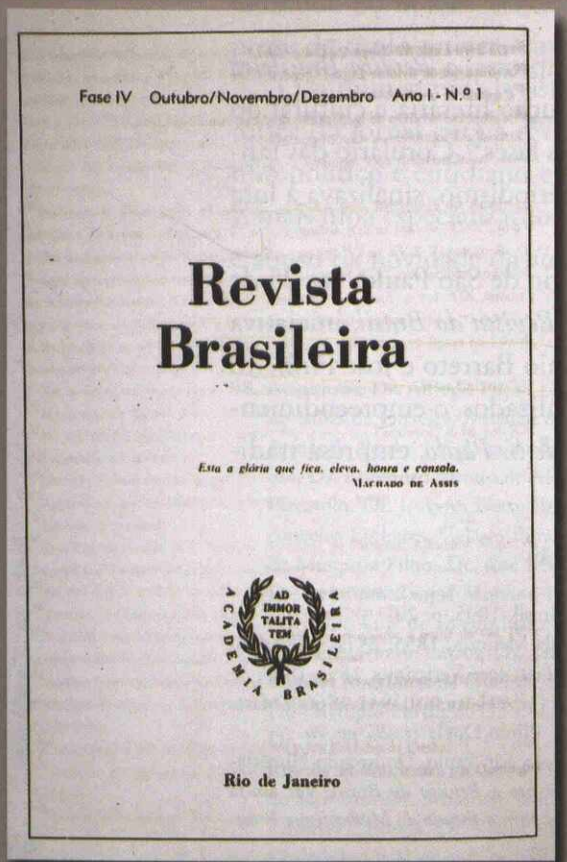
PUBLICA-SE MENSALMENTE

Distribuidor exclusivo:

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

5



Fase IV Outubro/Novembro/Dezembro Ano I - N.º 1

Revista Brasileira

Esta a gloria que fica, eleva, honra e consola.

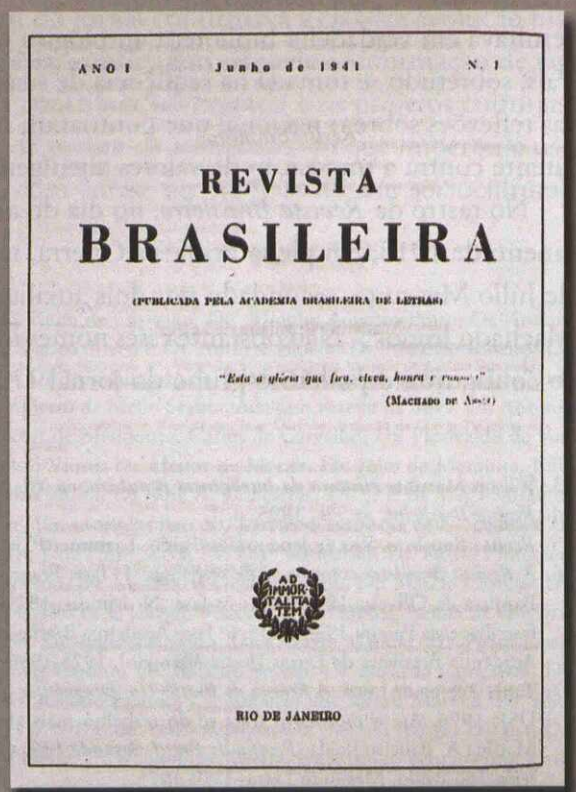
MACHADO DE ASSIS

AD IMMORTALITATEM

ACADEMIA BRASILEIRA

Rio de Janeiro

6



ANO I Junho de 1941 N. 1

REVISTA BRASILEIRA

(PUBLICADA PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

"Esta a gloria que fica, eleva, honra e consola"

(MACHADO DE ASSIS)

AD IMMORTALITATEM

RIO DE JANEIRO

7

gueses também puderam se colocar[53]. Seria apenas na quarta fase, de 1895 a 1899, com direção de José Veríssimo, que se pronunciaria o propósito explícito de incentivo às letras nacionais. "O Brasil e as cousas brasileiras merecer-lhe-ão carinhosa preferência, sem sacrifício, entretanto, da indagação e estudo de quanto do estrangeiro nos possa também interessar"[54].

É nesse momento que também se consolida o entendimento da revista, como veículo de proposta ligeira, condensada, intermediária entre o jornal e o livro, "mais fácil" que ambos, conforme expresso em sua apresentação.

> Mais fácil que o jornal ou o livro, pode a revista recolher de todo o país e por todo ele disseminar as manifestações de sua vida espiritual, sendo ao mesmo tempo um centro de convergência e de irradiação de todas elas. E assim, sem sair de sua esfera, viria, na nossa federação nascente, exercer uma função social cujo alcance não precisa ser encarecido, qual o de criar e estreitar entre os estudiosos e escritores de todo o país relações de confraternidade espiritual e de levar para todo ele as vozes daqueles que nas letras, nas ciências e nas artes são órgãos do sentir e do pensar nacionais[55].

Alternativa para literatos se colocarem em letra impressa, a *Revista Brasileira* resultava em verdadeira biblioteca antológica da produção literária e cultural do País, sobretudo se tomada na seqüência de suas demais fases[56]. Corolário das tantas reflexões sobre o nacional que pontuaram nosso periodismo, sinalizava a luta latente contra a imposição de valores alienígenas.

No rastro da *Revista Brasileira*, no dia do aniversário de São Paulo, em 25 de janeiro de 1916, em plena Primeira Guerra, nascia a *Revista do Brasil*, iniciativa de Júlio Mesquita, secundado por dois auxiliares, Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Junior[57]. Não obstante esses nomes individualizados, o empreendimento configurou o poderoso grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*, empresa tradi-

53. Wilson Martins, *História da Inteligência Brasileira, op. cit.*, vol. 4º, p. 49.
54. *Revista Brasileira, op. cit.*, 1895, n. 1.
55. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert/Cia. Tip. do Brasil, 1895, p. 20.
56. A *Revista Brasileira* compõe-se de sete fases: 1ª fase: Francisco de Paula Menezes, 1855; 2ª fase: Candido Baptista de Oliveira,1856-1861; 3ª fase: N. Midosi, 1879-1881; 4ª fase: José Veríssimo, 1895-1899; 5ª fase: Baptista Pereira,1934-1935; 6ª fase: Academia Brasileira de Letras [Levi Carneiro],1941-1966; 7ª fase: Academia Brasileira de Letras [Josué Montelo], 1975-1980 [6 tomos]. Plínio Doyle *et alii, op. cit.*
57. Tania Regina de Luca, *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a [N]ação*, São Paulo, Doutorado História-USP, 1996. Até o momento trata-se do trabalho mais abrangente sobre a *Revista do Brasil*. Ver ainda Marilda A. Balieiro Ikeda, *Revista do Brasil. Segunda Fase. Contribuição para o Estudo do Modernismo Brasileiro*, São Paulo, Mestrado Letras-USP, 1975.

cional do ramo, apresentando por volta de 1915 uma tiragem de 40.000 exemplares e aproximadamente 100.000 leitores. O jornal voltava-se agora para uma revista, originalmente denominada *Cultura*, título transformado em *Revista do Brasil*, mais apropriado ao calor nacionalista daquela hora. Emergia em pleno século XX, numa São Paulo de fábricas e chaminés, com população calculada em torno de 500.000 habitantes, já ampliado o número de alfabetizados, especialmente na Capital.

Seu lançamento balizou um ponto de inflexão do gênero revista no Brasil. Ao contrário do amadorismo que presidira as experiências anteriores, nascidas do entusiasmo e idealismo da boêmia das confeitarias da inicial República das Letras, o lançamento da *Revista do Brasil* foi cuidadosamente planejado, com linha editorial e diretrizes bem pensadas. Afinal, o empreendimento tinha em vista *um diagnóstico para a nação.* Desde meados de 1915, Plínio Barreto e Pinheiro Junior contactavam acionistas para aquisição das cotas no valor de 300$000, totalizando 66 nomes, sendo que 77,3% traziam o título de doutor, indicativo da posse de título universitário[58].

O surgimento da revista a partir do jornal confirmava a clássica evolução histórica do jornal para a revista literária, confinando naquele a informação de cunho político e cotidiano e nesta, a contribuição literária e os projetos culturais. E mais uma especialização: aquela da revista de *variedades* em que imperou o uso e abuso da novidade da *ilustração*, com ênfase nas notícias de teor sociocultural.

58. Acionistas: Dr. Alfredo Pujol, Dr. Armando Vieira de Carvalho, Dr. Adolpho Augusto Pinto; Dr. Armando Salles de Oliveira, Amadeu Amaral, Dr. Alarico Silveira, Dr. Anthero Bloem, Dr. Abrahão Ribeiro, Dr. Armando Prado, Dr. Arnaldo Simões Pinto, Dr. João Augusto de Toledo, Dr. Arthur de Cerqueira Mendes, Dr. Antenor Liberato de Macedo, Dr. Alberto de Mello Seabra, Adalgiso Pereira da Silva, Dr. Antonio Piccarolo, Dr. J. Ayres Neto, Benjamim Victor de Mendonça, Carlos de Carvalho, Dr. Florivaldo de Vasconcelos Linhares, Gelásio Pimenta, Heráclito Viotti, Dr. Heitor de Morais, Dr. Júlio de Mesquita, Júlio de Mesquita Filho, Dr. José Martins Pinheiro Junior, Dr. José A. Gonçalves, Dr. J. P. da Veiga Miranda, Dr. Jerônimo Rangel Moreira, Dr. J. Define, Dr. Leonidas Barreto, Luiz Fonseca, Luiz de S. Simões Carneiro, Dr. Luiz de Toledo Pizza Sobrinho, Dr. Luiz Pinto Serva, Dr. Luiz Wanderley, Dr. Mário Pinto Serva, Dr. Mário de Barros, Dr. Manoel de Azevedo, Dr. Moyses de Oliveira Horta, Dr. Márcio Cardim, Dr. Manoel Rodrigues de Queiroz, Dr. Manoel Carlos de F. Ferraz, Nestor Rangel Pestana, Numa de Oliveira, Dr. Olympio Portugal, Dr. Oscar Thompson, Dr. Inglês de Souza, Dr. Octávio Mendes, Dr. Pedro Lessa, Dr. Plínio Barreto, Dr. Carlos Alberto Gomes Cardim, Dr. Ricardo Severo, Dr. Ricardo Gonçalves, Dr. Ruy de Paula Souza, Ricardo Figueiredo, Dr. Rojério Fajardo, Dr. Roberto dos Santos Moreira, Dr. Raul de Sá Pinto, Dr. Sebastião Soares de Faria, Dr. Sylvio de Andrada Maia, Dr. Synesio Rangel Pestana, Dr. Thomaz Catunda, Dr. Victor Alves da Silva Freire, Dr. Valdomiro Silveira, Dr. Virgílio Nascimento. Tania Regina de Luca, *op. cit.*, pp. 39-40.

Para este segmento, *O Estado de S. Paulo* lançou *São Paulo Ilustrado*, a publicação quinzenal que contemplava a demanda ligeira, esportiva, social, mundana, outro público; como braço literário, criara uma revista "verdadeiramente revista", conforme a definiu Lima Barreto, a *Revista do Brasil*, que trazia em seu bojo uma proposta de reconstrução nacional.

No Circuito das Representações

A produção da revista em formato de jornal, trazendo as folhas soltas, *in folio*, foi prática freqüente no periodismo, dificultando singularizá-la a partir de sua configuração. Tanto quanto o uso indiscriminado da forma, o emprego ambíguo de sua nomenclatura, oscilando entre revista e jornal, gerou equívocos de concepção, relativizando sua definição, mutável no curso de seu processo histórico. A formulação do que vinha a ser uma revista, na concepção de seus próprios mentores – proprietário, editores, redatores, colaboradores – reforçava as dúvidas de entendimento. Interessados em qualificar a sua publicação, assumia-se uma projeção idealizada da revista, conferindo-lhe superioridade frente ao jornal. Por vezes, um jornaleco era anunciado pelo seu fundador como revista, valorizando o empreendimento.

Se isso ocorria na fase de incipiência original de nosso periodismo, no Brasil do último quartel do século XIX, a emergência de uma imprensa mais competitiva e a divisão de competências entre o jornalista e o literato conferiram à revista um texto mais elaborado, outro cuidado gráfico, eventualmente melhor fatura. A repercussão de revistas culturais européias, impresso qualificador, em que se colocavam literatos conceituados, também contribuiu para a valorização do gênero, que passou a ser opção preferencial do aspirante às letras, em particular no País desprovido de casas editoras. A esta fase de transição do impresso periódico corresponde o romance *A Conquista*, 1899, de Coelho Neto, obra *à clef*, testemunho clássico das idiossincrasias do literato *fin de siècle*, da boêmia de jornal e cafés, no já republicano Rio de Janeiro. Ao descrever a criação de uma *revista literária* nos moldes clássicos da época, o autor expressava, através da fala

dos personagens, a percepção indefinida entre a revista e o jornal. Vale lembrar que aqueles personagens retratavam Olavo Bilac [Otávio Bivar], Aluísio Azevedo [Ruy Vaz], Pardal Mallet [Pardal], Paula Ney [Neiva], Muniz Barreto [Montezuma] e o próprio Coelho Neto [Anselmo], ou seja, o que de melhor havia em produção literária e preparo cultural na Capital da República[59].

[...] Vamos fundar uma *Revista Literária*. Temos aí um homem que está interessado e quer tentar a aventura...Vai ganhar dinheiro, afirmou o poeta torcendo os fartos bigodes. Estamos resolvidos a trabalhar de graça nos primeiros tempos, mas depois há de entrar com o cobre.

O caso é este: resolvemos, o Arthur e eu, fazer um *jornal* novo, com idéias novas...[...] nada de antiqualhas, e queremos chamar todos esses rapazes que andam por aí cheios de talento, mas repelidos, porque ninguém quer tentar a experiência. Aqui é assim – só tem talento os dum certo grupo da Rua do Ouvidor: ali estão os romancistas criadores, os mestres da crítica... Uma súcia de bestas que vive num elogio recíproco, escancarando as mandíbulas em hiatos encomiásticos, ao coxear dos versos cambaios ou ao chirinrolar do período fanhoso e vazio do primeiro mu que zurra. Uma cáfila! Vamos cair sobre a súcia a golpes de talento... e havemos de desbaratá-la, porque não vale nada; gente que não lê, gênios sem sintaxe, águias com penas de ganso. O Arthur está disposto a começar a razzia. Vais ver o estouro [...]

– Que título terá a *revista?*

– *Vida Moderna* [...][60].

O que essa confusa nomenclatura do objeto revela é a precariedade de nosso estágio periodístico, às vésperas de transformar-se em grande empresa. O gênero não estava definido conforme a maturidade de uma imprensa com maior tradição, desconhecendo legislação específica e critérios normativos. Daí a facilidade em se criar uma revista. Em 1905, por exemplo, Oduvaldo Viana e Afonso Schmidt fizeram uma "chamada de capitais" no Brás, adquiriram uma "tipografia", que não passava de duas caixas de tipo, e imprimiram o *Zig-Zag*. Segundo Lobato, entre criar e encerrar uma revista, mais fácil ainda era encerrá-la, o que ocorria com freqüência, resultado do intempestivo e arrebatado da iniciativa. Sucediam-se ensaios de toda ordem, do impresso a serviço dos grupos literários, como suporte da indústria da *réclame*, ou ainda veículo de informações dos tantos novos ramos definidos pela economia de mercado, da lavoura ao comércio e

59. Alfredo Bosi, *A Literatura Brasileira. O Pré-Modernismo*, São Paulo, Cultrix, 1969.

60. Coelho Neto, *A Conquista*, Porto, Chardron, 1913, p. 262. Grifo nosso.

indústria, passando pelo seu papel fomentador da propaganda política e religiosa. No geral, contudo, a revista era associada à publicação literária, modelo de maior tradição entre nós[61].

O fato é que, a despeito dos limites entre jornal e revista, não se pode analisá-la, neste momento, sem ter o jornal como referência; ou por outra, há que se transitar conjuntamente entre ambos, dado que ambos se confundem também pela presença dos mesmos colaboradores. Entre o jornal e a revista, aquele é mais vantajoso. Com todos os dramas que carrega, conforme sugerido nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*[62], ou a pecha, quase estigma, de veicular literatura menor. A despeito disso tudo, o jornal remunerava seu quadro de funcionários, havia um salário estabelecido. Daí a constante crítica ao jornalismo mercenário, oportunidade para João do Rio, então a serviço da *Gazeta de Notícias*, inquirir em 1905, quarenta escritores daquela geração sobre o significado do jornalismo. O sucesso deste trabalho resultou na obra *Momento Literário*, modelo e reforço para a vaga dos questionários que assolava o País. Quando da organização das perguntas, um de seus formuladores, observou:

> – Falta alguma cousa ao questionário, falta a pergunta capital, em torno da qual toda a literatura gira, falta a pergunta isoladora das ironias diretas!
>
> – *Qual?*
>
> Não respondeu. Curvou-se e numa letra miúda escreveu:
>
> – *O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?*[63]

As avaliações oscilaram de pouco lisonjeiras à consagração do gênero, com predomínio de aprovação, pois não se podia prescindir dele. Estavam ali a profissionalização e a sobrevivência do escritor, que tinha diante de si a possibilidade de colocar-se, agremiar-se e, finalmente, *existir*.

61. Só nos anos 40, o periodismo teria segmentação e projetos definidos. A revista do DIP, *Cultura Política*, sob a direção de Almir Andrade exemplifica esse momento: "As publicações periódicas do feitio de *Cultura Política*, com diretivas firmes de doutrina e elevação no debate dos problemas nacionais, constituem uma necessidade nas épocas de reforma e reconstrução como a que o Estado Nacional iniciou no Brasil". *Revista Cultura Política*, n. 9, nov. 1941, p. 4. *Apud* Mônica Pimenta Velloso, *Estado Novo: Ideologia e Poder*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, p. 75. Assim como a revista *Clima*, criada em São Paulo, em 1941, sob o Estado Novo, fruto de uma idéia de Alfredo de Mesquita. Ver Heloísa Pontes, *Destinos Mistos: O Grupo Clima em São Paulo. 1940-1963*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

62. Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Prefácio de Francisco de Assis Barbosa, São Paulo, Ediouro, s/d.

63. João do Rio, *O Momento Literário*, Rio de Janeiro, Garnier, 1918, p. XVIII.

No circuito das representações da revista, e por conseqüência do jornal, o testemunho de Lima Barreto é elucidador, pela constância com que freqüentou aquelas páginas[64]. Ao lançar sua revista, *Floreal*, em 1907, declarava:

> E de tal forma sentimos que o público [tão habituado anda ele aos processos jornalísticos!] nos era inacessível se não lhe déssemos aqui alguma cousa do *jornal*, que fomos buscar numa *revista estrangeira* um modelo que participasse das duas cousas. Assim é que, nesta, uma parte será toda consagrada à matéria habitual das *revistas* e a outra, dividida em seções, será como que um *jornal* de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças e aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado em nosso meio[65].

Em seu *Diário Íntimo*, Barreto usava indiscriminadamente os dois termos, ao classificar a *Revista da Época*, de Carlos Viana:

> Vim no trem com o Viana [...]. É um tipo curioso de aventureiro esse Viana. Fundou um *jornal* – A *Revista da Época*, do qual, por lábias sábias, obrigou-me durante 3 números a ser secretário, do que me descartei a muito custo. A *revista* dele é uma espécie de galeria de retratos de varões obscuros. Quando lhe escasseiam os recursos, ele publica um número e, no dia seguinte, corre aos retratados para buscar dinheiro[66].

Ou, escrevendo no semanário *Hoje*, em 20 de março de 1919, elogiando a qualidade de uma revista pouco lembrada de 1884, a *Gazeta Literária:*

> Em 1884 publicou-se aqui, neste Rio de Janeiro, uma *pequena revista quinzenal*, intitulada *Gazeta Literária*. Não tinha o nome do diretor ou redator-chefe, mas havia no cabeçalho a indicação que se assinava, e se vendia na livraria de Faro & Lino, à rua do Ouvidor n. 74. [...] De nós que andamos hoje nessas coisas de jornais e revistas, poucos terão notícia dessa livraria e da *Gazeta*, talvez nenhum. O *jornalzinho literário* era, entretanto, bem feito e curioso. Impresso em bom papel e nas oficinas Leuzinger, muito cuidado na revisão, tinha um aspecto muito simpático e uma leitura variada, de forte cunho intelectual[67].

Hoje se sabe que a *Gazeta Literária*, 1883-1884, fundada e dirigida por homens de fina erudição – José Alexandre Teixeira de Melo e Alfredo do Vale

64. Colaborações de Lima Barreto: *A Estação Teatral* 1911; *A Lanterna*, 1918; *Argos*, 1919; *Revista Contemporânea*, 1919; *A Careta*, 1921, *Fon-Fon*, entre outras. Revistas estrangeiras de sua biblioteca: *Revue de Deux Mondes, Revue Philosophique, Nouvelle Revue Française, La Flamme, Revue des Cours, La Revue, Mercure de France.*
65. *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 out. 1907, n. 1. Grifo nosso.
66. Lima Barreto, *Diário Íntimo*, São Paulo, Brasiliense, 1954, p. 88. Grifo nosso.
67. Lima Barreto, *Marginália*, São Paulo/Rio de Janeiro, Editora Mérito S. A., 1953, p. 245. Grifo nosso.

SIhi

Cabral –, tinha colaboração de Capistrano de Abreu, Raul Pompéia, João Ribeiro, Urbano Duarte, Valentim Magalhães, Araripe Júnior, configurando, de fato, uma revista literária, porta-voz do gênero na época. A denominação *gazeta*, desviava-a do entendimento revista e suas folhas soltas aproximavam-na do jornal.

O exercício de tantos papéis daquela imprensa que se fazia indústria, indefinida na segmentação, nos propósitos e na representação de grupos homogêneos, dava margem à menção diversificada do modelo, equivocada mesmo pelos seus agentes mais próximos. Muitas vezes a publicação era referenciada tão-só pela sua periodicidade:

> [...] *Avenida* – lembram-se? – um *semanário ilustrado* que alcançou uma voga merecida com as inigualáveis blagues do Cardoso Junior[68].

A tradicional evolução do jornal para a revista, observada nos primórdios de todo o periodismo, reiterava o equívoco. Com freqüência, as revistas surgiam originalmente em forma de jornal, de custo mais baixo, para, em seguida, transformarem-se em revista periódica, abandonando o formato tablóide, as folhas soltas, incorporando uma capa que facilitava o manuseio e conferindo-lhe a configuração de brochura, quase um livro.

No Brasil, ainda nesse século, essa transição também se deu. Sandra Lúcia Lopes Lima, ao estudar a *Revista Feminina* de São Paulo, 1916-1925, constatou essa evolução da forma, através do depoimento de uma das proprietárias da publicação:

> No começo era um *jornaleco*, saíram uns três exemplares como *jornaleco*, com o nome de *Luta Moderna*; depois mudaram para *Revista Feminina*, acharam mais apropriado. Aí tomou a forma de *revista*[69].

Outras publicações, não obstante a manutenção do formato jornal, sempre foram tradicionalmente referenciadas como revistas, fosse pelo caráter informativo variado de seu conteúdo, incluindo a ilustração, ou, de acordo com a definição de seus proprietários, no propósito de valorizar a publicação, qualificando-a em relação ao jornal.

68. Lima Barreto, "Literatura e Arredores", *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, 10 maio 1919. *Apud* Lima Barreto, *Impressões de Leitura*, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 184. Grifo nosso.
69. Sandra Lúcia Lima, *O Espelho da Mulher*, São Paulo, Doutorado História-USP, 1991, p. 230 [mimeo.].

A *Revista da Semana*[70], de Valentim Magalhães e Max Fleiuss, de 1885, talvez o melhor exemplo, ou a *Revista Ilustrada*[71], de 1876, de Angelo Agostini, tinham denominação e pretensão de revista, não obstante a aparência de jornal.

Insistindo que o gênero se produziu conforme sua especial historicidade, em 1920, o mesmo Lima Barreto admitia a configuração definitiva de uma revista, percebida na *Revista do Brasil*, fase Monteiro Lobato. Ali reuniam-se assuntos variados, de lavra competente, gravuras e desenhos, numa representação ideal do protótipo da revista de cultura.

> A *Revista do Brasil*, de São Paulo, é hoje sem dúvida nenhuma publicação verdadeiramente revista, que existe no Brasil. Muitas outras há dignas de nota, como a *América Latina*, que um grupo de moços de iniciativa e talento vem aqui mantendo.[...]
>
> A *Revista do Brasil*, entretanto, é mais equilibrada e pode e deve ser a mais popular. Têm, os seus números, assuntos para os paladares de todos os leitores. Como muitas de suas congêneres estrangeiras, é fartamente ilustrada, procurando os seus editores reproduzir pela gravura quadros nacionais notáveis e/ou desenhos de antigas usanças e costumes de nosso país. Publicada em São Paulo, ela não se inspirou pelo espírito e colaboração no Estado em que surge.
>
> Nela são tratados assuntos que interessam a todo este vasto país, como diz a canção patriótica, assim como nos seus sumários se encontram nomes de autores que nasceram ou residem nos quatro cantos dessa terra brasileira. Não vai nisso nenhuma censura de minha parte, tanto mais que já tive a honra de ocupar suas páginas com coisa minha [...][72].

Acima de todos estes títulos arrolados, porém, pairava um exemplo maior, a reforçar a síndrome de revistas que então assolou a Capital paulista. Emergia da corrente de referências dúbias de nomenclatura e forma daqueles periódicos, configurando, definitivamente, o modelo "revista". Introjetada no imaginário da época, convencionado por uma determinada memória a ser a *revista por excelência*, paradigma do modelo, quase seu sinônimo, circulava, ainda vitoriosa, a *Revue des Deux Mondes*.

70. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Typ. da Gazeta de Notícias [Tip. Aldina], 1885-1895. Ver *ABN*, Rio de Janeiro, 1965, vol. 85.
71. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, Typ. Hildebrand, Lith. a vapor de Angelo e Robain, 1876-1898.
72. Lima Barreto, "O Professor Jeremias". *Apud Impressões de Leitura, op. cit.*, pp. 170-171.

Ícone do Saber: *Revue des Deux Mondes*

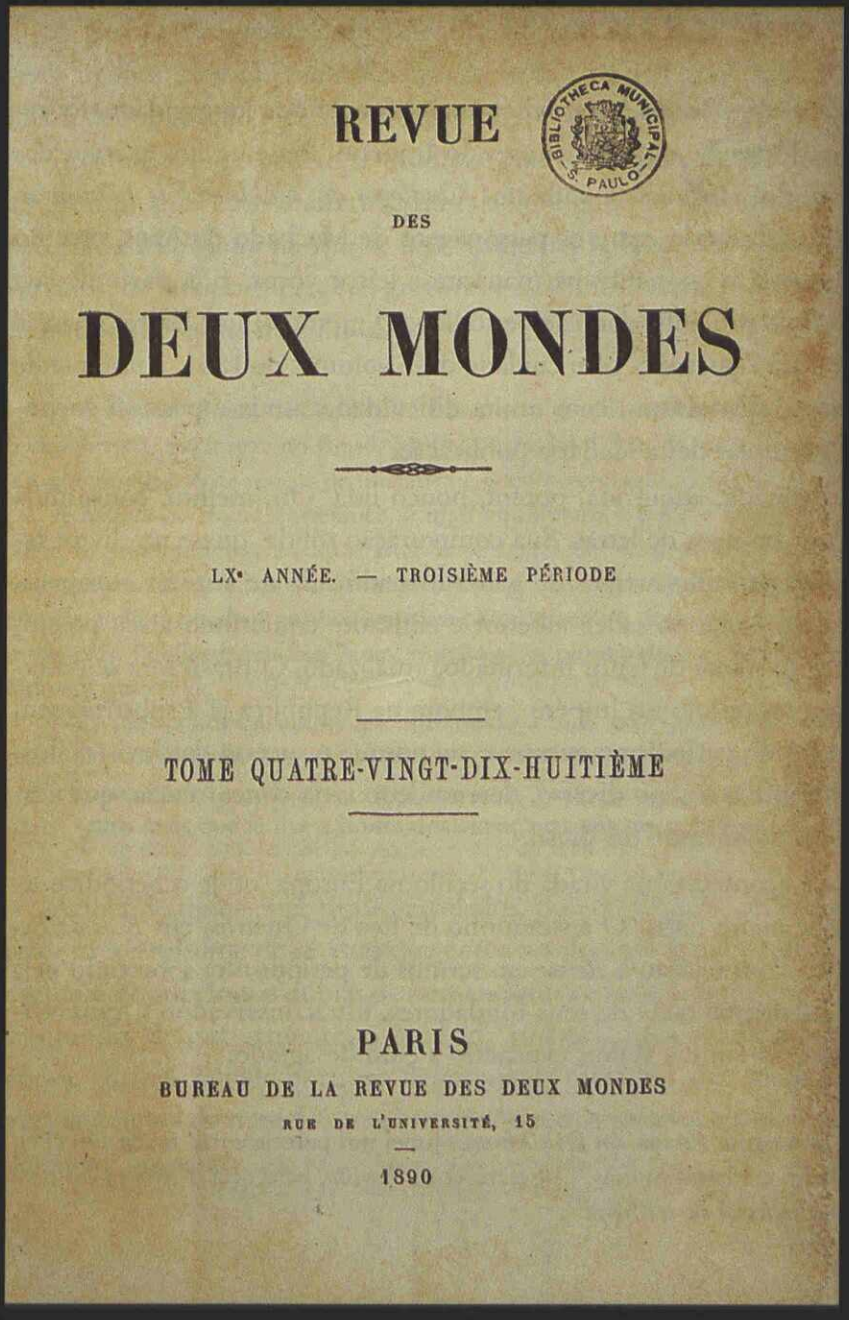
A *Revue des Deux Mondes*[73], periódico francês de grande longevidade, foi revista de cultura festejada entre os leitores do Império. Presente nos acervos das raras bibliotecas do país, mencionada nos *Catálogos dos Gabinetes de Leitura* ao final do século, circulando entre os personagens de Machado de Assis, teve no Imperador Pedro II o assinante permanente e leitor voraz. Boa parte de sua renomada erudição provinha daquele periódico. O mestiço Lima Barreto não se furtou à sua leitura e guardava com cuidado doze volumes de 1851, e um lote de 1877[74]. Hoje, em alfarrabistas, com muita dificuldade, ainda é possível encontrar-se algum exemplar desta lendária publicação.

Afamada, assinada, adquirida, porém, pouco lida. Ou, melhor, consumida efetivamente por homens de letras. Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformou-a em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor e/ou assinante a aura de leitor informado, atualizado. O Brasil fora seu mercado promissor, sobretudo no Império, embora na República já a substituíssem por outros títulos do periodismo europeu; até porque o sucesso das revistas ilustradas, não obstante o escopo diverso, desencadeou séria concorrência, que acabou por abalar seu consumo no Brasil.

O mesmo já acontecera na virada do século na Europa, onde o periódico tivera seus dias de maior fama. O testemunho de Eça de Queirós, em *Ecos de Paris,* vinha crítico com relação à *Revue* em termos de periodismo, sobretudo pela permanência da mentalidade de seus fundadores, ultraconservadores, uma verdadeira dinastia, da família Buloz, evocando-a com desagrado:

> [...] séria e ponderosa *Revista dos Dois Mundos* [que] nos parecia então exalar um cheiro horrendo a bafio e a letras mortas. [...] escrever na *Revista*, pertencer à *Revista* era para nós uma maneira especial de ser fóssil[75].

73. *Revue des Deux Mondes*, Paris, Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1890, LX année, troisième période, tome 88. Iniciou-se em 1831 e permanece até o presente.
74. Lima Barreto, *O Cemitério dos Vivos*, São Paulo, Brasiliense, 1954, pp. 242-248.
75. Eça de Queirós, *Ecos de Paris*, Porto, Chardron, 1919, p. 82. Grifo nosso.


REVUE

DES

DEUX MONDES

LXe ANNÉE. — TROISIÈME PÉRIODE

TOME QUATRE-VINGT-DIX-HUITIÈME

PARIS

BUREAU DE LA REVUE DES DEUX MONDES

RUE DE L'UNIVERSITÉ, 15

1890

BIBLIOTHECA MUNICIPAL DE S. PAULO

Um Paradigma • Discreta no tratamento gráfico, sem ilustração e com episódicos anúncios, a revista era solene no conteúdo e na apresentação. *Revue des Deux Mondes*. Paris, Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1890.

SIhi

Criticando veementemente os tradicionais proprietários, informava a mudança de direção, após mais de meio século de controle, "raça destronada por um escândalo do coração":

> Tal é a ironia das cousas! A mais austera, solene, pudica de todas as publicações européias, tendo chegado aos sessenta anos, sem que nunca uma realidade ardente das cousas d'amor houvesse maculado as suas páginas, tem de repente de se separar de seu diretor, do homem que a simbolizava, por motivos de patuscada em alcovas ilegítimas! *Habent sua fata Revistoe*[76].

Não obstante a superação da *Revue des Deux Mondes*, fosse pela sua proposta não renovada ao longo dos anos ou mesmo pela mudança de direção, que não lhe conferiu novos rumos, guardou-se dela uma memória que a consagrou como periódico de superior qualidade, representativo do que havia de melhor no gênero. Seu formato de livro, a seqüência exclusiva de artigos, textos densos de temática selecionada, sem ilustração, sem propaganda, permaneceram como modelo de revista cultural, diferenciada da *Ilustrada* e do *Magazine*. A própria *Revista de Portugal*, criada e dirigida pelo seu severo crítico Eça de Queirós, repetia-lhe a proposta gráfica e o formato. Não seria improvável que parte das revistas brasileiras de cultura da virada do século a tivessem como referência visual, da *Revista Brasileira*, na fase Midosi, à *Revista do Brasil* em sua primeira fase, de 1916. Também não é descabido perceber sua influência nas revistas institucionais paulistas que nasceram com a República, conformadas de acordo com aquele modelo, a exemplo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, de 1895. Diga-se, aliás, que se copiava o que havia de melhor no gênero. A França sempre fora nossa referência cultural, a influência mais forte nas letras do País e seus impressos tinham colocação garantida no Brasil. Mais ainda quando editores franceses descobriram o promissor mercado paulista, com representações comerciais de toda ordem a espalhar-se pelo *Triângulo* da Capital. Dos figurinos aos vinhos, das jóias aos livreiros, o modelo teimava em ser francês. Inspiração de nosso periodismo, as revistas francesas constituíram-se em suas matrizes por excelência.

76. Segundo Eça de Queirós, Buloz foi chantageado por envolvimento amoroso, que lhe abalou a reputação, resultando no divórcio de Mme. Buloz enquanto uma assembléia de acionistas determinava seu afastamento da revista, pp. 88-91.

Slhi

Sedutoras Matrizes Francesas

O *Diabo Coxo* e o *Cabrião*, de Angelo Agostini, considerados os primeiros periódicos ilustrados paulistas, já traziam no título a marca francesa. O *Diabo Coxo* vinha do popular romance francês de Lesage – *Le Diable Boiteux*[77]; o *Cabrião* nada mais era senão *Cabrion*, o pintor travesso, que tirava o sono de *Pipelet*, personagens do folhetim de sucesso *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue[78]; se preferível, Cabrion seria o *alter ego* de Agostini, pintor irreverente, pronto para a crítica social, voltada especialmente contra a Igreja. A partir de 1876, a *Revista Ilustrada*, do mesmo Agostini, agora no Rio de Janeiro, emprestara seu título da *Illustration Française*, de Paris. Traços de Daumier e Gustave Doré, ilustradores franceses, também podem estar na raiz do desenho de Agostini, se atentar-se bem a seu traço. Contudo, cabe à revista *A Estação* exemplificar a força do modelo francês e a ligação efetiva do público leitor com aquele periodismo. A começar pelas circunstâncias de nascimento de sua versão brasileira[79]. Marlyse Meyer, mais uma vez, desvendou o mistério.

> *A Estação* foi a continuação brasileira da publicação francesa *La Saison* [da qual conservou a diagramação do cabeçalho], que circulou no Brasil entre 1872 e 1878. Prolonga-lhe também a seriação, assim, o primeiro número da *Estação* começa no ano VIII[80].

A manutenção da seriação é elucidativa, revelando que, por seis anos, a revista francesa, em tiragem especial para o Brasil, em francês, tivera mercado garantido por mais de um lustro, fato incomum na época. A reprodução de seu primeiro artigo de fundo, da fase editada em português, revela as adaptações para o Brasil:

77. Maria Ligia C. Prado esclarece que *Diabo Coxo*, de Alan René Lesage, foi título do primeiro romance publicado no Brasil, em 1810. Antes dele, circulou no Rio de Janeiro, outra obra de Lesage, *As Aventuras de Gil Blas*, publicado pela Impressão Régia de Lisboa, em 1799, com tradução da 1ª parte por Bocage. Maria Lígia C. Prado, *Novelas para Mulheres no Brasil Joanino*, Cambridge, junho de 1996 [mimeo.]. Curiosamente, ambos os títulos denominavam revistas de caráter crítico social [*Diabo Coxo*, 1864, São Paulo] e nacionalista [*Gil Blas*, 1919, Rio de Janeiro]. Sobre a última: Lúcia Lippi Oliveira, *A Questão Nacional na Primeira República*, São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 150.
78. Marlyse Meyer, *Folhetim, uma História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996; Délio Freire dos Santos, Prefácio à edição fac-similar de *Cabrião*, *op. cit.*, pp. 25-26.
79. Análise apurada e instigante de *A Estação* foi feita por Marlyse Meyer, *Caminhos do Imaginário no Brasil*, São Paulo, Edusp, 1993, pp. 73-107.
80. *Idem*, p. 76.

Aos Nossos Leitores

Começa este número o 8º ano do nosso jornal e foram tantas as provas de animação dispensadas a esta empresa desde o começo, pelo respeitável público em todo o Império, que afinal vemos coroados os esforços constantes [...] e cada vez mais nos aproximamos ao fim que desde o princípio nos propusemos: criar um *jornal brasileiro* indispensável a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época.

Acabamos de folhear a coleção completa dos nºs publicados sob o título *La Saison – Edição para o Brasil* e não é sem experimentarmos um intenso sentimento de satisfação [...]

Às nossas amáveis leitoras e principalmente àquelas que nos acompanham desde 1872 perguntaremos: cumprimos [...] nosso programa, auxiliando e aconselhando as senhoras mais econômicas, fornecendo-lhes os meios de reduzirem a sua despesa, sem diminuição alguma do grau de elegância a que as obrigava a respectiva posição na boa sociedade, incutindo ou fortificando-lhes o gosto para o trabalho [...]

[...] antigamente a moda apenas mudava duas vezes ao ano. Em Paris, em outubro apareciam as pelúcias, os vestidos escuros. [...] Hoje, felizmente, a moda, mesmo em Paris, altera-se de dia para dia; constantemente aparecem novas criações [...] as quais, pelo seu grande número e variedade, posto que sempre imaginadas em estações contrárias, fornecem elementos para que, aplicados com inteligência, possamos, aqui, trajar na última moda, fugindo do contra-senso. O jornal de modas brasileiro, pois, que outrora seria uma impossibilidade, é possível hoje.

A *Estação* será o primeiro jornal deste gênero.

Continua a folha como até agora, no que diz respeito à parte de modas. [...] Por esse lado continuará o nosso jornal a ser parisiense. [...] Por outro lado porém, na parte agradável e recreativa, devíamos torná-lo *nosso* e assim o fizemos. [...] Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade e neste número encetamos a publicação de uma produção de um dos nossos mais talentosos e festejados romancistas, que, especialmente para o nosso jornal, a escreveu [...][81].

As nossas leitoras [...] dignem-se cada uma delas recomendar, às vezes, a *Estação* às suas amigas, como se pode recomendar um conhecido em quem se confia, que nós, cônscios de nossa dívida, de reconhecimento saberemos patenteá-lo [...][82].

A parada nessa *Estação* do Rio de Janeiro foi imperiosa, pelas tantas histórias que revela de nosso periodismo. Mas, o território em análise é São Paulo e os tempos são outros. Ajustando tempo e espaço, convém desembarcar na Capital paulista.

Na Paulicéia, a inspiração francesa não se circunscreveu aos apelos de rendas, figurinos e modas, de exclusivo consumo feminino. O campo ampliou-se razoavelmente, definido por interesses de ordem vária que coexistiam na Capital do

81. Tratava-se de Machado de Assis, regular colaborador da *Saison/Estação.*

82. *A Estação, Jornal Ilustrado para a Família*, Rio de Janeiro, Livraria Lombaerts & Cia., 15 jan. 1879, n. 1, ano VIII. *Apud* Marlyse Meyer, *op. cit.*, pp. 77-78. Grifo nosso.

Fórmula de Sucesso • O cultivo das artes como figurino começava a entrar nos lares. Em particular, o hábito da leitura passava a ser fundamental para a mulher elegante. Adereços artísticos e livros complementavam o universo feminino nas páginas dos magazines de sucesso. • 1. *La Saison. Edição para o Brasil*, Paris, out. 1876. • 2. *A Estação. Jornal Illustrado para a Família*, Paris, fev. 1899.







A partir das revistas de moda, a qualidade técnica da reprodução se aprimorava, recurso fundamental para a divulgação de modelos, riscos e cortes. *A Estação. Jornal Ilustrado para a Família*, Paris, 1899, n. 3.

café, agora atraente empório comercial da América do Sul. A população quadruplicara, saltando de 64.934 habitantes em 1890 para 239.820 habitantes em 1900; a população estrangeira tomara vulto singular, configurada não apenas pela massa imigrante, mas por estrangeiros investidores, representantes de firmas européias e norte-americanas, e mesmo de particulares, que conformavam parte da população leitora, ávida de informação.

Com tal demanda, proliferaram as revistas estrangeiras, de feitura superior, apoiadas em capitais de fora. Sofisticaram-se na qualidade do papel, através do corpo de colaboradores, circulando no Brasil e no exterior, especialmente em territórios de língua portuguesa.

Algumas delas vinham bilíngües, para alcance de maior público. Sua aquisição, em geral por assinatura, não foi desprezível, fruto do arraigado hábito das elites brasileiras de leitura e consumo de artigos provenientes da França.

Produzir revistas sobre o Brasil passou a ser um bom negócio, especialmente para os franceses. Vamos em busca de algumas delas.

De Paris para o Brasil, *via* Bordéus: Comércio, Política e Frivolidades em Cuchê

Em São Paulo, a dependência do periodismo francês foi expressiva, instrumento decisivo para divulgação de hábitos e produtos em voga no mercado de alto consumo. A começar pelo exemplo inaugural, a luxuosa *Revue du Brésil*[83], de 1896, com sede em Paris, sob direção do jornalista italiano Alexandre D'Atri. Redigida em três línguas – francês, italiano e espanhol –, bimensal, confirmava significativo público leitor estrangeiro, interessado em informações sobre o País. Segundo seu editor, a revista era também muito lida pelos brasileiros residentes na Europa, assim como pelos brasileiros em *villegiatura* constante por aqueles países, encontrada nos hotéis de suas preferências.

O Brasil republicano começava a aparecer na geografia comercial e interessar ao mundo. Especialmente aos países europeus latinos, que despertavam para a potencialidade de novo mercado, num País de formidável extensão territorial, recebendo contingentes populacionais com a imigração, livre das amarras da escravidão, da religião católica obrigatória, vivenciando o liberalismo econômico.

83. *Revue du Brésil*, Paris, Imprimerie gliptographique Silvestre et Cie., nov. 1896, n. 1.

Slhi

O jornalista D'Atri, republicano ferrenho, entusiasta do Brasil, encarregava-se de sua ampla divulgação. Já publicara um volume ricamente ilustrado, sob o título *Hommes et choses du Brésil*; em seguida, lançara a *Revue du Brésil*, fato noticiado na ocasião por outro órgão com o mesmo fim, o jornal *Le Brésil*, igualmente editado em Paris. Contudo, foi o periódico *Le Jour* que anunciou o propósito da *Revue*, insistindo em seu caráter propagandístico político.

[...] Les partisans du vieux régime ne désarment pas et c'est évidemment pour répondre à leurs attaques, non en soulevant des polémiques virulentes, mais en disant simplement ce qui est, que vient de se fonder à Paris, sous l'impulsion de M. D'Atri, um américologue [pardon du néologisme!] de grand valeur, doublé d'un ferme républicain, *La Revue du Brésil* [...][84].

Lançada em 1896, quando grupos remanescentes monarquistas ainda se debatiam pela sua causa, sob a divisa LABOR OMNIA VINCIT, a *Revue du Brésil* colocava-se como propagandista da República, quase uma porta-voz jacobina do período. Insistindo no anacronismo da monarquia e na fábula que se tornara o direito divino, veiculava artigos denunciando conspirações monarquistas. Em 1897, estampava telegrama de Campos Salles, anunciando o fechamento do Centro Monarquista de São Paulo como medida de ordem pública, informando:

[...] Cet ordre obéi sans la moindre résistance et sans qu'il y eût besoin d'employer la force. La population est satisfaite de cette mesure, et la ville présente un aspect normal[85].

O fervor republicano de D'Atri levou-o como editor arguto e bom negociante a investir na potencialidade da "jovem República", veiculando as possibilidades de investimento, do progresso então vivido. Ardilosamente, vendia uma imagem promissora e atraente, contrapondo o "caráter pacífico" da transição política do País à belicosidade e agitação das demais repúblicas latinas, marcadas por convulsões freqüentes. E mais. São Paulo era focalizado como "o mais promissor Estado da Federação".

Les lecteurs de la *Revue du Brésil* savent que parmi les vingt états de la fédération sud-américaine celui de Saint-Paul est actuellement, sans contredit, le plus prospère et en même temps le plus fréquemment visité par les commerçants étrangers. La culture du café et

84. "Lé Brésil", *apud Revue du Brésil, op. cit.*, 1896, n. 2, p. 31.
85. *Revue du Brésil, op. cit.*, 1897, n. 3, p. 47.

A Propaganda da Republica • Em moldura *art nouveau*, a veiculação da imagem paradisíaca e pitoresca do país, encimada pela paisagem da Baía de Guanabara. A sugestão da fertilidade e extensão da terra ladeiam o mapa do Brasil, com as figuras do homem e da mulher. Arrematando a ilustração, elementos da agricultura local, a cana-de-açúcar e o café. *Ilustração Brasileira*, Bordéus/Paris, 1901, n. 3.





PREMIÈRE ANNÉE. — N° 2. Le Numéro : 1 franc. 15 NOVEMBRE 1896

REVUE DU BRÉSIL

BI-MENSUELLE

Labor omnia vincit. BUREAUX : 56, RUE SAINT-GEORGES

ABONNEMENTS : PARIS ET DÉPARTEMENTS : Un an, 24 francs; six mois, 12 francs. — UNION POSTALE : Un an, 30 francs; six mois, 15 francs.

BRÉSIL

GOUVERNEMENT PROVISOIRE DE LA RÉPUBLIQUE BRÉSILIENNE

A "Luz da Ilustração" e o ramo da fertilidade agrícola são conduzidos pela mulher livre que simbolizava a República, apoiada na porção do globo alusiva ao Brasil. A figura feminina da capa, vitoriosa, iluminava os personagens do primeiro governo republicano. *Revue du Brésil*, Paris, 1896, n. 2.

SIhi

l'exportation extraordinaire qui se fait par le port de Santos sont les causes principales de cette richesse, croissante d'année en année[86].

A descrição da festa republicana de 15 de Novembro na Capital vinha com entusiasmo.

A Saint-Paul, la commémoration du XV Novembre a revêtu un caractère brillant et populaire à la fois. Toute la ville était pavoisée [...][87].

Entre 1896 e 1897, a *Revue du Brésil* cumpriu papel esclarecedor, produzindo uma série de informações sobre o Brasil, praticamente desconhecido no além-mar; tirou dúvidas sobre a emigração, focalizou brasileiros de renome no campo artístico, noticiou a Guerra de Canudos, com chamada sobre "a partida do Coronel Moreira César que combateu o bando de malfeitores do famoso Antonio Conselheiro"[88], situou o Comtismo e o Socialismo no Brasil e, finalmente, se autoproclamava responsável pela divulgação da literatura dos melhores escritores brasileiros na Europa Central.

C'est la *Revue du Brésil* qui commence à faire connaître dans l'Europe Centrale les beaux noms littéraires nouveaux du Brésil. Nous avons la certitude de rendre un très grand service aux lettres brésiliennes modernes[89].

Enfatizando que a literatura revivia com a República, estampava em suas páginas a produção literária nacional, com destaque para Machado de Assis, em foto de 1897, quando da posse como Diretor da Secretaria da Viação, e por Coelho Neto, ao lançar *Sertão*, definido como "o mais importante literato brasileiro"[90]; mencionava ainda trabalhos de Antonio Austregésilo, Nestor Vitor e Adolfo Caminha. A morte deste último, aos 30 anos, de tuberculose, foi noticiada no periódico por ele dirigido. Oportuno lembrar que os dois últimos autores foram republicanos de primeira hora, ferrenhos partidários da causa, solidários com Floriano, o que explica, em parte, o destaque na revista do mesmo perfil. Anun-

86. *Revue du Brésil, op. cit.*, 1895, n 15, p. 230.
87. *Idem*, 1897, n. 4, p. 61.
88. *Idem*, 1897, n. 9, p. 48.
89. *Idem*, 1897, n. 21, p. 336.
90. *Idem*, 1897, n. 12, p. 226.

ciavam-se, igualmente, os lançamentos de livros das escritoras Zalina Rollin, *O Coração*, e Júlia Lopes de Almeida, *O Livro das Noivas*.

A valorização do País prosseguiu com a exaltação das figuras brasileiras de expressão no exterior: o compositor Carlos Gomes, a diva paulista Clotilde Maragliano – soprano que Verdi preferiu a Eva Tetrazinni –, a pianista Guiomar Novais e o talentoso pintor Eliseu Visconti, que reproduzira caprichosamente, em heliotipia, o quadro *Lanças*, de Velásquez. Festejava a produção periódica brasileira, mencionando as revistas do Rio de Janeiro, *A Bruxa*, de Olavo Bilac e Julião Machado, *D. Quixote*, de Angelo Agostini e a *Tebaida*, extinta havia dois anos. Pela contribuição desta última, estampava foto dos jovens literatos de seus quadros; para São Paulo, o destaque coube aos jornais *Diário Popular*, *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*.

O panorama rico de informes que a *Revue du Brésil* legou do País nesta década republicana – que deve ser visto com reservas – decorria da qualidade do corpo de colaboradores, conforme discriminado em seu expediente: Afonso Pena e Rubião Junior, parte financeira; Herculano de Freitas, Quintino Bocaiúva e os publicistas Ferreira de Araújo e Giuseppe Fogliane, parte política; Afonso Arinos, Alfredo Pujol, Carlo Parlagreco, Mário Cattaruza e Edmundo da Veiga, parte artística e literária. Com exceção da seção política, assumida por republicanos históricos, os demais não se destacavam por partidarismo extremado; Afonso Arinos, inclusive, não disfarçava a simpatia monárquica.

Todavia, entre a adjetivação elogiosa, vinha uma crítica severa, destilada contra Dr. Fort, personalidade expulsa do Rio de Janeiro, que publicara no jornal *La Presse*, de Montreal, "cobras e lagartos sobre o Brasil". Curioso que a *Revue du Brésil* reproduziu suas críticas, não obstante o possível efeito demolidor sobre a imagem cuidadosamente construída, que insistia no "brilhante porvir que espera à moderna República". O inusitado do texto, em meio às costumeiras páginas edulcoradas pelas benesses e qualidades do País, vale sua reprodução. Trazia à baila o estereótipo negativo corrente sobre o Brasil, terra onde grassavam epidemias, falta de higiene, população indolente, pouco afeita ao trabalho, assemelhada aos macacos no hábito da imitação:

> La fièvre jaune causa à Rio de Janeiro deux ou trois cents victimes par jour, que les cadavres sont abandonnés dans les rues et à la porte des cimetières, qui les Brésiliens sont vaniteux et qu'ils ont le talent de l'imitation, comme les macaques, que le Brésil attire les

émigrants pour en faire des esclaves, que le peuple brésilien est un peuple décadent et incapable de s'adonner au travail, qu'il existe dans le pays la collection d'insectes la plus dangereuse qu'on puisse imaginer, [...] que des moustiques fantastiques sucent le sang des personnes en produisant des plaies, que la température normale est de 41 degrés centigrades à Rio de Janeiro, que la férocité des habitants est dangereuse et qu'on doit se tenir à distance et bien d'autres calomnies dont nous faison grâce à nos lecteurs[91].

Data deste mesmo ano de 1896, igualmente via Paris e voltada para o mesmo público-alvo, a já mencionada *Revista Moderna,* ousada iniciativa do brasileiro Martinho Botelho. Impressa em português, trazia capa em cores, papel couché, resultando em publicação de nível, sobretudo, pela colaboração de Eça de Queirós e Eduardo Prado. Ao contrário, porém, da *Revue du Brésil,* o editor da *Revista Moderna* veiculou intensamente as proezas das casas reais européias, revelando embevecimento pelos hábitos aristocráticos, divulgando a vida elegante e refinada da nobreza em permanente lazer, a pompa e circunstância do auge do vitorianismo, contrapontos que enriqueciam o panorama *Belle Époque* então vivido. Não descuidava, porém, da propagação de uma imagem brasileira, associada à qualificação da lavoura do País, modernizando-se e potencializando investimentos de toda ordem. Como paulista, de família proprietária de terras, divulgou o avanço do Estado, traduzido pela otimização da lavoura e dos meios de transporte.

Com a entrada do novo século registrou-se uma ligeira mudança no circuito que tinha Paris como foco difusor desse periodismo de exportação. Em 1901, veio a público a revista *Ilustração Brasileira*[92], trazendo numeração de páginas seqüencial, induzindo à coleção, reforçando a constância na obtenção de seus números. Com escritório em Paris, era impressa em Bordéus, porta de entrada e saída de brasileiros na Europa. Atendia a essa valiosa fatia de mercado presidida pelas oportunidades de negócios que se anunciavam em território brasileiro, agora republicano, divulgado como promissor.

As práticas de venda dos impressos desse segmento se faziam compatíveis com o nível de seus consumidores, representados por grupo social internacional de posses, grandes investidores, cosmopolitas, em trânsito pelos novos mercados, cruzando mares em vapores que demandavam os portos de maior movimento,

91. *Idem*, jan. 1897, n. 5, p. 78.
92. *Ilustração Brasileira*, Bordéus/Paris, ano I, 1º ago. 1901. O último n. conhecido é de julho de 1902, n. 12.

freqüentando os hotéis de *villegiatura* da elite. Para essa categoria de publicação a assinatura foi o recurso de venda quase exclusivo, encartando-se em seu interior o pedido em que constava indicação do local de venda e/ou representante. A julgar pelos anunciantes, dispunha de avultados capitais, figurando nela hotéis de luxo, grandes comerciantes de vinhos, casas de modas de Bordéus e Paris e Companhia das Loterias Nacionais do Brasil no Rio de Janeiro. Em última instância a revista era o protótipo do *armazém-magazine*, quase um catálogo de vendas.

Mais do que reproduzir a original *Illustration Française*, vinha confirmar a voga do periodismo francês das revistas ilustradas, fórmula efetivamente apreciada no Brasil, indiciando um espectro de leitor de elite, com potencial econômico para seu consumo. Isso porque, a revista era luxuosa, em grande formato, papel couché, ao custo de 24.000 réis a assinatura anual, quantia elevada para a época. De conteúdo nitidamente promocional, trazia estampada em seu primeiro número a fotografia da família do então Presidente da República, Dr. Campos Salles, no melhor estilo de reprodução de grupo da elite da época. Em seu artigo de apresentação propunha-se a informar e documentar sobre os feitos do País:

> Estreitar relações entre o velho e o novo mundo. Acompanhar [...] o desenvolvimento de nossa pátria, historiando seus progressos, registrando as suas glórias, arquivando a memória de seus homens ilustres de todos os tempos, documentando enfim, de uma maneira clara e interessante, o importantíssimo período que o Brasil agora atravessa[93].

Na mesma linha das publicações anteriores, reeditou o discurso do progresso, creditando o Brasil como alvo de negócios promissores. Investindo em homenagens a republicanos ilustres e tradicionais monarquistas, a revista não se descuidou de agradar ao segmento economicamente potencializado, vindo de encontro às suas demandas. Naquelas páginas, em meio às propagandas de vinhos franceses e manteigas, introduziam-se outras finas iguarias, ricamente embaladas: poesias e contos de Júlio Brandão, Domício da Gama, Carlos Magalhães de Azeredo, Gonzaga Filho e folhetim de D. João de Castro; o *Correio da Moda*, pela Baronesa de Mayerville; aspectos da vida política, especialmente matérias sobre a rainha Vitória, por Reginald Mac-Kenna; curiosidades científicas e até reportagens sobre animais de luxo da Europa. O espectro temático não poderia ser mais amplo, fórmula ideal para atingir público variado.

93. *Ilustração Brasileira*, Bordéus/Paris, ano I, 1º ago. 1901.

A Publicidade do Governo no Exterior • 1. O presidente Campos Salles e família deixam-se reproduzir na internacional *Revue du Brésil*, com vistas à propaganda do regime republicano veiculando a representação patriarcal do país em figurino civilizatório. *Revue du Brésil*, Paris, 1896, n. 1. • 2. O presidente Campos Salles na revista *Ilustração Brasileira*, de significativa circulação pelo Brasil e exterior, em pose de estadista, veiculando a imagem do país que se queria da Ordem e do Progresso. *Ilustração Brasileira*, Bordéus/Paris, 1901, n. 1.


PREMIER ANNÉE. — N° 1. Le Numéro : 1 franc. 1er NOVEMBRE 1896

REVUE DU BRÉSIL

BI-MENSUELLE

Labor omnia vincit

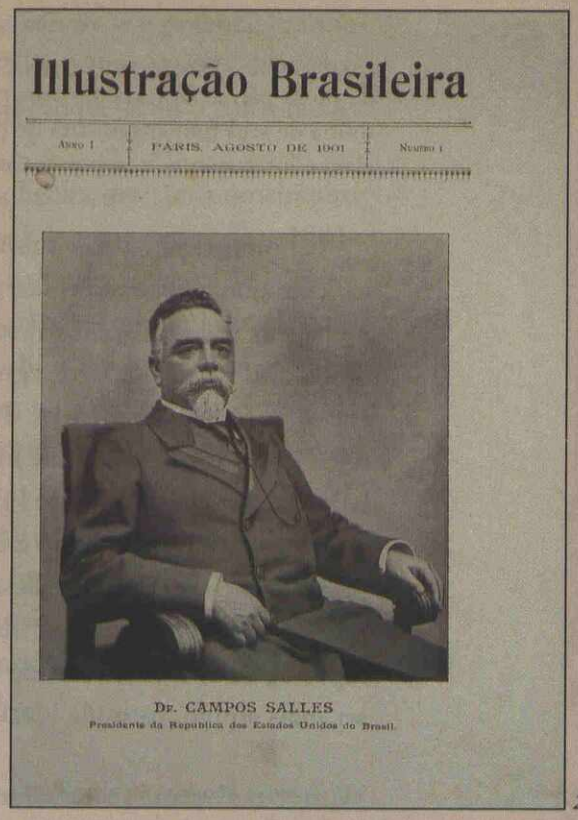
BUREAUX : 38, RUE SAINT-GEORGES

ABONNEMENTS : Paris et Départements : Un an, 24 francs ; six mois, 13 francs. — Union Postale : Un an, 30 francs ; six mois, 15 francs.

LA FAMILLE DU PRÉSIDENT DE L'ETAT DE SAN PAUL

La République affermie

1


Illustração Brasileira

ANNO I | PARIS, AGOSTO DE 1901 | NUMERO 1

DR. CAMPOS SALLES

Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

2

Frivolidades embaladas em *couché* que seguiam para pontos diversos do País, com agentes na Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco. Tudo indica que São Paulo centralizava sua representação no Brasil, pois ao lado de reclames de firmas francesas, constavam apenas anunciantes da praça paulistana. A revista chegava até o Rio de Janeiro, mas ao que consta o controle daquele mercado por comerciantes portugueses não incentivou a concorrência com a Capital da República. São Paulo, naquele momento, se apresentava como mercado preferencial.

Contudo, quem melhor intuiu as oportunidades da São Paulo do café foi o próspero comerciante francês Charles Hu, Conselheiro do Comércio Exterior da França, comerciante de vinhos e exportador de conservas alimentares. Em 1904, lançava a revista *France-Brésil, revue mensuelle de propagande industrielle et commerciale.*

Editor atilado, produziu periodismo comercial de qualidade em que, viradas as páginas iniciais, de propaganda de vinhos e produtos comestíveis de sua fabricação, sucediam-se crônicas, contos e poesias. Nas páginas finais e na contracapa, persistiam novas marcas de vinho e pontos comerciais de interesse na cidade. Acima de tudo, veiculava a imagem da *São Paulo do Progresso.* Aperfeiçoando o gênero de periódico comercial ilustrado, de variedades, divulgava informações financeiras, cotação da Bolsa, relação de sociedades anônimas da França e do Brasil. Estrategicamente, acenava para o ano seguinte com uma "magnifique agenda instructif et intéressant, orné de ravissantes gravures", apelo irresistível em tempos de descoberta e valorização da ilustração. Seu representante em São Paulo era Henrique de Villeneuve, encontrando-se o periódico à venda ou para assinatura na Casa Garraux, M. Mellimmo e Livraria Laemmert de São Paulo. No Rio de Janeiro, a Laemmert centralizava as vendas; os demais agentes distribuíam-se na Bahia, Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul; circulava ainda na Bélgica, Suíça e Argentina. Com anunciantes de peso, suas páginas estamparam os melhores hotéis da Capital paulista, atacadistas poderosos, companhias de casas lotéricas.

Sem mudar a fórmula, mas alterando o nome, e astutamente impressa bilíngüe, em português e italiano, o mesmo Charles Hu editou, em 1906, *Universo, revista literária.* O papel era *couché,* mas o tratamento gráfico menos ambicioso, de valor mais baixo, visando atingir público diverso, a classe média emergente. Enquanto a assinatura anual de *France-Brésil* saía ao custo de 16$000, a *Universo*

vinha mais barata, orçada a anuidade em 10$000. Órgão essencialmente de publicidade, metade consistia em anúncios e metade resumia-se ao costumeiro *menu* revisteiro: contos, crônicas, poesias e notas sociais.

Vale lembrar que todas as revistas de Charles Hu eram impressas em Bordéus, o porto de passagem obrigatória dos brasileiros em demanda da Europa ou no retorno ao Brasil. As facilidades de remessa da publicação pelas linhas de navegação lá sediadas concorreram para que a iniciativa de Hu resultasse em sucesso e, mais que isso, gerasse escola[94].

No rastro desses modelos de fatura francesa, emergiu um especial periodismo paulista, calcado naquelas fórmulas: muita gravura, intensa propaganda e a venda da imagem do progresso. Ou, melhor, do progresso de São Paulo. O modelo francês de revista, já aprovada até por sua tradição, inspirou os lançamentos da Capital econômica do País, que iniciava a diversificação de suas temáticas periódicas, sinalizando comunidades consumidoras e leituras específicas. Fórmula certa, mercado garantido, presidido pela padronização do gosto internacional, conforme sugeria a produção editorial francesa.

Em 1896, uma das primeiras cópias: a revista *A Bicicleta* e sua matriz, a *Revue Mensuelle du Touring Club de France*, de 1894. Assim como aquela, o formato era de pequeno jornal, com uma sofisticação para a época, a impressão em papel jornal colorido. Do fundo azul-cobalto, o clichê do cabeçalho de excelente qualidade gráfica reproduzia, com ligeiras diferenças, a primeira página do exemplar francês. Explica-se a superior categoria visual de *A Bicicleta*, pois seu proprietário, Otto Husembacher, esportista exímio, era proprietário de gráfica, valendo-se duplamente da publicação para estimular o esporte e divulgar seu negócio.

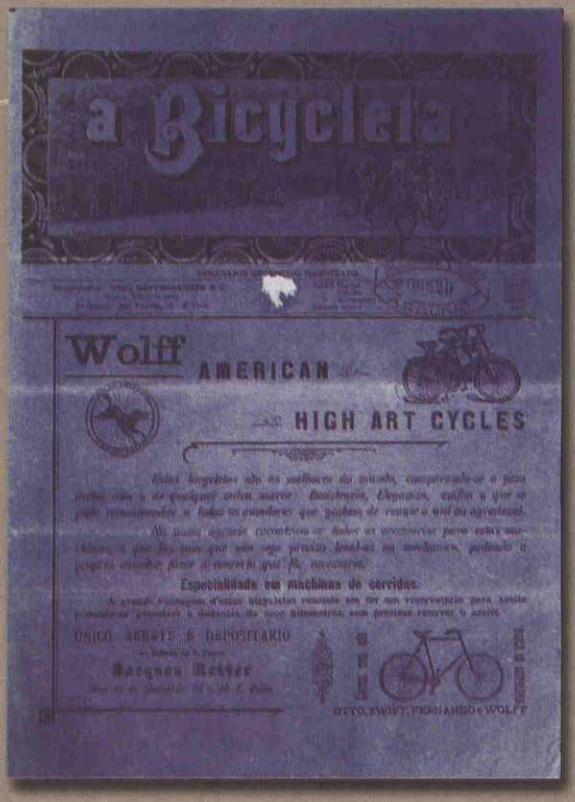
Outras revistas paulistanas do período, materialmente mais modestas, revelaram a adoção da fórmula francesa, tanto no projeto gráfico como de conteúdo. Desde 1893, o lançamento da *Ilustração Paulista*, em papel-jornal, com redação de Arthur Breves, ilustra o envolvimento com o modelo ilustrado francês, de proposta "mundana", tom mais leve e ligeiro, típico das revistas ilustradas e mesmo dos magazines, esses últimos com forte apelo comercial. Seguiram-lhe *A Vida Sportiva*, de 1903; *Nova Cruzada*, de 1903; *São Paulo Magazine*, de 1906; *Ilus-*

94. Revistas francesas que circularam em São Paulo, entre outras: 1887, *Revue Française;* 1891, *France au Brésil*; 1892, *L'Écho du Brésil*; 1894, *O Progresso* [bilíngüe]; 1895, *L'Éclaireur* e *Le Bulletin Français*; 1901, *Le Messager de Saint-Paul*; 1902, *La Petite Revue*;1902, *Le Journal*; 1914, *Le Courrier Français* e *Revue de Saint-Paul.*



A Serviço das Relações Comerciais • A composição reúne elementos da riqueza nacional, exaltando a agricultura, o comércio e a indústria nascente. As figuras femininas simbolizando a ilustração e a fertilidade entrelaçam-se em torno do globo terrestre, ladeando partes dos continentes sul-americano (na sua porção brasileira), africano e europeu. Embalagens de café, o artigo nacional por excelência, cachos de banana, produto típico da terra, e instrumentos de aferição completam a mensagem alusiva à potencialidade econômica e prosperidade do país. *France-Brésil, revue mensuelle de propagande industrielle et commerciale*, São Paulo/Paris/Bordeaux, 1906, troisième année, n. 24.

Slhi



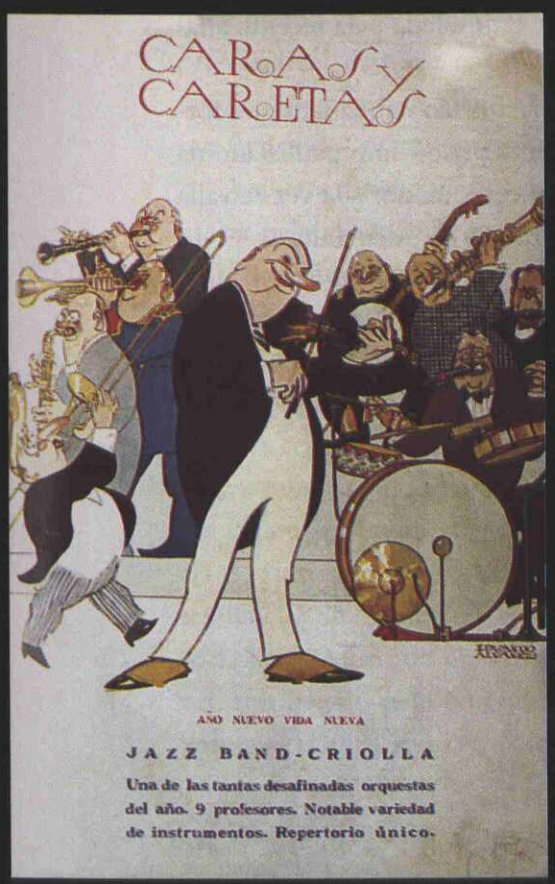
1



2

A Importação de Clichês • Os modelos de cabeçalho, importados, sucediam-se para todos os gostos e tendências. Trazidos da França, que por sua vez os reproduzia de matrizes alemãs, os clichês foram utilizados à exaustão pelas tipografias do país, adaptando seus motivos às mais diversas tendências. • 1. *A Bicycleta*, São Paulo, 1896, n. 1. • 2. *A Bicycleta*, São Paulo, 1896, n. 4.

Intercâmbios de Toda a Ordem • A inspiração das temáticas revisteiras não provinha só da França. Em 1905 reproduziam um modelo de sucesso da Argentina, *Caras y Caretas*, no Brasil reeditado como *Figuras & Figurões*. • 1. *Caras y Caretas*, Buenos Ayres, 1910, ano XIII, n. 427. • 2. Capa da revista *Figuras & Figurões*, réplica da revista argentina *Caras y Caretas*. *Figuras & Figurões. Semanário Magazine Ilustrado*, Rio de Janeiro, 1905, n. 3.



1



2

tração de São Paulo, de 1917; e, até mesmo *São Paulo Ilustrado*, revista do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1920.

Contudo, réplicas expressas do modelo francês vieram no pós-guerra. *Eu Sei Tudo, magazine mensal ilustrado*[95], de 1919, repassava em apresentação mais modesta o modelo francês de 1905, a revista *Je Sais Tout, encyclopédie mondiale illustrée*, editada em papel *couché*, com 148 páginas, ao custo anual de 30$000 a assinatura[96]. De propriedade da Companhia Editora Americana, sob direção de Aureliano Machado, trazia a recorrente adjetivação: *nesta cidade que se civiliza.* Posteriormente, num contexto que escapa do período em análise, lançada em 1936, a revista *Vamos Ler*[97]. De propriedade da Sociedade Anônima A Noite, contava com a direção de Raimundo Magalhães, em papel-jornal e custo baixo, no valor de 32$000 a assinatura anual, o que garantia sua ampla penetração.

Ambas as publicações vinham a lume no Rio de Janeiro, confirmando a importação da fatura periódica francesa, agora voltadas para segmento de consumo médio, definido sobretudo pela faixa etária escolar, estimulada pela recente alfabetização de algumas capitais do País.

Sublinhe-se que, independente de outros simulacros tão coincidentes, a fórmula gráfica e a proposta de conteúdo do florescente periodismo paulistano da virada do século inspirou-se e seguiu o modelo francês, que por sua vez se valia significativamente de matrizes de ilustração provenientes da Alemanha.

95. *Eu Sei Tudo, magazine mensal ilustrado*, Rio de Janeiro, 1919.
96. *Je sais tout, encyclopédie mondiale illustrée*, Paris, Publication Pierre Lafite, 1905, I, jan.-jun., vols. 1 e 11.
97. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, S.A. A Noite, 1936.

Revista: Cultura e Fetiche

O rastreamento das revistas entre bibliotecas públicas, particulares e colecionadores revelou a profusão de títulos, a variedade temática e o surto da modalidade periódica na virada do século. O impresso revista surgiu como objeto imprescindível daquele cotidiano, fosse para homens de negócios ou mães de família, crianças em idade escolar, moçoilas românticas e/ou em busca do último figurino – *moças revisteiras* – na classificação de Monteiro Lobato.

Avaliar a dimensão de seu consumo, contudo, só foi possível em parte. A começar pela raridade de exemplares, dispensáveis até pelas suas próprias características de impresso do momento, ligeiro, materialmente frágeis, de custo baixo, lançados fora tão logo consumidos. Contudo, chegou-se mais próximo de sua propagação, através de referências textuais de autores da época, ou pelo escrutínio de bibliotecas particulares coevas; por vezes, o testemunho de algum usuário remanescente do período, relatando vagas impressões do que significou a revista ao seu tempo, ou o que delas ouviram dizer.

Para o segmento afeito à leitura, homens de letras e intelectuais, a preferência e valorização recaía na revista estrangeira, que o colocava a par das últimas tendências da matéria de seu interesse ou área de trabalho. Foi o caso de Monteiro Lobato, editor da mais afamada das nacionais, a *Revista do Brasil*. Leitor voraz, recuperado pelo biógrafo Edgard Cavalheiro em momento de absorção de leitura periódica, ainda quando promotor em Areias, e assinante de algumas.

> Sabe que em Areias é impossível qualquer coisa séria. [...] Está na cadeira de balanço. É assinante de *Le Rire*, possui exemplares do *Fischietto*, de Turim, recebe também outro jor-

nal italiano, o *Pasquino*. [...] O vaivém monótono da cadeira de balanço casa perfeitamente com a sonolência da rua deserta, quebrada agora com a passagem de um negro velho que passa com uma cestinha vendendo grumixamas. Passa o negro, retorna a modorra, Lobato larga o *Le Rire*, apanha o *Weekly Times*, lê um pouco, cerra os olhos, sonha[98].

Esse aleatório da leitura das revistas, conforme sugere o flagrante acima de 1909, ilustra o irregular e fragmentado hábito de assinatura de periódicos. Em 1907, o autor já era assinante do *Weekly Times* que, em 1908, até lhe propiciava uma fonte de renda como tradutor de seus artigos, os quais enviava ao jornal *O Estado de S. Paulo*, proporcionando-lhe 10 mil-réis por colaboração. Em dezembro daquele ano, ganhara 80 mil-réis com aquela "distração"[99]. Nada estranho que, entre a leitura obstinada de Camilo Castelo Branco e os planos de tornar-se editor, se envolvesse com revistas e jornais, apreciador contumaz do gênero, fosse como consumidor ou como colaborador. Na biblioteca do avô, já se surpreendera com a coleção completa da *Revista Ilustrada*, de Agostini, e *O Novo Mundo*, de José Carlos Rodrigues.

Um escrutínio no acervo de três bibliotecas exemplares – de Eduardo Prado, de Lima Barreto e de Mário de Andrade – personagens de universos distintos e de momentos políticos e culturais aproximados, confirma a incidência do gênero periódico, em particular, do periodismo francês.

A começar pelo abastado e erudito Eduardo Prado [1860-1901] que viveu a virada do século em estreito convívio com a intelectualidade portuguesa e francesa, morando em Paris. Ali, no apartamento da rue Rivoli 119, no efervescente centro da cidade, cercou-se das maravilhas do final do século XIX – o telefone, a máquina de escrever, o fonógrafo e, ao que consta, servido por um mordomo inglês que trabalhara para Charles Darwin[100]. Perfil singular, do qual se apropriou Eça de Queirós para compor o personagem Jacinto, de *A Cidade e as Serras*, protótipo do *rafinnée fin de siècle*, dividido entre a fazenda e o *boulevard*[101]. O maior atrativo daquele endereço, todavia, estava na biblioteca, que abria para consulta a amigos brasileiros, sendo dos mais assíduos o "Paranhos", futuro Barão de Rio Branco.

98. Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato: Vida e Obra*, São Paulo, Companhia Distribuidora de Livros para Companhia Editora Nacional, 1955, vol. I, pp. 144-145.
99. *Idem*, p. 143.
100. Clodomiro Viana Moog, *Eça de Queirós e o Século XIX*, Rio de Janeiro, 1966, pp. 295-296. *Apud* Darrell E. Levi, *A Família Prado*, São Paulo, Cultura 70, 1977, p. 223.
101. Ver Angela de Castro Gomes, *História e Historiadores*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 98-106.

No tocante às revistas, ao lado do apreciável acervo de livros brasileiros, havia dezoito revistas francesas, dezesseis inglesas e duas alemãs, *Chemisches Central-Blatt*, de Hamburgo, 1896 e a *Deutsche Rundschau*, de Berlim, 1895; entre as norte-americanas, com seriação quase completa, estavam a *The North American Review*, de Nova York, de 1882 a 1901, e *The Forum*, de Nova York, de 1893 a 1901. Da Suíça vinha a *Bibliothèque Universelle et Revue Suisse*, entre 1893 e 1894.

A avaliação desse repertório só foi possível pela existência do *Catalogue de la Bibliothèque de Eduardo Prado*[102], impresso pela Tipografia Rothschild, em 1916, com apresentação bilíngüe, em francês e espanhol, quando o acervo foi posto à venda. Nada mais exemplar do perfil de seu proprietário, multifacetado, de vivência internacional, elegante. Lá constavam os melhores títulos da vanguarda periódica francesa, relativos à economia, à política, às letras e à religião, não surpreendendo que o maior número de tomos recaísse na *Revue des Deux Mondes*, colecionada a partir de 1895. O católico, estudioso da Igreja, lia a *Revue du Monde Catholique*; o economista assinava *L'Economiste* e o *Journal des Economistes*; o advogado internacional, representante dos interesses da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, em Londres, valia-se do *Bulletin Mensuel de la Société de Législation Comparé*; o monarquista militante consultava a *Revue Politique et Parlementaire*; em tempos de valorização da ciência, era de rigor a *Revue Scientifique*; em oposição, inevitável curiosidade da época, lá também estava a *Revue Spirite*[103].

Quanto à literatura, assinava o que havia de melhor na Capital parisiense: *La Nouvelle Revue* e a *Revue Bleue*. Na linha da universalização dos conhecimentos, reafirmando o saber enciclopédico indispensável da época, constavam: *Le Correspondent*; *L' Intermédiaire des chercheurs et curieux*; *Revue Britannique*; *Revue Enciclopédique Larousse*; *La Nature*; *Revue Universelle*[104].

102. *Catalogue de la Bibliothèque de Eduardo Prado*, São Paulo, Typ. Brasil de Rothschild & Cia.,1916. O acervo contava com 38% de livros de história, 19% de arte e literatura, 10% de política, 8% de ciências sociais, 7% de trabalhos de referência, 6,4% de economia, 5,8% de religião e 5,8% de ciências físicas.

103. *Revue du Monde Catholique*, Paris, 1875, 1899, 1900; *L' Economiste*, Paris, 1897, 1898, 1899; *Journal des Economistes*, Paris, 1893, 1894, 1895; *Revue Politique et Parlementaire*, Paris, 1900, 1901; *Les Annales politiques et littéraires*, Paris, 1897, 1898, 1899, 1901; *Bulletin Mensuel de la Société de Législation Comparé*, Paris, 1893, 1894, 1895, 1898, 1899, 1900; *Revue Scientifique*, Paris, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1901; *Revue Spirite*, Paris, 1893.

104. *La Nouvelle Revue*, Paris, 1895; *Revue Bleue*, Paris, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899; *Le Correspondent*, Paris, 1892, 1893, 1895, 1896, 1898, 1899, 1901; *L' Intermédiaire des chercheurs et curieux*, Paris, 1893, 1894; *Revue Britannique*, Paris, 1894, 1895; *Revue Enciclopédique Larousse*, Paris, 1897, 1898, 1899; *La Nature*, Paris, 1899; *Revue Universelle*, Paris, 1901.



As Bibliotecas de Eduardo Prado, no Brasil e em Paris • Nas páginas da *Revista Moderna*, a biblioteca de Prado em sua fazenda do Brejão, para onde o autor se recolheu quando passou a viver no Brasil, abrigo de muitos títulos de revistas das quais era assinante. Ao lado, também nas páginas da *Moderna*, a biblioteca de Eduardo Prado em Paris, freqüentada pela intelectualidade portuguesa e brasileira da época, onde se podia encontrar muita revista, internacional e nacional. *Revista Moderna*, Paris, jul. 1898, n. 22.

SIhi



No interesse sobre o Brasil ressaltavam as preferências do agricultor, do advogado, do homem de cultura, às voltas com o entendimento de seu País. Embora citadino, mas com a base de sua fortuna assentada na agricultura, homem da cidade mais que das serras, consultava a *Revista Agrícola,* 1895 a 1902; *A Lavoura,* 1900 e o *Boletim de Agricultura,* 1901, todos de São Paulo. O advogado limitava-se à revista *O Direito,* do Rio de Janeiro, de 1880 a 1882, até porque sua atividade como profissional da área se dava no exterior. Para o católico, mesmo em tempos de parcas publicações religiosas pela retração compulsória da Igreja na República, não podia faltar a *Revista Católica* do Rio de Janeiro, de 1896. O leque de interesses brasileiros se abre a partir dos títulos do periodismo recém-lançado, em particular aquele das revistas institucionais:

Boletim da Coleção Geográfica e Geológica de São Paulo [1889-1891].
Revista Trimensal do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia [1894-1900].
Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano [1864-1900].
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo [1895].
Revista do Museu Paulista [1898].
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [1901].

Naquele acervo, praticamente completa, estava a *Revista Brasileira,* dos anos de 1895 a 1899. Não fosse sua morte, em 1901, certamente lá estaria também completa a *Revista do Brasil,* que seria criada em 1916.

Da Rue Rivoli para a Vila Quilombo

Deixando a biblioteca de Eduardo Prado, os salões de Paris, seu convívio com a intelectualidade francesa e portuguesa, salta-se para Todos os Santos, subúrbio carioca, numa casa alugada da rua Boa Vista 76, no alto de um morro[105]. Ali morava o escritor talentoso, rebelde e mulato, Lima Barreto [1881-1922]. Coabitavam naquele endereço o pai demente, a irmã Evangelina Lima Barreto, encarregada das lides domésticas e das aulas de piano que garantiam e/ou reforçavam o sustento da família, e outro irmão, Carlino. Naquele arrabalde, guardava-se uma biblioteca valiosa, de rico acervo periódico[106].

105. F. de A. Barbosa, *A Vida de Lima Barreto, 1881-1922,* Rio de Janeiro, José Olympio, 1952, p. 120.
106. Lima Barreto, *O Cemitério dos Vivos, op. cit.*, pp. 231-253.

A primeira surpresa decorreu de sua extrema organização, catalogada por números em ordem crescente, revistas separadas em estantes e subdivisões de prateleiras, discriminando lotes em cima das mesas, soluções de arranjo de volumes avulsos, através dos "amarrados", de "cadernos" de artigos periódicos colados e de "retalhos", não discriminados. Ao que consta, os cuidados de Lima Barreto com a ordenação de sua biblioteca se iniciaram por volta de 1917, na premonição do fim próximo, segundo relato de sua irmã, quando "deu para organizar os seus papéis, pô-los em ordem, com o propósito de terminar os romances apenas esboçados, selecionar e depois reunir em volumes a colaboração dispersa em revistas e jornais"[107]. Ao inventariar seu acervo, com a intenção de fazer um catálogo, chegou a relacionar 800 obras, conjunto por ele denominado "Limana".

> Tudo em muita ordem e sem luxo, exatamente como na sala de estudos do venerando Gonzaga de Sá. Com os mesmos quadrinhos e as mesmas reproduções pelas paredes. [...] Havia desordem só na grande mesa do centro, em que livros, revistas e papéis se baralhavam familiarmente[108].

Também naquele conjunto era significativa a presença de títulos periódicos estrangeiros, representados apenas pelas revistas francesas. A começar pela *Revue des Deux Mondes*, a preferida, se levar-se em consideração a fala do romancista em Gonzaga de Sá: "De todas, a *Revue des Deux Mondes* é a que mais queria e citava". E lá estava ela com doze volumes de 1851, um lote de 1877; e mais tomos avulsos da *Revue de Paris* e da *Revue Philosophique* de 1908; três "cadernos" de artigos de revistas francesas diversas e, na seção de "amarrados", a *Nouvelle Revue Française*, e um "amarrado" único, onde constavam a *Revue des Cours*, *La Revue* e *La France de Demain*; e mais duas pastas com o Almanaque *Le tout savoir*. A aquisição do último número de *Mercure de France* era de rigor e fazia parte de seus hábitos de colecionador de periódicos. Em meio às revistas clássicas estavam as anarquistas, *La Flamme*, *Na Barricada*, *A Vida*.

Do acervo brasileiro, destacavam-se os dois volumes da *Gazeta Literária*, de Vale Cabral, os mesmos que lhe inspiraram a crônica de *Hoje*, em 20 de março de 1919, elogiando a qualidade da revista de 1884[109]. Igualmente antigo o tomo

107. Francisco de Assis Barbosa, *A Vida de Lima Barreto*, *op. cit.*, p. 299.
108. *Idem*, p. 300.
109. Lima Barreto, *Marginália*, São Paulo, Editora Mérito S. A., 1953, pp. 241-248.

encadernado da *Imprensa Industrial,* de agosto a dezembro de 1876. O predomínio, contudo, era das revistas institucionais, de fácil aquisição, fosse pelo custo baixo ou pela distribuição gratuita, dentre as quais:

Publicações do Arquivo Público [vols. 4, IX e X].
Anais da Biblioteca Nacional [vols. XXV e XXVIII].
Anais do 1º Congresso de Geografia do Rio de Janeiro [4 vols.].
Anais da Imprensa Nacional.
Revista do Instituto Histórico.
Arquivos do Museu Nacional [vol. XVIII].

A *Revista Brasileira,* da fase de José Veríssimo, vinha com dezesseis volumes, um número do *Centenário de Camões* cartonado e outro do mesmo ano. Quanto às revistas em que escreveu, nem todas apareceram. Constavam *Fon Fon!,* "os três primeiros trimestres do primeiro ano, 1907, onde a minha colaboração, encadernado"; a *Floreal,* de sua criação, em um volume encadernado; esparsas em lotes avulsos a *Vida Fluminense, A Vida, Revista Contemporânea, O Diabo.* Não obstante quase politécnico, pela engenharia do Rio de Janeiro, relacionou-se daquela área apenas o *Anuário da Escola Politécnica de São Paulo,* de 1908. Do setor agrícola, o *Almanaque do Lavrador Brasileiro,* encadernado. Curiosa solução a dos "amarrados", que enfeixavam alguns números aparentemente aleatórios entre si, ignorando-se os critérios que os presidiam. Seriam temáticos? Cronológicos? Por tamanho e/ou formato? A relação mencionava:

Um amarrado com as revistas: *Na Barricada; La Flamme; Nuova Antologia; A Vida Fluminense,* n. 111 a 1335, de 1870; *A Vida* e *Revista Contemporânea,* número dedicado a Gonzaga Duque.

Um amarrado com as revistas: *Boletim da U. Pan Americana; La France de Demain; A Lanterna* [jornal de estudantes onde escrevi] e *O Diabo* [onde também escrevi].

Quase esbarrando ao capricho, não se furtou ao hábito da época, de recortar e colar em cadernos, à guisa de álbum, artigos de periódicos de sua preferência, relacionando daquele acervo:

Um caderno de páginas de *revistas.*
Dois cadernos de páginas de *revistas.*
Um caderno com páginas de *revistas.*
Sete cadernos de "retalhos" de *jornais.*

Finalmente, um último lote, de conteúdo ignorado, mas bastante revelador do esmero com que se empenhava em guardar as publicações de seu interesse:

> Retalhos, colecionados por um desconhecido, que vieram com os livros que o Chambá me deixou ao morrer. Encadernado.

Quem seria Chambá? Qual o conteúdo daquele "presente", preservado intacto, conforme lhe chegara às mãos? A despeito da impossibilidade de respostas, a relação de periódicos daquela biblioteca e, sobretudo, sua cronologia e forma de organização revelaram que Lima Barreto não só colaborava nas revistas mas *consumia* periodismo. Acima de tudo, reverenciava o impresso, ainda que em folhas soltas e amareladas, cuidadosamente ordenadas em "cadernos de colagens" ou em criteriosos "amarrados". O filho de tipógrafo, que conhecia o valor do trabalho gráfico, se fazia presente naquela cuidada ordenação de títulos. Coletânea modesta, se comparada àquela de Eduardo Prado, mas sinalizando a forte presença do periodismo da época, do qual dependia o intelectual ávido de letras, informações e últimos recados sobre o exterior e sobre o Brasil. No tocante à parte periódica, o acervo resultava principalmente de doações de instituições, de amigos, de aquisições baratas de sebos, o que se infere, em parte, pelas datas defasadas daquelas publicações, especialmente as mais antigas. Não há notícia de que assinasse vários periódicos, fosse por suas parcas rendas ou pela facilidade com que obtinha exemplares, parte que era do meio em que se produzia o impresso.

Do luxuoso apartamento da Rue Rivoli, de Paris, onde Eduardo Prado formou a maior parte de sua biblioteca, passando pela casinha do subúrbio carioca, batizada de Vila Quilombo, que guardava o acervo de Lima Barreto, chega-se a São Paulo.

Na Rua Lopes Chaves

Mais precisamente na esquina da rua Lopes Chaves, no trecho que dividia o bairro de Santa Cecília do bairro da Barra Funda. Ali, o escritor Mário de Andrade [1893-1945] compartilhava com a mãe e as irmãs dois andares de um sobrado de classe média. Entre muitas telas dos amigos pintores modernistas e o velho piano que lhe ajudava no sustento, a "ordem dos livros" era primorosa. À

primeira vista, entre muitos títulos periódicos, predominavam aqueles dos anos 30 e 40, décadas que corresponderam à sua idade adulta, isto é, dos 37 aos 52 anos, quando veio a falecer. Contudo, uma grande parte incidia sobre meados da década de 10 à década de 20, quando o leitor Mário de Andrade já iniciara a formação de sua biblioteca, na qual o impresso periódico vinha com representação qualificada, segundo o quadro I, mais adiante.

A incidência de revistas estrangeiras de vanguarda constituiu seu traço marcante, revelando a atualidade do autor nas temáticas de seu interesse, num espectro de procedência muito maior que aquele encontrado na biblioteca de Eduardo Prado. Revistas alemãs, francesas, belgas, italianas, portuguesas, poucas norte-americanas e, diferenciando-se dos anteriores, como traço de sua geração, a preocupação com a América Latina – traduzida pela presença das revistas do Peru, Uruguai, Chile, Argentina, Cuba, México e a própria *Revue de L'Amérique Latine*, de Paris, de 1920 a 1940.

Tudo indica que a obtenção desses exemplares se dava por assinatura, em especial aqueles de numeração seriada; ou fornecidos por amigos do circuito internacional, que eram muitos; ou adquiridos pessoalmente nas livrarias da época.

A seleção de títulos contemplava seus interesses temáticos, quais sejam: literatura e artes em geral, música, folclore, antropologia, comunismo, paulistanidade, aqui elencados a partir dessa ordem. O Mário modernista, autor de *Macunaíma*, envolvido com a *Klaxon*, turista aprendiz na descoberta do Brasil, participante da *Semana*, guardava em sua biblioteca qualificado acervo. França, Alemanha e Itália contribuíam em maior número, especialmente no que dizia respeito aos movimentos de vanguarda.

Salta de pronto, nessa relação inicial, a presença de *L'Esprit Nouveau*, revista mensal, criada em Paris em 1920, da qual possuía 28 números, publicados entre 1920 e 1924/1925, não seriados. Oportunamente esse periódico mereceu estudo de Maria Helena Grembecki, voltado para a marginália da coleção de *L'Esprit Nouveau* de Mário de Andrade, inferindo a decisiva influência do mensário sobre o artista. A autora esclarecia a importância da revista:

> [...] primeira revista verdadeiramente consagrada à estética viva, pretendendo informar de tudo o que se passava no mundo. Seu método: objetividade absoluta. [...] O espírito que presidia a revista seria científico. O método, o mesmo da psicologia experimental, com o fito de constituir uma "estética experimental". Seus objetivos: ajudar o desenvolvimento da arte e da literatura, contribuindo para manter a supremacia da idéia, da inteligência,

QUADRO I. REVISTAS DE ARTE E CULTURA 1877-1939 (Biblioteca de Mário de Andrade)

Os Dois Mundos. Ilustração para Portugal e Brasil. Paris: 1877 a 1880.
Die Kunst für Alle. München: 1885.
Emporium, rivista mensuale illustrata d'arte e di cultura. Bérgamo: 1894,1922.
Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: 1910, 1944.
Ilustração Paulista, edição especial sobre o Teatro Municipal. São Paulo: 1911.
Atlântida, mensário artístico para Portugal e Brasil. Lisboa: 1915.
Mercure de France. Paris: 1918.
L'Esprit Nouveau, revue internationale d'esthétique. Paris: 1920, 1924, 1925.
Rivista Mediterranea. Florença: 1920 [coleção completa].
Die Kunst. Munich: 1900, 1920, 1929.
Das Kunstblatt. Potsdam: 1917, 1922.
Feuillles d'Art, recueil de littérature et d'art contemporaine. Paris: 1919, 1922.
The Studio, a magazine of fine & applied art. Londres: 1920, 1921.
Cahiers d'Art, revue d'art. Paris:1928.
Littérature. Paris: 1922.
Les feuillles libres. Paris: 1922.
La Nouvelle Revue Française. Paris: 1922, 1939.
Contemporânea. Lisboa: 1922.
A Novela. Paraíba do Norte: 1922.
Klaxon. São Paulo:1922/23 [completa].
Papel e Tinta. São Paulo: 1923.
Europe, revue mensuelle. Paris: 1923 a 1937 [uma das mais completas].
Estética. Rio de Janeiro: 1924.
Deutsche Kunst und Dekoration – : 1910, 1925.
Martín Fierro. Buenos Aires: 1925.
Letras Novas. Natal: 1925.
Noi, rivista d'arte futurista. Roma: 1925.
Terra Roxa e Outras Terras. São Paulo: 1926.
Iberiza Zeitschrift für Spanische und Portugiesische Auslandskund. Hamburg: 1927.
Presença. Coimbra: 1927.
Verde. Cataguases: 1927, 1929.
Festa. Rio de Janeiro: 1927.
Revista de Antropofagia. São Paulo: 1928.
30-30! Organo de los pintores de México. México: 1928.
Vanguardia, revista de avance. Montevideo: 1928.

Fonte: Acervo da Biblioteca de Mário de Andrade no IEB.

SIhi

sobre as tendências individuais; educar o público francês e mundial na compreensão da estética atual[110].

Longe de uma simples imitação desses propósitos, Mário de Andrade apropriou-se de seus conteúdos, não como reprodução mecânica, mas filiado ao "espírito duma época". A autora vai mais além ao admitir que as influências estéticas européias sentidas no nosso modernismo, especialmente propagadas por Mário de Andrade, decorreram desse periodismo francês, delegando à coletânea periódica da rua Lopes Chaves alavancagens decisivas na formação do autor, reforçando o fenômeno emissor das revistas francesas, acentuado pela contrapartida do fenômeno receptor do público leitor no Brasil[111].

No caso de Mário de Andrade, *L'Esprit Nouveau* foi determinante na sua concepção estética, não se desprezando naquele acervo as revistas italianas que lhe fundamentaram o curso do futurismo e as alemãs que contemplavam as artes plásticas em geral. As portuguesas mereceram leitura, assim como incursionou nas desconhecidas publicações latino-americanas. Da *Revista da Academia Brasileira de Letras* à *Klaxon*, os melhores títulos constavam do acervo de suas estantes.

As demais temáticas de seu interesse sempre se faziam presentes com algum título pertinente.

A curiosidade antropológica tinha sua correspondência na publicação *Inca, revista de estudos antropológicos* de Lima, 1923; a tendência, se não opção comunista, explica os periódicos *Izquierda, revista de la nueva generación* de Montevidéu, 1927 e *Claridad, tribuna del pensamiento izquierdista*, 1927. Quanto ao católico cheio de fé, mariano praticante, paroquiano da Igreja de Santa Ifigênia, no Paissandu, era de rigor assinar a revista de sua Irmandade, *O Mensageiro da Paz, órgão da Congregação da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia* de São Paulo, 1924. Imprescindível no repertório do católico e homem de cultura a presença d'*A Ordem, revista de cultura do Centro D. Vital* do Rio de Janeiro. O quadro III amplia o acervo.

Nessa relação heterogênea, uma raridade bibliográfica, o jornal *O Novo Mundo. Periódico Ilustrado do Progresso da Idade*, de Nova York, de 1870 a 1880. Teria sido um presente de José Carlos Rodrigues, seu fundador, quando da estada de

110. Maria Helena Grembecki, *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*, São Paulo, IEB, 1969, p. 14.

111. Ver Nites Therezinha Feres, *Leituras em Francês de Mário de Andrade. Seleção e Comentários com Fundamento na Marginália*, São Paulo, IEB, 1969.

SIhi

QUADRO II. PERIÓDICOS DIVERSOS 1872-1930 (Biblioteca de Mário de Andrade)

O Vinte e Dois de Maio, jornal político, noticioso, dedicado aos melhoramentos da Província. São Paulo: 1872.
Correio Oficial de Goiás. Goiás: 1881.
Itatiaia periódico. –: 1885.
Publicações do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 1889, 1907.
Revue Hispanique. Paris, NY: 1918.
Die Sichel. Regemburg: 1919.
Het Oversicht. Antuérpia: 1922.
Lumière. Anvers: 1922. Número dedicado à Rússia.
La Nation, edição comemorativa do Brasil. –: 1922.
Anuário do Automóvel Club de São Paulo. São Paulo: 1923.
Der Sturm. Berlim: 1923.
Lucifer, pages libres. Marselha: 1923.
Deutsche Zeitung. –: 1924.
O Combate. São Paulo: 1924.
Marreta. São Paulo: 1924.
Il Piccolo Quotidiano del Pomeriggio. São Paulo: 1924.
Der Querschnitt. Berlim: 1924, 1931.
A Revista. Belo Horizonte: 1925.
Nossa Terra, Outras Terras. Natal: 1926.
Revista Redenção. Manaus: 1926.
Clarté. Paris: 1927.
La Sierra. Lima: 1927.
Ibero Amerikanishes Archiv. Berlim: 1927.
The London Mercury. Londres: 1928.
Montanha. Ubá: 1928.
Movimento Brasileiro. Rio de Janeiro: 1928.
Revue de l'Amérique Latine. Paris: 1928.
La Revue Européenne. Paris: 1928, 1931.

Fonte: Acervo da Biblioteca de Mário de Andrade no IEB.

Mário na Capital Federal? Mário de Andrade, professor do Conservatório Musical de São Paulo, possuía repertório de títulos musicais expressivos, estranhando-se, todavia, a ausência de *Prelúdio*, a revista editada por aquela Instituição.

Importa considerar que a descoberta de periódicos pelas bibliotecas exemplares de personagens tão diversos confirmou a importância das revistas na formação de homens de cultura no País. Mais do que isso delinearam-se, desde aqui, alguns dos papéis decisivos daquele periodismo numa sociedade em transformação. Eduardo Prado valeu-se de uma revista, a *Revista de Portugal*, para protestar

QUADRO III. REVISTAS DE MÚSICA (Biblioteca de Mário de Andrade)

Le Menestrel, musique et théâtres. Paris: 1883.
Le Monde Musicale. Paris: 1889, e de 1920 a 1940.
Rivista Musicale Italiana. Florença: 1894, 1920.
A Música para Todos. São Paulo.
Jornal Musical. São Paulo: 1896.
Gazeta Literária Musical Ilustrada. São Paulo: 1899.
The Musical Quarterly. Nova York: 1915, 1920, 1940.
Moderne Welt. Viena: 1919, número dedicado a Bethoven.
La Revue Musicale. Paris: 1920 a 1940.
Il Piano Forte. Torino: 1921, 1923.
La Revista de Música. Buenos Aires: 1927.
Clarté. Paris: 1927.
Correio Musical Brasileiro. São Paulo: 1921.
Ariel, revista de cultura musical, de 1923 a 1926.
Gazeta Musical. Paris: 1928.

Fonte: Acervo da Biblioteca de Mário de Andrade no IEB.

contra a derrubada da Monarquia, conferindo ao gênero periódico uma função de combate efetivo, de rápida disseminação. Lima Barreto encontrou nas revistas de seu tempo o suporte para divulgação de suas obras, de ordinário sistematicamente recusadas. Mário de Andrade, inspirado por uma revista – *L'Esprit Nouveau* –, configurou toda uma revolução estética, através de uma outra revista, a *Klaxon*, de 1922. Que tempos diversos presidiram o curso daqueles impressos? Que especial conjuntura propiciou o florescimento do gênero num País de tardia instalação da imprensa? O roteiro é complexo mas seu percurso imprescindível. Vamos a ele.

2

Sob o Signo da Mudança



O profundo silêncio do lugar pareceu fazer-se maior nesta ocasião, como se a noite compreendesse que se ia, ali mesmo em poucos momentos, estrangular a última hora de um reinado.[...] Às três da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. [...]

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dois cavalos que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando.[...] Quase na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcântara apeou-se – um vulto indistinto, entre outros vultos distantes – para pisar pela última vez a terra da pátria. [...]

Raul Pompéia, *Uma Noite Histórica*[1].

1. Raul Pompéia, *Uma Noite Histórica*; Brito Broca, *Raul Pompéia*, São Paulo, Melhoramentos, s/d, pp. 74; 77; 78.

Ritos de Passagem

Na calada da noite de 15 de novembro de 1890, D. Pedro II, abraçando algumas *revistas*, uma delas a *Revue des Deux Mondes*, embarcava no *Alagoas* para nunca mais voltar. Não era só o monarca que saía de cena. O cenário todo do País seria mudado, embora os personagens continuassem os mesmos. Travestidos, sem dúvida. Os viscondes, condes e barões, ainda na mesma indumentária, apresentavam-se para aderir "ao fato consumado". A litografia do Imperador era retirada das paredes das repartições, enquanto convocava-se o pintor Bernardelli para reproduzir, em tela, a *Proclamação da República*, os militares a cavalo e os civis a pé. Uma nova retórica intermediava a comunicação, concluída com os votos de "saúde e fraternidade". As províncias passaram a ser Estados. Cidadão tornou-se o chamamento adotado de pronto nos comunicados oficiais. O tempo do Império, a tração animal, deu lugar ao tempo da República, à tração elétrica, marcado pela velocidade.

A Proclamação da República, longe de configurar uma ruptura de amplo espectro, trouxe à baila dissidências de toda ordem, revelando a permanência de práticas arcaicas numa sociedade que se queria moderna[2]. Em princípio, o País livrara-se da mancha da escravidão, ocupava lugar privilegiado na balança internacional como primeiro produtor de café do mundo, alardeava a educação livre para todos e redesenhava suas capitais com empréstimos ingleses, à imagem e semelhança da França, tão civilizada.

2. Fernando Henrique Cardoso, "Dos Governos Militares a Prudente de Moares – Campos Salles", *HGCB*, São Paulo, Difel, 1977, t. III, vol. 1º, pp. 15-50.

Slhi

Em contrapartida, nesse mesmo País oligarca, monocultor, analfabeto, assistia-se à reorganização do trabalho e à transformação acelerada do capital. Compulsoriamente, o olhar de alguns de seus homens mais sensíveis interiorizou-se, desprendendo-se do litoral, até cosmopolita, para centrá-lo no sertão, em Canudos, de onde sinalizava-se um outro Brasil, jagunço, que desafiava o poder central. Já em 1896, Coelho Neto, escritor afamado, publicara a obra *Sertão*[3]; em seguida, quase perfazendo uma década após a República, em 1898, um homem da elite, Afonso Arinos, escrevia *Pelos Sertões: Histórias e Paisagens*[4]; em 1902, Euclides da Cunha lançava *Os Sertões*[5]. Além do sertão, novas temáticas confirmavam o redirecionamento do olhar que tivera em *Canaã*, de Graça Aranha, no ano de 1901, o aporte de outro horizonte[6].

Quanto ao tempo, mais do que nunca, ritmava-se pelo pêndulo do mercado, imantado irremediavelmente à engrenagem capitalista. As negociatas do *Encilhamento* só fizeram crescer a onda de especulações, bastante acentuadas na Capital do Café.

Não obstante inúmeras permanências, inclusive de monarquistas no poder, o *signo* da mudança estava no ar. A atmosfera de transformações não decorria só da passagem do Império para a República. Mais forte que essa, sobrepondo-se-lhe, pairava a passagem do fim do século, a proximidade do novecentos, a virada para o 1900, o "virando 20", presente nos corações e mentes, condicionando-os a expectativas e mudanças de ordem vária potencializadas, sobretudo, pela revolução técnica a que se assistia. A luz elétrica, o telégrafo submarino e depois o sem fio, o telefone, o cinematógrafo, as estruturas de ferro pré-fabricadas que resultavam em edificações de impacto na paisagem; e mais os bondes elétricos, o automóvel, a máquina de escrever, os zepelins, a busca de uma nova estética –, todas essas inovações justificavam a crença de que a mudança do século trazia uma nova "era"[7].

A consciência desse limite temporal secular era confirmada mundialmente pelos balanços que marcaram o ocaso do oitocentos. A começar pela *Exposição*

3. Henrique Maximiniano Coelho Neto, *Sertão*, Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1896.
4. Afonso Arinos, *Pelos Sertões [Histórias e Paisagens]*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1898.
5. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1902.
6. Graça Aranha, *Canaã*, Paris/Rio de Janeiro, Garnier, 1901.
7. *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, transmitiu esse apartamento de tempos vivenciado, sobretudo, pela elite internacional. A peça de Coelho Neto, *A Guerra dos Sexos*, embora de 1930, mostrou o impacto do telefone.

Mundial de 1900, em Paris. Seus ecos chegavam até nós. Lima Barreto, por exemplo, guardava em brochura, na sua biblioteca, a publicação sobre o evento, em vários de seus segmentos:

> *Il Secolo XIX. L' Exposizione Mundiale de 1900*: Architetura; Archeologia; Astronomia; La Fisica Terrestre; Cronistoria; Parigi Contemporanea; Le Scoperte Geografiche; L'Agricoltora; Industria; Commercio; La Storia; La Marina e Gli Eserciti; La Musica; Musica Comica e Coreografica; La Biologia; Medicina e Chirurgia; Storia Naturale [*sic*][8].

A *Revista Brasileira*, em sua quarta fase, de 1895 a 1899, sob a direção de José Veríssimo, trazia no artigo de fundo a mesma inquietação, certamente de sua lavra:

> Este período é em nossa vida nacional de reorganização política e social. A *Revista Brasileira* não lhe pode ficar alheia e estranha. As questões constitucionais, jurídicas, econômicas, políticas e sociais em suma, que nos ocupam e preocupam a todos, terão um lugar nas suas páginas. Republicana, mas profundamente liberal, aceita e admite todas as controvérsias que não se achem em completo antagonismo com a inspiração de sua direção [...]
>
> Pretende simplesmente ser uma tribuna onde todos os que tenham alguma cousa que dizer e saibam dizê-la, possam livremente manifestar-se[9].

Em São Paulo, o rebatimento dessa percepção revigorava-se, presidido pelas transformações céleres a que a cidade vinha assistindo. Sinal dos tempos, seu "progresso" não poderia deixar de ser veiculado e documentado pelo periodismo, instrumento moderno e preferencial de difusão, a serviço do novo; sobretudo, a partir de alguns títulos, como se infere da revista mensal *Fim do Século*, de 28 de novembro de 1901, editada por Arthur Silva. O seu artigo de fundo constatava as mudanças em curso, relacionando o novo espectro de interesses. A questão do operariado vinha como assunto inaugural, mas a luta contra a Igreja católica reincidia, exaltando o cristianismo com matizes de espiritismo:

> [...] As idéias modernas, que têm revolucionado os povos no turbilhão d'este findar do século, serão tratadas e defendidas nestas colunas.
>
> Combateremos a favor das idéias político-sociais que buscam a solução do problema social, dispensando ao operariado liberdade e direito.

8. Lima Barreto, *O Cemitério dos Vivos*, *op. cit.*, p. 250.
9. Plínio Doyle *et alii*, *Histórias de Revistas e Jornais Literários*, *op. cit.*, vol. II, 1995, p. 66.

SIhi

Inovação Técnica e Recursos Sofisticados • A ilustração da capa do pintor Humberto della Latta conferia qualidade à publicação. *A Vida Moderna*, São Paulo, 23 abr. 1914, n. 218.



A bem do puro Cristianismo sob a teoria de Kardec também nos propomos pugnar. Guerrearemos os preconceitos do nativismo, como prejudiciais à Pátria e à Humanidade.

Batalharemos também pela completa queda da influência dos jesuítas, como nociva à sociedade e à família. É esse o nosso programa[10].

A revista espelhava a percepção do cidadão comum, Arthur da Silva, cujo texto enunciava premonitoriamente questões que marcariam o novo século: o problema social do trabalho, o questionamento da Igreja, a temática nativista e nacionalista.

Mais do que título coincidente com o registro temporal do momento, como no caso de *Fim do Século*, o periodismo exercitou seu rito de passagem na transição que então se vivia, desenvolvendo-se sob coordenadas de temporalidade diversa, presidida pela rapidez, pela circunstância, pelo episódico. Na São Paulo *fin de siècle*, de conjuntura tão particular, com mais intensidade, viveu-se sob o impacto de clivagens, de finalização de época e abertura de outra, predestinada a carregar, vincada, a marca do progresso, a urgência da transformação. Ritmo que o periodismo documentou tão bem, acentuado em alguns títulos, dimensionando seu potencial de informação. A seqüência de lançamentos tematizados pelo viés da temporalidade foi significativa. Só em São Paulo vieram a público, em ordem cronológica: *A Semana* [1899]; *O Mês* [1901]; *A Época* [1902]; *A Semana* [1902]; *A Semana* [1903]; *A Vida de Hoje* [1903]; *Diário dos Mensageiros*, órgão do comércio, cuja divisa era o aforismo britânico "Time is Money"[11] [1905]; *O Dia* [1910]; *A Noite* [1912] e *Vida Intensa*, "que tem sido nos últimos dez lustros o característico de nosso grande Estado, ao qual se deu posição de indiscutível destaque na Federação Brasileira" [1914][12]. Mais sintomático da urgência dos tempos e da informação, o jornal *O Momento*, de 1914, introduzia recurso jornalístico catalisador da brevidade temporal: o *suelto*, isto é, "todo um artigo de fundo em meia dúzia de palavras", concluindo:

O Momento [...] é o repositório semanal de tudo quanto se agita na vida frenética do nosso País levado a saque; enfim, *O Momento* é o momento, em carne e osso[13].

10. *O Fim do Século. Revista mensal*, São Paulo, 1901. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, pp. 801-802.
11. *Diário dos Mensageiros. Órgão dos Interesses Gerais e Especialmente do Comércio*, São Paulo, 23 mar. 1905, n. 1. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 972.
12. *Vida Intensa. Mensário Comercial, Industrial, Político, Literário*, São Paulo, 1914, n. 1.
13. *O Momento. Jornal imparcial, publicado às segundas-feiras*, São Paulo, 20 jul. 1914. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1118.

A mudança de regime político, a negação dos estereótipos do Império, a virada do século, a revolução técnica, o estrangeiro ombreando-se com os da terra, o apreço científico, o politécnico em lugar do bacharel – todos esses movimentos introjetavam temor, inquietação, projetos audaciosos, expectativas de mais transformações. Os balanços se faziam urgentes na literatura, nas artes cênicas, no projeto urbano, na música e na independência do País. Essa última avaliação, perigosa, esgueirava-se no horizonte próximo, prevista para ser comemorada em 1900, quando do *Centenário do Descobrimento* e mais ainda, em 1922, por ocasião do *Centenário da Independência.*

No Rio de Janeiro, então Capital da República, a rua do Ouvidor, o Passeio Público, a livraria *Garnier* e a recém-fundada *Academia Brasileira de Letras*, ranços do Império, ainda selecionavam respectivamente *flâneurs,* boêmios do velho estilo e autores ilustres aprovados pela editora parisiense ou pelo crivo acadêmico. Enquanto isso, o projeto *O Rio Civiliza-se* anunciava programa de agrado da República [dita dos cidadãos], em cuja senda de Progresso acabara por espantar a população na operação *arrasa quarteirões* da construção da Avenida Central. Confirmava-se o projeto maquiador de um cenário idealizado, para aliciar capitalistas, cooptar investimentos, configurando o cartão-postal do País viável.

Já em São Paulo, longe da geografia tão pitoresca da Capital Federal, a paisagem urbana acanhada delimitava-se ao *Triângulo* histórico, às vésperas de se abrir o Viaduto do Chá, requintando-se para os lados de Santa Ifigênia e Campos Elíseos. As chaminés das fábricas do Belém, Brás e Barra Funda despontavam do plano baixo do casario, enquanto as ruas eram invadidas por nova população, mão-de-obra imigrante, introduzindo outros sons, estranhas falas, vivências diversas de trabalho definidas, sobretudo, por um cotidiano operário perverso.

Sob o signo da mudança, no aguardo dela, os tempos eram, isso sim, de transição. Nesse sentido, é oportuna a observação de Lima Barreto, ao apresentar sua revista *Floreal,* em 1907. Eximia-se de defini-la como renovadora literária ou porta-voz de nova escola, pois tudo naquele momento estava sendo questionado. Como propor algo novo?

> Quando, como nos anos que correm, a crítica sacode e procura abalar ciências duas e mais vezes miliares, como a geometria, e os dogmas mais arraigados, como o da indestrutibilidade da matéria, seria paradoxalmente exótico que nós nos apresentássemos unidos por certos teoremas de arte, com seguras teorias de estilo, e marcando um determinado material para nossa inspiração [...].

Não se destina pois a *Floreal* a trazer a público obras que revelem uma estética novíssima e apurada; ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar à nossa sociedade, guardando as conveniências [...][14].

Delimitar cronologicamente os vários tempos em curso é temerário e até improdutivo, pois a riqueza da análise decorre da possibilidade de percebê-los esgarçadamente. Assim, a caracterização desse período implica considerações múltiplas, que procuramos trabalhar a partir de suas diversidades, conforme se inferiu através do periodismo da época, talvez seu porta-voz mais fiel. Com este escopo, registramos, num primeiro momento, uma mudança imediata, aquela da nova censura; em seguida, as mudanças paulatinas, da metamorfose do literato boêmio em profissional das letras, aquela das adaptações dos gêneros literários e jornalísticos.

14. Lima Barreto, *Floreal*, Rio de Janeiro, 1907, n. 1.

Slhi

Controle e Repressão

Paulo Duarte, ao caracterizar o papel da censura no quadro monárquico, responsabilizou a Igreja católica e os políticos pelo seu controle mais vigoroso.

> A Imprensa paulista, a verdadeira imprensa paulista, nasceu sob o signo da violência ou da coação. Não tinha contra ela uma censura legal, que a censura da imprensa fora abolida desde 1821, mas contra ela tinha as duas mais arbitrárias forças de então; o político no poder e o clero[15].

Se assim fora no Império, não seria muito diferente na República. Ressalve-se, contudo, a altivez do monarca Pedro II ante as críticas ao seu governo e, mais que isso, à sua própria pessoa. Da enxurrada de jornais liberais republicanos que proliferaram a partir de 1870 à produção caricata das críticas ao Poder Moderador – através do lápis de Agostini – nenhuma providência de caráter violento foi tomada por aquela instância com restrição ao impresso crítico.

Após a noite de 15 de novembro, a situação mudara radicalmente. O primeiro decreto do Governo Provisório de censura à imprensa, de 23 de dezembro de 1889, não vinha com meias palavras. Radicalizava a polarização do regime recém-instalado, contrapondo a República à Anarquia, em texto intimidador, cujo tom primava exatamente pela *exploração do medo*:

15. O primeiro jornal de São Paulo, *O Farol Paulistano*, de José da Costa Carvalho, nasceu em 1827 e "morreu" em 1832 como viveu: "defendendo a liberdade de imprensa e defendendo-a sem medo. Por isso mesmo foi processado por abuso de liberdade... O primeiro jornal, o primeiro processado [...]". Paulo Duarte, *História da Imprensa em São Paulo*, São Paulo, ECA, 1972, p. 6.

Slhi

Art.1º – Os indivíduos que conspirarem contra a República e o seu Governo: que aconselharem ou promoverem, por *palavras, escritos ou atos*, a revolta civil ou a indisciplina militar; [...] serão julgados militarmente por uma comissão militar nomeada pelo Ministro da Guerra, e punidos com as penas militares de sedição.

Art. 2º – Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões do Governo Provisório, 23 de dezembro de 1889.

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca – Chefe do Governo Provisório; Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Manuel Ferraz de Campos Salles, Rui Barbosa, Eduardo Wandenkolk, Quintino Bocayuva, Demétrio Nunes Ribeiro, Aristides da Silveira Lobo[16].

Assinado por republicanos históricos, que se autoproclamavam liberais, parte significativa militava na imprensa, em particular Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva e Aristides Lobo; os dois últimos, inclusive, jornalistas de profissão. Nesse sentido, qualquer sugestão de cerceamento à palavra soava estranha, vinda de um grupo afinado com a inaugural República laica, que se pretendia liberal.

Na ausência imediata de uma imprensa de oposição, acuada pelo "decreto rolha", coube a uma revista a crítica veemente ao novo regime. A partir de Lisboa, a *Revista de Portugal*[17], de Eça de Queirós, tornou-se o primeiro periódico porta-voz da resistência à República no exterior, através de artigos inflamados e de crítica fina de seu colaborador Eduardo Prado. A notícia da queda do Império chegara-lhe de pronto em Paris, via telégrafo submarino. Em 30 de novembro de 1889 redigia e publicava naquele periódico um artigo desqualificador do regime implantado, no qual, assinando com o pseudônimo de Frederico de S., ironizava:

só se distingue do governo antigo porque chama Estados às províncias, tem outra bandeira, outros selos de carta –, e principalmente porque deporta e prende quem mostra opinião contrária à do povo, do Exército e da Marinha[18].

No mesmo periódico, em janeiro de 1890, Eduardo Prado ou Frederico de S. desvalorizava o propalado apoio da imprensa brasileira à nova Ordem, enfatizado sobretudo por Rui Barbosa, uma vez que aquela se encontrava amordaçada pelo decreto ameaçador:

16. Decreto n. 85 de 23 dez. 1889, *Decretos e Resoluções do Governo Provisório*, Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1890, pp. 316-317.
17. *Revista de Portugal*, Porto, Lugan & Genelioux, dez. 1889-jun. 1890.
18. Eduardo Prado, *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*, Prefácio de Leopoldo de Freitas, São Paulo, Livraria Magalhães, 1923, p. 13.



A Crítica Frontal: O Jornal *O Estado de S. Paulo* (*O Queixoso*) *versus* o Governo • Trazendo a legenda "Rasga... mas não responde", *O Queixoso*, órgão do grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*, de oposição ao governo de Altino Arantes, atacava frontalmente a administração, valendo-se da ilustração dinâmica de Lulu. *O Queixoso. Revista Quinzenal Ilustrada. Queixas, reclamações, humorismo, política, literatura, artes, sports etc.*, São Paulo, 1916, ano I, n. 4.

SIhj

Que valor tem a opinião dos jornais, se, nesse mesmo dia, era anunciada a supressão da imprensa da oposição? É desoladora a posição dos jornais do Brasil; os mais independentes a custo arriscam a sombra de uma observação ao governo, diluída em longas e cautelosas frases; os caricaturistas desenham apoteoses do vencedor; a espirituosa *Gazeta de Notícias* deixa passar os mais soberbos assuntos e o grande *Jornal do Comércio* aplaude desajeitado a ditadura. Eles sabem que um artigo contrário ao governo seria para eles a supressão e a ruína, e não ignoram que continuam a viver só por mera condescendência do poder militarizado. A República assim, em menos de dois meses, destrói a liberdade de imprensa que o Império garantiu e sustentou durante sessenta anos[19].

O controle da palavra impressa, contudo, não se limitou ao texto da lei. A repressão do período investiu firme, batendo de frente com formadores de opinião e órgãos da imprensa. Nesse sentido, a historiografia da primeira hora da República vem elencando uma série de transgressões violentas ao regime, traduzidas por inúmeras prisões de jornalistas, lembrando-se aquelas de Saturnino Cardoso, redator da *Democracia*; Pedro Tavares, redator da *República*, de Campos, no Rio de Janeiro; Carlos von Koseritz, redator da *Reforma*, de Porto Alegre, falecendo na prisão no dia em que deveria ser transferido para o Rio de Janeiro; David Job e Ernesto Gerngross, redatores do *Mercantil*, do Rio Grande do Sul; Hasslocher, redator da *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, que teve seu periódico suprimido, assim como o foi também *O Globo*, do Maranhão. E mais: *O Tribuno* e *A Lanceta*, de Pernambuco, tiveram as edições confiscadas; a *Orbe*, de Maceió, e *O Século*, tipografias destruídas; *Diário do Comércio* e *Correio do Povo*, do Rio de Janeiro, redatores advertidos[20].

Não foram poucos os episódios de cerceamento da imprensa envolvendo jornalistas que pactuavam com a situação. Em entrevista do dia seguinte ao decreto de 23 de dezembro, o cidadão ministro Carlos de Laet, redator do jornal oposicionista *Tribuna Liberal*, confirmava por um breve *Não o contesto* que aquele decreto, de fato, envolvia a supressão da liberdade de imprensa[21]. Dias após a publicação da entrevista, que emudeceu todos os jornais, posto que nenhuma repercussão foi registrada nos periódicos, a *Tribuna Liberal* cessou sua publicação[22]. Tal re-

19. Eduardo Prado, *Fastos...*, *op. cit.*, pp. 26-27.
20. Maria de Lourdes Mônaco Janotti, *Os Subversivos da República*, São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 23.
21. Eduardo Prado, *Fastos...*, *op. cit.*, pp. 103-104. Para mais episódios sobre censura da imprensa ver especialmente pp. 200-209.
22. A *Tribuna Liberal*, com o redator Carlos de Laet, encerrou sua publicação em 25 de dezembro de 1889, retornando em julho de 1890 como *A Tribuna*, com o redator Antonio de Medeiros.

traimento confirmava as imagens veiculadas sutilmente pelo *Jornal do Comércio*, ao afirmar:

> [...] A liberdade de imprensa é qual a mimosa sensitiva que ao menor toque se retrai; ou como o límpido cristal que ao mais leve sopro se empana.

O decreto de 22 de novembro de 1890, que restaurava a liberdade de imprensa, tornou-se letra morta. Os artigos de Eduardo Prado publicados n' *A Tribuna* incidindo contra Deodoro e o Exército resultaram no empastelamento daquele jornal, com atos de violenta agressão e morte do revisor João Ferreira Romariz[23]. Isso, a despeito do pedido prévio de garantia de segurança que Antonio de Medeiros, seu diretor, dirigira ao próprio Deodoro.

Em São Paulo, novamente Eduardo Prado ocupou a cena como alvo da repressão. Inconformado com o desenrolar dos acontecimentos, fundou na Capital paulista o *Jornal do Comércio*, de franca oposição ao governo; em 1893 lançou o livro *A Ilusão Americana*[24], de crítica ao regime, cuja tipografia impressora foi cercada no dia seguinte, sendo a edição apreendida e a venda suspensa nas livrarias; em 1895 voltava à carga, publicando a segunda edição da mesma obra, em Paris. É de suas páginas o relato, até hilário, da prisão do colega jornalista Gomes Cardin, levado à polícia por ter sido pego no bonde lendo livro proibido[25].

Fazendo-lhe coro, o jornal *A Platéia*, que circulava desde 1888, foi suspenso em 1894, por combater Floriano.

Na Capital paulista, vivendo célere crescimento econômico, o espetáculo do arrocho das idéias foi representado de forma diversa daquela da Capital Federal, centro político do País.

A cidade, às voltas com a produção de café, comércio intenso, instalação e crescimento de suas indústrias, recebendo imigrantes de procedência vária, portadores de novas ideologias políticas, conheceu manifestações repressoras de outro caráter. A começar pela imprensa jacobina, sobretudo nos anos dos governos militares, objeto de censura difusa, ainda pouco estudada, encoberta por registros paliativos; seguiu-se a intervenção nos centros de reação monarquista, efeti-

23. Lima Barreto, "A Sombra de Romariz", *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, São Paulo, Brasiliense, 1956, pp. 213 e ss.
24. Eduardo Prado, *A Ilusão Americana*, São Paulo, Brasiliense, 1958. Ver pp. 191-193.
25. Ver Nelson Werneck Sodré, *op. cit.*, pp. 301-302. Ver Maria Luiza Tucci Carneiro, *Os Livros Proibidos, Idéias Malditas*, São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

Slhi

vada sob a truculência da força policial, com divulgação atenuada nas folhas diárias, nas quais se insistia no "caráter pacífico" das operações. O mesmo se dava com relação aos núcleos nativistas. Radical, contudo, a repressão aos grupos de esquerda, observada já na primeira década do novo século.

Diga-se que a especificidade da imprensa paulistana traduziu-se na diversificação de seu jornalismo, manifesto via imprensa étnica, representada, sobretudo, pelos jornais da colônia italiana; ou ainda pela imprensa dita de esquerda, de influência "bolchevique". Na primeira, destacou-se o jornal italiano *Fanfulla*, semanário domingueiro dirigido por Vitaliano Rotellini, lançado em 2 julho de 1893; o *Deutsche Zeitung*, semanário dirigido por W. Lehfeld que saiu em 2 de junho de 1897 e a partir de 1º de junho de 1900 tornou-se diário, dirigido por Rodolfo Troppmair. Quanto à segunda, surgia em 1895, *A Questão Social*, do médico socialista Silvério Fontes e no mesmo ano *O Nativista* e *O Correio Nacional*; em 1896, vinha à luz *O Socialista*, do Centro Socialista de São Paulo, redigido em português, italiano, espanhol e alemão; em São José do Rio Pardo, em 1º de maio de 1899, Euclides da Cunha e Pascoal Artese fundavam *O Proletário*; no ano seguinte, 1890, na Capital, surgia *Avanti*, dirigido pelo também socialista Alcebiades Bertolotti, que durou até 1909, redigido em italiano[26].

Não obstante a inicial censura da República, inaugurou-se um período profícuo na imprensa diária em que vingaram os grandes jornais, mantidos então em bases empresariais. Quanto às revistas, o quadro foi diverso.

A despeito da legislação de imprensa servir ao jornal e à revista, o periodismo pautou-se por uma quase tácita divisão, que delimitou os programas de ambos os periódicos: aos jornais, a matéria política; às revistas, a literatura, as modas, o entretenimento. Naquele, os jornalistas assumiram o papel de paladinos da verdade, colocando-se num olimpo intocável de formadores de opinião, apartidários, sendo "intérpretes de um poder impessoal"[27], o que justificava sua atuação crítica e contestadora aos atos do governo. Já as revistas constituíram-se no "sorriso da sociedade". Lidando com público diverso daquele dos jornais, empenhavam-se em cooptar leitores para sucesso de seu empreendimento, experimentando as modernas formas de comunicação técnica e visual, ensaiando novas estéticas literárias e representando grupos institucionais e sociais que buscavam sua representação.

26. Nelson Werneck Sodré, *op. cit.*, p. 303.
27. Maria Helena Rolim Capelato, *op. cit.*, pp. 56-57.

É quase inócuo falar em censura ostensiva para a maioria das revistas ilustradas paulistas que circularam na virada do século. Na sua maioria, as publicações consolidaram representações propagadoras dos valores do novo regime, quando o espetáculo republicano ocupou as páginas higienizadas daquele periodismo. Suas imagens confirmavam a utopia da Ordem e do Progresso configurada nas paradas militares e recepções a políticos ilustres, em cenas valorizadas pela arquitetura monumental que brotava na placidez de praças e jardins e na pujança da indústria ao retratar suas instalações e maquinário modernos. Os *pic-nics* bucólicos na Cantareira, as tardes elegantes do hipódromo da Mooca, os passeios pelo *Triângulo*, no rigor da moda, completavam o "passar em revista" de uma cidade que desfilava sua prosperidade.

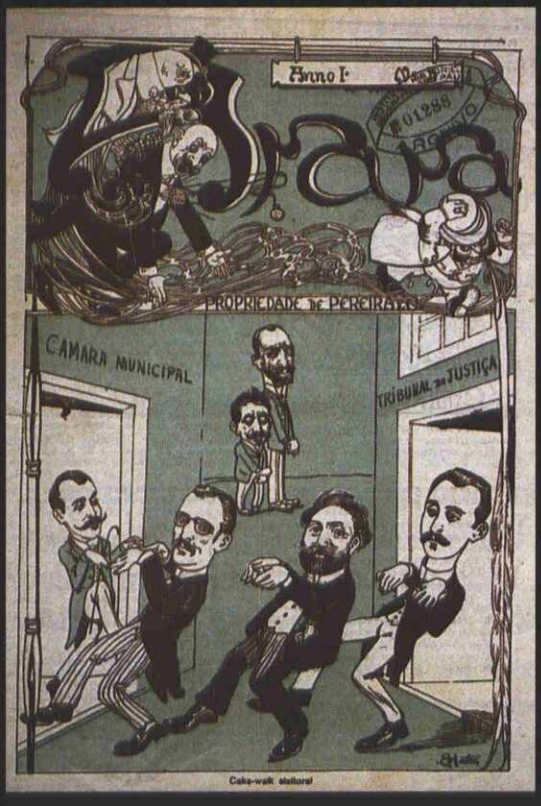
A venda dessa imagem "fabricada" pela imprensa ilustrada era previsível naquele segmento que se fazia indústria. Da *Ilustração Brasileira*, em 1905, impressa em Paris, a *São Paulo Ilustrado*, de 1920, as pautas das publicações comprometeram-se com o sucesso de público e de mercado, visando tão-só a maior rentabilidade de seus negócios. A censura política foi paulatinamente substituída por uma de outro teor, definida pela voracidade do lucro, pela prosperidade do empreendimento. Em lugar do empastelamento, sucedia-se a exclusão tácita dos impressos que não se adequavam às implacáveis regras do mercado. Era uma censura indireta. Só se aprovava e se divulgava o que *vendia*. O depoimento de Coelho Neto, escritor festejado e disputado pela imprensa carioca e paulista, é esclarecedor dessa transição:

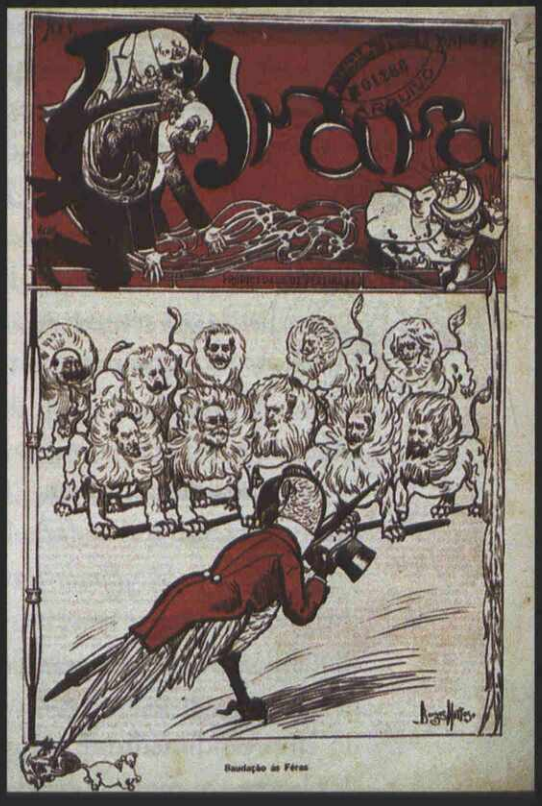
> Quanto à literatura que publicamos nos jornais, lembra os livros impressos no tempo do Santo Ofício. Não tem o visto da Inquisição, mas tem o visto do redator chefe[28].

O autor cotejava a severa censura da Igreja[29] ao tempo da Monarquia com aquela dos proprietários de órgãos de imprensa na República, submetidos à fórmula mais drástica, presidida pela garantia de ampla vendagem do impresso. O que não significou que, velada mas efetivamente, ainda cabia à Igreja o

28. Coelho Neto. *Apud* Antonio Luís Machado Neto, *Estrutura Social da República das Letras: Sociologia da Vida Intelectual Brasileira*, São Paulo, Grijalbo, 1973, p. 113.

29. Ver os autos judiciais que condenaram Américo de Campos pela publicação da dança das caveiras no cemitério da Consolação em dia de Finados, em caricatura de Angelo Agostini no *Cabrião*. Entenderam que o desenho atentava contra a religião. Antonio Barreto do Amaral, "Curioso Crime de Imprensa em 1886", *RIHGSP*, n. 62, pp. 261-280.





Crítica Fina e Bem-Humorada nas Páginas das Revistas de Oposição ao Governo • 1. *Arara, Semanário crítico, humorístico, e de caricatura*, São Paulo, 1905, n. 3. • 2. *Idem*, 1905, n. 1. • 3. *A Vespa. Revista Quinzenal Humorística e de Caricaturas*, São Paulo, 1916, n. 1. • 4. *Idem*, 1916, n. 2.

SIhi


ANNO I
S. PAULO, 15 de Abril de 1916
NUM. 1.
A Vespa
PREÇO: 300 RÉIS
REVISTA QUINZENAL HUMORISTICA E DE CARICATURAS
O NOSSO PROGRAMMA
Redacção e Administração: RUA DA BOA VISTA, 52 (Sobrado)
ASSIGNATURAS. BRASIL... 6$000 1 ANNO ESTRANGEIRO... 8$000


ANNO I
S. PAULO, 1 de Maio de 1916
NUM. 2
A Vespa
PREÇO: 300 RÉIS
REVISTA QUINZENAL HUMORISTICA E DE CARICATURAS
LUI!
Redacção e Administração: RUA DA BOA VISTA, 52 (Sobrado)
ASSIGNATURAS. BRASIL... 6$000 1 ANNO ESTRANGEIRO... 8$000

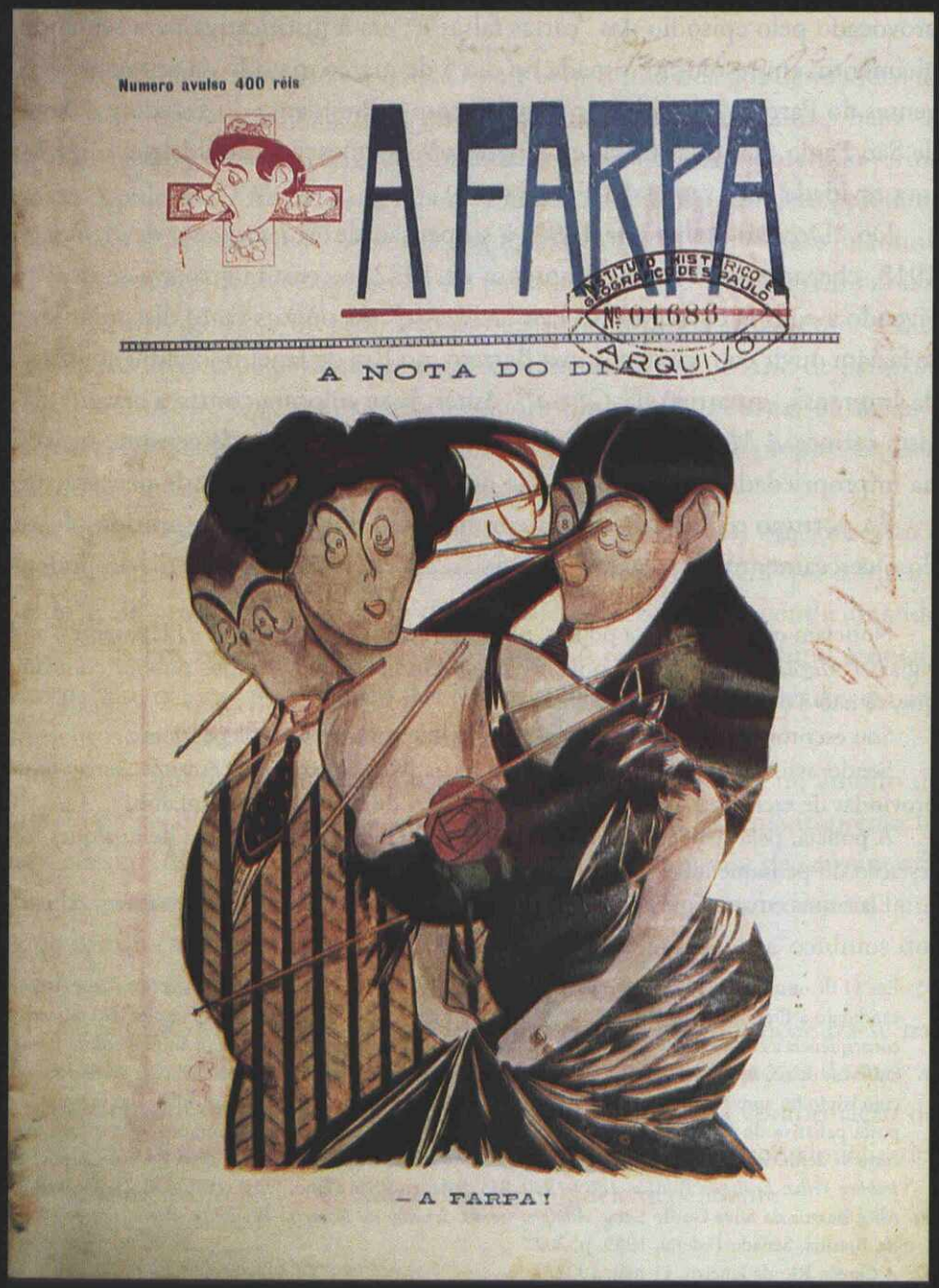
controle das mentes, através de interferências sutis e, por vezes, explícitas. Um exemplo beirando o patético foi aquele da censura aos anúncios da loja *Au Bon Diable*, retirados das páginas periódicas, considerados atentatórios à instituição católica[30].

Não obstante o cerceamento indireto da palavra, as revistas encontraram caminhos para se colocar contra os arbítrios e desmandos do sistema. Enquanto a crítica à política imigrantista emergia na revista *O Fazendeiro*[31] o periodismo operário incidia contra a exploração dos patrões. A Igreja, por sua vez, era objeto de publicações de teor vário, que punha às escâncaras sua privilegiada situação. Um segmento, contudo, especializou-se na linha de crítica permanente ao governo, não obstante as sanções de que se tornou alvo: as revistas de humor que se voltaram, sem temor, contra as mazelas do regime, através da arte do pincel e lápis de seus ilustradores e caricaturistas. *O Parafuso, A Rolha, A Farpa, O Queixoso* investiram, especialmente, contra a oligarquia, figurando como veículos corajosos que encontraram, no riso, a arma decisiva para o ataque.

Diga-se que, em São Paulo, os períodos de estado de sítio marcaram fortemente as arbitrariedades da censura à imprensa. Um dos mais graves ocorreu em 1918, quando a revista *O Parafuso*[32], do polêmico jornalista de oposição Benjamim de Andrade, vulgo Baby, foi objeto de cortes e, em seguida, de suspensão. O periódico transferiu-se para o Rio de Janeiro e, a despeito de todas as providências legais para sua circulação, uma censura indireta acabou por impedir o feito: a casa impressora Leuzinger alegava não dispor de tempo hábil para impressão; informação endossada pelas oficinas do *Jornal do Brasil*, do *Malho*, da *Livraria Alves*, da *Liga Marítima*, da *Sociedade de Artes Gráficas*, de *Pimenta de Mello & Cia.* Retornando a São Paulo, conseguiu-se imprimi-lo nas oficinas de *O Estado de S. Paulo*, solução inviabilizada, pois a edição foi impedida de circular pela polícia, que então cercou o jornal. Extinta a revista, sucedeu-lhe *A Rolha, semanário independente... enquanto puder*[33], que passou pelas mesmas vicissitudes de corte de textos, colunas em branco, boicotes de toda ordem[34].

30. Mário Guastini, *Tempos Idos e Vividos*, São Paulo, Editora Universitária, s/d., p. 82.
31. *O Fazendeiro. Revista mensal de agricultura, indústria e comércio. Dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira*, São Paulo, 1908, ano I, n. 1.
32. *O Parafuso. Semanário Crítico e Ilustrado. Semanário de Combate*, São Paulo, 1915, n. 1.
33. *A Rolha. Semanário independente... enquanto puder*, São Paulo, mar. 1918, ano I, n. 1.
34. Ver Brás Ciro Guallotta, *O Parafuso: Humor e Crítica na Imprensa Paulistana. 1915-1921*, São Paulo, Mestrado-PUC, 1997.

Requinte, Arte e Perspicácia • As publicações políticas inovavam no tratamento gráfico. *A Farpa. Semanário ilustrado de literatura, arte, humorismo e atualidades*, São Paulo, 1910, n. 1.



Às vésperas da comemoração do *Centenário da Independência,* o controle à palavra impressa incidiu forte e oficializado. Aprovava-se em pleno estado de sítio a Lei da Imprensa, de autoria do senador Adolfo Gordo, projeto de lei apresentado na sessão de 19 de julho de 1922, cuja elaboração nasceu sob o impacto provocado pelo episódio das "cartas falsas"[35]; era a justificativa para seu encaminhamento, em resolução tomada no dia 5 de março quando da reunião dos dirigentes do Partido Republicano Paulista com o Presidente do Estado e a bancada de São Paulo, nas duas Casas e Congresso[36]. A ameaça à candidatura oligárquica fora revidada com repressão à palavra.

Do "Decreto Rolha" de 1890, à suspensão de *O Parafuso* e de *A Rolha* em 1918, chegando-se à Lei de Imprensa de 1922, a censura arrojava-se no Brasil, vivendo a euforia do *slogan* "O País civiliza-se". As poucas vozes discordantes não se faziam ouvir com clareza. Lima Barreto, no Rio de Janeiro, incidiu contra a Lei da Imprensa, em artigo da *Careta*[37]. Antes, já se colocara contra a censura da revista carioca *A Maçã*, periódico de proposta picante e alvo de censura, insistindo na impropriedade do julgamento da polícia em manifestações de pensamento.

É oportuno reproduzir seu testemunho, um dos raros nesse sentido, ilustrando o cerceamento da palavra e das idéias, agora sujeitas ao arbítrio do poder.

> Noticiam os jornais que a polícia, por intermédio de seus agentes e prepotentes, anda a vigiar *A Maçã*, semanário que o ilustre poeta Humberto de Campos publica com um sal que, se não é de azedas, deve ser ático.
>
> Sou escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente.
>
> Sendo assim, não admito críticas aos meus livros e aos meus escritos, senão aquelas provindas de escritores que como eu não dispõem de força nem de fanfalho. [...]
>
> A polícia, pela sua feição própria, é incapaz desse papel de censura de qualquer manifestação do pensamento.
>
> Ela é uma emanação do governo; e é da natureza dos governos não admitirem crítica.[...]

35. Em 11 de outubro de 1921 o *Correio da Manhã* estampou *fac-simile* de carta assinada por Artur Bernardes, candidato à Presidência da República, a seu amigo Raul Soares, desqualificando Hermes da Fonseca e por conseqüência a corporação militar. Em meio à campanha sucessória acirraram-se os ânimos contra Bernardes em favor de seu opositor Nilo Peçanha, enquanto formava-se uma comissão pericial para análise das cartas, cujo laudo foi apresentado em 28 de dezembro de 1921, concluindo pela autenticidade das mesmas, a proposta paliativa do Relatório: "não chegando a um resultado concludente, propomos que o caso seja encerrado definitivamente, entregando-se o mesmo ao julgamento da Nação". *Apud* Edgard Carone, *A República Velha: Evolução Política, 1889-1930*, Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1977, vol. II, pp. 348-352.

36. Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, *Adolpho Gordo. Senador da Primeira República. Representação e Sociedade*, Brasília, Senado Federal, 1989, p. 202.

37. *A Careta*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1922.

SIhi

Polícia foi feita para prender gatunos e assassinos e nunca fazer crítica literária, sob qualquer ponto de vista.

Conforme se diz em estilo diplomático, eu protesto contra a censura policial feita à revista de Humberto de Campos, em nome da liberdade de pensamento e tendo em vista a incompetência literária da polícia para fazer censura de escritos e a sua falta de autoridade moral[38].

Em São Paulo, registrou-se a crítica fina e bem-humorada aos desmandos da oligarquia. A iniciativa de algumas revistas paulistanas contava com a benevolência da censura, uma vez dirigidas por elementos da situação, sobretudo jornalistas da cúpula de *O Estado de S. Paulo*. Amadeu Amaral foi um deles, presente n'*A Farpa*, n'*A Vespa*, e em *O Queixoso*. Figura portadora de uma quase unanimidade de crítica favorável, sua presença em periódicos de oposição atenuava as iniciativas de intervenção e/ou repressão aos órgãos contrários ao governo. Assim como alguns de seus pares naqueles empreendimentos, como Mario de Sampaio Franco, Manuel de Queiroz Aranha e Simões Pinto, em *A Farpa*, ou mesmo Marcondes Machado, o Juó Bananére, do *Pirralho* e da *Vespa*, e o próprio Oswald de Andrade, incisivo nos ataques aos desmandos do País.

Ao fim e ao cabo, as revistas paulistanas estavam envolvidas, isto sim, com o sucesso econômico de seus empreendimentos, num momento em que a Metrópole do Café propiciava toda sorte de especulação econômica, condicionando tudo e todos, aos valores presididos pela pecúnia. A revista surgia como negócio. Tanto para se colocar no mercado das letras, quanto para auferir rendas em investimentos do setor. Não convinha perder a oportunidade.

Nesse sentido, importa insistir na efetiva mudança registrada no âmbito da repressão da palavra no plano nacional. Ou seja, passara-se de uma imprensa livre da censura direta, ao tempo do Império, para uma imprensa de censura oficializada, ao tempo da República; de posicionamentos ostensivos e corajosos, ainda que com forte carga demagógica, a conciliações, subterfúgios e conluios dos redatores a serviço do poder.

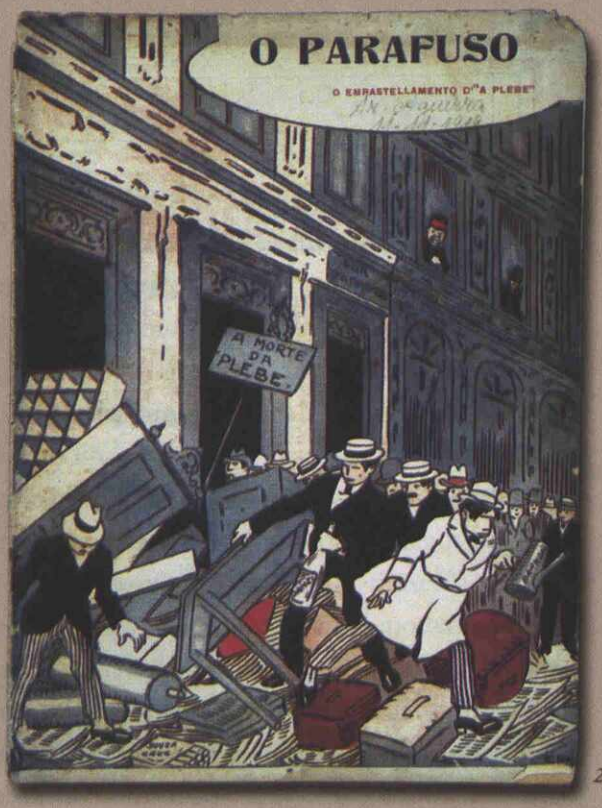
Por trás desse procedimento, uma transformação de vulto processava-se naquela virada de século, premida pelo progresso e pelas novas relações de mercado: a metamorfose do homem de letras, de postura boêmia, à conformação do novo intelectual do impresso, na maioria das vezes jornalista, profissionalizado, sujeito igualmente às regras do avanço do capital, dele dependente.

38. Lima Barreto, *apud Marginália*, *op. cit.*, p. 70.

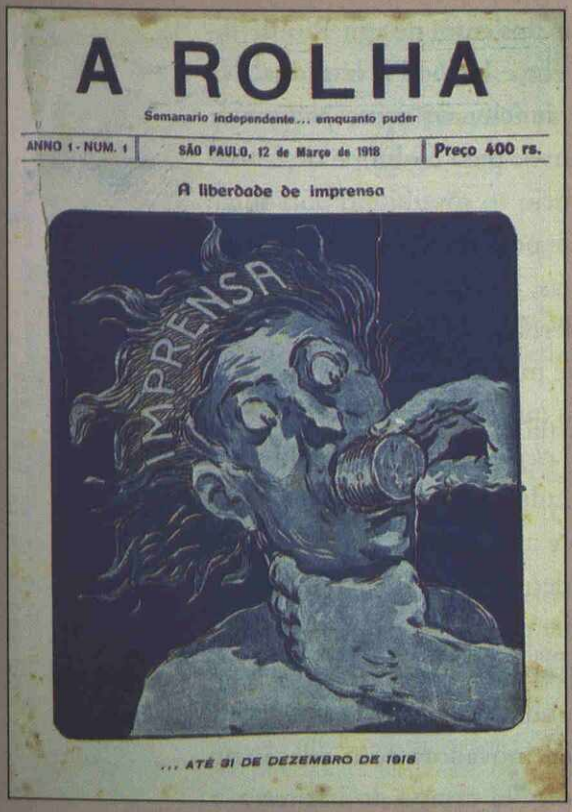
Na Mira da Censura • 1. Número especial em que se noticia a suspensão de *O Parafuso*, substituída por *A Rolha*. *A Rolha. Semanário independente... enquanto puder*, São Paulo, 1918, n. 2. • 2. *O Parafuso*, São Paulo, • 3. *A Rolha. Semanário independente... enquanto puder*, São Paulo, 12 mar. 1918, n. 1. • 4. *A Rolha. Semanário independente... enquanto puder*, São Paulo, 19 mar. 1918, n. 2.



1


O PARAFUSO
O ENRASTELLAMENTO D'"A PLEBE"
A MORTE DA PLEBE

2


A ROLHA
Semanario independente... emquanto puder
ANNO 1 - NUM. 1
SÃO PAULO, 12 de Março de 1918
Preço 400 rs.
A liberdade de imprensa
IMPRENSA
... ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1918

3


A ROLHA
Semanario independente... emquanto puder
ANNO 1 - NUM. 2
SÃO PAULO, 19 de Março de 1918
Preço 400 rs.
CENSURA
CENSURA

4

Da República das Confeitarias à República das Letras

Nas três décadas que se seguiram ao fim do Império, estão inscritas duas repúblicas: a *República das Confeitarias* e a *República dos Jornalistas.* Naquela, vigente ao fim do Império e primórdios do novo regime, vingaram poetas e romancistas que acertaram suas inspirações às demandas da estética romântica e simbolista, traçando suas obras e destino nas mesas dos cafés de um Rio de Janeiro boêmio, ou de uma São Paulo de acadêmicos e bacharéis letrados. Na remansosa Capital paulista, a Faculdade de Direito funcionava como *podium* de polemistas da palavra, que daquelas Arcadas alçavam-se para o olimpo da consagração literária ou política.

Num desdobramento imediato, confinados nesse período tão estreito de trinta anos, sucederam-se, quase convivendo, simbolistas, nefelibatas, decadentistas, parnasianos, nacionalistas, regionalistas e pré-modernistas. Desnecessário enveredar extensivamente aqui pelas características desse momento de transição, que permeou a libertação de um *Império da Retórica,* em que coube de tudo um pouco: um agonizante Romantismo, um naturalismo *à clef* com tinturas positivistas e os prenúncios do Simbolismo, para o endosso e culto da *República das Letras.* Marcou-a, sobretudo, o desprezo ao decadentismo e a eleição do Parnasianismo triunfante; sem perder-se de vista o ensaio do moderno, que se avizinhava, ou, por outra, se esgueirava pelas brechas do sistema que presidia o cultivo literário.

Esse registro de transformações, contudo, é pertinente tão-só ao território das letras. A mudança da ordem política não correspondeu às transformações que seriam inerentes a uma República que se pretendia inovadora com relação ao Império, conforme vezo de seu discurso legitimador. No campo do impresso, a

construção da política editorial ainda se fazia em bases extremamente frágeis, predominando o ensaio e erro e, acima de tudo, a aventura; recursos de uma imprensa que se regia pelo momento histórico político, pelos modismos literários e, sobretudo, pautada pelo tempo econômico em que se vivia.

Esclarecendo melhor, as publicações passaram a ser definidas por uma teia de novas relações, ditadas não apenas pelas preferências das comunidades consumidoras e pela incorporação de avanços técnicos, mas pela busca do lucro, numa sociedade em que o capital comercial dava o tom. *Vender* e *lucrar* eram ações prioritárias, ainda que em terreno tão avesso à pecúnia, como propalavam os pálidos poetas, de rotas vestimentas, que estranhamente transitavam nesses novos tempos. Ou, melhor, um período que balizado entre 1890 e 1905 poderia denominar-se a *República das Confeitarias*, já retratada por Coelho Neto em *A Conquista*, uma publicação de 1899[39]; ao que se seguiu a *República das Letras*, em que o literato profissionalizou-se, sobretudo via jornalismo.

A baliza divisora entre essas duas repúblicas, contudo, definira-se pelo surgimento do jornalismo transformado em grande empresa[40]. Esse, sim, seria um divisor de águas. Jornalismo fruto da generalização das relações capitalistas, que acabou com a boêmia, incompatível com a necessidade de produção para um mercado competitivo. O polígrafo Medeiros e Albuquerque, que viveu aquela transição e sabia do improviso e amadorismo em curso, quando não da imaturidade que presidiram os primórdios do jornalismo profissional, dizia do jovem Pardal Mallet:

> [...] Mallet fazia imprensa um pouco à boêmia, misturando-a com literatura. [...] Essa mistura de política e troça diz bem o valor que podia ter um tal jornalismo[41].

Da velha geração, os raros profissionais da área, como Quintino Bocaiúva e José do Patrocínio, nomes de expressão política ligados ao poder, conferiam outro *status* àquela atividade. Com um fato real: *pagava-se*! No discurso, contudo,

39. Henrique Maximiano Coelho Neto, *A Conquista. Episódios da Vida Literária do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1899.

40. Sodré conclui que o desaparecimento da boêmia no Rio de Janeiro não fora obra de Pereira Passos, mas sim da generalização das relações capitalistas com as quais ela era incompatível; o que também começa a exigir alterações na imprensa: [...] a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem [...]. Nelson Werneck Sodré, *op. cit.*, p. 296.

41. Medeiros e Albuquerque, *Quando Eu Era Vivo. Memórias 1867-1934*, Rio de Janeiro, Record, 1981, pp. 131-133.

Slhi

boa parte da comunidade literária verbalizava seu desaponto e crítica pela submissão do literato ao vil metal. Intelectuais bem-sucedidos, especialmente Coelho Neto e Olavo Bilac, tornaram-se, então, alvos preferenciais dos ataques. Os jornais já dispunham de tabelas fixas para salários, contemplando com valores substanciosos nomes de expressão no panorama político e literário. Em 1890, Joaquim Nabuco aceitava o convite de Rodolfo Dantas como correspondente na Inglaterra, por 35 libras mensais, para escrever artigos contra a República[42]. Euclides da Cunha, tenente reformado, era contratado em 1897 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, como *correspondente*, para a cobertura da revolta de Canudos; a *Gazeta de Notícias* também enviava o coronel Fávila Nunes para aquele campo de guerra; o *Jornal do Comércio* fazia o mesmo com o capitão Manuel Benício; *A Notícia* enviou três elementos subseqüentes: Cisneiros Cavalcanti, Manuel de Figueiredo, Alfredo Silva, todos com especialização militar, respectivamente, coronel, capitão, major, agora profissionais da imprensa.

Criava-se o mercado jornalístico. O *Jornal do Comércio* pagava entre 30$000, 50$000 e 60$000 a colaboração; o *Correio da Manhã* 50$000. Em 1907, recebiam ordenados mensais Bilac na *Gazeta de Notícias* e Medeiros e Albuquerque em *O País*; neste mesmo ano, coube a Alphonsus Guimarães a fabulosa quantia de 400$000 na *Gazeta*, em São Paulo; isso, por deferência ao literato, pois tratava-se de ordenado muito superior ao que se pagava em Paris. Monteiro Lobato, desde logo, viu a produção intelectual como um bem de serviço, não prescindindo de remuneração. Em sua correspondência com Godofredo Rangel, adiantava:

> A primeira coisa paga que escrevi foram artigos sobre o Paraná, coisa de outiva. Renderam-me 10$000 cada, uma assinatura da *Revue Philosophique* [trinta e três francos], um Aristófanes completo e um belo canivete de madrepérola com saca-rolha[43].

Sabe-se que suas traduções do *Weekly Times* para *O Estado de S. Paulo* percebiam 10$000 cada uma; em 1909, para a *Tribuna de Santos*, no qual como redator o amigo Tito ganhava setecentos mensais, Lobato escrevia cinco artigos por mês à razão de 10$000 cada[44]. Seu comunicado sobre a empreitada, em carta a Rangel, ilustra o significado daquela importância:

42. Nelson Werneck Sodré, *op. cit.*, p. 293; Teresinha Del Florentino, *Prosa de Ficção em São Paulo: Produção e Consumo, 1900-1920*, São Paulo, Hucitec/Secretaria de Estado da Cultura, 1982, p. 40.
43. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, São Paulo, Brasiliense, 1948, vol. I, p. 239.
44. Teresinha Del Florentino, *op. cit.*, p. 39.

Já encetei a série de artigos para *A Tribuna* e já fiz jus a 40$000. Com isso pago dois meses do aluguel da casa. Pagar a casa com artigos, que maravilha, hein?[45]

Nesse sentido, insistia com o amigo para dedicar-se à colaboração na imprensa:

Atende ao *Pirralho*, Rangel. É preciso um pouco de comercialização[46].

Lima Barreto talvez tenha sido dos escritores que mais vivenciou essa transição. Contava com a renda do trabalho intelectual para completar o salário de burocrata, insuficiente para despesas com o pai doente e os desmedidos gastos pessoais. Colaborou, pago, na *Fon-Fon* e, gratuitamente, em quanta revisteca aparecia e solicitava o seu concurso[47]. O amigo Francisco Schettino comunicava-lhe em 13 de dezembro de 1918:

Fui ao escritório do Dr. Herbert Moses ontem, e fiz-lhe entrega do teu artigo para a *Revista Sousa Cruz*, perguntou-me ele como ficara combinado sobre o preço do mesmo, ao que respondi nada saber. Entretanto, assegurou-me que iria falar ao Pereira da Silva sobre isso, e o *quantum* faria imediatamente chegar às minhas mãos hoje[48].

Quando do convite de Monteiro Lobato a Lima Barreto para compor os quadros da *Revista do Brasil*, em carta de 2 de setembro de 1918, o apelo viera irresistível:

A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo[49].

Já se tornara uma praxe a colaboração remunerada também em revistas. Domingos Ribeiro Filho, amigo de Lima, informava-lhe naturalmente o procedimento:

[...] é rara a minha ida à redação do *Dom Quixote*. Costumo enviar por um cabo a colaboração e o recibo de pagamento[50].

45. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. I, p. 273; Teresinha Del Florentino, *op. cit.*, p. 39.
46. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. I, p. 57.
47. Lima Barreto, *Correspondência Ativa e Passiva*, Pref. B. Quadros, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 11.
48. Lima Barreto, *op. cit.*, p. 88.
49. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, vol. I, p. 49.
50. Lima Barreto, *op. cit.*, vol. I, p. 214.

De fato, naquele entressécuIo, mais exatamente a partir de 1900, o periodismo redundou no canal possível para colocação e sobrevivência do literato. Felix Pacheco, convivendo de perto com aquela geração, resumia essa conduta, ao afirmar:

> Toda a melhor literatura brasileira dos últimos 35 anos fez escala pela imprensa[51].

E a dependência do literato da imprensa se impôs, paulatinamente, exclusiva fonte de renda para o homem de letras que transformava seu ofício numa profissão remunerada. Imprensa que também tinha o poder de selecionar políticos, fazer governos, decidir eleições. A transformação da pauta deste jornalismo teve seu lado drástico para o literato, subtraindo-lhe o tradicional espaço, relegando-o a suplementos literários ou impingindo-lhe a colocação em revistas.

Diga-se que o surgimento dos suplementos literários se deu como decorrência do predomínio do jornalismo político no periodismo brasileiro, assim como a proliferação de revistas, espaço alternativo para os alijados dos órgãos da imprensa política, deveu-se àquela conjuntura. Indispensável lembrar o crescente aperfeiçoamento técnico, decisivo para a transformação do jornal em empreendimento rendoso. Nesse âmbito, as experiências entre jornal e revista se alternavam, com vantagens finais para o primeiro, no que diz respeito ao aumento e barateamento das tiragens; quanto às segundas, foram beneficiadas pelos recursos gráficos, ganhando em qualidade, cor e variedade.

A passagem da boêmia para o jornalismo não foi simples; ao contrário, pautou-se por conflitos nascidos da dificuldade de se estabelecer os limites e classificação do periodismo como gênero literário. O drama não se restringiu ao Brasil, país de produção e características mercadológicas muito particulares. Nos redutos tradicionais da criação literária na Europa, a reticência ao gênero também se dera e, para muitos escritores, o periodismo fora objeto de desqualificação. Mirabeau, por exemplo, criticava a literatura periodística, alegando tratar-se de uma literatura feita sob medida para fins comerciais; já Bernard Shaw a elogiava, admitindo: "O periodismo é a mais alta forma de literatura".

Naquela transição, o estilo jornalístico deixava a desejar na qualidade apurada da linguagem, se comparado ao estilo literário. Ainda não se desenvolvera a contento, incorrendo com freqüência na impropriedade do texto; e, embora a remu-

51. Brito Broca, *Vida Literária no Brasil em 1900*, Rio de Janeiro, MEC, s/d., p. 206.

SIhi

neração do jornal fosse efetiva, o literato preferia a revista para colocar-se *literariamente*, fosse pelo apuro de linguagem ou para o reconhecimento como homem de letras e não jornalista. A escrita do jornal, considerada de péssimo nível, era lamentada por Lobato:

> O jornal nos sufoca todas as tentativas de literatura, com seus repórteres analfabetos, com a sua meia língua engalicada [...] os autores dessa copiosíssima flora cogumelar de jornalecos e revistecas que inunda o País inteiro é a mesma no Maranhão e na Caçapava riograndense, [...] criaram uma língua nova, de preguiça de estudar a velha[52].

O autor esquecia-se que, até poucos anos antes, apenas esses pequenos jornais davam espaço para o iniciante nas letras. Ele próprio escrevera no *Minarete*, de Pindamonhangaba e, como amador, esteve em 1904 no *Onze de Agosto;* na *Folha Nova*, participou de concursos de contos; no jornal de Taubaté colocou-se como crítico de pintura e música; profissionalmente, escreveu para a *Tribuna de Santos* e *O Estado*. Só a *Velha Praga*, transcrita em sessenta jornais, permitiu que seu nome fosse divulgado e reconhecido; também seu amigo, Godofredo Rangel, estreara n'*O Combatente*, jornal praticamente dedicado a anúncios[53].

O pêndulo entre jornalismo e literatura batia mais ritmado. Um divulgava e pagava; o outro qualificava, divulgava restritamente e, eventualmente, pagava. Razão pela qual as revistas ainda resultavam em territórios pouco definidos como porta-vozes de escolas literárias. Olavo Bilac, parnasiano oficial, publicava em *O Pirralho* enquanto Oswald de Andrade, contestador, o fazia n'*A Cigarra*, uma revista de caráter mundano mas direcionada para a sociedade da Ordem. A circunstância contraditória coincidia com a diversidade estilística típica dos períodos de transição.

Ao preparar-se para o questionário sobre o *Momento Literário*, João do Rio era advertido da necessidade de indagar a todos: "parnasianos, líricos, decadentes, clássicos, sociólogos, ocultistas, anarquistas, impassíveis, humoristas, simbolistas, nefelibatas [...]", pois, naquele País de poetas, "em cada esquina encontra-se uma escola de arte, em cada café corre desabrido esse processo epicamente nacional da sóva literária, no interior das livrarias fervilham as novas escolas de arte"[54].

52. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire, op. cit.*, vol. 2, p. 70; vol. I, p. 227.
53. Teresinha A. Del Florentino, *op. cit.*, p. 39.
54. João do Rio [Paulo Barreto], *Momento Literário*, Paris, Garnier, 1918, pp. XIV, XV.

Em que pese a crítica corrente ao literato que se colocava em jornal, resistência de parte daquela geração ao endosso da renovação vivida, festejava-se a prática jornalística; sua profissionalização no setor era fato irreversível. O mesmo questionário de João do Rio comprovou que o salto fora dado. Em torno do ano dessa publicação, 1905, a passagem da *República das Confeitarias* para a *República do Jornalismo* estava consagrada.

> [...] O Brasil transforma-se, civiliza-se. Hoje o jornalismo é uma profissão, quando antigamente era um meio político de ascender; hoje o escritor trabalha para o editor e não manda vender [...] por um negro de balaio na mão.[...] Os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo [...] São geralmente os poetas [...] que fatalmente tendem a ver o seu mercado diminuído – porque o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na crônica, no conto, nas descrições de viagens, uma única e colossal reportagem[55].

A revista, na sua modalidade específica de impresso ligeiro, beneficiou-se profundamente dessa circunstância literária, técnica e mercadológica; desde que submetida às suas regras. Permitiu o abuso da literatura a serviço da reportagem e, precedendo o jornal, resultou em veículo para experimentos da modernidade técnica. Com uma diferença do periodismo pregresso, pois proliferou em outras mãos: as de homens de mercado, que faziam da revista seu *negócio.*

A necessidade de estabelecer diálogos efetivos entre autor e público, para garantir o sucesso econômico do impresso, determinou concessões de parte a parte; tanto do escritor, que se propunha a escrever em qualquer periódico que lhe desse espaço, quanto do editor, que reunia nomes vendáveis, independente de suas afinidades temáticas ou ideológicas, a fim de garantir o consumo do produto. Daí a miscigenação literária e ideológica das revistas da época, que apresentavam, novamente, estranhas parcerias no mesmo periódico: de Olavo Bilac com o regionalista Valdomiro Silveira; ou do monarquista Couto de Magalhães com o

55. Autores entrevistados por João do Rio: Olavo Bilac, João Ribeiro, Sylvio Romero, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Lima Campos, Affonso Celso, Luiz Edmundo, Clóvis Bevilaqua, Nestor Victor, Pedro de Couto, Arthur Orlando, Padre Severiano de Rezende, Guimarães Passos, Curvello de Mendonça, Felix Pacheco, Silva Ramos, Garcia Redondo, Frota Pessoa, Osório Duque Estrada, Fábio Luz, João Luso, Mário Pederneiras, Rodrigo Octávio, Inglês de Souza, Rocha Pombo, Laudelino Freire, Elysio de Carvalho, Souza Bandeira, Gustavo Santiago, Júlio Afranio, Augusto Franco, Alberto Ramos, Raymundo Correa. João do Rio, *Momento Literário, op. cit.*, pp. 325-326-327.

Slhi



UM GRUPO DE LITTERATOS E ARTISTAS BRASILEIROS

João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Silva Ramos,
Arthur Azevedo, Inglez de Souza, José Veríssimo, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto,
Rodolpho Azevedo, Olavo Bilac, Souza Bandeira, Guimarães Passos, Rodolpho Bernardelli.

Quem era Quem... • Nas Letras e Artes da capital da República, segundo a revista *Ilustração Brasileira*. Da esquerda para a direita, de baixo para cima: João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Silva Ramos, Arthur Azevedo, Inglez de Souza, José Veríssimo, Filinto de Almeida, Valentin Magalhães, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto, Rodolpho Azevedo, Olavo Bilac, Souza Bandeira, Guimarães Passos, Rodolpho Bernardelli. *Ilustração Brasileira*, Paris, 1901, n. 2.

SIhi

anarquista Ricardo Gonçalves. Heterogeneidade que reforçava o caráter pouco comprometido daquele periodismo, veiculador de textos ligeiros, de consumo imediato, permitindo e até privilegiando a coexistência de vários pontos de vista – alinhando-se ao espírito daquele tempo.

Desde 1900 nota-se o desenho de novas configurações nesse universo do periódico revista. Publicações, não mais a serviço exclusivo e de iniciativa de literatos que se valiam desse espaço tão-só para se colocar e legitimar-se, mas revistas de dimensões múltiplas, concebidas por homens de negócios e voltadas para públicos já delineados.

Revistas a serviço de políticas urbanas, caso da *Kosmos* e d'*A Avenida,* ambas do Rio de Janeiro; de sucesso mercadológico, revistas mundanas e de propaganda, na linha das francesas transplantando, automaticamente, fórmulas e modelos, como a *Revista Ilustrada* de São Paulo, mais tarde do Rio de Janeiro; revistas de escolas ou gêneros literários, como *Rosa Cruz*; de faixas etárias, como as revistas infantis, especialmente o *Tico-Tico*; revistas voltadas para segmentos específicos, as revistas positivistas, como a *Revista de Arte e Ciência*, de Campinas. E, mais, revistas que surgiam a serviço da divulgação de produtos recém-lançados no mercado de consumo da moda. Basta lembrar a divulgação, em 1889, dos fonógrafos da Casa Edison que levou a firma de Gustave Figner ao lançamento de uma revista de sucesso, anunciante de seus produtos, a *Echo Fonographico*; revistas que espelhavam um novo mercado, isto é, as revistas agrícolas, O *Fazendeiro* e *Chácaras e Quintais*, a primeira não se limitando às questões técnicas da propriedade rural, mas denunciando os problemas sociais decorrentes da imigração, do não cumprimento dos contratos do colonato; as revistas de esporte, em voga total, culminando na qualificada *Sport.* Significativas, nesse elenco, as revistas de gêneros, como as femininas, de linhas diversificadas, algumas direcionadas para a "*rainha do lar*", outras veiculando a liberação da mulher e o feminismo, enfim, *revistas* que se distanciavam daquelas exclusivamente literárias, embora fosse sempre um bom chamariz ter em seu corpo editorial um literato de renome[56].

A imprensa negra[57], a imprensa operária[58], a imprensa de língua italiana[59] revelavam também as tantas outras opções de mercado, não mais submetidas às

56. Dulcília S. Buitoni, *A Imprensa Feminina*, São Paulo, Ática, 1986.
57. Mirian N. Ferrara, *A Imprensa Negra Paulista*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986.
58. Maria Nazareth Ferreira, *A Imprensa Operária no Brasil, 1880-1920*, Petrópolis, Vozes, 1975.
59. Angelo Trento, *Do Outro Lado do Atlântico, um Século de Imigração Italiana*, São Paulo, Nobel, 1989.

SIhi

tiragens diminutas, mas confirmadoras da diversificação e ampliação do público leitor e consumidor; mais que isso, da fonte de renda que passaram a representar. Acima de tudo, as revistas descobriram sua fórmula, ou como dizia Domingos Ribeiro Filho, em carta a Lima Barreto de 1909, justificando a pouca virulência de seus artigos na revista *D. Quixote,* do Rio de Janeiro, de propriedade de Bastos Tigre: "A Revista tem uma botica e não vive sem a receita", enquanto concluía sobre o perfil do editor e poeta Bastos Tigre.

> [...] o Tigre é o avesso do apóstolo e um documento atualíssimo do talento egocêntrico, utilitário e oportunista. [...] O *D. Quixote* guarda a tua colaboração [de Lima Barreto] para poupar-te e não comprometer a velha pilhéria que garante a edição, e publica a minha para me comprometer com a burguesia assinante. Ao primeiro gesto do leitor constante, eu serei alijado como do *Filhote*, da *Careta* e da grande imprensa[60].

De fato, os impressos de maior vigência ou grande tiragem, mesmo no gênero revista, tinham agora, à frente, homens que bancavam esse "negócio", comprometidos com a busca do lucro, afinados com as fórmulas de sucesso mercantil. Empresários, aos quais se submetiam, tanto poetas boêmios, como inflamados polemistas da palavra, concessão derivada da oportunidade de ocupar um espaço no universo das letras mas, na maior parte das vezes, prazerosamente, por opção pelas leis do mercado[61]. O próprio Lima Barreto já se dava conta da fatalidade da revista que lançava, em 25 de outubro de 1907, a *Floreal*, pelo frágil apelo gráfico e, sobretudo, por ressentir-se de um profissional de tarimba na direção.

> Não é sem temor que me vejo à frente desta publicação. Embora não se trate do *Jornal do Comércio*, nem da *Gazeta de Pequim*, sei, graças a um tirocínio prolongado em revistas efêmeras e obscuras, que imenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado. Sei também o quanto lhe é desfavorável o público [...]. Faltam-lhe nomes, grandes nomes, desses que enchem o céu e a terra [...] ; faltam-lhe desenhos, fotogravuras, retumbantes páginas a cores com "chapadas" de vermelho – matéria tão do gosto da inteligência econômica do leitor habitual; e, sobretudo, o que lhe há de faltar, será um diretor capaz, ultracapaz, maneiroso, dispondo da simpatia do jornal todo-poderoso, e sábio nas sete ciências da Rua Benjamim Constant e em todas as artes estéticas e técnicas[62].

60. Lima Barreto, *Correspondência, op. cit.*, vol. II, p. 241.
61. Ver em *A Barca de Gleire, op. cit.*, o conflito do intelectual com o homem de negócios.
62. Lima Barreto, *Cemitério dos Vivos, op. cit.*, p. 111.

Dois anos depois, já falecido Lima Barreto, no emblemático ano de 1922, a empresa *O Malho*, sediada no Rio de Janeiro, comprovava as regras do novo mercado através de sua revista de maior sucesso, a *Revista Ilustrada*. Encarregada de cobrir os festejos do *Centenário da Independência*, editou quatro álbuns de luxo, três deles evocativos das datas nacionais. Celebrava em suas páginas uma estética passadista, consagradora dos pintores da Academia, dos literatos parnasianos, mas através do que havia de avançado na arte gráfica, resultando em publicação das mais lucrativas[63]. Em 1924, as palavras de Lobato a Godofredo Rangel, dando notícia de que se desfizera da *Revista do Brasil* e embarcava para a Argentina, são até mais significativas do momento vivido, marcado pela demanda de técnica apurada, de novas estéticas e, agora, de uma conjuntura econômica internacional favorável ao investimento.

> Entreguei a revista ao Paulo Prado e Sérgio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai – e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado[64].

Monteiro Lobato, não por acaso o primeiro editor paulista de relevo, confirmava o papel decisivo do mercado, no julgamento e na trajetória do impresso no País. Nesse universo, também a revista, instrumento disseminador de sonhos e idéias tão avessos à pecúnia, conformara sua sobrevivência às regras implacáveis do capital. Nesse sentido, adaptações de toda ordem se fizeram necessárias. A publicação requeria atrativos para seu consumo, o que implicou a seleção de gêneros, seções, linhas editoriais. Entre o jornalismo que pagava e a literatura que prestigiava sucederam-se conflitos, polêmicas, divisões determinando outras mudanças, agora no interior da publicações, confirmando as tantas transformações daquela virada de século.

Não obstante o triunfo da palavra impressa, veiculada através de novos suportes, em permanente arranjo e conformação com os tempos de mudança, um jovem Sérgio Buarque de Holanda ainda se mostrava insatisfeito, aguardando que se consumassem as utopias acalentadas, à espera do *Domingo dos Séculos*[65]:

63. Ana Luiza Martins, *Da Academia ao Vulgar Impresso: O Outro Lado de 22*, comunicação apresentada ao Congresso América 92, São Paulo, USP, 1992 [mimeo.].
64. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, *op. cit.*, vol. II, p. 264. Carta de 7.4.1924.
65. Rubens Borba de Moraes, *Domingo dos Séculos*, Rio de Janeiro, Edição da Candeia Azul, 1924.

Nós lembramos esse tão debatido fin-de-siècle como o mais esquisito na sua originalidade e o mais interessante na sua esquisitisse. Mais interessante e mais digno de atenção. Resta entretanto muito ainda que fazer. Resta combater toda a sorte de imbecilidades que continuam a infestar a Arte moderna, como sejam o realismo, o naturalismo, o vulgarismo, o pedantismo, a fim de que se possa erguer bem alto o monumento que simbolizará a Arte do futuro e no qual se verá escrito, em caracteres de fogo, o seu programa: Liberdade estética – Fantasia ilimitada[66].

O ensaio desse percurso deu-se em grande parte nas revistas. A trajetória do crítico Sérgio Buarque ilustra o processo. O jovem iniciante do *Correio Paulistano* exercitou no periodismo a emergência do historiador sensível que, entre a busca das *Raízes do Brasil* e a *Visão do Paraíso,* acabou por explicar o País.

66. Sérgio Buarque de Holanda. Apud: Antonio Arnoni Prado, *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária 1920-1947*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, vol. I, p. 33.

Slhi

Para Além das Crônicas...

No interior da revista, dois aspectos demandam consideração: os *gêneros* literários adotados e as *seções* que a compunham. Instâncias aparentemente distintas, conjugavam-se na seqüência da publicação, impedindo análise discriminada de cada uma delas; sobretudo nas *revistas ilustradas*, de gama temática variada, com toda sorte de experimentos de gêneros e escolas literárias, seções que se alternavam em função do público, das estratégias de venda, das exigências do momento.

Uma distinção, contudo, foi inevitável. Enquanto os gêneros marcavam a *modalidade de conteúdo e forma* do texto, isto é, crônicas, artigos, contos, poesias, folhetins etc., as seções *sistematizavam* seu conteúdo, rubricando sua proposta, ou seja, seção de literatura, de humor, de esporte etc. Por vezes, as seções eram nomeadas a partir do próprio gênero adotado. Por exemplo, a *seção* intitulada *Crônica*, destinava-se, exatamente, à exposição do gênero crônica.

Decorrência dos gêneros literários[67], os gêneros periódicos caracterizavam-se pela síntese e pela informação, razão pela qual adequaram-se idealmente à conformação da revista, acentuando-lhe o caráter de *passar em revista* temas, informações, estados d'alma, enfim, toda uma prática e produção cultural de época, corroborando a característica mais forte do periódico de "espelhar o presente". No caso da produção literária brasileira, esta modalidade de impresso constituiu-se no suporte ideal para o exercício dos gêneros literários em curso, confirmando a importância do periodismo a serviço da formação e da emergência de gerações

67. Lorenzo Gomis, *Teoría del Periodismo: Como se Forma el Presente*, Barcelona, Buenos Aires, México, Ediciones Paidós, 1991, p. 44.

SIhi

literárias, preenchendo a lacuna da inexistência de uma editoração nacional. Teria sido tão vasta a produção de crônicas[68] e contos de Machado de Assis, propagada pelos jornais e revistas, não fosse a limitação de instrumentos de veiculação da época, restringindo o autor ao que "cabia" no periódico, ao que era possível ser publicado naquela altura nos jornais, ao que tinha saída no mercado?

Na impossibilidade de editar-se um romance, dada a inexistência de uma pródiga editoração nacional, produzia-se o conto, esse, sim, pelo menos com publicação garantida nas revistas. Romances, só aos bocaditos, em forma de folhetim, que aos jornais interessavam como chamariz ao pé da primeira página. O sucesso desse gênero teria sido o mesmo, não fosse o recurso do jornal, e, mais que isso, a característica da seriação, que por si só instigava a leitura seguinte, garantindo o consumo do impresso enquanto lá se encontrasse, de suspense em suspense, o enredo instigante com todos os lances rocambolescos pertinentes?

O elenco de gêneros do periodismo brasileiro no período em apreço é variado e diversificado pelos tantos ensaios que as revistas conheceram, até aprumarem-se na sua concepção hoje conhecida, inscritas num quadro de produção, circulação e consumo. Interessa percorrer gêneros e seções que caracterizaram aquelas publicações, inscritos na sua historicidade, sugestivos da criatividade e demandas daquela conjuntura específica[69]. Sergio Micelli insiste na especial circunstância ao afirmar:

> [...] Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros que vinham de ser importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em essencial, a crônica[70].

De fato, a evolução técnica determinando a transformação plástica da revista e concomitante diversificação de seu caráter trouxe mudanças significativas em seu interior, sobretudo quanto aos gêneros e seções veiculados. Experimentos de toda ordem sucederam-se no uso de antigas e novas formas de expressão, aten-

68. Registram-se mais de 600 crônicas de Machado de Assis, John Gledson, *Bons Dias!*, São Paulo/Campinas, Hucitec/Unicamp, 1990, p. 11.

69. Não se fará aqui a avaliação literária dos gêneros. Primeiro, porque essa tarefa é do âmbito da história da literatura comparada; segundo, pois fugiria do propósito desse trabalho, presidido pela análise histórica da revista no Brasil.

70. Sergio Micelli, *Poder, Sexo e Letras na República Velha: Estudo Clínico dos Anatolianos*, São Paulo, Perspectiva, 1977, p. 15.

Slhi

dendo ao ritmo de outra temporalidade, marcada pela velocidade, que transformou o periódico em veículo ideal para os tempos de cultivo da rapidez. Brito Broca, referindo-se particularmente aos jornais, admite inovações no início do século, a partir das demandas específicas do período. Sublinha, nos jornais, "a decadência do folhetim, que evoluiu para a crônica de uma coluna focalizando apenas um asssunto, e daí para a reportagem; o emprego mais generalizado da entrevista, muito pouco utilizada até 1900, e a crítica literária em caráter mais regular e permanente"[71]. Flora Sussekind, com relação à produção literária do mesmo período, acentua a "perseguição do instante", fortalecendo gêneros como a crônica, as gazetas rimadas ou as revistas de ano; lembra, como exemplares do triunfo da forma de recepção e representação do tempo, alguns "instantâneos em versos" de Bilac, Arthur Azevedo ou Emílio de Menezes, então publicados nas folhas[72].

Que rebatimentos de tudo isso se encontraram nas revistas?

Importa insistir na especificidade dos gêneros literários nas esferas periódicas, nas quais crônica, conto, folhetim e novela comparecem com características adequadas a cada publicação. No caso das revistas, no âmbito da prosa, a incidência recaiu na crônica, seguida do conto, folhetim, crítica e novela; no tocante à poesia, triunfou o soneto. Sinal dos tempos e do "País de poetas", coube à poesia a aparição recorrente, ocupando páginas periódicas das mais diversas temáticas e propósitos, recurso adotado inclusive pelo tratamento publicitário, para o qual a redondilha foi a métrica ideal. No jornalismo, predominaram o artigo, a reportagem e a entrevista.

Acrescente-se, com relação ao predomínio da poesia, que o parnasianismo então em voga e os refluxos do simbolismo encontraram no tratamento poético sua forma de expressão exclusiva. Nada estranho, pois, que este fosse o gênero mais presente nas revistas daquele momento, nascida de inspirações femininas, masculinas, expressão da alma do tempo. Com uma variação editorial, em relação à prosa, qual seja: a edição dos livros de poesias não decorreu de sua publicação inicial em revista, conforme se deu com o romance, ou com tantas outras obras veiculadas inicialmente através de revistas[73]. Boa parte das publicações poé-

71. Brito Broca, *op. cit.*, p. 209.

72. Flora Sussekind, *Cinematógrafo das Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 97-98.

73. José Veríssimo lançou sua *História da Literatura*, em partes, através da *Kosmos*, embora se queixasse da ineficiência do veículo para trabalho daquela natureza.

SIhi

ticas então divulgadas saiu inédita dos prelos, sem percorrer os periódicos. Não se pode descartar que a poesia, embora gênero literário de maior prestígio, também era o de menor rentabilidade econômica, assumindo seus autores, na inviabilidade comercial do gênero, a iniciativa da impressão.

Longe de analisar cada gênero periodístico na sua proposição ampla, selecionamos algumas ocorrências nas revistas, percebendo-os através das respectivas seções. E foram inúmeras. Não por acaso *variedades* era a síntese freqüente de seus subtítulos. A amostragem possível desse imbricamento de gêneros e seções decorreu de sua apreensão no interior das revistas, em que apareciam quase aleatoriamente, sujeitas a experimentos de toda ordem, na tentativa de angariar público.

Numa mesma publicação sucediam-se, *em revista*, as Seções de Crônica, Desporto, Notas Sociais, Questionários, Versos, Música, Teatro, Moda, Charada e, por volta de 1910, a Seção Cinematográfica, entre tantas outras. Em 1908, *Vida Paulista* apresentava as seções Bilhetes Postais, Vida Artística, Agulhas e Alfinetes, Instantâneos, Na Rua XV, Concursos. Em 1910, a *Ilustração Paulista* trazia as seções Crônica, Vida Social, A Moda. Oportuna e inovadora a seção Revistas na Bigorna, da nacionalista *Via Láctea. Revista ilustrada de assuntos gerais, atualidades, arte e ciência*, de 1903[74]. Ali, o editor Jorge Costa opinava sobre os periódicos em circulação, merecendo-lhe então registro positivo as revistas *São Paulo Ilustrado, Revista do Ensino, Alvorada* e *Revista Comercial.*

Nesse conjunto, a seção *Artigo de Fundo* era de rigor. Abria a publicação, divulgando de pronto sua proposta literária, linha ideológica ou lacuna a preencher, geralmente em forma de prosa, texto corrido, economizando palavras.

Em 1897, na revista *O Anel*, o Artigo de Fundo vinha sucinto:

> Caros Confrades, amáveis leitores e gentis leitoras
> Ante vós se apresenta *O Anel*, originalmente facturado em um quarto de papel com seus respectivos rabiscos traçados burguesmente por filetes de chumbo.[...] Este *Anel* servirá para que os rapazes amantes da literatura desfiram seus cantos, ora ritmados em sã poesia, ora acastelados em humorística prosa!
> Eis o programa[75].

A conquista imediata do assinante era o objetivo subjacente, incutindo no leitor vínculos de dependência, não raro conferindo-lhe a responsabilidade pela

74. *Via Láctea. Revista ilustrada de assuntos gerais, atualidades, arte e ciência*, São Paulo, 1903, n. 1.
75. *O Anel*, São Paulo, 1897, n. 1.

sobrevivência do periódico. Em 1910, *A Lua, semanário ilustrado*, dirigia nesse sentido a apresentação inicial:

> Somente, para que ela possa desvendar tudo, mas tudo, tim-tim por tim-tim, é necessário que os seus cortejadores, digo mal – leitores, a galanteiem fartamente, sobejamente. Só assim Ela poderá fazer frente aos seus gastos desmedidos e às suas bizarras extravagâncias de rapariga romântica e esquisita, nas suas descidas e passeatas cá pela terra, pois cá o degas, o seu apaixonado amante *Pierrot*, está, como quase sempre, com os bolsos numa situação impossível de arcar por muito tempo com todos os luxos e todos os caprichos de uma namorada assim tão nova, tão exigente, assim tão catita. Disse. [Haja palmas, toque-se o hino, e baixe o pano, que é findo o discurso inaugural] Pierrot[76].

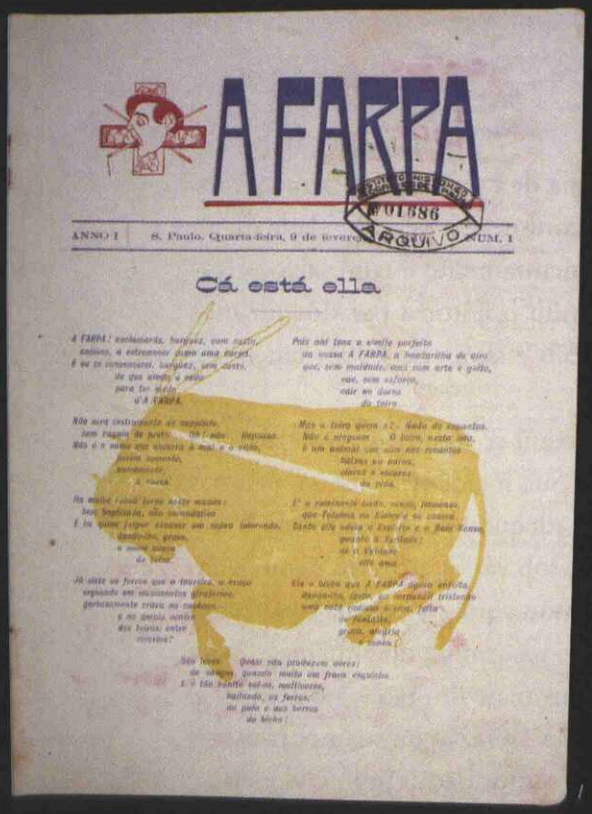
A Lua contava com anunciantes fortes, impressa em papel glacê, trazendo colaboradores de peso, como Vicente de Carvalho, e o pseudônimo Pierrot, não era de outro senão Olavo Bilac. A própria diversificação de seções, tão variável, resultava em chamariz para o consumidor, também divulgada ocasionalmente já no artigo de fundo com o intuito de criar expectativa. Como se deu em *Autoridade. Jornal semanário, órgão do Club Monarquista,* de 1896, cujas seções foram anunciadas no "editorial"[77].

> [...] Além dos editoriais, terá várias sessões:
> A das revistas dos jornais, durante a semana finda
> A das notícias principais do interior
> A das ocorrências do exterior
> A de ciências
> A de literatura
> A de zig-zag, destinada a variedades e humorismos
> A das troças, pois é necessário corrigir pela crítica os excessos dos adversários[78].

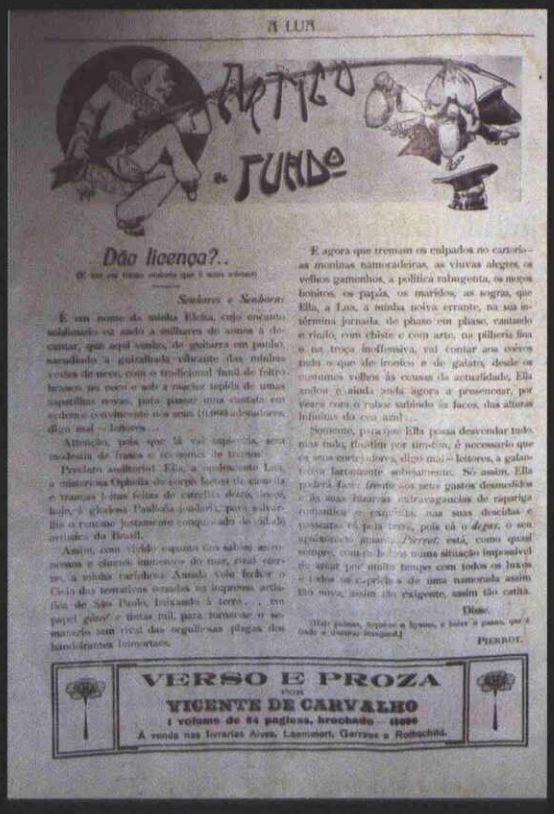
Por volta de 1910, os recursos técnicos estimularam inovações no visual das seções, resultando formas gráficas inusitadas para defini-las. Em 1916, *A Farpa*, órgão de crítica ao governo de Altino Arantes trazia como artigo de fundo um poema humorístico de Amadeu Amaral, talvez o único de toda sua produção poética, tratado com grafismo especial[79].

76. *A Lua, semanário ilustrado*, São Paulo, 1910, n. 1.
77. Em toda a pesquisa, só em *Autoridade* se encontrou o termo *editoriais* designando o *artigo de fundo.*
78. *Autoridade. Jornal semanário, órgão do Club Monarquista*, São Paulo, 1897, n. 1.
79. *A Farpa*, São Paulo, 9 fev. 1910, ano I, n. 1.

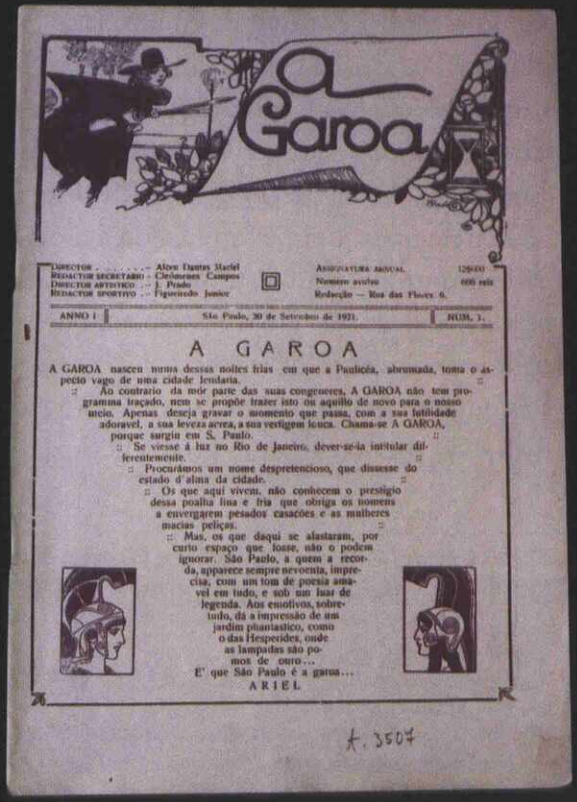
SIhi



1



2



3

Literatura e Forma Gráfica • Novas soluções: páginas de rosto com artigos de fundo. • 1. *A Farpa*, São Paulo, 1910, n. 1. • 2. *A Lua, semanário ilustrado*, São Paulo, 1910, n. 1. • 3. *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 1.

Por vezes, o artigo de fundo aparecia em forma de crônica, regularmente intitulado *Crônica do Mês*, ou *Crônica da Semana*, conforme a periodicidade da revista. Nessa modalidade, "passava em revista", sucintamente e com laivos críticos, os acontecimentos daquela temporada, pondo o leitor a par dos últimos acontecimentos. A revista *Paulópolis, artes, ciências e letras*, de 1903, lançou-se com a *Crônica do Mês* como artigo de fundo.

Freqüente em várias seções, a *crônica*[80] encastelou-se nas revistas, resultando em gênero dos mais apreciados pelo periodismo. Sua incidência suscita algumas considerações. Para Antonio Candido a crônica adequou-se de tal forma à demanda da época que "[...] até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu"[81]. John Gledson registrou seu caráter documental: "Não foram escritas para a posteridade [...] eram muito mais limitadas no tempo, e pressupunham um leitor que partilhava esse tempo"[82]; razão de sua oportunidade para aquele periodismo que produzia órgãos de informação por excelência.

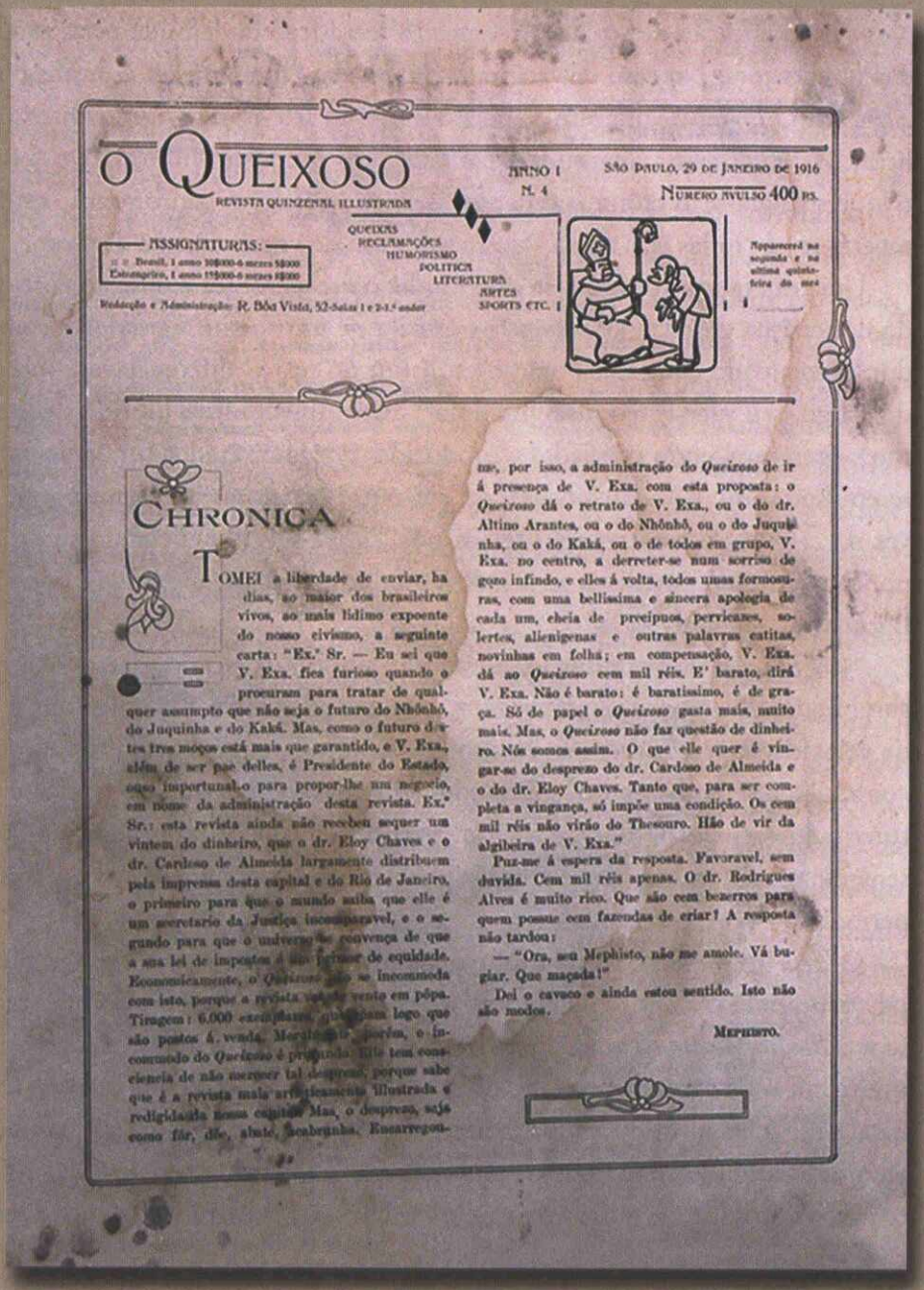
Definida a partir de amplo conceito[83], a crônica exerceu vários papéis, ocupando o lugar do artigo de fundo, fazendo as vezes do que hoje se denomina editorial ou lançada no interior da revista, em seção exclusiva. Aproximava-se do artigo, sobretudo na característica comum de voltar-se para as ocorrências contemporâneas, no seu suceder imediato. Marcada pela reflexão despretensiosa, redundou na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero. Crespo, estudando a crônica em *A Cigarra, o Pirralho* e *A Vida*, não encontrou uma hierarquia temática rígida para defini-la; o gênero, acuado pela voracidade dos fatos, pressionado pelo jornalismo que se impunha, oscilou entre o tratamento do efêmero – um dia de verão ou o carnaval –, e questões conjunturais graves, como a guerra européia e a política interna brasileira, registro válido para o conjunto das revistas paulistanas do período.

80. Ver Antonio Candido [org.], *A Crônica: O Gênero, Sua Fixação e Suas Transformações no Brasil*, Campinas, Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; Regina Aida Crespo, *Crônicas e Outros Registros: Flagrantes do Pré-modernismo. 1911-1918*, Campinas, Mestrado Unicamp, 1990, p. 18; Clemente Cimorra, *op. cit.*

81. Antonio Candido, "A Vida ao Rés-do-Chão". *Apud* Regina Crespo, *op. cit.*, p. 17.

82. John Gledson, *Bons Dias!*, *op. cit.*, p. 11.

83. Ver Antonio Candido, *op. cit.*; David Arrigucci Jr., "Fragmentos sobre a Crônica", em *Enigma e Comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987; Regina Crespo, *op. cit.*, pp. 18 e ss.



O QUEIXOSO

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

ANNO I
N. 4

SÃO PAULO, 29 DE JANEIRO DE 1916

NUMERO AVULSO 400 RS.

ASSIGNATURAS:
Brasil, 1 anno 10$000-6 mezes 5$000
Estrangeiro, 1 anno 15$000-6 mezes 8$000

QUEIXAS
RECLAMAÇÕES
HUMORISMO
POLITICA
LITERATURA
ARTES
SPORTS ETC.

Redacção e Administração: R. Bôa Vista, 52-Salas 1 e 2-1.º andar

Apparecerá na segunda e na ultima quinta-feira do mez

CHRONICA

TOMEI a liberdade de enviar, ha dias, ao maior dos brasileiros vivos, ao mais lidimo expoente do nosso civismo, a seguinte carta: "Ex.º Sr. — Eu sei que V. Exa. fica furioso quando o procuram para tratar de qualquer assumpto que não seja o futuro do Nhônhô, do Juquinha e do Kaká. Mas, como o futuro destes tres moços está mais que garantido, e V. Exa., além de ser pae delles, é Presidente do Estado, ouso importunal-o para propor-lhe um negocio, em nome da administração desta revista. Ex.º Sr.: esta revista ainda não recebeu sequer um vintem do dinheiro, que o dr. Eloy Chaves e o dr. Cardoso de Almeida largamente distribuem pela imprensa desta capital e do Rio de Janeiro, o primeiro para que o mundo saiba que elle é um secretario da Justiça incomparavel, e o segundo para que o universo se convença de que a sua lei de impostos é um primor de equidade. Economicamente, o *Queixoso* não se incommoda com isto, porque a revista vai de vento em pôpa. Tiragem: 6.000 exemplares, que [illegible] logo que são postos á venda. Moralmente, porém, o incommodo do *Queixoso* é profundo. Elle tem consciencia de não merecer tal desprezo, porque sabe que é a revista mais artisticamente illustrada e redigida da nossa capital. Mas, o desprezo, seja como fôr, dêe, abate, acabrunha. Encarregou-me, por isso, a administração do *Queixoso* de ir á presença de V. Exa. com esta proposta: o *Queixoso* dá o retrato de V. Exa., ou o do dr. Altino Arantes, ou o do Nhônhô, ou o do Juquinha, ou o do Kaká, ou o de todos em grupo, V. Exa. no centro, a derreter-se num sorriso de gozo infindo, e elles á volta, todos umas formosuras, com uma bellissima e sincera apologia de cada um, cheia de precipuos, pervicazes, solertes, alienigenas e outras palavras catitas, novinhas em folha; em compensação, V. Exa. dá ao *Queixoso* cem mil réis. E' barato, dirá V. Exa. Não é barato: é baratissimo, é de graça. Só de papel o *Queixoso* gasta mais, muito mais. Mas, o *Queixoso* não faz questão de dinheiro. Nós somos assim. O que elle quer é vingar-se do desprezo do dr. Cardoso de Almeida e o do dr. Eloy Chaves. Tanto que, para ser completa a vingança, só impõe uma condição. Os cem mil réis não virão do Thesouro. Hão de vir da algibeira de V. Exa."

Puz-me á espera da resposta. Favoravel, sem duvida. Cem mil réis apenas. O dr. Rodrigues Alves é muito rico. Que são cem bezerros para quem possue cem fazendas de criar? A resposta não tardou:

— "Ora, seu Mephisto, não me amole. Vá bugiar. Que maçada!"

Dei o cavaco e ainda estou sentido. Isto não são modos.

MEPHISTO.

Crônica: O Formato Preferencial para todas as Mensagens • A crônica como artigo de fundo. *O Queixoso. Revista Quinzenal Ilustrada. Queixas, reclamações, humorismo, política, literatura, artes, sports etc...*, São Paulo, 1916, ano 1, n. 4.

Slhi

A diversificação de seu amplo espectro temático era definida pelas propostas das publicações. No caso das acima mencionadas, enquanto as crônicas d'*A Cigarra* e d'*O Pirralho* voltavam-se para o binômio arte-mundanismo, guerra e política, *A Vida,* revista anarquista, pautada pelo propósito informativo e formativo, restringia-se às crônicas didáticas de teor político. A padronização estilística repetia-se em todas elas através do mesmo uso de vocabulário e discurso.

Uma diferença, contudo, se interpunha entre a crônica e o relato corriqueiro da notícia: na crônica, a "presença explícita de um sujeito narrador e comentador, preocupado com a elaboração estilística do texto" diferenciava-a sobretudo do artigo, seu sucedâneo mais próximo[84]. Além disso, misto híbrido de jornalismo e literatura, eram confiadas e produzidas por interessados fundamentalmente em literatura, não constituindo-se em puro jornalismo ou reportagem. Através da crônica, o aspirante a literato qualificava-se, diferenciando-se do então pouco valorizado jornalista, associado à produção maciça, apressada e pouco qualificada dos jornais.

Na evolução do periodismo, o estatuto híbrido da crônica deu ensejo para o surgimento do *artigo* e da *reportagem,* compatíveis com a dinâmica dos tempos de velocidade. Adequavam-se idealmente ao jornal, em particular a última, que conheceu desenvolvimento, sobretudo, ao tempo da guerra, revelando-se oportuna pelo recurso da ilustração. Em particular aquelas reportagens de cunho sensacionalista, estimulantes à curiosidade do público e apelativas do consumo periódico.

O *artigo,* em geral, trazia título chamativo, sob um antetítulo de caráter geral, resumindo o assunto com apreciações do autor. Lobato primou nesse âmbito e a *Revista do Brasil* guarda sugestivo repertório de exemplos. Já a *reportagem,* muito em voga no periodismo francês, mais abreviada ainda que o artigo e a crônica, procurava introduzir uma forma colorida e viva de demonstrar os traços da vida e do ambiente. As primeiras reportagens, aparecidas no *Pall Mall Gazett,* tematizando sobre o tráfico de mulheres brancas, causaram escândalo e sensação, fazendo escola.

Em São Paulo, no ano de 1895, Juvenal Pacheco lançava o periódico *O Repórter,* exatamente com o propósito de revelar a nova dinâmica acelerada do tempo, resumindo seu propósito no breve artigo de fundo:

84. Regina Crespo, *op. cit.*, pp. 20-21.

SIhi

Contar o que se passa, reproduzir a impressão do dia no espírito público, denunciar o abuso, lembrar o remédio, louvar a ação meritória – eis o programa d'*O Repórter*[85].

A *Revista Moderna*, impressa em Paris, em 1897, introduzia o que havia de mais avançado em periodismo, primando por elaboradas reportagens, coberturas de acontecimentos marcantes do tempo, geralmente ilustradas com desenhos tomados a partir dos acontecimentos, não se furtando ao sensacionalismo em voga. Como aquele de cena horripilante do incêndio do Bazar da Caridade em Paris, em 4 de maio de 1897, causado por uma lanterna de cinematógrafo. A queda do toldo do pavilhão, como um lençol de fogo, vitimou figuras "pertencentes quase todas às camadas superiores, visíveis e decorativas da sociedade", conforme o registro do jornalista Botelho. Mais que a descrição minuciosa do sinistro, a ilustração em *croquis* estampava uma cena de horror, trazendo corpos em desespero de dor, alguns já incinerados, espetáculo impactante naquelas páginas de mostruário habitualmente ameno e elegante[86].

Mais do que a síntese, o traço peculiar da inicial *reportagem* do periodismo trazia a marca sensacionalista, cobrindo escândalos da época, tratados sob o viés do tumulto, do alvoroço, da reprovação moral. O desfile de reportagens sobre *O Caso de Sinhá Junqueira ou o Crime de Cravinhos, O Crime da Mala, O Caso Nenê Romano* permearam as páginas das revistas, fazendo-se acompanhar de "reportagens fotográficas" com o mesmo escopo do sensacional. Nos jornais, no ano de 1897, *O Estado de S. Paulo* trazia em primeira página as proezas do bandido Dioguinho no vale do Rio Moji, enquanto o *Times* de Londres noticiava, em grandes reportagens, as façanhas de Jack, o Estripador. A revista *O Momento,* em 20 de julho de 1914, constatava a importância da reportagem, que punha às escâncaras os bastidores da notícia ficcionalizada e tratada.

> [...] a alma do jornalismo hodierno é a reportagem; os jornais, à parte as idéias que representam, valem segundo o número de informações que prestam ao público, arrancando ao papelório das secretarias e dos escaninhos da sociedade as negociatas rendosas, as sinecuras magníficas e todos esses escândalos que fazem a glírua canalha desta época. *O Momento* será a última palavra em reportagem; ainda mais em reportagem documentada por fotografias[87].

85. *O Repórter*, São Paulo, 1895. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 744.
86. *Revista Moderna, op. cit.*, 1897, n. 1, p. 8.
87. *O Momento*, São Paulo, 20 jul. 1914, n. 1, p. 2.

Não só *O Momento*, mas as revistas ilustradas da época, contando agora com o recurso fotográfico do instantâneo, revelaram-se "revistas reportagens", traço marcante do periodismo paulista. Nada mais oportuno para celebração das solenidades oficiais que a cobertura jornalística por meio de reportagens que, impossibilitadas de se estamparem através da imagem pelos jornais, encontravam na revista a possibilidade de reprodução ideal. Por vezes, apelava-se apenas para as imagens que cobriam os aspectos do fato, até mesmo sem legenda; no geral, não apenas a legenda da fotografia, mas o texto anexo, também de mensagem ligeira, resultavam nas três a quatro páginas que garantiam a aquisição do impresso. Fato é que, na reportagem fotográfica, o texto encolhia, dando lugar para a linguagem imagética, passível de manipulações várias, mitificadora de mensagens.

A oligarquia – com suas recepções em palácio, recebendo visitantes ilustres, os funerais de autoridades, a abertura do Congresso, a inauguração das Exposições de todo o teor – encontrou na reportagem o recurso ideal para a divulgação de sua imagem. Em 1913, a revista *Radium*[88] foi pródiga nessa proposta, cobrindo os feitos do governo e, curiosamente, privilegiando uma série de reportagens sobre *Belezas Naturais*. O olho do Progresso, que vinha enaltecendo a cidade do tijolo e do cimento, por vezes fixava-se na paisagem ainda bucólica de algum recanto, passível de ser veiculada como cartão-postal do País que se dava a conhecer ao mundo, e o fazia através dos melhores cenários.

A inovação de gênero daquele periodismo, sobretudo no tocante ao propósito da velocidade e rapidez, ficou por conta do *suelto*. Este recurso de informação ligeira sobre qualquer temática foi prontamente adotado pelo jornalismo da época, apropriado também pelas revistas. A mesma publicação *O Momento*, de 1914, justificou seu emprego:

> *O Momento* publicará entrevistas...
> Mas os aspectos da complicada vida atual são tão diversos que para comentá-los só adotando essa fórmula de expressão desconhecida do jornalismo passado, o suelto. *O Momento* vai usá-los largamente ...

O *suelto* cruzou com Lobato amiúde. Nas cartas a Rangel, indagava:

88. *O Radium*, São Paulo, 1913, n. 1.

A *Vida Moderna* trouxe as tuas notas sobre Euclides e uns *sueltos* que me parecem teus. Errei?[89]

Ou, ainda:

[...] mandei para *Vida* um mundo de notas tiradas ao meu *Diário*, que o Simões espalha pela revista como *sueltos*. Infelizmente a revisão colabora e me "melhora" de maneira apavorante...[90]

Para além das crônicas, artigos e reportagens, os escritores de plantão também encontraram no *conto* a fórmula ideal para colocarem-se em letra impressa. Sua incidência suscitou o alerta de Lobato:

Toda gente considera o conto um gênero leve – e tomam o leve como sinônimo de fácil. Mas note que em todas as literaturas só emerge do conto um Maupassant para dez romancistas[91].

Ou, para se ficar em terreno nacional, entre tantos experimentos no Brasil, emergiu apenas um Machado de Assis. A oportunidade do conto revelou-se de tal ordem que propiciou a solicitação do gênero até como estratégia de venda do periódico. *Prêmio literário a quem nos mandar um final exato para o conto abaixo*, pedia a revista *O Mercúrio*, de 1906, publicação que nem mesmo literária se anunciava e, sim, comercial. Na *Revista do Brasil*, fase de Lobato, por injunções de espaço, o conto vinha com montagem tipográfica diferenciada pelo corpo da letra, com tipo menor, corpo 8, enquanto a produção poética se apresentava em corpo 10, letra graúda, cercada de frisos e vinhetas. Nesta representação, não deixava de destacar-se ainda mais no interior da publicação[92]. Machado de Assis foi recordista no gênero, mas Lobato o exercitou amiúde e Valdomiro Silveira resultou no contista regional por excelência[93].

89. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. II, p. 99.
90. Monteiro Lobato, *op. cit.*, vol. II.
91. Edgard Cavalheiro, *op. cit.*, vol. 1, p. 197.
92. Segundo José Oiticica o conto se caracteriza por ser sintético, monocrômico ou linear, por dar relevo a um incidente interessante da vida. José Oiticica, *Curso de Literatura*, coligido e revisto por Roberto das Neves, Rio de Janeiro, Editora Germinal, s/d., pp. 274-276. Ver ainda Amadeu Amaral, *Novela e Conto*, São Paulo, Hucitec, 1976.
93. Revistas que estamparam contos, entre outras: 1896, *A Paulicéa*; 1900, *A Platéia*; 1900, *O Íris*; 1901, *A Verdade*; 1901, *Iracema*; 1902, *Aljava;* 1904, *Buenadicha em Albor*, conto de Coelho Neto; 1904, *O Pequeno Polegar*, com contos de Andersen; 1905, *Arco Íris*, conto de Valdomiro Silveira.

Já a *novela* vinha de encontro à criação literária mais ambiciosa com relação ao conto, perpetrada pelo literato ainda não preparado para o romance, ou pela garantia de sua publicação em veículo mais corriqueiro, tal qual as revistas, por exemplo. A apreciação de Oiticica é esclarecedora: enquanto o romance apresentava "um entrelace de dramas", a novela se caracterizava pela "apresentação de um só drama"[94].

Em 1900, *A Platéia*, definia a novela como "fotografia de costumes", anunciando-a quase como novidade no Brasil, gênero "pouco difundido entre nós que preferimos a novela francesa, que abunda no mercado". Ao resenhar a recém-lançada série da Editora Olegário Ribeiro, *A Novela Semanal*, dirigida por Amadeu Amaral, lembrava os grandes novelistas, Balzac, Camilo Castelo Branco e Alexandre Dumas, este, inclusive, iniciando-se como novelista. Em 1903, na revista *Paulópolis*, a novela aparecia editada como folhetim e em 1920, na criativa *Papel e Tinta*, lançavam a "novela quinzenal".

Outros temas, novos gêneros, modismos de toda ordem, mas, indefectível, em algumas publicações, lá vinha o chamado: *Aguardem! No próximo número esplêndido folhetim de....*

Entre tantos experimentos de gêneros literários e jornalísticos, retomados e/ou inaugurados, o recorrente *folhetim*, presente nos jornais, compareceu nas revistas paulistanas do período, ameaçado, contudo, pelas seções e gêneros inaugurais daquela imprensa comprometida com a venda e o lucro. Diga-se que o próprio folhetim trazia fórmula certeira para atrair o mercado, isto é, o suspense fragmentado, a emoção aguardando o próximo lance, que por sua vez recriava novas emoções, narcótico do qual as revistas não prescindiram. Uma primeira mudança registrou-se na autoria daquela produção que, de Terrail a Paul de Kock, passou à assinatura de escritores autóctones; estes acabaram por colocar-se através do conto e, posteriormente, da novela, privilegiando estes gêneros nas páginas periódicas em voga. Diga-se que parte significativa da produção ficcional do período resultou da inicial publicação em forma de folhetim nas revistas. A relação é imensa, mas seguem alguns exemplos: de Machado de Assis, cuja obra praticamente veiculou-se por revistas; a *Revista Sousa Cruz* que editou em folhetim não só Lima Barreto, como *Cruel Mistério* e *A Garota*, de Eloy Pontes, em 1926 e 1927, e até mesmo em 1928 a *Revista de Antropofagia*, trazendo, de Yan

94. José Oiticica, *Curso de Literatura*, *op. cit.*, p. 273.

SIhi

de Almeida Prado, *Os Três Sargentos [Episódio da Revolução de 1924]*, sob o pseudônimo de Aldo Ney[95].

Vale lembrar que opiniões abalizadas da época já questionavam o gênero. Lima Barreto, confirmando indiretamente sua oportunidade para o periodismo, conjecturava:

> Não sei o que tem o tal gênero folhetim de tão estritamente atual, do momento, do minuto em que é escrito que, passado esse fugace instante, rançam logo e perdem todo o sabor. Considerem que eu já fiz, faço e farei folhetins... Mas...[96]

A observação vinha de autor que praticamente lançara sua obra em folhetins. A publicação inicial de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* se dera em sua revista *Floreal*, veiculando-o do primeiro número, em 1907, até o quarto e último, em 1908. Também *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi lançado em folhetim pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, de 11 de agosto a 10 de novembro de 1911. Em 1912, saía em fascículos, para a venda avulsa *As Aventuras do Dr. Bogoloff*[97]. O jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, estampava *Numa e Ninfa* de 15 de março a 26 de julho de 1915. Em 1921 veiculava-se o primeiro capítulo de *O Cemitério dos Vivos*, na *Revista Sousa Cruz*[98]. *Clara dos Anjos* estampava-se na *Revista Sousa Cruz*, de janeiro de 1923 a maio de 1924. Confirmando a adequação dos propósitos do gênero àquele dos periódicos, o autor acrescentava a característica do apelo instantâneo do folhetim:

> É gênero que procura sempre o fato ou o acontecimento mais em voga, aquele que mais interessa à futilidade de todos e deve ser cheio de alusões às pessoas e cousas efêmeras, para que o sucesso bafeje. Não podem os rodapés prescindir do vulgar dia-a-dia, não se podem alçar para mais adiante, nem para mais atrás. É ali! É o elefante do Franck Brown ou a chegada da missão do Reino de Sião[99].

Monteiro Lobato, curiosamente, vinha mais incisivo, num registro de editor:

95. Yan de Almeida Prado [pseudônimo Aldo Ney], "Os Três Sargentos [Episódio da Revolução de 1924]", *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano XI, n. 125, maio; n. 131, nov.
96. Lima Barreto, *Vida Urbana*, *op. cit.*, p. 151.
97. José Ramos Tinhorão, *op. cit.*, p. 85.
98. *Revista Sousa Cruz*, jan. 1921, ano VI, n. 49.
99. Lima Barreto, *Vida Urbana*, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 151.

Grande erro publicar romances em revistas mensais, um fragmento em cada número. No mês do intervalo entre um pedaço e outro, o leitor esquece o fio – e acaba não lendo o resto[100].

Ainda que depreciado pelos coevos, o folhetim continuou impávido, como atestou Marlyse Meyer, em *Folhetim, uma História*[101]. Na dinâmica da *Belle Époque*, de tantos inventos e modismos, sua permanência foi constatada a partir de criteriosa pesquisa[102], em particular nos jornais paulistas, concluindo: "vimo-lo atravessar a Revolução Russa, Greves de 1917 e subseqüentes".

Quanto às revistas aqui mencionadas, a incidência foi menor, embora não desprezível. A começar pela tão citada *Revista Moderna*, de 1897, impressa em Paris, mas produzida por editor paulista, trazendo *A Ilustre Casa de Ramires* criada especialmente para figurar naquela publicação. Havia ainda folhetim em *A Verdade*, 1901; *Ilustração Brasileira*, de Paris, em 1901, com folhetim assinado por D. João de Castro; *O Ramilhete*, 1902, com folhetim de Margarida de A. Brechat, tradução de F. Braga; *O Mecan~* [*sic*], 1904, com folhetim *O Badejo*, de Arthur Azevedo; *O Mercúrio*, de 1904, mais jornal, que anunciava "esplêndido folhetim"; *O Mercúrio*, de 1906, anunciando o mesmo esplêndido folhetim; *O Bicho*, de 1909, com o folhetim *O Casamenteiro*, "romance de sensação!, escrito especialmente para *O Bicho* e dedicado às senhoritas paulistas por Juca Mello"; e tantos n'*A Vida Moderna*.

Sob o *signo da mudança*, a passagem da literatura para o periodismo e sua inserção nas regras do mercado não se dera por acaso. Uma conjuntura muito específica presidira aquela transformação, alicerçada num processo de mutações várias. A transformação do capital fora o início de tudo, particularmente na Província/Estado de São Paulo. Na sua esteira e num movimento quase simultâneo, conjugaram-se a revolução técnica otimizadora da imprensa, a política de alfabetização encetada na Capital paulista pelo Estado republicano e o empenho no fabrico do papel e/ou legislação que regulava sua importação. Cada uma dessas ocorrências pede análise circunstanciada, dada sua especial historicidade no País que, tardiamente, conhecera os prelos.

100. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. II, pp. 201-202.
101. Marlyse Meyer, *Folhetim, uma História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1906.
102. A autora apóia-se no levantamento de Raimunda Brito Batista nos jornais paulistas, *op. cit.*, p. 370.

3

Oficinas da Palavra





A transferência da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, foi o começo de tudo. Nos porões da nau Meduza *vieram de Lisboa prelos com seus pertences. Era uma tipografia completa encomendada na Inglaterra por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, futuro Conde de Linhares, para servir a sua Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Não tendo sido usada, encontrava-se ainda encaixotada na ocasião do embarque para o Rio de Janeiro.*

Rubens Borba de Moraes
A Impressão Régia do Rio de Janeiro[1].

1. Rubens Borba de Moraes, "A Impressão Régia do Rio de Janeiro: Origens e Produção", *op. cit.*, vol. I, p. XVII.

SHi

No Universo Gráfico das Revistas

Ao final do oitocentos, sob o signo da mudança, tudo eclodiu de repente. No campo gráfico, as transformações se fizeram sentir com intensidade e impacto. Como um movimento orquestrado, os setores de suporte daquela atividade conheceram avanços, surgindo prestemente um mercado consumidor, enquanto se estimulava a produção interna do papel, matéria-prima fundamental para o desenvolvimento do ramo. A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no periodismo o ensaio ideal para novas relações de mercado do setor. Diga-se que a imprensa periódica resultava em segmento polivalente, de influência na otimização dos demais, isto é, da lavoura, comércio, indústria e finanças, posto que as informações, a propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam aqueles circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz – veículos da palavra impressa – aliavam-se às melhorias dos transportes, ampliando os meios de comunicação e potencializando o consumo de toda ordem.

O tripé indispensável à sustentação da grande empresa editorial se erguia. Configurava-o, basicamente, conforme já se levantou, a evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel. Cada um desses pilares, fruto de tessitura histórica precisa, pede análise circunstanciada. Texto e contexto, conjugando temporalidade cultural específica, encontraram no periódico o ensaio adequado, do qual emergiria a editoração no País.

Num olhar de lince sobre nosso passado gráfico e editorial, com data inaugural em 1808[2], quando da vinda da Corte para o Brasil, algumas surpresas. A

2. Antes da Impressão Régia, a única tentativa editorial historicamente comprovada foi de Antonio Isidoro

SIhi

começar pela qualificada produção da Impressão Régia, da qual a *Gazeta do Rio de Janeiro*, sua primeira publicação em setembro de 1808, anunciava:

> se fazem [...] todas as obras pertencentes ao Officio de Livreiro, tudo por preços commodos: e se apara papel a 120 reis a Resma[3].

De seus prelos saiu toda sorte de publicação – legislativa, administrativa, comercial, econômica, científica, literária, infantil, didática –, inclusive, em 1813, a segunda revista periódica do Brasil, *O Patriota, Jornal Literário, Político e Mercantil*[4].

Diante das necessidades financeiras que cronicamente pautaram a instituição, em 1811 foi-lhe anexado um negócio rendoso, a Fábrica de Cartas de Jogar, monopólio da Coroa, com focos de impressão clandestina no Brasil[5].

Em paralelo, correu a audaciosa iniciativa particular de Manuel Antonio da Silva Serva, na Bahia, também em 1811, que resultou em produção gráfica e editorial de nível, veiculando entre outras obras sua gazeta, a *Idade D'Ouro do Brasil*[6].

A liberação da censura, em 28 de agosto de 1821, os altos preços cobrados pela Impressão Régia e a demanda de trabalhos na área estimularam algumas

da Fonseca, no Rio de Janeiro, em 1747, frustrada pela apreensão da tipografia e deportação do tipógrafo para Lisboa; em 1806, editou-se em Vila Rica o folheto *Canto Encomiástico de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos*, do Padre José Joaquim Viegas de Menezes, trabalho de gravura em cobre, impresso calcograficamente, não se tratando de um livro impresso. Cf. José E. Mindlin, *O Livro no Brasil: Bibliotecas e Tipografias*, São Paulo, 1990, p. 1, [mimeo.].

3. Anúncio da *Gazeta do Rio de Janeiro* de 2 de nov. de 1808, em Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba de Moraes, *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro. 1808-1822*, São Paulo, Edusp/Kosmos, vol. 1, p. XII. Ver ainda Ernesto de Senna, "A Imprensa Régia", *RIHGSP*, 1911, vol. XIII.
4. *O Patriota, Jornal Literário, Político e Mercantil* publicou 18 números entre 1813 e 1814, adquiridos mediante subscrição. Além de artigos contemporâneos sobre diversos temas, publicava autores do século anterior. A denominação *Patriota* na época, segundo H. J. da Costa era termo "proscrito, como um dos que tinham o cunho revolucionário". Sabe-se que o 1º periódico literário fundado no Brasil foi na Bahia, denominado *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, em 1812. Seu redator, Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, usava o pseudônimo de Elmano Bahiense para assinar as poesias que estampava na revista. As subscrições corresponderam no 1º ano a seis exemplares por mês e no 2º a exemplares bimestrais. Ana Maria de Almeida Camargo, *op. cit.*, vol. I, pp. 123-124.
5. As primeiras prensas enviadas ao Brasil destinaram-se a imprimir cartas de baralho, monopólio da Coroa, que em 1770 concedera privilégios, faculdades e isenções às pesssoas ocupadas nas cartas de jogar da Bahia. Falsificar cartas de jogar era crime tão rendoso quanto cunhar dinheiro, daí alguns focos na colônia. Carlos Rizzini, *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil. 1500-1822*, São Paulo, edição fac-similar da Imprensa Oficial do Estado, 1988, p. 319.
6. Ver Renato Berbert de Castro, *A Primeira Imprensa da Bahia e Suas Publicações: Tipografia de Manuel Antonio da Silva Serva: 1811-1819*, Salvador, Secretaria de Educação e Cultura, s/d.; Maria Beatriz Nizza da Silva, *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brasil*, São Paulo, Cultrix/INL/Mec, 1978.

vontades que, de forma aventureira, corajosa e astuta encetaram a produção de livros impressos, num País ainda tocado a escravos.

Nesses primórdios, é temerário referir-se a uma *prática editorial autóctone*, inviabilizada pelo contexto desfavorável do País analfabeto, apoiado em força de trabalho sem poder aquisitivo, onde a educação formal dependia da Igreja Católica, refratária ao livre-arbítrio e à liberdade de pensamento.

Contudo, surpreendentemente, a partir de 1821, casas tipográficas proliferaram pelo território, conformando um insuspeito universo gráfico, às voltas com trabalhos de impressão comercial, literária e artística, imprimindo textos de toda ordem[7]. Identificadas com freqüência nas capitais de províncias prósperas, resultavam de conjunturas urbanas específicas, surpreendidas em momentos de surtos econômicos pujantes, a serviço de trabalhos do impresso comercial ou, por vezes, em razão de motivações políticas. Desde então, destacam-se tipógrafos e tipografias de origem francesa, sediados na Corte, cuja qualidade de trabalho pouco ou nada devia a impressores europeus.

Vale lembrar as principais tipografias da primeira metade do século XIX, no Rio de Janeiro, relacionadas por José E. Mindlin:

> [...] já na década de 20, a de Plancher-Seignot, que na década de 30 passou a se denominar Typ. Imperial de E. Seignot-Plancher, e, nessa década, as dos grandes impressores franceses, como a Imprimerie de Gueffier & Cie., que publicou textos maçônicos e anti-jesuíticos, a Typ. Imp. e Constitucional de J. Villeneuve & Comp., a de B. Ogier, que Borba de Moraes considerava o melhor tipógrafo que o Brasil teve, e a Imprimerie et Chalcographie dirigées par G. H. Fourcy, que em 1839-1840 publicou a *Revue Bresilienne*, de textos literários com belíssimas gravuras[8].

A incidência de tipógrafos franceses na Corte prosseguiu na segunda metade do século XIX, a começar por Hippolite Garnier, e ainda, S. A. Sisson, Eduardo e Henrique Laemmert, J. Cremière, a Typographia e Lithographia a Vapor de Lombaerts & Cia. Todavia, na perspectiva de uma produção tipográfica nacio-

7. Sobre as oficinas da primeira metade do século XIX ver Cláudia Marino Semeraro e Christiane Ayrosa, *História da Tipografia no Brasil*, São Paulo, Masp, 1979; Juarez Bahia, *Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira*, São Paulo, Ática, 1990, pp. 109-110; José E. Mindlin relaciona as mais proeminentes às vesperas da Independência: Nova Officina Typographica e a Typographia de Moreira e Garcez, em 1821, no Rio de Janeiro, seguida de mais quatro: Silva Porto & Cia., Officina dos Annaes Fluminenses, a Typographia do Diário e a de Torres & Costa, também no Rio de Janeiro, *op. cit.*, p. 12.

8. José E. Mindlin, *op. cit.*, p. 15.

nal, o grupo de tipógrafos franceses deve ser visto com reservas. Parte de suas edições eram tiradas na França, em particular aquelas de Garnier, que se tornou o principal editor do Brasil, tendo em Paris a sede de seu império editorial.

Excepcional, contudo, o caso de Paula Brito[9], brasileiro, mulato, de origem modesta, poeta [menor], tradutor de obras francesas, editor de jornais e revistas. Em 1831 fundou, no Rio de Janeiro, a Tip. Fluminense de Brito & Cia., estabelecimento que perdurou até 1875, imprimindo vasta e preciosa bibliografia, entre ela os dois primeiros trabalhos de Machado de Assis, *A Queda Que as Mulheres Têm para os Tolos* [tradução do francês] e *Desencanto*, ambos de 1861. Dos prelos da Paula Brito também saíram obras de Joaquim Manoel de Macedo, a 1ª edição de *A Confederação dos Tamoios*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, em 1856, a 1ª edição de *As Primaveras*, de Casimiro de Abreu, em 1859, Teixeira e Souza, Martins Penna, Mello Moraes, Gonçalves Dias e muitos outros, configurando a inicial editoração nacional.

Em São Paulo, província pobre até por volta de 1870, a incidência de tipografias não foi desprezível. Na Capital, especialmente, seu aparecimento sinalizou as etapas do crescimento da cidade em sua relação intrínseca com o avanço cafeeiro, as transformações do capital, o impulso demográfico, o florescimento urbano, a busca da "civilização". Nesse surto paulista, contudo, observa-se uma nuança: enquanto a emergência e proliferação das gráficas do País atrelaram-se às exigências do impresso comercial, da veiculação política e, por vezes, do impresso literário, em São Paulo predominaram estímulos ideológicos, motivando a criação de periódicos políticos, fomentadores diretos da imprensa na província. Veiculavam publicações de tinturas monarquistas áulicas, católicas ultramontanas, maçônicas, mas na sua maioria de cunho liberal, atreladas ao ideário republicano, presididas pela escola literária do momento[10].

A essa imprensa política muito deve o surgimento do futuro parque gráfico paulista, iniciativa de agentes sociais atuantes no período, na sua maioria bacharéis das Arcadas. O celeiro dos "aprendizes do poder"[11], da Faculdade de Direito

9. A tipografia de Paula Brito funcionou sob várias denominações: Tipografia Fluminense, de Brito & Cia.; Tipografia de Paula Brito; Empresa Tipográfica Dois de Dezembro, de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial; e Tipografia Paula Brito [Viúva Paula Brito & Genro].

10. Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa *et alii*, "A Imprensa Republicana na Cidade de São Paulo. 1870-1889", *O Ideal Republicano. Anais do II Encontro do Núcleo Regional de São Paulo*, Coleção da Revista de História, LII, São Paulo, Anpuh, 1974.

11. Sérgio Adorno, *op. cit.*

SIhi

do Largo de São Francisco, foco onde o corpo discente em vão buscava a Luz no burgo paulistano, produziu também os homens de imprensa, que conjugaram política, literatura e o controle do País, representantes que eram das oligarquias agrárias e das emergentes camadas médias urbanas. Vale evocar alguns marcos retrospectivos dessa imprensa ideológica. A começar pela atuação de Hércules Florence[12], envolvido com a Revolução Liberal de 1842, em Sorocaba, responsável pela presença da primeira oficina de impressão no interior; a seguir, o surgimento do primeiro jornal paulista[13], de cunho político, *O Farol Paulistano,* de 7 de fevereiro de 1827; em 1829, *O Observador Constitucional*[14], de propriedade do médico de atuação liberal Libero Badaró; em 1833, a criação da *Revista Filomática*[15], produto de uma geração estreitamente envolvida com a política; em 1854, o lançamento do *Diabo Coxo*[16], de Américo de Campos e Angelo Agostini, objeto do primeiro processo-crime contra a imprensa pela publicação de caricatura atentatória à Igreja[17].

A julgar pelo levantamento de Janice Gonçalves para a Capital paulista[18], o balanço das tipografias, incluindo aí algumas litografias, também surpreende, num total de quatrocentas e cinqüenta e duas oficinas ao longo da segunda metade do século XIX, número ponderável se relacionado ao processo de instalação tardia da imprensa no País. Na maioria, não passavam de simples tipografias de impresso comercial, algumas mais avançadas, desenvolvendo trabalhos litográficos de

12. Hércules Florence, litógrafo do editor e impressor Plancher, no Rio de Janeiro, em 1825, desenhista da Expedição de Langsdorff, de 1825 a 1829, com participação na revolta liberal de 1842.Ver Bóris Kossoy, *Hércules Florence: A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil,* São Paulo, Duas Cidades, 1980.
13. Primeiro jornal, não se considerando o manuscrito *O Paulista,* de 1823. O *Pharol Paulistano* circulou de 1827 a 1831, quando seu principal redator, José da Costa Carvalho, passou a integrar a Regência Trina Provisória. Cf. Arnaldo D. Contier, *Imprensa e Ideologia em São Paulo. 1822-1842. Matizes do Vocabulário Político e Social,* Petrópolis/Campinas, Vozes/Unicamp, 1979, p. 43.
14. *O Observador Constitucional,* São Paulo, Tip. "O Farol Paulistano", 1829-1832. Redigido pelo médico italiano radicado em São Paulo Líbero Badaró, publicado três vezes por semana. Ver Arnaldo D. Contier, *Imprensa e Ideologia em São Paulo, op. cit.,* pp. 52-53.
15. A. Soares Amora, Prefácio à edição fac-similar da *Revista Filomática,* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/ Metal Leve, 1977.
16. Antonio Luiz Cagnin, "O Diabo Coxo", *DO Leitura,* n. 13[149], 1994; Priscila Lambert, "O Diabo Coxo está fazendo 130 anos", *Jornal da USP,* 10 a 16.10.1994.
17. Antonio Barreto do Amaral, "Curioso Crime de Imprensa em 1866", *RIHGSP,* LXII, pp. 262-280.
18. Janice Gonçalves, *Música na Cidade de São Paulo. 1850-1900: O Circuito da Partitura,* São Paulo, Mestrado História-USP, 1995 [mimeo.]. A autora arrola vinte oficinas na década de 1850, treze na década de 1860, trinta na de 1870, e noventa e nove na de 1880, para culminar com duzentas e noventa gráficas na década de 1890.

qualidade[19]. A exemplo do Rio de Janeiro, os estrangeiros foram os introdutores de casas tipográficas aparelhadas em São Paulo, destacando-se Jules Martin, proprietário da melhor tipografia artística da Capital, Jorge Seckler, que em 1890 adquiriu a Tipografia de H. Knosel, transformada mais tarde na Companhia Industrial de São Paulo, futura Casa Duprat e o fotógrafo Júlio Dursky, com estabelecimento mais modesto, inicialmente em Sorocaba e depois em São Paulo.

Na virada do século, presididas por novas demandas conjunturais, outras oficinas propagaram-se na Capital, respondendo por impressos de todo o teor e, em particular, aqueles que respaldavam as atividades comerciais da cidade em acelerado desenvolvimento econômico. A especial localização geográfica desses estabelecimentos definia-se pela natureza das atividades que subsidiavam o impresso. Em última instância, as tipografias acompanhavam o crescimento do Centro, espelhando sua urbanização acelerada, reproduzindo seu ritmo na produção do trabalho gráfico.

As sedes das oficinas espalhavam-se pela então periferia da cidade. Entre as maiores, a Vanorden instalara-se na Mooca e a Duprat, na 25 de Março, 76. Os escritórios, contudo, concentravam-se no *Triângulo*. Em qualquer de suas ruas se podia achar, pelo menos, uma sede de revista ou jornal. Ali as notícias chegavam com rapidez, circulando prestemente através de escritórios editoriais que se estendiam pelas ruas Libero Badaró, Direita, Quitanda, José Bonifácio e XV de Novembro; prosseguiam pela Florêncio de Abreu, da Assembléia, alcançavam a Praça da Sé; desciam pela rua da Glória mas também avançavam para o lado oposto, da cidade nova, instalando-se na avenida Ipiranga e rua Vitória.

No *Triângulo*, em particular, a Vanorden, na rua do Rosário, 9, com papelaria na Direita, 26; a Duprat & Cia., sucessora de Jorge Seckler & C. na Direita, 14; Martin Junior, Tip. e Litografia a Vapor na rua do Rosário, 17; o *Diário Popular* de José Maria Lisboa & Comp., na XV de Novembro, 54; o *Diário Mercantil* de Léo de Affonseca & Salamonde, na rua do Comércio, 50; o *Correio Paulistano*, de Manoel Lopes de Oliveira, na XV de Novembro, 51; a redação de *O Estado de S. Paulo*, na XV de Novembro, que em abril de 1906 mudou-se para o Palacete Martinico, na Praça Antonio Prado[20]; a *Gazeta*, que se iniciara na XV

19. Sobre as oficinas litográficas, gravadores e lojas de livros na cidade de São Paulo de 1850 a 1900, ver Janice Gonçalves, *op. cit.*, pp. 69-95; Cristina Antunes, *Tipografias de São Paulo*, São Paulo, s/d. [mimeo.].
20. *Centenário de Júlio Mesquita*, São Paulo, Anhambi, 1964; Bóris Kossoy, *São Paulo 1900*, São Paulo, CBPO, 1992.

QUADRO IV. TIPOGRAFIAS DO PERIODISMO PAULISTANO (1888-1921)			
ANO	TIPOGRAFIA	OFICINA	PERIÓDICO
1890	Tip. Vanorden	Mooca (Escritório: Rua do Rosário)	Imprimia para estradas de ferro, empresas inglesas, bancos, Governo do Estado
1891	Tip. Hennies Irmãos	Riachuelo (1891) Caixa d'Água, 16 (1898) (Escritório: Praça Antônio Prado 15, 2º andar, sala 23)	*Álbum Imperial*, 1891/1906 *A Borboleta*, 1898; *Lotus*, 1903 *São Paulo Magazine*, 1906 *O Ensaio*, 1907
1896	Tip. a vapor Spindola Siqueira, Cia.		*A Eschola Publica*
1896	Tip. da Industrial de São Paulo	R. Direita, 19A (Escritório: Largo do Riachuelo, 32)	*A Eschola Publica*
1900	Tip. Solé Doler & Cia.	Ladeira da Memória, 6 (Escritório no local)	*O Sereno*
1901 1901	Tip. Paulista	Líbero Badaró, 71/73 (1896) Rua do Teatro (1901) (Escr.: Ladeira Tabatingüera, 21)	*Revista Azul*, 1896 *O Destino*, 1901, *Névoas*, *Folha Nova*, 1910
1902	Tip. Paulista de Soler Salerno		*A Torquez*
1902	Tip. Dursky	(Escritório em Sorocaba)	*Fiat Lux*
1903	Tip. Carlos Cardinale		*O Palco, Antarctica Illustrada* 1904
1903	Tip. Cunha Irmão & Prop. da Revista Teatral	Largo do Ouvidor, I-A (Escr.: Largo do Ouvidor, I)	*Álbum Paulista*; *O Patriota*; *O Albor*; *Revistal Teatral*, 1904
1903	Tip. Stocco & Cia.	R. Quintino Bocaiúva, 35	*A Semana*, 1903, *Palladium*, 1905
1904	Tip. Wenditine		*O Pequeno Polegar*
1904	Tip. Maré & Monti	R. Caixa d'Água, 1-E	*Vera Cruz*, 1904
1905	Tip. Andrade & Mello	R. do Carmo, 7	*A Semana*, *O Sporstman*, *A Vida Esportiva*, *Íris*, 1905
1902	Tip. Comercial		*A Violeta*, 1902
1902	Tip. a vapor de Rosenhaim & Meyer	R. de São Bento, 48	*Almanach Ilustrado*, 1902 *Antarctica Ilustrada*, 1904 *Almanach Illustrado de São Paulo*, 1920
1903	Tip. do Braz		*A Mocidade*, 1903
1902	Tip. Adolpho	R. Brigadeiro Tobias, 38	*O Lírico*, *Jornal Teatral*
1905	Tip. Anésio		*O Bromofórmio*; *Vida Paulista*, 1906; *Ciência e Arte*, 1907

QUADRO IV. TIPOGRAFIAS DO PERIODISMO PAULISTANO (1888-1921)			
ANO	TIPOGRAFIA	OFICINA	PERIÓDICO
1906	Tip. O Globo ou do Globo	Ladeira da Memória, 6	*O Camaleão, Smart*, 1906
1906	Tip. Duprat & Cia.	25 de março, 86	*O Criador Paulista, A Farpa*, 1910
1906	Tip. Ideal de F. Canton	Ladeira de Sta. Efigênia, I-A	*O Sport*, 1905; *Colombo*, 1906; *Nene*, 1906; *Cá e Lá*, 1908
1908	Tip. Americana de Anésio Azambuja e Cia.	Rua José Bonifácio, 5	*Vida Paulista*, 1908
1906	Tip. Lithographia Artística	Rua Paula Souza, 19-21	*A Paulicéia*, 1908
1908	Tip. Montalverne		*Revista dos Estados*, 1908
1908	Tip. Nacional de Carlos Borba		*Suavizadora*, 1908
1909	Estab. Gráfico Mignon		*O Amor*, 1909
1908	Tip. Casa Gráfica	Largo do Arouche, 63	
1908	Tip. da Empresa Gráfica Moderna		
1908	Tip. da Casa Minerva		
1908	Tip. Brazil, Rotschild	Rua XV de Novembro, 30	*O Fazendeiro*
1910	Tip. H. Rosenhaim	Praça Antônio Prado Palacete Brícola	*A Lua*
1910	Tip. Casa Gráphica	Travessa da Glória, 14	*A Palavra*
1910	Tip. Paulista		*Folha Nova*
1912	Empresa Gráfica Moderna		*Gavroche*
1912	Agencia Lilla Inernacional		*Rosa D'Amor*
1913	Tip. Roma de Emílio Passserini		*Revista Teatral*
1914	Tip. Henrique Grobel		*A Primavera*; *Atlante*
1915	Tip. Paulista, de José de Napoli & Cia.	R. Marechal Deodoro, 40	*Variedades*
1919	Gráfica de *O Estado de S. Paulo*	R. do Rosário, 32 (1920) R. XV de Novembro (1922)	*Sports*
1920	Tip. Stocco e Bentley Junior & Cia.		*Orkidea*, 1920
1921	Tip. Cueto & Dias		

Fonte: Cabeçalhos das revistas; Cristina Antunes, *op. cit.*; Afonso de Freitas, *op. cit.*; Janice Gonçalves, *op. cit.*

de Novembro, em 1918 estava na Libero Badaró, com Casper Líbero, no edifício Maurício Levy, depois o Médici, do outro lado da rua, onde se tornou o jornal mais bem aparelhado de São Paulo. A elegante Praça Antônio Prado, antigo Largo do Rosário, transformou-se a partir de 1905 no endereço preferencial desse circuito, ali atendendo os escritórios de *O Estado de S. Paulo*, em 1906; da revista *São Paulo Magazine*, de Martinho Botelho, em 1909; *A Vida Moderna* e *O Bicho*, ambas de propriedade da Empresa d' A Vida Moderna, no n. 61; em 1910, *A Lua*, sediada no Palacete João Brícola.

O quadro IV permite entrever parte do universo gráfico a serviço do periodismo, realçando sua distribuição geográfica e demais ligações, isto é, das casas impressoras com a propriedade das revistas, exemplificado pela Tip. Cunha Irmãos, donos da *Revista Teatral* e do *Álbum Paulista*; a especialidade em trabalhos ilustrados, como a Rosenhaim, responsável pelo *Almanach Illustrado*, *Antártica Ilustrada* e *Almanaque Ilustrado de São Paulo*, em 1920; a qualificação da Hennies, imprimindo as mais bem acabadas, como *Álbum Imperial*, *A Borboleta*, *São Paulo Magazine*, *O Ensaio*, publicações voltadas para a elite paulistana; a Tip. Paulista, imprimindo revistas literárias, como a *Revista Azul*, *Névoas* e *Folha Nova*; ressalta, finalmente, o forte vínculo das gráficas melhor aparelhadas a serviço do governo, conforme se infere das tipografias Duprat e Vanorden, que imprimiam a papelada oficial e da burocracia em paralelo à Tipografia do Estado.

As solicitações do impresso, de monta extraordinária, impossibilitavam que uma só oficina arcasse com encomenda de vulto. Em 1906, quando do surto imigratório, a Secretaria de Agricultura solicitara a confecção de 5000 cadernetas em espanhol, italiano e alemão, que só poderiam ser expedidas pela Agência Oficial de Colonização e Trabalho. O resultado foi oficiar-se aos proprietários das tipografias de São Paulo, nada menos que seis estabelecimentos – Duprat & Cia., Cardoso Filho & Cia., Vanorden & Cia., Augusto Siqueira & Cia., Manderbach & Cia., Rothschild & Cia.[21] –, viabilizando o pedido em prazo razoável. Na portaria do governo, a presença da Duprat e da Vanorden, as mais antigas e qualificadas, premiadas em Exposições Industriais Nacionais e Internacionais.

A Duprat, fundada por H. Knosel em 1862 e adquirida por Jorge Seckler em 1890, com a euforia do Encilhamento transformou-se em Companhia Industrial de São Paulo, propriedade de comerciantes abastados, com Duprat como geren-

21. Lucy Maffei Hutter, *Imigração Italiana em São Paulo*, São Paulo, IEB, 1986, p. 104.

SIhi



Poderosos Complexos Gráficos Davam Suporte à Efervescência do Periodismo • A Casa Duprat seria adquirida por comerciantes abastados, entre eles o Barão de Duprat, futuro prefeito de São Paulo (1911-1914) e seu irmão Alfredo Duprat, futuro presidente da Cia. Construtora de Crédito Popular. Tradição, poderio econômico e político sustentavam o empreendimento.



Fachada da Casa Vanorden, uma das mais importantes no ramo.

te. Em 1902 a Duprat & Comp. tem como sócios o Barão Raimundo Duprat, futuro prefeito de São Paulo [1911-1914] e seu irmão Alfredo Duprat, futuro Presidente da Cia. Construtora de Crédito Popular [1913] com interesses em diversas outras companhias[22].

A Vanorden, fundada em 1888 por Henrique e René Vanorden, possuía seção de encadernação e gravuras em aço e cobre. Na virada do século contava com 180 homens na oficina da Mooca, 25 na papelaria e mais 40 na fábrica recém-fundada para manufatura de colchetes, concluindo em 1910 o edifício de 2 andares, em 5.000 metros quadrados na Mooca, além da papelaria na rua do Rosário. Fazia todo o trabalho de estradas de ferro, empresas inglesas, bancos, e governo do Estado[23].

Contudo, nesse universo emergente, atuava um agente decisivo, pouco lembrado no quadro da história da editoração. Ali estava o gráfico, profissional responsável pela avultada produção periódica na Capital do Café.

22. *Impressões do Brasil no Século XX*, Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd.,1913, vol. II, p. 697.
23. *Impressões, op. cit.*, pp. 697-711.

Por Trás da Máquina

Na Capital paulista, recém-saída da ordem escravocrata, o gráfico comparecia como um dos raros profissionais especializados, a serviço de um ofício que pela sua própria natureza – a arte de imprimir letras e criar o impresso – o conduzia ao saber diferenciado daquele dos demais segmentos de sua sociedade. Mais do que isso, o ofício era a porta de entrada para talentos literários que não dispunham de outra forma de acesso aos redutos letrados. Machado de Assis ilustra essa alusão, iniciando-se em 1857, aos 16 anos, como tipógrafo na Imprensa Nacional, órgão do Governo.

Alternativamente, a profissão possibilitava a busca de traços de distinção e colocação social, conforme se inferiu no mulato João Henriques de Lima, pai do escritor Lima Barreto, aprendiz de tipógrafo no Imperial Instituto Artístico do Rio de Janeiro, estabelecimento modelo na época. O aprendizado garantiu-lhe a profissão e, sob a proteção do Conde de Ouro Preto, colocou-se na Imprensa Nacional, como operário de primeira classe. Em 1888, traduziu a obra de Jules Claye, *Manual do Aprendiz Compositor*, trabalho de grande valia, dada a inexistência de títulos sobre aquela matéria em português[24].

Entretanto, passaram a coexistir, intimamente imbricados no profissional do impresso, o tipógrafo e o leitor, integração a que se auto-refere o ex-aprendiz de oficina tipográfica, o escritor Humberto de Campos, em suas *Memórias Inacabadas*:

> Eu gostava de ler. Eu amava os livros, e acentuava esse gosto na passagem pelas tipografias[25].

24. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, vol. 1, p. 181.
25. Humberto de Campos, *Memórias Inacabadas*, *op. cit.*, parte 1, pp. 262-263.

SIhi

No mesmo sentido, o depoimento da paulistana D. Brites confirmava o significado da profissão como expediente e/ou suporte para o homens de letras, evocando Roldão de Barros:

> O professor Roldão lecionou pedagogia na Escola Normal. [...] Foi colega de meu irmão mais velho e estudou trabalhando na tipografia. Trabalhando em Santos, como tipógrafo, dormia uma noite sim, outra não. Foi assim que se formou[26].

Um roteiro, todavia, era constante no percurso de levas significativas desses profissionais: da gráfica para o jornalismo, desse para os sindicatos e aí, a identificação com as correntes anarquistas. Desse trajeto, a representação exemplar é de Edgard Leuenroth[27], gráfico e jornalista, figura absolutamente identificada com as lutas da classe operária no Brasil[28].

Não obstante qualificar o profissional, responsável pelo mais intelectual dos serviços manuais, a atividade gráfica era associada a trabalho árduo, exaustivo, ao qual recorriam os menos aquinhoados pela fortuna. Vale lembrar a precariedade das oficinas da virada do século, instaladas em cômodos exíguos, porões sem ventilação, muitas delas desconhecendo a luz elétrica, onde se exigia a máxima concentração na montagem dos tipos, em meio ao barulho intermitente das máquinas, ainda tão primitivas. O jornalista Antonio Figueiredo rememora:

> [...] as tipografias e as revisões eram focos de tuberculosos. Alguns operários se haviam retirado das lides, e os espetáculos das hemoptizes me foram dolorosamente freqüentes[29].

Horas indiscriminadas e intermináveis de trabalho e remuneração menos que sofrível, não obstante sua qualificação os fizesse tributários de um dos melhores salários da categoria de operários e artesãos. Em 1911, o tipógrafo recebia de 5.000$000 a 8.000$000 e o litógrafo entre 7.000$000 e 12.000$000, destacando-se no quadro de profissionais especializados (Quadro V).

Já em 1890, um sintoma da maturidade do setor gráfico na Capital, com o surgimento da revista *A Arte*. Iniciativa de tipógrafos do *Jornal da Tarde* que trazia artigos dos também tipógrafos Arlindo Leal, Júlio Garcia, Vicente Reis, Arnaldo e

26. Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 293.
27. Ver Yara Maria Aun Khoury, *Edgard Leuenroth: Uma Voz Libertária. Imprensa, Memória e Militância Anarco-sindicalista*, São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1988.
28. Ver Prontuário de Edgard Leuenroth nos Arquivos Deops.
29. Antonio Figueiredo, *Memórias de Um Jornalista*, São Paulo, Editora Unitas Ltda., 1933, p. 98.

QUADRO V. SALÁRIOS DIÁRIOS EM SÃO PAULO (1911)	
CATEGORIA	SALÁRIO
Confeiteiros, colchoeiros	2$ a 5$000
Barbeiros, lapidadores, lustradores	3$ a 4$000
Chapeleiros	3$ a 5$000
Alfaiate	4$ a 5$000
Encanadores, caldeireiros, calceteiros, carpinteiros curtidores, foguistas, fundidores, marceneiros ourives, seleiros, tanoeiros, vidraceiros	5$ a 6$000
Tipógrafos	*5$ a 8$000*
Funileiros, pintores	6$ a 7$000
Ferreiros, torneiros, pedreiros	6$ a 8$000
Ajustadores, serralheiros	7$ a 8$000
Mecânicos	7$ a 10$000
Litógrafos	*7$ a 12$000*
Escultores	10$ a 15$000

Fonte: Lucy Maffei Hutter, *op. cit.*, p. 109.

René Barreto e do proprietário Alfredo Prates. O artigo-programa insistia na necessidade de agremiação da "classe", vivendo até então apartada e sem estímulos:

Congregar em torno de uma idéia nobre e elevada todos os que professam a arte tipográfica [...] eis o que pretende esta folha vindo pedir ao patriótico jornalismo paulista esse lugar nas suas fileiras.[...]

No isolamento em que vivem os nossos tipógrafos, sem estímulos, sem acordos de vistas, sem um desejo veemente de melhor futuro, sem solidariedade nos deveres [...] deve-se buscar a causa principal de sua nenhuma representação em nossa sociedade. Mas é urgente que essa lacuna profunda e deplorável desapareça: é para riscá-la de vez e completamente do meio em que labutam os nossos companheiros de trabalho, que *A Arte* entra na liça pedindo aos seus colegas da grande imprensa um lugar ao lado seu, o lugar dos pequenos e humildes que sabem fazer da sua humildade e pequenez um orgulho e uma força poderosa, quando a dignidade os inspira e a justiça os impulsiona[30].

30. *A Arte*, São Paulo, Jornal da Tarde, 1890, n. 1. Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 681.

SIhi

Não obstante o texto tímido e incipiente, a iniciativa resultava em fato auspicioso. Sinalizava a configuração da categoria gráfica, encetando sua identidade política. A revista *A Arte* surgia como espaço de representação e reivindicação, por iniciativa de brasileiros, antecipando-se às agremiações de forte liderança política estrangeira imigrante, que predominaram nos primórdios das lutas sociais no País. Nesse mesmo ano, a União dos Trabalhadores Gráficos constituiu-se numa das primeiras associações de classe da cidade, alinhando em suas fileiras figuras expressivas do sindicalismo. Considerado então o mais poderoso e bem organizado sindicato, implantado por homens de vanguarda da classe operária, promoveram publicações sobre as condições da profissão e auxiliaram a formação de outros sindicatos gráficos e Ligas Operárias em diversas cidades do interior. Em 1904, entre outros, circulava *O Trabalhador Gráfico, Órgão Representativo da União dos Trabalhadores Gráficos*[31].

Nesse sentido, a bibliografia das lutas sociais do Brasil é acorde em mencionar o gráfico como pioneiro nos movimentos reivindicatórios da classe operária[32]. O depoimento de D. Brites, recuperado por Ecléa Bosi, é significativo, ao rememorar: "[...] naquele tempo não se falava em comunismo. Conhecia os gráficos que eram anarquistas"[33]. Agente social fora dos expedientes de primeira página, o anonimato do gráfico é confirmado em relatos ao jornalista Antonio Figueiredo:

> – O Sr. compreende. Aqui a arte tipográfica é uma lástima. Somos tratados como leprosos. Na Europa, e mesmo no Rio, já se tem noutra conta o humilde colaborador da oficina. Na França e na Itália os grandes jornalistas vão às oficinas discutir problemas políticos com os componedores. Entre nós, veja o que sucede – o secretário de redação mal nos cumprimenta. Que prosápia! E esses indivíduos nem se lembram que foram tipógrafos como nós, Machado de Assis e Quintino Bocaiuva. [...] E terminava esta lenga-lenga, pedindo emprestado $200 para o café...[34]

O mesmo Antonio Figueiredo recupera a introdução do linotipo, quando as discriminações se intensificaram:

31. *O Trabalhador Gráfico, Órgão da União dos Trabalhadores Gráficos*, São Paulo, Tip. Andrade & Mello, 1904. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 952.
32. Maria Nazareth Ferreira, *A Imprensa Operária no Brasil. 1880-1920*, Petrópolis, Vozes, 1978; Sheldon Leslie Maran, *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro. 1890-1920*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; Leila Maria da Silva Blass, *Imprimindo a Própria História. O Movimento dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo no Final dos Anos 20*, São Paulo, Edições Loyola, 1986.
33. Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade*, *op. cit.*, p. 334.
34. Antônio Figueiredo, *op. cit.*, p. 76.

Quando entrei para a imprensa [1903], faziam-se as primeiras experiências com os linotipos. Na oficina assentaram três dessas máquinas, que viria revolucionar, como revolucionou, toda a arte gráfica. Já se acentuava, com nitidez, a rivalidade entre tipógrafos e linotipistas. Estes, muito compenetrados da superioridade mecânica e, como ganhavam mais, se tornavam reparados pelas suas fatiotas e seus chapéus de coco. Saíram da "caixa" e já a renegavam [*sic*][35].

No endereço gráfico, lidando com a graxa da máquina e os tipos de chumbo, estavam os operários da imprensa, agentes que "imprimiram a própria história", através dos quais se chega mais perto da produção periodística paulistana. No universo da militância socialista, anarco-socialista e anarquista, o caminho inverso também ocorria, quando ativistas daquelas *praxis* e do jornalismo integravam-se ao cotidiano gráfico, em geral por razões ideológicas. Nesse âmbito, foram contemporâneos daquelas primeiras manifestações sindicais, em estreito convívio com tipógrafos, Silvério Fontes, médico, pai do poeta Martins Fontes; Fábio Luz, médico higienista, professor e jornalista; Octávio Brandão, escritor; Raul Pompéia, escritor; Lima Barreto, escritor; Astrojildo Pereira, jornalista.

A caracterização desse operário da imprensa apontou suas tendências revolucionárias, cujo embrião emergia do próprio cotidiano de trabalho, às voltas com escrita, informação e esclarecimentos de toda ordem. Inevitável, pois, seu permanente cotejo com as precárias condições de sobrevivência, das quais não só era vítima, como reconhecia, com mais propriedade, as injustiças sociais de seu tempo.

Essa menção ao "fazer-se de consciência de classe" do tipógrafo foi efetiva, sobretudo, para um segmento dessa categoria profissional, isto é, o operário imigrante, em particular o italiano e espanhol, cuja participação constituiu a base do processo de politização do operariado brasileiro[36]. Carregavam um tempo político próprio, que transportaram para o cotidiano operário da Capital paulista, disseminando ideais e utopias.

Todavia, outro segmento da categoria, com formação e conduta diversa, resultou em profissional de perfil diferenciado, quase um tipógrafo da Ordem. A serviço do sistema, brasileiros ou estrangeiros, sua formação se dava numa das

35. *Idem*, p. 76.

36. O caso do tipógrafo Heitor Marchini é exemplar. Aqui aportou trazendo um tempo político próprio. Nascido em Florença, participou com Cafiero e outros do levante polonês em Benevento, em 1878; tornou-se militante anarquista por ocasião da divisão internacional, e por volta de 1892 veio para São Paulo, onde foi organizador de um sindicato líder. Cf. Maria Nazareth Ferreira, *op. cit.*, p. 9.

instituições mais favorecidas pelo novo regime, o tradicional Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo[37], criado no bojo das propostas para educação popular. Os alunos, de origem modesta, ingressavam na instituição através de seleção, bastando como requisitos *saber ler, escrever e contar,* convivendo num aparelho administrativo da maior atenção do governo. Vale lembrar a direção longeva do arquiteto Ramos de Azevedo, secundado por docentes cujos predicados adequavam-se às expectativas da elite paulistana.

O curso para tipógrafos, Artes Gráficas, administrado na Classe G, penúltima classe das Oficinas em Artes Complementares, compreendia aulas de Tipografia, Gravura, Encadernação e Fotografia[38], produzindo mão-de-obra que encontrava em São Paulo a maior demanda de mercado do País. Desta disciplina, saíram alguns dos profissionais da área que diversificaram suas atividades no campo do impresso: não só gráficos, mas ilustradores, gravuristas, encadernadores, fotógrafos requisitados, sobretudo, no mercado periodístico, em franco crescimento face às exigências do aumento da população e da modernização técnica.

O escritor e editor Monteiro Lobato, familiarizado e exigente com as técnicas de impressão, confirmava, em 1917, o trabalho superior dos alunos do Liceu, admitindo:

> Em artes gráficas as águas fortes e nanquins de Ranzetti, Paulo Giusti e Garuti denunciam a boa direção que lhe dá o prof. A. Divani[39].

Foram esses técnicos especializados, corpo docente e discente, formados no Liceu, que atenderam à demanda das revistas, no momento em que elas se profissionalizaram. Proprietários e editores de revistas saem em busca de profissionais como Alfredo Norfini, por muitos anos professor naquela Instituição, que se tornou ilustrador da *Vida Moderna* e mais tarde diretor artístico da revista *São Paulo Illustrado,* em 1920, na qual também anunciava suas aulas de pintura[40].

37. Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, criado em 1873, denominou-se inicialmente Sociedade Propagadora da Instrução Popular, vindo de encontro à demanda do mercado de trabalho criado pelo crescimento repentino da capital do café, formando técnicos especializados. Ata de 14.12.1873, em Ricardo Severo, *O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo,* São Paulo, s/d.
38. O curso de tipógrafo inseria-se em *Artes Complementares,* que compreendia as oficinas: I Ornamentista – Decoração – Estofos – Tapeçarias; II Artes Gráficas – Tipografia – Gravura – Encadernação – Fotografia; III – Eletrotécnica – Aplicações ao Mobiliário e Instalações Domésticas. Ricardo Severo, *op. cit.*, s/p.
39. Monteiro Lobato, *O Estado de S. Paulo,* 1º ago. 1917, *apud* Ricardo Severo, *op. cit.*, p. 185.
40. *São Paulo Illustrado,* São Paulo, Tip. d'OESP, 1920, ano I, n. 1.

Diga-se que naquele universo gráfico, o ilustrador subsidiou a produção periódica, por vezes em atuação mais importante que o próprio redator. Profissional do momento, a serviço da imagem, sua presença era imprescindível, fosse por reproduzir as novas técnicas ou por qualificar a publicação com seu traço, garantindo colocação no mercado.

Beluzzo, ao analisar a obra de Voltolino, viu a ilustração como instância definidora do programa do periódico, especialmente em se tratando de publicações menores, representativas de grupos de opinião. Circunscrita ao ponto de vista editorial, compreendia "[...] a *capa-abertura*, destacando o evento mais significativo do corpo da revista; o *desenho-comentário*, da ocorrência polemizada no texto editorial; o *desenho* propiciando a entrada de mais de uma notícia; o *desenho-cabeçalho* fixando as colunas da publicação"[41].

Nesse âmbito, as revistas paulistas primaram por contribuição qualificada, inaugurando um novo mercado também para o profissional da ilustração em suas várias técnicas. Pintores, caricaturistas e fotógrafos dimensionam o significado dos ilustradores gráficos na virada do século, responsáveis pelo acurado registro crítico de quem viveu e documentou a época com talento e sensibilidade.

41. Ana Maria de Moraes Belluzo, *Voltolino e as Raízes do Modernismo*, São Paulo, Doutorado FAU-USP, s/d. p. 34 [mimeo.]. Grifo nosso.

SIhi

Letra & Imagem

No segmento imprensa, dos mais beneficiados pelas inovações técnicas que marcaram a virada do século, as transformações foram de tal ordem, que, efetivamente, interferiram no cotidiano, incorporadas de pronto pelo País aberto a viver sua mudança, fosse aquela da ordem política, introduzida pela República, ou aquela do ideário da modernidade, anunciada em particular nos centros avançados europeus.

Guardadas as devidas distâncias e temporalidades, aquela passagem de século em muito se assemelhou ao que hoje vivemos às vésperas do novo milênio, com as conquistas da informática. Na mesma proporção, e talvez com a mesma intensidade, impressionava e assustava a rapidez e a quantidade de informações proporcionadas pelos meios de comunicação, em âmbitos vários. Naquele da locomoção – a velocidade dos trens, a rapidez dos novos vapores, o impacto do automóvel, os ensaios da aviação; na comunicação da notícia –, o telégrafo, o telefone, as agências noticiosas como a Tass, por exemplo; no espaço da escrita, os tipos mecânicos da Remington, batendo sem parar; anunciando todos esses feitos, a própria imprensa, e em outra dimensão, desde 1896, o cinematógrafo seguido pelo cinema, cuja primeira imagem, dos Irmãos Lumière, não foi outra senão a do trem, condensando ali todo o impacto da veiculação da imagem em movimento, da potência da máquina, do *show* da velocidade; e do surpreendente fonógrafo saíam sons diversos, trilhas sonoras possíveis para a sucessão de espetáculos. Todavia, como instrumento corolário, suporte para a divulgação disso tudo, imprimindo-lhe ritmo ainda maior, potencializando todos esses feitos, estava uma imprensa mecanizada, que descobrira no linotipo e nas rotativas a produ-

Slhi

ção imediata da notícia. E mais; beneficiada pelos métodos fotoquímicos de impressão e reprodução da imagem, documentava, qualificava e otimizava sua mensagem, através da fotografia e seus derivados, o clichê em cores e a rotogravura.

No Rio de Janeiro e São Paulo especialmente, capitais que se modernizavam, as inovações técnicas foram ensaiadas e exercitadas compulsivamente. Nesse movimento, carregavam a ansiedade própria de quem procura, num passe de mágica, recuperar todo um tempo defasado – traço recorrente no País de tradição colonial e dependência econômica –, subordinado às novidades que lhe conferiam tão-só apanágios de moda, incorporados independentemente do necessário lastro, construído sobre a tradição.

As técnicas convencionais de reprodução foram rapidamente substituídas pelas inovações em curso. A reedição da antiga revista *O Brasil Artístico, Revista da Sociedade Propagadora das Artes*, órgão da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, relançada em 1911, confirmava o pouco apreço às técnicas artesanais – a xilogravura, a litogravura e a água-forte. Insistia no "grau de abatimento em que jaz a Arte", daí a dificuldade de publicar-se uma *Revista Artística*, só possível graças "à boa vontade dos ilustres artistas" Antonio Alves do Valle Souza Pinto [litógrafo], Modesto Brocos [gravador a água forte], Calixto Cordeiro [xilógrafo], Costa Ribeiro [fototipista], Manoel Pinto Gaspar [xilógrafo], além do apoio da Tipografia Leuzinger. Em seu artigo de fundo sentenciava a falência dos métodos tradicionais de ilustração:

> Outrora, só a xilografia, a litografia e a água forte ilustravam os livros e as publicações jornalísticas. Com o aperfeiçoamento dos processos químicos da fotogravura, tornando-a comercialmente menos dispendiosa e mais rápida, foram relegadas para plano posterior – senão esquecidos – as Artes de que falamos[42].

Na opinião desta revista, naquele ano de 1911, resultavam como as melhores publicações ilustradas do País: *A Ilustração Brasileira, O Malho, Fon-Fon, A Careta* e *Revista da Semana*, embora todas elas inserissem apenas a fotogravura. Nenhuma menção à produção paulista, revelando a popularidade do periodismo ca-

42. *O Brasil Artístico, Revista da Sociedade Propagadora das Belas Artes do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1911, n.1, p. 309. Essa revista teve uma 1ª fase, em 1857, com 6 números, impressa na Tip. Imparcial de B. Baptista Brasileiro, Rua da Carioca, n. 34, ao preço de 6$000 réis por 12 números, recebendo assinaturas na própria tipografia. Em 1911 passou a ser reeditada, pelo grupo da Academia, ao tempo de Bittencourt e Silva e Morales de Los Rios.

rioca, com títulos referenciais para todo o Brasil; isto, não obstante São Paulo já contribuir com publicações de qualidade como *São Paulo Magazine*, de 1906 e *O Pirralho*, de 1911.

De fato, também na Capital paulista se dera a apropriação dos métodos fotoquímicos de reprodução em detrimento do artesanal. A flagrante excitação pela incorporação do "novo" comandou o ritmo frenético da cidade, vivendo sua mudança repentina.

Nesse sentido, o periodismo paulistano revelou práticas e conteúdos em descompasso recíproco. No tocante às técnicas de impressão, imperaram recursos de vanguarda, enquanto os conteúdos veiculados guardavam laivos, senão cultivo explícito da tradição. Naquela voragem de destruição do passado, perpetrada em parte pela conexão intempestiva à modernidade, surgiram grupos em defesa dos valores do País, no propósito de não perder o Brasil de vista, grupos que tiveram forte representação nas revistas. Cultivando a tradição, buscando as origens, suas posturas iam do aprendizado do tupi-guarani ao endosso temático dos símbolos do "nacional", cantando com ênfase ufanista em prosa, verso e agora imagens, os valores da Pátria. A imprensa, através dos jornais, e sobretudo das revistas, exemplificou o delírio e arrebatamento que as Remingtons, Kodaks e Marinonis imprimiram naquela Paulicéia, reproduzindo não só o entusiasmo pelo novo mas, igualmente, a investida na tradição.

A vanguarda da técnica já entrara pelo Rio de Janeiro. Na Capital do País à beira-mar, cosmopolita, aberta ao mundo para receber prioritariamente as novidades, as modas chegaram primeiro. Em 1889, a *Revista Mercúrio* apresentava projeto de veiculação sistemática de propaganda ilustrada, e a *Revista da Semana*, de Álvaro de Teffé[43], em 1900, empregava métodos fotoquímicos de reprodução; Arthur Azevedo lançava a revista semanal *O Álbum*[44], com Paula Ney na direção e Emílio de Menezes como secretário de redação, totalmente inovadora na temática e, sobretudo, no uso da fotografia. Em seu Cavaco Preliminar, anunciava o triunfo da fotografia:

43. Álvaro de Teffé era irmão de Nair de Tefé [Rian], a primeira caricaturista do Brasil, esposa do Presidente Hermes da Fonseca. Filhos do Barão de Tefé, os irmãos haviam morado muitos anos na Europa, familiarizados com as novidades gráficas. Ver Maria de Fátima Campos, *Rian: A Primeira Caricaturista Brasileira. Primeira Fase Artística: 1909-1926*, São Paulo, Mestrado ECA-USP, 1990 [mimeo.].

44. *O Álbum*, Rio de Janeiro, jan. 1893. Escritório, Rua dos Ourives, n. 7; assinatura, 24$000 por série de 52 números, e 12$000 por série de 26 números; número avulso por 500 réis.

[...] A fotografia matou a gravura desde que se conseguiu imprimi-la em grandes tiragens; dando-lhe ao mesmo tempo uma inalterabilidade indiscutível. A fototipia é, como se vê, o triunfante processo dos nossos retratos, que não hesitamos em recomendar como verdadeiros modelos do gênero.

Essa parte, muito importante do Álbum, confiamo-la às acreditadas oficinas da Companhia Fotográfica Brasileira, e especialmente aos bons cuidados de nosso amigo João Gutierrez, o simpático e habilitadíssimo co-proprietário e gerente daquele estabelecimento artístico e industrial.

Incumbiram-se do trabalho topográfico os Srs. H. Lombarts & C, cujas oficinas rivalizam com as melhores do mundo.

A velocidade insistia em acelerar seu novo ritmo. Por volta de 1895 o periodismo diário se utilizava de uma Dilthey, que imprimia 5.000 exemplares por hora, e em 1907 a *Gazeta de Notícias* adotava o clichê em cores para, finalmente, as máquinas Marinoni[45] imprimirem, cortarem e dobrarem um a um todos os exemplares que saíam aos milheiros, não obstante serem distribuídos em carroças[46].

Em breve, a fotogravura dominou tudo, o que levava Lima Barreto a lamentar a parcimônia dos periódicos para com os caricaturistas, pois segundo sua crítica "os nossos jornais de caricaturas são hoje mais jornais de fotogravuras que qualquer outra cousa"[47].

A Semana Ilustrada de Henrique Fleiuss foi talvez a primeira revista a utilizar caricatura, em 1860, periódico que se manteve por dezesseis anos; a *Gazeta de Notícias* iniciara em 1896 a publicação de *portrait-charges* de políticos e homens de letras através das caricaturas instantâneas de Julião Machado, ao lado de perfis pessoais redigidos por Lúcio de Mendonça; em 1898, o *Jornal do Brasil* estampava caricaturas diariamente; *O País* e o *Correio da Manhã* seguiriam o exemplo; em 1907, a *Gazeta de Notícias* divulgava *charges* em tricromia, isto é, clichês coloridos[48]. Em São Paulo, o melhor aparelhamento gráfico estava com o jornal *O Estado de S. Paulo* e as já referidas casas impressoras Vanorden e Duprat, embora outros estabelecimentos já investissem nas conquistas técnicas.

45. A máquina rotativa de Marinoni, com 6 margens, fora lançada em 1867, na Exposição Universal de Paris, junto com a americana de Jules Derry, de duas margens apenas. Ver Lucien Neipp, *Les Machines à imprimer, depuis Gutenberg*, Préface de George Dangon, Paris, Club Bibliophilie de France, s/d.
46. Flora Sussekind, *Cinematógrafo das Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 26; Nelson W. Sodré, *op. cit.*, p. 266.
47. A Estação Teatral. *Apud* Lima Barreto, *Impressões de Leitura, op cit.*, p. 277.
48. Consta que as primeiras caricaturas são de Manuel Araújo Porto Alegre, iniciadas em 1837, ainda que não assinadas; iniciando com xilogravura, passou para litogravura e a gravura em zinco e cobre. Maria de Fátima Campos, *op. cit.*

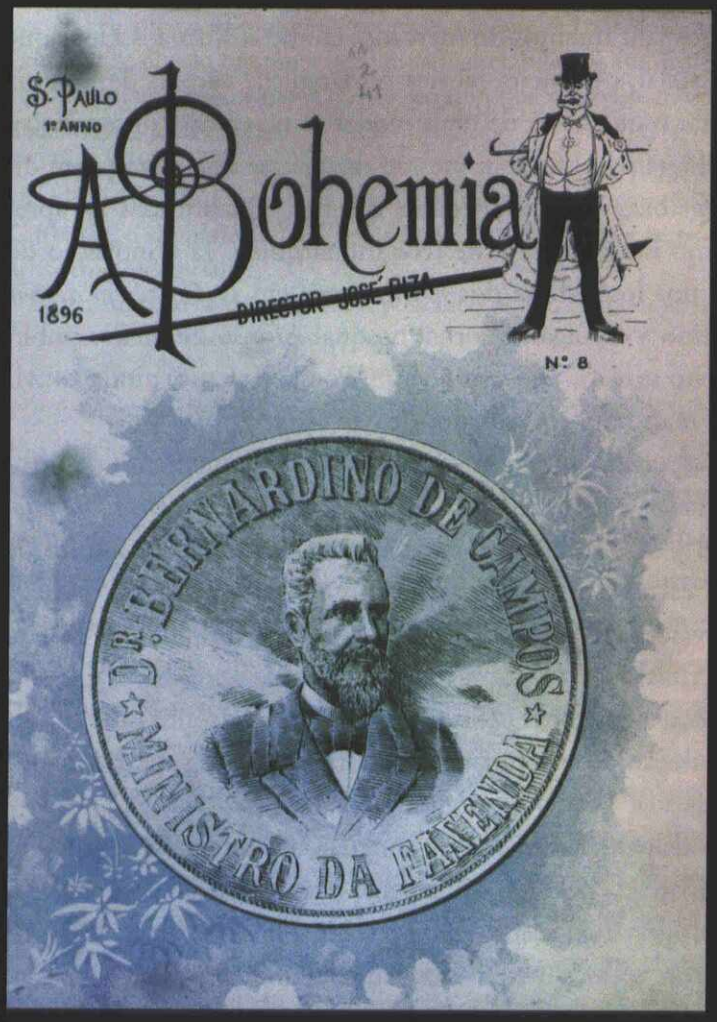
Em busca dos últimos lançamentos do mercado, coube aos irmãos Henrique e Theodoro Hennies instalar a primeira fábrica no Brasil de cartões de fantasia em alto-relevo e importar o que havia de mais moderno no campo tipográfico e litográfico. Um resultado palpável foi a impressão do *Álbum Imperial*[49], com direção de Couto de Magalhães Sobrinho, revista das mais qualificadas na apresentação gráfica e mesmo no conteúdo, de teor monárquico. Já a inovação do clichê, trazida de Paris por José Maria dos Santos, teve em *O Comércio de São Paulo* o primeiro matutino a divulgá-lo, jornal no qual Afonso de Freitas publicou em 1908 seu primeiro soneto, *Janelas Abertas*[50]. Poesia e técnica ainda convivendo num dos jornais mais bem aparelhados de São Paulo[51].

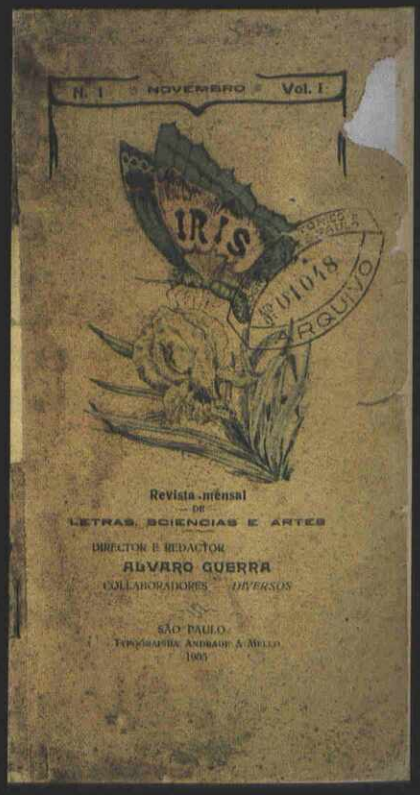
Em *A Gazeta*, de Casper Líbero, encetou-se o primeiro suplemento de rotogravura. Em 1907, circulava a *Revista Fotográfica, primeiro e único jornal de fotografia no Brasil*[52]; e, em 1912, com outro caráter, mas no mesmo propósito de divulgar ilustrações em caricatura e rotogravura surgiu a revista *Kodac, quinzenário humorístico*, impresso na Tipografia da Casa Garraux, dirigida por Múcio do Amaral e Raul de Freitas[53].

O registro desse avanço técnico nas revistas colocou em confronto duas posturas: uma marcada pela adoção do absolutamente figurino, apenas superfície, conforme a proposta das revistas *Vida Moderna* ou das tantas *São Paulo Ilustrada* – com muita imagem, modelos de arremedo da vanguarda internacional, rotogravura e clichês; e aquela marcada pelo temor da perda das referências ancestrais, as camadas profundas da própria identidade, como revelou a revista *Íris* em 1905, de Álvaro Guerra. Com feitura técnica qualificada, seu conteúdo requisitava o passado. Procurando recuperar o que já não se lembrava, a *Íris* tentou posicionar-se:

> Devemos, antes de tudo, dizer a que vem a nossa Íris. Não vem, por certo, fazer sombra a nenhuma de suas congêneres, nem, tampouco, revolucionar o mundo intelectual, pondo de boca às escâncaras a nossa ingênua burguesia... Bem mais modestas são as suas aspirações.

49. *Album Imperial. Quinzenário Político e Literário*, São Paulo, Tip. Hennies, 1906.
50. Afonso Schmidt, *São Paulo de Meus Amores*, São Paulo, Clube do Livro, 1954, pp. 98-176.
51. *A Gazeta* iniciou suas atividades em 16 de maio de 1906, na rua XV de Novembro, criada por Adolfo Araújo. Com sua morte, foi adquirida pelo advogado João Dente, que a vendeu a Antonio Augusto de Covelo, que a vendeu a Casper Líbero, em 17 de maio 1918. Silveira Peixoto, "Casper", *RIHGSP*, vol. XCII, 1996, pp. 78-84.
52. *Revista Fotográfica*, São Paulo, 1908-1909. Poucos dados se conhecem da revista, mensal, com redação à rua Lopes de Oliveira, n. 5, que tratava exclusivamente de assuntos ligados à arte fotográfica. Dimensão e formato: 19x27, 16 p. em duas colunas. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1040.
53. *Kodac*, São Paulo, Typ. da Casa Garraux, 1912. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1089.





Cor, Arte e Modernidade Técnica em Texto Antigo • Por vezes, a despeito da modernidade técnica e do texto de laivos modernos, persistia a ilustração de tratamento romântico, a exemplo de *A Bohemia* e *Íris*. • 1. *A Bohemia*, São Paulo, 1896, n. 8. • 2. *Íris. Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes*, São Paulo, 1905, n. 1.

Publicação mensal, exclusivamente destinada às letras, ciências e artes, será ela um modesto, mas útil florilégio, na qual, em proveito da intelectualidade brasileira, poderão os seus colaboradores, ao lado das produções inéditas, salvar do olvido excelentes trabalhos literários, sepultos, desde muito, nas páginas de revistas, jornais ou publicações extintas, trabalhos que, após receberem uma forma definitiva, merecem ser relidos a qualquer tempo, quanto mais não seja, como documentos psicológicos de nossa época.

Não temos, pois, a preocupação do inédito...

Para nós, o ineditismo não constitue a única nem a melhor recomendação de um escrito. As condições de publicidade, a nosso ver, em nada influem sobre o valor artístico ou literário de um trabalho. [...]

O nosso intuito, salvando do esquecimento [...] alguns belos trabalhos sobre letras, ciências ou artes, é proporcionar aos leitores de *ÍRIS* [...] uma leitura leve, variada e, quanto possível, *brasileira*. Sim: *brasileira*! Tanto assim é que, na seção de excertos, terão sempre a preferência, no domínio da língua portuguesa, os escritos de autores nacionais, ou os trabalhos relativos a cousas de nossa pátria[54].

Essa fala relacionava-se a tantas outras que, enquanto viviam a agonia do artesanal, temiam cair no superficial; ameaçadas pela fotografia e as novas técnicas de reprodução procuravam, obsessivamente, a singularização[55]. Mas o apelo das revistas, acoplando-se à vanguarda técnica, vinha mais forte e exaustivo. Na revista *Ilustração Brasileira*, de 1905, o anúncio da venda de clichês, distribuía-se em todos os pés de páginas da publicação, com as frases, em torrente:

Recebemos encomendas de clichés. Temos um imenso stock de clichés. Mais de 20.000 chapas. Uma visita ao nosso atelier de fotogravura nada custa. Vejam a nitidez de nossos clichês. Queira pedir o álbum dos nossos especimens de clichés. Queira enviar fotographias para serem estampadas na *Ilustração*. Nada se cobra. A superioridade dos nossos clichês é incontestável. A melhor reclame é a que se faz por meio de fotografias. Não fazemos reclames para nossos clichés. Eles se recomendam por si, pela sua perfeição e nitidez. Queira dar-nos uma encomenda de clichés, a título de experiência. Quer o senhor que fotografe o seu estabelecimento? Basta um aviso à *Ilustração Brasileira*. Fazemos cliché em cobre e zinco, sob qualquer sistema. Preço módico [*sic*][56].

A diagramação foi privilegiada, investindo-se em sua inovação técnica. A revista *A Garoa*[57], de 1921, imprimiu seu artigo de fundo em forma de figura geo-

54. *Íris, Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes dedicada às famílias e mocidade das escolas*, São Paulo, 1905, n. 1.
55. Flora Sussekind, *Cinematógrafo de Letras*, *op. cit.*, pp. 108-119.
56. *Ilustração Brasileira*, São Paulo, abr. 1905, n. 15.
57. *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 1.

métrica. Como brinde, chamariz para venda, outro recurso técnico: a ampliação de fotografia em 40x50, incluindo embalagem, podendo o trabalho ser retocado a *crayon* ou sépia. No conjunto da publicação, contudo, aflorava a dubiedade daquele periodismo que se queria de vanguarda, com técnica apurada mas de conteúdo até arcaico. Sob a direção de homens do momento, como o eram Alceu Dantas Maciel, Cleómenes Campos e J. Carlos, trazendo colaborações de Afonso Schmidt, Victor Brecheret e Ribeiro Couto, apresentava na seção *Galeria de Homens Ilustres* a figura onipresente de Rui Barbosa, reverenciando ainda nomes de forte reminiscência monárquica.

A mesma estranheza é sentida na *Vida Moderna*, na qual há o constante confronto do tratamento gráfico de ponta com temática conservadora, mesmo na seriação de 1921-1922; ou recorrendo a exemplo mais contundente, vindo do Rio de Janeiro, a famosa *Ilustração Brasileira*, com divulgação dos quadros da Academia, reproduzindo em técnica passadista momentos da história Pátria; ou os versos parnasianos de Vicente de Carvalho, exaltando o mar e demais cenas e conteúdos evocativos da paisagem rural, da roça, do passado colonial. Ao contrário, a paulistana *Ilustração Brasileira*, de 1905, cujo conteúdo trazia o caráter provinciano ainda típico da primeira década do século, causava surpresa pelo tratamento técnico avançado, tornando-se, de alguma forma, mesmo em seu tempo, anacrônica.

Insista-se que, no bojo de um projeto nacional, São Paulo empenhava-se na recuperação do Brasil – sobretudo através da nascente literatura regional, exigência do Estado em busca de sua identidade. Essas preocupações estampavam-se nas revistas paulistanas já por volta dos anos de 1900, acentuando-se na década de 1910. Na perspectiva da ameaça de um "novo" avassalador, esse cuidado com o resgate das origens – tão perceptível em sumários da *Revista do Brasil* – também resultava em resistências indiretas [ou possíveis] ao mundo da técnica, à reprodução em série, à paisagem industrial, à massificação e anulação dos traços peculiares do País.

A revista foi, naquele momento, a embalagem industrial moderna, para textos ainda de fatura parnasiana. Esse choque entre o visual moderno e o interior antigo ilustra a defasagem cultural e a contradição vivida pelo momento. Ali se colocavam grupos, não de todo refratários à renovação em curso, mas que procuravam viver, obstinadamente, seu tempo cultural, temerosos pela perda de valores evocativos das origens e sinalizadores de sua nacionalidade.

Forma e conteúdo, em ritmos diferenciados, conferiram traços peculiares ao periodismo paulista, naquele momento avançado quanto ao tratamento gráfico

e quase antigo em sua proposta editorial. As máquinas modernas podiam ser adquiridas com o dinheiro fácil do café e da indústria nascente enquanto o domínio da técnica era apenas uma questão de dedicação a seu aprendizado. Quanto aos textos, à veiculação de conteúdos, atrelavam-se a um quadro mental ainda referenciado pelo caráter do País, de tradição escravocrata, marcado pelo domínio da religião católica, enquanto se mostrava ávido em exibir ao mundo a representação de seu voraz progresso. Daí o forte apelo das mensagens presididas pela ilustração e, mais que isso, pelos símbolos do progresso que aquela imprensa tão diversificada cuidou de veicular, poderosamente instrumentalizada pelos recursos gráficos do mercado.

Naquela produção, a imagem resultou mais eficaz que a letra. A fotografia, com seu poder multiplicador, potencializava a informação, levando aos mais diversos públicos a informação até então subtraída ao analfabeto e às camadas desfavorecidas. Sua mensagem atingia indistintamente o letrado, o semi-alfabetizado e até o analfabeto. O alcance foi imenso, levando-se em conta a força da imagem, sempre procedente, no conjunto, da esfera do simbólico[58].

Nesse entendimento, o que resultou da imprensa periódica em apreço foi a veiculação exaustiva de símbolos, configuradores de grupos, classes sociais, partidos, governos e projetos. Desde o clichê de fatura francesa *art nouveau,* ao verde-amarelo que pintou capas e páginas toscamente diagramadas com a cor da bandeira do Brasil, ou o preto e vermelho da bandeira paulista; da imagem que trocou o Zé Povo, do português Bordalo, pelo Jeca Tatu, de Monteiro Lobato; ou que se representou pelo exotismo oriental das pinturas da Academia, pelo mar de Benedito Calixto, a roça de Almeida Júnior, as flores caipiras de nossos jardins das telas de Georgina de Albuquerque; figurações que ainda mostravam, nas ilustrações oficiais, a Pátria engalanada em figurino francês, posando em cenários de arquitetura igualmente de inspiração francesa, recebendo na inglesa Estação da Luz o personagem do dia, da hora, que vinha conferir e comemorar o milagroso Progresso paulista. Progresso que, em última instância, foi a mensagem mais veiculada naquele periodismo, onde a revista constituiu-se na fórmula ideal para o País sem tradição de leitura. Afinal, em última instância, aquelas imagens também poderiam ser consumidas por um Brasil com 80% de sua população analfabeta.

58. Jacques Aumont, *A Imagem,* Campinas, Papirus, 1993, p. 81.

Inovações de Todo Teor • *A Camélia* vinha em apresentação inusitada, confeccionada em tecido, mais precisamente em cetim, artigo sofisticado para a época, procurando surpreender na forma, inovando no suporte material do periódico. *A Camélia*, São Paulo, 1891, ano II, n. 15.



A CAMELIA

ORGAM DA SOCIEDADE [illegible]

DEDICADO AS EXMAS FAMILIAS

ANNO II | S. PAULO, Sabbado, 28 de [illegible] de 1891 | NUM. 15

A Camelia

João Alberto Junior



Tratamento Gráfico de Ponta com Temática Conservadora • O requinte técnico da revista estava em descompasso com o interior da publicação, cujo texto não inovava. *A Cigarra*, São Paulo, ano VIII.

SIhi



Edição extraordinaria contendo minu[illegible] photographica sobre a posse [illegible] governo [illegible]

Illustração Paulista

Supplemento ao No. 67 — Quinta-feira, 9 - Maio - 1912

Depois de haver tomado posse solennemente e de receber em palacio os cumprimentos do mundo official, o sr. dr. Rodrigues Alves acompanhou o sr. dr. Albuquerque Lins até o palacete de sua residencia.

- Instantaneo no momento em que ss. exas. desciam as escadarias do palacio -

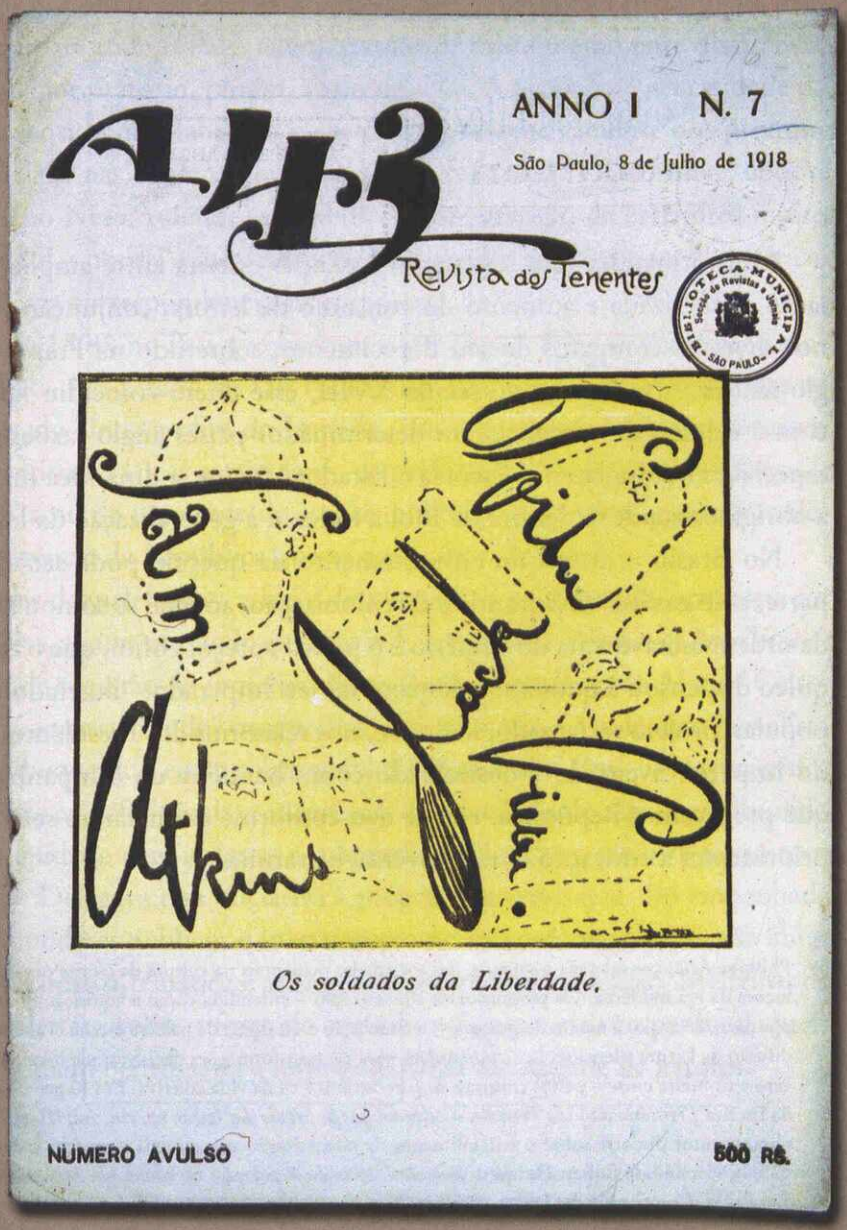
Numero avulso: 400 réis

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DE S. PAULO
Nº 01690
ARQUIVO

O Poder da Fotografia • O efeito multiplicador da fotografia era colocado com sucesso a serviço da propaganda política, na festa cheia de pompa do governo de Rodrigues Alves. *Ilustração Paulista*, São Paulo, maio 1912, suplemento ao n. 67.

Slhi

Criatividade em Momento Histórico • O tema da guerra inspirou a criatividade gráfica em publicações de todo o teor, até mesmo numa inusitada revista da corporação militar. *A 43. Revista dos Tenentes*, São Paulo, 1918, ano I, n. 7.



Leitura para Todos

A historiografia vem reiterando a relação estreita entre ampliação da população alfabetizada e aumento do consumo de leitura, conjunção exemplificada nos diversos contextos de seu florecimento, sobretudo na França e países anglo-saxões[59]. Na França do século XVIII, esse dueto coincidiu favoravelmente com a eclosão do romance; em determinados países anglo-saxões protestantes, especialmente Inglaterra, Escócia e Estados Unidos, a dinâmica foi diversa, pois a obrigatoriedade da leitura da Bíblia induziu à generalização da leitura.

No Brasil, o atraso no enfrentamento da questão pode ser explicado, em parte, pelo caráter obscurantista da colonização, ao qual se somou a manutenção da ordem escravocrata do Império e o pouco apreço, enfim, que o estado monárquico dispensou à questão, a despeito de seu Imperador "ilustrado". A educação popular, projeto reclamado, inclusive, nos relatórios dos Presidentes de Província do Império, aventado e desfraldado como bandeira de campanha dos liberais que pregavam a República, não se deu conforme anunciaram seus arautos, que priorizavam a educação livre, universal e gratuita.

59. Philippe Ariès considerava o ingresso das sociedades ocidentais na cultura da escrita uma das principais evoluções da era moderna. Os progressos da alfabetização – entendida como a aquisição do saber ler e escrever por parte do maior número de pessoas –, a circulação mais densa da palavra escrita – à mão ou impressa –, a difusão da leitura silenciosa [...] constituíam para ele transformações decisivas que de maneira inédita traçavam a fronteira entre o gestos culturais de foro íntimo e os da vida coletiva. Em Roger Chartier, "As Práticas da Escrita", *História da Vida Privada, da Renascença ao Século das Luzes, op. cit.*, vol. III, p. 113. Nessa mesma obra, o autor discorre sobre o entendimento de alfabetização nos tempos e espaços culturais diversos, pp. 113-126; ver ainda Robert Darnton, *Boêmia Literária e Revolução. O Submundo das Letras no Antigo Regime*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 27.

Como uma tradição de nossa história, às mudanças alardeadas em momentos ditos "revolucionários", sucederam-se mecanismos demagógicos de implementação do setor, sem correspondência com sua efetivação na prática. Resultavam, isto sim, permanências do anterior *status quo*, quando não degeneração dos ensaios de renovação, atropelados pelos interesses imediatos de ascensão e ampliação de poder das classes dirigentes do Brasil. O tema alfabetização, dos mais repisados nos discursos e na imprensa da época, permaneceu isento de proposta orgânica para todo o País, não passando de mote meramente discursivo, bradado com vigor oratório, porém, vazio de ação. A propalada necessidade da educação, no sentido da alfabetização, aparecia consecutivamente nos pronunciamentos oficiais, nas conferências e no projeto cívico de Olavo Bilac, endossado por Coelho Neto, valendo-se ambos de seu prestígio de escritores muito lidos, para veicular obras "educativas", de forte cunho nacionalista. Na prática, porém, não havia correspondência às propostas.

Por volta de 1890, no País que buscava o progresso, 80% da população ainda era analfabeta. No Estado de São Paulo, essa porcentagem diminuía, face ao trabalho encetado ainda ao fim do Império, por iniciativa das escolas noturnas maçônicas e entidades laicas particulares, de perfil republicano; e que prosseguiu com a implantação de uma rede de escolas públicas disseminadas pelo Estado, quase uma exigência da República que se queria dos cidadãos.

No decorrer daqueles anos, a idéia de propagar a alfabetização apareceu em recônditos vários, alguns causando estranheza[60]. Em 1919, a *Academia Brasileira de Letras*, através de sugestão do jornalista Pinto Serva e do advogado Afonso Celso, propunha-se a angariar fundos para a educação primária. O polêmico jornalista Medeiros de Albuquerque, então colaborador d'*O Estado de S.Paulo*, veio com crítica imediata: insistia na definição de competência da veiculação de cultura, atribuindo à *Academia* o cuidado com as letras e cobrando do Estado, o envolvimento com a alfabetização. Delegava essa iniciativa à própria imprensa que, tão empenhada em cobrar dos poderes públicos o investimento no mercado comercial, não abraçava uma campanha sistemática e até impertinente sobre Educação. Medeiros de Albuquerque alertava sobre a força do periodismo para uma campanha daquela ordem, que também beneficiaria a imprensa, ainda tão carente de leitores.

60. Ver Nicolau Sevcenko, "O Fardo do Homem Culto: Literatura e Analfabetismo no Prelúdio Republicano", em *Almanaque, Cadernos de Literatura e Ensaio*, São Paulo, Brasiliense, 1982, n. 14

Uma escola aberta corresponde para cada jornal o que é um novo mercado para qualquer nação. Quanto maior o número de pessoas sabendo ler e escrever for crescendo, mais também crescerá o de leitores de jornais [...] Esses pregadores presbitas não sabem ver o que está perto e fazê-los conquistar para eles esse formidável mercado tão próximo: os 80% de analfabetos de nossa população.

É por isso um espanto saber que não há no Brasil nenhum jornal cuja tiragem diária atinja 100.000 exemplares e apenas dois passam de 50.000[61].

De fato, a situação do analfabetismo no País praticamente não se alterara entre 1900 e 1920, o que não ocorreu no Estado de São Paulo onde algumas diferenças são dignas de registro. A autonomia paulista, resultado da República Federativa, alicerçada em seu poderio econômico e político, procurou enfatizar os ideais democráticos da proposta liberal, reorientando sua política educacional, com vistas a realizar uma "reconstrução pedagógica". O ensino primário tornou-se prioridade do setor educativo com vistas à alfabetização para uma população recém saída da ordem escravocrata[62].

Como resultado, em 1920, a *parte alfabetizada da população* do Estado correspondia em termos absolutos ao equivalente de sua *população total* em 1890, numa demonstração de que a atenção dispensada ao setor conseguira enfrentar o rápido crescimento populacional[63]. Confirmando tendência já registrada nas últimas décadas do Império, a mulher leitora constituía maioria pois para cada grupo de mil mulheres o número de alfabetizadas mais do que dobrou entre 1872 e 1920, enquanto para o sexo oposto, o mesmo indicador viu-se multiplicado, tão-somente, por 1,7[64]; quanto à faixa etária, a população adulta era relativamente mais alfabetizada que a escolar, incidência explicada pela intensificação das remanescentes escolas noturnas para adultos do Império e a criação de mais 194 escolas noturnas de adultos, entre 1892 e 1919[65].

61. J.J. de Campos da Costa Medeiros de Albuquerque, *O Estado de S. Paulo*, 17 e 19.09.1919.
62. "Os dados censitários referentes ao Brasil revelam que nos primeiro vinte anos do corrente século, a taxa de alfabetização manteve-se praticamente a mesma, enquanto que neste mesmo período, em São Paulo, o peso relativo de sua população alfabetizada [considerada a população total] subiu de 24,72% para 29,82%", Ana Maria Infantosi, *A Escola na República Velha. A Expansão do Ensino Primário em São Paulo*, São Paulo, Edec, 1983, p. 50.
63. Em 1920, o número de alfabetizados no Estado era de 1.369.579, número que se aproximava da população total do Estado em 1980, que era então de 1.384.753 habitantes. *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* 1939, *Apud* Ana Maria Infantosi, *A Escola na República Velha. A Expansão do Ensino Primário em São Paulo*, São Paulo, Edec, 1983, p. 50.
64. Ana Maria Infantosi, *op. cit.*, p. 52.
65. *Idem*, p. 55.

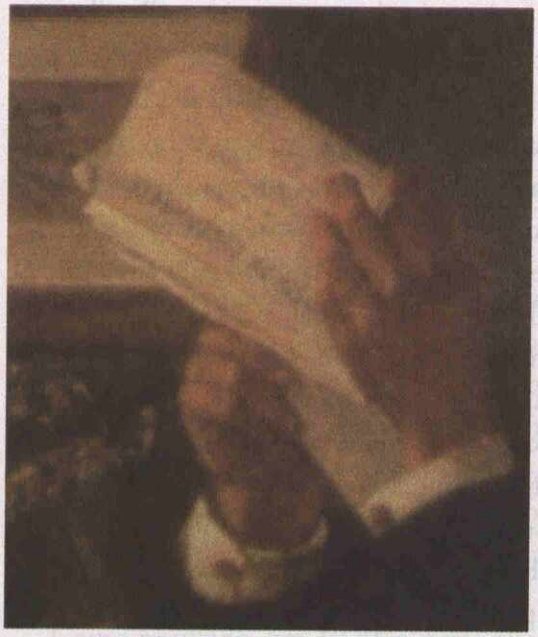
Importante insistir no significado que o *saber ler* passou a ter no Brasil republicano, atributo significativo para o cidadão da nova Ordem. Enquanto no Império o requisito da escrita e leitura não funcionara como predicado fundamental à população marcantemente agrária, na República, a situação se invertera. No quadro da urbanização, com uma população, pelo menos em tese, livre da escravidão e imbuída das luzes da ilustração, o *saber ler* tornou-se emblema distintivo. Não só para colocação no mercado de trabalho, potencializado pelo crescimento do terciário, como para o exercício da cidadania. Afinal, pela Constituição de 1891, o direito de voto só cabia aos maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever[66]. Eduardo Prado, ao lançar seu libelo contra o regime, publicando *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*, incidia contra a medida, pois a estatística geral brasileira mostrava que na época, com uma população de 14.000.000 habitantes, dos quais apenas 23% sabiam ler e escrever, havia apenas 621.000 eleitores[67].

Em 1920, a situação mudara, embora com distorções. Naquele ano, o censo mostrou que, no Brasil, em cada grupo de 100 pessoas, 65 eram analfabetas; já no Estado de São Paulo, em cada grupo de 100, eram analfabetas 58 pessoas; e na Capital paulista, a taxa de analfabetismo reduzia-se a 28% para a população adulta, enquanto 65,2% da população em idade escolar [dos 7 aos 14 anos] já era alfabetizada, comprovando o investimento na instrução primária da Capital[68].

Adensamento de população, incremento da produção, desenvolvimento de vias de comunicação e meios de transporte, aceleração do processo de urbanização – fizeram-se acompanhar de uma diminuição da taxa de analfabetismo. Cuidado dobrado, contudo, há que se ter com os dados estatísticos. O recenseamento da época apenas indagava do entrevistado: *Sabe ler e escrever?* Uma enorme distância separava o entendimento do *ser alfabetizado* e do *saber ler e escrever* efetivamente; outro apartamento significativo colocava-se entre o *saber ler* e a *prática efetiva da leitura*. Os depoimentos de contemporâneos desse período, colhidos por Ecléa Bosi e publicados em sua obra *Memória e Sociedade*, permitem apreender parte dos níveis de alfabetização daqueles primeiros tempos republicanos[69].

66. Ana Luiza Martins, *Gabinetes de Leitura da Província de São Paulo: A Pluralidade de um Espaço Esquecido. 1847-1890*, São Paulo, Mestrado História-USP, 1990 [mimeo.].
67. Eduardo Prado, *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*, *op. cit.*, p. 36.
68. Ana Maria Infantosi, *op. cit.*, p. 59.
69. Ecléa Bosi, *op. cit.*

SIhi





Leitura para Todos • A tela acadêmica reproduz a família do engenheiro Adolfo Augusto Pinto em momento de lazer, notando-se em primeiro plano o próprio Adolfo comprazendo-se com a leitura da *Revista de Engenharia* (detalhe). *Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto*, de José Ferraz de Almeida Junior, 1891, óleo sobre tela, 106 x 137 cm, Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo.

SIhi



Num recorte extremamente urbano, da paulicéia de elite afrancesada, cartolas de vida elegante, funcionários públicos briosos, domésticas ex-escravas que ambicionavam para si e seus descendentes o apanágio de "alfabetizados", estrangeiros que liam e escreviam apenas em suas línguas de origem – nesse universo multifacetado –, o *saber ler* perpassou uma gama diferenciada de apreciações. A começar pela limitação desse aprendizado, que se julgava suficiente e esgotado ao término do curso primário. O Sr. Amadeu Brás, nascido em 1906, filho de pais italianos, ele alfaiate e ela costureira, informava:

> As escolas eram poucas, a maior parte das crianças tinha pouco estudo. [...] Era difícil a aquisição de livros e às vezes a professora nos trazia algum para ler. [...] Eu gostava muito da escola; a maior parte dos meninos eram de família pobre e quando havia alguma festa as professoras providenciavam a roupa para as crianças. [...] Naquele tempo, quem tirava o diploma do quarto ano já não ia mais à escola, era o fim[70].

"Não ter o primário completo" era corrente, mesmo para quem vivia no universo da escrita, como o Sr. Ariosto, nascido em 1900 na rua Antonio Carlos, paralela à avenida Paulista e cujo pai era caligrafista.

> Meu pai era mestre em caligrafia, pintava quadros à aquarela e fazia retratos a bico de pena, que é uma arte difícil. Ele gostava muito de ler [...] lecionava para crianças de casa em casa, em italiano. [...] Aprendi a ler no Dante Alighieri com o professor Quaranta, podia ter oito anos. O primeiro, segundo, terceiro e quarto ano eram todos juntos na mesma sala; ele ficava um pouquinho com cada aluno. [...] Se a gente errava alguma coisa, apanhava com reguada: "Dá tua mão aí". "Ai, professor, eu não vou errar mais!" A gente abria a mão com medo e... pum! *Quem ia na escola depois? Ninguém! A senhora acha?* Quem reincidia no erro ajoelhava no milho: se a gente queria levantar porque o milho penetrava nos joelhos, nas pernas, levava uma reguada nas costas. [...] Só fiquei na escola um ano e pouco. O papai mudou, não fomos mais para a escola[71].

Anos mais tarde, a preferência pela revista era enfatizada pelo Sr. Ariosto, invólucro que veiculava cinema, a temática de sua preferência:

> Nessa época lia muito a revista de cinema *A Cena Muda*, *Eu Sei Tudo*. E os folhetins do *Fanfulla*, como "Il fiacre", que vinham todos os dias em capítulos. Meu pai lia sempre o

70. Depoimento do Sr. Amadeu Brás, em Ecléa Bosi, *op. cit.*, p. 131.
71. Depoimento do Sr. Ariosto, em Ecléa Bosi, *op. cit*, pp. 154-159. Grifos nossos.

Fanfulla e trazia notícias para nós: "Guarda, guarda, hanno fatto una rivoluzione in Russia. Son gli partiti!"[72].

A educação, entenda-se, "a leitura", era valor precioso para o escravo recém-liberto. D. Risoleta, filha de escravo liberto em 1888, nascida em 1900, foi colocada com oito anos para trabalhar em casa de família, pelo pai, em troca de alfabetização:

> [...] dizia que não fazia questão de dinheiro, queria é que me ensinassem a ler um pouco. [...] Quando ele me pôs na casa da sinhá moça dele, disse: *Eu quero que a senhora me ensine a menina a trabalhar, ler e escrever*[73].

Já adulta, D. Risoleta, que sempre trabalhou como empregada doméstica, se orgulhava da educação que dera aos filhos.

> Criei todos. Todos sabem ler, sabem escrever. Até meu retardado sabe ler e escrever. Sei de gente rica que tem retardado que não sabe ler nem escrever. Todo mundo admirava de ver tudo bem vestidinho, com uniforme na escola, tirando diploma[74].

No caso dos imigrantes, sobretudo entre aqueles imbuídos de *fare l'America*, com projetos de retorno à Pátria de origem, a alfabetização em italiano era primordial. Sr. Antonio, filho de imigrantes que pretendiam um dia voltar para a Itália, nasceu em 23 de agosto de 1904, em Santa Rita do Passa Quatro e veio para São Paulo com 10 anos. Zeloso dos valores de origem, confirma a trajetória corrente de filhos de imigrantes na iniciação à leitura.

> Minhas primeiras letras foram em italiano. O primeiro livro que lí foi *I paladini di Francia*. [...] Na juventude lí em italiano *Quo vadis* [...] Lia-se muito no Brasil Gabriele D' Annunzio. Li quase todos os livros de Papini [...] Comprava-se esses livros na Libreria Italiana da Rua Xavier de Toledo, que importava da Itália. Havia uns livreiros, os Fittipaldi, que começaram a editar livros em português. Li a *História Universal* de Cesare Cantu em português, editada por eles. Mesmo os italianos analfabetos conheciam a *Divina Comédia*. Declamavam certos trechos transmitidos de pai para filho. Em 1928 comecei a ler em português: achei extraordinário Alexandre Herculano, Camilo Castello Branco. Minhas posses eram muito pequenas: tirava da biblioteca, emprestava de alguém [*sic*][75].

72. *Idem*, p. 162.
73. Depoimento de D. Risoleta, em Ecléa Bosi, *op. cit.*, p. 371.
74. *Idem*, p. 395.
75. Depoimento de Sr. Antonio, em Ecléa Bosi, *op. cit.*, p. 237.

Slhi

E a leitura passou a ser atributo classificador, digno de admiração, prática conferidora de *status*. D. Jovina, nascida em 1897, em Ribeirão Preto, filha de engenheiro da Mogiana, que mais tarde até saiu na *Revista Renascença*, rememorava a admiração pela irmã, leitora voraz.

Eu tinha um entusiamo por ela! *Quando eu tinha onze anos, ela tinha quinze e havia lido 72 livros! Na época não se tinha a facilidade de hoje para conseguir livros.* [...] papai deu *Dom Quixote* para Preciosa ler nas férias. Deitou na cama com o livro e ria e achava tanta graça, mas tanta, que a cama com rodinhas de ferro ia para frente e para trás. [...] lemos João Kopke, Silva Pinto... livros interessantes. [...] Uma vizinha, D. Mariquinha Marques, me emprestava livros. [...] Li pouco em criança: *Rosa de Taneburgo, Genoveva de Brabante, As Meninas Exemplares, As Férias, Os Desastres de Sofia, da Madame de Ségur*[76].

Os professores em potencial passavam a existir entre os dotados de maior escolaridade. Mesmo nas famílias bem colocadas, na maioria das vezes, o aprendizado se iniciava com a mãe ou irmãos mais velhos. A mesma D. Jovina confirma:

Em nossa família os irmãos mais velhos é que preparavam os mais novos para a Escola Normal. Em 1911 entrei para o primeiro grau da escola Normal. Na escola havia um *ginasium* onde se praticava esporte e se estudava quatro anos de francês. [...] Todo mundo recebia catálogo de Paris: *Au Bon Marché, Galerias Lafayette, Le Printemps.* Tinham seção de *blanche* [*lingerie*] com desenho de peças e os preços. Os artigos agora me parecem baratíssimos. Eu mesma mandei buscar um *marabout* de penas para pôr no pescoço. [...] Meu pai assinava revistas francesas: *L'Ingénieur, La Nature, L'Illustration, que eram lindas, no Natal vinham cópias de pinturas célebres que se punham em quadro. Ele tinha admiração pela França, por Voltaire, por Daudet. Líamos muito literatura francesa traduzida. Li* Os Miseráveis *em cinco volumes, Paulo e Virgínia. Quando acabei* Os Miseráveis *caí em pranto. D. Aninha é que me arranjou os livros. D. Aninha foi lavadeira de minha tia e lia, lia*[77].

Entre o romance folhetim e a revista, esta por vezes predominava, conforme se infere do depoimento de D. Alice. Nascida no Vale do Paraíba, filha de viúva que trabalhou como doméstica em casa de advogado famoso, primeiro na rua Martin Francisco na infância, depois, nos Campos Elíseos, estudou até o terceiro ano, e saiu da escola ao ser reprovada em matemática.

Hoje, gosto de ler, mas não lembro de livros, jornais, quando era criança, nem rádio. No terceiro ano precisei sair do grupo, não tenho nem o primário completo. [...] *Não lem-*

76. Depoimento de D. Jovina, em Ecléa Bosi, *op. cit.*, pp. 268-279.
77. *Idem*, p. 281. Grifo nosso.

bro do jornal que chegava em casa, mas li as revistas Eu Sei Tudo, A Cigarra*; as crianças liam* O Tico-Tico. Não lia jornal, mas lembro do crime da mala[78].

A seqüência de depoimentos, circunscritos a segmentos sociais diversos, revelou que as leituras correntes ainda privilegiavam os clássicos internacionais, com pouca ou nenhuma menção aos autores brasileiros; mais restritas ainda as lembranças de periódicos. Em se tratando de leitura, a valorização era do saber livresco. Ao final da década de 1920, mencionavam-se leituras esparsas de revistas editadas no Rio de Janeiro que contavam com amplo sistema de divulgação, representadas pela *Renascença* e por *Eu Sei Tudo, A Cigarra* e *O Tico-Tico.*

A escolarização tinha fins pragmáticos. Tão logo se acabava o primário, encerrava-se o ciclo de aprendizado. Com primário completo, se colocava no mercado de trabalho, se inseria na sociedade. Concomitante, prosseguir nos estudos não era tarefa fácil. Só para aquinhoados da fortuna, confirmando o traço peculiar da iniciativa pública de educação, que montara uma rede de ensino primário de proporções consideráveis enquanto limitava sua intervenção nos campos do ensino médio e superior. A democratização das oportunidades de escolarização restringiram-se ao ensino elementar, subtraindo-se da população o ingresso ao ginásio e ensino superior[79].

Infere-se, pois, que a valorização do ensino e divulgação de autores nacionais, disseminadas à exaustão nas revistas paulistanas, circunscreveram-se tão-só aos representantes de frações de classe, em particular àquelas que freqüentaram as Escolas Modelos, aparelhos reprodutores do ideário nacionalista republicano a serviço do Estado. Cabe ressaltar que essas instituições tinham sua imagem magnificada nas revistas, através da seqüência de fotografias dos recém-construídos edifícios escolares, implantados como poderosos templos do saber, configuradores de um "Estado Ilustrado". Essa rede de ensino tão veiculada pelo periodismo, ao fim e ao cabo, limitou-se ao usufruto de parcela relativa da população progressista e laboriosa que as mesmas revistas cuidavam de divulgar.

Na perspectiva do mercado da leitura, os resultados foram satisfatórios. Da zona rural à urbana, criaram-se escolas regionalmente adequadas para erradicar o analfabetismo. A região central e o litoral, com maior densidade demográfica e população urbana, apresentaram a mais elevada taxa de alfabetização, tanto para

78. Depoimento de D. Alice, em Ecléa Bosi, *op. cit.*, pp. 100-117. Grifo nosso.
79. Ana Maria Infantosi, *op. cit.*, p. 37.

SIhi

a população infantil como para a adulta. Campinas se destacava, seguindo-se os maïs populosos e prósperos núcleos urbanos do Estado: Sorocaba, Jundiaí, Itu, Piracicaba e Santos. Não por acaso, para esta última dirigia-se parte expressiva da produção periódica paulistana[80]. De fato, potencializara-se o consumo de impressos de teor vário, sobretudo da revista periódica ilustrada. Independente da efetiva alfabetização, a ilustração garantia o circuito da mensagem, até para a população analfabeta; não obstante, o artigo de apresentação da *Arara, semanário crítico, humorístico, de caricatura*, de 1905, com direção de Augusto Barjona, dimensionara com ironia a população leitora.

> O Arara não vem preencher uma lacuna na imprensa da capital artística: os jornais que existem são demais para a parte da população que lê[81].

Produção, distribuição e consumo alicerçavam agora o tripé da indústria periódica. Embora os custos da produção ainda fossem elevados, sobretudo pela importação do papel, a otimização das tipografias e complexos gráficos assegurava a parte inicial do processo. O outro extremo, o do consumo, estava potencializado, pela difusão do ensino primário, da alfabetização. Os entraves que ainda subsistiam relacionavam-se à carência do papel e ao sistema de distribuição, bastante precário. Suprir a lacuna da matéria-prima, *o papel*, foi mais um empreendimento daquela virada do século.

80. Ana Maria Infantosi, *op. cit.*, p. 59. A relação coincide com as cidades que receberam Gabinetes de Leitura na província. Ver Ana Luiza Martins, *op. cit.*

81. *Arara, semanário crítico, humorístico, de caricatura*, São Paulo, fev. 1905, n.1.

Na Ciranda do Papel

À célere transformação econômica paulista correspondera o crescimento demográfico, o avanço técnico dos meios de comunicação, o moderno aparelhamento das máquinas impressoras, a profissionalização do setor a serviço da expressiva produção editorial periódica, mudanças que se deram em paralelo ao aumento da população leitora. Esse complexo, em franco desenvolvimento, pecava pela base, desenvolvendo-se praticamente no ar, dependente que era da importação do papel. O principal suporte da indústria do impresso, na sua quase totalidade provinha do mercado externo, sujeito a taxas onerosas de alfândega e, até mesmo, à burocracia complexa para importação. O encarecimento contínuo do produto e a instabilidade do editor, à mercê das oscilações de preços e fornecimento, constituiu-se no maior empecilho à otimização do setor. Para o varejo até que havia alguma facilidade de aquisição, conforme anúncio da *Casa Garraux*:

> *Garraux* dispõe de papel Hollanda, Florete, canson, almaço liso – para repartições públicas, papéis coloridos para capas de livros, mata-borrão, mata-moscas[82].

Difícil e dispendioso era o papel de consumo gráfico, mercadoria de custos sempre em alta, dependente de importação, sujeita às vicissitudes da economia de mercado; acrescente-se que o artigo vinha na ordem do dia, na cidade que não parava de crescer. Antes da elevação da demanda, o produto já era restrito,

82. Paulo César A. Goulart e Adriana Manfredini, "A História da Papelaria no Brasil", *Revista Lojas, Papelaria & Cia*, São Paulo, maio 1994, p. 31.

SIhi

limitando-se a duas ofertas: os "livros em branco", em geral para contabilidade, mais consumidos, e os "papéis pintados", papéis de parede, vendidos em rolos. Havia ainda papéis especializados para partituras, cartas e o chamado "papel de peso", uma folha dupla, da qual a segunda fazia as vezes do envelope. Aliás, até 1860 não havia envelope em São Paulo. Seu uso, na forma conhecida, surgiu como novidade, e em 1879 a *Garraux* anunciava dispor de um sortimento de 800.000 envelopes.

Em 1882, o primeiro documento cartográfico da Província impresso em jornal – seu mapa postal em duas cores, ocupando uma página inteira do *Correio Paulistano*, iniciativa de Jules Martin – redundou em tamanho sucesso que passou a ser comercializado nas papelarias, ao alcance de público maior. Seguiram-lhe as folhinhas de parede, também de Jules Martin e, em 1894, a *Camisaria Especial* gabava-se de introduzir no mercado confetes e serpentinas.

O crescimento da cidade e a burocracia dos negócios tornaram o papel imprescindível. Impressos de circulares, faturas, *memoranduns*, notas de venda, papel para escrever à máquina, à tinta, papel para cópia, papel pautado e sem pauta, em branco e marcado, papel de linho, enfim, a necessidade do artigo era premente!

Em 1880, os jornais *A Província de São Paulo* e *Correio Paulistano*, dependentes do papel, estimulavam a instalação dessa indústria no Brasil e, naquele ano, com certo exagero nas facilidades do empreendimento, *A Província* alertava:

> Há indústrias que podem ser exploradas com vantagens entre nós. Está nesse caso o fabrico do papel. O Brasil já figura nos mercados estrangeiros como grande consumidor desse gênero de produção industrial. Está, portanto, [...] habilitado a entrar em concorrência com esses mercados... Se está provada a necessidade, se não há dúvida quanto ao consumo, se a matéria-prima é abundante... porque duvidar dos lucros que uma empresa dessa natureza há de oferecer aos que empregam nela os seus capitais?[83]

A realização não era tão simples assim. A pasta para papel, até se podia obter com produtos vegetais, dos quais éramos pródigos. Mas sua industrialização dependia da celulose química e de altos investimentos em maquinários.

Os apelos da imprensa impressionaram aos mais pragmáticos e/ou idealistas, e o entusiasmo por fábricas de papel tornou-se realidade, com registro de funda-

83. A Província de São Paulo, set.-dez. 1880. *Apud* Hernâni Donato, *100 Anos da Melhoramentos. 1890-1990*, São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1990, p. 31.

SIhj

ção de algumas delas. A começar pela de Salto de Itu, em 1889, anunciada pelo *Diário Popular* e pel' *A Platéia*:

> [...] Ilustres Srs. Melchert, Irmão & C., inaugurando, segunda-feira passada, na pequena vila de Salto, uma importantíssima fábrica de papel, a primeira que se estabelece em toda a América do Sul.[...]
>
> Falando dessa importante fábrica, é justo que conversemos também sobre o seu produto, que por enquanto limita-se ao papel de imprensa, excelente, como os leitores já viram pelo *Diário Popular*, que foi nele impresso no dia 17 do corrente.
>
> Um dia antes, também a *Gazeta do Povo* publicou cem exemplares no mesmo papel, e assim ficou com a glória de ter sido o primeiro jornal impresso em papel fabricado na América do Sul[84].

A produção voltava-se, efetivamente, para papel de embrulho, e episodicamente imprimia jornais e almanaques, como se deu no ano seguinte, com a impressão do *Almanaque para 1890*, anunciado em "legítimo papel nacional". Seguiu-lhe a *Osasco Cia. Industrial de Papéis e Cartonagens* e, em 25 de janeiro de 1890, o *Correio Paulistano* noticiava em primeira página a nova fábrica de papel em Santos.

> Fábrica de Papel. Quase todas as ações da fábrica de papel que se vai fundar em Santos estão tomadas. A fábrica deve começar a funcionar dentro de dois meses[85].

Esses feitos, contudo, tiveram percurso difícil, quando não baldados. Coube a Antonio Proost Rodovalho[86], arguto empreendedor dos serviços de infra-estrutura urbana da Capital, encetar com sucesso o cometimento, valendo-se das experiências bem-sucedidas de Emílio Ascanha, morador nas imediações de São Paulo, entre Bom Sucesso e Monjolinho. Prático engenhoso, Ascanha obtivera bons resultados produzindo artesanalmente pasta de papel, pela mistura de guaraná e samambaia, processado em olaria, com tina, peneira e alguma fibra. O

84. *A Platéia*, São Paulo, 1889, ano II, n. 65. Ver Anicleide Zequini, *Papel de Salto: 110 Anos de Evolução e Tecnologia (1889-1990)*, Salto, Papel de Salto, 1999.
85. P. T. A. Goulart e A. Manfredini, *op. cit.*, pp. 41-42.
86. Antonio Proost Rodovalho nasceu em São Paulo, em 27.1.1838, trabalhando desde rapaz no comércio. Em 1875 foi nomeado gerente-tesoureiro da caixa filial do Banco do Brasil; a partir de então envolveu-se com as grandes realizações econômicas da Província, criando Companhias e/ou administrando outras, como a Estrada de Ferro da Cia. São Paulo e Rio de Janeiro. Atingiu o coronelato, pelos trabalhos prestados à Guerra do Paraguai. Criou a Companhia Melhoramentos de São Paulo, para atender ao serviço de infra-estrutura urbana da capital. Faleceu em 30 de dezembro de 1913. Hernâni Donato, *op. cit.*, p. 31.

engenho valeu-lhe patente do governo provincial com valor de monopólio do invento. Foi a Emílio Ascanha que recorreu Proost Rodovalho em 1887 para instalação da primeira grande fábrica de papel do País, atrelada ao complexo *Companhia Melhoramentos*, de sua propriedade.

Localizada em Caieiras, figurava no primeiro grupo das empresas do conglomerado, conforme *Ata da Assembléia Geral* de instalação, na sede do Banco do Brasil, em 12 de setembro de 1890, assim descrita:

> Na *Fazendinha* está a se concluir a montagem de uma fábrica de papel do tipo mais aperfeiçoado, dotado de todas as máquinas necessárias, edifício incombustível, força motriz hidráulica, três turbinas [...] matéria-prima já em depósito avaliam essa fábrica em mil e duzentos contos de réis[87].

Até 1913, contudo, o País valeu-se, efetivamente, apenas de dois empreendimentos no gênero. A pioneira, *Companhia Melhoramentos*, sediada em Caieiras, e a *Klabin Irmãos*, com dez fábricas: quatro em São Paulo, quatro no Rio de Janeiro, uma no Rio Grande do Sul e outra em Pernambuco, em vésperas de se instalar. A capacidade de produção diária da *Klabin* em 1916 era de 50.000 a 55.000 quilos de papel, produção que estava longe de atender ao mercado interno, segundo declarava seu gerente:

> Se todas as fábricas produzissem juntas, daria 5.000.000 quilos de papel. Ora, só em papel de impressão, entraram em 1913, pelo porto de Santos, nada menos que 8.000.000 quilos. Vê-se que não podemos cogitar de produzir o papel que consumimos[88].

Para agravar, as fábricas brasileiras do setor dependiam, e muito, do fornecimento externo, trabalhando com boa parte de matéria-prima estrangeira, isto é, celulose química, telas metálicas, feltros, sulfato de alumínio e demais ingredientes.

Isto posto, infere-se que o surto gráfico periódico pouco ou nada valeu-se da produção interna de papel. Sujeitou-se, até por conveniência, ao artigo importado. Para publicações mais luxuosas, que exigiam superioridade do produto, o

87. O projeto da fábrica foi confiado à firma especializada Gebrüder Hammer, Neidenburg, Pfalz, considerado arrojado e moderno segundo revista alemã do setor, edição de 1888. Cf. Hernâni Donato, *op. cit.*, pp. 16-21.

88. *Revista de Comércio e Indústria. Publicação Oficial da Associação Comercial de São Paulo*, São Paulo, Casa Editora Olegário Ribeiro, 1916, nº 18, p. 154.

SIhi

nacional não era recomendado; para consumo de papel-jornal, o preço do importado, por incrível que pareça, era mais convidativo.

Em 1897, contudo, a taxa por quilo de "papel-jornal" importado, passou de 60 réis para 10 réis por quilograma. A esta medida, correspondeu o aumento das tiragens periódicas populares na virada do século, privilegiando as publicações de feitura menos elaborada, de custo mais baixo; medida que facilitava a obtenção do papel-jornal, em termos... A burocracia para aquisição do produto era imensa, exigente na seleção dos beneficiados, sujeitos à papelada comprobatória de sua situação no mercado.

Tema de interesse imediato para a existência do periódico, são as próprias revistas que noticiam as dificuldades do setor. Em geral, de forma indireta, para justificar o aumento do exemplar, conforme se infere da *São Paulo Ilustrado*, órgão do jornal *O Estado de S. Paulo*, cuja tiragem expressiva tornava-a mais sensível às oscilações desse mercado. Outras, como a *Revista de Comércio e Indústria*, publicação oficial da Associação Comercial de São Paulo, de caráter informativo sobre o ramo, ia mais longe. Esclarecia quanto ao fabrico do papel, a situação dos fornecedores, os balanços de sua importação, sugerindo e prestigiando as iniciativas de auto-suficiência da área. Diga-se que a *Revista de Comercio e Indústria*, nascida em 1915, logo após o início da guerra, resultou na porta-voz do usuário mais atingido: aquele da indústria e do comércio. Espelhou suas dificuldades, veiculando também os entraves e as possibilidades do ramo papeleiro. Suas matérias cobriram *pari passu* a crise, que não era só do Brasil.

Debatendo-se pelo sucesso do produto nacional, divulgou artigos de Pio Correa[89] sobre as descobertas favoráveis, objeto constante de pesquisas entre a gama diversificada de vegetais aproveitáveis. Graças ao emprego do palmito, guaraná e da guanxuma, por exemplo, chegou-se à produção de papéis mais simples, enquanto para a produção qualificada recorreu-se ao uso de trapos branqueados, aparas de papel, palha de arroz branqueadas, bambú e várias espécies de capim. Entusiasta, a *Revista do Comércio e Indústria* acreditava na potencialidade de nossa matéria vegetal, as madeiras brancas que serviam para o seu fabrico, admitindo que o pinho do Paraná nada ficava a dever ao pinho da Suécia. Já

89. Pio Lourenço Correa, nascido em Araraquara em 1875, político e jornalista, especializado em língua vernácula, especialmente nos dialetos tupi-guarani e a chamada língua geral. Coordenou o *Dicionário de Plantas do Brasil*, a obra mais completa no gênero. A. C. da Silva Teles, "O Papel", *Revista de Engenharia*, jan. 1905, n. 2, pp. 71-74 e mar. 1905, n. 3, pp. 121-124.

SIhi

para a produção da celulose química nacional, investimento de monta, o amparo do governo parecia-lhe fundamental. Não obstante as iniciativas para incremento do produto em várias instâncias, do estabelecimento de fábricas à redução de taxas, o setor sempre atuou com dificuldades. Mais ainda, ao eclodir a Primeira Guerra, conforme insistia a *Revista de Comércio e Indústria*, em 1916.

> Poucas indústrias [...] terão sido tão duramente maltratadas como ela pela guerra[90].

O circuito de importação do papel era complexo. A Suécia, o mais tradicional produtor do mundo, abastecia especialmente o mercado europeu, enquanto os Estados Unidos, os maiores produtores, supriam a demanda brasileira. A conjuntura internacional belingerante acabou por abalar drasticamente ambos os trânsitos comerciais. Nas páginas da *Revista do Comércio e Indústria* de 1915 veiculou-se estatística reveladora do brutal declínio da importação de papel e derivados no Brasil, relativa ao primeiro ano da guerra. Entre 1913 e 1914 as importações que abrangiam o espectro papeleiro caíram pela metade

O contraste dos números entre 1913 e 1914 fala por si. Confirmam-se, para essa segunda metade da década de 1910, as imensas dificuldades com os quais se defrontou o ramo periódico. As poucas fábricas nacionais não correspondiam à quantidade e à qualidade exigida pelo impresso, e a importação encontrava-se parcialmente invibializada.

Naquelas circunstâncias adversas, o circuito do papel em crise reforçou um círculo vicioso, extremamente prejudicial ao periodismo, qual seja: o alto custo daquele exigia redução de seu consumo, enquanto a situação internacional belingerante demandava maior espaço da imprensa para divulgação de notícias, especialmente nos jornais e revistas. Concomitantemente, o suporte econômico que advinha dos anúncios nos periódicos retraíra-se, dificultando ainda mais a sobrevivência do produto.

A *Revista do Comércio e Indústria* confirmava a escassez da matéria-prima e da mão-de-obra do setor, enquanto a procura pelo impresso, ao contrário de diminuir, muito pelo contrário, aumentava[91]. Insistia na má qualidade do produto que circulava na praça, inadequado até mesmo como papel de embrulho.

90. "A Guerra e o Comércio de Papel", *Revista de Comércio e Indústria, op. cit.*, 1916, n. 17, s/p.
91. *Revista de Comércio e Indústria, op. cit.*, 1916, n. 17, s/p.

QUADRO VI. IMPORTAÇÃO DE PAPEL ENTRE 1913 E 1914		
PAPEL E SUAS APLICAÇÕES	1913	1914
Livros, impressos, jornais, revistas, músicas, mapas ou cartas geográficas, hidrográficas e semelhantes	623:665$000	311:549$000
Obras impressas ou litografadas, circulares, facturas, conhecimentos, cartazes, cartões-postais, rótulos, folhinhas etc.	221:785$000	109:185$000
Papel para uso não identificado	1.127:983$000	537:789$000
Papel para escrever	429:490$000	145:976$000
Papel para impressão	2.024:583$000	1.300:651$000
Papelão e cartão	585:037$000	163:371$000
Manufaturas não especificadas	389;281$000	182:034$000

Fonte: "A Guerra e o Comércio de Papel", *Revista de Comércio e Indústria*, 1916, n. 17.

Temos agora um papel que de papel tem apenas uma vaga aparência, pois que a pasta de madeira que o constitui se acha por assim dizer no estado quase bruto em que a deixou uma grosseira manipulação. Nem para embrulho serve esse novo produto da crise, pois que se rasga com a mais desesperadora facilidade[92].

E no mesmo tom de crítica, incidia sobre grupos da imprensa privilegiados pelo poder, que realizavam verdadeiros "milagres", mantendo a qualidade do papel, oferecido a um público que ignorava os problemas da área.

Indiretamente, acusava o veículo beneficiado de furtar-se a um dever que lhe cabia como órgão de divulgação, isto é, informar o leitor da crise para que compartilhasse com o drama do País, abrindo mão de uma qualidade de papel inviável para a época.

O ataque frontal dirigia-se ao *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.

O *Jornal do Comércio* [...] continua a imprimir-se no seu magnífico papel de antes da guerra, luxo mais que asiático nas circunstâncias atuais e tanto mais digno de reparo quanto é provável que ele passe quase despercebido à quase totalidade dos leitores, os quais acei-

92. *Revista de Comércio e Indústria, op. cit.*, 1916.

tam geralmente o que se lhes dá como coisa devida, sem importarem com os sacrifícios que tal dádiva representa.

É necessário que o leitor tome sua parte nos sacrifícios que a situação impõe e se habitue à idéia de ter de prescindir também um pouco do luxo a que foi habituado, em tempos mais felizes do que os atuais[93].

No desenrolar da guerra, a situação agravou-se. Enquanto no Brasil não se registrou nenhuma medida oficial de alerta, menos ainda por parte da imprensa periódica diária, nos Estados Unidos e em países europeus, no ano de 1916, veiculava-se a retração do setor, com fechamento de fábricas, suspensão de publicações, diminuição de número de páginas e – medida extrema que nos afetava diretamente – a possibilidade de cancelamento das exportações.

Do estrangeiro chegam-nos sobre o assunto notícias cada vez mais desanimadoras. A *National Paper & Type Company*, de Nova York, enviou uma circular aos seus representantes no exterior comunicando ser tão grave a situação da indústria do papel nos Estados Unidos, [...] que muitas fábricas fecharam, vários jornais suspenderam a publicação e outros diminuíram o número de páginas e elevaram o preço dos anúncios e da venda avulsa, e vários interessados realizaram uma reunião para pedir ao governo a proibição de saída de papel para o estrangeiro. Na Itália, [...] o *Risorgimento Grafico*, a *Associação dos Livreiros e Editores* pediu também ao Governo que proibisse a exportação de papel de todas as qualidades. Um outro periódico, o *Caxton Magazine*, constata que a maior parte dos jornais europeus reduziu o número de páginas. Na França, o Governo deliberou suspender a cobrança de direitos sobre o papel e a matéria-prima necessária para fabricá-lo, para minorar a crise que se tornava cada vez mais intolerável[94].

Contudo, na ciranda do "vai café do Brasil e vem produto industrializado dos Estados Unidos", não se descartavam investimentos externos em nosso mercado, cogitando-se nesse mesmo ano de 1916 sobre a instalação de grandes depósitos de papel de fábricas norte-americanas no Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, Buenos Aires e Santiago. Mercadoria valorizada em tempos de crise, o papel passou a ser bom negócio para investidores graúdos, estrangeiros na sua maioria que, em parceria com brasileiros de força política, partiram para a instalação, inclusive, de novas fábricas. Capital estrangeiro com representação nacional de peso político, ninguém menos que José Bezerra, então ministro da Agricultura.

93. *Idem*, 1916, p. 125.
94. *Idem*, 1916, ano II, n. 18, p. 153.

SIhi

Instalam-se no Brasil novas fábricas de PAPEL: em Jaboatão, tendo a frente o Sr. Osmundem, presidente de um grande sindicato escandinavo. O mais forte acionista brasileiro é o Sr. José Bezerra, Ministro da Agricultura. Em São Fidélis, o Dr. Alencar Lima, que acaba de instalar no município fluminense grande manufatura de papel, contratando com a Prefeitura de Campos o aproveitamento da seleção do lixo daquela cidade como matéria-prima para a nova indústria[95].

Todavia, conforme o mercado se ampliava, suas regras escalonavam-se de tal forma que só restava espaço para empreendedores sólidos. Em 1916 as taxas favorecidas de importação de papel só valiam aos periódicos que provassem ter mais de dois anos de efetiva existência no País; assim como para as revistas científicas, literárias, políticas e artísticas que contassem mais de dois anos de circulação consecutiva, quais sejam, as publicações infensas ao "mal dos 7 números", produto raro no mercado[96].

Enquanto a *Klabin* entendia que as dificuldades da indústria do papel advinham também da falta de amparo do governo, Joaquim Pinto Pereira de Almeida, superintendente da *Melhoramentos,* em entrevista à *Revista da Indústria e Comércio* refutava, indo ao âmago da questão: a concorrência desleal.

Não é que a indústria do papel não seja protegida no Brasil. Ela é até bastante protegida, não sendo lícito esperar-se maior proteção. Mas a concorrência desleal campeia desassombradamente[97].

O superintendente expunha, claramente, sobre a existência das fraudes do setor, ainda que favorecido com taxas preferenciais:

Ao lado, porém, dessas taxas protecionistas, existe a taxa de 10 réis por quilo, para o papel de jornal, destinada a favorecer a indústria jornalística. Essa taxa era de 60 réis por quilograma, tendo sido reduzida a 10 réis em 1897. Com essa diminuição, foram ainda concedidos grandes favores ao papel de jornal estrangeiro, que além de estar isento das despesas de armazenagem, capatazias e taxa de expediente, goza do benefício do despacho sobre água. Nada temos a dizer contra esses favores destinados a incrementar o jornalismo nacional.

Infelizmente, porém, não há do que não se abuse em nosso país: as disposições da Tarifa [...] passaram a ser burladas clamorosamente, em prejuízo do Tesouro e da indústria nacional.

95. *Idem*, 1916, ano II, p. 172.
96. Em 1918 saiu a circular n. 3 do Ministério da Fazenda, mais minuciosa e restritiva para o registro e fiscalização de papéis livres de direitos. Ver *Revista de Comércio e Indústria, op. cit.*, 1918, IV, n. 37, p. 60.
97. *Revista de Comércio e Indústria, op. cit.*, 1916, II, n. 18, p. 153.

Sob a capa dessa tarifa protetora, importa-se em grande escala *papel de jornal*, mas para os misteres muito diferentes, como sejam, embrulhos, encadernação etc... *Casas há, no Rio de Janeiro, que importam papel branco acetinado, como sendo para impressão de jornal e o vendem inteiramente transformado em cores e até em corpo pela junção de duas folhas numa só.*

E nem ao menos existe certo recato na fraude, pois que de ordinário não só os importadores mas as próprias empresas jornalísticas especulam com os favores de que gozam, e anunciam em letra redonda a venda nas próprias oficinas de papel para embrulho![98]

A essa posição de Joaquim Pinto Pereira de Almeida, publicada no n. 18 da *Revista de Comércio e Indústria*, seguiu-se a divulgação da *Circular n. 55*, já no n. 20, do mês de agosto de 1916, referindo-se à importação de papel. João Pandiá Calógeras, então Ministro da Fazenda, tentava regulamentar aquele fornecimento, mediante o lançamento de novas taxas e maior controle administrativo sobre o fornecimento do produto.

Tendo em vista as reclamações feitas por várias empresas jornalísticas quanto aos direitos a pagar pelo papel que empregam [...] Nenhuma empresa jornalística inscrita no registro poderá dispor de papel acetinado ou de qualquer outra qualidade própria para a impressão sem pagar previamente a diferença dos direitos, mediante requerimento à respectiva repartição[99].

Letra morta, a *Circular* não funcionou. Prevalecia a fraude das alfândegas, dos consumidores de porte, quando o preço do artigo subiu, extraordinariamente.

Em 1918, Monteiro Lobato, que vinha potencializando o mercado do impresso com hábeis estratégias para colocação de seus produtos, confidenciava a Godofredo Rangel: "A alta do papel impede-me de lucros maiores na revista e nos livros"[100]. Ao publicar *Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, justificava ao autor a má qualidade da edição: " [...] é matadinha porque continua a crise do papel"[101].

Diga-se que a elevação de preços prosseguiu no pós-guerra, acrescida de excessiva burocracia para importação e fornecimento interno do produto. Em 1921, como conseqüência da crise, seria extinto *O Estadinho*, a edição vespertina de *O Estado de S. Paulo*, criada em 1915 para noticiar às famílias de ascendência italiana

98. Joaquim Pinto Pereira de Almeida. Ver *Revista de Comércio e Indústria, op. cit.*, 1916, II, n. 18, p. 154. Grifo nosso.

99. *Idem*, 1916, II, n. 20, p. 239.

100. Monteiro Lobato em carta a Godofredo Rangel de 8.7.1918, em *A Barca de Gleire, op. cit.*, vol. II, p. 173.

101. Edgard Cavalheiro, *A Correspondência entre Lobato e Lima*, Rio de Janeiro, MEC, 1955, p. 25.

SIhi

a participação da Itália na Primeira Guerra. A atuação na área tornava-se precária, sobrecarregada com o aumento das matérias-primas, quatro vezes mais caras[102].

Em 1920, a revista *São Paulo Ilustrado*, em aviso impresso na contracapa, anunciava a nova taxa para importação, incidindo em dois valores sobre o papel de embrulho, com vistas a favorecer a produção nacional.

> Sendo o papel de embrulho o único que as nossas fábricas podem produzir atualmente em condições vantajosas no intuito de proteger a nossa indústria nacional, com muito acerto a nossa tarifa aduaneira estabeleceu a taxa de 200 réis para papel de embrulho ordinário e a de 500 réis para o de qualidade superior. São taxas justas, contra as quais ninguém tem nada a opor, essas taxas visam encorajar os industriais brasileiros e permitir que se organize definitivamente no país a indústria do papel[103].

A dependência do mercado externo foi a tônica restritiva, lamento permanente veiculado naquele periodismo. O jornal *O Estado de S. Paulo*, por meio de sua revista *São Paulo Ilustrado*[104], trazia esclarecedor aviso, demonstrando a impossibilidade de manter os custos da assinatura pela alta quadriplicada dos preços durante a guerra. Ao esclarecer a divisão de custos da revista revelava o grau de profissionalização do setor, funcionando agora com tarefas compartimentadas, que compreendiam a produção tipográfica, o trabalho fotográfico dos clichês, a redação, a administração, o despachante e o vendedor.

Uma Leal Explicação aos Nossos Leitores

As revistas ilustradas eram geralmente vendidas a 400 réis o número avulso antes da guerra.

A esse tempo, o papel "comum" de jornal custava 160 réis cada quilo, e o papel "glacê" a 700 réis cada quilo.

Hoje, além do enorme encarecimento das tintas, da mão-de-obra etc. – o papel comum de jornal custa a 2$000 cada quilo, e o papel glacê de 700 réis passou a 2$800 por quilo!

Perguntamos, lealmente, aos nossos leitores: – acham possível vender pelo mesmo preço antigo uma mercadoria cujo custo ENCARECEU QUATRO VEZES?

Por certo que não.

Se sustentamos até a pouco o preço de 400 rs. por número avulso – perdendo, como é fácil provar, 250 rs. em cada exemplar – foi porque *São Paulo Illustrado* tinha uma tiragem modesta.

102. Ver "O Preço do Papel", *Revista de Comércio e Indústria*, 1920, n. 71, p. 546.
103. *São Paulo Ilustrado, op. cit.*,1920, ano I, jul. 1920, n. 21.
104. *Idem.*

SIhi

Hoje, porém, com o aumento extraordinário de nossas edições, somos forçados a procurar atenuar o nosso prejuízo na venda avulsa. Creia o público que a revista que ora lhe vendemos por 600 réis [dos quais só recebemos 400rs., porque 50 rs. ganha o despachante e 150 rs. o vendedor], fica-nos em 500 rs. cada exemplar – somente de despesa tipográfica –, sem levar em conta o custo do trabalho fotográfico dos clichês, da redação, da administração etc.

Todo esse desequilíbrio é devido ao custo do papel. Baixando o papel, baixaremos o preço da revista.

* * *

Para de algum modo compensar, entretanto, a elevação do preço, aumentamos o nosso número de páginas, aumentamos o número de ilustrações, aumentamos a nossa reportagem, e iremos, dia a dia, com sincero esforço, melhorando a nossa revista, que hoje, como se sabe, é a ÚNICA publicação semanal deste gênero em São Paulo.

O que isso representa de trabalhos e de sacrifícios só o podem avaliar aqueles que militam no mesmo ramo jornalístico.

Preço único de *São Paulo Illustrado*, a partir de hoje, na capital, no interior e nos Estados: 600 rs.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1920, n. 21.

Não obstante o arrocho do segmento, verificou-se a abertura de novas firmas do ramo. Entre registros de armazéns de secos e molhados, farmácias, casas de moda, surgiram na *Junta Comercial* mais registros de estabelecimentos ligados ao setor papeleiro. Em 1915, a mesma *Revista da Indústria e Comércio* criava uma seção para divulgar a abertura de firmas. Seu informe permite apreender as dimensões do universo papeleiro, especialmente naquele ano de 1915[105].

Folheando as revistas nessa perspectiva do fornecimento do papel, constatou-se pela textura e qualidade daquele produto, as oscilações da política da área. Folhas ainda brilhantes, de gramatura considerável e impressão nítida podem ser percebidas nas revistas *Via Láctea* (1903), *O Pequeno Polegar* (1904), *Vera Cruz* (1904), *Vida Moderna* (1905), *O Criador Paulista* (1906), *São Paulo Magazine* (1906), *O Fazendeiro* (1908), *A Farpa* (1910), *A Lua* (1910), *Rosa D'Amor* (1912), *Revista Teatral* (1913), e ainda n'*A Cigarra*, de Gelásio Pimenta, lançada em (1914).

Nas revistas que circularam entre 1914 e 1918, o resultado físico do impres-

105. O valor inicial para abertura de uma livraria, por exemplo, não atingia cifra excessiva. Numa correlação com outros negócios, para hotel e hospedaria de 1ª classe exigia-se a taxa de 500$000, de 2ª, 200$000; para restaurante, a importância subia para 1$200; quanto à livraria de 1ª, o valor era de 200$000; de 2ª, 100$000. Cf. *Estatística Industrial do Brasil. para 1911, 1912, 1913, op. cit.*, p. 299.

QUADRO VII. FIRMAS DO SETOR PAPELEIRO ABERTAS EM 1915
De Bento Franco e Joaquim Augusto Correia para exploração de tipografia, encadernação, pautação e anexos, nessa praça com o capital de 5.000$000 sob a firma Correia & Franco.
De Lycurgo Cruz e João Fonseca para a exploração de uma revista judiciária, administrativa e comercial, nesta praça, com o capital de 2.000$000 sob a firma Fonseca & Comp.
Exploração de tipografia, papelaria e congêneres, na praça de Santos, com capital de 15.000 & 000, sob a firma Alberto Carvalho & Comp.
Tipografia e papelaria, com o capital de 10:000$000 sob a firma irmão Gianotti.
Exploração de tipografia, papelaria e livraria na praça de Campinas, com capital de 8.400$000, sob a firma Barbosa & Comp.
De José Braulio Cattapreta e John Speers, aquele solidário e este comanditário. Exploração de um estabelecimento gráfico, tipografia e papelaria nesta praça, com o capital de 40.000$000, sendo a comandita de 30.000$000, sob a firma José Bráulio & Cia.
Comércio, importação e consignação, representação, compra e venda de livros e agência de jornais e revistas nesta praça com o capital de 4.000$000, sob a firma Fratelli Bellasalma.
Exploração de uma firma jornalística denominada *A Nação*, nesta praça, com o capital de 5.000$000, sob a firma Lima & Paladino.
[...] de Onofre Lilla e Leonardo Lilla, para o comércio de livraria, figurinos, publicações periódicas e mais artigos que julgarem convenientes nesta praça com o capital de 8.000$000, sob a firma O. Lilla & Irmão.
Fonte: *Revista do Comércio e Indústria, op. cit.*, 1915, ns. 5, 6, 7, 8, 10, 11.

so deixou muito a desejar, caracterizado pela espessura fina, produzindo transparência entre uma página e outra, impressões gráficas esmaecidas em folhas que se esfarelam. Datam de 1915, *A Paulicéa* e *O Jokey*; a crítica ao governo de Altino Arantes veio embalada pel' *O Parafuso*, em 1915, *A Vespa* e *O Queixoso*, em 1916; a greve operária de 1917 foi registrada pelo órgão recém-lançado, a serviço do governo, *Ilustração de São Paulo;* Gelásio Pimenta apostou no lançamento de um "filhote" d' *A Cigarra*, em papel inferior e de circulação popular, *A Cigarra Esportiva*. Com os feitos militares da Primeira Guerra em cena, o exército nacional divulgou algum periodismo, representado pelas revistas *Armas*, com redação do tenente Arthur Aguiar, e, em 1918, a *A "43"*, publicação frívola de um batalhão de tenentes da Capital. Muitas delas, para sobreviver, imprimiram-se em papel jornal e elevaram o preço unitário e/ou da assinatura.

Nessa observação tátil, a má qualidade do papel não foi exclusiva da quadra 1914-1918. Conforme se adiantou acima, a política de importação da matéria-prima do ramo prosseguiu com imensas dificuldades, e a despeito do fim da guerra, o setor gráfico passou a enfrentar dificuldades antes desconhecidas. Não era mais tão simples criar-se um periódico, pois as regras passaram a se inscrever num quadro de profissionalismo e, sobretudo, de muita competição. Não se bancava mais uma revista ou pequeno jornal às próprias expensas ou com apoio de alguns "figurões". O empreendimento requeria planejamento e capitais sólidos; o anunciante, elemento fundamental no circuito periódico, tornara-se mais exigente. Naquele mercado de tantos desafios, a colocação do produto demandou a otimização das estratégias de venda, investindo maciçamente no aporte da propaganda e da publicidade.

4

Tudo pelo Comércio





Falação dos Patrões às Massas

Custando muito dinheiro as viagens em estradas de ferro e as estadias em hotéis, resolvemos substituir os nossos caixeiros viajantes de chapéu mole e botas, por este de papel, muito menos dispendioso e que fará as suas excursões sem receio de ser assaltado por bandidos ou por ter as pernas quebradas em conseqüência de um descarrilhamento ou solavanco de nossas boas vias férreas.

O Caixeiro *propagandeará a* Papelaria Guarany, *da qual será fiel representante e dar-se-á também ao honroso cargo de tornar conhecidos outros estabelecimentos comerciais, industriais, e tudo que cabe em* ces, *desde que lhe untem as mãos ou as ...colunas.*

Revista Caixeiro Viajante, *1895, da Papelaria Guarany*[1]

1. *Caixeiro Viajante, órgão de propaganda comercial*, São Paulo, Papelaria Guarany, 1895, em Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 744.

Slhj

Fórmulas de Sucesso

A colocação da revista no mercado vinha como um dos maiores desafios do empreendimento. À complexa rede que envolvia sua produção – da convocação de colaboradores à obtenção do papel, escolha de tipografia, registro da publicação na Junta Comercial e estabelecimento da sede de um escritório – seguia-se a tarefa tão ou mais difícil de sua distribuição, a começar pelo angariar das assinaturas.

A *assinatura*, modalidade inaugural da venda e divulgação do periódico, resultava no primeiro passo para efetivar sua própria fundação, garantia da existência da publicação, pelo menos por um ano; ou como infere Faria Cruz, "a venda adiantada de um número razoável de assinaturas era a estratégia fundamental de sua sustentação financeira"[2]; ou ainda, como demonstrou o líder anarquista Neno Vasco, ao propor a criação da revista *Aurora*, sem fins lucrativos, mas que deveria auto-sustentar-se:

> [...] decidimos fundar uma revista mensal, de 16 páginas, in 8º. Esta revista terá vida assegurada com 250 assinaturas [2$000 por semestre; 4$000 por ano]. Cremos que é possível atingir esse número, se os camaradas, que quiserem apoiar-nos, trabalharem eficazmente para esse fim [*sic*][3].

No Brasil, esse procedimento fora corrente. Em 1860, a obtenção de assinaturas motivou a *Peregrinação pela Província de São Paulo*[4], empreendida pelo jornalista português Zaluar, radicado no Rio de Janeiro, que resultou em publica-

2. Heloísa Faria Cruz, *Na Cidade, sobre a Cidade. Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana. São Paulo 1890-1915*, São Paulo, Doutorado História-USP, 1994, p. 156.
3. Neno Vasco, em *O Amigo do Povo*, 1904, último n.
4. Augusto Emílio Zaluar, *Peregrinação pela Província de São Paulo*, São Paulo, Martins Editora, 1954.

SIhi

ção com o mesmo título. Naquela incursão, Zaluar estava mais interessado em angariar assinaturas para a revista que pretendia criar, do que exatamente produzir matéria sobre a então próspera Província. Sabe-se que a valorização de cidades e personagens naquela obra procedeu, sobretudo, das respectivas generosidades em prol de seu projeto editorial.

Não obstante prática antiga, a difusão do impresso através da assinatura ainda era deficiente, sujeita a atrasos e extravios de um serviço de correios precário, sobretudo a longas distâncias. A instalação da primeira estrada de ferro da Província, a partir de 1868, foi decisiva nesse processo, quando o escoamento do café e do produto impresso beneficiaram-se conjuntamente. Na virada do século, nas ubérrimas terras paulistas, os trilhos da rede ferroviária, que, no espaço de duas décadas, como uma grande mão espalmada atingiram o sertão longínquo, transportavam e deixavam em seu rastro símbolos da "civilização"; entre esses, jornais e revistas que atingiam a boca do sertão, mercadorias freqüentes, vindas de encontro à nova sensibilidade de grupos sociais que buscavam a Ilustração. Igualmente o telégrafo, servindo às novas estações de ferro, corroborava a rapidez da divulgação de notícias, alimentando o incipiente mas significativo periodismo do interior[5]. No plano internacional, a navegação a vapor e o telégrafo submarino encurtaram as distâncias, propiciando que a cidade de Santos, abrigando o maior porto de café do País, constituísse expressivo mercado periodista, cuja população cosmopolita garantia a aquisição de revistas de toda ordem[6].

Diga-se que a prática da assinatura era habitual para o segmento abonado e mesmo remediado da sociedade, sobretudo, àquele leitor que não prescindia do jornal diário. O seu conteúdo pragmático, a necessidade de atualização nos negócios, a circulação cotidiana e o custo menor em relação às revistas levavam-no a um público maior, que já adquirira o hábito da leitura diária do jornal. Ainda assim, a tiragem de 40.000 a 50.000 exemplares de *O Estado de S. Paulo*, considerado o de maior circulação de São Paulo, era pequena no quadro do jornalismo internacional. A despeito das realidades diversas, oportuno cotejar com as seguintes tiragens dos jornais londrinos: *Daily News*, em 1871, 150.000 exemplares; *Daily Telegraph*, de 1888, com 300.000 exemplares[7], levando-se em conta

5. Gastão Thomaz de Almeida, *Imprensa no Interior. Um Estudo Preliminar*, São Paulo, Imesp/Daesp, 1983.
6. Olao Rodrigues, *História da Imprensa de Santos*, Santos, Ed. do autor, 1979.
7. M. Charlot e R. Marx, *Londres, 1851-1901. A Era Vitoriana ou o Triunfo das Desigualdades*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993, p. 162.

a expressiva população urbana de algumas cidades inglesas. Relativamente, contudo, não eram desprezíveis as tiragens das edições paulistanas.

A *caça aos assinantes* passou a ser uma obsessão, procedimento que viabilizava a criação de periódicos e que, na seqüência, vinha de encontro ao projeto dos autores, que se queriam ver em letra impressa. Lima Barreto, contumaz nessa prática, tão logo obtinha subscrições, agilizava as cobranças, conforme carta a Levi Carneiro, de 1907:

> Arrangei dois assinantes pagantes para três meses. [...] Mandarás cobrar ao primeiro no Gabinete da Recebedoria do Rio de Janeiro e ao segundo nas Obras do Porto, Edifício das Docas Nacionais[8].

Amadorismo e improvisação presidiram grande parte das iniciativas do setor. Monteiro Lobato, indignado com procedimentos intempestivos, reclamava a Rangel:

> Recebi carta dos fundadores dum semanário ilustrado em São Paulo, gênero *Fon-Fon*, pedindo colaboração. Esses [...] montam as revistas e saem com o pires [...][9].

Aos poucos, técnicas experimentadas de venda nortearam os empreendimentos. A obtenção de assinaturas se fazia através de sutil mecanismo, indiretamente impositivo, através do envio "descompromissado" de *exemplar para apreciação*. Se não devolvido, considerava-se a assinatura aceita, procedimento observado na maioria das revistas, de *A Capital Paulista*, em 1899 à *Revista Feminina*, em 1915. Algumas acrescentavam, ao enviar o exemplar, a solicitação de endereços de conhecidos para remessas de amostras, com o mesmo fim de "angariar assinaturas". A *Universo*, de 1906 – que se anunciava literária mas redundava em verdadeiro catálogo de vendas de produtos importados, com tiragem de 10.000 exemplares, impressa em Paris –, e a bem-sucedida *Chácaras e Quintais*, de ampla divulgação, valeram-se desse recurso. Na primeira, o atilado comerciante de vinhos e revistas Charles Hu, argutamente inseria o comunicado, primeiro passo para cooptar o futuro assinante pago:

> Às pessoas que nos enviarem seus endereços por escrito remeteremos todos os meses o *Universo* [...] Aceitamos a colaboração da mocidade estudiosa nas duas línguas: portuguesa e italiana[10].

8. Lima Barreto, *Correspondência*, São Paulo, Brasiliense, 1956, t. I, p. 140.
9. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, *op. cit.*, vol. 1, p. 273.
10. *Universo*, Paris, Charles Hu & Cia., 1906, ano I, n. 1.

SIhi

A Caça aos Assinantes • A revista *O Echo*, da Casa Edison, divulgava a festejada modernidade técnica. Encarte de assinatura.

UM VERDADEIRO SUCCESSO



Um fac-simil de uma das capas que mereceram franco elogio da imprensa e publico, pela sua artistica concepção.

O ECHO, a revista do futuro

Apparece mensalmente, Impressão artistica e illustrada. Feita para TODOS, com o fim de a TODOS agradar

E' preciso que saiamos do casulo da modestia em que nos haviamos encerrado, para bradar: *O ECHO é a revista do futuro!*

Não é uma vaidade tola, irisada de mentira, que nos move a este grito. E' a certeza, apenas, do nosso papel no meio da imprensa illustrada do Brazil, que nos força a esse gesto.

E não se precisa de uma argumentação cerrada, para provar-se a verdade da asserção exarada. Basta que folheiemos as publicações congeneres. Qual dellas sobrepuja o nosso magazine? Ainda que não bastasse poder comparal-a ás demais em materia literaria, perguntamos mais: Qual a que com ella compete em preço? E aqui está a razão maxima do nosso triumpho. Proporcionamos aos nossos innumeros leitores horas de encanto literario por uma quantia irrisoria. Uma revista que custa dois mil quinhentos por semestre ou cinco mil reis por anno! ! Parece incrivel, mas grande parte dos brasileiros leitores constataram esse arrojo, depois do apparecimento do O ECHO. E a satisfação e regalo espirituaes que vae o O ECHO espalhando no lar brasileiro, confirmam as innumeras cartas que, diariamente, recebemos dos invios sertões brasileiros. E não ha juiz melhor do que o povo — esse grande pensador que atravez das suas manifestações, applaude ou apupa as conquistas modernas. Deante desta grande victoria que vamos conquistando dia a dia na arena jornalistica, resolvemos fazer uma propaganda mais intensa do nosso magazine, offerecendo 5.000 canetas com pennas de ouro e enchimento automatico aos primeiros assignantes que se aproveitarem das vantagens; descriptas no verso desta circular procurando tornal-o muito mais conhecido, e interessante para confirmar a affirmação de um amigo — O ECHO, feito para *todos*, com o fim de a *todos* agradar, *é a revista do futuro*!

Todos devem assignar "O ECHO" enviando-nos pela volta do correio o coupon abaixo.

A' Redacção do "Echo" - Caixa, 398 - São Paulo - De accordo com as vantagens annunciadas

Acceito uma assignatura semestral / annual **do ECHO**

a começar com o numero corrente. Para esse fim incluo a quantia de 2$500 / 5$000 *da assignatura e para remessa de coupons cooperativos que me dão direito á caneta tinteiro conforme descripção no prospecto do qual destaquei o presente coupon.*

Nome.....

Logar..... *Estado*.....

N. B. - A importancia e o coupon devem vir sob registro para evitar extravio, e endereçadas á Redacção do ECHO Caixa 398, S. Paulo. A assignatura annual dá direito a 8 coupons e semestral a 4 coupons cooperativos.

Precisamos de Agentes em toda parte

A segunda tinha o hábito de enviar o exemplar para análise, juntamente com o encarte da assinatura, condicionando o interessado ao compromisso de compra imediata. Uma vez obtida a primeira assinatura, a revista punha em prática uma série de expedientes para cativar o leitor, garantindo sua posterior dependência do periódico: brindes, concursos, preços especiais para anunciantes, jogos e charadas, suplementos infantis e de moda.

A incidência de cobranças das prestações atrasadas de assinantes, explicitadas no interior da publicação, confirmava que a revista, de fato, também dependia de assinaturas pagas para sobreviver. A gerência recorria a apelos de toda ordem para receber os atrasados – aos brios morais do assinante, ao fornecimento de brindes sedutores –, avisos contundentes que, em última instância, se atendidos, amortizavam parte dos prejuízos. A revista *São Paulo Magazine*, comercial por excelência, usava múltiplas técnicas, entre elas o envolvimento do assinante com alguma novidade do mercado como brinde. Oferecia aos pagantes "um magnífico cronômetro patente em *nikelargento*, garantido por dois anos, cujo valor comercial é de 10$000", acrescentando através de chamada em destaque, com grifos:

> Aviso Importante!
> O prêmio anunciado tem em vista facilitar o pagamento das assinaturas. Declaramos mais a todos os nossos assinantes que *suspenderemos a remessa do Magazine* a toda a assinatura que não for liqüidada *no nosso escritório* por vales-postais ou pessoalmente até 10 de novembro próximo. Sendo todas as despesas da impressão e Redação do Magazine *pagas à vista* necessitamos do auxílio do público para fazer subsistir a publicação [*sic*][11].

O valor da assinatura anual e/ou semestral oscilava em função do acabamento gráfico da publicação, periodicidade, retaguarda de anunciantes e custo do papel. Na década de 1890, os preços eram elevados, pela novidade e custos dos experimentos técnicos, proporcionando ilustrações, impressão em cores, conforme se infere das mais sofisticadas à época como, *Ilustração Paulista* [1893], 18$000; *A Boêmia* [1896], 24$000, no mesmo ano *A Paulicéa*, 30$000 e *Capital Paulista* [1899], 60$000!

A partir de 1900, os custos baixaram, correspondendo ao incremento de anunciantes nas páginas periódicas, que perceberam a revista como recurso pu-

11. *São Paulo Magazine, revista brasileira e universal de atualidades, arte, literatura, viagens, sport, agricultura e indústrias*, São Paulo, out. 1907, n. 7.

blicitário eficaz, conforme se infere da luxuosa *Ilustração Brasileira* [1901], no valor de 24$000, importância relativamente baixa tendo em vista seu acabamento e público-alvo, isto é, a elite econômica leitora.

As demais mantinham valor acessível: *O Sportsman* [1902], 10$000; *Revista de São Paulo* [1902], 14$000; *Nova Cruzada* [1903], 10$000; *Paulópolis* [1903] 12$000; *Via Láctea* [1903] 4$000; *Antártica Ilustrada* [1910], 10$000; *France Brésil* [1910], 16$000, no qual estava embutido o frete da vinda da França; *Arara* [1905], 15$000; a socialista *Aurora*, sintomaticamente ao preço de 4$000; a literária *Íris*, 12$000. Em 1908, vários títulos de periódicos em papel cuchê, circularam ao valor de 20$000 a anuidade: *A Paulistana*, *O Fazendeiro*, *Revista dos Estados* e *Ronda*. Preços que se mantiveram nas décadas que precederam a guerra, conforme aparecem em *Gazeta Artística* e *O Alarme* de 1909, ambas ao custo de 20$000 a anuidade. As mais populares, em 1910, como *O Bicho*, saíam por volta de 10$000, num crescendo em função da qualidade: *A Lua*, 15$000, *A Farpa*, 18$000 e surpreendentemente a *Chácaras e Quintais*, por 10$000, quantia talvez determinada pelo papel-jornal empregado, grande consumo e larga tiragem. No decorrer da Primeira Guerra, em 1916, ligada ao poderoso grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*, saía a *Revista do Brasil*, ao custo de 20$000; já *A Cigarra Esportiva*, popularizava seu preço para 15$000, com vistas a sua maior difusão; em 1917, o luxuoso *Álbum Imperial*, publicação de grupo ligado aos salesianos, inclusive impresso em suas gráficas, estabelecia uma anuidade de apenas 10$000, valor relativamente baixo se comparado aos demais e à fatura da revista.

No pós-guerra, prosseguindo a crise do papel, o fechamento de alguns periódicos foi inevitável. Aqueles que sobreviveram ou então corajosamente se lançaram, traziam preços elevados, garantia econômica da publicação. Em 1919, a elegante *Sport*, com capa de Rasmussen, a despeito do tema popular, voltava-se para a elite, ao custo de 16$000 anuais; em 1920, saía a literária *Papel e Tinta*, de Oswald de Andrade, por 25$000 anuais, enquanto *São Paulo Ilustrado* e *Terra Paulista*, por 20$000. Em 1921, *A Garoa* fez a proeza de cobrar apenas 12$000 a anuidade! Não obstante, já havia público para projetos mais ambiciosos. No Rio de Janeiro, em 1923, a revista *Frou-Frou*, em cuchê e capa com relevo a ouro, custava a espetacular anuidade de 36$000!

Pontos de Venda

A existência do jornal e da revista dependia, fundamentalmente, da assinatura. No caso da revista, contudo, a alternativa de venda em locais físicos e/ou pontos geográficos da cidade reforçava sua colocação, sobretudo em se tratando de publicações menores, cujo possível consumidor desconhecia o hábito de assinar, ou não dispunha de condições para fazê-lo. De mão em mão, ou propagada de boca em boca, a revista circulava, especialmente, entre amigos e grupos afins. No caso da revista literária, novamente o depoimento de Lima Barreto é esclarecedor, ao rememorar sua participação na revista *Lux*, do Rio de Janeiro:

> [...] De fato, eu havia escrito nessa pequena revista uma cousa sem valor algum; e aquele rapaz que me falava a tinha lido, por ser amigo do editor da publicação[12].

O autor confirmava que a divulgação da revista, sobretudo cultural, ainda era restrita, limitada à roda de amigos ou profissionais afins.

A diversificação dos pontos físicos de venda redundou em maior circulação daquele produto, até então distribuído fraternalmente entre comensais dos cafés da moda, impingido entre amigos, não raro adquirido por algum mecenas para amortizar os custos e/ou prejuízos do investimento, em troca de sua estampa no periódico. Enquanto o jornal contava com meninos jornaleiros que, aos berros, anunciavam nas ruas do *Triângulo* as notícias de impacto, as revistas, em geral de conteúdo menos sensacionalista, eram distribuídas em pontos comerciais estratégicos; especialmente em locais de intensificação da vida urbana, logradouros

12. Lima Barreto, *Cemitério dos Vivos. Memórias*, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 203.

SIhi

mais freqüentados, nas charutarias, hotéis, estações ferroviárias, teatros, as poucas livrarias da cidade.

As mais concorridas eram as *charutarias*[13], pequenos balcões de meia porta, que comercializavam artigos ligeiros, de pouca monta onde, entre o rapé e o cigarro, vendia-se de quebra o jornal, por vezes a revista, em torno de módicos 200$ réis. Essa circunstância induzia o consumidor à aquisição do impresso, em particular a revista, atraente pela ilustração, prática pelo formato, útil pelas informações e valorativa de seu possuidor. As charutarias mais freqüentadas, por volta de 1903, anunciadas nas próprias revistas como local de venda, funcionavam nos cafés e confeitarias da moda: Brasserie Paulista e Castelões, no Largo do Rosário; Ideal, Guarany e Casa Mignon, na XV de Novembro; Predilecta e Charutaria XPTO na rua Direita; Casa Acreana, Havaneza e Charutaria Lealdade, na rua de São Bento, todas no *Triângulo*[14].

As *livrarias* concorriam com aquelas, de público mais limitado, circunscrito ao livro. A *Ilustração Brasileira*, em 1905, anunciava a venda de sua luxuosa revista, com agências nas principais cidades do interior e nas seguintes casas da Capital: Livraria Garraux e Livraria Laemmert na XV de Novembro; Casa Mofreita, rua do Rosário; Livraria Magalhães, rua do Comércio; e nas supra citadas charutarias[15].

No espaço das *estações ferroviárias* os periódicos se colocavam com sucesso. Ali, a compra do jornal e da revista se tornara quase um ritual àqueles que aguardavam o trem para embarque ou baldeações, estas tão freqüentes nos primórdios da ferrovia. A *São Paulo Ilustrado*, revista do jornal *O Estado de S. Paulo*, possuía vendedores em todas as estradas de ferro, além de nomear agentes nas principais cidades dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Diga-se que a *São Paulo Ilustrado*, resultado de uma empresa jornalística sólida, experimentava várias formas de divulgação, em pontos estratégicos da cidade. Para o Largo do Tesouro, por exemplo, eram despachados todas as noites vendedores especiais, que se tornaram referência da venda de periódicos no *Triângulo*, figuras marcantes da paisagem urbana local.

13. As *charutarias* não devem ser confundidas com os *quiosques* de vendas de café, bolinhos e mesmo verduras, e em geral de portugueses.
14. *Via-Láctea. Revista ilustrada de assuntos gerais, atualidades, arte e ciência*, São Paulo, 1903, I, 1, s/p; *Ilustração Brasileira*, São Paulo, ago. 1905, n. 18 e 19, p. 286.
15. *Ilustração Brasileira, op. cit.*, p. 286.

Diga-se que o *bambino*, garoto vendedor, geralmente de procedência italiana, em seus rotos andrajos, a apregoar jornais e revistas, foi figura típica daquela São Paulo que se tornava Metrópole. A documentação fotográfica da época privilegiou-o no cenário urbano, conforme reproduzido por Gaensly, na tomada da avenida São João e da rua XV de Novembro, em 1900[16]; ou na capa da revista *A "43"*[17]; ou na tela de Georgina de Albuquerque, intitulada *Saudade de Nápoles*, que estampava um *bambino* de perfil similar ao do menino jornaleiro.

Na seqüência, resultavam como locais de consumo, as *boticas*, as *barbearias*, os *cafés*, as *associações culturais, recreativas* e *clubes* de toda ordem; não exatamente pela venda, por vezes garantida tão-só ao proprietário do estabelecimento, mas pela leitura por público maior, derivada da freqüência diária de usuários. Em contrapartida, aqueles estabelecimentos tinham sua freguesia ampliada e concorrida, quando o periódico funcionava como chamariz para a clientela.

Todavia, entre os espaços criados pela agitada vida urbana da Capital, aquele dos *hotéis* figurou como referencial do estágio cosmopolita da Paulicéia, onde as revistas e os jornais eram procurados e avidamente consultados. A partir de 1900, o aumento e sofisticação dos estabelecimentos hoteleiros conferia à cidade atendimento de primeira ordem para usuários diversos, desde hóspedes em trânsito a personalidades locais, que privavam de seus restaurantes categorizados e demais serviços. Entre estes, a possibilidade para figuras já credenciadas desfrutarem da leitura de jornais diários e revistas espalhados pelos salões, revistas que também anunciavam as melhorias do ramo. O antigo Hotel de França, na Libero Badaró, comunicava que aumentara seus cômodos; o Grande Hotel tinha como rival o Grande Hotel Paulista, na rua Boa Vista com a São Bento; em 1920, o Grande Hotel Rotisserie Sportsman superava a todos, preferido pelo governo para banquetes e comemorações. Diga-se que não só os hotéis de São Paulo absorviam tais publicações, mas a rede ampliada que se estendia pelas cidades do trajeto da ferrovia, os tradicionais hotéis de beira de estação, os preferidos dos caixeiros-viajantes. E mais. Revistas brasileiras espalharam-se pela rede hoteleira internacional, distribuídas naqueles estabelecimentos de agrado da elite econômica em constante *sejour* pelas capitais do mundo.

Na primeira década do século, a *São Paulo Magazine*, com sede na elegante praça Antônio Prado, trazendo a legenda "brasileira e universal", atingia os mais

16. Boris Kossoy, *São Paulo, 1900*, São Paulo, CBPO, 1990.
17. *A "43". Revista dos Tenentes*, São Paulo, 1918, n. 12.

afamados hotéis da Europa, endereços da alta burguesia em prolongadas estadas no exterior, especialmente durante a entressafra do café. No rastro da *São Paulo Magazine*, os endereços daquela preferência, estabelecimentos graduados até o presente:

> [...] em Lisboa, no *Avenida Palace*; no Porto, *Hotel Bragança*; em Madrid, *Hotel de La Paix*; em Bordéus, *Grand Hotel de France*; em Paris, *Grand Hotel, Cecil Hotel, Savoy Hotel*; em Marselha, *Hotel de Noailles*; em Milão, *Hotel Cavour*; em Roma, *Excelsior Hotel, Grande Hotel, Hotel Quirinal*; em Nápoles, *Grande Hotel*; em Berlim, *Bristol Hotel, Roma Hotel, Kaiserhof*; Hamburgo, *Hamburgerhof*; em Zurich, *Hotel Bellevue, Hotel Bauer Au Lac*; em Viena, *Zacher Hotel, Hotel Bristol*; em Budapest, *Hungarian Hotel*[18].

Confirmando o poder de divulgação do periodismo, firmas comerciais de expressão no mercado paulistano idealizaram revistas que, em última instância – entre poemas, crônicas, sonetos e charges –, resultaram em veículos efetivos de propaganda de seus negócios. O retorno de público propiciado pelo órgão publicitário justificava sua distribuição gratuita. A solução engenhosa e rentável ampliou os pontos informais de distribuição, atingindo saguões de *teatros* e *balcões* de lojas.

Desde 1902 foram distribuídas gratuitamente *A Aljava*, revista literária, e *A Torquez*, humorística; em 1903, *A Esperança*, o *Jornal da Tarde* e a *Arte e Sport*, este último, semanário de reclame, com tiragem de 5.000 exemplares, de propriedade de Conrado Egisto Pucciarelli, diretor proprietário do teatro O Lírico; em 1906, *O Bromofórmio*, do Chaves Laboratório e Farmácia Santa Cecília. A revista *Variedades* era distribuída gratuitamente no Brasil Cinema, na Barão de Itapetininga, no Teatro Marconi, na rua Correa de Mello, no Íris Teatro, no Gasômetro, no Roma Teatro, na Barra Funda e no Eldorado Cinema, na Quintino Bocaiúva, locais de freqüência popular, pontos considerados distantes do consagrado e restrito *Triângulo*; em 1908, *A Paulicéa*, também gratuita, era órgão de publicidade da "grande" Fábrica a Vapor de Biscoitos Finos e Conservas Alimentícias.

Na década seguinte, duas publicações no gênero, com tiragem de 5.000 exemplares, confirmavam o sucesso da fórmula: *O Eco*, da Casa Edison, em 1915 e *O Ypiranga*, do Laboratório e Farmácia Ypiranga, em 1919.

Já no século XX, a figura do *agente*, delineada em algumas empresas periódicas, concretiza-se a serviço dos principais órgãos. O *Álbum Imperial*, de 1906,

18. *São Paulo Magazine*, *op. cit.*, 1906, n. 2.

além de anunciar a venda nas livrarias Garraux, Laemmert, Francisco Alves, Civilização e Magalhães, acrescentava:

[...] percorre as linhas paulista, sorocabana e ituana o Sr. Joaquim Luiz. Cidades com representantes: Santos, Botucatu, Piracicaba, Uberaba, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, São Carlos do Pinhal, Belo Horizonte, Santa Rita do Passa Quatro, Jacareí, Santa Cruz da Estrela e São José do Rio Pardo[19].

O anúncio da chegada de "representante" se intensificou nas páginas periódicas, até como medida preventiva, evitando que elementos estranhos se apresentassem naquela função. Em 1920, a *São Paulo Ilustrado*, com direção de Aníbal Machado, adiantava a viagem de seu agente, formalizando sua atuação.

Em viagem de propaganda de *São Paulo Ilustrado*, partirá por estes dias para o interior, percorrendo em primeiro lugar a zona servida pela Mogiana, o nosso companheiro de redação Sr. J. B. Figueiredo Sobrinho, que tem autorização nossa para angariar assinaturas, efetuar recebimentos e entabular quaisquer negócios para esta revista. Recomendamo-lo muito especialmente aos nossos amigos do interior[20].

Com o passar dos anos, a representação das revistas passou a ser feita em modestos pontos comerciais do interior, lojas de armarinhos que vendiam de aviamentos a jornais e revistas; de quebra, se podia tomar a assinatura daqueles periódicos. Até o surgimento dos quiosques e/ou bancas de revistas, na virada dos anos trinta para os quarenta, coube aos representantes, a tarefa de divulgar o impresso periódico e "vender" suas assinaturas.

19. *Álbum Imperial. Quinzenário Político e Literário*, São Paulo, 1906.
20. *São Paulo Ilustrado, revista semanal de atualidades*, São Paulo, Oficinas de *O Estado de S. Paulo*, 1920, n. 31.

Ineríveis Estratégias

A assinatura e a venda nas charutarias, livrarias, estações de ferro e hotéis, somadas à figura do agente-representante converteram-se em expedientes corriqueiros de colocação efetiva do periódico no mercado. Uma vez lançado, importava condicionar o leitor ao seu consumo, vinculá-lo às seções, torná-lo dependente do jornal e/ou revista, garantindo a renovação da assinatura, a conquista definitiva do cliente leitor. Estratégias de toda ordem foram experimentadas pelos editores, muitas delas reveladoras do interesse do momento, de valores em curso, de atrativos em voga.

As revistas mais sólidas anunciavam a existência de *agentes* espalhados pelo Estado ou pelo País, quando não pelo mundo, facilitando ao interessado a aquisição individual ou a tomada de assinatura. O expediente foi observado especialmente no conjunto de revistas editadas na França da virada do século, voltadas para o Brasil, dispostas a colocar seus produtos no convidativo mercado da terra do café. Seus agentes espalhavam-se pelos países de língua portuguesa, garantindo a ampliação do consumo.

O encarte para assinatura na própria revista, com vistas a facilitar o pedido, foi dos recursos mais freqüentes. A sólida *France-Brésil* procedeu nesse sentido, solicitando apenas o endereço para remessa do exemplar, simplificando ao máximo a operação, que se completaria através do envio de vale-postal. A mais eficiente nesse propósito foi *Chácaras e Quintais*. Em suas primeiras páginas sucediam-se várias opções para assinatura, facilitadas pelo prospecto encartado, com apelos aliciantes que confirmavam a excelência da publicação e acenavam com almanaques e outros brindes.

A *redação bilíngüe* do periódico, em italiano e português, por vezes em francês e português, garantia a ampliação de público consumidor, pois a população leitora e com hábitos de leitura periódica era significativamente representada pelos estrangeiros das citadas nacionalidades.

A *distribuição gratuita* anunciada na própria capa vinha como apelo irresistível. Intensificava o consumo e atraía anunciantes, que acreditavam na efetiva circulação do impresso publicitário, investindo na publicação. Com esse propósito lançaram-se: *A Aljava*, *A Torquez*, *A Esperança*, *O Bromofórmio*, *Arte e Sport* e *Nova Cruzada*.

A *solicitação de artigos* ao grande público, como fez *A Eschola Publica* em 1889, aproximava o leitor ou possível colaborador do periódico, estimulando sua compra e/ou assinatura por parte do aspirante às letras. Assim como angariava público a *encomenda de versos e sonetos para publicidade* de produtos do mercado, conforme requisitou a revista *A Violeta*.

O recurso de eleição de *vítimas perpétuas*, sobretudo de figuras da política, por meio da sátira e da caricatura, mantinha a curiosidade em alerta permanente, vinculando o leitor a uma seriação de suspense e troça, muito próxima da expectativa sincopada do folhetim. No *Pirralho*, esse engenho esteve a cargo de Voltolino e Juó Bananére, responsáveis pela criação de tipos satirizados do cotidiano da cidade ou da cena política.

Com mais freqüência se dava o contrário, isto é, revistas que rendiam homenagens aos homens de negócio e políticos do momento, estampando-lhes a foto e magnificando-lhes os feitos, no propósito único de obter recursos para suas publicações. Industriais e fazendeiros abastados foram festejados naquele periodismo, em exposições contraditórias de suas obras. No caso dos industriais, enquanto se estampavam maquinário moderno e amplas instalações dos estabelecimentos, reproduziam concomitantemente o quadro de funcionários, no qual a presença do menor operário constituía-se numa constante. O elogio aos figurões da indústria e comércio era contínuo, especialmente se contribuíssem em espécie para com o periódico, o que era freqüente.

O anúncio de *fascículos para colecionar* foi chamariz corrente, sobretudo quando se passou a estampar nas capas, ou em encartes, fotografias de atletas, atores e atrizes do cinema. Mais estratégico ainda, quando a numeração da revista vinha em ordem crescente, paginação seriada para formar álbum, pronta para encadernação ao final da coleção, como se deu em *A Crônica*, de 1908; ou, como

SIhi

se inferiu do caráter de coleção da *Revista dos Educadores*, em 1912, cuja numeração crescente ininterrupta dificultava a quebra no hábito de adquiri-la. *Íris*, de Álvaro Guerra, em 1905 anunciava-se como "revista em forma de fascículos para coleção", adiantando:

> [...] matérias de ocasião devem ser destacadas do texto, quando houver de encadernar a série[21].

A inclusão de *indicadores* e *classificados* resultou em atrativo para o periódico. Páginas com indicadores comerciais úteis encontravam-se em *Tribuna Brasileira*, de 1908, e *Gavroche*, de 1912; serviços de informação de setores específicos ofereciam-se em *Revista do Comércio e Indústria*, como a cotação da bolsa; na *Revista Agrícola*, as dúvidas do ramo eram sanadas por consultores especializados. Na São Paulo de tantos novos serviços, os horários, endereços, preços e tabelas potencializavam o apelo para a aquisição da revista, recurso que acabou por confinar-se às páginas do *Almanaque*, publicação dotada desse caráter específico de balanço anual de classificados. Aliás, o *Almanaque* acabou por converter-se em estratégia de venda da revista, seu instrumento de propaganda, beneficiando-se ambos, em reciprocidade. Exemplo maior, da *Chácaras e Quintais*, que anualmente lançava seu disputado *Almanaque Agrícola*. A publicação, de ampla utilidade para o homem do campo, acabava por difundir a revista e vice-versa, uma vez que as respectivas propagandas se estampavam num e noutro periódico.

Descontos em livros e/ou coleções encartados nas revistas foi recurso de sucesso. O proprietário de *O Fazendeiro* de 1908, Lourenço Granato, autor de obras de agricultura prática, colocou-as no mercado por meio de anúncios daquela revista que facilitavam ao assinante a aquisição da obra. Nessa mesma linha, causava retorno a divulgação de livros e/ou "bibliotecas" nas páginas de periódicos de temáticas afins, como se deu com a *Revista dos Educadores*, em 1912; em 1915, a *Revista do Comércio e Indústria* criou a *Biblioteca sobre Assuntos Econômicos*, divulgando os autores nacionais da área, facilitando sua aquisição, conformando a edição aos interesses e recursos de seus leitores.

No caso das revistas literárias, o *anúncio de lançamento de livros novos* foi recorrente, resultando aquelas páginas em *vitrines de livros*, um dos raros espaços

21. *Íris, Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes dedicada às famílias e mocidade das escolas*, São Paulo, Andrade e Mello, 1905, ano I, n. 1.

Slhi

de publicidade para autores nacionais. Aliás, não só em revistas literárias, mas em periódicos de todo o teor divulgavam-se obras literárias ou de assuntos pertinentes àquele público-alvo.

Ao mesmo tempo, a estratégia do *folhetim* do jornal passou para a revista. O lançamento de livros inéditos nas páginas da revista periódica, na seriação do folhetim, garantia ao editor maior consumo, enquanto permitia ao autor colocar-se no mercado. O romance *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós, concebido especialmente para figurar na *Revista Moderna*, de Martinho Botelho, foi estratégia premeditada que beneficiou a ambos. Garantiu a receptividade da revista e permitiu ao escritor português mais um lançamento, oportunidade disputada também no mercado europeu, mesmo para autor de seu porte. Lima Barreto lançou sua *Floreal*, no qual pôde publicar os primeiros capítulos de *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*.

Já o recurso da *fotografia* motivou uma série de especulações comerciais de efeito garantido. Solicitar retratos de crianças para divulgação na revista tinha retorno rápido, obrigando a compra do periódico pelo interessado e até sua assinatura. Em 1908, a *Ronda* se utilizou com sucesso do expediente. Mais atraente ainda, a ampliação em 40 x 50 cm da fotografia do leitor, enviada como brinde, como fez *A Garoa*, em 1921, "incluindo embalagem, registro e porte, podendo o trabalho ser retocado a *crayon* ou sépia". Em tempos de descoberta e valorização da imagem, premiar os leitores com *ravissantes gravures*, impressas em cores em afamados laboratórios europeus, foi solução experimentada por impressos de capital mais sólido, como se inferiu desde 1897, através da *Revista Moderna*, impressa em Paris.

Apelo invariável naquele periodismo resultava do ufanismo com que abordavam o lançamento do 1º número, impressões veiculadas, em geral, no seguinte número da publicação, dando conta da sua receptividade na praça e da excelência do novo impresso. Amplamente divulgados, também, os elogios recebidos pela grande imprensa, correntes quando do lançamento de cada novo periódico e reproduzidos na própria revista, à guisa de agradecimento. A autovalorização da publicação também foi prática constante. A *Revista de Comércio e Indústria*, de Olegário Ribeiro & Cia, anunciava-se "a revista de maior circulação no Brasil". *A Cigarra*, de Gelásio Pimenta, em 1914, divulgava seu triunfo, pois "em menos de 2 anos chegou à Europa". Superestratégico, *O Mercúrio, órgão mensal de propaganda comercial*, de 1906, que desafiava o leitor a comprovar pessoalmente suas tiragens.

[...] um jornal ianque – grátis, leitura variada e amena, ilustrações, fatos do mês, literatura, esplêndido folhetim, prêmios diversos e oitocentos mil réis em esmolas! [...] a tiragem é de 60.000 [...] quem quiser comprovar que vá à Tip. Hennies Irmãos na rua do Riachuelo, desde o dia 12 de cada mês[22].

Do apelo filantrópico ao concurso literário, a revista praticamente reunia em uma só publicação vários expedientes de venda da época:

Cupom d'*O Mercúrio*: 20 réis em gêneros alimentícios que à vista deste pagaremos aos pobres da Sociedade São Vicente de Paula. [...] Prêmio literário [garrafas de néctar Beltran] a quem nos mandar um final exato para o conto abaixo. O final não deve exceder a cinco linhas e deve ser enviado até 30 de junho à redação d'*O Mercúrio* [...][23].

A estratégia mais eficaz e modismo de época, contudo, resultou das *Competições Literárias e/ou Concursos*. Nas revistas infantis o procedimento foi corrente. Em 1905, *O Pequeno Polegar*, com direção de Amadeu Amaral, anunciava competições literárias em seu programa; o mesmo fazia em 1906 a revista *Nenê, jornal da infância*[24].

Essa iniciativa tinha público certeiro e retorno garantido do expressivo filão consumidor representado pela população escolar. Igualmente para a mulher de letras, a participação nos concursos foi um dos caminhos para divulgação de seus escritos.

Os mais diversos temas prestavam-se para aquele fim. De *Concursos de Beleza*, como se deu em *Folha Nova, órgão de literatura e interesse público*, de 1910, ao *Concurso de Palpites Políticos*, intensificados em época de eleições, quando se enviava um agente da revista para o interior, provavelmente cabo eleitoral do candidato representado pelo órgão. Em 1905, a versão paulista da *Ilustração Brasileira* já anunciara, num só ano, cinco concursos, contando no júri com figuras de expressão social, acenando com prêmios atraentes e sugestivos.

1º: *Ilustração Brasileira de Beleza Infantil*, com medalha de ouro em alto relevo, comissão de senhoras e senhoritas da sociedade paulistana.

2º: *Itália Brasil* – de amor filial à senhorita que é mais devota a seus pais, contribuindo-lhes com seu trabalho, com prêmio de 30 libras esterlinas. O júri seria presidido por Veridiana Prado;

22. *O Mercúrio, órgão mensal de propaganda comercial*, São Paulo, 1906, ano I, n. 1.
23. *Idem*.
24. *Nenê, jornal da infância*, São Paulo, Tip. Ideal de F. Canton, 1906, ano I, n. 1.

3º: *Beethoven*, melhor amadora de piano com um piano de prêmio, julgado por comissão de musicistas locais.

4º: *Imprensa Paulista*, de beleza feminina, cujo prêmio seria valioso objeto de arte e o retrato do tamanho de uma página da *Illustração*, gravado em nossas oficinas.

5º: *Robustez física masculina*, com prêmio de artística medalha de ouro, compondo o júri presidentes das associações esportivas de São Paulo[25].

O Momento, de 1914, trazia cupons para os concursos mais estapafúrdios, não obstante espelharem tipos e práticas sociais em voga naquela sociedade:

A COSTUREIRA MAIS BONITA DE SÃO PAULO É.....
EM QUE CASA TRABALHA.....
ASSINATURA.....

E assim sucediam-se os certames, com as indagações: a senhorita que melhor dança? O moço que melhor dança? A melhor Sociedade Recreativa? A melhor marca de cigarros?[26] Até o poeta Ricardo Gonçalves, do grupo de Monteiro Lobato, de tendências anarquistas, ganhou concurso promovido pela revista *O Pirralho*, escolhido como o rapaz mais interessante da Paulicéia nos idos de 1912. Alcance maior rendia o *Concurso de Campeões de Futebol*, conforme promovido pela *A Cigarra Esportiva*, em 1917, trazendo encarte com o nome dos candidatos, de fácil preenchimento. Em 1920, *São Paulo Ilustrado* lançava o *Grande Concurso de Palpites para Secretários de Governo*, quando da eleição de Washington Luiz.

Todos esses ardis de divulgação nada mais foram do que ensaios de técnica de venda e propaganda, tentados intuitivamente, enquanto o comerciante brasileiro não se conscientizara da importância da publicidade, veiculada em moldes profissionais. Após anos de "propaganda da publicidade", o anunciante se compenetrava no *slogan* já usado por Egisto Puicarelli, em *O Lírico*, de 1903: "O reclame é a vida do comércio!". Ou aquele, anterior, de 1900, hoje tão óbvio, de *O Garoto*[27], principal anunciante de loterias da cidade: "As casas que anunciam têm mais freguesia, crédito e prosperidade".

Em 1918, a célebre indagação de Monteiro Lobato, a comerciantes de todo o País: "Você quer comprar uma coisa chamada revista?", foi o começo de tudo.

25. *Illustração Brasileira*, São Paulo, abr. 1905.
26. *O Momento*, São Paulo, 1914.
27. *O Garoto, semanário burlesco*, São Paulo, 1900, ano I, n. 1.

A iniciativa do editor, que se propunha a *enfiar o livro goela abaixo do consumidor*, resultou em técnica de sucesso. Façanha de grande monta na época, quebrava uma tradição do consumo de assinaturas de revistas e aquisição de livros por parte da reduzida população leitora do País. Mais que isso, retirava o impresso de seu pedestal de ícone do saber elitizado e apanágio de poucos, transformava-o em objeto de consumo lúdico, instantâneo, democratizado, talvez não se importando ou não temendo, intimamente, que depois de consumido e lido, o papel até servisse para "*embrulhar o pãozinho no dia seguinte*".

Paralelamente à iniciativa de Lobato, o País rendia-se à intervenção decisiva da propaganda e da publicidade. Nesse sentido, a revista, atraente, dinâmica, periódica e com novos recursos de linguagem, resultou no suporte ideal para sua propagação.

Propaganda e Publicidade

Dos vários suportes que se prestaram à propaganda e à publicidade, a revista talvez tenha sido dos mais efetivos, concentrando a força da propaganda e a evolução dinâmica da publicidade, expressando-as em suas representações mais acabadas[28]. Para a última, em particular, tornou-se de tal forma o veículo ideal que, em sua essência, quase se confundia com ela, uma vez que ambas, *revista* e *publicidade*, direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja: dar-se a conhecer, divulgar-se, "produzir-se para vender-se", razão pela qual muitos periódicos revelaram-se economicamente viáveis, tão-só pela proposta de divulgação de produtos, isto é, pelo seu caráter publicitário. A revista, pois, *era* a publicidade; ou por outra, no periodismo da época, a revista transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade.

Conforme a citada epígrafe deste capítulo, a opção da *Papelaria Guarany* em lançar a revista *Caixeiro Viajante* em 1895, para substituir seu tradicional funcionário de vendas, reafirmava a força do periódico a serviço do comércio, especialmente de sua propaganda e publicidade.

De fato, no impresso revista, textos e imagens – instrumentos da publicidade – reproduziram as transformações da virada do século, captadas por meio de recursos literários e gráficos, devolvidas ao público numa terceira dimensão, magnificando artigos, produtos, profissionais, estabelecimentos e serviços. Nesse

28. Ver Ricardo Oberlaender, *Publicidade e Propaganda*, Rio de Janeiro, Shogun Arte, 1984; Eugênio Malanga, *Publicidade, uma Introdução*, São Paulo, Atlas, 1976, p. 11; Jose Ramon Sanchez Guzman, *Breve Historia de la Publicidad*, Madrid, Ediciones Forja S.A., 1982; Ricardo Ramos, *Do Reclame à Comunicação: Pequena História da Propaganda no Brasil*, São Paulo, Atual Editora, 1985.

SIhi

propósito, conjugaram-se literatura, arte e técnica, estreitando o convívio e descobrindo novas linguagens. O desenho gráfico foi uma delas. Repetia-se, com o invólucro revista, o papel revolucionário desempenhado pelos jornais no início do século XIX – a chamada Revolução Northcliffe – quando as folhas volantes foram identificadas como "mecanismo crucial na facilitação da venda de outros bens e serviços [...] sua capacidade de garantir retorno da publicidade, diretamente ligada ao número e perfil de seus leitores"[29].

Tempo, espaço, velocidade e técnica potencializadas permitiram arrojo no setor; ainda que num País sem tradição editorial, onde repentinamente brotara um empório comercial vigoroso – a cidade de São Paulo –, engrenagem que punha em funcionamento, com a velocidade exigida pelos novos tempos, os recursos viabilizadores de seu contínuo crescimento.

Do telégrafo internacional – ponte invisível, que magicamente nos ligava ao "mundo civilizado europeu" – aos caminhos de ferro, de uma ponta a outra, tudo se mobilizava para o desfrute intenso das maravilhas do novo século. Ou melhor, das novidades, que o veículo imprensa colocava ao alcance de todos. Em particular as revistas, privilegiadas em relação ao jornal, pela melhor resolução gráfica dos ultramodernos recursos visuais recém-apropriados: fotografias, linotipia, clichê em cores etc...

As várias *Revistas Ilustradas*, os tantos *Magazines*, trazendo os indefectíveis subtítulos – *periódico ilustrado* – atestavam a importância da imagem no circuito da imprensa, imagem cuja função não era mais a de complementar o texto, mas transformar a criação gráfica em texto. *Extra-texto*, conforme denominação corrente para caracterizar, por exemplo, o "reclame" numa página impressa. A observação de Flora Sussekind é oportuna, quanto insiste no texto parnasiano, superiormente adjetivado e enfeitado, como que a competir com as vinhetas florais e o *art nouveau* que ilustravam a mesma matéria no periódico[30].

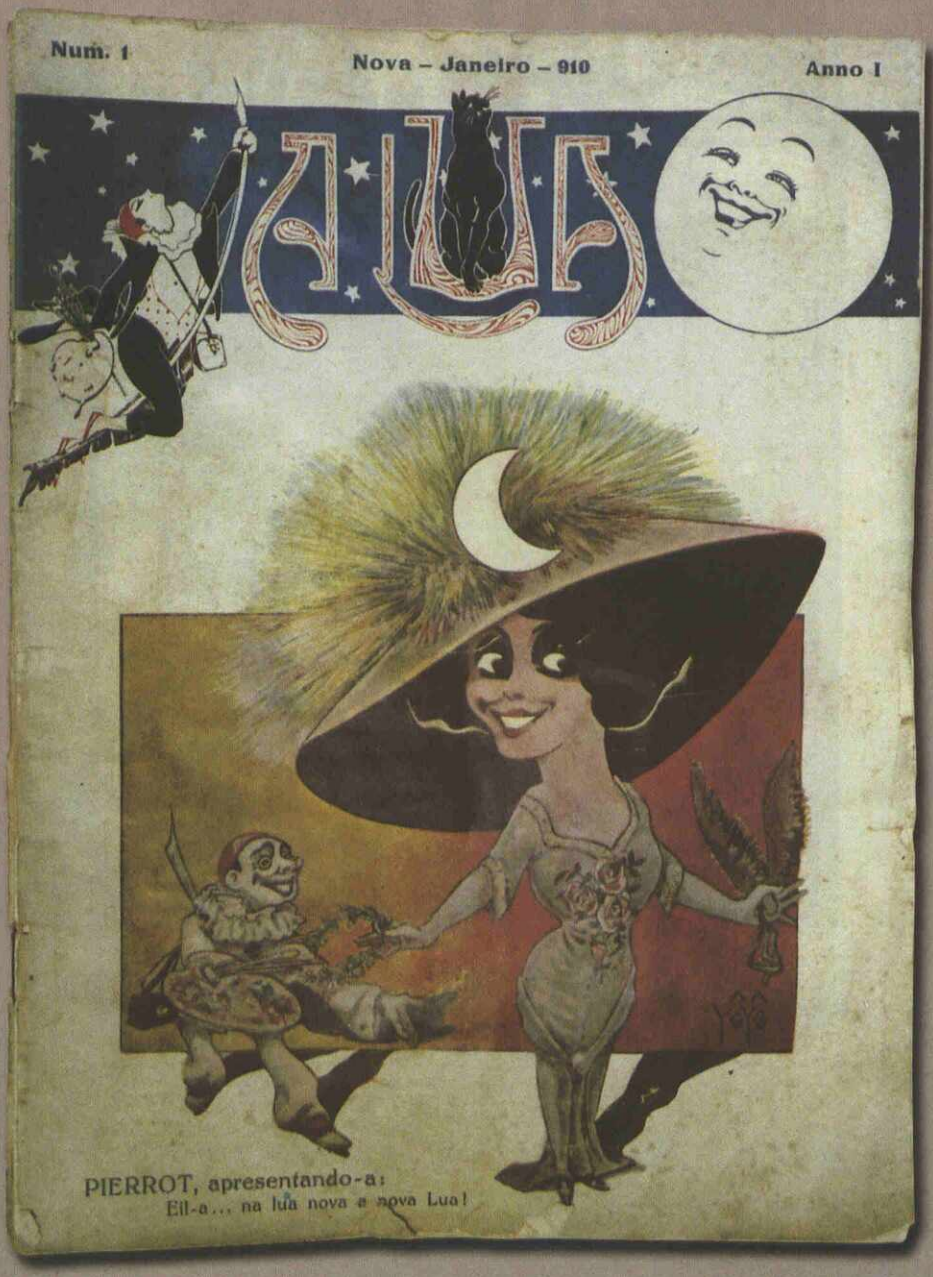
Os experimentos técnicos com os novos recursos gráficos, a necessidade de transmitir a mensagem com rapidez – característica do periodismo em tempo de velocidade – e o hábil recurso de "seduzir" o público leitor, cativá-lo através da imagem, fizeram do ilustrador, fosse litógrafo, caricaturista, desenhista, pintor ou fotógrafo, o profissional imprescindível das revistas do período.

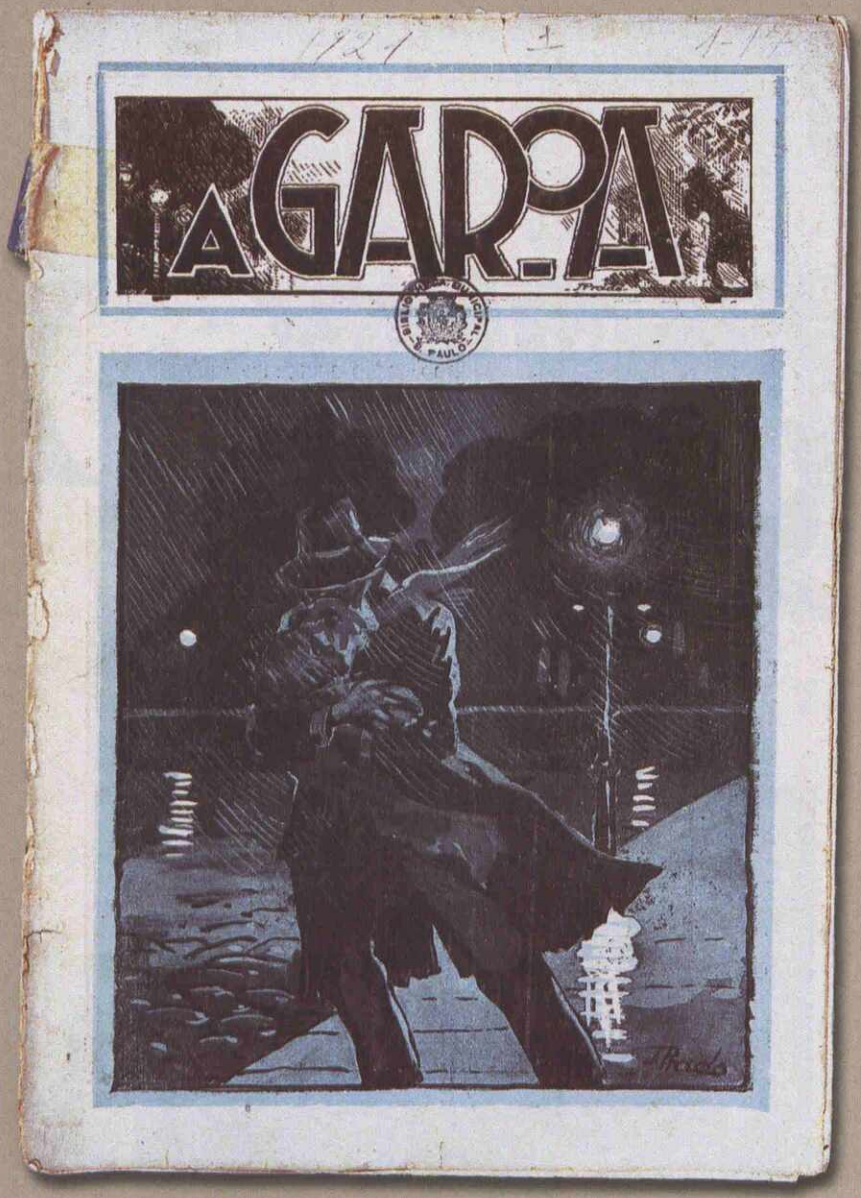
29. John B. Thompson, *Ideologia e Cultura Moderna. Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 236. Ver o exemplo do *Daily Mail* em 1896, na mesma página.
30. Flora Sussekind, *Cinematógrafo...*, *op. cit.*, pp. 36-37.

Art Nouveau: Molduras e Clichês Preferenciais • *Antarctica Illustrada. Revista semanal litteraria, commercial e sportiva*, São Paulo, 1904, n. avulso.



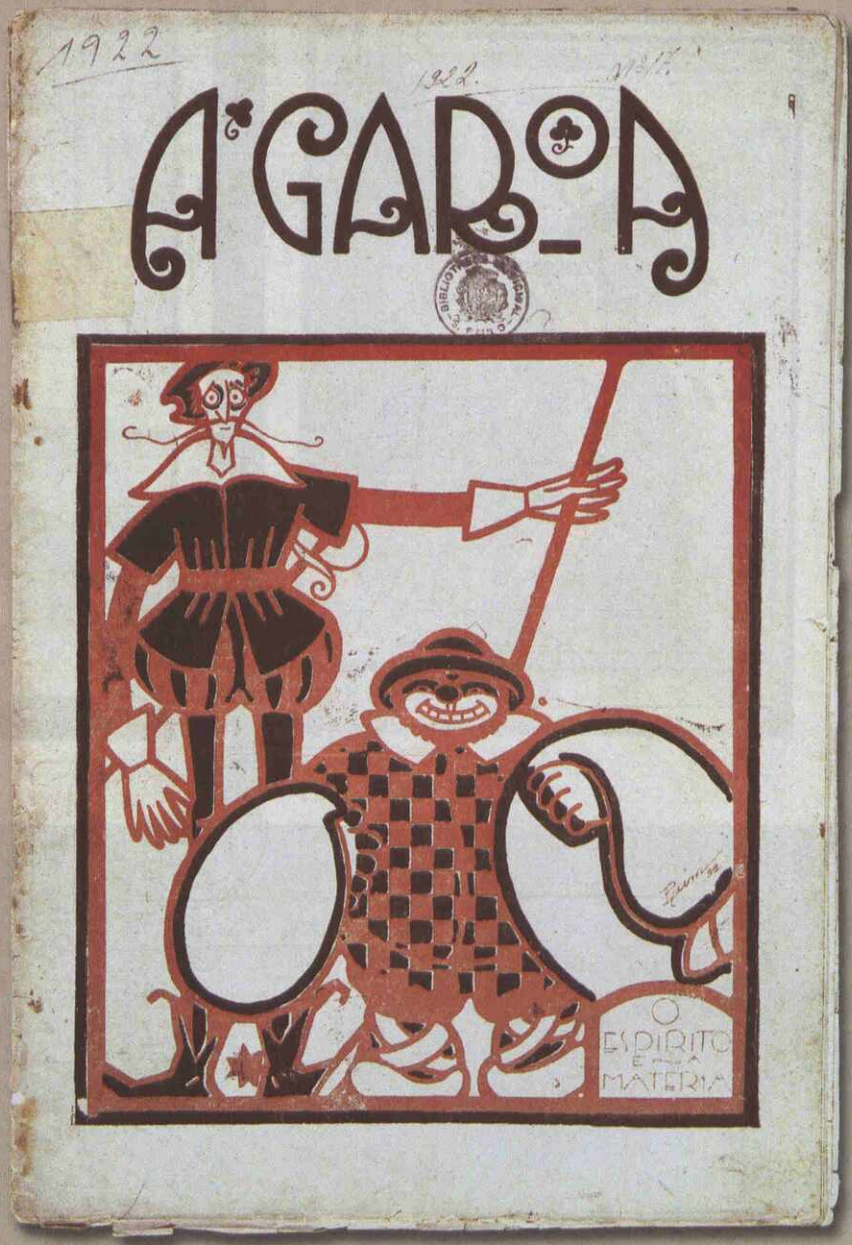
A Emergência do Artista Gráfico • A criatividade de Yôyô em *A Lua*, São Paulo, 1910, n. 1.



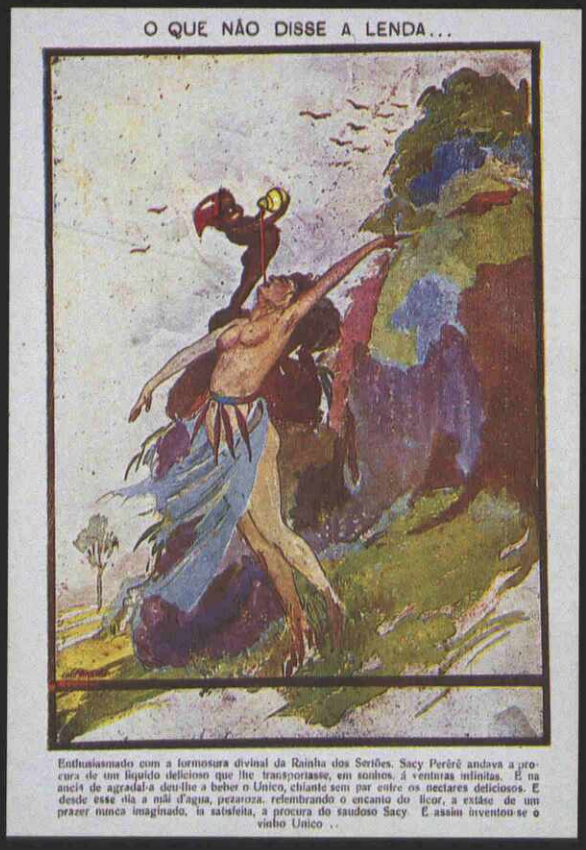


1

Experimentos de Toda a Ordem • Da letra do título à ilustração, tudo mudava ao sabor das tendências. *A Garoa*, sob direção artística de J. Prado, foi pródiga nestes ensaios. • 1. *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 1. Capa de J. Prado. • 2. *A Garoa*, São Paulo, 1922, n. 17. Capa de Paim.



Slhi



1



2

A Veiculação de Produtos Nacionais • A Bahia de Guanabara e o índio – o paraíso e a força – foram imagens recorrentes da propaganda das excelências do país e seus produtos. Assim como a veiculação de símbolos de nosso imaginário – o saci-pererê – divulgando marcas nacionalistas, caras ao período. Publicidade do vinho *Unico* em *A Garoa*. • 1. *A Garoa*, São Paulo, 1922, n. 14. • 2. *A Garoa*, São Paulo, 1922, n. 12.

SIhi



A indústria nascente divulgava-se nas páginas revisteiras configurando o exotismo do índio e o requinte da civilização. Anúncio publicitário do *Guaraná Espumante Lacta*.

Tal sua importância nesse periodismo técnico-industrial, que acabou por ascender no expediente da revista, com seu nome estampado no cabeçalho, ao lado do proprietário, do gerente, do redator-chefe, por vezes acima dos habituais redatores, no qual comparecia sob a denominação de "diretor artístico". Inserção que se caracterizou pela mesma resistência em aderir ao periodismo, percebida no homem de letras ao experimentar o jornal. O artista do pincel e da tela, algumas vezes laureado pensionista do Estado, com passagem pela *Academia Julien* de Paris, não se enxergava no campo pragmático das oficinas de impressão gráfica. As exigências de mercado, contudo, o encaminharam para aquelas instalações. Em princípio com ressalvas, apenas um complemento de sua atividade regular, mas acabando por profissionalizar-se, através de colaboração imprescindível e de grande visibilidade na imprensa da época. Como para o homem de letras, também para o artista plástico, o periodismo resultou no espaço possível de colocação, fosse para o reconhecimento público ou pela remuneração complementar.

Em 1904, os pintores Antonio Parreiras e Ferrigno, aquele com exposição no fundo da Castelões, visitavam os escritórios da revista *Antártica Ilustrada*, com vistas à divulgação de seus trabalhos no creditado órgão de publicidade paulistano, que, além de Alfredo Norfini como ilustrador, contava com os trabalhos de Phoca como caricaturista; em 1905, a *Ilustração Brasileira*, com tiragem de 5.000 exemplares, tinha Carlos Weber na direção artística; em 1910, *A Farpa* contratava Otávio Puppo Nogueira para o mesmo fim; em 1919, na elegante *Sports*, Thorwald Ramussen respondia pelo cargo de diretor artístico; em 1920, a *São Paulo Ilustrado* anunciava Alfredo Norfini como seu diretor artístico, que também se utilizava das páginas da revista para anunciar e divulgar o endereço de seu *atelier*.

O pintor e ilustrador Umberto Della Latta, por exemplo, foi dos artistas mais ativos em São Paulo, cumprindo o trajeto exemplar da época. Estagiou na Itália, participou da 1ª Exposição Brasileira de Belas Artes, de dezembro de 1911 a janeiro de 1912, expôs nos primeiros salões paulistas, tornando-se precursor da ilustração publicitária. Contratado pela *Lacta* e *Falchi*, colaborou nas principais revistas ilustradas do período, sobretudo naquelas de circulação efetiva, nas quais se colocavam os grandes anunciantes pela certeza de retorno da publicidade. *A Cigarra*, *O Parafuso* e *Panóplia* estavam entre elas[31].

31. Umberto Della Latta, nascido em Luca, 15.3.1883 e falecido em São Paulo, 5.10.1961, usava os pseudô-

SIhi

Contudo, foi a fotografia, decisiva como recurso de ilustração, a que mais concorreu com os artistas do pincel e invadiu progressivamente aquele periodismo, fosse para definir as capas com personagens, paisagens, vistas urbanas, ou a serviço da reportagem fotográfica, recurso ideal para documentar a transformação da cidade ou as cerimônias de impacto no âmbito político e social[32].

A dependência do ilustrador acabou por inaugurar e exercitar uma série de novos campos das chamadas Belas Artes, Artes Gráficas ou Artes Decorativas, quando a até então indefinida categoria fotográfica assumiu foros profissionais. A seu lado, a figura do caricaturista, fosse como propagandista ou publicitário, garantindo só com seu traço o sucesso do impresso. Paralelamente às revistas, e por causa delas, formava-se um novo mercado para o qual convergiam os chamados especialistas gráficos.

Assim enriquecido, o periodismo potencializou-se a partir de clichês de elaboração filigranática, litografias precisas, imagens arrebatadoras de rotogravura, caricaturas inventivas, ilustrações florais *art nouveau* para crônicas parnasianas e soluções fotográficas inusitadas. Mais ainda, a serviço da publicidade, instrumento primordial para atrair anunciantes e aumentar tiragens, tornando-se no ramo da publicação, rendoso negócio. O recurso do reclame passa a ser a dimensão mais inovadora da ilustração e da publicidade do período.

Slogan Fatal!

Ao contrário da *propaganda*, de caráter ideológico, contemporânea do próprio surgimento da imprensa, a *publicidade* propriamente dita nasceu em contexto posterior, passível de ser remetido para 1870, aos quadros da Grande Depressão. Ali, a incorporação da revolução científica e tecnológica, desencadeando concorrência entre as empresas de grande vulto e a conseqüente formação de *pools* e *holdings*, determinou a acirrada competição pela demanda. "Faça publicidade ou se arrebente", era o *slogan* fatal e verdadeiro.

Nesse propósito, propaganda e publicidade integraram-se, passando a atuar conjuntamente como mecanismo crucial dos quadros de demanda, elemento vi-

nimos Nino, Vandik, Guevara. Ver *Gazeta Artística*, São Paulo, dez. 1911; *Pintores Italianos no Brasil*, São Paulo, Socioarte, 1982.

32. Mônica Junqueira de Camargo & Ricardo Mendes, *Fotografia, Cultura e Fotografia Paulistana no Século XX*, São Paulo, SMC, 1992, especialmente pp. 16-41.

tal do mercado capitalista – emoliente que tornava tudo mais fácil, em favor do crescimento do consumo. O caráter propagandístico da publicidade potencializava-a, gerando energias motivadoras do comportamento, elemento decisivo na conduta social do século XX. Publicidade, cujo curso evoluiu em três momentos, percebidos igualmente no Brasil, ou melhor, a partir de 1870 até por volta de 1930.

O anúncio classificado, lacônico e direto, inaugurou o circuito. Seu conteúdo de natureza informativa dava a conhecer ao leitor o que havia no mercado. O *Almanaque Literário de São Paulo*, a publicação de melhor recurso gráfico da Província na época, editado pelo experiente jornalista José Maria Lisboa, usava esse modelo, conforme anúncio de 1876:

> Consultorio Homoephatico do cirurgião mor Candido Ribeiro dos Santos. Médico Homeopata. Consulta todos os dias das 6 horas às 9 da manhã, e das 5 às 6 da tarde. Chamados por escrito. Aceita-se consultas ou chamados para fora da cidade. Vende-se medicamentos avulsos, e em caixas, em tinturas e em glóbulos. Largo do Palácio 4. São Paulo [*sic*][33].

Numa segunda etapa, os recursos visuais entraram em cena, focalizando através do texto e, sobretudo, da imagem, tônicos revigorantes, a farmacopéia da nova mulher, a prestação de serviços de firmas que se anunciavam "rápidas e modernas", introduzindo a novidade dos depoimentos de usuários bem-sucedidos com aqueles produtos. Em 1899, *A Vida Ilustrada, semanário ilustrado*, fazia da venda de anúncios seu sustento, indício de que o propósito publicitário era atingido. No ano seguinte, *O Garoto, semanário burlesco* ressaltava a importância da propaganda, anunciando ao "comércio inteligente": "As casas que anunciavam têm mais freguesia, crédito e prosperidade"[34]; a verve poética daquela geração estampou-se em 1902, na revista *A Violeta, órgão crítico, literário, noticioso*, que se utilizava de versos e sonetos rimados para fazer publicidade de uns poucos produtos[35]; no mesmo ano, mais incisiva, a revista *O Lírico* proporcionava espaço para publicidade aos comerciantes, afirmando enfaticamente: "O reclame é a vida do comércio!".

As experiências com *A Violeta* e *O Lírico* levaram seu proprietário, Conrado Egisto Pucciarelli, a projeto mais ambicioso do ponto de vista comercial, lançan-

33. *Almanaque Literário de São Paulo*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1976, p. 127.
34. *O Garoto, semanário burlesco*, São Paulo, 1890, n. 1.
35. *A Violeta*, São Paulo, 1902, ano I, n. 3.

do em 1903 a revista *Arte e Sport, semanário de reclame*, voltada essencialmente para esse fim, valendo-se como temática do apelo esportivo, modismo de força na ocasião.

> Cumprir os objetivos de oferecer ao comércio paulistano um órgão de reclame à altura das necessidades da cidade e proporcionar aos seus leitores um semanário esportivo bem feito[36].

Confirmando a incidência da publicidade nas revistas editadas a partir de 1903, nesse mesmo ano a *Via-Láctea, revista ilustrada de assuntos gerais, atualidades, arte e ciência*, dirigida por Jorge Costa, de caráter nacionalista, apresentava uma série de anúncios na contra capa, de grupos locais economicamente expressivos, como Hotel França, Tônico Capilar Brasil, Farmácia Popular e Hotel Rebequinho. A publicação teve significado particular para a publicidade do gênero periódico, talvez a primeira a divulgar as charutarias onde se vendiam *revistas*. Atestando sua penetração em segmento de mais recursos, ali anunciavam os conceituados fotógrafos Wolsack e Valério Vieira, aquele creditando-se "[...] o primeiro e mais barateiro fotógrafo que em São Paulo sabe imprimir os retratos com uma graça verdadeiramente agradável". O segundo, anunciando-se "[...] único fotógrafo afamado de São Paulo, que prima pela perfeição e beleza"[37].

Em 1910, a *Illustração Paulista* divulgava "serviço de publicidade a cargo de nosso companheiro João de Sá Rocha"; em 1915, *Variedades, revista ítalo-brasileira*, usava indiscriminadamente os termos *publicidade* e *propaganda comercial*.

> Ao darmos *publicidade* ao primeiro número da revista *Variedades*, não nos anima outro desejo que o de preencher uma sensível lacuna em nosso meio, fornecendo um ótimo ensejo de *propaganda comercial*, entremeando os anúncios com excelentes trechos de prosa e verso dos melhores escritores nacionais e italianos, assuntos teatrais e cinematográficos, ilustrações e outros[38].

Sintomática da Capital econômica do País, nesse momento, a seqüência de revistas denominadas *Mercúrio* [Deus do Comércio], voltadas para a propaganda comercial, expressão da época, alusiva à publicidade. Em 1904, duas delas:

36. *Arte e Sport, semanário de reclame*, São Paulo, 1903, ano I, n. 1.
37. *Via-Láctea, revista ilustrada de assuntos gerais...*, *op. cit.*, 1903, n. 1.
38. *Variedades, revista ítalo-brasileira*, São Paulo, 1915, n. 1. Grifos nossos.

SIhi

Mercúrio, órgão mensal de propaganda comercial e *Mercúrio, periódico de apoio aos comerciantes e industriais paulistas*, contendo basicamente homenagens aos "homens prestáveis", de acordo com o crivo da revista, no caso, fazendeiros, comerciantes e industriais bem-sucedidos; em 1905, *Mercúrio, periódico literário e comercial*, trazia na capa caricaturas de políticos, de Segale, impressa em cores; em 1906, *O Mercúrio, órgão comercial de propaganda*, com tiragem de 60.000 exemplares e distribuição gratuita, vinha com artigo de apresentação explícito, vinculando a adesão dos comerciantes à melhoria da revista.

> *O Mercúrio* é uma revista de propaganda comercial, industrial e profissional. Já aí está traçado o seu programa. Terá uma parte literária, uma parte recreativa, com prêmios diversos, uma parte noticiosa e uma seção comercial. A sua distribuição é gratuita e será feita a toda pessoa que a requisitar. Começamos modestamente a nossa folha. Pouco a pouco, à medida que os anunciantes, compreendendo as vantagens deste sistema de propaganda nos procurarem, iremos introduzindo melhoramentos na sua fatura[39].

Insista-se que a força da propaganda, em seu sentido original e precípuo de "doutrinação", foi uma constante de nossa história política, significativamente veiculada pela imprensa da Primeira República. Intensificou-se em 1909, com a Campanha Civilista, quando o periodismo dividiu-se entre as duas facções lideradas por Rui Barbosa e Hermes da Fonseca. Em defesa desse, foram lançadas *A Renascença, órgão hermista*; *O Alarme* e *O Repórter*. A candidatura de Rui, não bastasse ser lançada por um dos jornais de maior veiculação do País, *O Estado de S. Paulo*, que capitaneou toda a campanha, mereceu a criação da revista *O Tempo*. Ao lançamento de *O Vinte e Dois de Maio*, do grupo hermista dos acadêmicos da São Francisco, a outra ala da mesma faculdade revidava com *A Propaganda, órgão civilista dos estudantes de direito*. Nesse âmbito, a caricatura resultou no recurso ideal da propaganda, especialmente a de cunho político. Nesse mesmo ano de 1909 a revista *A Lua* satirizava civilistas e hermistas pelo traço de Yoyô; e ainda em 1911, a revista *Zé Povo*, que defendia a candidatura de Rodolfo Miranda à presidência de São Paulo, órgão simpático ao hermismo, trazia caricatura, ironicamente retratando "os pobres de São Paulo".

No pós-guerra, o uso de recursos sensoriais foi decisivo para a conquista do consumidor. Imagem e texto ritmados, versos em redondilha, com apelos do mo-

39. *O Mercúrio, órgão comercial de propaganda*, São Paulo, ano II, 1907, n. 10

Slhi

mento foram recorrentes naquela produção: a imagem de força através dos símbolos da guerra [capacetes, tanques]; ou da velocidade [avião]; ou da saúde e higiene [corpo musculoso sugerindo sucesso] ou da internacionalização [zepelins].

A recuperação desses momentos da publicidade nas revistas paulistanas surpreende pelo avanço técnico, veiculando imagens e conteúdos que insistem na divulgação de valores nacionais. Ao lado de símbolos da força propagados pela guerra, traduzidos pelos aludidos capacetes e tanques – imagens geralmente emprestadas das revistas estrangeiras de propaganda –, começam a aparecer aqueles de produção caseira. Não tínhamos o avião, mas os tônicos revigorantes que conferiam "a força" ao homem brasileiro, fortaleciam e acabavam com a anemia. Ideologicamente, essas mensagens se contrapunham à figura raquítica do recém-lançado Jeca Tatu, estereótipo ameaçador do biotipo brasileiro.

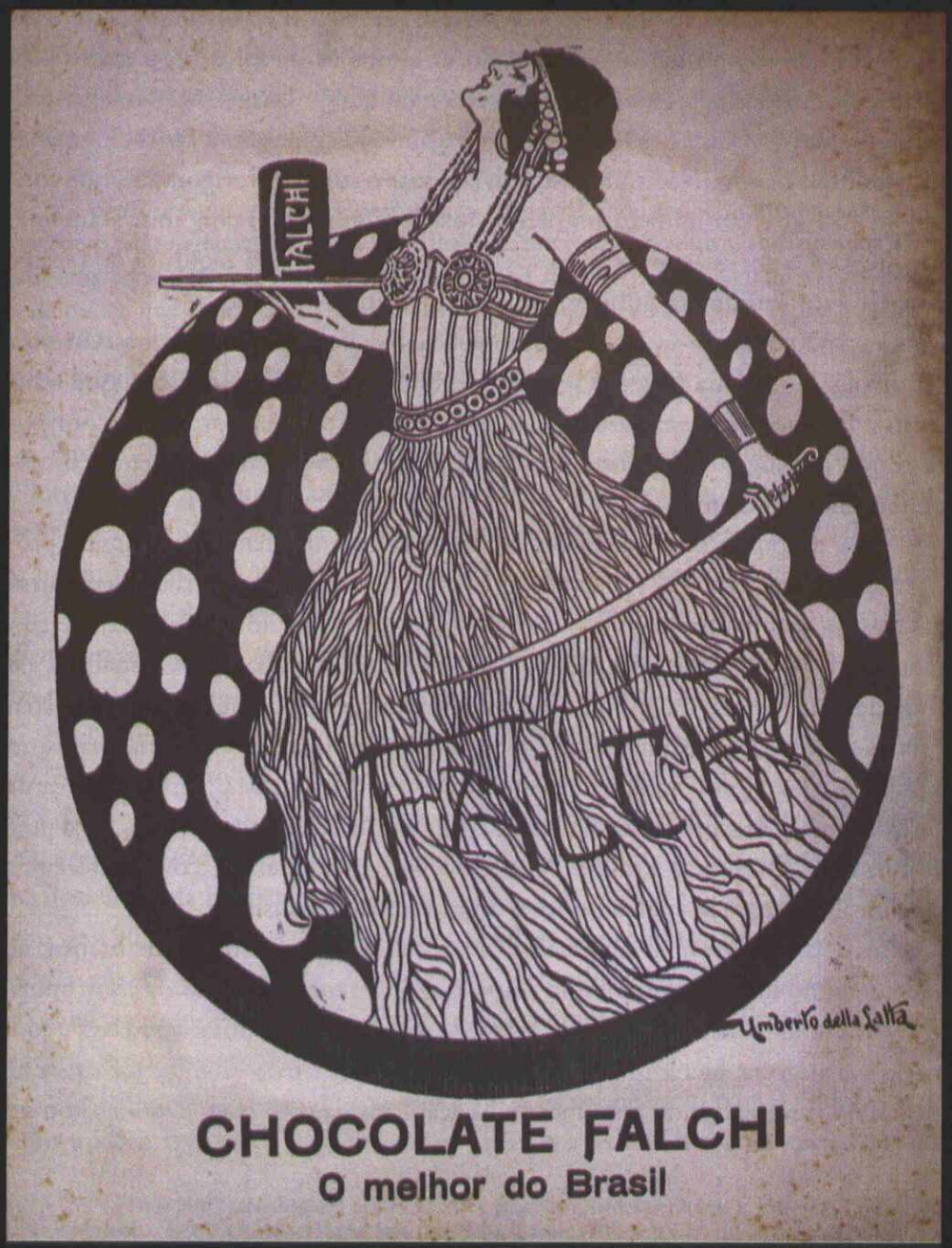
Em 1920, apelava-se para o nome do "Exmo. Sr. Dr. Luís Pereira Barreto", na divulgação de sua fórmula rejuvenescedora para velhos[40]. Mostras que a indústria farmacêutica, em particular, atrelada ao capitalismo, tornava-se conivente com a ideologia nacionalista propalada pelo Estado, divulgando então o modelo ideal de homem brasileiro.

Nesse propósito de publicidade, agora com elementos nacionais, surgia a própria "paisagem nacional", reforçando a idéia de identidade pátria, já em curso através da campanha de Bilac. Em 1916, sucedem-se imagens de coqueiros, cascatas, matas e, sobretudo, a beleza do Corcovado e da baía de Guanabara, estampados à exaustão na publicidade colorida, impressos nas revistas melhor aparelhadas, dotadas de capital. A figura do índio, tão usada no Império para simbolizar o "povo brasileiro", foi retomada na vaga nacionalista, alusiva à força da terra, à pureza dos produtos, não com laivos do "bom selvagem", personagem já festejado na literatura romântica mas com vigor e energia, como referência qualificadora de raça, marca positiva do exotismo no Brasil.

Em 1920, a *Guaraná Espumante* trazia uma índia com traços de branca, ao lado de ramo de café[41]; no mesmo ano o *Gognac Fino de Guaraná e Pacová* anunciava-se como "A bebida preferida pela elite social porque é útil e agradável", com sugestiva alegoria, emoldurada por guirlandas de café e uvas de traço *art nouveau*: um índio, reverenciando a mulher civilização, a roda com trigo e ao fundo o sol

40. Jacob Klintowitz, *A Arte do Comércio, São Paulo 1900-1930*, São Paulo, Senac, 1988, p. 111.
41. *Idem*, p. 114.

Artistas do Pincel Ensaiam a Arte Gráfica • Ilustração de Umberto della Latta, contratado da Falchi.
Panóplia. Mensário de Arte, Ciência, Literatura, São Paulo, out. 1917, n. 5.



nascendo sobre a baía da Guanabara, com o Corcovado no horizonte[42]. Alguns produtores, de procedência étnica diversa, colocavam junto aos símbolos nacionais aqueles evocativos de seu País de origem, conforme se vê em 1919, na publicidade da *Caninha Paraty*, de propriedade de portugueses: a Torre de Belém ao lado do Pão de Açúcar, sobre um fundo de cana, trazendo o café no detalhe central, conjunto também circundado por guirlanda *art nouveau*[43].

Nessa conformação do imaginário social, a apropriação de símbolos brasileiros se tornou uma constante. O grande sucesso em São Paulo ficou por conta da seqüência de Voltolino para a publicidade do *Chocolate Lacta* e a *Guaraná Espumante Zanotta*. As figuras do panorama político nacional e tipos característicos da cidade encarregavam-se da mensagem: o tocador de realejo, o pequeno jornaleiro, o guarda de porrete, a baiana com o tabuleiro de quitutes repleto de *Lacta* e *Guaraná*, reproduzindo indiretamente a morfologia social, conforme sublinhou Ana Maria Belluzo[44]. Diga-se que dos gêneros de ilustração em voga, a caricatura passou a ser dominante nas campanhas em curso, recurso ideal para o impresso, seja pela fácil leitura da mensagem, independente de legenda, como pelo clima de circunstância, ritmada com o episódico, ou por outra, com a natureza e dinâmica do periodismo.

Não obstante a significativa caminhada autodidata da publicidade, em 1919, a *Revista de Comércio e Indústria* insistia no atraso da matéria no País, enfatizando não conhecer uma só obra nacional que dela se tivesse ocupado; o que justificava em suas páginas a criação de uma seção especial, permanente, dedicada exclusivamente à publicidade comercial.

PUBLICIDADE COMERCIAL

Sob esta rubrica iniciamos, pois, a publicação de artigos e notícias destinados a vulgarizar as teorias e sistemas, os métodos e acontecimentos mais notáveis ocorridos em matéria de publicidade, nos principais países do mundo, matéria já presidida por princípios científicos[45].

42. *Idem*, p. 131.
43. Jacob Klintowitz, *op. cit.*, p. 127.
44. Ana Maria de Moraes Belluzo, *Voltolino e as Raízes do Modernismo*, São Paulo, Doutorado FAU-USP, 1979, p. 119.
45. A *Revista de Comércio e Indústria* lembrava os clubes de publicidade que eclodiram em 1914 nos Estados Unidos e na Europa [*advertising clubs*] e as revistas técnicas do anúncio. Informava ainda que, por volta de 1919, a Universidade de Londres criou, na sua Escola de Ciências Econômicas e Políticas, uma cadeira destinada ao estudo de métodos e aplicações da publicidade comercial, escolhendo como seu primeiro catedrático o chefe de publicidade do *Times*, Thoam Russel, *op. cit.*, 1920, vol. VI, n. 61.

Slhi


Revista de Commercio e Industria

PUBLICAÇÃO MENSAL DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

SUMMARIO

1


REVISTA DE COMMERCIO & INDUSTRIA

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE S. PAULO

SUMMARIO

JULHO, 1920 — ANNO VI - NUM. 67

CASA EDITORA OLEGARIO RIBEIRO - R. DIREITA, 27 - CAIXA 1172 - S. PAULO

2

Levando a Propaganda a Sério • 1. *Revista de Comércio e Indústria. Publicação do Centro de Comércio e Indústria de São Paulo*, São Paulo, 1915, n. 1. • 2. *Revista de Comércio & Indústria. Publicação Oficial da Associação Comercial de São Paulo*, São Paulo, 1920, ano VI, n. 67.

SIhi

Oportuno lembrar que o proprietário e editor da revista, Olegário Ribeiro, fora por muitos anos gerente da firma norte-americana *Ligderwood* de máquinas agrícolas, instalada em Campinas; familiarizara-se com métodos de propaganda e publicidade, áreas que os *yankees* se orgulhavam por dominar.

Naquele periódico, ao elencar de maneira sistemática as múltiplas fórmulas de venda dos países de tradição publicitária, coincidentemente, reproduzia a sua evolução no Brasil até aquele momento, nomeando seus vários intuitos: a *informação* pura e simples da existência de um novo produto, ou de profissional; a *manutenção* de popularidade de uma marca ou firma comercial; a *orientação* da preferência do público para determinado artigo, pondo em relevo suas vantagens sobre os congêneres; o *despertar no público* para novas necessidades, por meio de sugestão, de modo a criar consumidores ou alargar o número dos já existentes.

No caso de São Paulo, a partir de 1890, a cidade que se abrira como um palco, descortinando o maior empório comercial da América Latina, carregou espaço e tempo propícios para novos hábitos, mudanças de condutas e outras práticas de consumo, campo fértil para publicidade no interior das revistas.

Flanar, olhar, ver e ser visto marcavam o cotidiano de uma população ainda em busca de identidade, transitando num espetáculo de transformações; ou, perante uma imensa vitrine de aliciante poder sedutor, exibindo as últimas novidades do mercado; ou, numa recuperação mais real, percorrendo o imenso canteiro de obras que se tornara a Capital paulista. Nesse ir e vir, a surpresa pelo *clic* repentino das *Kodaks* que flagravam o janota, absolutamente conforme o figurino, a saída da missa da Santa Cecília, os instantâneos de elegantes na XV de Novembro, a ida ao Hipódromo. O fotógrafo Gaensly produziu por encomenda cenas desse teor, com vistas a divulgar a sociabilidade da cidade, ou melhor, sua "civilidade"[46]. Imagens que, estampadas no periódico da moda, garantiam seu consumo e, quando divulgadas lá fora, creditavam o País à aprovação do investidor estrangeiro. Ia longe o jornalismo "indígena", como diria Afonso de Freitas, referindo-se aos primeiros ensaios de "apagada reclame, informes inexpressivos nas suas linhas corridas, numa miscelânea caótica e num lastimável acanhamento de linguagem estampados na incipiente imprensa paulistana da terceira dezena do século passado"[47].

46. Boris Kossoy, *São Paulo, 1900*, *op. cit.*
47. Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 82.

Vale o ingresso além de uma dessas vitrines, especialmente a da *Casa Edson*, de Gustave Figner, que mantinha a revista ilustrada de propaganda de seus produtos *O Eco*, especializada exatamente nas novidades de ponta da época, com seção de máquinas falantes, despertadores elétricos, charutos ventarola, vidros de aumento, fonógrafos, gramofones, zonofones, cilindros e discos.

Na revista *Sport*, de 1905, sua publicidade trazia apelo irresistível.

> TODA GENTE FICA MARAVILHADA QUANDO VISITA ESTA CASA PELA PRIMEIRA VEZ
> Vê-se muito mais do que se imagina. É limpa, luzidia esta loja e encontra-se repleta de uma infinidade de cousas que a gente quer ouvir, usar, olhar ou dar como presente. Si vós, leitor, ainda não nos honrastes com a vossa visita, não vos demoreis por mais tempo – vinde hoje. Si, pelo contrário, sois um dos muitos que nos tem visitado, vinde do mesmo modo para que fiqueis conhecendo a realidade do nosso STOCK. Só alguns objetos estão aqui lembrados. A razão principal deste anúncio é convidar-vos cordialmente a virdes ver em que bela e atraente loja transformamos o nosso local. Mesmo que não desejeis comprar alguma cousa, teremos enorme prazer em receber a vossa visita em nossa casa [*sic*][48].

O anúncio publicitário acabava por atingir amplo público, estimulando, habilmente aquele que não se julgava capacitado para aquisição do produto, conforme se infere da frase alerta final: "mesmo que não desejes comprar alguma coisa, teremos enorme prazer em receber a vossa visita em nossa casa", dando vazão para qualquer interessado freqüentar a loja. E mais. Facilitava ao leitor a remessa de produtos para o interior, onde sediavam-se abastados fazendeiros e comerciantes das promissoras cidades do café.

Nesse mesmo ano, 1905, a revista *A Novidade*, também voltada para publicidade, informava o alcance daquele recurso, no País de seu contínuo progresso.

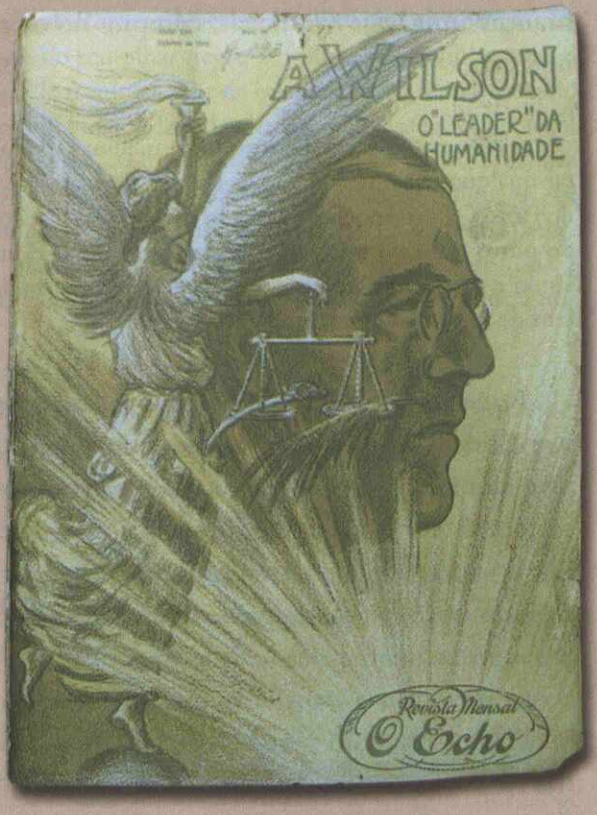
> Nos Estados Unidos a arte de fazer reclames tem-se tornado uma lucrativa profissão. Em algumas cidades há escolas onde são ministradas lições. No Instituto dos Jornais existe uma classe destinada a esse especial ensino[49].

A Novidade – vocábulo que já trazia o apelo propagandístico da moda, palavra mágica que despertava interesse imediato – veiculou todo tipo de anúncio, até o inusitado comércio de formigas! A "novidade", contudo, resultou do anúncio da *American Agency* à rua XV de Novembro 6 C, especializada em co-

48. *Sport*, São Paulo, 1905.
49. *A Novidade*, São Paulo, 1905.



1



2

A Publicidade via Modelo Yankee • 1. *O Echo*, São Paulo, 1916, ano XV, n. 6. • 2. *O Echo*, São Paulo, 1918, ano XVII, n. 4.

SIhi

branças amigáveis e judiciais, compras no exterior, incluindo livros e magazines ingleses.

A *American Agency*, no intuito de melhor servir a sua vasta freguesia, está pronta a aceitar qualquer encomenda para o *Grand Magasin de La Ville de Saint Denis* e *Au Bon Marché* de Paris. Os pretendentes poderão examinar os catálogos que se acham na *Agência*, não tendo outro trabalho até a entrega da mercadoria. É um serviço inteiramente novo para São Paulo e que grande resultado há de obter em vista das dificuldades que surgem quando se tem de fazer qualquer pedido ao estrangeiro[50].

A mensagem veiculada pela propaganda e publicidade passou a conformar a mentalidade do período, tarefa estimulante numa sociedade em transformação, na qual pululavam valores, na sua maioria alienígenas, em competição sistemática com o momento de recuperação e valorização de nossas origens. Propaganda, que criava energias motivadoras do comportamento, elemento decisivo na conduta do novo citadino, que se queria afinado com as tantas *performances*, vendidas especialmente pelas revistas da moda.

O periodismo transformou-se em desaguadouro dessa propaganda e/ou publicidade, enquanto passava igualmente a depender das encomendas publicitárias de comerciantes, leiloeiros, teatros, cinematógrafos, empresas cinematográficas, casas de patinação, firmas de importação, casas comissárias, enfim, de tudo que a cidade experimentava de "novo" e precisava ser colocado no mercado.

Não obstante a crítica corrente de nosso atraso na matéria, a comunicação publicitária paulista se enriqueceu com apelos visuais e textuais, subordinada às novas exigências, sob a pena de talentosos literatos ou, na sua comunicação mais direta, sob o traço do sagaz caricaturista. Procedimentos empíricos, mas de resultados efetivos, permitindo exercícios gráficos e estilísticos competentes.

Na precedência das experiências posteriores de Bilac e Coelho Neto na imprensa publicitária, o quinzenário paulista *O Cenáculo*, em 1890, não fazia feio. Redigido pelos acadêmicos César Franco, Alves de Farias, Affonso Guimarães, Luís Quirino, Américo de Campos Sobrinho e Pedro Moacyr, revolucionava no texto e na proposta, surpreendendo os leitores paulistanos com anúncios comerciais revestidos de forma literária.

50. *Idem.*

SURPRESA. – Passou, estava eu à porta do Teixeira[51], acabara de comprar *O Cortiço*; passou e atirou-me ao coração toda a aljava do seu olhar negro e profundo. Seguiu, seguia-a. Fascinava-me aquele escuro abismo, aquele revoltoso mar de cabelos. Parou, parei. Entrou, fiquei à porta. Enquanto esperava lia nos grandes vidros da vitrina, em belas letras de ouro: FÁBRICA A VAPOR DE CHAPÉUS, Diodato Leme. Marmorisei-me. É que há muito precisava eu de um chapéu, de um grande chapéu desabado, que afrontasse as iras da burguesia. Lá dentro ela escolhia, experimentava, comprava, pagava, enquanto o Leme, o felizardo Leme, enfileirava ante seus olhos negros a mais deslumbrante coleção de chapéus de toda a Paulicéa. Saiu, seguiu, perdi-a de vista. Ficava mudo, assombrado, estático ante aquela mirabolante chapelaria[52].

Se o texto acima, ainda de amadores, apresentava qualidade, conjugando literatura e publicidade, em 1904, a poderosa *Antarctica Illustrada* – da *Companhia Antártica de Cerveja* – foi exemplar na proposta de divulgação de seu produto, enquanto efetivava o papel de moderna revista de variedades.

Seu artigo de apresentação é primor da publicidade na época, na verdade, um anúncio literário, no qual exalta as qualidades do produto, de forma a torná-lo irresistível.

Sem ser um espalhafatoso chop duplo – como as folhas de grande formato, – e apesar de toda a modéstia de seu nascimento, a Antarctica Illustrada, tirada ao primeiro jato de sifão, inexgotável de nossa boa vontade e dedicação, vai certamente ser tragado com sabor pelos muitíssimos leitores que terá – muitíssimos sim, porque trataremos de dar-lhe a maior circulação aqui e fora do país.

Garantimos a pureza de seu ideal. É uma revista que – procurando ser útil sob todos os pontos de vista, se destina a divertir o povo. Não traz engarrafado seu programa, para que possa ser conservado, ou para que vá, com a maior segurança, chegar sem avaria a cada um dos seus leitores; e, mesmo que o trouxesse... o arrolhamento seria feito pelo moderníssimo sistema Ideal, muito fácil e suave para abrir, de sorte que todos o conheceriam imediatamente...

À nossa folha, que, como vêem não comporta por enquanto mais do que uma modesta meia garrafa de matéria, saberemos dar todo o nosso empenho para torná-la, em sabor, igual ao mais saboroso chop.

Para isso não trepidaremos em injetar-lhe toda a cevada da nossa inteligência, bem como todo lúpulo de nossa perseverança.

E ouvir queremos a todo o instante:

Garçon...um chop...Antártica! [*sic*][53]

51. Teixeira, livraria das mais antigas de São Paulo, hoje na rua Marconi, no Centro.
52. *O Cenáculo, quinzenário paulista*, São Paulo, jun. 1890, ano I, n. 1. *Apud* Afonso Freitas, *op. cit.*, p. 682.
53. *Antarctica Illustrada, revista semanal, literária, comercial e esportiva*, São Paulo, Tip. a Vapor de Rosenhaim & Meyer, mar. 1904, ano I, n. 1.

A poderosa *Illustração Brasileira*, em 1905, usava uma técnica de efeito comprovado. A repetição insistente da informação levava o leitor à dependência daquela menção, induzindo-o quase automaticamente à escolha e aquisição do produto, exaustivamente anunciado. Os serviços gráficos daquele periódico foram veiculados sem interrupção no n. 15 daquele ano. Ao pé de cada página da revista inseria-se uma frase, alusiva às várias oportunidades oferecidas, fazendo valer a técnica publicitária do momento de recorrência da oferta.

Em 1910, contudo um marco: o surgimento do *Homem-Reclame*, dando-se a conhecer na edição inaugural da revista semanária *A Lua*, que informava sua presença naqueles escritórios como representante de Daudt & Lagunilla, laboratórios do Rio de Janeiro.

O periodismo emprestava da indústria farmacêutica a última palavra em matéria de propaganda, divulgada por convincente "propagandista", antecessor do atual publicitário.

> José Lyra. Esteve em São Paulo, a negócios de propaganda dos conhecidos preparados *Bromil* e *Saúde da Mulher*, este nosso amigo, hoje tão conhecido pelo nome de *Homem-Reclame*, devido a sua formidável tenacidade de propagandista invencível. Ao incansável representante da conceituada firma Daudt & Lagunilla, agradecemos a fidalga visita que nos fez e a preferência honrosa com que nos distinguiu, contratando com a empresa d' *A Lua* a propaganda artística em São Paulo daqueles afamados específicos[54].

Na seqüência do periódico, sucederam-se as capas de *Bromil*, que "cura a tosse em 24 horas", *Bromil* que é a "morte da morte" e da *Saúde da Mulher*, "infalível nas moléstias das senhoras". Em número posterior d'*A Lua*, publicado na "lua minguante", em fevereiro de 1910, sob o título *Reclame Yankee*, o mesmo Lyra adiantava sua eficiência autopromovendo-se como recordista de vendas de anúncios afixados.

> O conhecido propagandista José Lyra, da conceituada firma Daudt & Lagunilla – produtora dos afamados específicos *Saúde da Mulher*, *Boro Boracica* e *Bromil* –, bateu o *record*, no Brasil, da propaganda por meio de anúncios afixados, como esse que aí vemos, colossal e saliente, na parte mais em destaque do novo e elegante *Teatro São José*, da capital paulista. Tem alcançado um sucesso extraordinário a idéia feliz desse Lyra formidável e invencível, tão acertadamente cognominado *Homem-Reclame*[55].

54. *A Lua*, São Paulo, 1910, ano I, n. 1.
55. *Idem*, fev. 1910, p. 23.

Esse criativo Lyra, aventa Ricardo Ramos, teria sido o idealizador do concurso de cartazes patrocinado pelo laboratório *Daudt & Lagunilha*, de 1909 a 1911, que premiou, entre outros, Artur Lucas, Julião Machado, Luíz Peixoto, K. Lixto, Raul e Vasco Lima; não descarta também a possibilidade de caber ao poeta Filipe de Oliveira, dos quadros daquela empresa, a iniciativa pelo evento, marco publicitário da época[56].

Seja um ou outro, certo é que *Daudt & Lagunilla* introduziu recursos inovadores no ramo publicitário, endossados rapidamente pelo periódico paulistano, *A Lua*, de 1909, que tinha colaboração de Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e as caricaturas de Yoyo. Na seção *Frases que ficam* de cunho publicitário da própria revista, as exemplares de Freitas Valle e Elysio de Carvalho, respectivamente:

> *A Lua* tem o encanto e o perfume das rosas de meu jardim, a frescura das sombras das minhas acácias e o sabor dum *Laffite*, de oitenta anos, seguros.
>
> Uma frasezinha, um santinho de *suelto*, uma chargezinha luminosa, um instantaneozinho!... Vou fazer qualquer coisa, nem que seja uma tolice, para ver-me n' *A Lua*...

A partir de 1908, Felipe de Oliveira acertara os anúncios de *Bromil*, pelas penas de Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Hermes Fontes e Basílio Viana, surgindo mais tarde a paródia de *Os Lusíadas*, de Bastos Tigre. Daí, segundo Ramos, data o momento de inserção dos poetas na publicidade, talentos que não se limitaram a versejar "*gritando espalharei por toda a parte*". Olavo Bilac, bem-sucedido, indagava: "Afinal, que somos nós todos jornalistas e cronistas, senão profanadores da arte e ganhadores das letras?" Trabalharam para *Bromil* e assumiram outras campanhas, como a da *Société Anonyme du Gaz*, toda de anúncios em verso, historietas ilustradas por J. Carlos, K. Lixto e Julião Machado, que apregoavam as vantagens dos serviços da empresa[57].

Finalmente, vieram as Agências. Antes da Guerra funcionara o corretor insinuante, o anúncio de favor; em seguida, surgiu José Lyra, considerado um precursor do novo profissional, "agenciador de notícias". Anônimos até por volta de 1913, mas já imprescindíveis no mercado, esses profissionais teriam sua representação oficializada com a criação dos primeiros escritórios de vendas de anúncios. *A Eclética*, a primeira firma a merecer a classificação de agência de publici-

56. Ricardo Ramos, *Do Reclame à Comunicação. Pequena História da Propaganda no Brasil*, São Paulo, Atual Editora, 1987, pp. 23-26.

57. *Idem.*

SIhi

dade, instalou-se em São Paulo, por volta de 1913/1914, com os proprietários Castaldi & Bennaton[58]. Finda a guerra, funcionavam na Capital cinco agências: *A Eclética*, *Pettinati*, *Edanée*, a de Valentim Haris e a de Pedro Didier e Antonio Vaudagnoti. *A Eclética*, contudo, era a mais procurada. Entre outros serviços, encarregava-se da assinatura de periódicos de outros Estados.

Em 1920 anunciava-se em *O Estado de S. Paulo*, representando os periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro, revelando, na seqüência de títulos ao lado, aqueles mais fortes da imprensa carioca e paulista, trazendo um fato novo: agora a imprensa paulista já era competitiva.

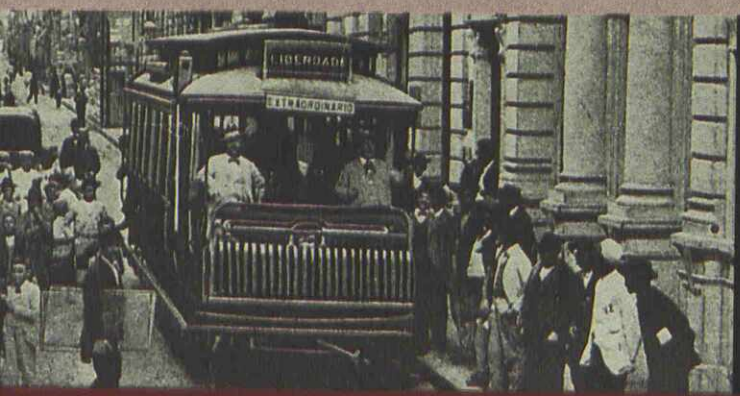
O quadro ao lado baliza um ciclo e finaliza esse capítulo. Entre muitos títulos do Rio de Janeiro, o periodismo de São Paulo encontrava seu lugar, ombreando-se com as tradicionais publicações da Capital Federal. Transformara-se no suporte possível para divulgação de autores nacionais, instrumento ideal para propaganda e publicidade de produtos do mercado e de políticos no poder. Simultanemente, esse mesmo periodismo, em particular as revistas, tornara-se abrigo da criação artística e de experimentos técnicos de toda ordem, sobretudo da fotografia, conformando-se em força poderosa, a serviço dos interesses de grupos, partidos e indivíduos.

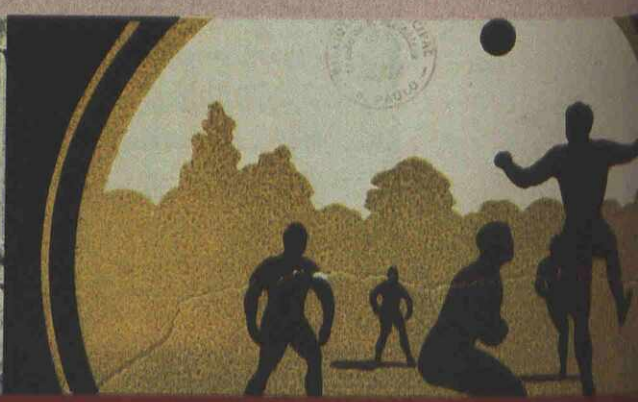
Percorrê-lo nas principais temáticas permite dimensionar sua propagação e apreender, ainda que *em revista*, o cotidiano confirmador da vocação paulistana, identificada com a especulação comercial. Vincou ainda mais sua imagem, agora explicitamente atrelada à voracidade do Progresso, na busca desenfreada do lucro, no culto do capital.

58. Fruto da associação do jornalista João Castaldi ao empreendedor Jocelyn Bennaton, recebeu posteriormente Eugênio Leuenroth, gráfico e jornalista. Em 1918, entrava Júlio Cosi e para a agência do Rio de Janeiro seguia Leuenroth, Juarez Bahia. *Apud* Ricardo Ramos, *op. cit.*, p. 29.

SIhi

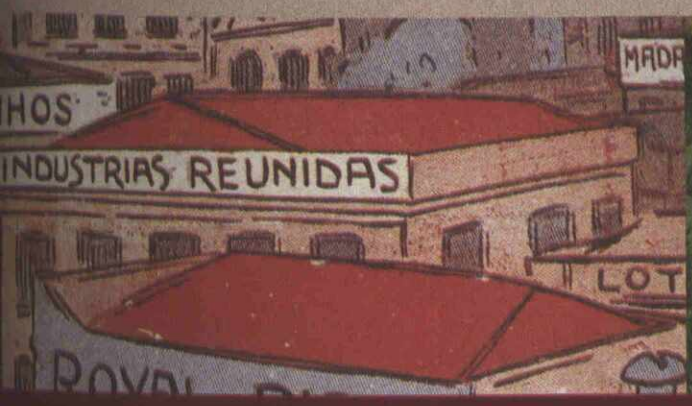
QUADRO VIII. REVISTAS ANUNCIADAS POR AGÊNCIAS (1920)
Leitura para Todos – Importante magazine que se publica na América do Sul. Editada no Rio. Ano, 20$000
Para Todos – Importante e artística revista semanal carioca, publicando em todos os números notícias cinematográficas e retratos das estrelas no *écran*. Ano, 20$000
O Malho – Importante revista carioca semanal. Assinatura anual, 20$000
O Tico-Tico – Semanário recreativo para as crianças. Ano, 15$000
Eu Sei Tudo – Luxuoso magazine carioca. Publicação semanal. Ano, 30$000
Fon-Fon e *Seleta* – Bem-feitas revistas semanais, cariocas. Ano, 20$000
A Careta – Interessante revista semanal carioca. Ano, 20$000
Revista Feminina – São Paulo – 15$000 por ano
Revista da Semana, D. Quixote, Criador Paulista, Revista da Língua Portuguesa, Brasil Médico, Brasil Agrícola, Avicultura Moderna, Brasil Ilustrado, União Farmacêutica
Auto-propulsão; Miscelânea; São Paulo Ilustrado; Monitor Mercantil; Revista dos Fazendeiros e qualquer outra revista de São Paulo e Rio de Janeiro.
Fonte: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jul. 1920.


LIBERDADE
EXTRAORDINARIO



PARTE II

Folheando as Revistas





5

Temáticas em Desfile



A maior prova de que o leitor de revista é um excelente consumidor é que ele já começa comprando a revista. [...] E pela revista que ele compra você consegue saber exatamente quem ele é, o que ele pensa, do que ele precisa[1].

1. Aner, Associação Nacional dos Editores de Revistas, *Veja*, São Paulo, abr. 1994, n. 1326, s/p.

Slhi

Intérprete de Utopias

No propósito de trabalhar na historicidade do próprio objeto elegemos, inicialmente, as tipologias de revistas de acordo com suas respectivas naturezas e nomenclaturas de época. A intenção foi baldada, pois ao trabalhá-las empiricamente, inferiu-se o anacronismo daquelas titulações, para a análise pretendida. Fator complicador estava na diversidade temática de uma mesma revista, conforme prática corrente naqueles primórdios de periodismo ilustrado, quando se fazia concessão de toda ordem para ampliar a vendagem. Nas volúveis chamadas de capa ocorriam mudanças freqüentes, presididas pela mera intuição de novo segmento consumidor, ou pela viabilidade de propostas temáticas alternativas submetidas, sobretudo, aos modismos sugeridos pelos periódicos estrangeiros.

O subtítulo *variedades* e *ilustradas* encontrava-se na maioria delas, como apelo conotativo de sua atualidade, garantindo o interesse do consumidor, ávido da informação ligeira, diversificada e, acima de tudo, *ilustrada*. Embora esses atributos caracterizassem aquele periodismo, tão afinado com o espírito da *belle époque*, configurando historicamente uma nova tipologia de publicação, essa abrangência impossibilitou o recorte específico das *revistas de variedades* e daquelas *ilustradas*.

De *variedades*, praticamente todas o eram, ainda que agrícolas, esportivas ou femininas e tantas, pois em seu interior os assuntos e as seções se diversificavam para agradar ao respectivo público-alvo e aquele que poderia ainda conquistar; *ilustradas*, nem todas, fosse pela exigências de recursos mais elevados, ou conhecimento técnico específico. No geral, contudo, a produção se valeu do uso da imagem, na sua maioria sob tratamento fotoquímico.

SIhi

Da mesma forma, as revistas *literárias* indiscriminaram-se e confundiram-se com aquelas de tipologias específicas. Ou melhor, a literatura se colocou em todo o periodismo da época, dado o vezo daquela geração, às voltas com poesia, prosa e muita paixão. Na sua maioria anunciavam propósitos literários, mas em seu interior apresentavam, sobretudo, ilustrações, notas sociais, crítica ou exaltação política, a infalível crônica e algum soneto. Diga-se que a sobrevivência de uma revista literária *stricto sensu* revelou-se então inviável, como se inferiu da *Revista Literária*, de 1895, dirigida por Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima, secretariada por Luís Carneiro[2]. Não obstante a colaboração de Zalina Rolim, Francisca Júlia, Escragnole Dória, Garcia Redondo, Júlio César da Silva, Valdomiro Silveira, Henrique de Barcelos e outros, desapareceu já no primeiro ano de vida, vítima de todos os males que acometiam empreendimentos extemporâneos em relação às demandas e/ou mercados: falta de público, improviso da iniciativa, precariedade de administração, irregularidade dos colaboradores, mais ainda por tratar-se de periódico semanal.

Quanto ao *humor*, se fez presente em grande parte daquela produção, sobretudo na quadra 1908-1922, com as figuras da oligarquia, disseminando-se por toda produção revisteira[3].

Não se perdeu de vista o extraordinário elenco de revistas *étnicas*, na maior parte em língua italiana; contudo, eximimo-nos de sua sistematização, também pelo volume quase incomensurável daquela produção mas, principalmente, pela proposta de trabalhar com as revistas de língua portuguesa, mais representativas do quadro local.

Também não foram esquecidas ou desconsideradas as publicações afetas às minorias e/ou comunidades de apreço relativo, naquele contexto. Embora com escopos diversos, podem ser incluídas na mesma chave as ditas *carnavalescas* e as *pornográficas*. As primeiras, vindo a público por ocasião das festas de Momo, sem constância de circulação, evidenciando a necessidade de quebra de normas da conduta padrão, naquela altura extremamente pesadas pelo contexto de racionalização do progresso, de comportamentos rígidos na sociedade que se queria civilizada. Quanto às segundas, a incidência foi restrita, em geral de pouca criatividade, de concepção grosseira, longe de algum exemplo como aquele d' *A Maçã*,

2. *Revista Literária, publicação semanal*, São Paulo, 1895, n. 7.
3. Ver Brás Ciro Gallotta, *O Parafuso: Humor e Crítica na Imprensa Paulistana, 1915-1921*, São Paulo, Mestrado PUC, 1997.

a especial publicação carioca, de conteúdo picante. Quanto às revistas *espíritas* e mesmo às *maçônicas*, constatou-se razoável número de títulos, de análise complexa, seja pela especificidade de seus temas como pelo caráter de periodismo complementar aos segmentos de consumo privilegiados, estes sim, objetos de cuidado neste texto.

A título de informação sobre classificações de época, consignamos a nomenclatura então utilizada, documento que expressa o entendimento que se tinha das temáticas abordadas. A sistematização de suas análises, todavia, processou-se por meio de critérios estabelecidos em conveniência com as tipologias priorizadas nesse estudo, ou seja, *agricultura, educação, laicização, esporte, religião, mulher, teatro, criança* e *operariado*. A reprodução do quadro de classificação da época, a seguir, é oportuna, em que pese a possível inexatidão numérica dos dados, seja pela relativa precariedade da produção periodística da época, e/ou dificuldade de coleta de informações pelo então *Departamento Nacional de Estatística*. O fato de ser alusivo a todo o Brasil, em se tratando de um trabalho sobre São Paulo, tem sua procedência. A contribuição paulista teve peso quantitativo e qualitativo, comparecendo com maior produção periodística segundo a posição geográfica. Em 1912, São Paulo era o primeiro colocado, com 341 periódicos e o Rio Grande do Sul, o segundo colocado com 124; em 1930, São Paulo repetia a liderança com 706 periódicos, seguido do Distrito Federal, com 524.

Várias são as ilações sugeridas por esses números, que podem ser trabalhados consoante o interesse de cada leitor. Para nossa análise específica, a fonte é particularmente rica de informes acerca da evolução de tendências temáticas, possibilitando alguns balanços a serem feitos[4]. Significativo, de pronto, o aumento de publicações religiosas, com mais de 188 títulos entre 1912 e 1930, em detrimento das literárias, com crescimento no mesmo período da ordem de mais de 79 títulos, em tempos de República que se pretendia laica. Notável o aumento das publicações científicas, que de um total de 58, em 1912, passaram a 212 em 1930, expressando a ampliação do quadro institucional científico que a República positivista procurou estabelecer; e o sintomático declínio das publicações de iniciativa maçônica, que perdiam terreno. Declínio que também deve ser visto com reservas, pois esses números podem decorrer, como já sugerido, da omissão nas informações da época e/ou deficiência na coleta de dados.

4. Estes balanços serão feitos no decorrer do capítulo, no tratamento específico das respectivas tipologias.

SIhi

QUADRO IX. PRODUÇÃO PERIODÍSTICA DO BRASIL (1912-1930)				
NATUREZA	1912	1930	DIFERENÇA	PORCENTAGEM
Noticiosos	882	1.519	+ 637	+ 72,2
Literários	118	297	+ 79	+ 151,2
Religiosos	84	272	+ 188	+ 223,8
Científicos	58	212	+ 154	+ 265,5
Humorísticos	57	99	+ 42	+ 73,6
Comerciais	23	82	+ 59	+ 256,5
Anunciadores	19	72	+ 53	+ 278,9
Almanaques	14	66	+ 52	+ 371,4
Esportivos	5	58	+ 53	+ 1.060,0
Corporativos		48	+ 48	
Oficiais	21	44	+ 23	+ 109,5
Agronômicos	23	34	+ 11	+ 47,8
Didáticos	8	33	+ 25	+ 312,5
Estatísticos	11	29	+ 18	+ 163,6
Espíritas	22	21	- 1	- 4,5
Históricos	7	14	+ 7	+ 100,0
Militares	6	11	+ 5	+ 83,0
Industriais	2	11	+ 9	+ 450,0
Infantis	1	11	+ 10	+ 1.000,0
Cinematográficos		10	+ 10	
Maçônicos	10	7	- 3	- 30,0
Marítimos	3	6	+ 3	+ 100,0
Filosóficos	3	3		
Total	1.377	2.959	+ 1.582	+ 114,9

Fonte: Estatística da Imprensa Periódica no Brasil, *op. cit.*, p. IV.

O surgimento das revistas corporativas, praticamente inexistentes em 1912, e totalizando 48 títulos em 1930, confirmava a especialização profissional e a estratificação social decorrentes da nova força de trabalho. Inegável a potencialização do comércio, se considerarmos em conjunto as revistas ditas *comerciais* e *anunciadoras*, essas em particular, revelando o avanço da propaganda, em função da necessidade de ampliação do mercado consumidor.

A descoberta do filão do periodismo infantil – registrando-se apenas um título em 1912 e totalizando 11 títulos em 1930 –, perfazia juntamente com as revistas esportivas o maior crescimento do mercado periodístico, da ordem de mais de 1.000,0 % e mais de 1.060,0 %, respectivamente.

Os dados do impresso pertinentes à indústria sinalizavam progressão da ordem de 450,0%, enquanto o setor agrícola, de fundamental importância para o País, resultava em crescimento modesto, da ordem de 47,8%. No caso de São Paulo, é lícito aventar uma justificativa para a tímida porcentagem das revistas *agronômicas*. As primeiras publicações desse segmento, geralmente de iniciativa oficial ou capitaneadas por grupo editorial de peso, não permitiram de imediato a criação de congêneres que competissem no mercado. As poucas existentes monopolizavam a matéria e a liderança das assinaturas. O *Boletim Agrícola* [1900] e a *Revista Agricola* [1906], empreendimentos do governo, criaram público cativo, dada sua gratuidade. Já *O Fazendeiro* [1907] e mais tarde a vitoriosa *Chácaras e Quintais*, absorveram o público leitor, respondendo durante muitos anos por essa fatia do mercado de periódicos, preferência acentuada do consumidor paulista. Em meio a estas, destaca-se a mais bem produzida, a norte-americana *La Hacienda*, editada especialmente para o mercado latino-americano, próxima de um *magazine* agrícola, tal o volume de ilustrações e seu caráter propagandístico. A importância da temática interessou aos editores estrangeiros e a revista *La Hacienda* ocupou esse espaço, veiculando tecnologia e produtos avançados da área, criando em paralelo as possibilidades de intermediar a importação.

A substituição do teatro pelo cinema é confirmada pela total ausência de revista cinematográfica em 1912 e o registro de dez revistas do gênero, em 1930.

Infere-se, pois, a abertura do século XX paulistano com mercado periódico em potencial, representativo da já diversificada segmentação de seu público, revelando práticas e comportamentos de grupos sociais, econômicos, ideológicos, religiosos, sindicais, femininos, pedagógicos, profissionais, étnicos, infantis e até carnavalescos, gama expressiva de que então se constitui a emergente sociedade paulistana, ávida de representação. A revista foi a intérprete fiel de suas demandas e, mais que isso, de seus sonhos, projeções e utopias.

Como critério expositivo das múltiplas tipologias periódicas foram priorizadas as temáticas privilegiadas pelo projeto republicano, seguidas daquelas que emergiram em razão da demanda conjuntural do novo Estado.

Nesse sentido, a seqüente exposição trata inicialmente das revistas *agrícolas*, de importante demanda no País rural. Prossegue com as *pedagógicas*, tema caro à Republica semi-implantada; as *institucionais*, de cunho laico; as *esportivas* que conheceram maior sucesso mercadológico; as *religiosas* que encetaram os respectivos proselitismos; as *femininas*, ampliadas pelas iniciativas da nova mulher; as

Slhi

teatrais, em transição para as cinematográficas; a emergente revista *infantil* e, finalmente, a produção paralela à imprensa burguesa, aquela da revista *operária*.

Não obstante muitos desses segmentos representarem-se por edições de efêmera duração, sua emergência, por si só, prenunciava a existência de grupo social, profissional ou cultural de relevo no mercado. Mais do que apontar as tendências do impresso periódico, as tipologias das revistas acabaram por enunciar as múltiplas dimensões da sociedade paulistana.

No País Agrícola: Revistas "Agronômicas"

Em 1890, a balança comercial do Brasil era representada pelos produtos agrícolas. Suas "indústrias", reveladas ao mundo por meio das *Exposições Industriais Internacionais*, divulgavam a produção de um País, até então, tocado a escravos. Entrando no século XX, o quadro exportador pouco variara.

Entre 1910 e 1914, a indústria paulista complementava modestamente a importação dos produtos industrializados e, até 1920[5], a despeito dos movimentos paredistas, particularmente em 1917 e 1919, ainda éramos um País agrícola. Não obstante a base da riqueza paulista advir do campo, o lavrador brasileiro lidava com técnicas primitivas no amanho do solo e cultivo dos produtos da terra. Mesmo o cafeicultor paulista do extremo-oeste do Estado, tido como inovador na mecanização agrícola, sustentáculo da república oligárquica, que freqüentava Paris e as *Exposições Internacionais*, mostrava-se refratário a aplicações econômicas que qualificassem e potencializassem seus negócios. A busca incessante do lucro fácil, justificava-lhe o não investimento em mão-de-obra especializada e/ou maquinário superior. O País rural não dispunha de escolas agrícolas e o encaminhamento de políticas para o setor permaneceu letra morta[6].

As gerações que cresciam no campo, praticamente sem estímulos e incenti-

5. Entre 1919 e 1923, o café permanecia em primeiro lugar, ocupando 58,8% da balança de exportação, seguido do açúcar (4,7%), do algodão (3,4%), da borracha (3,0%), de couros e peles (5,3%), e outros (24,8%). Ver Paul Singer, "O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional", em *HGCB*, São Paulo, Difel, 1977, t. III, vol. 1, p. 355.

6. Dec. n. 8.319, de 1910, com 519 artigos para a educação técnico agrícola não funcionou salvo com os *Patronatos Agrícolas*, Reg. de 1919, integrando o aluno ao meio rural, com cursos primários e profissionais. Ver Jorge Nagle, "A Educação na Primeira República", em *HGCB*, *op. cit.*, t. III, vol. 2, p. 275.

SIhi

vos, persistiam nos métodos tradicionais de cultivo, inclusive o das queimadas, a despeito dos insistentes alertas registrados desde o Império[7].

No quadro do periodismo, a agricultura era uma das temáticas que exigia iniciativas, área de conhecimentos por desvendar, campo profícuo para atrair leitores, posto que se tratava do mais representativo assunto para o País. As publicações então correntes – brochuras, folhetos e boletins estatísticos –, na sua maioria de caráter promocional, destinavam-se a divulgar o Brasil no estrangeiro, cooptando braços para a lavoura, com versões fantasiosas sobre a vida do trabalhador do campo. No mais, circulava leitura técnica, pouca aliás, sempre árida, na sua maioria boletins de governo[8].

Com exceção de reclames direcionados sobre a matéria, encartados em periódicos de cunhos diversos, as publicações estritamente agrícolas não foram inicialmente cogitadas por particulares como empreendimento. Em princípio, por não sugerirem pronto retorno mercantil. A começar pelo perfil do público alvo: fazendeiros voltados para a grande propriedade monocultora, em que a extensão das terras e mão-de-obra praticamente subvencionada isentavam-no de especular sobre formas de seu melhor rendimento. Acrescente-se ainda que homens do campo, na sua maioria avessos ao aprendizado teórico sobre a matéria, não tinham a leitura como hábito preferencial. Nem mesmo como simples hábito[9].

É possível inferir um corte nesse panorama de acomodação, a partir de 1895, como decorrência da crise no setor cafeeiro. À euforia da repentina subida de preços do café, entre 1886 e 1895, sobreveio uma baixa cotação internacional do produto, desarticulando fortunas, propriedades e trabalhadores do campo.

7. Francisco Peixoto de Lacerda Werneck [Barão Pati do Alferes], *Memória sobre a Fundação de uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro*, Brasília/Rio de Janeiro, Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985, pp. 59-60.
8. Títulos agrícolas de expressão que circularam no Império: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, 1881-1887; *Jornal do Agricultor*, Rio de Janeiro, 1881-1893; *A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1901-1912. Também cobria a matéria agricultura o *Retrospecto Comercial do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1874-1930. Quanto à província de São Paulo, registram-se: *O Indicador Paulistano*, órgão da Sociedade de Agricultura, São Paulo, Sociedade de Agricultura, 1854, publicação de vida efêmera, mas de acordo com Afonso de Freitas, "o primeiro jornal paulista que traçou e pôs em execução um plano racional e vasto de orientação e auxílio à lavoura", *op. cit.*, p. 1064; *O Industrial Paulistano*, Jornal da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio, e Artes, São Paulo, Typ. Litteraria, Rua do Ouvidor, canto da Rua São Bento, 1854. Órgão privativo da Sociedade Auxiliadora, tinha como diretor João do Espírito Santo Cabral; *Revista de Horticultura*, São Paulo, 1880, de propriedade do conhecido botânico Frederico de Albuquerque.
9. Carlos Eugênio Marcondes de Moura, *Inventários do Vale do Paraíba no Século XIX*, São Paulo, Condephaat, 1979, [mimeo], onde constam poucas bibliotecas, sem registro de obras e/ou revistas agrícolas.

A impossibilidade do fazendeiro manter o ritmo da produção, posto que coincidia com lavouras de café recém-plantado, que só seria colhido quatro ou seis anos mais tarde, alterou significativamente sua confortável posição, levando alguns ao colapso. A desordem registrada no campo, atingindo proprietário e mão-de-obra, demandou iniciativas de caráter oficial e providências particulares, que configuraram novas políticas agrícolas, implementadas, exatamente, pela oligarquia no poder, vinculada ao café e dependente da solução da crise.

Abalava-se a comodista tradição do lavrador brasileiro, apoiado na grande propriedade monocultora, na figura do comissário e no estilo perdulário de vida. Lidar com a nova situação exigiu um proprietário mais informado e atento, capaz de gerenciar mão-de-obra competitiva, vendas diretas de café aos escritórios estrangeiros, mecanismos para fornecimento de crédito, otimização da produção e, sobretudo, a necessidade de enfrentar o retalhamento da propriedade. Qualquer imprevisto interferia na produção, sobretudo as intempéries e pragas, que podiam pôr a perder toda uma safra, por conta da broca ou da geada.

Para esse novo fazendeiro, que a despeito de perdas ainda era um consumidor com bom poder aquisitivo, a necessidade de informação justificava o investimento no periodismo agrícola. Ou, conforme denominação da época, *publicações agronômicas*, voltadas para o homem da lavoura. Gênero inicialmente modesto mas que entre 1912 e 1930 conheceu um aumento de títulos, da ordem de 47,8%, visando atualizar o homem do campo, produzir conhecimentos, valendo-se de especialistas na matéria. Mais que isso, auferindo desse segmento, uma fonte de lucros.

Nesse sentido, indiretamente, as revistas agrícolas acabaram por ampliar o público leitor, habituando-o, pelo menos, à prática da leitura técnica. Em particular o reticente leitor masculino, alcançando até a leitora feminina.

Nos Bastidores da Oligarquia

À primeira vista resulta estranho que dois médicos, Dr. Carlos José Botelho e Dr. Luís Pereira Barreto, se colocassem à frente de uma das primeiras publicações da República voltadas para a lavoura: a *Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Pastoril e Agrícola*, cujo primeiro número circulou em 1º de junho de 1895[10].

10. *Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Pastoril e Agrícola*, São Paulo, 1895, n. 1.

SIhi

Ocorre que ambos perfaziam trajetória comum, com raízes no campo e passagem pelos centros avançados da Europa, descendentes de poderosas e tituladas famílias de agricultores do Império. Com seus patrimônios assentados na grande propriedade, já diversificando seus capitais, colocavam-se na vida pública como cidadãos, atentos às vocações particulares, envolvendo-se com os destinos do País. Carlos José Botelho, primogênito do Conde do Pinhal, graduou-se em medicina em Paris. Com fazendas na região da Baixa Paulista, voltou-se para investimentos agrícolas e zootécnicos, criou em 1892 o *Jardim de Aclimação* e *Zoológico de São Paulo*, primeiro posto zootécnico do Brasil. Fundou a *Escola de Agronomia Luís de Queirós* em Piracicaba, foi Secretário de Agricultura do Estado no governo de Jorge Tibiriçá, de 1904 a 1907 e Presidente Honorário da *Exposição Nacional do Rio de Janeiro*, em 1908[11].

Luís Pereira Barreto, de família de fazendeiros do Vale do Paraíba, cursou escola superior em Montpellier, passando para a Universidade de Bruxelas, freqüentando os cursos de medicina e ciências naturais. Doutorado em medicina, regressou ao Brasil, clinicando em Jacareí onde deu início aos experimentos com hibridação do café, que resultou na variedade *bourbon*, mais apta ao nosso solo. Atuante em campos diversos, positivista, foi Presidente da Assembléia Constituinte Republicana e membro do Senado paulista; em 1895 fundou a Sociedade de Medicina, embrião da Faculdade de Medicina de São Paulo; estudou as raças bovinas, especializando-se no caracu; desenvolveu experiências com sementes rústicas de uva européia, produzindo espécime apropriada para consumo no Brasil[12].

A *Revista Agrícola*, publicação mensal, de apresentação esmerada, sob a gerência de José Leite da Costa Sobrinho, reunia o que de qualificado havia no conhecimento científico da matéria. Na redação, além de Carlos Botelho e Luís Pereira Barreto, estavam Domingos Jaguaribe (substituído por Santos Werneck), Orville A. Derby, Theodoro Fernandes Sampaio, Barbosa Rodrigues, Gustavo R. Pereira D'Utra, Luiz V. de Sousa Queiróz, Bento de Paula Souza, H. von Hering. Em 1896 eram gerentes José Leite da Costa Sobrinho e Affonso A. Rudis, com endereço à rua da Quitanda, 15, sobrado. Em 1896, o redator proprietário era A. Gomes Carmo.

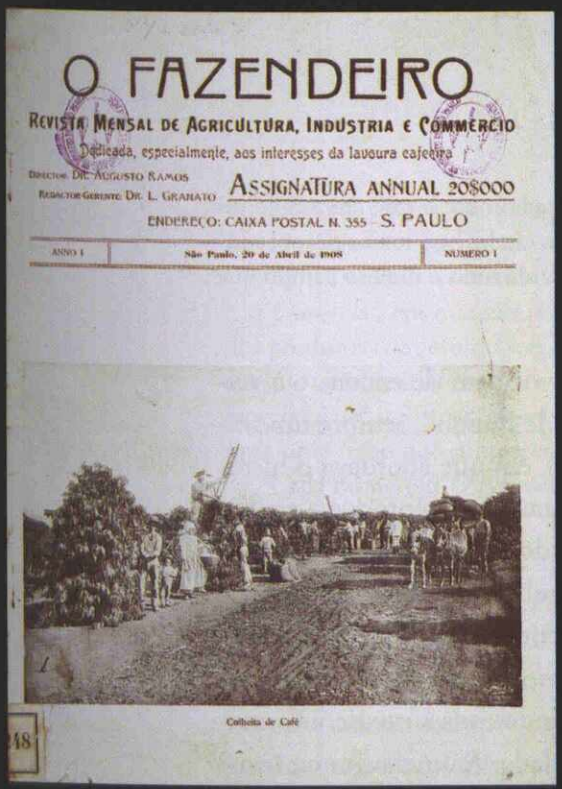
11. Francisco Malta Cardoso, "Augusto Ferreira Ramos e Carlos José Botelho", Separata da *Revista da Sociedade Rural Brasileira*, São Paulo, dez. 1948.
12. Aureliano Leite, *Retratos a Pena*, ilustrações de João de Brito, São Paulo, Tip. Bancária, 1929; Cândido Fontoura, *Evocação de Pereira Barreto*, São Paulo, 1957.

Nomes de biografias conhecidas, configuravam uma elite econômica e cultural paulista, em consonância com cientistas nacionais e estrangeiros, que desenvolviam em São Paulo trabalhos em campos afins, momento em que a geociência beneficiou-se de pesquisas de ponta na área. A começar pelo geólogo americano Orville A. Derby, formado na *Cornell University*, que viera ao Brasil, como assistente da *Expedição Morgan* [1870-1872]; após chefiar a *Comissão Geográfica do Império*, passou em 1879 a Diretor da 3ª seção do *Museu Nacional*, acumulando mais tarde o cargo com a chefia da *Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*, criada em 1886, por iniciativa de Antonio Carlos Arruda Botelho, Conde do Pinhal[13]. Para a mesma *Comissão*, a convite de Derby, veio o engenheiro-geógrafo Theodoro Sampaio[14].

Curiosamente, a revista sobreviveu à instituição que representava, pois dissolvida a *Sociedade Pastoril e Agrícola*, o periódico permaneceu, passando à propriedade particular e direção de Fernando Werneck, irmão de Santos Werneck. Numa clara opção mercadológica, visando ampliar o público leitor, alterava seu subtítulo para *Órgão da Lavoura, Indústria e Comércio*, preservando o mesmo quadro redator até 1907, último ano em que circulou como *Revista Agrícola*, pois, em janeiro de 1908, adquirida por Augusto Ramos[15], com gerência de Lourenço Granato, prosseguia sob o título *O Fazendeiro*, mais especializada ainda ao anunciar no subtítulo: *Revista mensal de agricultura, industria e comercio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira.* Augusto Ferreira Ramos, carioca, formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1882, provinha da administração Carlos Botelho, quando publicou o clássico relatório: *A Indústria Cafeeira na América Espanhola.*

O Fazendeiro, publicação de apresentação superior, em papel cuchê, fartamente ilustrada, vinha com artigo inaugural recorrente no periodismo, visando como tantos, "suprir uma lacuna":

13. Silvia F. de M. Figueiroa, *Um Século de Pesquisas em Geociências*, São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, 1985, pp. 9-14.
14. Sobre Theodoro Sampaio [1855-1937] ver Archimedes Pereira Guimarães, "Vida e Obra de Theodoro Sampaio", em *RIHGSP*, vol. LXVII, p. 187; Teodoro Sampaio, *São Paulo no Século XIX e Outros Ciclos Históricos*, São Paulo/Petrópolis, Secr. da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo/Vozes, 1978, pp. 15-54.
15. Augusto Ferreira Ramos, nascido em 1860, graduou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, turma de 1882. Ver Francisco Malta Cardoso; Augusto Ferreira Ramos e Carlos José Botelho, Separata da *Revista da Sociedade Rural Brasileira, op. cit.*, p. 4.



O FAZENDEIRO

REVISTA MENSAL DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

Dedicada, especialmente, aos interesses da lavoura cafeeira

DIRECTOR: DR. AUGUSTO RAMOS
REDACTOR-GERENTE: DR. L. GRANATO

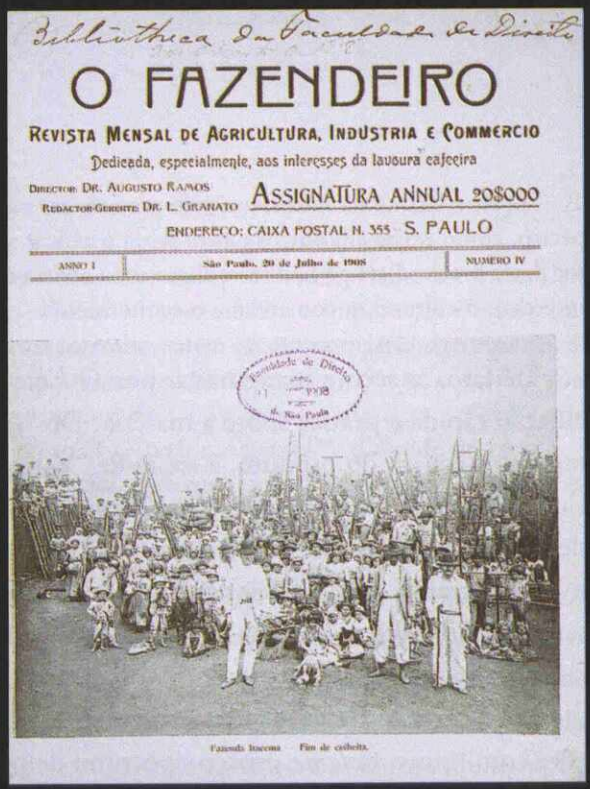
ASSIGNATURA ANNUAL 20$000

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL N. 355 — S. PAULO

ANNO I | São Paulo, 20 de Abril de 1908 | NUMERO I

Colheita de Café

1



Bibliotheca da Faculdade de Direito

O FAZENDEIRO

REVISTA MENSAL DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

Dedicada, especialmente, aos interesses da lavoura cafeeira

DIRECTOR: DR. AUGUSTO RAMOS
REDACTOR-GERENTE: DR. L. GRANATO

ASSIGNATURA ANNUAL 20$000

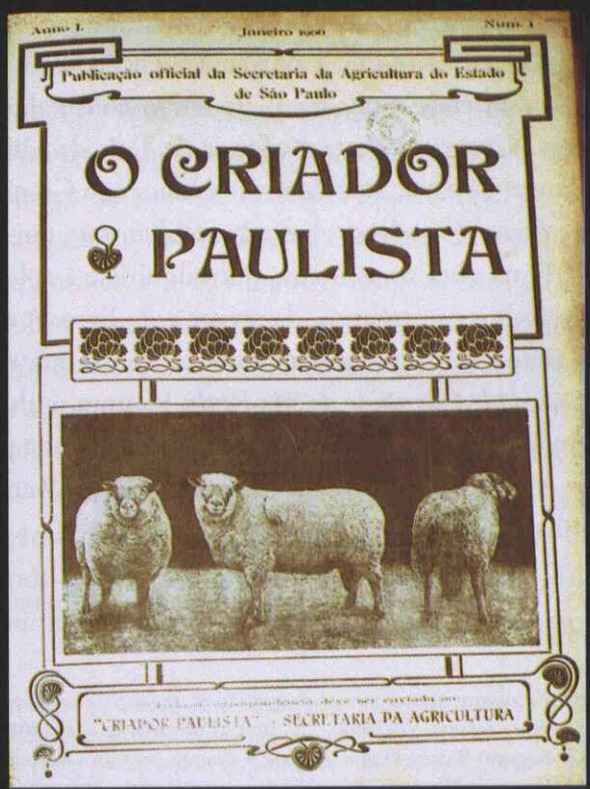
ENDEREÇO: CAIXA POSTAL N. 355 — S. PAULO

ANNO I | São Paulo, 20 de Julho de 1908 | NUMERO IV

Faculdade de Direito 1908 de São Paulo

Fazenda Itacema — Fim de colheita.

2



Anno I. Janeiro 1906 Num. 1

Publicação official da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo

O CRIADOR PAULISTA

"CRIADOR PAULISTA" — SECRETARIA DA AGRICULTURA

3

Periodismo Agrícola e Zootécnico • 1. *O Fazendeiro. Revista mensal de agricultura, indústria e commercio*, São Paulo, 1908, ano I, n. I. Continuação da *Revista Agrícola. Órgão da Sociedade Pastoril e Agrícola*, fundada em 1895. • 2. *Idem*, São Paulo, 1908, ano I, n. IV. • 3. *O Criador Paulista. Publicação Oficial da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1906, ano I, n. 1.

SIhi

Suprir a lacuna da inexistência de uma revista especializada sobre o café em amplo espectro, como existe em outros países sobre o açúcar, o fumo, etc [...] no maior país produtor desse precioso artigo não se conhece uma revista que abranja todo o imenso campo que interessa: o cultural, o comercial e o econômico[16].

De fato, as seções inauguradas por *O Fazendeiro*, vinham de encontro à veiculação rápida e prática sobre a matéria. Do "Artigo de Fundo", sempre um tratamento técnico do produto, à seção de "Variedades", em que abordava o histórico do café, passando pelas seções, "Revista das Revistas", que reproduzia artigos de similares, "Consultas" abertas a todos os interessados, "Calendário Agrícola" e "Bibliografia", essa relacionando novos títulos de obras da área – tornava-se também de interesse a uma gama diversificada de consumidores. Até porque, cumpria papel intermediário entre a *Secretaria de Agricultura* e o público, repassando gratuitamente livros técnicos e sementes, cobrindo toda sorte de informações com muito *reclame*, espaço oportuno de publicidade. Anunciavam na revista, a *Casa Fuchs*, de artigos para o campo; *Adubos Bruggeman*; *Pereira & Cia*, máquinas agrícolas; *Cia. Importadora de São Paulo*, para beneficiamento de café; *Dr. Luiz Picollo*, médico veterinário; não podendo faltar o *Grand Bazar Parisien*, estabelecimento que servia àquela clientela.

Mantendo a qualidade do corpo editorial, escreviam em 1908, Augusto Ramos, Germano Vert, professor da Luís de Queiróz, Everardo de Souza, Paulo Rangel Pestana, Dias Martins e Lourenço Granato. Este último, autor da *Coleção de Breves Tratados de Agricultura Elementar*, em 10 volumes, oferecia desconto de 10% na obra ao assinante que adquirisse a coleção, recurso estratégico de venda de ambos os produtos, da revista e do livro. A sobrecarga de funções de Augusto Ramos[17] e o tino comercial de Granato, que era também diretor da *Revista da Sociedade Científica de São Paulo*, levaram o último à aquisição de *O Fazendeiro*, em 1910, passando de gerente e colaborador a proprietário. Ao encetar a primeira edição do ano III, em janeiro de 1910, Granato anunciava o seguinte programa de trabalho:

Publicar artigos dos mais competentes profissionais sobre os diversos ramos da técnica rural e manter as "Seções":

16. *Fazendeiro, revista mensal de agricultura, indústria e commercio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira*, São Paulo, Tip. Brazil Rothchild & Cia, 1908, I, 1.
17. Augusto Ramos dirigiu *Lavoura e Criação*, mensário na qual teve como companheiros Eduardo Cotrin e Fernando Werneck, cujo primeiro exemplar data de outubro de 1916.

Especial, relativa ao nosso principal produto, o CAFÉ;
De *Consultas* que forem redigidas à redação pelos nossos assinantes;
De *Variedades*, contendo numerosos conselhos aos agricultores, criadores e industriais;
Comercial, em que são postos em evidência o commercio, a importação e exportação dos produtos com estudo sob os diversos mercados; além de um noticiário circunstanciado em que virão reunidos os fatos mais importantes decorridos durante o mês, contendo com especialidade informações sobre o movimento da colonização e imigração e, finalmente, mais uma seção que compreenderá o nosso "Calendário Agrícola" e o estudo do tempo.
Cada número d'*O Fazendeiro* será ilustrado com numerosos clichés originais e com estampas coloridas[18].

Nada mais oportuno para o homem que dependia do campo, do proprietário ao colono, uma vez que ali também se colocava o debate sobre imigração, com os dramas que carregava, do mau cumprimento de contratos ao abandono das terras pelo colono, sempre em busca da frente pioneira, mais promissora. Atingia, igualmente, o capitalista empreendedor do setor cafeeiro e as companhias exportadoras, tornando-se impresso inestimável no quadro da economia da época. Ao transformar-se em *O Fazendeiro*, após treze anos de existência, duração longa em termos de periodismo, acabara por conformar um novo mercado leitor, representado pelo homem do campo, mas não só. Comerciantes diversos ali anunciavam, enquanto a publicação atingia especuladores econômicos em geral, não obstante vir de encontro ao predomínio monocultor do País, voltado para o café. Em última instância, *O Fazendeiro* era uma revista exclusiva sobre o café.

Anos mais tarde, em 1915, na diretoria de Navarro de Andrade, a excelência da publicação era mantida, registrando-se, em 1916, entre outros nomes de valor, a colaboração de Monteiro Lobato, ainda fazendeiro, em vésperas de tornar-se editor, com a matéria *O Aproveitamento Integral da Laranja*. Conforme seu tom, o artigo primava pela crítica ao mau aproveitamento dos produtos da terra, confirmando o fascínio que já se-lhe delineava pelos EUA[19]. Em 1921, circulou o último número conhecido de *O Fazendeiro*.

Vale lembrar que a publicação – fosse como *Revista Agrícola*, a partir de 1895, ou como *O Fazendeiro*, após 1908 – testemunhou e registrou as vicissitudes da economia cafeeira, em momento histórico de importância para o setor

18. *Fazendeiro, revista mensal de agricultura, indústria e commercio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira*, São Paulo, Tip. Brazil Rothchild & Cia, rua 15 de Novembro 30, 1910, III, 1.
19. Monteiro Lobato, "O Aproveitamento Integral da Laranja", *O Fazendeiro*, ano IX, n. 12, dez. 1916, p. 251.

A Cobertura dos Grandes Eventos • *O Fazendeiro. Revista mensal de agricultura, indústria e commercio.* São Paulo, 1908, n. 5.



e para o País. O Brasil ainda era o café. A dependência do produto estendia-se à vida nacional, determinando o andamento dos demais segmentos econômicos, da agricultura ao comércio e à indústria. Seu lançamento em 1895, se dera em momento auspicioso para a cultura cafeeira e para o País. O Brasil produzia cerca de 70% do café mundial, o que lhe permitia exercer uma influência poderosa na oferta; sustentava a economia brasileira, representando mais de 3/5 de suas fontes de divisas enquanto as terras paulistas, sobretudo após o desbravamento da região da terra roxa, representavam o maior foco da produção cafeeira da Federação. No ano seguinte, a surpresa: a cotação internacional baixara drasticamente, reduzindo em muito os lucros do cafeicultor e a renda da balança de exportação.

Nesse contexto, a *Revista Agrícola*, criada para registrar as benesses daquela cultura, passou a retratar as dificuldades do setor, o que a tornou, inclusive, ainda mais oportuna no mercado. A trajetória do periódico, acabou por desenvolver-se correlata à crise da baixa de preços, à seguinte de superprodução, de 1900 a 1905, que teve no *Convênio de Taubaté* o casuístico desfecho. Sobreviveu aos tempos difíceis da guerra, driblando a crise do papel, veiculando sempre os problemas candentes da cultura cafeeira e alinhando-se aos interesses do grupo que representava, isto é, a elite cafeicultora.

Os impasses da imigração, o êxodo dos colonos, a difícil implantação dos núcleos coloniais particulares, os passos da mecanização da lavoura, a necessidade de diversificação de culturas e, sobretudo, a luta para o fracionamento da grande propriedade, foram algumas das temáticas do cotidiano agrícola documentadas em suas páginas, nas quais se infere oscilação de tratamento, na sua maioria conveniente às propostas do governo oligárquico.

Diga-se que a discussão imperiosa sobre o retalhamento do latifúndio e a importância da pequena propriedade marcou boa parte de sua linha de publicação. Quando da baixa repentina do café, que resultou em excesso de braços para a lavoura, a proposta do governo, de fragmentação das terras e sua aquisição pelo pequeno trabalhador agrícola, foi encampada pela *Revista Agrícola*, já em 1898 – como endosso à política oficial –, alegando ser a única forma de fixar o colono ao País.

[...] só assim conseguiremos que o colono italiano se fixe em solo paulista como lavrador, em lugar de partir com suas economias [dinheiro do Brasil] para a Itália e [...] repúbli-

cas do Prata, onde se estabelece como proprietário rural, com o dinheiro ganho aqui no cultivo do café[20].

Nessa mesma questão alinhou-se com o governo, quando, em 1907, Carlos Botelho, então Secretário da Agricultura do Estado, colocou em discussão o papel potencial da pequena propriedade, sobretudo com vistas à redução da mobilidade geográfica dos trabalhadores rurais. Papel enfatizado mais tarde, em 1920, como plataforma de governo de Washington Luís, ele também um representante das elites proprietárias:

> É dever do governo apressar-se em colaborar nessa transformação [...]. Não é uma revolução que aconselho; é uma evolução que já está se realizando, e que só não enxerga quem não quer ver[21].

A *Revista Agrícola* esteve igualmente com a oligarquia, quando esta foi ameaçada pelo Decreto 1090, que impunha taxas para ocupação de terras virgens, dificultando seu avanço para a frente pioneira[22]. A ampla cobertura dada pela revista ao Congresso de 1903, que reuniu na cidade de São Paulo "um milhar de fazendeiros"que se opunham à lei, demonstrava, por vias indiretas, o compromisso exclusivo do periódico para com o cafeicultor. A *falta de braços para a lavoura*, reiterada queixa dos fazendeiros, mereceu ali grande espaço, sobretudo, ao registrar-se nova escassez de mão-de-obra após a Primeira Guerra. Em 1919, a revista denunciava que a força de trabalho estava um terço abaixo dos níveis adequados e que 60.000 famílias de colonos eram necessárias para trabalhar na lavoura do café.

Sabe-se hoje que essa reivindicação nada mais foi que meio de pressão para uma permanente obtenção de subsídio disfarçado, quando a formação de fazendas transformou-se num novo e grande negócio, pois como inferiu Souza Martins, "além de produzir café, o fazendeiro passou também a produzir fazendas de café"[23].

20. *Revista Agrícola, op. cit.*, 1898, p. 98.
21. Thomas H. Holloway, *Imigrantes para o Café. Café e Sociedade em São Paulo. 1886-1034*, São Paulo, Paz e Terra, 1984, pp. 190-195.
22. A taxa era de dois contos de réis para cada alqueire ou fração de terra plantada pela primeira vez, enquanto velhos cafezais ou cafeeiros mortos em cafezais existentes podiam ser substituídos sem penalidade. Ver Thomas H. Holloway, *op. cit.*, p. 144.
23. José de Souza Martins, *O Cativeiro da Terra, op. cit.*, p. 68.

Fechando o círculo de sucesso, o periódico revelava-se propagandista eficaz, espaço recorrente de anunciantes de produtos agrícolas e afins. Nascida à sombra do poder e presidida pelo interesse dos proprietários, a *Revista Agrícola* e sua continuadora, *O Fazendeiro* serviram àquela facção, tornando-se capciosamente sua porta-voz, atuando em favor dos interesses do grupo que a sustentava, sobretudo quando ameaçado. Inegável, porém, sua competência ao tratar de temas técnicos pertinentes às lides agrícolas, posto que a maioria de seus colaboradores provinha de instituições culturais qualificadas.

Revista Agrícola e *O Fazendeiro* representam exemplares vitoriosos no quadro periodístico de São Paulo. O forte vínculo com o grupo ligado ao poder central, símbolos da oligarquia paulista, explica sua permanência no mercado por mais de duas décadas, duração invulgar, ainda que a serviço do fundamento de nossa economia. Até porque, suas congêneres, não obstante trabalharem com a mesma matéria, sem o apoio poderoso de figuras do sistema, não se sustentaram e sucumbiram em curto lapso de tempo.

Vale lembrar a breve circulação do *Boletim de Agricultura*[24], impresso na Tipografia do Diário Oficial, em 1900, órgão do governo republicano que estampava na capa de papel jornal a referência ao ano XII da República. Como única ilustração, sob o título de República dos Estados Unidos do Brasil, a esfera com as estrelas e a faixa *Ordem e Progresso*; ou aquela outra revista denominada *L' Amico de Lavatore*[25], *orgam del secretariato dei coloni italiani* com sede na rua Rego Freitas 65, onde se instalava o secretariado da colônia italiana. Mensal, com direção do proprietário Padre Guglieme Paulini, era redigido em italiano e publicava-se com *permissione dell'autorita ecclesiastica.*

Nesse periodismo agrícola ressaltou de grande utilidade o lançamento de pequenos jornais, alguns patrocinados pelas casas comissárias, como *O Café*, de 1902[26], semanário comercial, iniciativa da Casa Comissária Raul Rezende de Carvalho & Irmão, da qual fazia parte, como solidário, o Tenente Coronel Getúlio de Carvalho, agricultor no município de São Simão. Extremamente técnico, seu conteúdo voltava-se para cotação de preços do produto e respectivo câmbio, quadro demonstrativo de suas oscilações, movimento nos mercados estrangeiros, fretes marítimos, cotações por tipos americanos, anúncios de firmas

24. *Boletim de Agricultura*, São Paulo, Tip. do Diário oficial, 1900.
25. *L'Amico de Lavatore*, São Paulo, 1902, em Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 903.
26. *O Café*, São Paulo, 1902.



S. Paulo, Domingo, 9 de Fevereiro 1902 — Anno I — Num. 39

O Café

Dr. Angelo Pinheiro Machado — Avaro

SEMANARIO COMMERCIAL

da Casa Commissaria Raul de Rezende Carvalho & Irmão, *Rua da Conceição N. 62* — S. Paulo, Caixa Postal 102

CAFÉ E CAMBIO

SANTOS	Semana de 3 á 9 de Fevereiro				Semana de 27 de Janeiro a 2 de Fevereiro			
	Cotação por 10 kilos Good Average	VENDAS	ENTRADA	EMBARQUE	STOCK	Cotação por 10 kilos Good Average	VENDAS	ENTRADA	EMBARQUE	STOCK
Segunda feira	4$600 c.	15.000	50.393	11.977	1.245.502	4$600 c.	23.000	31.882	18.352	1.207.893
Terça »	4$700 c.	20.000	28.247	23.781	1.249.968	4$700 c.	20.000	27.301	34.402	1.200.792
Quarta »	4$700 c.	18.000	32.027	30.580	1.251.495	4$600 c.	20.000	28.698	32.490	1.196.590
Quinta »	4$700 c.	10.000	28.161	16.819	1.262.849	4$700 c.	20.000	32.931	27.025	1.201.378
Sexta »	4$600 c.	15.000	29.056	32.430	1.259.505	4$700 c.	18.000	31.283	13.742	1.218.922
Sabbado	4$700 c.	10.000	21.146	30.416	1.250.235	4$600 c.	20.000	15.403	16.250	1.218.156
Total Santos		98.000	178.092	175.953	—		138.000	166.513	142.263	—

RIO	Cotação por 10 kilos Type 7	VENDAS	ENTRADA	EMBARQUE	STOCK	Cotação por 10 kilos Type 7	VENDAS	ENTRADA	EMBARQUE	STOCK
Segunda feira	7$000	12.000	23.903	1.500	609.978	7$000	2.000	28.599	3.000	570.906
Terça »	7$000	18.000	9.563	1.300	600.241	6$900	4.000	23.018	4.561	588.484
Quarta »	7$000	10.000	11.795	3.982	617.424	6$900	5.000	16.556	13.267	591.773
Quinta »	7$000	6.000	10.816	9.939	618.301	7$100	8.000	12.936	14.879	583.530
Sexta »	7$000	3.000	10.493	10.982	618.312	7$000	6.000	16.876	28.357	573.040
Sabbado	7$100	6.000	8.947	14.881	612.377	7$000	4.000	14.000	9.065	578.584
Total Rio		56.000	75.507	41.713	—		29.000	101.185	73.078	—
Total Santos e Rio		157.000	253.599	217.666	1.867.612		167.000	267.198	215.338	1.796.730

	Taxa Cambial			Valor correspondente á libra em				
	MANDOS	SIGHTS	VISTA	NOMINAL	HAMBURGO	PARIS	ITALIA	USA
Segunda feira	11 1/32	11 3/32	11 1/4	21.333	4.201	1.046	847	827
Terça »	11 1/32	11 3/32	11 1/4	21.333	4.201	1.046	847	827
Quarta »	11 1/32	11 1/32	11 1/32	21.300	4.196	1.049	850	830
Quinta »	11 1/32	11 1/32	11 1/4	21.333	4.201	1.046	847	827
Sexta »	11 1/32	11 1/32	11 1/4	21.098	4.156	1.035	838	818
Sabbado	11 1/32	11 1/4	11 3/8	21.215	4.179	1.041	843	823

CASA AMERICANA

Gen. Geral I. Rua Theatro, 41 a 45 S. Paulo

REVISTA AGRICOLA

ORGAM

da Lavoura Industria e Commercio

FERNANDO WERNECK

LION & C.ia

Importadores de:

Arame farpado, Cano de ferro galvanisado e preto, Cimento Portland, Ferro e aço, Arados e Carpideiras, Oleo para machinas, Correias Balaio, etc.

LION & C.ia

Rua do Commercio n. 8 — S. Paulo.

Café, Propaganda e Publicidade • *O Café. Semanario Commercial.* São Paulo, 1902, ano I, n. 39.

de corretagem, anúncios agrícolas. Em suas páginas, reclames da *Loteria de São Paulo*, *Herman Theil*, importação de encanamentos para águas e esgotos, óleos para máquinas e inclusive, anúncio da *Revista Agrícola*, na fase de Fernando Werneck, indício de que o jornalzinho era bom propagandista. O elegante clichê que ilustrava seu título e a didática diagramação faziam do veículo, não obstante sua limitação a quatro páginas, um instrumento de consulta rápida e útil. Em 11 de dezembro de 1902, vinha a público o semanário *União dos Lavradores, Órgão da Sociedade União dos Lavradores de São Paulo*[27], com apenas quatro páginas, distribuído gratuitamente aos interessados, redigido pelo Dr. Domingos Jaguaribe.

Iniciativas estrangeiras tentaram o segmento promissor. Em 1906, circulou o já citado *O Mercúrio*, revista de propaganda comercial de café, pertencente a um grupo exportador. No ano de 1913, mais dois títulos, ambos bilíngües: *L'Agricultura Paulista*[28] e *A Evolução Agrícola*[29]. A primeira, mensal, em português e italiano, tinha como diretor Luigi Paladino; a segunda, em francês e português, de propriedade de George Leon, contava com Gustavo d'Ultra na direção.

Todavia, uma lacuna, efetivamente, se observava no mercado: a ausência de publicações zootécnicas, posto que muitos proprietários já se envolviam, em escala competitiva, com aclimatação e criação de raças de gado, suínos e eqüídeos. Oportuno, pois, o lançamento em janeiro de 1906, de uma segmentação na publicação para o consumidor do campo, *O Criador Paulista*[30], iniciativa oficial da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Por trás do empreendimento, mais uma vez, Carlos José Botelho, então secretário da respectiva pasta e um dos maiores criadores do País, pioneiro na experiência de aclimatação de raças variadas, nos moldes da experiência francesa, origem do atual *Parque da Aclimação.*

O *Criador Paulista*, de periodicidade mensal e de acordo com o artigo de fundo, apresentava-se como "complemento lógico e natural das Exposições Regionais e dos Postos e Concursos Zootécnicos", tão em voga na época. Vinha com proposta detalhada para implementar o setor zootécnico.

27. *União dos Lavradores, Órgão da Sociedade União dos Lavradores de São Paulo*, São Paulo, 1902. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 914.
28. *L' Agricultura Paulista*, São Paulo, Tip. Pocai-Weiss & Cia., Rua João Adolpho 60, 1913, em Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1096.
29. *A Evolução Agrícola*, São Paulo, Tip. Pocai-Weiss & Cia., R. São João 280, 1913. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1065.
30. *O Criador Paulista*, São Paulo, Tipografia Ideal de Fratelli Conton, 1906. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 997.

a. Orientar e impulsionar a criação e as indústrias correlativas.

b. Fornecer aos criadores informações técnicas que lhes possam ser úteis.

c. Tornar conhecido o estado atual da criação paulista e das indústrias correlativas.

d. Dar publicidade a todos os atos oficiais que interessam às exposições, os concursos hípicos, os postos zootécnicos, as importações de animais, etc.

e. Ser a tribuna acessível a todos os que, no interesse geral, queiram externar seus conhecimentos, suas impressões e seus conselhos a respeito da criação paulista e indústrias correlativas[31].

A revista foi bem recebida, até pela distribuição gratuita que se dava em São Paulo; para os demais estados, a assinatura anual era de 10$000, valor módico; ainda podia ser trocada por revistas congêneres. De aparência luxuosa, impressa em papel cuchê, com capa ricamente ilustrada, formato 23,20cm x 32,20cm, páginas a duas colunas, foi bem aceita inclusive no estrangeiro. O editorial de dezembro de 1907 dava conta de que sua tiragem aumentara e a procura era grande[32]. Rica em anúncios, estampados a custo zero, o periódico cumpria, de fato, seu propósito de órgão propagandístico. A colaboração de G. Plantade e outros garantia sua qualidade.

Nessa altura, com a imagem do País absolutamente identificada com o café, já havia condições de investimentos publicitários sobre a matéria. Sucedem-se folhetos, jornais de edição única, com o exclusivo fito de divulgar o produto e seus correlatos, como se observou n' *O propagandista do café, jornal de propaganda comercial dos produtos da Torrefação Higiênica do Café Bom Gosto*[33], de propriedade de Stefanini & Paraventi, que circulou em edição única a 28 de setembro de 1907.

Todavia, cabe ressaltar que até 1907, no "País do café", do "ouro verde", do "elixir dos trópicos", das dez maiores firmas exportadoras do produto, só a *Prado Chaves* era brasileira. A praça de São Paulo atraía escritórios estrangeiros, que se desdobravam em representações comerciais de serviços e produtos diversos. Daí a pertinência, em 1910, de uma revista norte-americana de teor agrícola, com edições voltadas para o Brasil, especialmente São Paulo: *La Hacienda, revista mensal illustrada sobre agricultura, criação de gado e indústrias rurais*[34].

31. *O Criador Paulista, op. cit.*, ano I, n. 1, *apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 997.

32. *Idem*, 1907, n. 24.

33. *O propagandista do café, jornal de propaganda comercial dos produtos da Torrefação Higiênica do Café Bom Gosto*, São Paulo, Tip. Duprat & Cia., 1907.

34. *La Hacienda, revista mensal illustrada sobre agricultura, criação de gado e indústrias rurais*, Buffalo, NY, La Hacienda Company, 1907. Sua sede achava-se no imponente edifício Prudential Building, na Church and

Bilíngüe, em português e espanhol, visava o amplo mercado sul-americano, em que o Brasil comparecia como cliente mais forte. Sua distribuição, por agentes, alcançava Maceió, Manaus, Salvador, Fortaleza, Vitória, Corumbá, São Luís do Maranhão, Belo Horizonte, representada pelo Banco de Crédito Real de Minas Gerais; Belém, Mamanguape, na Paraíba, Curitiba, Recife, Rio de Janeiro, onde era representada pelo Banco Nacional Brasileiro; Natal, Porto Alegre, Florianópolis, Aracaju, e naturalmente, São Paulo. Atingia ainda parte do mercado de língua portuguesa, com agentes nos Açores, Cabo Verde, Ilha da Madeira, Portugal[35].

Para seus padrões de alto luxo, amplamente ilustrada, em papel cuchê brilhante, vinha com custo médio, dado que a assinatura anual para o Brasil saía por 12$000, valor módico se comparado às nacionais, nitidamente inferiores no projeto gráfico e editorial. A questão econômica e mercadológica era bem resolvida, pois a publicação resultava num grande e sedutor catálogo de atacadistas internacionais, que divulgava a venda por reembolso, confirmando o avanço dos meios de comunicação e propiciando veiculação ampla, otimizando as relações mercantis.

O consumidor paulista – sobretudo o paulistano – encontrava ali anunciado tudo que comportava sua voracidade de consumo. Desde faqueiros, pianos, mobiliário para banheiro de porcelana esmaltada *John Simmons*, máquinas de escrever *Underwood*, discos e gramofones *Victor*, até caminhões cobertos e tratores, arados de disco, implementos agrícolas em geral. E quinquilharias, bem ao gosto da época, repletas de anúncios de vitrines para coleções, fatuidades que resultavam em tantos gabinetes de novidades, também ao gosto do espírito de colecionador, comum à época[36].

Para exposição da própria revista *La Hacienda*, habilmente, anunciavam a encadernação de luxo, após um ano da coleção completa. E mais: estampavam para venda o modelo de estante concebido para a coleção, as famosas de várias tampas que se encaixavam, produzidas pela *Gunn Furniture Company*.

Certo que, em se tratando de editoração estrangeira, não parece plausível sua análise como referência do periodismo nacional. Contudo, sua recuperação é opor-

Pearl Streets, em Buffalo. Compunham a diretoria: Willian F. Wendt, presidente, comendador da Ordem Civil do Mérito Agrícola na Espanha; Henry W. Wendt, vice-presidente; Albert W. Bayard, gerente.

35. *La Hacienda*, *op. cit.*, 1907, n. 1, p. 2. O último número conhecido é de 1944, vol. 39.
36. Maria Izabel Meirelles Reis Branco Ribeiro, *O Museu Doméstico, São Paulo, 1890-1920*, São Paulo, Mestrado ECA, 1992 [mimeo.].

tuna, não só para cotejo de concorrentes do mercado nacional, como para avaliar as dimensões de nosso consumo e os mecanismos daquele periódico para estimulá-lo. Em particular na veiculação publicitária da cidade de São Paulo.

O volume VI, n. 17, de setembro de 1910, trazia na capa uma fotografia da Rua São Bento, com o bonde elétrico em primeiro plano, subscritada a legenda:

Rua de São Bento, São Paulo, Formosa Cidade do Brazil
O Maior Mercado de Café do Mundo

Com essa ilustração e mensagem de forte apelo mercadológico, a cidade de São Paulo chegou aos mais longínquos recônditos por onde circulava a revista, reforçando, por meio do periodismo, o imaginário sobre o progresso paulista.

Neste periodismo agrícola, contudo, sucesso maior estava reservado a uma publicação, de feitura mais modesta, contudo, pertinente à demanda do País que passara a viver a experiência da pequena propriedade. Tratava-se de *Chácaras e Quintais*, a revista de maior alcance no gênero, que pela sua abrangência, merece algumas considerações.

Chácaras e Quintas: Um Fenômeno de Leitura

Em 1º de janeiro de 1910 era lançada a revista *Chácaras e Quintais*[37], de propriedade e direção do Conde Amadeu A. Barbiellini. Sua oportunidade, fosse pela apresentação esmerada e conteúdo ao alcance de todos, marcada por artigos leves, inspirou Júlia Lopes de Almeida, uma das mais populares escritoras da época, a tematizá-la em seu romance *Correio da Roça*. Esta obra, pontuada pela correspondência entre duas mães de família, pôs em relevo a valorização da pequena propriedade, conduzindo os ensinamentos para seu trato, pelos artigos veiculados pela revista *Chácaras e Quintais*. Um pequeno recorte daquela correspondência ilustra seu potencial publicitário:

> Maria,
> [...] Sem ser proprietária rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brasileira – *Chácaras e Quintais* – que me dá algumas informações preciosas, as quais, se aceitares o meu plano, te irei transmitindo nas minhas cartas, a pouco e pouco. [...]
> Fernanda[38]

37. *Chácaras e Quintais*, São Paulo, Amadeu A. Barbiellini, 1910. Ver Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1065.
38. Júlia L. de Almeida, *Correio da Roça*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933, p. 17.

O resultado foi benéfico para ambos, autora e editor, e a oportunidade mercadológica não poderia ter sido melhor. *Correio da Roça*, sucesso de venda, com inúmeras tiragens, resultou em propaganda certeira para *Chácaras e Quintas*, afirmando Barbiellini, que o livro valia por um verdadeiro Ministério da Agricultura na divulgação correta da prática agrícola.

Concomitantemente, a obra deflagrou uma relação inédita entre o homem do campo e sua propriedade, mais sintomaticamente entre a mulher educada e a vida rural. Fenômeno de venda, na 3ª edição, a autora acrescentava-lhe novo prefácio, no qual noticiava seu percurso de sucesso. Sucesso não só de leitura, mas de aplicação efetiva das lições que veiculava, em que dava conta da potencialidade da terra voltada para o engenho do homem, valorizando as possibilidades da pequena propriedade e viabilizando empreendimentos de baixo custo com bom rendimento.

Da revista para o livro e do livro para a revista, o circuito foi amplamente freqüentado. Não fosse a distância de universos de Júlia Lopes e Barbiellini, até se poderia cogitar de obra de encomenda, propaganda indireta e certeira do empreendimento periódico, habilmente encetado. Configurava-se ali, numa publicação agrícola, segmento até distante do espectro de público leitor da época, a intermediação da revista nas práticas de leitura daquele momento. Revista, gênero que se interpunha entre o jornal e o livro, alcançando agora público feminino e masculino.

Em 1972, Paulo Duarte, familiarizado com o periodismo e contemporâneo de *Chácaras e Quintais*, insistia em seu significado, arrolando-a entre as revistas importantes, não apenas como publicação agrícola, mas como marco do periodismo da época, enquanto confirmava a anterior liderança da estrangeira *La Hacienda*. O balanço de Paulo Duarte é elucidador do significado dessa temática periódica:

> Em 1910, [...] aparecia em São Paulo uma excelente revista agrícola que ainda existe, *Chácaras e Quintais*, editada por Amadeu Barbielini. Até então o órgão por assim dizer oficial dos agricultores era uma publicação norte-americana, que dava uma edição também em espanhol: *La Hacienda*. É preciso não esquecer que existia já uma excelente revista agrícola, *O Fazendeiro* [1908], de Augusto Ramos e Lourenço Granato, que teve vida relativamente longa; que a Secretaria da Agricultura de São Paulo iniciara já a publicação de folhetos e monografias dedicados exclusivamente à Lavoura, mas é preciso não esquecer também que *Chácaras e Quintais*, pela sua constância e pontualidade, foi quem iniciou a libertação agrícola da imprensa estrangeira, pois só mais tarde as publicações oficiais e outras teriam o prestígio necessário a influenciar realmente o interior do Estado, como aconteceu com aquela Revista, cuja penetração, mercê de sua organização e dos ensinamentos dados de maneira

A Confirmação do Empório Comercial • A publicação *La Hacienda*, de origem norte-americana, bilíngüe, visava atingir o mercado da América do Sul em expansão, divulgando produtos industrializados para consumo, a exemplo de um grande catálogo. Pela sua excelente confecção, circulando entre os grandes importadores e a elite econômica, tornou-se referência de qualidade de impresso, um modelo a seguir. São Paulo, pela profusão de suas fazendas cafeeiras e crescimento da capital, era dos estados mais focalizados. *La Hacienda. Revista mensal ilustrada sobre agricultura, criação de gado e indústrias rurais*, Buffalo (NY), 1910, vol. VI, n. 11.



singela e compreensível, foi enorme em todo o Brasil. Pode-se alinhar ao lado dessa influência apenas a de Manuel Lopes de Oliveira Filho, o conhecidíssimo Manequinho Lopes, cujos artigos originalíssimos em *O Estado de S. Paulo*, muitos anos mais tarde e enquanto vivesse o seu autor, seriam um verdadeiro oráculo para todo o interior do Brasil [*sic*][39].

Segmento de importância nacional, o periodismo agrícola ocupou espaço na imprensa brasileira, responsável pela divulgação da política do setor e de seu beneficiamento técnico.

Nesse cotejo, inferiu-se para aquele momento, a inviabilidade de um periodismo independente e politicamente descompromissado. A iniciativa das publicações agrícolas, em princípio pela mão do Estado, teve continuidade na ação privada, levada por homens de tino comercial e ligados ao ramo, mas igualmente envolvidos com o Governo. Se na primeira fase os nomes de Carlos Botelho, Luís Pereira Barreto, Domingos Jaguaribe e Arthur Ramos são atuantes, conformando a política das primeiras administrações republicanas, em seguida, agentes envolvidos com pesquisas na área, especialistas no assunto, implementam a publicação das revistas agrícolas, otimizando sua divulgação e circulação.

Veículo publicitário dos mais efetivos, foi pela porta do periodismo agrícola que se deu parte da colocação de produtos norte-americanos no Brasil, de utilidades domésticas a implementos agrícolas, como se depreende da ampla circulação da revista *La Hacienda*. Espaço propício para a divulgação de negócios, os demais títulos, da sólida *O Fazendeiro* ao efêmero *O Café*, especularam sobre a economia rural, divulgando as oportunidades dela derivadas no campo comercial e financeiro, criando um mercado paralelo de produtos afins. Com o passar do tempo, não se tratava apenas de publicação de teor agrícola, mas periódico de informação econômica, com balanços e avaliações do comércio e indústria, lembrando que a *Revista do Comércio e Indústria* só surgiria em 1915.

A especialização do segmento, todavia, se deu com *Chácaras e Quintais*, de Amadeu Barbiellini, de longa duração. Fonte de consulta técnica até recentemente, dado seu qualificado conteúdo não restrito à agricultura, veiculou também boa literatura, conforme se verificou pela colaboração de Júlia Lopes de Almeida, escritora festejada, que figurou até mesmo em seu *Almanaque Agrícola*, com o conto *O Jardineiro*, escrito especialmente para aquele periódico[40].

39. Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 28.
40. Júlia Lopes Almeida, em *Almanaque Agrícola para o Ano de 1915*, São Paulo, 1915.



O Almanaque, Confirmando o Sucesso da Revista Agrícola • Com o sucesso da revista de teor agrícola *Chácaras e Quintais*, convinha investir no amplo público lançando seu Almanaque, na tiragem surpreendente de 48 mil exemplares, distribuídos como brinde pelo jornal *Correio Paulistano*, em 1912. *Almanak Agricola Brazileiro 1912*. São Paulo, Editora Chácaras e Quintais, 1912.

Propaganda, técnica, política, literatura, coube de tudo um pouco nesse segmento forte do periodismo de abertura do século, representado pelas revistas de teor agrícola e/ou *publicações agronômicas*. Setor ainda mais potencializado pelo incentivo à pequena propriedade, quando do imperioso parcelamento dos latifúndios, inviáveis no novo quadro econômico do País. Não bastassem as tantas oportunidades dessa fatia de mercado periódico – agora com público ampliado, inclusive pelo agricultor de médio porte – ficou a certeza da revista como espaço alternativo, exemplificando o momento de conformação de público leitor e editoração, também a serviço da rica produção cultural do período.

Modelando Gerações: Revistas Pedagógicas

A ênfase da República no projeto educacional, conforme proclamava o discurso liberal da época, encontrou algum rebatimento no periodismo pedagógico, conhecendo-se títulos de peso, em especial a *Revista Moderna* [1892], *A Escola Pública* [1895], *Revista do Ensino* [1902], *Educação* [1902], *Revista dos Educadores* [1912]. Contudo, as difíceis condições de vigência da *Revista de Ensino*, não obstante estender-se até 1918, e a curta duração das demais, refletiram, isto sim, a relatividade do amparo à instrução tão amplamente divulgado pelo Estado republicano.

A produção historiográfica sobre Educação[41] vem questionando os resultados da política educacional da primeira República, mesmo no Estado de São Paulo, o mais aparelhado do setor. Sabe-se que, naquele momento, a iniciativa oficial voltou-se, isso sim, para empreendimento escolar que privilegiou a construção de uma rede física de estabelecimentos, edificações qualificadas na arquitetura do período, senão de caráter suntuoso[42], instrumento de grande visibilidade para um projeto que na prática não ocorreu; ou por outra, manteve o mesmo *status quo*, de acesso escolar à parcela privilegiada da população[43].

41. Ana Maria Infantosi, *A Escola na República Velha – Expansão do Ensino Primário em São Paulo*, São Paulo, Edec, 1983; Circe M. Fernandes Bittencourt, *Pátria, Civilização e Trabalho – O Ensino de História nas Escolas Paulistas: 1917-1939*, São Paulo, Edições Loyola, 1990.
42. Ver Sílvia Ferreira Santos Wolff, *Espaço e Educação: Primeiros Passos da Arquitetura das Escolas Paulistas*, São Paulo, Mestrado FAU-USP, 1992.
43. À medida que se ampliava a rede de ensino da denominada "educação popular", os grupos escolares sofriam transformações que passaram a comprometer o caráter pedagógico inicialmente concebido, demonstrando ao mesmo tempo os limites da ação do Estado. Ver Circe. M. Fernandes Bittencourt, *op. cit.*, pp. 97 e ss.

No plano editorial, o rastreamento de periódicos educacionais e/ou pedagógicos dos primeiros anos republicanos revelou que aquela produção não dependeu tão-somente da providência do Estado. Antes, coube à iniciativa de associações interessadas, promover e levar avante a criação de revistas da área, respondendo praticamente pela produção editorial a ela pertinente.

No periodismo pedagógico da Capital paulista, em sua primeira etapa republicana resultaram, efetivamente, duas dimensões de providências: uma de iniciativa do Estado, e outra da iniciativa privada. Nessa última cabe uma subdivisão, que se desdobra entre revistas escolares de grupos docentes, discentes e associativos, produção nascida no interior do aparelho educacional; posteriormente surgiram as publicações de caráter comercial, ação da grande imprensa e grupos editoriais, perspicazes quanto à demanda gerada pelas primeiras gerações republicanas, recém-alfabetizadas.

Insista-se que a modalidade periódica, em particular as *revistas*, carregam inerentes, a "proposta formadora", o que vale dizer que a Educação, finalmente, vem a ser um pressuposto do periodismo. Daí a oportunidade da publicação "revista" no campo educacional e a freqüência com que intelectuais, imbuídos desse mister, buscaram aquelas páginas.

A constância de Olavo Bilac e Coelho Neto na imprensa, no sentido de *formar* gerações, atesta esta carga didática do periódico; o mesmo se pode inferir da participação das mulheres na imprensa feminina, compenetradas de seu papel educador na sociedade, encontrando nas revistas o instrumento de veiculação ideal. Independente da temática, era raro o periódico em cujo artigo de apresentação não houvesse a proposta de educação moral, cívica e, por vezes, religiosa[44].

Luzes do Saber

Um exemplo inaugural decorreu de iniciativa isolada, com a criação da *Revista Moderna, pedagógica, científica, literária, noticiosa e mensal*, órgão dos professores públicos do Estado de São Paulo, em 12 de setembro de 1892[45]. Trazendo como lemas *Amor ao Trabalho* e *A Vida pela Ilustração*, tinha como redatores

44. A abordagem aqui desenvolvida não contemplou a relação sistemática e exaustiva dos títulos periódicos da área pedagógica e/ou educacional, mas procurou privilegiar a historicidade de suas emergências, a caracterização de seus grupos editoriais, a inserção dessa produção nas práticas culturais do período.

45. *Revista Moderna, pedagógica, científica, literária, noticiosa e mensal*, São Paulo, 1892, n. 1.

Slhj

Frontino Guimarães, o escritor e professor Arthur Goulart, José A. Franco e Francisco Marcondes. Com apenas dois números conhecidos, a revista em forma de jornal não teve condições de sobreviver, sem amparo oficial ou capitais que a subsidiassem.

Não foi diferente o lançamento da revista *A Eschola Publica* [*Primeira Fase*][46], lançada em 1895, que a despeito do registro de "grande acolhimento" por parte do público, foi interrompida ao fim do primeiro ano de circulação. Tratando-se de uma iniciativa de professores do Estado, a justificativa para seu cancelamento se apoiava no acúmulo de funções de seus administradores, conjugando funções docentes e editoriais. Dado seu sucesso de conteúdo, todavia, o governo mandou imprimir em livro uma edição de 1.500 exemplares com aquela seriação. No ano seguinte, sob a epígrafe *Luz, luz, muita Luz!*, a revista *A Eschola Publica. Pedagogia Prática* [*Segunda Fase*][47], era retomada sob a direção de Oscar Thompson, auxiliado por uma comissão de doze professores efetivos para esse fim, comissão que se revezava semestralmente na gerência[48]. O artigo de fundo propunha amplo espectro temático.

> Além da parte pedagógica, puramente de metodologia prática, conterá a revista: gravuras, cantos escolares com respectiva música, literatura infantil, curiosidades científicas, noticiário, crítica bibliográfica [...] e [...] um Panteon escolar, do qual farão parte os retratos dos vultos mais eminentes do mundo pedagógico [...][49]

Nesta segunda fase, de 15 de março de 1896 a 15 de dezembro de 1897, o único apoio do Estado veio de Alfredo Pujol, Secretário da Fazenda do Governo do Estado, que doou por meio da Secretaria a importância de 3:000$000, valor de significado na época. Com uma tiragem inicial de 1.500 exemplares, periodi-

46. *A Eschola Publica [Primeira Fase.]*, São Paulo, 1895.
47. *A Eschola Publica. Pedagogia Prática [Segunda Fase]*, São Paulo, Tip. da Industrial de São Paulo, 1896, ano I, n. 1. Sua epígrafe inspirava-se na divisa de Goethe usada como frase final do discurso de Caetano de Campos na formatura da Escola Normal.
48. Oscar Thompson, 1872, diplomou-se na Escola Normal em 1891. Diretor na Escola Modelo do Carmo, foi um dos braços fortes de Miss Brown. Em 1895 fundou *A Escola Publica*. Em 1896, a convite do governo do Maranhão, lá instalou uma Escola Normal. Em 1898 formou-se pela Faculdade de Direito. Em 4 fev. 1902, foi nomeado Diretor da Escola Normal da Praça, permanecendo até 1920. Foi o segundo professor diplomado escolhido para dirigir o estabelecimento em que se formou. Em 1917 participou, com Sampaio Dória, da Reforma do Ensino; de 1909 a 1911 e de 1917 a 1920 foi Diretor Geral de Ensino. Em 1930 foi eleito Deputado Estadual. Ver L. Correa de Melo, *op. cit.*, p. 634.
49. *A Eschola Publica. Pedagogia Prática [Segunda Fase]*, São Paulo, Tip. da Industrial de São Paulo, 1896, ano I, n. 1.

cidade trimestral, 64 páginas, formato 8º francês, tipo livro, trazia na capa o sumário da matéria inserta. Impressa em papel-jornal pela Tipografia da Industrial de São Paulo e Tipografias Spindola, Siqueira & Comp., cobrava uma anuidade de 8$000, valor justificado simplesmente para manutenção do periódico:

> [...] não é uma empreza mercantil, e assim todos os lucros que porventura venha a ter, serão empregados para melhorá-la, aumentando o número de páginas, ampliando a parte artística e tornando menos espaçada a sua publicação[50].

Tudo indica que sua base econômica atrelava-se tão-só à renda das assinaturas, embora, aceitasse "anúncios por preço convencional". A ausência de "reclames" em seu interior, pressupõe que aquele veículo não interessou ao comerciante, ávido de consumidores em potencial. Ali, o público era outro, comunidade isenta de largo poder aquisitivo, com salários médios, suficientes para o sustento digno. Sintomático que *A Eschola Publica* [*Segunda Fase*], encerrasse suas atividades no ano seguinte, sendo o n. 7 do ano II o último exemplar conhecido. Afirmava gozar sucesso junto ao público, mas com *déficit* pelo não pagamento das assinaturas, enquanto o apelo nesse sentido, vinha dramático e incisivo:

> AVISO: Pedimos encarecidamente aos Snrs. assinantes em atraso o obséquio de mandarem saldar suas assinaturas. Não temos cobrador, e esperamos tudo da correção dos Snrs. assinantes. *A Eschola Publica*, procurando desempenhar o programa traçado, sem olhar para as dificuldades, sem medir sacrifícios, finaliza o segundo ano com um *déficit* que poderá ainda desaparecer, si os Srns. assinantes em atrazo dignarem-se atender ao nosso pedido.

Importa considerar que o grupo responsável pela publicação constituía-se do que havia de mais qualificado na época. Integrantes do corpo docente do Estado, sua proposta voltava-se para a educação popular, com vistas a qualificar o cidadão para o exercício cívico na República recém-instalada. Além da parte pedagógica, puramente de metodologia prática, a revista trazia matéria variada e lúdica e um *Panteon do qual fariam parte os retratos dos vultos mais eminentes do mundo pedagógico*[51]. Sob a direção geral de Oscar Thompson, secundado por comissão de doze professores, semestralmente substituídos, trazia colaboradores fixos, nomeados na ordem que segue: João Borges, René Barreto, Pedro Voss, Aris-

50. *A Eschola Publica [Segunda Fase]*, *op. cit.*
51. Esse Panteon se abre com Caetano de Campos, seguido de Abílio César Borges.

tides de Castro, Joaquim de Brito, Arnaldo Barreto, Ramon Roca, Alfredo Bresser, Benedito Tolosa, Oscar Thompson, Joaquim de Sant'Ana e Romão Puiggari, responsável pela parte econômica. Episodicamente, a participação de um elenco de notáveis, como G. Plantade; Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal; João Kopke, conceituado educador; Cyridião Buarque, professor de pedagogia da Escola Normal; Maestro Antonio Carlos, professor de música das Escolas Modelo. A escritora Zalinda Rolim freqüentou com assiduidade aquelas páginas[52], contribuindo especialmente com versos educativos. Não obstante o empenho de seus colaboradores, essa produção limitou-se apenas a um ano. Contingências do apoio estatal precário e acúmulo de atividades de seus redatores determinaram aquele fim. A decisão revelava a inviabilidade de uma publicação sem dedicação exclusiva, embora também pesasse o despreparo de seu público alvo, comunidade leitora em sua essência, mas sem hábito e/ou recurso para aquisição do exemplar.

Em 1902 era lançada a *Revista de Ensino*[53], festejada pela imprensa periódica com altos elogios, correspondendo a estágio de maior organização da categoria profissional, iniciativa da *Associação Beneficente do Professorado Público Paulista*, órgão subsidiado pelo governo do Estado. Impressa na Tipografia do Diário Oficial, com cerca de 140 páginas a uma coluna, era distribuída gratuitamente aos professores da Capital, ao contrário da anterior *Eschola Publica*, que era vendida. Sua criação vinha de encontro ao art. 30º de seus *Estatutos*, que previa a criação de uma revista, já anunciada em circular de 12 de novembro de 1901 a seus 320 associados, sendo 210 do interior e 110 da Capital. Nas palavras de Arnaldo Barreto, bem ao tom positivista da época, a publicação seria uma orientação sólida para o corpo docente.

> Revista [...] repositório de grandes verdades, há de ser compulsada com respeito e admiração que provocam os produtos da RAZÃO e da CIÊNCIA[54].

Em longo artigo de apresentação, a *Revista de Ensino* propunha-se facilitar a tarefa dos mestres, divulgando os melhores métodos de ensino, além de orientar

52. Zalinda Rolim colaborou assiduamente nas revistas da época. Em 1896, na *Boêmia*, talvez a primeira revista a cores de São Paulo e na *Revista Azul*, de literatura; em 1898, no *Álbum das Meninas*, de Anália Franco; em 1902, na *Revista Educação*; em 1904 no *Álbum Ilustrado*.

53. *Revista de Ensino*, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, abr. 1902, 1913. Ver Afonso de Freitas, *op. cit.*, pp. 894-895.

54. *Revista de Ensino, op. cit.*, n. 1, p. 156.

SIhi

o governo e legisladores nas leis futuras para instrução pública; recriminava a indiferença do professor primário para com os assuntos de seu interesse, ele que era [...] *elemento modificador, e o mais importante, na evolução social.* A formulação do sumário das matérias contemplava:

I Questões Geraes, compreendendo desenvolvimento das teses sobre assuntos pedagógicos, que a Associação fornecer.
II Pedagogia Prática
III Literatura Infantil – contos infantis e seleção de poesias, diálogos e pequenos comentários para recitação.
IV Crítica sobre trabalhos escolares
VI Movimento Associativo
VII Atos Oficiais
VIII Notícias e Anúncios

Finalizava com apelo típico da proposta associativa então em curso:

[...] A congregação de esforços de muitos para um fim conhecido e determinado, além de facilitar o trabalho de cada um, como resultado dará essa preciosa harmonia de vistas que, aplicada especialmente ao nosso ensino público, será quiçá o meio único de o elevar, além de *uniformizá-lo e sistematizá-lo*[55].

O corpo redator, estreitamente ligado à rede oficial de ensino, constituiu-se de professores normalistas, alguns deles remanescentes da precedente *A Eschola Publica.* Arnaldo de Oliveira Barreto, redator-chefe; Romão Puiggari, redator-secretário. Como redatores efetivos João Chrisóstomo B. dos Reis Júnior, então Inspetor Geral do Ensino Público em São Paulo, Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emílio Mário Arantes e Ramon Roca Dordal. Sua longa duração, permanecendo como órgão oficial até 1918, pode ser explicada pela ajuda do Estado, formalizada por Bento Bueno, então Secretário do Interior e Justiça, quando o periódico passou a ser impresso na Tipografia Oficial do Estado[56]. A longa duração da *Revista de Ensino*, que se estendeu até 1918[57], "o único orgão do ensino do estado", é explicada pelo empenho de sua associação mantenedora, a mais atuante da cate-

55. *Idem.* Grifo nosso.
56. Comunicado de Bento Bueno ao Ofício n. 15 de jan. 1902. *Revista de Ensino, op. cit.*, n. 2, pp. 135.
57. O último número conhecido da *Revista de Ensino* é o n. 4, do ano XVIII, jun.-dez., 1918.

goria, mas contando também com ajuda oficial, conforme se lê na página de rosto, quase como uma propaganda do governo republicano: *Sob os Auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública.* O circuito de sucesso da publicação se fechava apoiado em nomes categorizados e influentes que a compunham, ligados à Escola Normal, a instituição educacional mais celebrada do País, "o grande templo", na fala de Bilac[58].

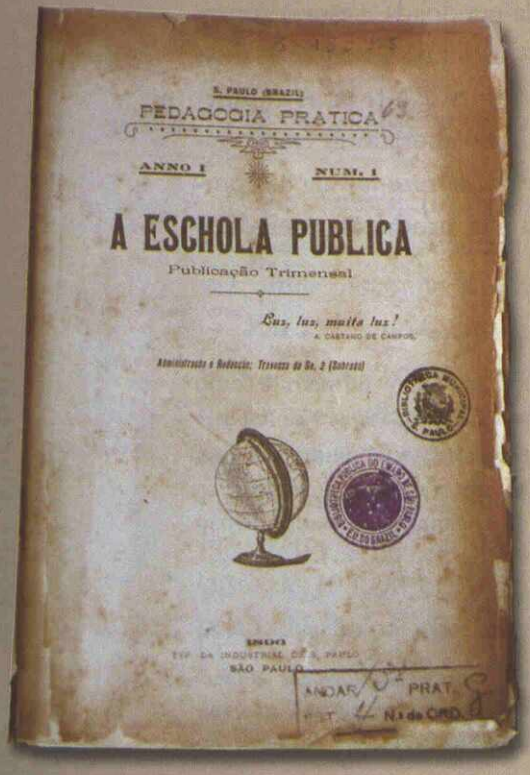
Diverso, contudo, foi o breve destino da qualificada revista mensal *Educação. Ciência, arte, religião, filosofia, moral, indústria, higiene. Revista de Assuntos Gerais e Pedagógicos*[59] que circulou por um ano. *Educação*, também assentada numa *Associação Beneficente de Educação*, sem apoio do Governo, resultava em iniciativa altruísta, de *indivíduos de elevada posição social e moral* – mecenas da época – , que revertiam a renda da publicação em favor de obras educativas. De periodicidade mensal, ao custo de 10$000 a assinatura anual, e 1$000 o número avulso, propunha-se a ser uma "revista popular", o que se infere mais pela sua aparência física, impressa em papel-jornal, bastante inferior na feitura com relação à *Revista de Ensino*, que propriamente pelo seu conteúdo. Aproximava-se de uma revista literária a julgar pelo corpo redator, em que comparecem nomes de atuação nas letras daquele momento, ao contrário das congêneres, cujos redatores eram do quadro docente do Estado. *Educação* tinha colaboração variada, reunindo nomes do periodismo paulista na década de 1910, profissionais da imprensa e literatos renomados: Francisco Rangel Pestana e José Maria Lisboa eram redatores honorários; Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, presidente da redação efetiva e os colaboradores eventuais Pedro Lessa, Theodoro Sampaio, Victor da Silva Freire, Baptista Cepellos, Coelho Neto, Clemente Ferreira, Brasílio Machado, Alfredo Pujol, Wenceslau de Queiróz, Reynaldo Porchat, Sérgio Meira, Adolpho Pinto, José Vicente Sobrinho, Mário Cardim, Frontino Guimarães, Pedro Dória, José Higyno de Campos, Erasmo Braga e as sras. Maria Renotte, Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Júlia[60], Zalina Rolim e Anália Franco. Na diretoria/gerência e secretaria estavam respectivamente o Prof. M. Cyridião Buarque e

58. *Revista de Ensino, op. cit.*, ano XVII, dez. 1917 a mar. 1918, n. 3 e 4, pp. 70-73.

59. *Educação. Ciência, arte, religião, filosofia, moral, indústria, higiene. Revista de Assuntos Gerais e Pedagógicos*, São Paulo, 1902. Ver ainda Afonso de Freitas, *op. cit.*, pp. 897-898. *A Educação* vai de 13 maio 1902, ano I, n. 1 ao ano II, n. 14, 1º fasc., dez. 1903.

60. A biografia de Francisca Júlia da Silva ressalta sua efetiva participação, em 1902, na criação da revista *Educação*, Luís Correa de Melo, *op. cit.*, p. 579.

Revistas e Pedagogia no Projeto de Educação Popular • 1. *A Eschola Publica*, uma das primeiras iniciativas periódicas na área da Educação foi reeditada ao final do ano, em livro, pela excelência de seu conteúdo, numa tiragem de 1.500 exemplares. *A Eschola Publica. Publicação trimestral*, São Paulo, Tip. da Industrial de São Paulo, 1896, ano I, n. 1. • 2. *Educação*, revista que procurava "ser popular", de baixo custo, assentada em corpo redator de jornalistas e literatos, constando como colaboradores Francisco Rangel Pestana e Francisca Júlia, entre outros. *Educação. Ciência, arte, religião, filosofia, moral, indústria, higiene. Revista de Assuntos Gerais e Pedagógicos*, São Paulo, 1903, n. 10.


S. PAULO (BRAZIL)

PEDAGOGIA PRATICA

ANNO I NUM. 1

A ESCHOLA PUBLICA

Publicação Trimensal

Luz, luz, muita luz!

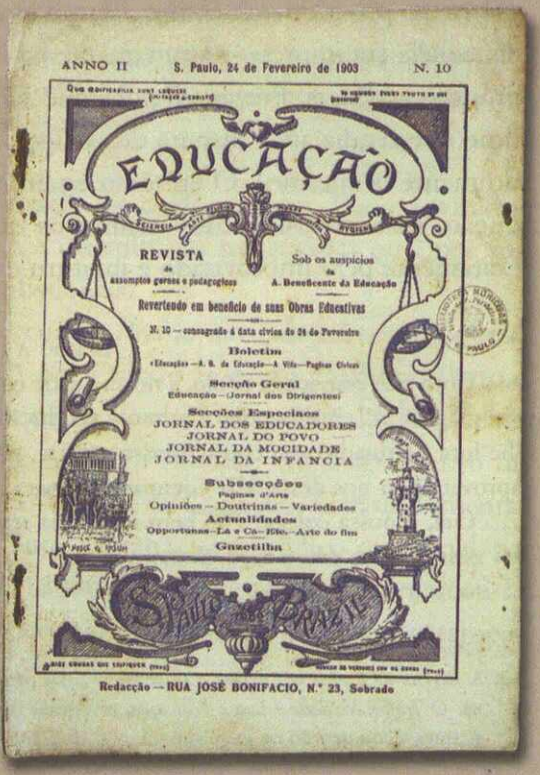
A. CASTANO DE CAMPOS

1896

TYP. DA INDUSTRIAL DE S. PAULO

SÃO PAULO

1


ANNO II S. Paulo, 24 de Fevereiro de 1903 N. 10

EDUCAÇÃO

REVISTA

de assumptos geraes e pedagogicos

Sob os auspicios da A. Beneficente da Educação

Revertendo em beneficio de suas Obras Educativas

N. 10 — consagrado á data civica do 24 de Fevereiro

Boletim

Secção Geral

Educação — (Jornal dos Dirigentes)

Secções Especiaes

JORNAL DOS EDUCADORES

JORNAL DO POVO

JORNAL DA MOCIDADE

JORNAL DA INFANCIA

Subsecções

Paginas d'Arte

Opiniões — Doutrinas — Variedades

Actualidades

Opportunas — Lá e Cá — Etc. — Arte do fim

Gazetilha

S. Paulo Brazil

Redacção — RUA JOSÉ BONIFACIO, N.° 23, Sobrado

2

Joaquim Augusto de Sant'Anna, remanescentes da *Eschola Publica* e da *Revista de Ensino*; como Presidente Honorário, Bento Bueno, Secretário do Interior e Justiça, pasta à qual a Educação era afeta. Em torno de 40 páginas a duas colunas, formato 16 x 23 cm, com sede na rua José Bonifácio 23, sobrado, tinha por divisa o aforismo: *Dize cousas que edifiquem e honrarás verdades com as obras*[61].

Não obstante a qualificação do periódico, também findava ao final de um ano de circulação. O desfecho permite avaliar o desconhecimento do mercado por parte daqueles empreendedores. Nos dois exemplares, *Revista de Ensino* e *Educação*, ambos de 1902, a constatação de que não havia espaço para experiências congêneres, confirmando que providências daquele teor ainda eram deficitárias, só vingando com apoio oficial, no caso, subsídio do Estado[62]. Ilustra ainda a fatuidade das iniciativas, presididas por entusiasmos momentâneos, levando seus idealizadores a lançamentos intempestivos, sem prévia avaliação do potencial de consumo. Lacuna havia, sem dúvida, mas, em face à relativa escassez de público, era de se evitar perfis superpostos de publicações. *Revista de Ensino* se lançara em abril, precedida de ampla divulgação por meio das circulares da *Associação Beneficiente do Professorado Público*, e no mês seguinte, em maio, surgia *Educação*, praticamente com o mesmo escopo. Aquela era doada e esta comprada; aquela era impressa gratuitamente na Tipografia Oficial do Estado e esta, às próprias expensas. Previsível, pois, que *Educação* não resistisse à rival. A competição se estendia até à disputa dos artigos, posto que os colaboradores eram praticamente os mesmos. O episódio estampado na *Revista de Ensino* vale a reprodução, pela exposição dos casuísmos que marcavam a produção periódica, exatamente pelo improvisado e imaturo das edições.

ERROU A PORTA

Com esse engraçado título, a nossa ilustre colega *A Educação*, no seu 3º número [e como viu magnífico!], insinua que a mimosa produção do Dr. Gomes Cardim, *Zangas de um avô*, lhe fora destinada, mas como errasse a porta, viu parar à nossa modesta tenda de trabalho, aproveitando-nos dessa feliz circunstância para a inserirmos na nossa obscura *Revista*.

Ora, a nossa colega! Tão bem inspirada sempre, deixar-se enganar desta vez! Pois não foi assim que se deu o caso. Sinão, veja:

61. *Educação, op. cit.*

62. A *Revista de Ensino* anunciava o recebimento das paulistanas *Capital Paulista, Arquivo Illustrado, O Destino, O Troféo, Verdade e Luz e Educação*, revelando títulos de consumo comum ao mesmo público, o que acirrava a competição no mercado. Cf. n. 3, p. 579.

[...] Vinha o Dr. Cardim pela rua Direita, quase enfrentando a tipografia onde se imprimia *A Educação*, e lendo qualquer coisa que lhe absorvia completamente a atenção, quando, sem querer, lhe pizamos o calo mais melindroso:

– Bruto! gritou ele.

– Bruto não, doutor! lhe retorquimos nós.

Foi um relâmpago apenas de raiva o que ele teve, porque assim que nos reconheceu, nos estendeu a mão amiga, os lábios semi-abertos num divinal sorriso...

– Tão distraído ia, doutor!

– Ah! estava a ver si descobria algum *gato* neste monologozinho, que vou levando para a *Educação*.

– *Educação*, revista?

– É, o belo jornal pedagógico que se imprime aqui...

E mostrou-nos a Tipografia Industrial.

O diabo é que o ciúme e a inveja já nos estavam a remoer o coração.

– Ora, doutor! Então para nós não escreve nada? Olhe que o senhor lá tem um irmão que é nosso companheiro! dissemos com ar de censura e meio compungido.

Ele ficou um instantinho silencioso, indeciso; e depois, talvez impressionado com o nosso ar meio choramingas, disse de pronto:

– Está! Toma lá!

Obrigado! Obrigado! Doutor. E antes que ele se arrependesse, puzemos as *Zangas* no bolso, e mais que depressa, tomamos a direção de nossa oficina de trabalho, onde entramos com ar triunfante!

Ora, si as *Zangas* entraram a nossa porta dentro do nosso bolso, é claro que jamais poderiam ir parar a outra porta...

Assim, pois não erraram a porta, não senhor! [*sic*][63]

Aflora nesta curta passagem a limitação de colaboradores. Poucos letrados eram afeitos à participação sistemática e disciplinada nas revistas que, por sua vez, ainda desconheciam redatores profissionais.

Em 1911, nova tentativa do setor, com a *Revista dos Educadores, pedagogia, ciência, letras e artes*[64], lançada em 1911 por Ernesto Sampaio e Affonso Porto e que primou pela participação de escritores da hora. Numa relação de cinqüenta colaboradores, ressaltam os nomes de Amadeu Amaral, Augusto Afonso de Freitas, Armando Prado, Álvaro Guerra, Vicente de Carvalho, Gelásio Pimenta, João Vampré, Basílio de Magalhães, Nuto Santana. O periódico quinzenal, ao custo de 10$000 a assinatura anual, e 1$000 o número avulso, não marcou-se pela inovação na área, apresentando repertório de artigos de teor vário, estampa-

63. *Revista de Ensino*, *op. cit.*, ano I, n. 3, pp. 575-576.

64. *Revista dos Educadores*, São Paulo, 1912. Ver Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 1080.

dos de acordo com a casuística contribuição do quadro redator. Diversamente das demais, divulgava nas contra-capas uma série de reclames do mercado, revelando seu propósito especialmente comercial: *A Popular* e *Associação Paulista de Pecúlios* eram as mais freqüentes, assim como anúncios de livros escolares. O número 1 do ano II, último conhecido, apareceu em julho de 1912, após o que não se obteve mais informações, concluindo-se por sua breve duração, limitada ao espaço aproximado de dois anos.

Enquanto na órbita particular e do Estado, a contribuição foi parcimoniosa e irregular, como se deu com os modelos acima recuperados, por outro lado, a área foi beneficiada com inúmeros títulos pertinentes, por iniciativa de corpo docente e discente das escolas públicas e particulares do período. A produção de uma revista qualificava o estabelecimento, referência de seu nível e competência. Daí o surto dessas publicações, extensivas aos grêmios escolares, às inúmeras agremiações que viveram, por vezes, "o espaço de uma manhã", mas que se fizeram representar pelo órgão periódico, divulgador de seus propósitos.

Tudo pela Pátria e pela República

Ao lado da produção, que se pretendia profissional, ressalta a considerável produção periodística por iniciativa das escolas públicas e particulares, em especial de seu corpo docente, discente e de grêmios escolares. A relativa facilidade de efetivar projetos gráficos na época e a necessidade de colocar-se para grupos que ensaiavam tantas identidades, presidiam aqueles empreendimentos, numa cidade que vivenciava o novo e formas de se fazer representar. Uma produção dirigida, no sentido de uniformizar os conhecimentos, com ênfase na construção dos símbolos do poder republicano, na força do Estado, na reverência às datas cívicas nacionais. A adjetivação recorrente nos textos daquele professorado e alunato recaía no jargão em voga, reiterador da idéia fundante de Pátria e patriotismo, exaltando seus "vultos eminentes", insistindo no "desenvolvimento progressivo de nossa instrução pública". A partir de 1917, sob a influência da Liga Nacionalista e da reforma de Sampaio Dória, exacerbou-se a exaltação de um passado grandioso, homogeneizando a tradição, cunhada a partir de figuras cívicas relevantes[65]. Das letras de hinos às leituras propostas, passando pelos artigos

65. Oscar Thompson, *Nacionalismo no Ensino como Base de Formação da Pátria Nova. Relatório Apresentado ao Secretário de Interior em 1917. Apud* Circe Bittencourt, *op. cit.*, p. 95.

SIhi

de obrigatoriedade da língua portuguesa[66] até pelos riscos de bordados com flora e fauna nacionais, tudo referia-se ao Brasil.

A profusão de títulos em torno da data cívica máxima, o XV de Novembro, ilustra a celebração do novo regime pelo periodismo paulista, por meio do lançamento de várias publicações comemorativas. No sexto aniversário da Proclamação da República, em 1895, elas proliferaram, enquanto números especiais eram inseridos em séries periódicas, já com seu curso em andamento. Ainda em 1895, as falas se voltavam para a reiteração da República em detrimento da Monarquia, confirmando o embrião do discurso homogeneizador, assentado no tema da "nacionalização" aliado à formação de um "novo cidadão"[67]. Nas escolas da rede oficial, as edições comemorativas veicularam textos veementes nesse sentido, ratificadores dos ideais republicanos e do ufanismo que caracterizou a idéia de construção nacional. *O Republicano*, dos alunos da Escola Modelo da Luz, com as divisas: "Tudo pela Pátria e pela República" e "Também somos bandeirantes à conquista do saber", definia sua rota:

> [...] Procurar bater em toda linha e por todos os meios esses que querem pôr obstáculos à marcha triunfante da república, esses retrógrados que querem a infelicidade para a pátria, para seus irmãos[68].

O *XV de Novembro*[69], da Segunda Escola Modelo, sob a divisa "Luz, luz, muita Luz!", aludida frase final do discurso do Diretor da Escola Normal de São Paulo, Dr. Antonio Caetano de Campos, era publicação que homenageava o então Presidente do Estado, Bernardino de Campos; outro *XV de Novembro*[70], do Ginásio São Paulo, trazia a epígrafe de Tobias Barreto "São palmas para ti, terra fecunda. De valentes e bons. São palmas tuas", à que se seguiam artigos de autoria de professores e alunos, encerrando-se com texto do filólogo e educador Sylvio de Almeida:

> [...] as festas populares de hoje são uma viva manifestação do espírito nacional, e o concurso que lhes presta a mocidade representa para nós a solene consagração do futuro. De-

66. Mário Arantes, "Obrigatoriedade do Ensino de Língua Portuguesa nos Colégios Particulares", *Revista de Ensino*, *op. cit.*, n. 4, out. 1902, pp. 581-586.
67. Circe Bittencourt, *op. cit.*
68. *O Republicano*, da Escola Modelo da Luz. *Apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 746.
69. O *XV de novembro*, da Segunda Escola Modelo, em Afonso de Freitas, *op. cit.*
70. *XV de Novembro do Ginásio São Paulo*, *apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 747.

pois disso, podem gemer os monarquistas como aves agoureiras do passado. Para destruirem o que fizemos, falta-lhes o que nos sobra: o entusiasmo e a fé![71]

O quadro X – *Periodismo Escolar Paulistano:1896-1917* – permite apreender o mote dessa investida, típico daquelas gerações republicanas, presididas pelo ideário de fortalecimento do Estado, tônica dos discursos da época.

A incidência de títulos recaía no reforço da idéia de pátria e renovação. *O Patriota*, *A Pátria*, *A Aurora*, *Porvir e Lábaro*, assim como *Libertas* refletiam o ideário em pauta, conferindo à educação seu papel doutrinador, homogeneizado pela idéia de construção nacional e grandeza paulista.

De cunho diverso, as revistas de escolas particulares e protestantes, caracterizavam-se por apresentação até luxuosa, disseminando outros conteúdos, além daqueles veiculados pela rede oficial. A revista *O Ensaio*[72], por exemplo, órgão dos alunos do Ginásio Anglo Brasileiro, conheceu longa duração, de 1907 a 1915, impressa pela Hennies Irmãos, em papel cuchê e farta de ilustrações. Bons costumes, higiene e eugenia foram temas que persistiram naquelas páginas, dirigida a um público-alvo de caráter elitista. Oportunamente, a revista se prestava como órgão publicitário do estabelecimento, sugerindo a superioridade de seu ensino, em particular pela preparação dos alunos para a vida comercial do Brasil e da Inglaterra. Diga-se que o folheto de propaganda da escola, de 1904, sugeria que pais modernos deveriam ali inscrever seus filhos, valorizando aspectos privilegiados pela corrente eugênica em curso, enfatizando que:

> [...] jogos atléticos, a ginástica e a boa alimentação completam as excepcionais garantias que o colégio oferece ao bem-estar físico e moral dos alunos [...][73]

As demais propostas dos estabelecimentos de orientação anglo-saxã e protestante da Capital não foram diversas. O Mackenzie College, o Hardcroft, o Batista Brasileiro fizeram circular seu periodismo interno, fortemente presidido pelo cultivo da educação física, do aprimoramento do corpo, estimulados no trato das questões comerciais que pautavam o cotidiano da cidade que mais crescia no País. Significativamente, não se encontraram publicações por iniciativa de colégios de

71. *Idem.*
72. *O Ensaio, órgão dos alunos do ginário Anglo Brasileiro*, São Paulo, Tip. Hennies Irmãos, 1907.
73. *O Ensaio, op. cit.*, folheto de propaganda avulso.

QUADRO X. PERIODISMO ESCOLAR PAULISTANO (1896-1917)

Ano	*Título*	*Escola*	*Redação*	*Características*
1896	*O Jovem Escolar*	Grupo Escolar do Sul da Sé	Alunos	O nº 1 reproduz Bernardino de Campos na primeira página
1897	*A Mocidade*	Escola Complementar	Alunos	
1898	*A Borboleta*	Ginásio do Estado	Alunos e convidados ilustres	Colaboração de Ricardo Gonçalves. No nº 8 a revista lançava bom retrato do General Couto de Magalhães, e uma carta em tupi guarani que o indianista lhes dirigia.
1899	*O Patriota*	Grupo Escolar do Bráz		Abria o periódico para outros estudantes, entre eles Francisco Lagreca, Monteiro Lobato. Divisa: *Deus, Honra e Trabalho*
1901	*A Infância*			
1902	*A Mocidade*	Escola da Luz	Alunos do 2º ano do Club Complementar	Objetivo: comemorar datas nacionais e desenvolver gosto pela literatura
1902	*O Porvir*	Instituto de Ciências e Letras. Largo doArouche	Alunos	
1902	*Polyanthea*	Grupo Escolar do Sul da Sé	Alunos 4º ano fem. e masc.	
1902	*O Hydecroft*	Hidecroft College. Av. Paulista	Alunos	
1902	*O Aprendiz*	Hydecroft College	Professores e Alunos	
1902	*O Lábaro*	Curso Noturno de Humanidades	Alunos	Mantido pelo educador e jornalista Dr. Luiz Pereira da Cunha
1902	*Libertas*	Instituto de Ciências e Letras		Dirigido pelo educador Luís Antonio dos Santos. Divisa: *Eruditio et Patria*
1903	*O Estudante*	Ext. Macedo Soares	Alunos	
1903	*Aurora*	Inst. Sílvio de Almeida	Alunos do 2º ano	
1903	*Saudades, recordações, coleguismo*	2ª Esc. Modelo Prudente de Moraes		Edição única dos alunos em homenagem a colega morto.
1904	*Excelsior*	Escola Normal		mensal
1904	*A Juruty*	Escola Complementar Caetano de Campos	Alunos 2º ano	mensal
1904	*O Crysol*	Associação Calouros Normalistas		
1904	*A Escola*	Escola Maçônica Eduardo Vautier	Alunos	mensal
1905	*O 1º de Junho*	Escola Álvares Penteado	Alunos	
1905	*Pátria*	Colégio Diocesano	Grêmio Rui Barbosa	mensal
1905	*O Literato*	GinásioAnglo Brasileiro	Alunos	mensal
1905	*O Maria José*	Grupo Esc. Maria José	Alunos	Alfredo Pujol Junior redigia
1905		Escola 7 deSetembro		
1917	*Revista da Escola Normal de São Carlos*	Escola Normal de São Carlos	Professores	

Fonte: Acervos IHGSP, AESP e BMA; Afonso de Freitas, op. cit.

orientação católica, não obstante algumas ordens disporem até mesmo de gráficas próprias. Inferiu-se que, nesse caso, os prelos eram utilizados em publicações de caráter proselitista, de divulgação dos princípios religiosos, por iniciativa de associações e/ou grupos católicos. Não obstante a renovação da Igreja Católica observada na República, em parte as publicações confirmavam o obscurantismo de algumas instituições, ainda marcadas no Brasil pela linha ultramontana, voltadas para o cerceamento da palavra e da letra impressa.

Nesse contexto, foi tímido o avanço no setor, não obstante a nova Constituição e o apregoado liberalismo de nossas elites, imbuídas da urgência das Luzes da Ilustração. A revista, já por sua proposta intrínseca de formadora e propagandista, transformou-se no recurso ideal para apropriação de conteúdos, instrumento pertinente às escolas em seu projeto identificado com o Estado, reprodutora de sua ideologia.

Há que se sublinhar, todavia, que a iniciativa periódica no âmbito do ensino não foi exclusivamente uma criação do Estado, assim como também não foi o Estado a principal figura da ação educacional[74], conforme se inferiu do quadro do periodismo escolar paulistano. No conjunto dos periódicos didáticos, pedagógicos e escolares ressaltou a participação decisiva do espírito associativo, iniciativa de profissionais idealistas da área, que patrocinaram publicações e traçaram projetos, tanto para o aperfeiçoamento do corpo docente, como para a formação do corpo discente. Com eventuais auxílios do Governo, e igualmente poucos da iniciativa particular.

A partir do primeiro quartel do século XX, afloraram alguns questionamentos sobre o encaminhamento do aprendizado. Passada a euforia dos primeiros anos republicanos, quando muito se discursou sobre a temática e iniciativas foram avidamente encetadas em nome das Luzes do saber, outras propostas emergiram, ponderando sobre conteúdos e formas de ensino. Nascia ali a reflexão maior, empreendida por educadores remanescentes da primeira geração republicana e jovens pedagogos, que traziam outras teorias para o campo do ensino.

Essa tomada de consciência, que levava em conta as novas correntes de Educação, pensadas agora para outro alunato, bastante ampliado pelo aumento demográfico e ascensão de camadas sociais diversas, resultou na formulação da Escola Nova. Em 1917, a não circulação por um ano, da tradicional *Revista de Ensino*,

74. Circe M. Fernandes Bittencourt, *op. cit.*, p. 22.

SIhi

liderança incontestável daquele segmento por quinze anos, pode ser tomada como baliza dessa reflexão. Pressentindo a urgência da reciclagem, retornava em 1918, estampando o seguinte pronunciamento, ilustrativo do momento que se vivia:

> Razões diversas, todas independentes de nossa vontade, ocasionaram o desaparecimento momentâneo da *Revista do Ensino*. Assim é que desde março do ano passado ela não foi publicada.
>
> O desenvolvimento das nossas escolas criou novas e prementes necessidades, às quais vamos tentar satisfazer, dando à *Revista*, outra feição, mais prática e útil. [...]
>
> Respeitando a forma [...] aproveitando tudo que de bom nela se contem, iremos, pouco a pouco, adaptando suas páginas às necessidades atuais[75].

De fato, entre os anos de 1917 e 1920 se dera a Reforma de Ensino, realizada por Sampaio Dória e Oscar Thompson, com vistas a não apenas alfabetizar, mas moldar um "novo cidadão", construtor de um "novo País"[76]. O recrudescimento da homogeneização do aprendizado se fez acompanhar de cerceamento à multiplicidade das escolas particulares, na sua maioria de formação estrangeira, em particular aquelas que não se alinhavam aos projetos das classes dominantes. Não se perca de vista que o desenrolar da Primeira Guerra e conseqüentes tomadas de posição em face dos grupos beligerantes, levou o governo a controlar e/ou suspender escolas de origem italiana e alemã, ratificando o momento nacionalista.

Em São Paulo, as experiências com ensino caminharam nesta direção. A *Revista Nacional. Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa Língua, Educação e Instrução – Ciências e Artes*, lançada em 1921 pela Editora Cia. Melhoramentos [Weisflog Irmãos Incorporado][77], voltava-se à discussão das questões pedagógicas, germe do projeto da Escola Nova. Diga-se que já pelo título a proposta homogeneizadora estava explícita, encampando, sobretudo, a questão da língua portuguesa, então ameaçada pela maciça presença estrangeira na Capital e no Estado.

Sob a direção de Alfredo Weisflog, a *Revista Nacional* reuniu nomes envolvidos com aquela proposta, entre eles Lourenço Filho, enquanto veiculava artigos de autores que já se colocavam em seu quadro editorial: Afonso Taunay, Mário

75. *Revista do Ensino, órgão da Associação Beneficiente do Professorado Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, Diretoria Geral da Instrução Pública, 1918-1919, n. 1 a 4, p. 1.
76. Circe M. Fernandes Bittencourt, *op. cit.*, p. 95.
77. *Revista Nacional. Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa Língua, Educação e Intrução – Ciências e Artes*, São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, Weisflog Irmãos Incorporado, out. 1921, ano I, n. 1. O último número conhecido é de dez. 1923, ano II, n. 12. A assinatura era de 15$000 anuais.



Tempo de Renovação e Escola Nova • A *Revista Nacional*, lançada pela Cia. Melhoramentos, editora de expressão no mercado, procurava buscar novos caminhos, apostando na valorização dos temas caros ao nacionalismo, revigorado em tempos de guerra. *Revista Nacional*, São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1921, ano I, n. 1.

Pinto Serva, Abílio Álvaro Miller, Francisco Roca Dordal, Mello Leitão, Djalma Forjaz, Alberto Rangel, Othoniel Motta, Alfredo G. dos Santos Diniz. O resultado foi de dois anos de publicação, repertório de importância para o entendimento não só das questões pedagógicas em curso, mas para avaliação da idéia de Brasil que então se construía.

Seguiu-lhe, em 1923, a *Revista da Educação, publicação mensal destinada aos interesses educativos do Brasil*[78]. Com direção de Raul de Paula, de propriedade da Imprensa Metodista, trazia perfil pragmático, propondo-se à *propaganda e levantamento da educação no Brasil*, com o seguinte programa:

> Além da colaboração geral, a "revista" manterá três seções importantes: Seção do Ensino Profissional, dirigida pelo Professor Aprígio Gonzaga, diretor da Escola Profissional Masculina de São Paulo; Seção de Ensino Comercial, que no próximo número começará a dar um curso técnico de correspondência comercial; Seção de Pesquisas que estará ao dispor dos assinantes para responder a questões sobre ensino geral, métodos, matemática, história e geografia[79].

Claro está que a *Revista da Educação*, de orientação protestante, pautava-se para segmento afinado com as lides comerciais, e seu escopo visava atender a camadas sociais ávidas de rápida profissionalização para colocação no mercado. Anunciava-se à venda nas principais livrarias da cidade.

Fora de São Paulo, mas contando com seu mercado, e com outro diapasão educativo, circunscrito à formação da juventude do País, surgiram, a partir de 1919, revistas de cunho comercial, produzidas pela grande empresa jornalística, no Rio de Janeiro. A primeira delas vinha novamente na esteira de um modelo francês, de 1905, a revista *Je Sais Tout, encyclopédie mondiale illustré*[80] e lançando-se em 1919 exatamente com o título *Eu sei tudo, magazine mensal ilustrado*[81]. Impressa em papel cuchê, 148 páginas, ao preço da assinatura anual de 30$000, de propriedade da Companhia Editora Americana, sob a direção de Aureliano Machado, trazia a recorrente adjetivação: *nesta cidade que se civiliza.*

Essa modalidade de revista comercial voltada para a faixa etária escolar encontrava terreno fértil. Em três décadas, o público alfabetizado crescera, a classe

78. *Revista da Educação*, São Paulo, Imprensa Metodista, 1923. Com sede na Av. da Liberdade 117, e assinatura anual no valor de 20$000, e avulso2$000.
79. *Revista da Educação, op. cit.*, ano I, n. 1.
80. *Je sais tout, encyclopédie mondiale illustrée*, Paris, Publication Pierre Lafite, I, jan.-jun 1905.
81. *Eu Sei Tudo, magazine mensal ilustrado*, Rio de Janeiro, 1919.

média vinha se conformando ávida de ascensão, saber e consumo, e a imprensa periodística mais experiente, dispunha de uma rede de apoio ampliada, com serviços de comunicação otimizados. O sucesso de *Eu Sei Tudo* estava garantido, conforme se inferiu pelo vigor de sua edição, que se estendeu por trinta anos.

Nesse processo de comercialização e especialização de revistas segmentadas para o público escolar, de caráter educativo, o ciclo se completou em 1936, com o lançamento de *Vamos Ler*[82], de propriedade da S.A. A Noite, também no Rio de Janeiro. A nova revista, que contava com a direção de Raimundo Magalhães, vinha em papel-jornal e custo baixo, 32$000 a anuidade para garantir sua ampla penetração. O editorial corroborava a oportunidade do gênero periódico revista, compatível com o ritmo ainda mais acelerado do cotidiano.

> A pressa e o nervosismo do mundo moderno, da era vertiginosa em que nos agitamos, têm modificado hábitos, alterado costumes [...] É, pois, uma publicação que pelo seu programa e pela sua confecção material, e ainda pelo baixo custo, em relação com a capacidade aquisitiva das camadas populares, se destina a alcançar o maior número de leitores. entre todas as revistas semanais brasileiras[83].

O tempo, porém, já era outro. Do avião, do rádio, do cinema, assim como diversa a gestão política do País. Enquanto, à sua maneira, o comércio viabilizava as publicações ditas "educativas", a iniciativa oficial retraiu-se e a Educação, conforme preconizada, deixava de ser privilegiada pelo governo republicano.

Insista-se, pois, que o periodismo pedagógico veiculado ao longo da Primeira República constituiu-se em produção fundamental para a valorização da Educação e, por conseqüência, ampliação do público leitor. Configurando mais um espaço viável ao homem de letras, ávido de colocar-se em letra impressa, acolheu repertório de escritores do País, que ali encontraram um público efetivamente consumidor de seus escritos. Em particular a produção feminina que teve em Zalina Rolim, Francisca Júlia, Presciliana Duarte de Almeida e Anália Franco as colaboradoras de caráter permanente; ou no empenho de Caetano de Campos, Oscar Thompson, João Borges, René e Arnaldo Barreto, Guilherme Kulmann, entre outros, que a partir da Escola Normal da Praça privilegiaram a conquista do saber, moldando-o no sentido da valorização da Pátria, da construção do ci-

82. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, S.A. A Noite, 1936.
83. *Idem*.

dadão. Resultou uma produção de discurso homogêneo, orquestrado pelos homens do poder, que regiam os destinos do País e que fizeram dos estabelecimentos públicos de ensino e de seus responsáveis os porta-vozes mais fiéis, reprodutores dos interesses do Estado.

As rachaduras nesse edifício tão solidamente implantado são observadas a partir de 1917, quando se encetaram algumas reformas que tiveram no lançamento da *Revista Nacional* uma de suas representações. De certa forma, fechava-se um ciclo, o das revistas pedagógicas voltadas para a qualificação do professorado paulista. A partir daí, numa conjuntura de crescimento incontrolável e diversificação social, o espaço possível foi ocupado pelas revistas de proposta comercial, voltadas sobretudo para a faixa etária escolar, mercado potencialmente consumidor do novo produto. Por trás do empreendimento, havia apenas homens de negócios, lidando com conglomerados empresariais, comprometidos com a colocação do produto vendável na praça, com vistas ao maior lucro do empreendimento periódico.

Do exposto, emergiram três momentos desse periodismo pedagógico e escolar. O primeiro, da iniciativa particular incipiente, com figuras idealistas da área; o segundo, valendo-se de subsídios do Estado, mas dependente do empenho e fervor das associações do setor; finalmente, o terceiro, de cunho empresarial, comprometido com a venda maciça, afinado tão-só com o sucesso econômico do negócio. Em todos eles, o propósito uniformizador do discurso, veiculado segundo interesses do poder oficial, instância definidora da sobrevivência e eventual sucesso daquelas iniciativas.

O Saber Científico e as Revistas Institucionais

A Academia de Direito, plantada no velho casarão do convento de São Francisco, no largo do mesmo nome, destacava-se como marco secular quase exclusivo na paisagem cultural paulistana. Não obstante o ranço eclesiástico de seu ensino e a conformação e a atmosfera conventuais das instalações, aquelas Arcadas constituíam-se em raro símbolo laico no espaço urbano a confrontar-se com as tantas torres de igrejas, sugestivas do prolongado domínio da Fé sobre a Razão, que marcara a cidade. A República que se queria positivista surpreendera uma cidade despojada de centros de ensino secular e, sobretudo, de instituições científicas. Nenhuma outra faculdade, museu, nem mesmo centro de pesquisa científica estava em funcionamento e, no propósito de secularização do ensino, uma das primeiras providências do governo provisório foi suspender a educação religiosa nas escolas públicas.

Assistiu-se, então, ao proliferar de agremiações seculares, na sua maioria iniciativa de homens de formação superior, com trânsito no novo governo, sociedades que vingaram tão-só apoiadas na formulação de seus estatutos e no empenho de seus associados. A participação do Estado limitou-se inicialmente aos atos legislativos de criação de entidades e decretos do Executivo, pouco empenhando-se no seu efetivo desenvolvimento. Ou, melhor, a construção da Escola Normal, no Largo da República, em terreno cedido pela municipalidade, e a criação das escolas-modelo, pareceu absorver todo o empenho do governo naquele projeto laico.

Simbólico do predomínio do secular em detrimento do sagrado foi o decreto de Prudente de Moraes, em 1890, transferindo a renda da loteria para a edifica-

SIhi

ção da Escola Normal, anteriormente prevista para a construção da nova Catedral. A troca na destinação da verba era justificada pela necessidade de qualificar o ensino com professores científica e modernamente instruídos.

> Considerando que, sem professores bem preparados, praticamente instruídos nos modernos processos pedagógicos, e com um cabedal científico adequado às necessidades da vida atual, o ensino não pode ser eficaz e regenerador [...] manda empregar na construção de um edifício para a Escola Normal o produto da loteria, destinado à construção de uma Igreja Catedral[84].

A despeito da criação da Escola Politécnica em 1893, guarda-se a impressão de que, nesse campo, o envolvimento do Estado divulgando a rede oficial do ensino bastou-lhe para justificar o endosso ao saber secular, inerente à idéia republicana. Estudos pontuais sobre institutos científicos paulistanos no período confirmam essa omissão, remetendo novamente a grupos idealistas e bem-intencionados a criação e a gestão de núcleos de investigação científica[85]. Na prática, o discurso em detrimento do sagrado se fez acompanhar de imediato de realizações circunstanciais. Em 1891, a criação de uma Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia[86] na Capital permaneceu letra morta. A Escola de Farmácia só seria criada em 1898; a de Medicina em 1913. Ou seja, até a manhã de 2 de abril de 1913, quando foi proferida a aula inaugural dos cursos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, no Salão Nobre da Escola Politécnica, a próspera Capital paulista não possuía um curso de medicina sequer!

Longe de ser justificativa para tão pouco empenho, cumpre lembrar que as primeiras gestões republicanas paulistas defrontaram-se com inúmeros problemas de caráter administrativo; sobretudo no tocante aos dramas de uma cidade com infra-estrutura precária, que crescia desordenadamente, presidida por súbitas demandas, definidas por surtos epidêmicos, inundações da Várzea do Carmo, inchaço populacional, entre outras. Ante as premências daquele cotidiano de sobressaltos, o Estado desempenhou papel de forte peso normativo. É relevante, nesse sentido, a incidência de atos do Executivo, particularmente entre 1891 e 1895[87].

84. Decreto n. 91 e n. 167, de 13. 10. 1890, em *Decretos e Resoluções do Governo Provisório*, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1913, pp. 115-116.
85. Elza Nadai, *Ideologia do Progresso e Ensino Superior. 1891-1934*, São Paulo, Doutorado História USP, 1992; Circe Bittencourt, *op. cit.*
86. Lei de 24.11.1891, em *Decretos..., op. cit.*, p. 77.
87. *Decretos..., op. cit.*

Sem entrar no mérito de suas oportunidades, vale mencionar alguns desses decretos, só do ano de 1893: criação de escolas da rede pública, formação da Comissão de Saneamento, reorganização do Serviço de Abastecimento de Águas e Esgotos da Capital, liberação de verba para o Serviço Geográfico e Geopolítico do Estado, regulamentação dos laboratórios Farmacêutico, de Bacteriologia e de Análises Químicas do Estado, criação da Repartição Fiscal do Serviço de Águas da Capital, liberação de verbas para a introdução de imigrantes, desapropriações para contenção de linhas de *tramway* para a Serra da Cantareira, desapropriação de terrenos para as obras do Ribeirão Ypiranga, de terrenos próximos ao Largo do Arouche para obras complementares dos bairros de Santa Cecília e Campos Elísios, regulamentação do Serviço de Desinfeção, abertura de crédito para construção de dependências do Hospital da Força Pública no Quartel da Luz[88].

A partir de 1894 algumas providências foram tomadas para o aparelhamento técnico e científico do Estado, centrado especialmente na Capital de São Paulo. A definição de regulamentos para a Escola Politécnica[89] e o Museu do Estado[90], além da criação de duas escolas-modelo[91] datam desse ano; em 1895, o Estado liberou crédito especial para a construção da sede da Escola Prática de Agricultura de Piracicaba[92] e regulamentou a Biblioteca Pública[93]; em 1896 declarou de utilidade pública terreno para a instalação do Horto Botânico[94], no lugar denominado Pedra Branca, na Serra da Cantareira; desapropriou terreno à Rua Pires da Mota e Oliveira para a construção do Instituto Pasteur e Roux[95] e regulamentou Hospitais de Isolamento do Estado[96]; em 1897, organizou a colônia sucursal de alienados em Juquery[97]; em 1898 deu novos regulamentos à Escola Politécnica[98] e à Escola Agrícola Prática de Piracicaba[99].

Ao lado dessas instituições públicas, criadas pelo poder oficial, a iniciativa particular encetou a fundação de sociedades e institutos de pesquisa, cujo em-

88. *Decretos...*, *op. cit.*, 1893, t. 3 e 5.
89. Politécnica, Lei 23.7.94, p. 31; Dec. n. 270, 20.11.94, pp. 259-309, em *Decretos...*, t. 3 e 5.
90. Museu do Estado, Lei n. 200, 2.8.93; Decreto 26.7.94, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3 e 5.
91. 2ª Escola-modelo: Dec. 9.8.1894; Escola Complementar Modelo: Dec. 31.12.1894, em *Decretos...*, t. 3 e 5.
92. Escola Prática de Agricultura de Piracicaba, decreto 23.9.1895, em *Decretos...*, t. 3 e 5, p. 73.
93. Biblioteca Pública, Dec. 31.12.1895, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3 e 5, p. 121.
94. Horto Botânico, Dec. 11.2.96, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3 e 5, p. 7.
95. Instituto Pasteur e Roux, Dec. 17.2.1896, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3 e 5, p. 50.
96. Hospitais de Isolamento do Estado, Dec. 2.12.96, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3 e 5.
97. Colônia sucursal de alienados em Juquery, Dec. 31.12.1898, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3, p. 175.
98. Escola Politécnica, Dec. 20.7.98, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3 e 5.
99. Escola Agrícola Prática de Piracicaba, Dec. 9.11.98, em *Decretos...*, *op. cit.*, t. 3, p. 123.

brião passava pela fundação de uma revista. Revistas que desempenharam papel aglutinador e decisivo para a subseqüente criação de entidades do gênero. Em 15 de abril de 1889 fundou-se a *Revista Médica*, pioneira na área, de periodicidade mensal, com 32 páginas, e direção de A. C. Miranda Azevedo, Francisco Tibiriçá e Melo Oliveira. Em 15 de fevereiro de 1890, desaparecia, na clássica seqüência: deserções, falta de colaboração científica, diminuição do auxílio pecuniário, dívidas. Da experiência nasceria a Sociedade de Medicina e Cirurgia, fundada em 1895[100].

Estes "curtos-circuitos" de publicações decorriam da impressão fácil e mão-de-obra pouco dispendiosa, despesas inicialmente garantidas tão-só com o pagamento das assinaturas. Com a alta do papel e a profissionalização do setor gráfico, apenas as associações puderam manter seus periódicos, valendo-se de anúncios pagos pelos laboratórios farmacêuticos[101]. Ainda no início do século XX, as publicações científicas careciam de respaldo e os estudiosos da área preferiram inserir seus trabalhos em publicações especializadas estrangeiras. Em monografia de língua francesa Emílio Ribas, Pereira Barreto, Silva Rodrigues e Adriano de Barros publicaram em primeira mão as suas experiências sobre a transmissão da malária pelo mosquito. Naquela época, era praticamente nula a repercussão de alguma comunicação impressa em periódicos da Capital, não havendo nenhum que desfrutasse do prestígio do *Brasil Médico* do Rio de Janeiro ou da *Gazeta Médica* da Bahia[102].

Alguns dos principais títulos paulistas da área foram depositários daquilo que de mais valioso se publicou em São Paulo a partir de institutos de pesquisa, sobretudo em matéria de ciências médicas e afins, editados pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo [hoje Academia de Medicina de São Paulo], Instituto Soroterápico, dirigido por Vital Brasil [hoje Instituto Butantã], Instituto Bacteriológico [hoje Instituto Adolfo Lutz], Instituto Biológico [onde trabalharam Arthur Neiva e Rocha Lima], Associação Paulista de Medicina e Sociedade Científica de São Paulo. O quadro a seguir reúne a maioria dos títulos da época.

Estas publicações, ao fim e ao cabo, legitimaram as agremiações que representavam, configurando boa parte da produção laica e científica em curso na Capital paulista, confirmadoras naquele momento da eleição da Ciência, preco-

100. João Gualberto de Oliveira, *Nascimento da Imprensa Paulista*, São Paulo, 1978.
101. *Idem*, p. 68.
102. *Idem*, p. 69.

QUADRO XI. PERIODISMO INSTITUCIONAL (1889-1923)	
Ano	*Título*
1889	Revista Médica
1893	Torres Homem
1895	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo Revista do Museu Paulista Revista Farmacêutica
1896	Ciências Penais e Medicina Legal
1897	Revista Farmacêutica e Odontológica
1898	Revista Médica de São Paulo
1904	Revista da Sociedade Científica de São Paulo
1905	Revista Odontológica Paulista
1911	Revista Odontológica Brasileira
1914	Revista da União Farmacêutica de São Paulo
1916	Revista de Medicina
1918	Serviço Sanitário do Estado de São Paulo
1922	A Semana Farmacêutica
1923	A Semana Farmacêutica União Farmacêutica Revista de Criminologia e Medicina Legal.

Fonte: Licurgo de Castro Santos, *apud* João Gualberto de Oliveira, *Nascimento da Imprensa Paulista*, São Paulo, 1978.

nizada pelo Positivismo, em detrimento das Humanidades, de cunho bacharelesco[103]. Importante considerar, a despeito de editada em Campinas, a *Revista do Centro de Ciências Letras e Artes*, ali criada em 1901, exemplo qualificado desse momento de compromisso com a Ciência, com vários redatores e boa parte de seus consumidores na capital de São Paulo. Assim, através de periódicos ávidos de informar sobre as últimas ocorrências do campo técnico-científico, procurava-se suprir o atraso do Estado paulista, divulgando em artigos originais ou transcrições selecionadas, as descobertas recentes de ramos do conhecimento afinados com seus institutos.

103. *Revista do Centro de Ciências Letras e Artes*, Campinas, 1901. Ver José Mauro Gagliard, *O Indígena e a República*, São Paulo, Hucitec, 1989.

Nesse clima de renovação, até mesmo a Faculdade de Direito, cujo expressivo periodismo do Império pautara-se pelo caráter bacharelesco da Instituição, a partir de 1893, imprimiu nova proposta às suas publicações, lançando em moldes inovadores a *Revista da Faculdade de Direito*, uma das mais importantes publicações no gênero, que vigorou até 1972[104]; e introduzindo, mais tarde, a *Onze de Agosto* com o mesmo cuidado. Na seqüência, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1895 se fez representar pela criação da tradicional revista paulista – a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*[105], editada no mesmo ano. Instrumento de divulgação preferencial da intelectualidade paulista na virada e primórdios do século, foi considerada, ao lado da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e do *Instituto Arqueológico de Pernambuco*, das mais autorizadas publicações no Brasil sobre História e Geografia[106]; ou, segundo Afonso de Freitas, "o mais vasto repositório que possuímos de estudos documentados da História e Geografia pátrias, com especialidade em São Paulo [...]"[107]; no mesmo ano, 1895, surgia a *Revista do Museu Paulista*, sob a direção de Hermann von Ihering; em 1896, a *Revista da Sociedade de Antropologia Criminal, Ciências Penais e Medicina Legal*, trimensal, tendo Brasílio Machado como diretor; em 1898, a *Revista Médica de São Paulo*, que entre outros méritos participou do esforço de criação da Escola de Farmácia da Capital[108]; em 1900 foi lançada a *Revista Politécnica*, recriada em 1904 como órgão do Grêmio da Escola Politécnica[109]; em 1903, veio à luz *São Paulo Judiciário*, da qual faziam parte Brasílio Machado, Frederico Steidel, João Mendes Junior, Manuel Pedro Vilaboim, Pedro Lessa, José Ulpiano, Alcântara Machado, que desapareceria em 1914[110]; em 1905, a *Revista Odontológica Paulista*, órgão da Sociedade Odontológica Paulista, de 1905, com 40 páginas, redigida por Emílio Mallet, secundado por Alfredo Ramalho Bellegarde, Ubirajara Pinto e colaboração de Amâncio de Carvalho e Américo Brasiliense trazendo "artigo de fundo" exemplar, dando conta do objetivo de atualizar o leitor e/ou profissional.

104. *Revista da Faculdade de Direito*, São Paulo, 1893-1972, Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 24.
105. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, São Paulo, 1895.
106. Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 25.
107. Afonso Freitas, *op. cit.*, p. 749.
108. Lineu Prestes, *O Caso da Escola de Farmácia de São Paulo*, São Paulo, Gráfica Siqueira, 1932.
109. *Revista Politécnica*, órgão do grêmio da Escola Politécnica, em Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 65.
110. *São Paulo Judiciário 1903-1914*, *apud* Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 27.

[...] os progressos relativos a esse ramo das ciências médico cirúrgicas, não somente em questões puramente doutrinárias, senão também em questões técnicas, de modo a proporcionar a seus leitores o pleno conhecimento do estado atual da ciência e da arte, concernente aos órgãos e funcionamento do aparelho dentário e seus conexos, tanto sob o ponto de vista fisiológico, como sob o patológico e terapêutico[111].

Desse conjunto, as *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* e a *Revista do Museu Paulista*, precursoras do gênero das revistas institucionais, aglutinaram a intelectualidade paulistana e desenvolveram-se pela força dos nomes que as compunham e pelo amparo direto e/ou indireto do governo. A primeira, por contar com a simpatia dos dirigentes do Estado, muitos deles co-fundadores e sócios do Instituto, que também fizeram dela uma de suas porta-vozes; a segunda, por inserir-se no governo, uma vez representante de órgão afeto à Secretaria de Agricultura do Estado.

Não obstante surgindo no mesmo ano de 1895, com nomes comuns na composição de seus quadros, ambas as publicações propunham-se a escopos distintos. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, imbuída de seu papel de divulgadora dos feitos paulistas, lançava-se com o propósito de resgatar através de criterioso escrutínio as origens da capitania e a identidade nacional referenciada pelos feitos daqueles que desbravaram o País e o conformaram às vastas dimensões reconhecidas.

Já a *Revista do Museu Paulista*[112], respaldando a instituição de maior visibilidade na cidade, a sede do Museu Paulista na colina do Ipiranga – visava aos estudos etnológicos e etnográficos, com programa que privilegiava as ciências naturais, temática de prestígio da museologia do século XIX. Seu lançamento alterava uma sistemática das publicações de cunho institucional, surgindo após a consolidação da entidade[113]. De ordinário, as revistas nasciam anexas aos estatutos iniciais da agremiação, como seu instrumento legitimador, divulgando-a, dando-lhe consistência. Já o Museu Paulista nascera como Museu do Estado em 1890, transformara-se em Museu Paulista em 1893, e recebera seu primeiro diretor, o

111. *Revista Odontológica Paulista, órgão da Sociedade Odontológica Paulista*, São Paulo, 1905.

112. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Tip. Hennies Irmãos, 1895.

113. Em 25 de agosto de 1893, o Monumento do Ipiranga é declarado propriedade do Estado, destinado a abrigar o referido Museu, que em 28 de agosto de 1893 passa a chamar-se Museu Paulista. Seu 1º diretor, Hermann von Ihering foi nomeado em 15. 01. 1894; em 7 de setembro de 1895 inaugurou-se solenemente a instituição, em cerimônia presidida pelo Presidente do Estado, Bernardino de Campos, *Às margens do Ipiranga: 1890-1990*, [Catálogo de Exposição], São Paulo, Museu Paulista-USP, 1990. p. 8.

alemão Hermann von Ihering em 1894, sendo solenemente inaugurado só em 7 de setembro de 1895. O governo tratou de dar respaldo àquela instância de caráter oficial criando-lhe em 1895 um órgão de divulgação, a *Revista do Museu Paulista*. Impressa inicialmente na Tipografia Hennies, uma das mais bem aparelhadas da cidade, a serviço do governo, por volta de 1914 estava sob os cuidados da Tipografia do Diário Oficial.

Seu escopo diferia das demais publicações de subsídio governamental – as educativas e agrícolas, cujo propósito informador e formador pautava-se pela popularização dos conhecimentos das respectivas áreas. A orientação do cientista von Ihering voltou-se para a pesquisa e a divulgação de estudos especializados das ciências naturais e biológicas – flora, fauna florestal e marinha do Estado de São Paulo –, não se descuidando da pré-história e da história moderna do Brasil. Firmavam seus artigos os raros especialistas desta área, respectivamente Hermann e Rodolfo von Ihering, A. Hampel, Ricardo Krone, Orvile Derby, T. A. Cockerell, Theodoro Sampaio, Benedito Calixto e outros. No conjunto de nomes predominantemente estrangeiros, o destaque para Theodoro Sampaio e Benedito Calixto. O primeiro, pela colaboração invulgar como engenheiro sensível às questões de ordem nacional, por meio de artigos que extrapolavam a análise técnica dos fenômenos naturais; o segundo, contribuindo com sua veia artística e temperamento aplicado, procurando recuperar as raízes, levantando a documentação da origem da capitania paulista.

Este perfil diverso do periódico suscitava a apreensão de seu diretor, expressa no "artigo de apresentação", em 1895:

> Parece-me que em geral o Brasil não é país para revistas sérias. Pode-se porém dizer que a vida literária de cada nação torna necessário estes periódicos, e assim temos a esperança que esta nova revista seja mais feliz do que as que a ela precederão [*sic*][114].

O intuito valorativo do Estado e de seus homens intensificou-se a partir de 1917, com a gestão de Afonso de Escragnolle Taunay, que permaneceu vinte e sete anos à frente da direção do Museu Paulista e da *Revista do Museu Paulista*.

114. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Tip. a vapor Irmãos Hennies, 1895, n. 1. Em princípio anual, acusava o recebimento de muita publicação científica do exterior, o que cresceu numa progressão extraordinária. De acabamento gráfico esmerado, incluía algumas ilustrações. Escrevem no n. 1: Barão de Ramalho; H. von Ihering; P. Taubert; Adolfo Lutz.

SIhi

Sua nomeação já fora presidida pelo projeto de preparação do Centenário da Independência, que tinha na esplanada do "Museu-Monumento" o cenário mais impactante do Grito do Ipiranga. No decorrer de sua administração, as atividades do museu e a orientação da revista voltaram-se para o cultivo da tradição paulista, magnificadas no impresso periódico pelas penas de seus cultores mais devotados. A revista conheceu novas colaborações e acabou por transformar-se em publicação referencial no periodismo paulista e mesmo naquele do País. Lá firmavam-se artigos da lavra de colaboradores de relevo das ciências exatas e humanas, que traçaram o panorama das pesquisas etnológicas, científicas, geográficas e históricas no Brasil.

Não obstante o significado e a disseminação das publicações do Instituto Histórico e do Museu Paulista não cabe neste limites a análise apurada de seus conteúdos. Importa ressaltar que ambas prestaram-se à divulgação dos feitos paulistas, foram órgãos que espelharam a construção da São Paulo do Progresso, veiculando relatos e informes de valorização de sua terra e sua gente. O editorial da *Revista do Instituto Histórico de São Paulo* não deixava dúvidas sobre a auto-imagem ufanista do Estado, expressão de gerações nascidas e criadas sob o influxo das benesses da terra do café.

Paralelamente às publicações qualificadas daquelas repartições, interessa situar outros periódicos institucionais que revelaram as práticas em curso para a consolidação da imprensa de cunho científico institucional; e que, concomitantemente, ilustram a precariedade do meio para publicações de teor exclusivamente científico.

A começar pela *Revista da Escola Politécnica.* No bojo das transformações do período, a fundação da Escola Politécnica em 1893 reforçava a ênfase nas ciências aplicadas, voltando-se para estudos que subsidiavam a reforma urbana da Capital. Como órgão de representação daquela instituição fundou-se em 1900 a *Revista da Politécnica,* que se limitou a dois números, malogro justificado pela incipiência do espírito de associação de seus pares. Só em 1904, um ano após a criação do Grêmio Politécnico, o periódico foi retomado sob o título *Revista Politécnica, Órgão do Grêmio Politécnico.* Seu "artigo de fundo" vinha enfático no registro do necessário espírito associativo para o vingar de publicações daquele teor, ao justificar o efêmero da primeira tentativa e as condições propícias para seu relançamento:

> [...] É que não tínhamos ainda convenientemente desenvolvido o espírito de associação, que tão auspiciosamente se revela agora. [...] Com a fundação do Grêmio Politécnico,

SBHJ

há apenas um ano, reapareceu, afagada por todos os seus iniciadores e, para logo, consignada na sua lei fundamental, a idéia de publicação, tão necessária, de uma revista[115].

Não se tratava apenas de uma publicação do corpo discente. Prestigiados pelo diretor e demais lentes da Escola, o periódico pôde vingar divulgando ainda mais as realizações que a Politécnica propiciou à Capital. A direção coube aos alunos, presidida por Alfredo Pujol Junior, secretariada por R. Pinheiro Lima e no quadro de redatores efetivos: Alexandre Albuquerque, Gabriel Dias, J. Costa Marques, A. Nacarato e Adriano Goulin. Os artigos iniciais, que mesclavam textos de discentes e docentes, incidiam sobre temáticas variadas do campo da engenharia, longe ainda de uma linha editorial específica, perpassando indiscriminadamente os diversos ramos daquela disciplina. Seus primeiros números trouxeram matéria alentada sobre os problemas da indústria do papel no País, de autoria de Augusto C. da Silva Telles[116], enquanto faziam uso da ilustração, reproduzindo obras tidas como inovadoras na concepção de seus projetos[117]. Ao longo da publicação – que teve no volume VII, n. 31-32, de maio/outubro de 1910 o último exemplar conhecido – ressaltaram as colaborações, entre outras, de Roberto Simonsen, Edgard de Souza, Fonseca Rodrigues, Arthur Motta e Garcia Redondo, lente catedrático da Politécnica[118].

Em 1905, esta revista acusava o recebimento das publicações de caráter científico congênere, as revistas do *Clube de Engenharia* e *Imprensa Médica*, do Rio de Janeiro, e de São Paulo apenas o *Boletim de Serviços Meteorológicos e Climatológicos do Estado de São Paulo* e da *Exploração dos Rios Feio e Aguapeí*.

Infere-se, portanto, a precariedade de impressos daquele teor, contando-se tão-só, no ramo específico, com a exclusiva e tradicional publicação *Revista do Clube de Engenharia* do Rio de Janeiro. Os profissionais da área ficavam limitados às eventuais oportunidades da imprensa diária, para a divulgação de trabalhos cujo teor científico não se coadunava com as sínteses e informações ligeiras, típicas do jornalismo cotidiano. O surgimento da *Revista Politécnica*, do Grêmio, também

115. *Revista Politécnica, Órgão do Grêmio Politécnico*, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, nov. 1905, n. 1.
116. Augusto C. da Silva Telles, "O Papel", em *Revista Politécnica, op. cit.*, jan. 1905, n. 2, pp. 71-74 e mar. 1905, n. 3, pp. 121-124.
117. Vila Flávio Uchoa, de Victor Dubugras, jan. 1905, n. 2; Ponte do Aterrado do Gasômetro, abr. 1905, n. 4; Edifício Congresso Nacional, maio 1907, n. 15.
118. Garcia Redondo, "A Inteligência dos Animais e das Plantas. Conferência", em *Revista Politécnica, op. cit.*, abr.-maio 1908, n. 21.

não bastou para atender à demanda de divulgação exigida pela São Paulo em franco desenvolvimento; permanecia a carência de espaços para publicações dedicadas à "arte do engenheiro". Já se falava numa "classe dos engenheiros" desarticulada e demandando uma publicação aglutinadora. O que justificou a criação, em 1911, da *Revista de Engenharia, publicação mensal de engenharia civil, industrial, arquitetura e agronomia*, conforme se infere de seu artigo de apresentação:

> [...] Não falta lugar, pois, à *Revista de Engenharia* para se desenvolver e realizar os desígnios para que foi criada: guardar em suas páginas, pela descrição criteriosa e pela crítica serena e impessoal – para lembrança e para estímulo – o que produz a nossa classe; e fazer ressaltar por esses documentos o papel e as responsabilidades desta no passado e no prosseguir da nossa civilização[119].

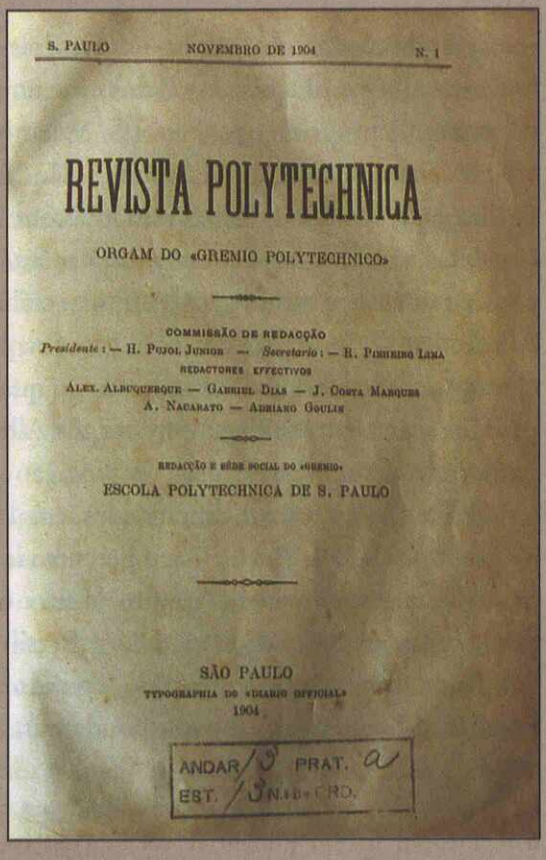
Fundada pelos engenheiros Ranulpho Pinheiro Lima e H. Souza Pinheiro, com sede na Praça Antônio Prado, no Palacete Brícola, aceitava colaboração de especialistas da área, reproduzindo artigos de Henrique de Mendonça, engenheiro civil e de minas, Lúcio Rodrigues e Carlos Eckman. Em 10 de maio de 1912, através do número 12, anunciava a transferência de propriedade e direção para os engenheiros A. Leme de Oliveira e C. Valentini. Nesse ano, a assinatura anual para o Brasil era de 10$000 e para o estrangeiro de 12$000, com representantes no Rio de Janeiro, Bahia, Curitiba e Rio Grande do Sul. Sua distribuição em São Paulo, tanto para assinatura como número avulso se dava através da Casa Garraux, na rua XV de Novembro e da F. Alves & Cia, na Rua de S. Bento.

Observou-se na mudança de propriedade e direção da revista outra orientação, de caráter acentuadamente comercial, com maior número de páginas de reclames, muita propaganda de profissionais e estabelecimentos comerciais. Tudo indica que, ainda em 1912, C. Valentini passou a proprietário exclusivo, aparecendo apenas seu nome no cabeçalho; em 1913 adotava novo subtítulo: *Revista da Engenharia. Eletrotécnica, Hidráulica e Industrial*, revelando mais especialização temática. Acentuava-se o propósito publicitário ali figurando os mais conceituados escritórios de profissionais do ramo. Já na página de abertura, os nomes de Alexandre de Albuquerque, Alfredo Pujol Junior, Victor Dubugras, Carlos Eckman, Pereira da Silva, Carlos Krug, responsáveis por obras significativas no

119. *Revista de Engenharia, publicação mensal de engenharia civil, industrial, arquitetura e agronomia*, São Paulo, 10 jun. 1911, vol. I, n. 1.

SIhi

No Canteiro de Obras de São Paulo • 1. *Revista Politécnica, Órgão do Grêmio Politécnico*, São Paulo, 1904, n. 1. • 2. *Revista de Engenharia, publicação mensal de engenharia civil, industrial, arquitetura e agronomia*, São Paulo, jul. 1912, vol. II, n. 2. • 3. *Revista da Engenharia. Eletrotécnica, Hidráulica e Industrial*, São Paulo, 1912.


S. PAULO NOVEMBRO DE 1904 N. 1

REVISTA POLYTECHNICA

ORGAM DO «GREMIO POLYTECHNICO»

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente : — H. Pujol Junior — *Secretario* : — R. Pinheiro Lima

REDACTORES EFFECTIVOS

Alex. Albuquerque — Gabriel Dias — J. Costa Marques

A. Nacarato — Adriano Goulin

REDACÇÃO E SÉDE SOCIAL DO «GREMIO»

ESCOLA POLYTECHNICA DE S. PAULO

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1904

ANDAR/ PRAT. a

EST. /

1


Revista de Engenharia

São Paulo - Brasil

SUMMARIO

2


Revista da Engenharia

The Gourock Ropework Export Co., Ltd

ENCERADOS e BARRAÇAS

3

merçado da construção paulistana. Os dois primeiros, quando estudantes da Politécnica, dirigiram a *Revista Politécnica*, anunciando-se agora como profissionais do ramo. O próprio engenheiro C. Valentini, em anúncio de página inteira divulgava sua qualificação: "Engenheiro C. Valentini, ex-engenheiro da A.E.G. de Berlim e da G.E.C. de Schennectady, com 16 anos de experiência profissional – consultas técnicas, inspeções de instalações, projetos e desenhos industriais, direção de trabalhos e montagens. Aceita-se trabalhos de engenharia no interior a preços módicos". Seu tino comercial garantiu o sucesso da publicação, que circulou com qualidade até 1914, último ano do qual se conserva exemplar[120]. Ao lado do próprio C. Valentini, firmavam artigos Alberto Fink, Henry Albaux, F. Kruger, entre outros, num espectro de colaboração que representava todo o Brasil.

Contando com mais dificuldades, em 1905 era lançada a *Revista da Sociedade Científica de São Paulo*[121]. Seu percurso inicial, um dos raros que se pode recuperar desta fase e naquele âmbito, ilustra o atraso paulista no trato da Ciência pura, como de ordinário em todo o Brasil. Nascida da Sociedade Científica de São Paulo, sabe-se que ao final do segundo ano possuía 83 sócios, sendo 31 fundadores, 52 efetivos e 28 correspondentes.

> Entre estes, nos orgulhamos de contar com cientistas de reputação universal [...] Infelizmente, porém, este número de sócios é relativamente diminuto comparado com o grande número de pessoas que na capital se interessam pelas ciências ou que delas fazem profissão. Maior seria o número de sócios, se a atual diretoria não se tivesse visto na dolorosa contingência de eliminar do quadro social alguns nomes de pessoas que deixaram de cumprir os seus deveres sociais, e de atender diversos pedidos de demissão. Mas a diretoria foi obrigada a demitir alguns e outros pediram demissão[122].

De periodicidade mensal, destinava-se à publicação de trabalhos inéditos dos sócios, cujo primeiro fascículo distribuiu-se em junho de 1905, redigido em francês, com 60 páginas. No segundo ano passou a circular com 16 páginas em folhetos mensais, bilíngüe. Trazia características muito próprias, sem ilustração,

120. *Revista da Engenharia. Eletrotécnica, Hidráulica e Industrial*, São Paulo, 1º abr. 1914, vol. III, n. 10.

121. *Revista da Sociedade Científica de São Paulo. Órgão da Sociedade Científica de São Paulo. Mensário destinado à publicação de trabalhos inéditos dos membros da Associação*, São Paulo, 1905. Ver Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 981; o 1º vol. da revista constituiu-se de três fascículos: o n. 1, em 1904, o n. 2 em 1905 e os n. 3 e 4, em 1906. O segundo ano, em 1907, trazia fascículos de 16 p., em *Revista da Sociedade Científica*, *op. cit.*, vol. II, n. 1-4, jan.-abr. 1907, s/p.

122. *Revista da Sociedade Científica de São Paulo*, São Paulo, vol. II, n. 5-7, maio-jul. 1907, p. 96.

com artigos transcritos de publicações estrangeiras, ou desenvolvendo pequenas teses científicas. Sua apresentação gráfica precária, em papel-jornal, revelava a verba escassa para a impressão, o despreparo técnico para a tarefa, o que também se expressava pelo custo baixo do exemplar.

Da primeira fase da revista, constam os nomes de Edmundo Krueg na direção, Roberto Hottinger na redação, Victor Dubugras, tesoureiro, e os colaboradores Vital Brazil, Antonio de Barros Barreto, Buarque de Holanda, A. Coccoci, Afonso Splendore. Com sede na Brigadeiro Luís Antônio, n. 12, constituía-se num dos poucos espaços para conferências científicas. Curiosa a conferência de Edmundo Krueg, em 1909, sob o tema *A Superstição Paulistana*, e mais uma miscelânea de títulos que escapavam do tratamento científico, mas que se valiam daquela associação para legitimar o rigor e a seriedade das pesquisas, a despeito de inscritas na chave da área de humanas.

De fato, não obstante o perfil de colaboradores, ligados às ciências exatas, e as "teses científicas" expostas, a revista abrigava colaborações de natureza vária – histórica, filológica, pedagógica – constituindo-se em mais um local de divulgação cultural, que se legitimava em letra impressa, pela possibilidade de divulgação num veículo daquele porte. Vale lembrar que, particularmente na área científica, a editoração nacional demorou a deslanchar, fazendo uso, por muitos anos, de livros em francês, tanto os alunos da Politécnica, como os da Medicina[123].

Em 1911 a *Revista da Sociedade Científica de São Paulo* iniciava nova fase, de publicação trimestral, com direção de Eliezer Santos Saraiva, engenheiro civil e ajudante do Serviço Meteorológico do Estado de São Paulo. Seus colaboradores não provinham exclusivamente da área das ciências exatas mas da produção literária em geral: o educador Álvaro Guerra, fundador e diretor da revista *Íris*, que participara com o artigo sobre *Apassivação Nominal*; José Rangel Belfort de Matos, da Faculdade de Direito; Lourenço Granato, agrônomo, que já dirigira *O Fazendeiro* e a partir de 1910 é seu proprietário, e ocuparia mais tarde a direção da revista em pauta; Paulo Florence, que estampou o artigo "A Música e sua Evolução".

Nas publicações do gênero, a contribuição da *Revista da Sociedade Científica* foi importante, a despeito de sua irregularidade e mesmo precariedade como publicação. Legitimava a existência da Sociedade Científica, imprimindo suas

123. Ver artigos de Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 981.

conferências e abrindo mais um espaço para a colocação de estudiosos da área, entre os raros da cidade, não se limitando a temas da ciência pura. A exemplo das publicações pares, priorizou a investigação sobre o território paulista, pesquisou as raízes étnicas, com vistas ao entendimento da formação do País.

Importa considerar que do elenco de revistas institucionais mencionadas inferiu-se a priorização das publicações voltadas para o rastreamento da tradição paulista, que conheceram amparo oficial e destaque, coadjuvadas por homens de trânsito no Governo, quando não do próprio Governo, afinadas com a política oficial daquelas administrações.

Como vimos, a *Revista do Instituto Histórico de São Paulo* e a *Revista do Museu Paulista*, ambas da década de 1890, ilustram esta percepção tanto pela colaboração alentada dos redatores, quanto pelos seus posicionamentos afinados com o sistema.

Em compasso diverso, o segmento das revistas de engenharia, nascidas a partir de 1900, conforme revelaram a *Revista da Politécnica*, a *Revista de Engenharia* e a *Revista de Engenharia do Mackenzie*, de espectro prático, vieram ao encontro das demandas prementes da Capital em ritmo de metropolização.

Embora com outro escopo, nessa mesma ordem de demanda e ilustrativas das urgências de atendimento e soluções imediatas, as publicações das áreas de farmácia, odontologia e saneamento: *Revista Farmacêutica* 1895, *Revista Farmacêutica e Odontológica* 1897, *Revista Odontológica Paulista* 1905, *Revista Odontológica Brasileira* 1911, *Revista da União Farmacêutica de São Paulo* 1914, *Serviço Sanitário do Estado de São Paulo* 1918, *A Semana Farmacêutica* 1922, *União Farmacêutica* 1922. Tal proliferação pode ser explicada, em parte, pela criação da Escola de Farmácia em 1898, inaugurada em 1899, acrescida em 1901 dos cursos de Obstetrícia e Odontologia. A construção da sede própria em 1904, no bairro do Bom Retiro, concluída e inaugurada em menos de um ano, 1905, tornou-a referência de instituição modelar no gênero, das mais procuradas do País, conhecida como a "Escola da Rua Três Rios"[124]. Em contrapartida, a demora de instalação da Faculdade de Medicina de São Paulo[125], efetivada só em 1912, elucida a

124. Ana Luiza Martins, *A Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo*, São Paulo, Condephaat, 1981.

125. Data de 24 de novembro de 1891 a criação da lei n. 19 estabelecendo uma "Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia de São Paulo", que permaneceu letra morta, recuperada em 1912, quando foi criada a Faculdade de Medicina no governo de Rodrigues Alves. Instalada por vários edifícios da cidade, da Escola

Slhi

razão do longo período que mediou o lançamento da primeira revista paulista de medicina da República, a *Revista Médica de São Paulo* 1896, e a seguinte, a *Revista de Medicina*, que só seria veiculada em 1918. Oportuno lembrar, contudo, que, do núcleo da *Revista Médica de São Paulo*, em 1897, saiu moção de apoio para a criação da Escola de Farmácia, fundação efetivada no ano seguinte.

Corroborando a busca da ordem social, em 1896, a *Revista Ciências Penais e Medicina Legal* e, ainda em 1923, a *Revista de Criminologia e Medicina Legal*; como termômetro do atraso do Estado na área da ciência pura, as peculiaridades e vicissitudes da *Revista da Sociedade Científica.*

Infere-se, pois, que o aparelhamento institucional laico nascido com a República encontrou no periodismo larga representação, instrumento que lhe deu força, significado e visibilidade. O empenho da *Revista Médica de São Paulo* na criação da Faculdade de Farmácia ilustra a força daquelas agremiações periódicas; ao mesmo tempo, a difícil aquisição de obras afetas às ciências exatas encontrou nas revistas o sucedâneo para a veiculação de pesquisas e artigos da bibliografia estrangeira especializada, enquanto possibilitava a divulgação de trabalhos dos cientistas nacionais. Em 1930 a situação permanecia a mesma, conforme se constatou do escrutínio de obras da biblioteca do politécnico e futuro prefeito de São Paulo, Francisco Prestes Maia. Ali, a predominância da bibliografia de obras estrangeiras, francesas e norte-americanas na sua maioria, ao lado de revistas especializadas de procedência especialmente norte-americana, confirmava a importância do impresso periódico, em face da precariedade da editoração nacional[126].

de Comércio Armando Álvares Penteado à Politécnica, data de 17 de outubro de 1916, lei n. 1.504, a autorização para sede própria, quando era diretor Arnaldo Vieira de Carvalho. Ver Julita Scarano, *Processo de Tombamento da Faculdade de Medicina de São Paulo*, São Paulo, Condephaat, 1978.

126. O acervo da Biblioteca Prestes Maia, adquirido pelo engenheiro Henry Maksoud foi doado à Biblioteca Mário de Andrade, merecendo seção especial denominada Coleção Prestes Maia, sob os cuidados da bibliotecária Carmem Lúcia Sanches Jaquinta.

SIhi

Por trás do *Sport*: Revistas Esportivas

Na Paulicéia, que se queria moderna, a prática esportiva chegou através de representação elegante, introduzida por seletos grupos de estrangeiros, na sua maioria especuladores de empresas comerciais e financeiras, na então pródiga Capital do Café. A partir de 1900, ingleses e canadenses, que respondiam pela administração da poderosa Light and Powers & Co., monopolizavam não apenas a iluminação e os trilhos de *bond* da cidade, mas introduziam práticas esportivas de seus países de origem, rapidamente apropriados por uma sociedade de poucos lazeres, ávida de novidades. Através da reprodução de hábitos aristocráticos, como a prática do *hokey* e do *lawnn tennis*, aqueles grupos seletos ostentavam sua procedência metropolitana, procurando distinguir-se em meio ao primitivismo dos trópicos.

É certo que, desde 1860, jovens oligarcas da província envolviam-se com o turfe, fundando, em 14 de março de 1875, o Joquey Club Paulista. Daí seguiram-se a Hípica, e os clubes de cunho social, privilegiando a atividade esportiva, como o Floresta e o Espéria. A virada do século prosseguiu, criando clubes étnicos na capital, com destaque para o Germania. Um grupo restrito da elite paulistana fundava o Paulistano. Em 1929 seria criada uma dissidência deste, mais restritiva, o Harmonia.

Ainda em 1896 a ida ao Velódromo da Consolação era programa atraente, com presença da *jeunesse dorée* local, onde o iniciante colunismo social "clicava", em *flashes* de Kodaks, os figurinos da moda. A repercussão ficava por conta da revista *A Bicicleta*, publicação de apenas quatro páginas, em papel-jornal, recheada com informes esportivos. Réplica quase fiel da francesa *Bicyclette*, divulgava a

velocipedia paulistana, promovendo competições, anunciando e representando os modelos das bicicletas Peugeot. Produto seleto para platéia seleta. Seu jovem proprietário, Otto Huffenbacher, campineiro, de 23 anos, ciclista exímio, descobria no periodismo o veículo ideal de propaganda, valendo-se do impresso para dupla publicidade: dos produtos esportivos que representava e de seu próprio ramo de negócios, nada menos que uma oficina gráfica artística. Nesse propósito, deixava-se estampar na revista, sob a seguinte justificativa:

> *A Bicicleta* o retrata não por orgulho próprio mas para tornar conhecido o progresso da velocipedia paulista [...] pois além de ciclista de primeira plana, é perito na arte que professa, possuindo em companhia de seu padrasto Guilherme Braune, uma tipografia artística que dia a dia é aumentada pela quantidade de trabalhos [...] jovem ciclista tipógrafo[127].

O surgimento de *O Sport*[128], em 1898, editado pela Livraria Magalhães, talvez seja a primeira publicação esportiva de espectro diversificado que surgiu em São Paulo. Juntamente com *A Bicicleta*, confirmava a prática de as gráficas darem origem às revistas, como subproduto comercial de sua atividade. A Gráfica-Livraria Magalhães, aliás, seria recordista da divulgação do impresso, em forma de revistas ou mesmo de livros, cumprindo na República, na cidade de São Paulo, papel relevante na veiculação de obras nacionais[129].

No cotidiano de lazer, as modas esportivas sucediam-se passageiras, novidadeiras, fugazes, festejadas, rendendo matérias de agrado da elite, que comparecia aos selecionados eventos para ver e ser vista e, pela mesma razão, adquirir a publicação que a espelhava. Em 1905, a patinação era *coqueluche*, conforme anunciava o n.º 3 da revista *A Novidade*.

> [...] já se sabe que no *Columbia Rink* [...] principalmente às quintas e sábados se reúne o pessoal da elite paulistana. É por assim dizer o *sport* da moda que tenta monopolizar os demais. Senhoritas com trajes apropriados deslizam suavemente amparadas nos braços dos gentis cavalheiros que se desincumbiam da agradável missão. No próximo número daremos a descrição das *toilettes* mais *chics* que forem vistas no simpático centro de diversões[130].

127. *A Bicicleta, revista de velocipedia*, São Paulo, 1896, n. 1.
128. *O Sport*, São Paulo, Livraria Magalhães, 1898, em Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 25.
129. Ver Teresinha Del Florentino, *op. cit.*, pp. 102-114.
130. *A Novidade, revista de literatura, crítica, arte e esporte*, São Paulo, 1905.

Concorridos também eram, desde 1905, o hipódromo da Mooca, o Jardim da Luz e o Parque Antártica, espaços classificatórios que mesclavam a elite paulistana aos arrivistas estrangeiros, especuladores na terra do café. Não se tratava do cultivo do esporte pelas multidões, conforme modernamente se assiste, mas de aglomerados significativos naquela população subitamente ampliada.

Chocante, porém, era a aglomeração de platéias elegantes nos campos improvisados, em meio à terra batida, terrenos incultos, protagonizando cenas de contrastes e de efeito patético, reproduzidas à exaustão pelo periodismo ilustrado. A imagem era grotesca, ao revelar o anacronismo dos personagens no cenário; ou, melhor, a triste representação de um estilo de vida pretendido. Manequins de Paris, figurinos da moda, na figuração da selva.

Essa apreciação de cenário e personagens destoantes não passava despercebida para Gelásio Pimenta, o arguto proprietário da revista *Cigarra Esportiva*[131]. Na ilustração da matéria sobre jogos no Floresta, o editor lamentava o desconforto da assistência, mal equilibrando-se nos barrancos em meio à mata que ainda conformava os limites do *club*. Deplorando o espetáculo, indiretamente cobrava das autoridades a delimitação de áreas esportivas adequadas, construção de *ginasium* e/ou *stadium*.

E as publicações esportivas sucediam-se, diversificando-se nas respectivas modalidades, cuja prática, diga-se, também estava em alta na Europa. Em 1902, editava-se *O Sportsman, Órgão do Club de Esgrima*, ligado à milícia policial de São Paulo, do tenente Pedro Dias de Campos[132]; em 1905, o *Ideal Sport-Club, Órgão do Ideal Sport Club* que oferecia luta romana, esgrima, tiro ao alvo, *rowing*, ginástica, ciclismo, pelota, natação, exercícios de pesos, *football*, peteca etc.[133]; em 1906, *Sportmen, revista esportiva e literária, mensal*[134], de Arthur Reis Teixeira, Nicolau Marmo e Luiz Couto que, comprada por Amancio Rodrigues dos Santos, em 1909, evoluiu para uma das revistas mais importantes do período, a já citada *A Vida Moderna*. Esgrima, velocipedia, tênis, remo, natação, *football* – modalidades cultivadas na última década do século passado –, conferiam sinais de distinção ao grupo que as praticava. Não obstante a inicial rejeição das elites

131. *Cigarra Esportiva, revista semanal ilustrada consagrada a todos os ramos de sport*, São Paulo, 1917.
132. *O Sportsman, Órgão do Club de Esgrima*, São Paulo, 1902.
133. *Ideal Sport-Club, órgão do Ideal Sport Club*, São Paulo, Tip. Ideal de F. Canton, jan. 1905, *apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 968.
134. *Sportmen, revista esportiva e literária, mensal*, São Paulo, 1906.

ao *football*, o "nobre esporte bretão" acabou por arrebatar adeptos e ganhar espaço.

A partir de 1903 o automobilismo, ícone da velocidade, da técnica e do progresso, era celebrado em circuitos temerários, sugestivos do heroísmo e da vibração daqueles tempos, ditos modernos. Em 1908, a *Vida Paulista* noticiava o *raid* de automóveis organizado pela primeira vez na América do Sul, por iniciativa do Automóvel Clube[135]. No mesmo ano, a revista *Ronda*, cobria o Circuito de Itapecerica, um acontecimento e tanto naquela Paulicéia[136].

De fato, o *sport* foi assunto preferencial do periodismo paulistano do início do século, abordado em artigos de fundo, seções especializadas, chamadas de capa, ilustrações de toda ordem e muita caricatura. Introduzido em apelos de estranha combinação, conjugava na mesma revista chamadas duplas, compondo literatura/*sport*, arte/*sport*, ciência/*sport*, teatro/*sport;* por vezes, embora anunciado em capa, nada constava nesse sentido no seu interior.

Tratava-se de mero apelo sugerido pela palavra mágica *sport*, chamariz vendável, conforme se inferiu em alguns números da *Antártica Ilustrada*, que o mencionava na capa, sem correspondência com seu conteúdo. A simples menção de *sport*, vocábulo carregado de peso simbólico, sugeria valores prezados pela sociedade da época, evocativo de lazer, saúde, higiene, civilidade. Daí seu endosso pela propaganda – do *turfeman* ao *sportman* –, transformada em qualificativo para estabelecimentos elegantes, tematizada em inúmeras seções sugestivas de requinte do viver do *smart*, ou da gentil senhorita. Em 1911, a seleta Rotisserie Sportsman, anunciava a inauguração do Grande Hotel Sportsman, "dando para as três ruas mais importantes da cidade: Direita, Quitanda e São Bento". Era o lugar preferido do *chic sportsman*, que freqüentava os prados do Jockey-Club ou da Antártica.

O quadro ao lado ilustra a incidência de revistas que tratavam da temática esportiva, ainda que mero apelo de chamada de capa, garantindo sua compra e/ou assinatura.

A euforia esportiva "vendida" como marca da cidade chegava a tal ponto que até mesmo os traços característicos da São Paulo comercial e industrial eram relativizados, na perspectiva do jornalista esportivo Léo Lemos, noticiando em *A Novidade*, de 1905.

135. *Vida Paulista. Edição semanal d'A Notícia*, São Paulo, 1908, n. 1.
136. *Ronda. Revista semanal ilustrada de atualidades*, São Paulo, 1908, n. 9.

QUADRO XII. REVISTAS ESPORTIVAS E AFINS (1890-1922)

Ano	*Título*	*Subtítulo*	*Seção*
1896	*A Bicicleta*	Semanário Ciclístico Ilustrado	
1896	*A Paulicéia*	Semanário Ilustrado	Esportes
1900	*O Garoto*	Semanário Burlesco	Semana Esportiva
1901	*O Pequeno Jornal*	Político, noticioso e comercial	Esportes
1902	*O Sportsman*	Órgão do Clube de Esgrima	Esportes em geral
1903	*A Vida Sportiva*	Órgão dedicado ao desenvolvimento da cultura física	Esportes em geral
1903	*Arte e Sport*	Semanário de Reclame	Notícia Esportiva
1903	*O Monitor*		Esporte
1904	*Antarctica Illustrada*	Literária, Comercial, Sportiva	
1905	*A Novidade*	Revista de Literatura, Crítica, Arte e Sport	Nota esportiva
1905	*Ilustração Brasileira*	Literatura, Teatro, Música, Pintura, Política, Sociologia, Medicina, Jurisprudência, Ciências Ocultas, Indústrias, Sport, Religião,	Nota Esportiva
1905	*O Sport*	Revista Semanal	Esportes em geral
1906	*São Paulo Magazine*	Revista Ilustrada Mensal Brasileira e Universal de Atualidades, Arte, Literatura, Viagens, Sports, Agricultura e Indústrias	Esportes
1906	*Sportmen*	Revista Sportiva e Literária	Artigos esportivos
1907	*Sciencia e Arte*	Revista de Ciências Arte Literatura Modas Comércio Sport	Esportes
1911	*O Pirralho*	Semanário Ilustrado de importância... evidente	Vida Esportiva
1912	*Gavroche*		Fotos de esportistas
1913	*O Jornal*		Esporte
1913	*Revista Theatral*	Teatro, sport e... o que for	
1915	*O Jockey*	Semanário Sportivo	Esporte da elite
1915	*O Queixoso*	Revista Quinzenal Ilustrada. Queixas, Reclamações, Humorismo, Política, Literatura, Artes, Sports etc.	
1915	*Vida Sportiva*		
1917	*A Cigarra Sportiva*	Revista Semanal Ilustrada consagrada a todos os ramos do Sport	Especialistas em *football*, tênis, turf e e *rowing*
1918	*Mercúrio*	Lavoura, indústria, comércio, estradas de rodagem, *touring*	Esportes
1919	*Sports*	Revista de todos os Sports	
1920	*Papel e Tinta*	Ilustração Quinzenal Brasileira	Nota esportiva
1920	*São Paulo Ilustrado*	Semanário popular de atualidades, arte, sports, modas	Capas com jogador
1921	*A Garoa*	Variedades	Red. Esportivo: Figueiredo Jr.
1922	*A Cigana*	Literatura, Humorismo, Artes, Sociais, Esportes	

Fonte: Levantamento de títulos a partir do elenco de revistas do período.

São Paulo, a graciosa capital do sul, não se faz admirar entre as demais cidades brasileiras, somente pelas negras espirais de fumo que adornam as chaminés das suas grandes fábricas, nem tampouco pelo seu importante comércio, mas também pelo desenvolvimento que tem tido o *sport* que já não se contenta em tirar os rapazes de suas casas para os centros esportivos, mas que, com atrativos, chama as nossas gentis patrícias para um momento de distração ao espírito e de exercício ao corpo, que se deixando ficar inerte como acontece nas grandes cidades, muito contribui para seu gradativo enfraquecimento. [...] simpáticos leitores e gentis leitoras, deixae por um pouco a doce quietude do lar e dedicai alguns momentos ao genero de *sport* que mais vos agradar! Lembrae-vos que para *uma grande Pátria como a nossa é preciso uma geração forte e ousada* e que o *sport* nas suas múltiplas formas é estrada segura para tão elevado fim[137].

A voracidade pelas notícias esportivas passou a exigir das publicações periodicidade semanal. Era necessário divulgar com presteza os torneios, os resultados do turfe, as partidas entre os clubes, os *matches*. Nesse ritmo, rapidamente, esportistas amadores improvisaram-se em editores, percebendo naquele segmento da imprensa um filão comercial, desde que abordassem as diversas modalidades em voga.

A evolução da revista *O Sportsman*, de 1902, é alusiva dessa exigência da pluralidade esportiva. Criada como órgão do Clube de Esgrima, praticada por alguns aficionados, já no ano seguinte, em 1903, transformou-se em *A Vida Sportiva, órgão dedicado ao desenvolvimento da cultura física*, com seções de *sports* em geral. Essa abrangência era a fórmula ideal para ampliar a tiragem.

Mais consumidores, mais anunciantes, e mais lucrativo se tornava o negócio. Não bastassem essas vantagens, as revistas esportivas desempenharam papel efetivo na ampliação do público leitor, pois atraíram um segmento receptor tradicionalmente reticente ao consumo do impresso: o leitor masculino. Através do *sport*, ou, melhor, das revistas que o veiculavam, o avesso leitor masculino era aliciantemente introduzido no universo da leitura, pelo lúdico folhear de páginas que intercalavam futebol, turfe, poesias sobre esporte, charadas, crônica social, palpites no jogo do bicho, contos. E mais. Com vistas a ampliar essa população leitora, estavam as estratégias de venda – da coleção de fotos de atletas da moda à organização seriada de coleções – o que garantia a circulação do periódico entre faixas etárias diversas, atingindo, sobretudo, o público jovem; ou por outra, a população recém-alfabetizada dos primeiros anos da República.

137. *A Novidade*, *op. cit*, 1905. Grifo nosso.

Ampliava o consumo, formava gerações e disseminava conteúdos. Conteúdos tendenciosos, presentes no ideário da época, atrelados ao propalado projeto de construção nacional. Junto aos resultados de *matches* e estampas coloridas do saudável esportista, quase sem perceber, os leitores eram alvo de uma campanha entranhada no dia-a-dia, reforçando, subliminarmente, as teorias científicas então em voga[138]. Da pureza da raça e seu obsessivo branqueamento, à propaganda da educação física como regeneradora da "malsinada" população do País, o discurso saneador impregnava aquelas páginas esportivas[139].

Das inofensivas e diletantes revistas, destilava-se todo um programa de purificação da raça, em nome da constituição de uma nacionalidade, mensagem oficial e uníssona do periodismo ilustrado na primeira República. Divulgar e premiar a prática esportiva passou a ser "dever cívico", proposta intensificada durante a guerra, que teve em Olavo Bilac o arauto exemplar. Já em 1902, *O Sportsman*, revelava seus propósitos, na corrente alusão à superioridade da raça anglo-saxã:

> Não duvidamos afirmar que o progresso dos povos anglo-saxões é devido em grande parte ao [...] entusiasmo com que eles cultivam todos os ramos do *sport* [...] fazendo do fraco um forte e do forte um atleta. E nós os latinos, especialmente os brasileiros, parece, nascemos para ter indiferença a tudo quanto tenha relação com o desenvolvimento físico. [...] Para combater essa indiferença nos achamos de sabre em punho; aqui nos achamos de pena, em riste.[...][140]

Este caráter "regenerador" do esporte seria a tônica das revistas esportivas, solução que apaziguava os temores quanto à conformação do povo brasileiro, cujo biotipo não correspondia ao protótipo dolicocéfalo loiro, referência de padrão eugênico. Tendência que se intensificaria nas publicações veiculadas durante a guerra, em cujos campos de batalha se travava uma competição política e econômica, mas, igualmente, uma competição da raça[141].

138. Ver Lilia Moritz Schwarcz, *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil. 1870-1930*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
139. Aparecendo subliminarmente nesse periodismo, na década de 1930, a temática eugênica já seria temática específica das revistas científicas das décadas de 1930 e 1940.
140. *O Sportsman, órgão do Club de Esgrima*, São Paulo, 1902, n. 1.
141. A competição da raça se alastrará de fato para o campo de guerra nos anos de 1930 a 1940, presidida pelo fascismo e pelo nazismo.

Nessa perspectiva, não soava estranho, naqueles idos, o enfático artigo de apresentação da revista *Cigarra Esportiva*, lançada em 1917. Sua contundência vale a reprodução:

[...] Se até agora vamos contribuindo para o desenvolvimento artístico e intelectual de nosso meio, de ora em diante procuraremos completar o programa da reação orgânica da nacionalidade, promovendo, por todos os meios ao nosso alcance, *o progresso de cultura muscular*, predispondo a *geração moderna para o culto da vida atlética*. [...] Os exercícios do corpo, as disciplinas, os *sports* de toda qualidade, *podem apagar, no brasileiro, características inferiores de raça e integrar nele todos os valores físicos de um novo tipo com belezas de anatomia e pujanças de musculatura*. Adestrado nos diferentes *sports* que a mocidade adota como um dos maiores prazeres de seu espírito, o adolescente patrício terá necessariamente perdido a fragilidade e a fealdade do corpo, ganhando em compensação a *esbelteza das formas gregas*, a *robustez dos organismos fortes*, uma vez que se entregue metodicamente à educação orgânica dos movimentos que dão reflexão aos músculos, equilíbrio aos nervos, coloração ao rosto, ampliação ao tórax e uma *bondade hercúlea* que fará dele um herói. [...] As condições do clima, no Brasil, malsinam os mais *imperfeitos exemplares da raça*. Reduzir a proporções mínimas as influências da natureza [...] eis uma empresa que só por meio dos diferentes *sports* se poderá levar de vencida.

[...] Os *sports* no Brasil salvam muitos moços do regime degradante, corrigindo-lhes defeitos de caráter, apagando-lhes influências mórbidas, intensificando-as da alegria que sempre proporciona a vida esportiva. Não há sombra de exagero no que dizemos. Para que esta verdade ganhe foros de axioma, é bastante atentar tanto nos *fracos* como nos que se entregam ao exercício do remo, do foot-ball, do box, dos alteres e do ciclismo. Que infinito contraste! Os últimos são corpos esbeltos, ágeis, acumulando uma atividade muscular que lhes permite na vida a realização dos feitos mais audazes.

É animada do propósito de propagar este programa de cultura e de jornada patriótica, tendo por fim a física – ponto de partida de uma conversão e redenção da nacionalidade – que surge hoje a Cigarra[142].

O jornal *Correio Paulistano* endossava a proposta do texto, estampando na mesma semana o comentário:

[...] O artigo de apresentação é bem lançado e denota um elevado programa patriótico em prol da cultura física da nossa mocidade[143].

O discurso dicotômico, contrapondo o *fraco* ao *forte*, introduzia a valorização do corpo, estratégia biopolítica que a medicina da época paulatinamente

142. *Cigarra Esportiva*, São Paulo, 1917. Grifos nossos.
143. *Correio Paulistano*, 10 jun. 1917.

disseminava, projeto que vinha de encontro às conveniências da sociedade capitalista[144].

Oportuno ressaltar que *A Cigarra Esportiva* vinha a ser um subproduto de *A Cigarra*, anunciada como a "revista de maior circulação no Estado de São Paulo. *Record* de venda avulsa na capital e no interior [...], impressa em magnífico papel glacé", conforme sua propaganda, ao estilo do vitorioso proprietário Gelásio Pimenta. Empresa bem constituída, sensível às demandas de mercado, com ampla penetração em vários Estados do País e no estrangeiro, veiculadora da imagem triunfante da São Paulo moderna, nesse mesmo ano de 1917, documentava indiretamente a tensão que se vivia no cotidiano. Não como matéria no interior da revista, mas como informação de expediente. No n. 6, uma discreta justificativa, sem querer, revelava que a cidade do progresso se problematizava, que a capital do trabalho vivenciava os dilemas de uma classe trabalhadora espoliada, matéria que não se ajustava à euforia divulgada pela revista, órgão ufanista de triunfante discurso parnasiano:

> *Greve*
>
> Em conseqüência da greve que se manifestou nesta capital, estiveram paralisados os trabalhos em nossas oficinas durante alguns dias. Por esse motivo não pode circular *A Cigarra* no último Sábado[145].

Por volta de 1919, o ampliado elenco de modalidades esportivas tinha rebatimento nas revistas, que introduziam seções especializadas de *football*, atletismo, ciclismo, automobilismo, aviação, motociclismo, hipismo, náutica, turfe, tênis e educação física, assim como já contava com redatores especializados. No expediente da *Cigarra Esportiva*, encontravam-se os nomes de Antonio dos Santos Figueiredo, assinando matérias sobre futebol; Alfredo Redondo, sob pseudônimo de Dr. Semana, noticiando o turfe; Maércio Munhós, divulgando o tênis, e Pedro Cunha, o *rowing*. Com exceção do futebol, que se disseminava pelos arrabaldes da cidade, os demais gêneros ainda eram praticados e desfrutados apenas por aquinhoados da fortuna.

144. O "controle da população não se opera apenas pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica". M. Foucault, "O Nascimento da Medicina Social", em *Microfísica do Poder*, *op. cit.*, 1917, pp. 80 e ss.

145. *A Cigarra Esportiva*, *op. cit.*, n. 6.

SIhi

A síntese desse momento esportivo pode ser captada na revista *Sports*, lançada em 1919. Publicação de fatura superior, resultava do amadurecimento das edições do gênero, espelhando as tantas modalidades em curso. Mais do que isso, porém, da composição do corpo editorial ao teor de seus artigos de fundo, *Sports* era documento de fácil leitura, em que aflorava a mentalidade da elite dominante, a serviço daqueles valores presididos pelo fortalecimento da raça, a busca de sua conformação hercúlea, seu branqueamento, a superioridade do "forte".

Sports trazia feitura apurada, em papel cuchê, 44 páginas, ao preço de 16$000 a assinatura anual e 1$500 o número avulso. Não era uma revista barata. A capa desenhada por Rasmussen surpreendeu o público, pois em geral as revistas esportivas não se esmeravam em recursos artísticos de ilustração. Nenhuma surpresa por esse resultado, contudo, ao se desvendar seus bastidores.

Iniciativa de sócios do Clube Paulistano, produzida *pela* e *para* a elite, pertencia ao grupo Netto & Thormussen, reunindo nomes da São Paulo elegante que se encontravam nos disputados *matches* da Capital. Intermediando *players* e seus categorizados aficionados, estava o já mencionado Maércio Munhós, nome atuante nas lides esportivas. Proveniente dos quadros do Paulistano, Munhós seria, em 1929, co-fundador do Clube Harmonia, dissidência daquele e talvez a melhor representação do clã oligarca paulistano[146]. Completavam o quadro de redatores Domício de L. Pacheco e Silva, Américo R. Netto e Mário Cardim. Na categoria de colaboradores, além de Maércio Munhós, constavam João Carlos Kruel, Antonio de Figueiredo e Arnaldo Andreucci.

A requintada apresentação gráfica de *Sports*, impressa em duas cores, com Thorwal Rasmussen como diretor artístico, atrelava-se às vanguardas estéticas do período. Mais que isso, configurava o grupo social ao qual servia, confirmando a figuração da "modernidade", vezo de conduta das elites de países dependentes, sempre afinadas com a última nova, quando não a última novidade, numa tentativa de superar, se não a origem periférica, as defasagens decorrentes de um tempo cultural diverso.

Os patrocinadores e anunciantes ilustram o respaldo econômico da revista: Pereira Carneiro & Companhia Ltda., potência da época com frota, exportação de sal em larga escala, farinha de trigo; Dique Lahmeyer, fábrica de tecidos com sede no Rio e filial em São Paulo, possuindo depósitos com desvios particulares

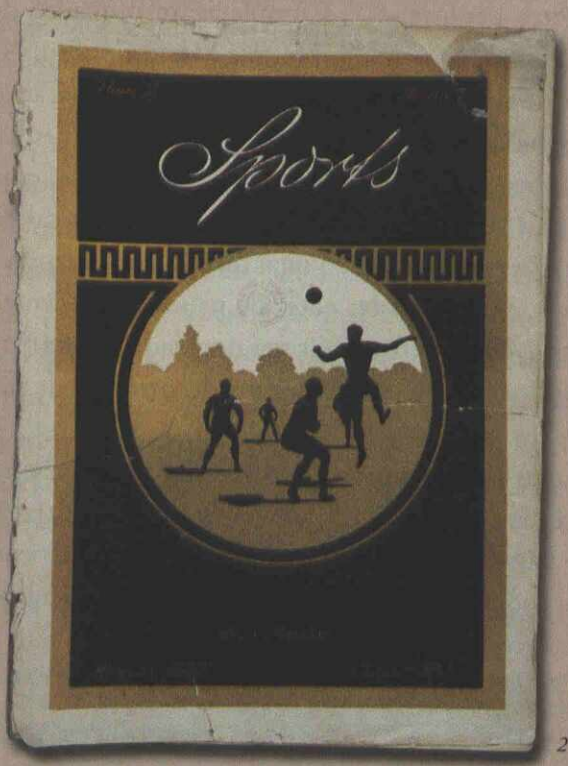
146. Margarida Cintra Gordinho & Ana Luiza Martins, *Memória do Harmonia*, São Paulo, Editora Marca D'Água, 1993.

Revista Esportiva: Tudo por um Modismo

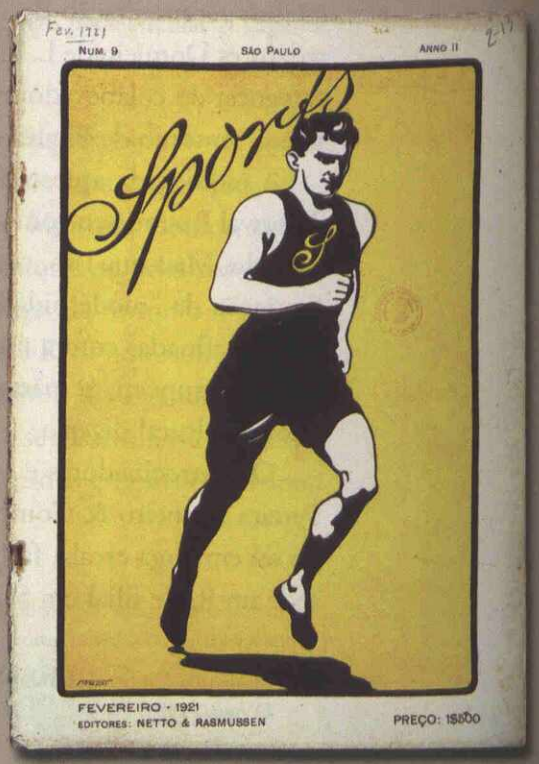
• 1. *Sports, revista de todos os sports*, 2ª ed., São Paulo, 1919, ano I, n. 1. • 2. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, 1920, ano I, n. 2. • 3. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, 1921, ano II, n. 9. • 4. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, 1921, ano II, n. 10. • 5. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, 1921, ano II, n. 11. • 6. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, 1920, ano II, n. 14. • 7. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, 1923, ano IV, n. 19.



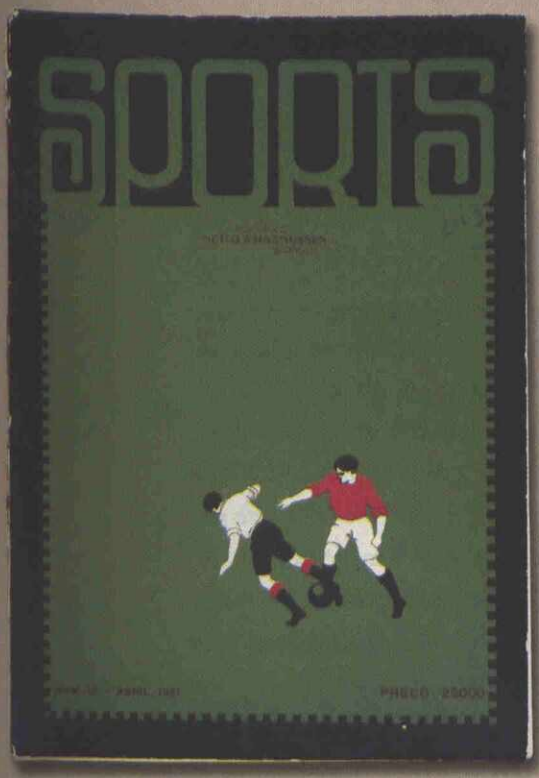
1



2



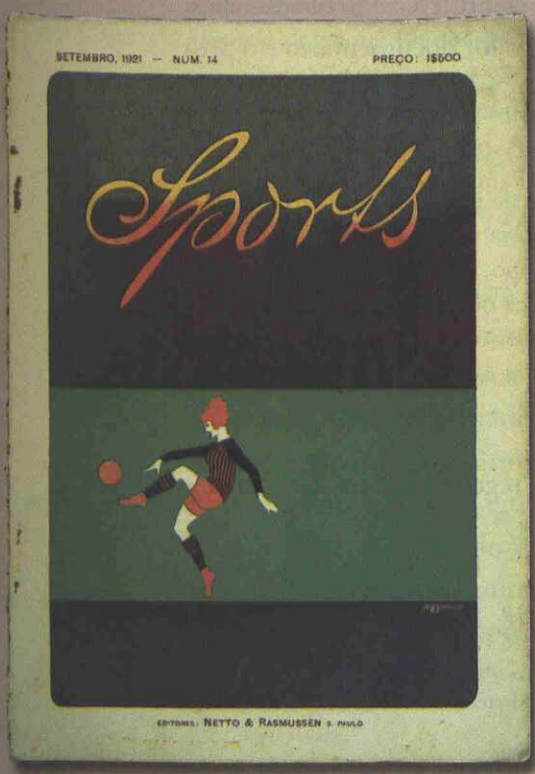
3


SPORTS

4


SPORTS

5


SETEMBRO, 1921 — NUM. 14
PREÇO: 1$500
Sports
EDITORES: NETTO & RASMUSSEN S. PAULO

6


Sports
ANNO IV - N. 1?
FEVEREIRO 1924
EDITORES: P. M. HIGGINS & C.
PREÇO 1$500

7

da São Paulo Railway Company; Cultura Física Instituto Jaguaribe; Club Atlético Paulistano; Banco de São Paulo; Cia. Paulista de Artefatos de Alumínio; *Hat Store*; *Leitura Para Todos*; Leven Vampré, casas terrenos e sobrados; Fiat, com Pasquale Barberis & C. como agente em São Paulo.

Curioso registrar, contudo, que editada no pós-guerra, quando se intensificara no País a divulgação da educação física como *regeneradora da raça*, o lançamento da revista coincidia, cronologicamente, com a veiculação de *Urupês*[147] [1918] e *Idéias do Jeca Tatu* [1919] de Monteiro Lobato, personagem considerado, para dissabor de nossas elites, o tipo brasileiro por excelência[148]. *Idéias de Jeca Tatu* e *Sports*, livro e revista, ambos de 1919, ironicamente, complementavam-se, aquele revelando a debilidade do tipo "nacional" e esta buscando sua "transformação", procurando "ver triunfante a causa da educação física no Brasil, que tanto exige e precisa dessa vitória"[149].

Seu primeiro artigo de fundo, apresentação intitulada "Razão de Ser", vinha com redação habilidosa, imprimindo em poucas palavras a tradicional gama de serviços dos periódicos ilustrados com vistas a garantir o público. O preenchimento da "tradicional lacuna de mercado", o culto da Pátria, a necessária diversificação de informações [de caráter geral, "prático e científico", adjetivação aliás, inconciliável] as últimas novidades da matéria, o seu valor documentário e o propósito de ver triunfante a causa da educação física[150].

Razão de Ser

Satisfazer uma das mais antigas e imperiosas aspirações de todos os brasileiros que [...] se preocupam, direta ou indiretamente, com o futuro da nossa nacionalidade. [...] periódico de informações gerais, prático e científico ao mesmo tempo, com alto valor documentário que lhe darão suas informações e a documentação gráfica que as acompanhará, SPORTS constituirá a biblioteca sempre em dia com os últimos sucessos do movimento esportivo mundial, e nacional especialmente, *para todos os que precisam ver triunfante a causa da educação física no Brasil que tanto exige e precisa dessa vitória*[151].

Nos artigos de fundo seguintes, o propósito de regeneração da raça através do esporte vinha mais explícito.

147. Monteiro Lobato, *Urupês*, São Paulo, Editora Revista do Brasil, 1918.
148. *Idem*, *Idéias do Jeca Tatu*, São Paulo, Editora Monteiro Lobato, 1919.
149. *Sports, revista de todos os sports*, São Paulo, Oficinas de *O Estado de S. Paulo*, 1919, n. 1.
150. Sonia de Deus Bercito, *Ser Forte para Fazer o País Forte*, São Paulo, Mestrado História USP, 1991[mimeo.]
151. *Sports, revista de todos os sports, op. cit.*, n. 1. Grifo nosso.

Já hoje entre nós a vida sportiva não é somente a mania ou a recreação de alguns privilegiados. Tornou-se assim, uma necessidade para a *sã maioria do país*. E nem de outro modo poderia ser pois que se não compreende que numa nação como o Brasil, onde a *decadência física é causa essencial da decadência geral*, a educação física, da qual o *sport* é a parte mais importante, não passasse a figurar, como felismente está sucedendo, no primeiro plano de todas as atenções e de todos os cuidados[152].

Estorietas cômicas, aparentemente inofensivas, completavam o culto à raça, temática candente do periódico. Assinada por Gastão Barroso, a informação sobre a vitória brasileira no Campeonato Sul-americano de Natação vinha em forma de paródia. Relatava-a uma "jovem loira carioca, internacional, entusiasta do esporte, inclusive *football*" em diálogo com um "político respeitável", numa confeitaria elegante. Não obstante a intencionalidade frívola do texto – inclusive caricaturando um inusitado fanatismo esportivo feminino – os valores expressos incidiam no aperfeiçoamento da raça. Na fala da jovem:

> [...] não foi a uma vitória esportiva que assistimos, e sim a uma vitória sobre nós mesmos. Não vencemos somente o campeonato sul americano; vencemos o *jecatatuísmo negligente*, vencemos a nossa debilidade moral, contrapondo-lhe uma moral inesperada, nova para os modernos dias brasileiros, milagrosa por isso. [...] No *Stadium* como na piscina, os *players* e nadadores brasileiros, uruguaios, argentinos e chilenos eram os *quadros representativos da resistência orgânica, da vitalidade física, da saúde de seus países*. Vencer lá e ali, era *mostrar mais forte uma raça inteira!* Tal foi o que três quintos, possivelmente, da nossa nacionalidade compreenderam. Através do *match* decisivo entre brasileiros e uruguaios, através daqueles cento e cincoenta minutos de combate lendário, ouviu-se, não raras vezes, esta frase feminina: *Bianco, salve o Brasil*[153].

A adjetivação da revista é recorrente. Incide na menção freqüente à "sã maioria do país", propõe a "regeneração do homem como valor físico", alerta sobre os riscos da "decadência física", insiste no "grau de desenvolvimento" e no culto à "educação física". Contraditoriamente, em meio à valorização do nacional, nas revistas periódicas o ideário racista da época estava colocado.

Em *Sports*, infere-se, em mensagem imediata, parte do quadro mental da elite do período, sinalizando a tendência ao culto eugênico, que ganharia adeptos e seria francamente disseminado na década seguinte, no contexto autoritário de 1930 e 1940. Nesse propósito, praticamente orquestrado por toda a imprensa,

152. *Idem, ibidem.*
153. *Idem, ibidem.*

preparando a escalada para arrebatar multidões, um protesto tentava se fazer ouvir, vindo do Rio de Janeiro. Era Lima Barreto, com algumas alianças. Uma delas, o recém-bacharel Carlos Sussekind de Mendonça, que em 1921 editava *O Sport Está Deseducando a Mocidade Brasileira*, livro de polêmica, citado em uma série de cartas a Lima Barreto[154].

Acabo de entregar às livrarias o "nosso" protesto contra o *sport*. Antes, deixei com os jornalistas mais amigos os exemplares destinados à "propaganda", forma eufêmica com que se busca disfarçar o nosso cabotinismo inevitável. [...] esse volumezinho custou-me a bagatela de 1. 600$000...[155].

O registro do jornalista Antonio Figueiredo, contudo, sintetizava o espírito da época quanto à postura conflitante entre o discurso nacionalista, de exaltação dos valores pátrios, e a negação do modelo da raça brasileira.

Estamos numa época que se cuida muito do futuro da raça. As instituições patrióticas e de boa vontade enchem-se de poetas, de capitalistas, de sacerdotes, altas patentes, damas da sociedade, virgens ansiosas. E nós recitamos as produções dos literatelhos contra os viciosos. Produções encomendadas e pagas pelos dignatários da burguesia[156].

De fato, o segmento das revistas esportivas, talvez mais que outro qualquer, veiculou os conflitos subjacentes numa sociedade que buscava se construir e se aceitar. O imenso sucesso do periodismo esportivo, com altas tiragens, circulação garantida entre público diversificado, especialmente a massa popular, constituiu-se no veículo disseminador de valores por excelência; projetou a construção de um modelo de povo e de País que, ao fim e ao cabo, acabavam por negar os traços de origem. Insista-se que por trás do *Sports*, estava a trama traiçoeira do culto eugênico, no projeto patriótico de construção nacional[157].

154. Carlos Sussekind de Mendonça, "O Sport Está Deseducando a Mocidade Brasileira, Livro de Polêmica" *apud* Lima Barreto, *Correspondência Ativa e Passiva*, *op. cit.*, t. 2, p. 184. Ver ainda Lima Barreto, "Bendito *Football*", em *Feiras e Mafuás*, São Paulo, Brasiliense, 1956, pp. 93 e ss.; "Uma Partida de *Football*", em *Vida Urbana*, *op. cit.*, pp. 183 e ss.; "Vantagens do *Football*", em *Vida Urbana*, *op. cit.*, pp. 230 e ss.

155. Cartas de Carlos Sussekind de Mendonça a Lima Barreto, de 9 dez. 1921 e 6 jan. 1922. *Apud* Lima Barreto, *Correspondência...*, *op. cit.*, t. II, pp. 180-182.

156. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, p.168.

157. A revista *A 43* elogiava Coelho Neto, entusiasmado com a "linha apolínea que o filho de seu pimpolho ia adquirindo. [...] compreendeu o grande papel que a cultura física desempenha sobre a vida de um homem", *A 43*, São Paulo, 1918, n. 16.

Em Nome da Fé: Revistas Religiosas

A Constituição de 1891 vinha categórica no projeto de laicização:

[...] Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto.

[...] a República só reconhece o casamento civil.

[...] Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos[158].

Todavia, a propalada separação da Igreja e do Estado, plataforma da campanha republicana, encontrou obstáculos para se efetivar na prática. Ao contrário do pretendido oficial, o catolicismo recrudesceu e fez do periódico um instrumento para seu proselitismo. Estimulada pela Santa Sé, a Igreja investiu em várias instâncias da vida nacional, em particular na Educação, criando escolas e pregando a fé católica por todos os recônditos. Sua presença manteve-se dominante nas faixas estratégicas do ensino fundamental e médio, a tal ponto que somente no início do século XX propagou-se a escola leiga gratuita em São Paulo. Entre o povo, inclusive, estranhava-se a validade do casamento civil e o enterro em cemitérios públicos[159].

158. Constituição de 1891, Cap. V, Tít. IV, Seção II, arts. 3, 4, 6, em Adriano Campanhole & Hilton C. Lobo, *Constituições do Brasil*, São Paulo, Atlas, 1984, p. 587.

159. Boris Fausto, "A Igreja na Primeira República", *HGCB*, São Paulo, Difel, 1977, vol. III, t. 2, pp. 45-83; Sergio Miceli, *A Elite Eclesiástica Brasileira. 1890-1930*, Campinas, Livre-docência Unicamp, 1985; Sérgio Lobo de Moura & José Maria Gouvêa de Almeida, "A Igreja na Primeira República", *HGCB*, *op. cit.*, tomo III, vol. 2, pp. 323-342; Francisco Iglésias, *História e Ideologia*, São Paulo, Perspectiva, 1971, pp. 109-158.

Slhi

A laicização vinha amparada nas teorias científicas naturalistas, contestadoras das verdades tradicionais da Igreja, e na ascensão ao poder de positivistas, maçons e liberais agnósticos. A essa última ameaça acrescentava-se aquela das teorias de cunho socialista e anarquista, que ganhavam adeptos numa cidade de população operária expressiva. Diante de tais riscos, as autoridades eclesiásticas lançaram-se numa campanha de recristianização, com vistas a propagar o catolicismo e, sobretudo, combater o anticlericalismo de intelectuais de todos os matizes, investindo na conquista das massas populares[160].

Com gráficas próprias, o periodismo católico veiculou impressos vários – jornais, revistas e folhetos – propagadores de seus princípios, vincando ainda mais sua marca na sociedade[161].

O jornal católico *São Paulo*, cujo primeiro número apareceu em 29 de outubro de 1905, figura como periódico de teor católico importante, com fatura qualificada e colaboradores de nível: Conselheiro M. A. Duarte de Azevedo, Delfin Carlos e Luís Silveira, João Monteiro Junior, Brasílio Machado, Alarico Silveira e Roberto Moreira. Mais tarde, José Filinto da Silva, gerente de *O Estado de S. Paulo*, interveio para reorganizar sua parte comercial. Sabe-se que o apoio financeiro vinha de nomes de peso econômico e social: Ignacio Wallace da Gama Cochrane, João Antonio de Oliveira César, Conde de Prates, Monsenhor Benedito de Souza, Adolpho A. Pinto, Haroldo do Amaral, José Vicente de Azevedo e Antonio Maria da Silva. Em 1908/1909, foi adquirido pelo grupo político que apoiava o marechal Hermes da Fonseca, sendo abandonado pelos seus principais elementos, que passaram para *O Comércio de São Paulo*[162].

A disseminação dos princípios católicos, contudo, impregnava boa parte do periodismo da época, independente de sua explícita filiação à Igreja ou mesmo do teor de sua publicação. Para entrar nos lares, a revista não podia ser atentatória

160. Os pensadores identificados com o catolicismo não fizeram dele uma bandeira, a saber: Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, Afonso Celso, Eduardo Prado, Afonso Arinos, Felício dos Santos; no âmbito da Igreja cabe lembrar a atuação do padre Júlio Maria [1850-1916] e de D. Sebastião Leme, bispo de Olinda, depois Cardeal Leme, que lançou a Pastoral de 1918.

161. "No século XX, [...] o Vaticano, através de Pio XI, investiu no apostolado leigo através da Ação Católica. O Padre Júlio Maria, o jesuíta Leonel Franca, D. Leme, arcebispo do Rio de Janeiro envolveram-se nessa cruzada, à qual aderiram intelectuais como Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, que atuaram especialmente na imprensa", Sandra Lúcia Lopes Lima, *op. cit.*, p. 212.

162. Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 28. Do *Comércio de São Paulo* esse mesmo grupo saiu quando de sua venda ao hermismo. O *São Paulo* retomou a linha católica mais tarde, em data ignorada, mas após 1910, Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 989.

à moral social e aos bons costumes; por sua vez, esses alicerçavam-se no esteio da família, "principal sustentação do referencial simbólico que garantia, inclusive, a superioridade da elite agrária tradicional", uma de suas consumidoras em potencial[163].

Nesse contexto, as revistas dos primeiros anos da República, embora sem inscrever-se na rubrica de publicação religiosa, constituem-se em porta-vozes da Igreja, indiretamente subordinadas a seus valores e princípios, voltadas a sua divulgação e propagação. Essa marca da filiação católica é muito presente, por exemplo, nas primeiras revistas femininas do período, quase uma chancela que garantia a entrada do periódico nos lares da família brasileira. Em 1898, *O Álbum das Meninas*[164], de Anália Franco, insistia que contra o estiolamento moral impunha-se a educação moral e religiosa do povo. Em 1906, o *Álbum Imperial*, periódico claramente monarquista e católico, propalava os valores da Igreja. Até mesmo em 1914, a *Revista Feminina*[165], publicação de sucesso no gênero, tomou esse partido. Longe de ser uma publicação religiosa, foi "muito marcada pelo pensamento da Igreja e pela participação de intelectuais católicos, a escreverem contos, artigos e a darem conselhos às leitoras"[166].

Naquela virada de século, independente de as publicações trazerem a marca do pensamento católico, surgiu uma imprensa de fins explicitamente religiosos. A começar por *O Estandarte Católico, Edição do Sul*, de 1900, iniciativa dos monges do Mosteiro de São Bento, extensão da mesma revista veiculada pelos beneditinos de Olinda, a *Edição do Norte*. Declarava-se órgão doutrinário por excelência, precavendo-se contra os ataques da Igreja reformada[167].

Concomitantemente, por oposição e refletindo o pensamento corrente da inicial República, segmentos anticlericais se posicionaram, transformando a imprensa em porta-voz poderosa contra o "armamento" católico. A mais contundente nessa linha de contra-ataque foi a revista *A Lanterna*[168], *órgão da liga anti-*

163. Sandra Lúcia Lopes Lima, *op. cit.*, p. 212.
164. *Álbum das Meninas. Revista Literária e Educativa dedicada às Jovens Brasileiras*, São Paulo, 1898.
165. *Revista Feminina*, São Paulo, 1915.
166. Sandra Lúcia Lopes Lima, *op. cit.*, p. 212.
167. *O Estandarte Católico. Edição do Sul*, São Paulo, 1900. *Apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 856.
168. *A Lanterna, órgão da liga anticlerical* é o veículo mais consistente do anticlericalismo anarquista, embora seja razoável supor que ele tenha sido temperado pelo propósito de aglutinar outros círculos além dos libertários. Cf. Boris Fausto, *op. cit.*, p. 83; o mesmo autor lembra a atuação, por volta de 1912, das ligas anticlericais e sua aproximação com a imprensa anarquista (p. 72).

clerical, cujo primeiro número circulou em março de 1901, com tiragem de 10.000 exemplares, uma seção em italiano e a direção do advogado maçom Benjamim Motta, que figurou nas primeiras reuniões socialistas de 1902 e que aderiu depois ao anarquismo. O periódico desapareceu em 1904 e reapareceu em 1909, passando a diário noturno. Em 13 de outubro de 1911, passa a semanário, distribuído aos sábados, sob a direção de Edgard Leuenroth[169]. A julgar pelo aumento da tiragem, o número de leitores anticlericais não era desprezível. Dos 10.000 exemplares iniciais logo chegou a 26.000 para declinar e estabilizar-se em 6.000 números, tiragem razoável para aquele segmento. O pronunciamento de *A Lanterna* vinha feroz no ataque à Igreja.

> Formidáveis exércitos invasores, armados com as mais aperfeiçoadas máquinas de guerra fabricadas pela nossa falsa civilização para semear a morte nos campos verdejantes do trabalho, são muitas vezes repelidos por um pequeno grupo de homens, munidos de armas de defesa mais baratas e até mais frágeis, mas que se batem com mais arrojo do que as tropas mercenárias do invasor. É poderoso e formidável o exército clerical que se pôs em marcha para conquistar esta terra e já está alvejando-nos com os seus golpes. São terríveis as suas armas; o dinheiro e a hipocrisia. Nós somos apenas um punhado de homens. Somos dez? Somos vinte? Que importa? Seremos legião amanhã, quando todos que sabem quanto o clericalismo é prejudicial, quanto o jesuitismo é nefasto, quanto o beatismo embrutece os povos, decidirem-se a vir engrossar as nossas fileiras, fortalecendo o nosso campo [*sic*][170].

O surgimento de *A Lanterna* na imprensa deflagrou reação dos grupos religiosos, que se apressaram em revidar, lançando os periódicos católicos *O Farol*, *A Crença*, e o evangélico, *A Luz Divina*[171]. Redesenhava-se o panorama religioso do País expresso na imprensa paulistana através do periodismo católico, protestante e até pelo espírita[172]. *O Farol*, semanário católico[173], vinha com distribuição gratuita, impresso na rua de São Bento 30, tendo como epígrafe a afirmação de Leão XIII: *A imprensa católica é uma verdadeira missão perpétua.* No primeiro número, de 11 de julho de 1901, enfatizava a proposta combativa, estimulando a necessi-

169. Boris Fausto, *op. cit.*, p. 83, ver análise de Fausto, pp. 83-84, que define "*A Lanterna* como *irreverente órgão franco-maçon, com uma linguagem insólita que rompe com o estilo alambicado do jornalismo brasileiro*".
170. *A Lanterna, órgão da liga anticlerical*, São Paulo, 1901, *apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, pp. 863-865. A 1ª fase vai de 1901 a 1911.
171. *Idem*, p. 864.
172. Os quadros anexos dimensionam parte da incidência das publicações religiosas.
173. *O Farol, semanário católico*, São Paulo, 1901, *apud* Afonso Freitas, *op. cit.*, pp. 871-872.

dade da fé, enquanto vinculava sua sobrevivência ao auxílio do leitor, vale dizer, dos fiéis:

Esta folha, sendo como é, orgão eminentemente popular, e distribuído gratuitamente, espera do povo, auxílio para sua subsistência.

Não é difícil imaginar a soma de ingentes e extraordinários sacrifícios com que luta quem, nesta época de decadência financeira, se afoita a fundar um orgão de publicidade, mas também, fácil é prever que sendo o *Pharol* uma folha católica, de combate, ele tem a sua vida garantida nas idéias e na fé religiosa do povo, que, estamos certos, não o deixará perecer à mingua de recursos pecuniários, tanto mais que ele surge como uma necessidade impreterível e para preencher uma sensível lacuna no periodismo desta capital.

O Pharol tem sua vida na proteção dos católicos. É feito com o resultado de listas voluntárias, distribuídas a diversas pessoas desta capital e do interior que, dedicadamente, se incumbiram de as fazer circular pelos seus amigos e relacionados[174].

Todavia, *O Farol* não vingou. O apelo pecuniário não sensibilizou o rebanho católico e, ao final do primeiro ano, saía de circulação. Na mesma ocasião aparecia *A Luz Divina*, folha destinada à difusão das *doutrinas puras de Jesus Cristo*, iniciativa de protestantes, voltada tanto contra o anticlericalismo de *A Lanterna* quanto contra o cristianismo romano, ultramontano de *O Farol*. Seu editorial vem a ser relato panorâmico da batalha então travada no periodismo religioso. A despeito de longo, é oportuna sua reprodução.

Os anti-clericais iniciaram nesta capital a publicação da *Lanterna* destinada à guerra contra os Jesuítas.

A gravura do seu frontispício mostra claramente qual o seu programa:

– A revolução, simbolizada por uma mulher possante, com a mão esquerda sustenta o facho devorador com o qual acaba de incendiar os conventos que se avistam ardendo em chamas; e, com a mão direita, guia o povo, que de látego em punho, expulsa do solo da Pátria os Jesuítas, barbados ou não, os quais fogem espavoridos.

Os católicos ultramontanos, não podendo sofrer tamanha afronta aos seus pais espirituais e *confessores* [!] de suas esposas e filhas, fundaram *O Pharol* para se defender.

Mas o colega anticlerical tem ido além de seu programa, pois já por várias vezes, arremeteu contra a existência de Deus, revelando-se ateista.

Por sua vez, o adversário há caído no mais crasso fanatismo apregoando e encarecendo as indulgências em pleno século XX! [...]

Por eles deve a *Luz Divina* ser bem recebida, visto como seu escopo se resume nisto: – difundir a luz das doutrinas puras de Cristo, escoimadas de toda a superstição, livres de todo o fanatismo. [...]

174. *O Farol, semanário católico, op. cit.*

Assim pretendemos que a *Luz Divina* seja semelhante à luz do astro rei – à proporção que vai surgindo, as trevas vão desaparecendo, sem lutas, sem conflitos...

A Lanterna só tem préstimo nas trevas; *O Pharol* só se acende de noite. *A Luz Divina* é como a luz do sol; quando ela brilha, o pharol se apaga; onde ela penetra, não é mister luz de lanterna.

Mas se a *Luz Divina* tem com a luz do astro – centro de nosso sistema planetário, os pontos de semelhança indicados, é ao mesmo tempo mais poderosa do que ele; a daquele astro brilha só de dia, e a da *Luz Divina* brilha sempre, sem intermissão alguma.

Jesus me disse: *Eu sou a luz do mundo; e o que me segue não anda em trevas.* [S. João VIII; 12.]

A *Luz Divina* vença toda a luz falaz [*sic*][175].

Contemporâneo de *O Farol*, e no mesmo empenho de combate à *Lanterna*, surgiu *A Crença*, revista católica de distribuição semanal, redigida por Amando César, sob a inscrição latina: *In hoc signo vinces*. Redigida por sacerdotes, marcava-se pela proposta proselitista, sendo distribuída gratuitamente apenas aos católicos sem meios para adquiri-la. Seu escopo incidia no combate à *Lanterna* mais que propriamente no combate ao anticlericalismo.

Como se a *Lanterna*, com seus débeis raios não iluminasse suficientemente a senda criminosa que meia dúzia de loucos trilham, surgiu a *Luz Divina* [blasfêmia!] publicada a expensa de alguns protestantes.

Como se não fosse suficiente *O Farol* para ofuscar a luz da *Lanterna*, a tal luz, dizendo-se religiosa sem mistificação apresentou-se vaidosamente chamando a uns de ateus e a outros de ignorantes.

Ignorantes por aceitar e encarecer indulgências em pleno século XX?!...

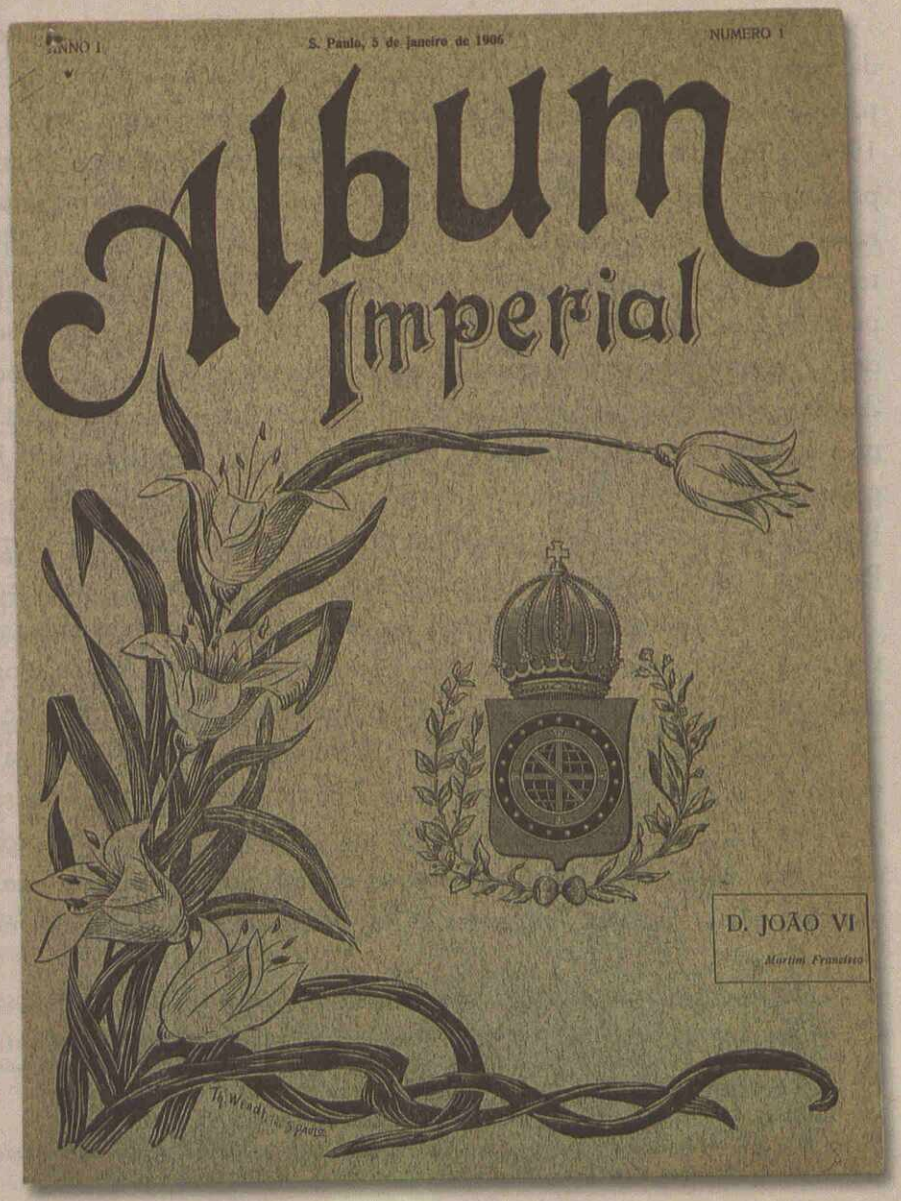
Se a luz humana tivesse alguém, na sua redação, competente para nos compreender, demonstraríamos ao luzeiro que todas as suas doutrinas são errôneas e filhas de cérebros d'onde há muito a *lux fulgit*...

A continuarem a surgir luzes d'aquele calibre e, com a muita que a *Ligth* nos dá, não será para admirar que este século seja denominado século dos archotes... apagados[176].

Não obstante essa fugaz batalha de 1901 em busca de prosélitos, parte do periodismo subseqüente cultivou a pregação religiosa. Educação religiosa foi o tema do *Pequeno Mensageiro*, de 1903, jornal claramente religioso, que divulgava instituições de caridade, a Casa Pia de S. Vicente e Associação das Damas de

175. *A Luz Divina*, São Paulo, 1º jun. 1901, *apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, pp. 874-875.
176. *A Crença. Revista Católica*, São Paulo, 6 jun. 1901, n. 2, *apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 873.

A Serviço da Igreja • Revistas católicas, protestantes e espíritas proliferaram com a República, em tempos de liberdade de religião. Contudo, ainda permanecia a tradição católica associada à Monarquia, divulgada pela luxuosa *Álbum Imperial*, São Paulo, 1906, n. 1.



Caridade, noticiando eventos religiosos[177]. Até a literária *Via Láctea*[178], em seu terceiro número, apresentava tendência religiosa, talvez pela intransigência de alguns colaboradores ou pelo espírito jacobino de outros, num periódico em que colaboravam Amadeu Amaral, Ricardo Gonçalves, nomes alheios às desavenças de credos. Em 1904 saía a *União Católica*, folha popular dirigida por F. F. Costa, com a mesma epígrafe de Leão XIII, já utilizada por *O Farol*: "A Imprensa Católica é uma verdadeira missão perpétua"[179].

A *Vera Cruz*, de 1904, é curiosa. Lançada para comemorar a tradicional festa da Santa Cruz do Pocinho, em circulação única, "destinada a viver apenas o espaço de uma manhã", acabou por circular subseqüentemente, pelo menos até 1906[180]. Embora anunciando-se quinzenário político, literário e humorístico, passou por várias mudanças de 1904 a 1906, sempre com fundo religioso, embora salientasse: "nosso jornalzinho não é jornal religioso, mas sim humorístico, literário e político". No primeiro número, trazia na capa o cônego Eugênio Leite e padre Manoel Carlos Correa e, em seu conjunto, muita reportagem sobre cardeais. Tudo indica que fazia parte do mesmo grupo que editava os periódicos *Ave Maria* e *Santa Cruz* e suas matérias eram reedições, sobretudo da última. No corpo editorial, nomes desconhecidos: Norberto Jorge, diretor; Francisco Fuginett, redator; José da Silva Gomes, editor responsável, e os colaboradores: Thomaz Babilonia e João Caio da Fonseca.Vinha com patrocínio da Casa Garraux e da Papelaria Lebre, impressa na Maré & Monti, Rua da Caixa d'Água I-E.

Contudo, a propaganda da Igreja acontecia das formas mais inusitadas através do periodismo paulista. Em 1906, a revista *O Mercúrio*, órgão de propaganda do café, auxiliava a Igreja, anunciando a representação de vinhos de Málaga, "os únicos [...] utilizados para a celebração do santo sacrifício da Missa"[181]. Acima de todas, com gráfica própria, estava a *Santa Cruz*, iniciativa dos salesianos do Liceu Sagrado Coração de Jesus. Com circulação relativamente prolongada, surgiu em 1900 e estendeu-se pelo menos até 1910, último ano em que ainda se mencionou sua vigência. Ao contrário de Afonso de Freitas, não a vemos como

177. *Pequeno Mensageiro*, São Paulo, Cardoso Filho & Motta, 1903. *Apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 938.
178. *Via Láctea, Revista ilustrada de assuntos gerais, atualidades, arte e ciência*, São Paulo, 1903.
179. *União Católica*, São Paulo, 1904, *apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 952. *A Cruz. Semanário, católico, literário, comercial*, São Paulo, 1904, p. 955.
180. *Vera Cruz*, São Paulo, 1904, *apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 952.
181. *O Mercúrio, órgão mensal de propaganda comercial*, São Paulo, 1906; protestante: *O Esforçador, da Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo*, São Paulo, 1905, p. 968.

SIhi

pequena revista de religião, letras, artes e pedagogia. Independente de seu formato de 19 x 28 cm, ao iniciar compunha-se de 20 páginas de numeração contínua, com duas colunas, "anunciando-se já fulgurante desde seu primeiro aparecer no meio da sociedade paulista, por ocasião do faustoso quarto centenário do descobrimento do Brasil", conforme registro da imprensa coeva. Na apresentação, formalizava o caráter religioso conservador, concretizado na dedicatória abaixo:

À Rainha do Santíssimo Rosário,
À Potente Auxiliadora do Povo Cristão,
À Excelsa Padroeira da Terra de S. Cruz
Tributa homenagem e sob seus auspícios
Enceta hoje a pacífica e despretensiosa
Missão de levar ao seio da Família Brasileira
uma palavra que console,
um pensamento que esclareça,
um conselho que dirija.

Com o passar dos anos, não obstante o registro de dificuldades financeiras, este periódico tornou-se uma revista de prestígio, dispondo de colaboradores conceituados, cobrindo matérias de interesse para a vida cultural, e, naturalmente, vincada pela proposta religiosa. Após o primeiro lustro, aumentou o número de páginas de vinte para quarenta e oito, inseriu ilustrações e dava mais um passo, impressa em cuchê brilhante. Admitia tornar-se uma publicação onerosa, ciente da receptividade de seu público leitor. "[...] começamos o sexto ano, imprimindo a revista em papel lustroso, que dará às gravuras mais nitidez". Na apresentação da nova fase, concluía sobre a proposta de leitura confortadora e orientadora, vale dizer, aliciadora.

[...] deixa-e-a passar... acolhei-a no meio de vós... lêde-a prazenteiramente... Sua missão é toda de paz; ella visa unicamente, em momentos de lazer, dar-vos uma leitura que instruindo *console, exclareça e dirija* [*sic*][182].

Colocando-se como mentora de seu público, incidia sobretudo contra leituras de conteúdos nocivos, enquanto se anunciava como uma revista que podia *transpor os umbrais do santuário da família, presente do céu,* que *embalsama o lar*

182. *Santa Cruz*, São Paulo, Escola Tipográfica Salesiana, 1900.

com as perfumosas exalações de rosas e lírios. Retomando a tônica do secular discurso antiliberal, incidia contra as leituras tachadas de "imorais", ou "pornográficas" , agora muito mais ameaçadoras a serviço da publicidade:

> Leitura, quem não sabe que as há em toda a parte? Hodiernamente então o afã com que se arrojam aos quatro ventos da publicidade artiguetes, contos, novelas, versos de todos os matizes, dir-se-ia tocar ao delírio [...] sob fórmas aprazíveis de páginas artisticamente e nitidamente impressas, vai muito veneno de literatura realista; vai muito sentimentalismo vago e material, disfarçado nas farfalhantes estrofes de uma poesia que retoiça, desbragada, infrene nos campos da banalidade e do sensualismo abjeto [*sic*][183].

Entremeada pelas mensagens capciosas de seus propósitos religiosos, a *Santa Cruz* divulgava extensas matérias, que de ordinário em suas concorrentes, limitavam-se a poucas linhas. Por exemplo, sobre as exposições de pintura, que começavam a ganhar espaço no cotidiano paulistano. Inicialmente, a *Exposição Alexandrino*, de Pedro Alexandrino, em um dos salões do Liceu de Artes e Ofícios, num total de 110 quadros, sendo 84 de naturezas-mortas, cuja abertura contou com a presença de Jorge Tibiriçá, presidente do Estado e Cardoso de Almeida, secretário da Justiça[184].

Seguiu-lhe a *Exposição Valério*, do fotógrafo Valério Vieira, com 57 trabalhos[185]; a *Exposição Calixto*, inaugurada em 12 de maio de 1906, nos salões do Mundo Elegante, na rua XV de Novembro, visitada por mais de 3.000 pessoas. Diga-se que Benedito Calixto, católico extremado, homem afinado com o sistema, tinha ampla aceitação na grande imprensa. A publicidade dada à sua exposição destacou-a das demais, conferindo-lhe nada menos que quatro páginas em publicação de papel lustroso, que reproduzia muitas de suas telas, algumas até hoje pouco conhecidas. Seguiram-lhe as matérias de divulgação da *Exposição Weingartner*[186] e da *Exposição Oscar Pereira da Silva*[187].

Santa Cruz abria espaço aos artistas da ordem, consagrados pelo poder, afinados com ele. Valério Vieira voltava-se para a exaltação de São Paulo e de seu presidente Jorge Tibiriçá; Benedito Calixto, católico, pesquisava e reproduzia as tradições paulistas; Pedro Alexandrino cultivava a natureza-morta, temática de

183. *Idem, ibidem.*
184. Exposição Pedro Alexandrino, *Santa Cruz, op. cit.*, nov de 1905, pp. 128-133.
185. Exposição Valério Vieira, *Santa Cruz, op. cit.*, pp. 183-188.
186. Exposição Weingartner, *Santa Cruz, op. cit.*, p. 276.
187. Exposição Oscar Pereira da Silva, *Santa Cruz, op. cit.*, p. 183.

agrado da elite paulistana; Oscar Pereira da Silva traduzia nossas paisagens, registrava a vida no campo. A revista trazia ainda divulgação sobre a qualidade dos tapetes Santa Helena, naquela altura estilizados, com motivo de vitórias-régias, pelo Dr. Theodoro Braga. A julgar pelos anúncios de escolas veiculados em suas páginas, é de supor-se a qualificação do público assinante e consumidor. A começar pelo colégio de sua ordem salesiana, o Colégio São José, seguidos do São Luís e Patrocínio, ambos em Itu. O próprio Liceu Sagrado Coração de Jesus, que sediava a redação da *Santa Cruz*, compreendia alunato representante da elite agrária do País, enquanto se voltava também para a atuação filantrópica, acolhendo, em grande número, alunos pobres.

Todas essas publicações veicularam proselitismo pouco substancioso, quase paroquial, levado a efeito por leigos e religiosos afinados com o catolicismo ultramontano, sem repercussão efetiva para a recolocação da Igreja católica nos quadros da República. O encaminhamento de proposta consistente nesse âmbito teve início com a atuação do padre Júlio Maria [1850-1916], doutor em Direito, que encetou conferências, discursos e artigos em jornal, no sentido da recatolização do País; seguiram-lhe o bispo de Olinda, D. Sebastião Leme, futuro cardeal Leme, que em 1918 lançou uma Pastoral de repercussão, para finalmente o pensador Jackson de Figueiredo [1891-1928][188] deflagrar ação efetiva, imprimindo vitalidade ao catolicismo, recristianizando o País, perpetrando uma contra-revolução espiritual[189]. Para tanto, esses pensadores valeram-se de uma revista como instrumento de ação: a fundação de *A Ordem*, em 1921, marco periódico do catolicismo no País e que encampou a propaganda religiosa da República, exprimindo a inteligência católica e exercendo amplo apostolado. A fundação do Centro D. Vital, em 1922, complementou-a nos propósitos[190].

Não obstante o lançamento da revista *A Ordem* datar de 1921, não cabe aqui sua análise circunstanciada, pois demandaria avançar para além de 1922, ano limite deste trabalho. Importa considerar que naquela revista católica consubstan-

188. Jackson de Figueiredo nasceu em 1891, em Aracaju, estudou em Maceió, e aos 16 anos estreou em livro. Cursou Direito em Salvador e, em 1915, seguiu para o Rio de Janeiro. Lutou com dificuldades, foi jornalista, proprietário da Livraria Católica [1918], censor de imprensa de Arthur Bernardes e morreu jovem, afogado na Barra da Tijuca, em 4 de nov. de 1928. Ver Francisco Iglésias, *História e Ideologia*, São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 138.

189. Cabe mencionar a ação precedente de Farias Brito, filósofo cearense que embora não católico produziu a primeira reação contra o positivismo e o evolucionismo, de cuja linha de pensamento saiu Jackson de Figueiredo.

190. Francisco Iglésias, *op. cit.*, p. 133.

QUADRO XIII. PERIODISMO CATÓLICO PAULISTANO (1890-1922)

Ano	*Título*	*Edição*	*Características*
1900/01	*Santa Cruz*	Salesianos	Proselitismo católico
1900	*O Estandarte Catholico*	Mosteiro de São Bento	Contra a Igreja reformada
1901	*O Pharol*	Ignorada	Combate a *A Lanterna*
1902	*O Maná*	Tip. F. A. Schettini	Propaganda católica da Casa Aparecida
1902	*O Profeta*	Órgão da Mocidade Católica	Divisa: Deus, Pátria e Religião
1901	*A Crença*	Sacerdotes em geral	Combate a *A Lanterna*
1903	*O Mensageiro*	Moços da Paróquia da Consolação, Pe. Amorin Correa	Divisa: Defender a Pátria e trabalhar pela Religião é nossa obrigação
1903	*Pequeno Mensageiro*	Ignorada	Divulgar instituições de caridade
1903	*O Católico*	Ignorada	Defesa da religião cristã
1903	*O Mensageiro Católico*	Centro Literário Cristão	Divisa: Alerta soldados de Jesus! Defendei o Vaticano!
1903	*Semana Católica*	Ignorada	Propaganda religiosa
1904	*A Palavra*	Amorin Correa [fundador da Igreja Cat. Dissidente Bras.]	Defesa da Igreja e do clero
1904	*União Católica*	F. F. Costa	
1904	*A Cruz*	E. Ferraz	Semanário católico, literário e noticioso
1904	*O Brasil Seráfico*	Venerável Ordem 3ª da Penitenciária de S. Francisco	
1904	*União Católica*	Ignorada	Divisa: A imprensa católica é uma verdadeira missão perpétua
1904	*Vera Cruz*	Salesianos	Festa da Santa Cruz do Pocinho
1905	*São Paulo*	M. A. Duarte de Azevedo	Diário matutino católico
1906	*Boletim da Devoção de São José*	Tip. Cardoso Filho & Motta Edição José Vicente de Azevedo	Divulgou versos recitados nas romarias anuais, incorporados ao cancioneiro brasileiro, de autoria de José Vicente de Azevedo

SIhi

Ano	*Título*	*Edição*	*Características*
1906	*A Caridade*	David L. da Serra	Propugnadora das causas dos necessitados
1906	*O Piratininga*	Substitui o *Estandarte Católico*	Consagrado à defesa do catolicismo, pois entende resumido o número de periódicos católicos no país
1907	*Boa Imprensa*	Órgão do Centro de Propaganda Católica A. Campos	Divisa: Um jornal católico instrui mais que cem pregadores
1907	*A Reação*	Órgão do Centro Católico do Brás. Direção de Estevão Leão Borroul	Divisa: A reação é necessária. Ao Veneno cumpre opor o Antídoto
1908	*Natalício de Jesus*	Órgão da Agremiação Natalício de Jesus	
1909	*Estrela do Mar*	Salesiana. Congregação Mariana de São Paulo e do Brasil	Revista mensal ilustrada
1910	*Gazeta do Povo*	Jornal católico. Redigido por João Ribeiro D'Avila; Arthur Vieira Gomes dos Santos; cônego Manfredo Leite	
1910	*O Caráter*	Órgão dos Estudantes da Associação Cristã de Moços. Tip. Vanordem.	
1910	*A Juventude*	Órgão da Congregação da Doutrina Cristã destinado aos alunos do catecismo	
1913	*A Caridade*	Órgão da mocidade católica, religioso, científico, independente e ilustrado	
1914	*Homenagem Mons. Dr. F. de Paula Rodrigues*	Homenagem no 50º aniversário de ordenação sacerdotal. Tip. das Escolas Profissionais Salesianas	Polianthéa com ilustrações e textos de católicos eminentes do país

Fonte: Acervos IHGSP, AESP, e BMA; Afonso de Freitas, *op. cit.*

ciou-se o significado do gênero revista, ilustrando historicamente o impresso possível para representação de grupos e propagação de idéias. A oportunidade e a necessidade daquele gênero periódico, como instrumento ideal de divulgação, num País de fraca editoração e pouco espaço jornalístico na grande imprensa, não escapou a Jackson de Figueiredo. Chegando ao Rio de Janeiro em 1915, trazendo o título de bacharel em Direito e exercendo o jornalismo, lutou com dificuldades para colocar-se no meio editorial. Em 1918 como proprietário da Livraria Católica vivenciou as possibilidades do ramo, acreditando na viabilidade da produção de uma revista como órgão difusor de idéias, atraente e acessível às camadas leitoras do País. O sucesso desse empreendimento determinou sua continuidade, mesmo após a morte de Jackson de Figueiredo em 1928, constituindo-se, em última instância, em marco histórico dos rumos da Igreja católica no Brasil. Melhor o define Francisco Iglésias, em análise detalhada:

> Pode-se fazer a história do catolicismo no Brasil antes e depois de Jackson de Figueiredo, pois ele é o ponto de referência obrigatória. Exatamente a repercussão é que lhe dá interesse à figura e ao que escreveu: fundando o centro D. Vital e a revista *A Ordem*, atuando de modo aberto e intenso na política do país, de modo a marcar posições, transforma o catolicismo em força viva, pela convocação dos correligionários e pelo proselitismo[191].

Não seria excessivo e/ou falso atribuir à revista *A Ordem* parte considerável do sucesso de divulgação das idéias católicas que marcaram o País pós-1922. Nesse sentido, consubstanciava a revista como lugar do intelectual naquele momento, espaço de congregação da inteligência brasileira, confinando novamente às hostes da Igreja a condução das idéias e da reflexão maior sobre o Brasil.

Na República que procurava alijar a interferência da Igreja nos destinos do País, a imprensa católica, e mesmo aquela protestante cumpriram papel decisivo de controle da palavra e das mentes. Valendo-se de significativos recursos materiais, com gráficas próprias e bem aparelhadas, ampliaram a comunicação com o público, através de impressos de toda a ordem, com destaque para as revistas. Os quadros a seguir concluem a abordagem sobre essas publicações religiosas ilustrando, na seqüência de seus títulos, uma das temáticas mais caras ao periodismo paulistano.

191. Francisco Iglésias, *op. cit.*, p. 110.

SIhi

QUADRO XIV. PERIODISMO ANTICLERICAL PAULISTANO (1890-1922)			
Ano	*Título*	*Edição*	*Características*
1901	*A Lanterna*	Benjamin Motta Edgard Leuenroth	Divisa: Fugi vampiros sociais. Abaixo o Vaticano
1902	*O Livre Pensador*	Suplemento semanal bilíngüe de *A Lanterna*	Divisa: Fugi vampiros sociais. Abaixo o Vaticano
1902	*A Verdade*	Órgão do Centro Allan Kardec	Divisa: Fora da caridade não há salvação
1903	*O Livre Pensador*	Substitui *A Lanterna*	Divisa: Fugi vampiros sociais. Abaixo o Vaticano
1903	*A Luz da Verdade*	Órgão do Centro Luz e Fraternidade	Divisa: Tolerância, fraternidade, harmonia
1903	*A Nova Revelação*	Órgão do Centro Espírita de São Paulo	Divisa: Sem caridade não há salvação (Allan Kardec)
1904	*O Alvião*	Revista científico-filosófica do Espiritismo Ernesto Penteado	Divisa: Não esmorecer na luta. Tudo pelo bem. Traz catálogo de obras espíritas em português. Tiragem: 3.000; quinzenal; papel-jornal
1905	*Anti-Clerical*	Cristovão Torres	Abaixo os cancros da Humanidade! Exterminemos os parasitas indomáveis!

Fonte: Acervos IHGSP, AESP, e BMA; Afonso de Freitas, *op. cit.*

QUADRO XV. PERIODISMO PROTESTANTE PAULISTANO (1890-1922)

Ano	*Título*	*Edição*	*Características*
1901	*A Luz Divina*	Órgão de evangélicos	Combate a *A Lanterna*
1903	*O Esforço Cristão*	Órgão da Liga Nacional das Sociedades de Esforço Cristão	Proselitismo evangélico
1902	*O Pendão*	Órgão da Sociedade Esforço Cristão da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Tip. da Livraria Evangélica	Proselitismo evangélico
1904	*A Tribuna Evangélica*	Edição Alberto Vaz Lessa	Divisa: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho!
1904	*O Juvenil*	Órgão Livre da Sociedade Juvenil de E. Cristão, da Igreja Presbiteriana Independente	Proselitismo evangélico
1905	*O Esforçador*	Órgão da Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo	Divisa: Por Cristo e pela Igreja
1905	*Mixórdia Protestante*	Folhas avulsas de combate às heresias do protestantismo, editadas por E. Campos	
1909	*O Metodista*	Órgão literário religioso da Liga Epworth de São Paulo Francisco Martins Filho	Divisa: Tudo quanto fizeres, faze-o conforme as tuas forças. Propaganda para a construção de novo templo em São Paulo

Fonte: Acervos IHGSP, AESP, e BMA; Afonso de Freitas, *op. cit.*

A Produção de uma Nova Mulher: Revistas Femininas[192]

A imprensa feita por mulheres e para mulheres, fonte das mais ricas da historiografia, vem sendo objeto de tratamentos vários, descortinando, aos poucos, dimensões insuspeitas do universo feminino; mais reveladoras ainda quando enriquecidas pelos estudos de gênero, que têm norteado as análises nesse âmbito[193]. Textos produzidos por mulheres e a elas dirigidos resultam em documentos preciosos, que as surpreende como sujeitos de sua reprimida história, veiculando sentimentos secularmente ocultos e posturas recônditas, mas também desvendando condutas que se confrontavam com aquela tradicional e aceita da *Rainha do Lar.*

Ao contrário dos segmentos leitores que se inauguraram com a República – do leitor de esporte ao público infantil –, a mulher leitora, desde o Império, fora presença assídua no contexto do impresso. Certo que em número limitado e circunscrita a grupos sociais elevados mas, confirmando a leitura como prática fe-

192. Essa análise prioriza o periodismo em sua segmentação, portanto, consideramos as revistas ditas "femininas" e revistas de produção masculina para público feminino.

193. Parte significativa da bibliografia sobre mulheres foi organizada por Miriam Moreira Leite, "Bibliografia Anotada sobre a Mulher Brasileira", *Ciência e Cultura,* São Paulo, jan. 1978; ver ainda Michelle Perrot [org.], *Une histoire des femmes est-elle possible?* Paris, Rivages, 1984; June E. Hahner, *A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937,* São Paulo, Brasiliense, 1981; Mirian Moreira Leite, *Caminhos de Maria Lacerda de Moura,* São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1983; Dulcília Buitoni, *Mulheres de Papel. Representação de Mulheres pela Imprensa Feminina Brasileira,* São Paulo, Loyola, 1981; Dulcília Buitoni, *Imprensa Feminina,* São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1991; Mary Del Priore [org.], *História da Mulher no Brasil,* São Paulo, Contexto, 1997; Verônica Clemente Ferreira, "Entre Emancipadas e Quimeras – Imagens do Feminismo no Brasil", em *Cadernos AEL/*Arquivo Edgard Leuenroth, Campinas/São Paulo, AFL, 1995-96, n. 3 e 4, pp. 153-200; Maria de Lourdes Eleutério, *Mulheres Escritoras,* São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1997[mimeo.].

minina recorrente, interessada efetiva naquela produção, sua consumidora em potencial[194].

Entre o consumo e a produção, a mudança de lugar foi rápida. De leitora de folhetins e/ou romances, editados *in 8º*, formato apropriado para as "diáfanas mãos femininas", passaram respectivamente a colaboradoras e produtoras de revistas. O exercício das letras, em princípio condenado pela carga de iniciativa e questionamentos que comportava, foi tolerado e até consentido; mais ainda quando reiterava o tradicional papel feminino de *mãe-esposa-rainha do lar.*

As notícias iniciais de participação feminina no periodismo brasileiro datam da primeira metade do século XIX, ainda de forma tímida, reforçando o papel coadjuvante e subalterno da mulher, às voltas com moda e ensaios de literatura[195]. Na segunda metade do século, em 1852, *O Jornal das Senhoras*, de Joana Paula Manso Noronha, foi dos primeiros a contar com mulheres na redação, controvertendo a submissão feminina naquela sociedade patriarcal. A redatora enfatizava a discriminação que as vitimava, reivindicando outra consideração do sexo oposto, insensível às suas individualidades:

> [...] para a maioria dos homens, o casamento era apenas um meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado. Ou assegurar a sua fortuna. Daí o homem poder dizer "minha mulher" com a mesma entonação de voz com que diz "meu cavalo, minhas botas, etc.", pois tudo eram trastes de seu uso[196].

Na revista *Belo Sexo*, de 1862, criada no Rio de Janeiro por mulheres com instrução secundária, já não se escondiam sob o anonimato, colocando-se com a altivez possível em crônicas voltadas para o cultivo literário. Em Minas Gerais, no ano de 1873, Francisca Senhorinha Motta Dinis dirigia *O Sexo Feminino*, enquanto o Rio de Janeiro, então sede da Corte, contribuía com mais exemplos: *O Domingo*, 1874, de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco; *Eco das Damas*, 1879, de Amélia Carolina da Silva Couto, que encetou em 1887 a publicação de *O Leque*[197],

194. Maria Lígia C. Prado, *Novelas para Mulheres no Brasil Joanino*. Comunicação ao Congresso de Cambridge, Cambridge, jun. 1996 [mimeo.]; Ana Luiza Martins, *Gabinetes de Leitura, op. cit.*

195. Publicações femininas pioneiras: *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro. 1827, talvez o primeiro periódico feminino; *Correio das Modas*, Rio de Janeiro, 1839; *O Espelho das Brasileiras*, Recife, 1831, em Dulcília Buitoni, *Imprensa Feminina, op. cit.*; Sandra L. Lima, *op. cit.*

196. *Apud* June E. Haner, *op. cit.*, p. 40.

197. *O Leque, órgão literário dedicado ao belo sexo*, São Paulo, 1887.

SIhi

onde propunha, com moderação, a libertação das mulheres, fosse dos maridos ou de qualquer outra ingerência, justificando: "Só não queremos que esta dependência se converta em escravidão"; à frente d' *A Família*, de 1889, Josephina Álvares de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo, autora da peça teatral *O Voto Feminino*, encenada em São Paulo em 1878, alerta ao movimento sufragista feminino, que ganharia força no Brasil só nas primeiras décadas do século XX[198]. Naquela revista, secundavam-na as colaboradoras Amélia Janny, escritora portuguesa, Anália Franco, Paulina A. da Silva, Maria A. Vaz de Carvalho, Idalina Tavares, Ernestina Richard.

Não obstante estas iniciativas isoladas, algumas com mensagens inovadoras, a tônica dessa produção pautou-se por alambicadas publicações, sob títulos alegóricos, sugestivos da "fragilidade da figura feminina" – *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*. Impressos que nasciam de clubes recreativos e/ou literários, associações que se queriam fazer representar, reforçando o papel dependente da mulher naquela sociedade em transição, questionadora de valores.

Na São Paulo da virada do século, a imprensa feita por mulheres contemplou iniciativas de ordem vária, abrindo espaço para a voz feminina, manifesta em vários diapasões, dimensões e discursos. Cultivaram a *Rainha do Lar* mas trouxeram à baila as reivindicações do gênero, reprovando a dominação masculina, propagando o divórcio, o sufrágio feminino e na esteira desse, o movimento feminista. Concomitantemente, revelaram-se administradoras competentes na gestão de um produto marcado pela vida efêmera. Este traço peculiar da revista feminina, com publicações que circulavam anos a fio, surpreendia a renomada escritora Júlia Lopes de Almeida, habitual colaboradora daquela imprensa:

> Quantas e quantas revistas e jornais, criados entre nós com o bafejo de gordos capitais e de grandes nomes feitos nos maiores centros brasileiros, soçobram mal dão os seus primeiros passos na existência, e entretanto a modesta folha escrita por estas diáfanas mãos femininas, já cansadas, mas não desiludidas, logra varar o tempo durante anos e anos, ininterruptamente[199].

198. *A Família, jornal literário dedicado à educação da mãe de família*, São Paulo, 1889, n. 10; ver Maria de Lourdes Eleutério, *Mulheres Escritoras*, *op. cit.*

199. Júlia Lopes de Almeida, *Jornadas no Meu País*, desenhos de Albano Lopes de Almeida, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920, p. 215.

SIhi

Nesta produção paulistana inferiu-se elenco razoável de títulos com escopos precisos, trazendo a marca da educação da mulher com ênfase na higiene, na atividade filantrópica, no comportamento moralizante, fazendo incursões pela moda, decoração, ensaiando a literatura e atrevendo-se a arroubos de criatividade técnica, como se observou na revista *A Camélia*, órgão da "Sociedade Noites Recreativas" dedicadas às Exmas. Famílias, que apresentava um diferencial formal: o n. 15, do ano II, de 18 de maio de 1891, vinha todo impresso em cetim dourado, com clichê de João Alberto Júnior, também estampado em tecido. Era uma inovação.

Convém *passar em revista* alguns marcos desta produção, por trás da qual se colocavam mulheres de atuação invulgar para a época. A começar pela paulista Presciliana Duarte de Almeida, criadora de *A Mensageira*, lançada em 19 de outubro de 1897[200]. O periódico vinha com o propósito de compartilhar com as representantes de seu sexo as novas idéias em curso ou uma possível criação literária, conforme se infere de seu artigo de apresentação:

> [...] estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remanso do lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fruto de observação acurada, eis o fim que, modestamente nos proporcionamos[201].

Não obstante o discurso recatado, ao sabor da época, conveniente para a publicação entrar no "remanso do lar", o periódico inovava em algumas posições. A aceitação de textos masculinos, inusitada numa publicação feminina, revelava a admissão indireta da igualdade entre os sexos no tocante à produção literária; esboçava a tendência positivista – que exaltava a superioridade da mulher proveniente de sua capacidade de subordinação e obediência; inovava ao abrir espaço para textos de teor feminista, insistindo no "ideal da emancipação da mulher através da educação, lutando pelo seu direito à cidadania e pela condição de igualdade intelectual frente aos homens"[202].

200. Presciliana Duarte de Almeida dividia com o marido, o filólogo Sílvio de Almeida, tanto o cultivo das rodas literárias da capital como a direção do prestigiado colégio de sua propriedade – Ginásio Sílvio de Almeida; em sua casa realizaram-se as reuniões para a criação da Academia Paulista de Letras, atividades que a singularizavam no quadro das mulheres da época, em geral de universo restrito. Paralelamente, escreveu nas revistas *A Semana*, 1902 [SP], *Educação*, 1902, *A Crônica*, 1908 e *Gazeta Artística*, 1909, entre outras.

201. *A Mensageira, revista literária dedicada à mulher brasileira*, São Paulo, 19 out. 1897.

202. Ver *A Mensageira, op. cit.*, ano I, n. 2, p. 17; ano II, n. 25, p. 7; ano II, n. 36, p. 171. Ver ainda Melina

Sublinhe-se a potencialidade deste impresso, em cujas páginas desfilaram múltiplas posturas – muitas delas contraditórias – o que o torna, por isso mesmo, um espelho de seu tempo[203]. A capacidade aglutinadora de Presciliana fez daquela publicação o espaço por excelência da mulher escritora da virada do século, a julgar pelo seu quadro de redatoras, as mais expressivas àquele tempo: Narcisa Amália, Áurea Pires, Anália Franco, Ibrantina Cardona, Júlia Cortines Laxe, Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia, Maria Amélia Vaz de Carvalho, Maria Clara Cunha Santos, Andradina de Oliveira, Delminda Silveira, Auta de Souza, Georgiana Teixeira, entre outras[204]. Da busca de comportamentos à produção literária feminina, com ênfase nos contos góticos e na poesia, inúmeros foram os experimentos daquela imprensa. Aberta a todo o País, percebida como o mais importante veículo de divulgação da poesia feminina, divulgava a opinião e a colaboração das mulheres envolvidas com as letras.

No ano seguinte, 1898, saía o *Álbum das Meninas, revista literária e educativa, dedicada às jovens brasileiras*, dirigida pela também escritora e educadora Anália Emília Franco. A publicação primava pelo tom conservador, arraigada a princípios morais e religiosos, pouco inovando na mensagem de seu texto, pautando-se pela atividade filantrópica. Conjugue-se a esta iniciativa de Anália Franco aquela de fundação e propagação da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, de 1901, voltada para população carente, que teve na revista *A Voz Maternal* seu órgão de divulgação, anunciando quermesses, saraus e conferências. Como resultado desta propaganda, o efetivo apoio material da sociedade, conforme sugerem as listas de doadores estampadas em jornal, permitindo o sustento de uma rede de instituições beneficentes, que incluía uma creche, um asilo, uma escola noturna e vinte e nove escolas maternais espalhadas pelos bairros da Capital, atendendo em 1903, mais de mil crianças entre 2 e 12 anos[205].

Em 1900 era lançada *O Chromo, revista mensal de literatura, arte e ciência dedicada ao belo sexo*, no Brás, com redação de Irene Costa, secretariada por Aurora

Izar Marson, "Da Feminina 'Macha' aos Homens Sensíveis", *Cadernos AEL*, Campinas, Unicamp, 1995/6, n. 3-4.

203. Ver Sylvia Paixão, *A Fala – a – Menos. A Repressão do Desejo na Poesia Feminina*, São Paulo, Numen Editora, 1991.

204. Ver Maria de Lourdes Eleutério, *op. cit.*

205. Ver Heloísa de Faria Cruz, *op. cit.*, p. 104.

Campos. Os interesses da publicação, impressa na tipografia do fotógrafo Júlio Dursky, de Sorocaba, eram advogados por José Cantinho. Esta participação masculina na gestão de revistas femininas repetiu-se no ano seguinte, no lançamento de *O Ramilhete, órgão dedicado ao belo sexo*. Com direção e propriedade masculinas, de Alfredo Durval e Silva e Antonio Correa, contava apenas com mulheres na redação: Alice Aguiar, Elisa T. L. de Abreu; Corina Aguiar e A. Justino de França[206].

Incomum, em 1905, a publicação por iniciativa da mulher operária, que figurou na Capital paulista através de uma única revista de direção feminina: *Anima e Vita*[207], redigida em italiano, próxima do formato jornal, com oito páginas a duas colunas. Sua fundadora, a socialista Ernestina Lesina, secundava-se pela professora Giuseppina Motta, que no primeiro número assinava o artigo: *Veritá, il nostro romanzo di Zola*, divulgando o escritor naturalista, de ordinário pouco recomendável às leitoras tradicionais de periódicos. Sua breve duração, pois consta que não passou de dois números, impede a avaliação do respectivo significado, confirmando as condições adversas para circulação de órgão daquela natureza. Não seria deslocado evocar desde aqui o nome de Isabel Cerruti, outra mulher posteriormente atuante nas lides da imprensa operária, redatora d' *A Plebe*, que divulgou a causa feminista e polemizou com a bem sucedida *Revista Feminina*.

Já em 1914 localizou-se uma contribuição inovadora, revelando a diversidade de público feminino na cidade marcada pela presença estrangeira: a revista *Ondina*, de qualidade gráfica apurada, bilíngüe, em italiano e português, voltada para a mulher da elite. Elegância, fascinação da casa e hábitos modernos foram veiculados em "papel glacé" pelo impresso de características luxuosas[208]. Do mesmo ano, e vindo para ficar, a *Revista Feminina*, fundada por Virgilina Salles Pinto, que se estendeu até 1936, discutindo as questões candentes do período: as lutas feministas, crimes contra a mulher e o voto feminino[209]. Por trás da *Revista Feminina* estava Cláudio de Souza, médico e literato, membro da Academia Brasileira de Letras, que se dirigia à mulher através da habitual crônica, sob o pseudônimo de Ana Rita Malheiros.

206. *O Ramilhete, órgão dedicado ao belo sexo*, São Paulo, 1901, IV, n. 4.
207. *Anima e Vita*, São Paulo, 1 gennaio 1905, I.
208. *Ondina. Revista quindicinale illustrata della feminilitá*, São Paulo, 1914, n. 1.
209. *Revista Feminina*, São Paulo, 1914, n. 1.

A especial conjuntura da Capital paulista na virada do século explica, em parte, esta diversidade de exemplos, em que estímulos vários engendraram a progressiva colocação da mulher naquela sociedade: o investimento na escolaridade, sua inicial profissionalização e, corroborando a ressonância cada vez mais forte dos movimentos sufragistas e feministas internacionais. Decisivo, contudo, o propósito da alfabetização, encetado com mais vigor no Estado de São Paulo, permitindo que sua população desfrutasse efetivamente do universo da escrita. Não obstante a estatística de 1920 para a Capital ainda apontar a inferioridade numérica da mulher alfabetizada em relação ao homem, tratava-se de diferença irrelevante já que ser alfabetizado não significava dominar a prática da leitura. Muitos eram considerados alfabetizados, poucos efetivamente liam. Acrescente-se que, ao contrário dos homens, as mulheres acabavam por completar sua escolaridade, aspirando ao degrau máximo da época, a *Escola Normal da Praça*. Uma das portas para sua profissionalização, a conclusão do curso era perseguida e ansiada, até pela carga de representação que conferia à "professorinha" ou à jovem normalista, cujo diploma de "professora primária" significava um galardão. E mais. Ao cumprirem as etapas do aprendizado público, intensificavam seu envolvimento com as letras, conformando-as ao universo do impresso[210]. A leitura do livro didático estava garantida à parte da população através da escola e, por conseqüência, também o hábito de ler autores consagrados que assinavam o livro didático e, assiduamente, freqüentavam as revistas, a exemplo de Olavo Bilac e Coelho Neto. Daí a ampla aceitação das revistas, que traziam um duplo aval para consumo da família paulistana: a colaboração reconhecida dos mestres didáticos e o decisivo "Artigo de Fundo", que insistia no caráter sadio da publicação, leitura que poderia entrar nos "honrados lares" daquela sociedade.

Definindo Modelos de Mulher

Escolarizada, atenta às modas e figurinos de seu tempo, a leitora encontrou nas revistas outra alternativa de consumo do impresso. Não aquele da leitura compenetrada, dependente de ambiência própria, de autor consagrado, da

210. Marisa Lajolo enfatiza o papel da escola como entreposto seguro para o livro, "quer como material de leitura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmios aos melhores alunos", em Marisa Lajolo, *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, São Paulo, Ática, 1996, p. 66.

SIhj

dificultosa aquisição do livro. Mas, da leitura folhetinesca, em pedaços, quase aleatória, conduzida pela variedade de seções e ilustrações, que ao fim e ao cabo, definiu dois códigos de consumo do impresso: aquele do texto e o outro, da imagem. Este, mais atraente, de comunicação imediata, traduzido – conforme já lembrado – pelas inovações técnicas da reprodução fotoquímica ou pelo traço inteligente, direto, sagaz e humorístico do caricaturista.

Inerente à mulher leitora, e como decorrência, outro perfil feminino se delineava, oportuno para ser explorado: aquele da mulher consumidora, informada dos produtos em voga, estimulada para sua aquisição, sensível às ofertas do mercado. A editoração periódica investiu nesta demanda priorizando-a nas publicações de todo o teor. Afinal, mercadologicamente, o que se perdia restringindo o leitor masculino às publicações de seus interesses específicos? Para eles as revistas agrícolas, ou as comerciais, já em circulação, ou ainda aquelas que se estigmatizaram até o presente como "revistas masculinas" – as picantes ou pornográficas, eventualmente em circulação.

Assim, conformava-se a mulher ao mercado do impresso, não apenas como *leitora*, mas, sobretudo, como *consumidora* de produtos de toda ordem, anunciados pela imprensa, através de publicações comprometidas com a venda e o lucro. Nesta perspectiva, um recorte apreciável da produção dirigida à mulher nasceu de *mentes* e *mãos masculinas*, iniciativa de editores envolvidos com o mercado, cientes do potencial de consumo daquele segmento. É notável a incidência de apelos ao público feminino naquele periodismo que se fazia empresa, ainda que inseridos em revistas de temáticas consideradas masculinas, como as revistas agrícolas e algumas esportivas. Em nenhuma delas faltava a seção o "cantinho da mulher", ou o "figurino da moda" e mesmo o irresistível "folhetim".

A cooptação maior, contudo, advinha de seções que falavam aos sentimentos, textualizados em poesias, crônicas e contos, algumas ainda de laivos românticos, por vezes permeadas pela produção realista e naturalista, com triunfo da estética parnasiana. Concomitantemente, moda e notas sociais completavam o recheio estimulante, suscitando toda ordem de vaidade, numa sociedade que se percebia em outra dimensão, reproduzida no impresso através dos recursos da fotografia, ou através da "letra de forma" que anunciava seus feitos. Sociedade que passava a redesenhar sua imagem a partir daquela sugerida pelo então espelho da moda – as sedutoras revistas da época. O comando de tudo vinha do surto publicitário, que descobrira no periodismo o veículo ideal enquanto seu alvo

Slhi

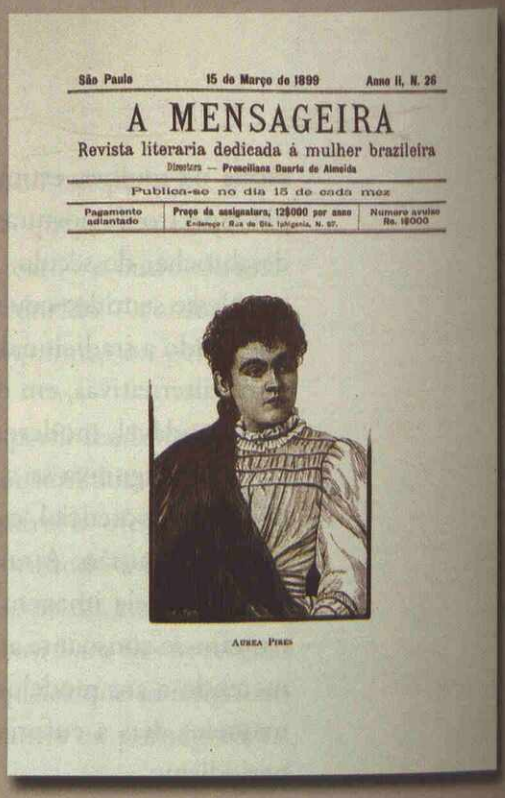
recaía na mulher, estimulando-lhe condutas e procedimentos, abrindo-lhe amplo espectro de posturas, em compasso afinado com as tantas mudanças daquele desabrochar do século.

Nesse sentido, coube ao periodismo a prefiguração de modelos femininos, reiterando a tradicional postura de *rainha do lar*, mas abrindo um leque de condutas alternativas, em que se projetou a mulher emancipada, educadora, esportista, saudável, moderna e, por que não, a sufragista e feminista. Em outras palavras, prefigurava-se a mulher que interessava ao mercado, identificada como cliente em potencial, capaz de influenciar as decisões de família, vista como um ser em expansão. Através do texto, mas subliminar e/ou ostensivamente pelo *réclame* e pela imagem a seu serviço, as mensagens daquele periodismo construíram-se consoante as exigências mercadológicas; privilegiaram a mulher, submetendo-a aos modelos de importação, aos valores de fora, ainda que se vivesse naqueles dias a euforia nacionalista, simultaneamente veiculada pelo mesmo periodismo.

Na sociedade de gama variada dos primórdios da industrialização paulista, a preferência pelo produto importado em detrimento do similar recente "nacional" teve sua correspondência no tocante à divulgação de modelos femininos. Aquele da "parisiense elegante" e da "jovem *yankee* moderna" foram opções preferenciais dos *clichés* da época, intensamente divulgados pela imprensa, reforçando a tendência bovarista da população leitora feminina; em contrapartida, por outros mecanismos de comunicação das próprias revistas, reforçava o estereótipo da brasileira paulistana vinculada à tradição, à religião, à família. Certo que a mulher ainda não formalizara sua atuação no mercado de trabalho, na sua maioria sem colocação profissional, voltada para as prendas domésticas, dependendo da renda de terceiros – família, marido, heranças e outros. Não obstante essa dependência, seu papel de conivente e/ou estimulante do consumo foi relevante. Vale um retrospecto de seu cotidiano, conforme apareceu naquele periodismo ilustrado.

Na tarefa de *Rainha do Lar*, cabiam-lhe muitas das decisões de gastos diários, desde os fortificantes para a prole, dentifrícios para a família, produtos alimentícios, sabonetes de qualidade no apuramento higiênico aos remédios para a "saúde da mulher", produtos largamente anunciados pelas revistas. Concomitantemente, a ascensão social propiciada pelo surto econômico exigia-lhe representação compatível com o novo *status quo*, conduta que a vinculava ainda mais à publici-

Mulher: Pluralidade de Imagens • 1. *A Mensageira. Revista literária dedicada à mulher brasileira*, São Paulo, 1899, ano II, n. 26. • 2. *Ondina. Revista quindicinale illustrata della feminilitá*, São Paulo, 1914, n. 1. • 3. *La Colonia*, São Paulo, 1916, ano II, n. 20. • 4. *A Cigana*, São Paulo, 1922, ano I, n. 2. • 5. *Terra Paulista*, São Paulo, 1920, n. 11. • 6. Lúcia Carmilo de Moraes Barros, gentilíssima filha do Dr. Jorge de Moraes Barros, ilustre advogado de nosso foro e neta do saudoso republicano Cel. Victorino Carmilo. *Panóplia*, São Paulo, 1923, n. 3.


São Paulo 15 de Março de 1899 Anno II, N. 26

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

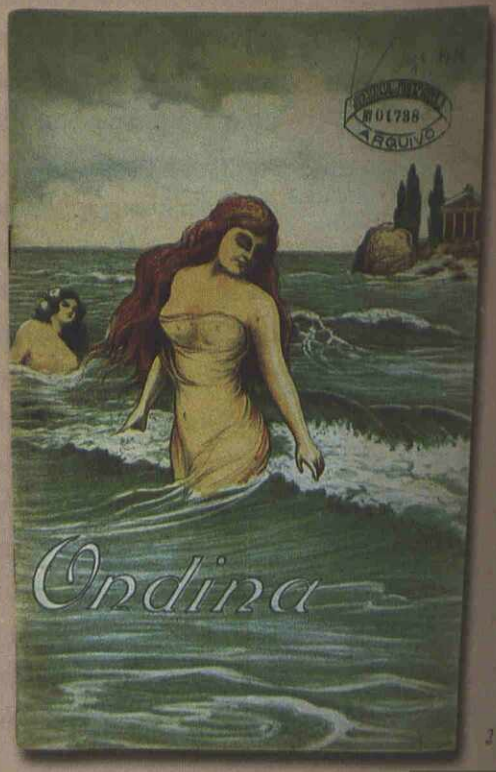
Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado | Preço da assignatura, 12$000 por anno | Numero avulso Rs. 1$000

Endereço: Rua de Sta. Ephigenia, N. 57.

AURÉA PIRES

1



2


ANNO II
NUM. 20
LA COLONIA

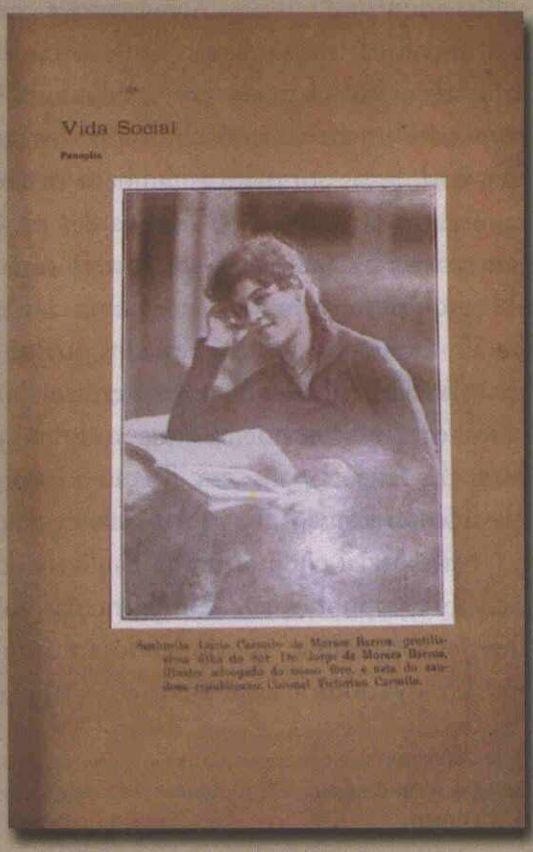
3


Anno I
Numero 2
A CIGANA
SENHORINHA THEREZA DE MARZO

4


Terra Paulista
— As pastilhas são como os beijos de amor: adoçam a bocca, mas amargam depois de sugadas...

5


Vida Social
Panoplia

6

dade periódica, responsável pela atualização do leitor. A aquisição de figurinos era o primeiro passo para a produção dessa nova mulher, atenta aos ditames da moda, via Paris[211]. A nova indumentária, contudo, não bastava. Era preciso outro mobiliário, de preferência da *Casa Alemã*, em anúncio de página inteira. Impossível resistir aos apelos da *Casa Edison*, que tinha até seu órgão de propaganda, a revista *O Eco*, que anunciava os engenhos mais modernos – do gramofone à vitrola; sedutoras, igualmente, as novidades do *Mappin Stores*, onde os chás da tarde constituíam-se em apelos definitivos do cotidiano elegante, inaugurando outras sociabilidades, hábitos e práticas do viver urbano.

Entre a classe média emergente e/ou em ascensão e a elite que freqüentava a Ópera, as missas e as recepções de casamentos, movimentava-se um comércio expressivo, cuja existência dependia fortemente do consumo feminino. Para aquelas frações de classe, legitimar e/ou ostentar a situação privilegiada exigia a representação das posições conquistadas na estamental sociedade paulistana. Mais ainda naquele momento de competição e confronto com o estrangeiro, que vinha adquirindo posses. Arrivistas, imigrantes, proprietários destituídos, oligarcas, funcionários públicos, profissionais liberais, comerciantes e importadores endinheirados – um elenco variadíssimo – disputavam espaço, representação e, se possível, mais ascensão. A busca dos sinais de distinção estava na ordem do dia, traduzidos por práticas também estimuladas e assimiladas via periodismo. A começar pela vestimenta, seguida das relações de sociabilidade, a ida ao prado, aos recitais da *Sala Steinway*, posteriormente ao *Teatro Municipal*. Imprescindível a aquisição da nova casa, de uma classe média de burocratas, profissionais liberais, comerciantes bem situados que se instalavam nos bairros recém-abertos de Vila Mariana, Vila Buarque, Perdizes; já a burguesia buscava os endereços classificadores dos loteamentos que se abriam para os altos da cidade. A aquisição de lotes em Higienópolis, em direção ao espigão da Avenida Paulista, por si só era classificatória, inclusive pela vizinhança da família Prado.

Na especial conjuntura da Paulicéia da virada do século, essa imprensa que descobria a publicidade, em particular nas revistas ilustradas, priorizava a mulher, envolvendo-a, aprisionando-a no universo de consumo que alimentava a indústria periódica, sustentada especialmente pelos anúncios publicitários, mais

211. Exemplos de agências de figurinos e suas criações nacionais: *Rosa D'Amor* e *O Bordado Moderno*, de Lilla Editores.

que pelas assinaturas. E no folhear dessas revistas de época inferiu-se a conformação do público leitor significativamente feminino, o registro da qualificada e assídua contribuição da mulher, fosse como agente produtor ou consumidor das páginas que vendiam letras, fantasias, sonhos, produtos, idealizações. Mais que isso, assistiu-se ao desfile de modelos de mulher, engendrados pelo veículo revista, a serviço do fabuloso mercado em expansão da Capital paulista, anunciada como *o maior empório comercial da América do Sul*. A sucessão de concursos de beleza, simpatia, elegância, virtuosismo ali estampados cunhavam a nova mulher, plasmada pelos interesses de uma imprensa em busca do lucro, a qualquer preço.

A segmentação variada da imprensa feminina ilustra as múltiplas condutas e posturas em curso. Entre Anália Franco, exaltando o recato da mãe de família, clamando contra "o materialismo, a descrença, o estiolamento moral, a decadência de costumes com base na educação moral e religiosa do povo"[212], ou *O Ramilhete*, dirigindo-se às mulheres "representantes do belo sexo", às "gentis *demoiselles*"[213] e de outro lado a feminista Isabel Cerruti, voltada especialmente para a mulher operária, colocavam-se as representantes da Ordem, as mais freqüentes e aceitas naquele periodismo, já ensaiando contestações[214]. Presciliana Duarte de Almeida, de São Paulo, e Júlia Lopes de Almeida, do Rio de Janeiro, ilustram com propriedade esse segmento vitorioso da imprensa feminina, cujas revistas entravam "nas casas de família", apregoando também em uníssono com a fala do poder – "o engrandecimento de nossa terra"[215].

Já no conjunto da produção operária, inferiu-se a construção de duas imagens femininas, marcantemente dicotômicas. Por um lado, imperou o ponto de vista masculino, numa imprensa produzida e redigida por homens. Embora seu discurso combatesse o abuso dos patrões e a exploração do trabalho feminino, ao fazê-lo de forma paternalista, reiterava os mitos propagados pela imprensa burguesa, da mulher como "ser frágil, esposa, dona-de-casa, mãe-de-família"; texto que endossava o discurso médico, sanitarista e filantropo do começo do século[216].

212. *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras*, São Paulo, 30 abr. 1898, ano I, n. 1.
213. *O Ramilhete, órgão dedicado ao belo sexo*, São Paulo, 1901, ano IV, n. 4, HIGSP.
214. Ver Maria de Lourdes Eleutério, *Mulheres Escritoras, op. cit.*
215. *Revista de São Paulo*, São Paulo, fev. 1902, ano I, n. 1.
216. Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar, op. cit.*, p. 73. A autora mostra os mecanismos de domesticação da mulher através do discurso do aleitamento materno, das falas anarquistas, da legislação trabalhista, presas na teia secularmente tecida, configurando-a afetiva mas assexuada.

Qualquer alteridade desses papéis conferidos à mulher a estigmatizava como violadora do sistema, sobrecaindo-lhe a pecha de pecadora, leviana, de conduta imoral face aos padrões vigentes. Por outro lado, são inúmeros os textos desta mesma imprensa, também de produção masculina, que noticiaram as lutas das mulheres operárias paulistas, revelando indiretamente sua bravura e formas de resistência[217].

Essa dubiedade presente na imprensa operária, não ocorre no segmento da imprensa anarquista. Radical, acolhe vozes feministas que discutem a emancipação da mulher em largo âmbito, da reformulação de seu papel no interior da fábrica e na sociedade. A ênfase na instrução como libertação, a rebeldia materna, como exemplo para a rebeldia dos filhos, a negação do modelo burguês da fragilidade feminina, a reação à dominação masculina – são diretrizes da luta feminina anarquista que endossou assuntos candentes da luta da mulher: o sufragismo, o feminismo, o divórcio – e em paralelo, o amor livre, temas presentes nas publicações anarquistas. Nesse sentido, se o periodismo operário pouco acrescentou para a renovação da imagem feminina, coube à imprensa anarquista veicular posturas femininas revolucionárias, imagens que tiveram peso na imprensa da época e, conseqüentemente, na sociedade. Na causa feminista, por exemplo, sua atuação teve visibilidade; o que pode ser melhor apreendido pela fala inflamada de Isabel Cerruti, colaboradora de *A Plebe*, em resposta à bem posta *Revista Feminina*, de Virgiliana Salles, enaltecendo as posições anarquistas de defesa da mulher:

> Chocou-me os sentimentos ao ler a circular expedida pela redação da *Revista Feminina*, de que sou assídua leitora, a referência que faz das teorias libertárias. Não sei em que vos apoiais para dizer que as correntes anarquistas pretendem fazer ruir a moral dos lares. Como mulher, protesto contra essa aberração de raciocínio. E como anarquista, o dever me impele, não posso deixar passar em silêncio essa alusão tão injusta a uma das mais nobres e galhardas aspirações do ideal que professo que é justamente aquele que quer garantir, com bases seguras, a moral dos lares[218].

217. Em 1901, greve das mulheres da fábrica de tecidos Sant'Anna, do Brás, contra nova tabela que rebaixava o salário real, noticiada pelo *Avanti*; 1902, operárias da fábrica de tecidos Anhaia, Bom Retiro, contra maus tratos dos mestres de teares; 1907, a famosa greve das costureiras, noticiada pelo *Avanti*; 1908, greve das mulheres da fábrica de tecidos Matarazzo, "por causa do rebaixamento das suas tarifas de fome", informava o *La Bataglia*; 1917, mulheres do Cotonifício Crespi. Cf. Paula Beiguelman, *Companheiros... op. cit.*, p. 233; Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar, op. cit.*, pp.71-73.

218. Isabel Cerruti, em Sandra Lúcia Lopes Lima, *op. cit.*, p. 78.

SIhi

Nomes como os de Maria Lacerda de Moura, Deolinda Daltro, Bertha Luz e Isabel Cerruti – em que pesem as posturas diversas, atenuadas e/ou exaltadas – ocuparam espaços na imprensa em nome da contestação, da rebeldia, do questionamento. Conquistaram posições e tiveram utilidade mercadológica naquele jornalismo que se fazia empresa, em que o diferente, o proibido e a cobertura do que corria pelo exterior, como a luta sufragista e feminista, resultavam em matérias potencializadas para a venda.

A Mulher Dividida

Ao fim e ao cabo, o que resultou desse periodismo consumido por mulheres e disseminador de comportamentos foi a veiculação de duas imagens de mulher. Uma do texto e outra da publicidade. Texto ainda construído para a *mãe-esposa*, conformando a imagem da mulher brasileira aos costumes e tradições, de forte influência católica, de apelo nacionalista; já as imagens, as ilustrações, a publicidade com vistas ao consumo, configuravam o modelo de fora, da mulher esportiva, liberada, moderna, que fumava e dirigia automóveis, engendrando o estereótipo que reinou naquela transição: a melindrosa[219], perfil objeto de acirrada crítica nas revistas *A Mensageira* e *Renascença*.

Em outras palavras, *rainha do lar* no texto, no espaço do privado e moderna e liberada na propaganda, colocando-se no espaço público. A passagem de um pólo a outro exercitou-se, sobretudo, nas revistas do período, assimilando mensagens que apareciam em órgãos socialmente discriminados. A imagem da mulher moderna era "vendida" nas revistas da elite, com maior poder aquisitivo para consumo das modas e das viagens. Já um discurso do recato e da economia imperava nas revistas voltadas para a leitora da classe média, que comprava os figurinos para executar os riscos em casa, que se interessava por economia doméstica, que aspirava ao papel de *escrava voluntária* conforme modelo também destilado pela publicidade da época.

219. A melindrosa é figurada como "a mulher fútil que vive para *coquetterie* e cuja preocupação fundamental é a aparência e o flerte, sem demais interesses. [...] põe em risco a sociedade por não apresentar preocupações sobre o futuro, acerca da educação para a maternidade, do trabalho ou de um ideal – como o Anarquismo. Para as feministas liberais, [...] a melindrosa deveria ser combatida pois ela degradaria a sociedade, aproximar-se-ía da prostituta [na aparência e nos gestos] e abalaria a moral burguesa", Melina Izar Marson, *op. cit.*, pp. 90-91.

Dicotomicamente, enquanto se propagavam remédios para a *saúde da mulher*, especialmente para cólicas menstruais, também se veiculavam inúmeros reclames da farmacopéia destinada ao combate da sífilis, numa repressão indireta à prática do sexo. Subliminarmente, associava-se o sexo a castigo e à doença venérea – pena final para aquele envolvimento[220]. Ou, por outro viés, esses reclames expressavam indiretamente a vitimização da mulher pelas práticas masculinas. Mulheres valorizadas apenas as que se sobressaiam de forma excepcional: as primeiras colocadas, caso de Maria José Castro Rabelo Mendes, obtendo o primeiro lugar em concurso do Ministério do Exterior para a carreira diplomática, justificado também porque dela provinha o sustento da mãe e do lar; a advogada Mirthes Campos, primeira mulher a ser aceita na Ordem dos Advogados; a poetisa Rosalina Coelho Lisboa, vencedora em concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras, "com mais de sessenta poetas"[221]. Maria José Rabelo Mendes ganhava renome, então terceiro oficial do Ministério do Exterior, como exemplo de "vitória prática do feminismo brasileiro", quando de seu casamento com o cônsul brasileiro Dr. Henrique Pinheiro de Vasconcelos. O articulista da *São Paulo Ilustrado*, em 1904, exaltava as exponenciais no campo artístico:

> Vão e estulto preconceito é o que condena a mulher ao ostracismo no campo da arte. O temperamento feminino, muito mais vibrátil, muito mais analista que o do homem, tem sobre o sexo oposto a vantagem do estudo apurado, da minúcia, o que faz com que a arte feminina seja toda ela vazada numa delicada sequência de pequenos detalhes e adoráveis baixos relevos. Em São Paulo esta verdade é palpável com os suaves versos de Francisca Júlia, Zalina Rolim, Ibrantina Cardona e as encantadoras esculturas de Nicolina Vas de Assis, a quem *São Paulo Illustrado* bate palmas, gostosamente[222].

Insista-se que todos esses novos posicionamentos – não obstante ainda muito carregados da tolerância e superioridade masculinas, arraigados a determinada referência de feminilidade [fragilidade] e a um ideal de identidade feminina [excepcionalidade] – resultavam da militância da mulher em favor de seus direitos, desenvolvida especialmente através das revistas. Naquelas páginas exercitaram formas de escrever e de se colocar; posicionaram-se com relação a condutas cívicas e sociais; denunciaram o conservadorismo e a misogenia do pensamento

220. Ver Maria Lígia Coelho Prado, *op. cit* p. 12.
221. Sandra Lúcia Lopes Lima, *op. cit.*, p. 84.
222. *São Paulo Ilustrado*, São Paulo, fev. 1904, n. 19.

científico do século XIX e princípios do XX[223]. Através das revistas, fosse pelo viés da produção feminina ou por aquele perpetrado pela propaganda, paulatinamente, desestabilizavam-se as fronteiras simbólicas entre os sexos, desfazendo-se papéis ancestralmente construídos na secular sociedade patriarcal brasileira[224].

223. Margareth Rago, "Adeus ao Femininsmo? Feminismo e [Pós]Modernidade no Brasil", *Cadernos IEL*, Campinas, Unicamp, 1996, n. 2-4, p. 16.
224. Melina Izar Marson, *op. cit.*, p.84.

Impressos de Exclusão: Revistas Operárias

O registro de mais de cem periódicos da imprensa operária só na Capital e cinqüenta no interior no período em apreço é sugestivo da importância desse segmento no quadro da imprensa paulistana[225]. Segmento de exclusão, carregando o estigma de ameaça à ordem vigente e alvo constante da censura, perdeu muitos de seus exemplares, quando não séries completas, fosse pelos sucessivos empastelamentos de suas gráficas e/ou apreensão de acervos[226]. No conjunto dessa rica produção, contudo, localizamos duas revistas: *Aurora* e *Anima e Vita.* Da segunda, se obteve tão só o primeiro número, ignorando-se sua duração[227].

A predominância do jornal em detrimento da revista é explicada pelo caráter doutrinário daquela imprensa, voltada para a propaganda ideológica e não-publicitária, trabalhando na adversidade e clandestinidade. O jornal vinha como recurso mais oportuno que o periódico revista, fosse por sua periodicidade diária, impressão simplificada, sem a sofisticação e o custo da imagem e, finalmente, pela facilidade de distribuição e manuseio. Acrescente-se que, em princípio e por princípio, aquela produção não se colocava como jornalismo de mercado, com vistas ao lucro pecuniário de acordo com a lógica capitalista que regia o periodis-

225. Paulo Duarte, *História da Imprensa em São Paulo*, I, pp. 25 e 72.

226. O historiador Nelson Werneck Sodré conferiu-lhe uma das primeiras análises particularizadas, em subcapítulo denominado *imprensa proletária*, articulando aquela produção ao processo histórico do qual emergia. Hoje, esse recorte vem sendo objeto de estudos sistemáticos, contribuição decisiva para a história dos movimentos sociais, do curso das idéias revolucionárias no Brasil, das práticas culturais de seus agentes.

227. Também no Rio de Janeiro, os jornais predominaram em detrimento das revistas, registrando-se naquela capital a revista *A Vida*, 1915, fundada por um grupo de intelectuais anarquistas daquela capital: Orlando Correa Lopes, Astrogildo Pereira e José Oiticica. Cf. Regina Crespo, *op. cit.*

SIhi

mo paulistano como negócio. Seu escopo incidia sobre o jornalismo pedagógico doutrinário e prosélito. Dotada de poucos recursos, avessa à publicidade mercadológica, de impressão barata, geralmente clandestina, produziu exemplares pouco atraentes se comparados àqueles do periodismo ilustrado e publicitário corrente. O despojamento técnico daquele impresso foi seu traço formal característico, não obstante parte significativa de seus editores originar-se do universo gráfico, familiarizada com as técnicas de impressão. Por outro lado, essa quase ausência de revistas, num universo gráfico tão pródigo, revelou-se sintomática. Atestou que a circulação daquele impresso resultava de estágios capitalistas específicos, pressupondo investimentos de outra ordem, consumidor de maior poder aquisitivo e diverso quadro mental do público receptor. Nada mais claro para essa compreensão que as palavras do líder anarquista de origem portuguesa, Neno Vasco, no último número do jornal *O Amigo do Povo*, em 1904. Ali esclarecia as demandas do impresso de caráter informativo e propagandístico político:

> A princípio por falta de dinheiro, depois por falta de tempo do redator, não apareceu até hoje este número d'*O Amigo do Povo*, talvez o último. Entre os camaradas que nos têm incitado a continuar, alguns quereriam um periódico de propaganda elementar, comesinha, local, ocupando-se de fatos da vida brasileira outros, parecendo-lhes que o *Amigo do Povo* tem feito mais obra de *revista* do que de órgão de propaganda, num meio atrazado como o nosso aconselham-nos a publicação de uma *revista*; outros ainda desejariam a *revista* e o quinzenário de propaganda popular. É talvez possível conciliar as várias opiniões e desejos.
>
> Discutida e estudada a questão, decidimos fundar uma *revista mensal*, de 16 páginas, in. 8º. Esta *revista* terá vida assegurada com 250 assinaturas [2$000 por semestre; 4$000 por ano]. Cremos que é possível atingir esse número, se os camaradas, que quizerem apoiar-nos, trabalharem eficazmente para esse fim.
>
> Apenas virmos que podemos começar, publicaremos o primeiro número: provavelmente em janeiro. Tudo depende não só de nós como da boa vontade e da atividade dos nossos cooperadores.
>
> Não podemos certamente, prometer uma variada colaboração, toda feita especialmente para a *revista*: é evidente que nos faltam os elementos. Mas prometemos fazer com todo o escrúpulo de que formos capazes uma seleção dos trabalhos que forem publicados, originais ou transcritos.[...]
>
> Quanto ao periódico de propaganda, digamos duas palavras. Não podemos sustentar, pelo menos desafogadamente e por muito tempo, dois orgãos de propaganda, em língua portugueza, um aquí, outro no Rio. A *revista, menos dispendiosa e por assinatura*, póde viver ao lado dum jornal, mas não dois jornais, por subscrição voluntária [*sic*][228].

228. *O Amigo do Povo*, São Paulo, 1904. Naquele momento, o público leitor paulistano, dado seu estágio cul-

Com esta explicação, o militante confirmava a inviabilidade do gênero *revista*, no curso de um processo de pouca receptividade do meio. Acrescente-se ainda a precariedade das oficinas daquela categoria. Afonso Schmidt descreve as instalações do jornal *A Vanguarda*, de 1920, do qual fora diretor, cujo trabalho transcorria em bases idealistas, sediado num "galpão do Brás, depois da compra a crédito, de um linotipo, uma impressora *Alauzet* e caixas de tipos fantasia para títulos e anúncios", onde os redatores passavam dia e noite e a movimentação só era interrompida para um breve almoço[229].

Importa sublinhar que a imprensa operária constituiu-se em fato novo no circuito periódico da cidade de São Paulo. Nascida com a industrialização, etapa em curso recente no País, já nas primeiras décadas do século XX suas publicações figuravam como expressão daquela força produtiva, ameaça à oligarquia dominante. Certo que o Brasil já conhecera uma imprensa reivindicatória do trabalhador oprimido, exemplificada sobretudo pela imprensa abolicionista, porta-voz branco da massa cativa, que conjugava as falas dos negros Luis Gama, José do Patrocínio e André Rebouças, representantes efetivos daquela causa[230].

Na imprensa operária, diversamente, tratava-se de uma luta articulada e desenvolvida diretamente pelos seus protagonistas, apoiada num tripé conformado pelo *operário*, sujeito dessa história, por *intelectuais*, teóricos do movimento, agentes propagadores que vulgarizaram as teorias para a massa dos trabalhadores e os *imigrantes militantes*, anarquistas em sua maioria, que exilados no Brasil, deram continuidade à propaganda libertária. Coube aos intelectuais, muitos deles de origem burguesa, a iniciativa da produção periódica operária. Maria Nazareth Ferreira é enfática nessa constatação: "Os primeiros jornais de classe que surgiram no País foram iniciativa dos intelectuais. Desenvolveram o hábito

tural, estava afeito ao "periódico de propaganda elementar, comesinha, local", e que de fato se ocupasse "de fatos da vida brasileira". Neno Vasco revelava a distância entre a visão de um europeu, preocupado com a propaganda ampla do socialismo, e o estágio de nosso operariado, envolvido com publicações de caráter burguês, que Vasco denominava "comesinhas".

229. Afonso Schmidt, *Bom Tempo*, *op. cit.*, p. 350. Em geral as iniciativas gráficas do operariado resultavam de cooperativas. Em 1920 o lançamento do jornal *A Vanguarda*, de iniciativa de João da Costa Pimenta, tinha como sócios da cooperativa Afonso Schmidt e Edgard Leuenroth. J.W.F. Dulles, *op. cit.*, p. 123.

230. Ver Lilia Moritz Schwarcz, *Retrato em Branco e Negro. Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no Final do Século XIX*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987; o jornal *Redenção*, em São Paulo, de Antonio Bento, líder dos Caifazes; a *Gazeta da Tarde*, no Rio de Janeiro, até 1887, de José do Patrocínio em que escrevia André Rebouças.

da leitura, a discussão de novas idéias [...] prepararam o terreno para o surgimento da imprensa operária"[231].

Rastreando o percurso dessa imprensa de esquerda, em São Paulo, uma periodização é nítida: seu surgimento em fins do século XIX, com produção relativa por volta de 1905, recrudescendo em 1917, após a Revolução Russa e o fim da Primeira Guerra, intensificando-se até 1920, para declinar a partir do ano seguinte. *Gli Schiavi Bianchi*, de 1892, redigido em italiano, vem a ser uma das primeiras publicações desse segmento no Brasil. Em 1898 registra-se iniciativa pioneira em língua portuguesa, *O Trabalhador do Livro*, órgão da Federação dos Trabalhadores do Livro, associação dos artífices tipógrafos de São Paulo, fundada em 12 de abril de 1896. Trazia como lema a exortação de Marx – *Proletários de todo mundo, uni-vos!*, e a divisa maçônica – *Um por todos, todos por um!* A redação ocupava a sede social, à rua Capitão Salomão, e a impressão ficava a cargo da Tipografia a Vapor Mülly, Scheliga & Comp[232]. Em 1900, *O Grito do Povo*[233], semanário socialista revolucionário, administrado por Antonio Lago, vinha em edição trilingüe, redigido em português, italiano e espanhol, confirmando o público alvo de imigrantes na sua maioria. A redução da jornada de trabalho para oito horas já estava posta, expressa em longo editorial de 1º de maio de 1900, aqui reproduzido em parte, por ilustrar o cotidiano operário que perpassava a sociedade como um todo:

O Dia dos Operários

A parte consciente do elemento operário desta cidade vai hoje mais uma vez festejar a data mais significativa para sua emancipação – o 1º de Maio.

A reclamação das horas de trabalho – 8 horas – cada vez mais se impõe, em vista do crescente número de operários sem trabalho e sem instrução – verdadeiro perigo no futuro para a ordem social.

[...] Com a diminuição do tempo de jornada de trabalho, podem os operários instruir-se, adquirindo assim as verdadeiras noções de civilidade, deixando portanto, de serem os involuntários povoadores das prisões.

[...] Muitos burgueses dizem que os operários desejam o descanso para entregar-se à ociosidade. Isto é uma pura inverdade; se hoje o operário é ocioso, é devido, unicamente ao sistema de vida que leva: completamente escravizado, trabalhando de 10 a 12 horas por

231. Maria Nazareth Ferreira, *op. cit.*, p.146. Sublinha Bóris Fausto que "no caso do anarquismo o papel da importação foi considerável: através dos imigrantes, chegaram ao país não só os intelectuais portadores da ideologia, como massa de trabalhadores pelo menos em algum grau tocado por ela", Bóris Fausto, *op. cit.*, p. 63.

232. *O Trabalhador do Livro*, órgão da Federação dos Trabalhadores do Livro, p. 811.

233. *O Grito do Povo*, semanário socialista revolucionário, São Paulo, ano II, n. 26, 1º.5.1900, *apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, pp. 829-830.

SIhi

dia, ele, no domingo, – dia feito para os escravos – naturalmente como ser racional procura divertir-se [...] .

Os operários são homens como os demais: se eles tem amor ao trabalho, que lhes garante a vida, mais terão à instrução, que lhes formará a consciência de individualidades sociais[234].

Ao lado do semanário *O Grito do Povo* saía, no mesmo ano de 1900, o cotidiano *O Povo, diário independente*[235]. De teor mais brando, afirmando que não se envolveria com questões políticas, informava indiretamente, no editorial de 7 de março de 1900, sua efetiva ligação com a causa trabalhadora.

> [...] a redação admite toda e qualquer reclamação a respeito das injustiças, desaforos e iniquidades e mais atropelos que sofram os operários [...] em sua penosa tarefa de ganharem o pão cotidiano[236].

Enquanto os jornais se colocavam como tribunas para defesa do trabalhador, a revista caracterizou-se pela divulgação teórica dos princípios caros à luta, numa sucessão de artigos de autores europeus traduzidos e da colaboração de simpatizantes brasileiros. Novamente a sobriedade da publicação se impunha, tanto no projeto gráfico, limitado a textos, sem ilustrações, como na seqüência das seções, dogmáticas, de cunho doutrinário, sem espaço para o corrente tratamento lúdico e cativante das revistas da imprensa burguesa. Datam de 1905 as duas *revistas* do gênero, ambas de curta duração.

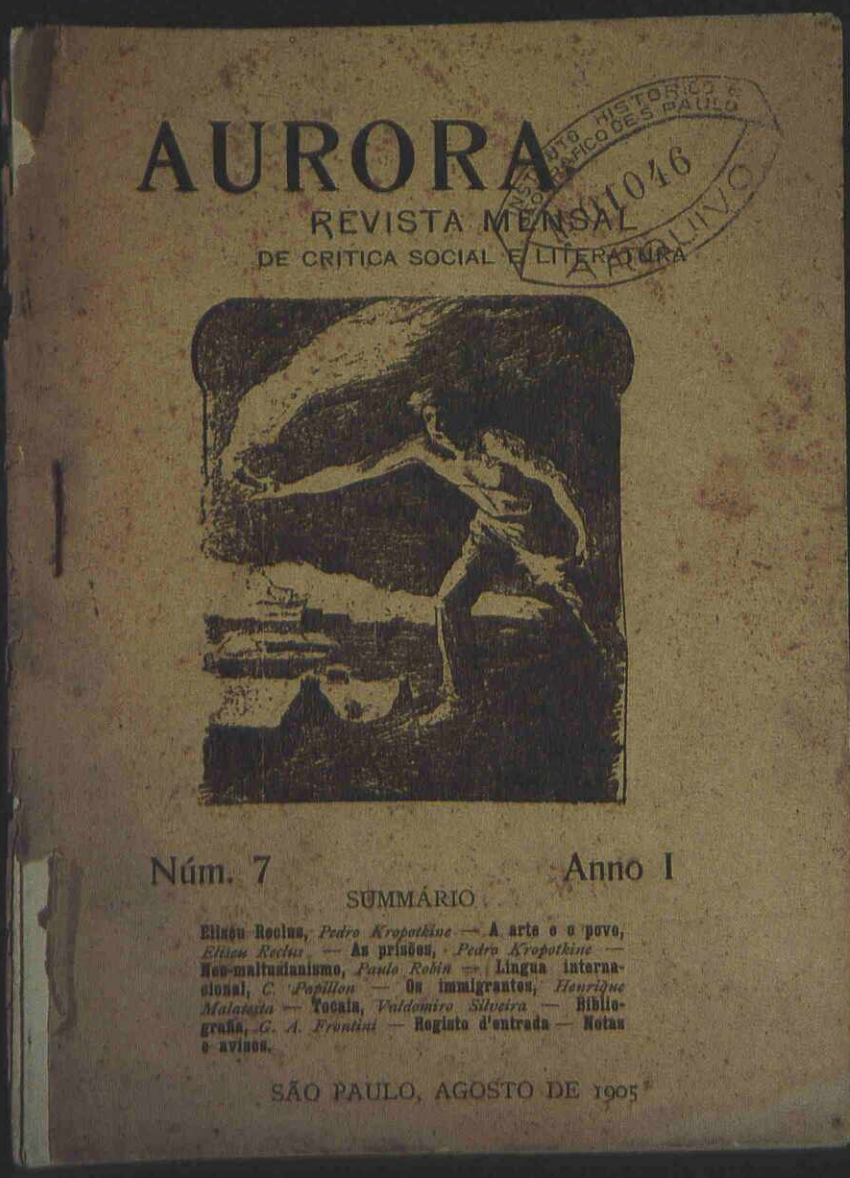
A primeira, *Anima e Vita*[237], já mencionada como exemplo da imprensa feminina, veio a luz em 1º de janeiro de 1905, impressa em italiano e editada por uma mulher, Ernestina Lésina, em italiano. Com escritório a rua do Rosário n. 21, era impressa na Tipografia Maré & Monti, na rua Quintino Bocaiúva, 46, e mais se assemelhava a um jornal, dadas as medidas de 24 x 32 cm e o formato com 8 páginas a 2 colunas. Ignora-se seu custo e procedimentos de divulgação. No primeiro número, talvez o único conhecido, estampava os artigos: *La guerra e lo Spirito Religioso*; *Educazione Morale*; propaganda do jornal *Avanti* e, assinado pela professora Giuseppina Motta, *Verita*, *Il nostro romanzo di Zola.*

234. *Idem.*
235. *O Povo, diário independente*, São Paulo, 7 mar. 1900.
236. *Idem.*
237. *Anima e Vita*, São Paulo, 1 gennaio 1905, I. Afonso A. de Freitas a menciona à p. 968, sem nada acrescentar, salvo os dados do cabeçalho. No IHGSP há apenas o n. 1, incompleto.

Contudo, é na revista *Aurora, revista mensal de crítica social e literária*[238] que circulou apenas entre 1905 e 1906, que se tem um registro, de curta duração, mas ilustrativo das práticas da intelectualidade militante de esquerda na imprensa paulista. O colaborador efetivo era Valdomiro Silveira, nome freqüente da imprensa burguesa, que também dispunha de coluna no jornal *O Estado de S. Paulo*. Aliás, o trânsito entre a imprensa burguesa e a operária era freqüente, exemplificado pelas atuações de Hermes Fontes, Martins Fontes, Ricardo Gonçalves e Euclides da Cunha, este último fundador com Francisco Escobar, em São José do Rio Pardo, do jornal *O Proletário*[239]. *Aurora* vinha para propagar idéias libertárias, com direção de Neno Vasco e seções com informes sobre greves, malthusianismo, prisões, a arte e o povo, textos estrangeiros na maioria. Não estampava reclames comerciais dependendo, ao que tudo indica, apenas da renda gerada pela própria revista. Nessas circunstâncias, revelou oportunidade e avanço nas técnicas e estratégias para sua divulgação, sobretudo para veiculação de obras de doutrina. O custo de 4$000 da assinatura anual, ainda que para exemplares impressos em papel jornal, pode ser considerado baixo no quadro do periodismo daquele momento, quando uma anuidade de revista oscilava entre 12$000 e 22$000. Contava com uma rede de agentes espalhados em centros urbanos onde o movimento poderia ganhar adeptos em razão da presença operária local: Rio de Janeiro, Sorocaba, Ribeirão Preto, Piracicaba e Curitiba. As estratégias utilizadas revelaram habilidade para cooptação de assinaturas. Na última página, estampavam uma série de oportunidades ao futuro assinante e divulgavam uma "biblioteca" de leituras afins, em que se arrolavam títulos de difícil acesso no Brasil, criando condições favoráveis para sua aquisição.

> O pagamento da assinatura anual dá direito a receber um exemplar do *Almanach Illustré de la Revolution pour 1905*, que custa avulso 400 réis e que oferece livros e prêmios para seus leitores. Ao assinante semestral [2$000] caberão 5 exemplares do opúsculo *Porque somos Anarquistas*, e um folheto *Livre Exame*. O assinante trimestral terá cada um destes folhetos. Quem juntar 1$000 ao preço da assinatura anual ou semestral receberá um exemplar da tradução portuguesa do livro de E. Reclus, *Evolução, revolução e ideal anarquista*, que separadamente custa 1$500. [...] Assinam-se nesta redação as seguintes revistas libertárias: *La Revista Blanca, publicação quincenal de sociologia, ciencia y arte*, Madrid, Ano 5, semestre 2$500, trimestre 1$500; *L'Universitá Popolare rivista quindicinale*, Mantova, anual 6$000;

238. *Aurora, revista mensal de crítica social e literária*, São Paulo, 1905.
239. Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 26.



Periodismo de Crítica Social • *Aurora* vinha a ser uma revista de proselitismo libertário, instrumento eficaz na propagação de leituras teóricas anarquistas, propiciadas pelas estratégias de venda da assinatura. *Aurora, revista mensal de crítica social e literatura*. São Paulo, ago. 1905, ano I, n. 7.

Il Pensiero, sociologia, arte, litteratura, rivista quindicinale, Roma, anual 6$000; *Les Temps Nouveaux*, Paris, paraissant tous les samedis, avec um supplément littéraire anual 7$000; *L' Education Integrale*, mensuel, Paris, anual 2$000; *Régénération*, mensuel, Paris, 12$000[240].

Anunciavam, ainda, as seguintes oportunidades: *Evolução, Revolução e Ideal Monarquista* de Eliseu Reclus, por 4$500 com 152 pp.; a quem pedisse três ou mais exemplares, os dois primeiros custariam 3$000 e 1$000 cada um. A seção bibliográfica daquela imprensa ampliou as possibilidades de leitura, divulgando autores aqui desconhecidos, momento em que o mercado livreiro como um todo ainda deixava a desejar na Capital; mais difícil era a obtenção de obras específicas, de cunho socialista, anarquista ou anarco-socialista. Antonio Figueiredo rememora uma surpreendente livraria na Avenida São João, também propriedade de uma estrangeira, hoje anônima "velhinha francesa":

> Foi em 1913, no terceiro ano [da São Francisco] que me entreguei com mais afinco aos estudos sobre o socialismo. Graças a uma velhinha francesa, que tinha livraria na rua S. João, obtive algumas obras da *Biblioteca Socialista Internacional*, editadas por Alfred Bonnet[241].

O jornal *O Amigo do Povo*, de Neno Vasco, trazia em 1904 a propaganda do livreiro Alberto Sandri, à rua Capitão Salomão, 48, como o mais sortido depósito de obras e publicações ácratas. Nessa mesma rua, estabelecera-se em 1896 a redação do jornal *Trabalhador do Livro*, da Associação dos Artífices Tipógrafos de São Paulo, referência geográfica paulistana para o circuito do impresso classista, que se estendia também para os lados do Brás. Restrito quanto à criação de revistas, importa considerar que o periodismo operário não se limitou à propagação das idéias libertárias. Coube-lhe papel importante na efetiva divulgação da leitura e consumo do impresso, numa proporção mais acentuada que aquela da imprensa burguesa. A propagação de excertos de teóricos da causa, o anúncio da chegada de obras de interesse, a promoção de seções de leitura – atividades continuamente veiculadas em seus impressos – conformaram o público operário ao exercício da leitura e às práticas culturais de sua classe[242].

240. *Idem.*
241. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, p. 127.
242. Ver Antonio Arnoni Prado [org.], *Libertários no Brasil. Memórias, Lutas, Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1986; Francisco Foot Hardman, *Nem Pátria, nem Patrão! Vida Operária e Cultura Anarquista no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

Revistas em Cena: Revistas Teatrais e o Ensaio das Cinematográficas

O encerramento da temporada de 1905 do Teatro Politeama se deu com a "peça fantástica de Francisco Moreira", *Passagem do Mar Vermelho.* O crítico do jornal *O Comércio de São Paulo* veio com recriminação severa:

> Não é nada. É tudo o que quizerem; mágica, revista, comédia, drama, tragédia, ópera, zarzuela, vaudeville, opereta, o diabo! Tão excepcional que não possui siquer o condão comum a todas as peças ruins: o condão de fazer dormir. Não adormece, nem afugenta os espectadores, bestializa-os[243].

A síntese pouco lisonjeira se adequava, igualmente, ao panorama teatral da cidade de São Paulo, ponto de passagem de companhias estrangeiras em trânsito entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires e palco ronceiro de encenações de todo o teor, levadas a efeito em salas de espetáculos sofríveis. Em paralelo, o periodismo do setor traduziu-se por impressos precários, mais afinados com o apelo comercial do empreendimento do que voltados para o incentivo das artes cênicas.

Em 1898, a revista *O Guarany*, publicação quinzenal da Associação de Amadores Dramáticos, procurava subscrições para a construção de um teatro e para a união da "classe teatral"[244]; em 1903, o proprietário do *Teatro Lírico*, Conrado Egisto Pucciarelli, lançava a revista *O Lírico*, especializada em assuntos teatrais,

243. *O Comércio de São Paulo*, São Paulo, 31 mar. 1905.
244. *O Guarany, publicação quinzenal da Associação Recreativa de Amadores Dramáticos*, São Paulo, 1898, *apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 819.

relacionando salas da cidade e abrindo espaço para comerciantes da área. A publicação, modesta, aproximava-se de um indicador de espetáculos, hoje só valorizada pelo seu possível pioneirismo no gênero. Seguiu-lhe, no mesmo ano e do mesmo proprietário, a revista *Arte e Sport*, valendo-se do chamariz do *sport* como tentativa de ampliar o público tradicional. Sem linha editorial precisa, nada acrescentou naquele cenário artístico, onde, por volta de 1903, funcionavam três teatros de médio porte: o *Santana*, antigo *Provisório*, ao fim da travessa da Boa Vista; o *Politeama*, inicialmente concebido para circo de cavalinhos, no começo da avenida São João, e que não passava de um barracão de madeira e zinco transformado em teatro; para os lados do Brás, no Largo da Concórdia, o *Colombo*, sediado no antigo mercado daquele bairro. Em 1909 seria inaugurado o segundo *Teatro São José*, na rua Xavier de Toledo e, só em 1911, o *Teatro Municipal*.

A julgar pela agenda do mais freqüentado, o *Politeama*, os espetáculos sucediam-se aleatoriamente, numa exposição de gêneros e procedências múltiplas. Não obstante ter levado a São Paulo, pela primeira vez, a peça *Capital Federal*, de Arthur Azevedo, com casa lotada em 17 de julho de 1897, seu repertório esteve longe de qualificar ou tipificar a cena teatral paulistana[245]. Antes, sucediam-se as recorrentes encenações de operetas, zarzuelas, óperas, dramas, tragédias, *vaudeville*, mágicos, equilibristas, mímicos, ilusionistas, companhias eqüestres – inclusive do famoso *clown* inglês Frank Brown –, fantoches, marionetes e revistas. Por vezes, um espetáculo de monta, como aquele de Sarah Bernhardt, nas noites de 10, 11 e 12 de outubro de 1905, quando o local, então funcionando como Café-concerto, precisou adaptar-se para teatro[246].

O surgimento, em 1904 e 1913, de duas revistas de nomes idênticos e inequívocos de seus propósitos – *Revista Theatral* –, pressupôs a especialização temática. Contudo, seu tratamento também foi rarefeito, não se restringindo aos assuntos teatrais mas abrindo leque de matérias que lhe garantia maior alcance público. Ou seja: no período em apreço, a Capital não comportou uma revista exclusivamente de cunho teatral. Na primeira delas, a *Revista Teatral, publicação quinzenal de assuntos teatrais*, de 1904, com direção de Júlio de Macedo, figuravam os nomes de Carlos Ferreira, Henrique Barcelos, Romão Puigari, Gomes

245. Antonio Barreto do Amaral, *História dos Velhos Teatros de São Paulo*, São Paulo, Governo do Estado, 1979, p. 210.

246. Sarah Bernhardt, na ocasião, representou respectivamente: *Fedra*; *Adrienne Lecouvreu* de Legouvé e Scribe, adaptada por S. Bernhardt; *Ângelo, Tirano de Pádua*, de Victor Hugo.

Cardim, José Piza, Rocha Martins, Arlindo Leal. Trazia o propósito de divulgar os espetáculos e propiciar aos interessados subsídios para iniciar a carreira, fornecendo inclusive técnica e textos de dramatização. Em 1913, a situação não mudara, conforme se infere da segunda *Revista Theatral. Theatro, sport e... o que for*, órgão da Agência Teatral Ítalo-brasileira. Trazia a seção *Cinemas*, pequenas notas elogiando as salas da cidade e filmes em exibição[247].

Outras experiências aproximadas resultaram em periódicos efêmeros, longe de influirem significativamente na produção dos palcos da Paulicéia: *Palladium, arte cênica*, em 1905, de Jorge Costa e Andrelino de Paula Assiz; *O Amador Dramático*, de 1908, na verdade um folhetim de teatro amador paulistano, indicador para artistas, reproduzindo textos de Arthur Azevedo e Martins Pena; *A Gazeta Artística*, de 1909, com direção de Augusto Barjona. A *Ilustração Paulista*, revista que tinha Oduvaldo Viana como agente no Brás, em 1910, ainda trazia a seção "Cinematógrafo", com o primeiro artigo intitulado: "O Cinematógrafo Matou o Teatro". O autor insistia nesse fato enquanto sinalizava, com reducionismo radical, a grande transformação, que se assistira na virada do século:

> O cinematógrafo matou o teatro, conspurcou [...] o gosto do público e acabou por escravizá-lo à infinita variedade de suas fitas. [...] Este século de investigação científica transformou tudo. [...] Marconi arrazou a ronceirisse oficial dos telégrafos. O automóvel deu folga aos melhores cavalos. Escrever à máquina matou o jornal, o jornal matou a revista, a revista o livro e o livro a obra enciclopédica[248].

Em 1903, a revista *O Palco*, dedicada ao teatro amador, passou a acrescentar informações sobre cinema[249]. Curiosamente, também relacionava, "espetáculos e autores marginalizados pela sociedade erudita e que ocorriam em casas noturnas e cabarés". Ignora-se a que título, o mesmo Afonso de Freitas tachou-a de revista "pornográfica". Desde 1903, contudo, verificou-se naquele periodismo o aparecimento conjunto de anúncios de teatro e cinema, divulgados nas publicações ditas de *variedades*, especialmente em *O Artista*, 1904, que trazia sua *sessão cinematográfica*, *Ilustração Brasileira*, 1905, *Ronda*, 1908, *O Bicho*, 1909, *A Lua*, 1910, *Ilustração Paulista*, 1910; por volta de 1911 a temática já dominava a im-

247. "Transformações no Teatro Nacional", *Revista Theatral. Theatro, Sport e...o que for*, São Paulo, 1907, n. 1.
248. *Ilustração Paulista. Semanário Popular, op. cit.*, 22 out. 1910, ano I, n. 1.
249. *O Palco. Crítico, Literário, Ilustrado, Humorístico*, São Paulo, Tip. R. Cardinale, 1903.

prensa paulista e em 1914 saía *Éden*, definindo-se como *revista ilustrada, teatral e cinematográfica*[250].

O quadro ao lado enumera algumas dessas publicações, nas quais o cinema comparecia em reportagens e artigos avulsos ou em seções específicas.

As primeiras menções a *films* e cinema nas revistas paulistanas, por volta de 1903/4, coincidem com a emergência das salas de cinema pioneiras na cidade, conforme relatava, em 1919, um cronista d'*O Estado*, a propósito da curiosidade: "Há quanto tempo existiria o cinema em São Paulo?"

> Estávamos no Central, a espera de um "film" de sucesso. [...]
> Uns aventaram 10 anos, outros vinte. [...] O Sr. Elysio Leal, gerente, tirou a dúvida:
> – Foi há cerca de 15 anos. O primeiro aparelho exibiu-se na rua XV de Novembro, vizinho da antiga redação do *Estado* e da *Livraria Civilização*. Era um aparelho muito rudimentar [...]. Da rua XV, o cinema que ainda não tinha esse nome, passou para a rua de São Bento, no trecho compreendido entre a Praça Antonio Prado e o Largo de São Bento, mas sempre despercebido do público e só frequentado escassamente pelas crianças. Também nada do que exibiam então prestava: eram animais, cenas muito insignificantes [...] ridículas, se as compararmos com as "fitas"atuais. [...]
> Quanto ao primeiro cinema de certa importância que se abriu aquí [...]
> – Foi o Bijou neste mesmo ponto. [...] Tínhamos então no Centro o Bijou, o Radium, o Iris. Todos eles acabaram e ficou só o Central[251].

Nesses quinze anos, a chegada tão voraz do cinema – que até já tinha uma história pregressa de três salas demolidas – determinou uma desleal concorrência com o teatro. Ocorre que aquela indústria, amparada em muita matéria publicitária, carregava intrinsicamente a possibilidade de lucros fabulosos, pondo para funcionar engrenagem de altos proventos. Nesse confronto, o declínio do teatro foi inevitável, *pari passu* à ausência de produção periódica teatral de qualidade.

Todavia, o tratamento de questões relativas às artes cênicas ainda permaneceu inserto nas demais publicações, em artigos questionadores da *inexistência* de um teatro brasileiro, reivindicando-se a criação de uma dramaturgia autóctone. Arthur Azevedo, Martins Pena e França Junior, nomes freqüentes nos palcos cariocas, se faziam ausentes nas platéias paulistas. Autores paulistas, contudo, a exemplo de Arlindo Leal ou Oduvaldo Viana, colocaram-se nas revistas de teor

250. *Éden, revista ilustrada, teatral e cinematográfica*, São Paulo, 1914.
251. *O Estado de São Paulo*, 16 set. 1919, p. 4.

QUADRO XVI. REVISTAS QUE MENCIONAM O CINEMA (1890-1922)			
Ano	*Título*	*Propriedade*	*Seção de Cinema*
1904	*O Artista*. Semanário de variedades, do Brás	Coronel Miranda Chaves	Anúncio de cinemas
1908	*Cá e Lá*. Semanário ilustrado literário e noticioso	Uma empresa	Seção cinematográfica
1910	*A Farpa*. Semanário ilustrado de literatura, arte, humorismo e atualidades	Mário de Sampaio Ferraz Manoel de Queirós Aranha	Louis Pathé, artigo sobre cinema em São Paulo
1911	*O Pirralho*. Semanário ilustrado de importância.... evidente	Oswald de Andrade	*O Pirralho* nos cinemas
1913	*Revista Teatral*	Agência Teatral Ítalo-brasileira	Cinemas, pequenas notas elogiando salas da cidade
1914	*Éden*. Revista ilustrada teatral cinematográfica	Angelo Blasco	
1914	*O Artista* [do Bráz]	Cel. Miranda Chaves	Endereços de cinemas
1915	*Variedades*. Revista Ítalo-brasileira	F. Milano de Brandi	Assuntos teatrais e cinematográficos; teatrália; reprodução fotográfica de atores. Distribuição gratuita no Brasil. Cinema [Barão de Itapetininga]; Eldorado Cinema [Quintino Bocaiúva]
1920	*São Paulo Ilustrado*	OESP	Cinemas. Fotos de artistas nas capas.

Fonte: Revistas do período.

vário e fizeram-se arautos de uma dramaturgia brasileira. Para a década de 1910, especialmente, o nome de Arlindo Leal deve ser evocado em meio àquela seara ameaçada. Redator da *Vida Paulista*, escreveu no *Jornal da Tarde*, em *A Noite*, *Comércio de São Paulo*, *Império*, *Platéia*, e até mesmo na *União dos Lavradores*.

SIhi



1



2



3

Revistas Teatrais: Fomentadoras da Arte Dramática • 1. *Revista Teatral, publicação quinzenal de assuntos teatrais*, São Paulo, 1904, n. 1. • 2. *Revista Teatral. Teatro, esporte e... o que for. Órgão da Agência Teatral Ítalo-brasileira*, São Paulo, 1913, ano I, n. 1. • 3. *Revista Teatral, publicação quinzenal de assuntos teatrais*, São Paulo, set. 1904.

Não só sobre teatro. No jornal *O Comércio* publicou *A Crônica das Câmaras*, assinando Falstaff; no mesmo jornal, em folhetim, *O Crime da Alameda Glette;* em *O Boato, revista de costumes paulistas* produziu textos de "deixar muito Aluísio de Azevedo no chinelo", segundo divulgava a *Revista Teatral.* Em registro de seu tempo, o *Indicador Paulistano,* do jornal *Novidade*, apresentava o autor, em diapasão ilustrativo de seu intenso envolvimento com a vida cultural paulistana:

> Profissão: mentor dedicado da "Vida Paulista".
> Residência: no templo das letras e das artes.
> Particularidade: Já descobriu "do que se morre mais em São Paulo".
> Divisa: Não invejo o "Don Quixote", de Angelo Agostini[252].

A partir de meados da década de 1910, em paralelo às discussões sobre a língua vernácula, a "gramatiquice" em voga e a negação da prosódia portuguesa na empostação do teatro, alguns temas brasileiros afloraram nos palcos, sucedendo-se encenações de porte vário. Tania Regina de Luca recuperou alguns exemplos daquela *vaga de brasilidade* que assolou a dramaturgia: *Flor do Sertão*, de Arlindo Leal; *Alma Caipira* e *Nossa Terra, Nossa Gente*, de João Felizardo; *Cenas da Roça*, de Euclides de Andrade e Avelar Pereira; *Nhazinha*, de Lídio de Souza; *Nhá Moça*, de Abreu Dantas e a *A Caipirinha.* Um marco desse processo de nacionalização do teatro se deu em 1919, com a montagem no *Teatro Municipal* da peça de Afonso Arinos *O Contratador de Diamantes*, representada em prosódia paulista pela mais festejada estirpe da elite local[253]. Ao final de 1922, Amadeu Amaral sinalizou, em discurso, a existência de um *teatro brasileiro*, quando da estréia em São Paulo da Companhia Nacional de Comédia, com a peça do paulista Oduvaldo Viana, *Manhãs de Sol.* Tudo ali, segundo o poeta, era nosso: autor, atores, companhia, tema e prosódia[254].

Importante assinalar o significado da produção teatral paulistana no âmbito da expressiva população operária da cidade. Nesse sentido, o viés de suas temáticas, de caráter doutrinador, voltava-se para a conscientização dos trabalhadores e a crítica ao Capitalismo. Heloísa Faria Cruz insiste em seu significado como instrumento de ação da prática libertária, especialmente aquela do teatro anar-

252. *Novidades, op. cit.*, 1903, n. 271.
253. Ver minuciosa descrição do espetáculo em Tania Regina de Luca, *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a [N]ação*, São Paulo, Doutorado História-USP, 1996.
254. Tania Regina de Luca, *op. cit.*, p. 268.

quista, mobilizando grupos dramáticos nas associações operárias, produzindo rica dramaturgia, vinculada aos nomes de José Oiticica, Avelino Fosco, Neno Vasco e Fábio Luz[255].

Todavia, não obstante a apropriação da prática teatral por grupos libertários e mesmo a intensa campanha de nacionalização, fosse do teatro ou do cinema, as revistas passaram a introduzir matéria altamente vendável, da ordem do dia – seções de notícias de cinema, com uma especificidade: via Hollywood. Num movimento simultâneo, enquanto o brilho das telas, através do periodismo, ia cooptando público cada vez maior, o recém-inaugurado "teatro nacional" atrofiava-se, confinando-se às páginas das revistas de proposta cultural elitista, especialmente a *Revista do Brasil*. Certo que o cinema no Brasil, especialmente a partir de 1915, também enveredou por temas nacionais, recorrendo ao repertório de obras da literatura romântica[256]. Mas o seu alcance estava aquém da divulgação do filme americano. E para este, as revistas do período prestaram-se idealmente, veiculando-o através de imagens, em movimento de investimento recíproco: a revista vendia, porque trazia as novidades de Hollywood, com seus atores e estrelas nas capas de cuchê brilhante, enquanto o cinema beneficiava-se da revista como instrumento publicitário dos mais efetivos da "mídia" da época.

Aos poucos, o cinema tornou-se matéria preferencial dos meios de comunicação, em particular do circuito periódico. A partir de 1908, até pela novidade, conheceu uma verdadeira febre de produção, sendo 1910 considerado seu *ano de ouro*. Na seqüência, imperando nas páginas periódicas, sobreveio o *star system*, a arte industrial engendrada como negócio espetacular pelos Estado Unidos da América, o "País mais rico do mundo". Em 1915, com a instalação dos grandes estúdios da *Universal*, nascia Hollywood como instituição catalisadora dessa indústria, e o Brasil, um de seus mercados. Entre o texto da revista e a mensagem do cinema, ou mais grave, entre a imagem do impresso e aquela das telas, vingou a última. Não só como meio de expressão mais eficiente, diversão acessível a todos, mas também como negócio[257].

255. Heloísa Faria Cruz, *op. cit.*, p. 109.

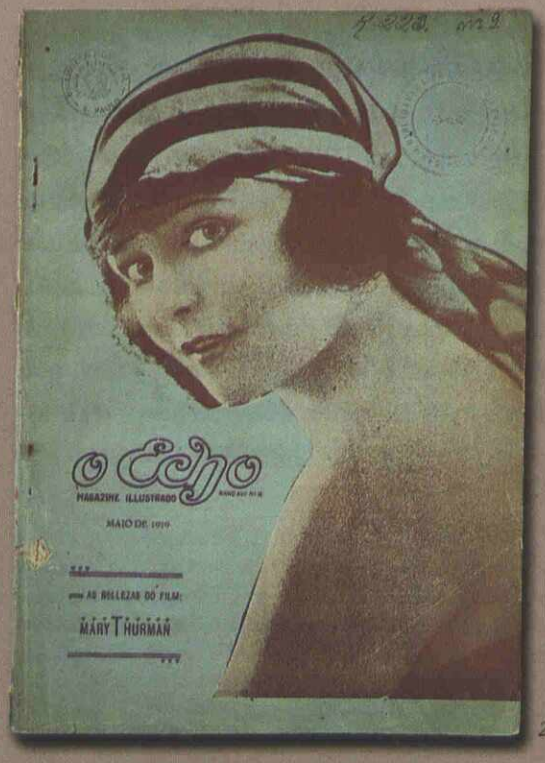
256. Tania Regina de Luca enumera os temas brasileiros filmados a partir de 1915: *Inocência, O Caçador de Esmeraldas, A Moreninha, O Garimpeiro, Lucíola, O Mulato, Escrava Isaura, Ubirajara, Iracema, A Viuvinha, O Guarani, Tiradentes, O Grito do Ipiranga, Heróis Brasileiros na Guerra do Paraguai*, ao lado do repertório regional, constituído por *A Caipirinha*, sucesso teatral vertido para tela, *Quem conta um Conto, Alma Sertaneja, O Curandeiro, Os Faroleiros* [....], *op. cit.*, p. 269.

257. Inácio Araújo, *Cinema. O Mundo em Movimento*, São Paulo, Scipione, 1995.

Cinema: A Febre de Hollywood • 1. *O Echo*. São Paulo, 1919, ano XVII, n. X. • 2. *O Echo*. São Paulo, 1919, ano XVII, n. IX. • 3. *Terra Paulista*. São Paulo, 1922, ano I, n. 5.



1



2



3

Ao fim e ao cabo, o elenco de revistas paulistanas, ditas teatrais, refletiram a lenta e agônica substituição do teatro pelo cinematógrafo e desse para o cinema. Tratando-se de publicações de cunho publicitário, acabaram por divulgar as casas de espetáculos, privilegiando aos poucos as novas telas da cidade, que rapidamente se espalhavam pelo Centro, mas também pelo Brás, Belém e Barra Funda.

O lançamento de *A Cena Muda*, em 1921, no Rio de Janeiro, sinalizava o avanço da sétima arte e o favoritismo do público para com o gênero. Curioso que a *Estatística Intelectual do Brasil* não tenha relacionado o item *revista teatral* em seu quadro tipológico de publicações periódicas, mas o tenha feito com relação às *revistas cinematográficas*; enquanto em 1912 não constava nenhum registro de título cinematográfico, em 1930 computavam-se dez títulos voltados para a matéria. Em detrimento do teatro, o cinema importado triunfara no Brasil, um dos mais atraentes entrepostos comerciais para o poderoso mercado de Hollywood[258].

E na sucessão de clichês ilustrados do impresso paulistano, também via cinema, aquele do *art nouveau* ficou para trás, dando lugar ao *art déco*, solução estética das artes decorativas que os cenários da meca cinematográfica também ajudaram a divulgar.

258. *Estatística da Imprensa Periódica no Brasil, op. cit.*, p. IV.

Slhi

Sob a Rubrica Infantil: Revistas Infantis

Literatura infantil brasileira? Novamente Lobato, pioneiro. Ou melhor: corolário das experiências pregressas, ensaiadas nas revistas paulistas desde 1896. *A Escola Pública* [segunda fase], mantinha uma seção de literatura infantil ao lado da parte pedagógica. Da mesma forma *O Cabrião* [1897] e a *Revista do Ensino* [1902] em que colaborava Arnaldo de Oliveira Barreto. O *Álbum das Meninas*, publicação de Anália Franco de 1898, não obstante o título, voltava-se para moças na adolescência, valendo aqui sua recuperação pela mostra da divisão de conteúdos, rigidamente separados conforme os públicos receptores de sexos diferenciados. Nesse caso, tratava-se de periódico direcionado para a formação de moças conformadas ao "belo sexo", embora em seu interior se encontrassem historietas e seções infantis. A prescrição para meninas ou meninos reforçava o apartamento entre homens e mulheres, já observado no plano cotidiano das salas escolares, também rigidamente separadas. Não obstante as inovações do partido arquitetônico na República, permanecia a discriminação espacial de gêneros – prática e mentalidade reforçadas pela arquitetura de alvenaria burguesa[259].

O apelo lúdico inerente ao universo gráfico deve ser considerado nesse periodismo infantil, acentuado pelo recurso das "figurinhas" que propiciavam coleções e trocas, mencionadas desde 1895. A avidez com que se disputavam tais produtos sugeria o potencial mercadológico daquela modalidade de impresso, transportada em breve para a seriação do periodismo voltado para a criança.

Apesar do redimensionamento temático e de cunho nacionalista do período, por bom tempo os temas veiculados sob a rubrica "infantil" limitaram-se a his-

259. Ver Sílvia Ferreira Santos, *op. cit.*; Carlos Lemos, *Alvenaria Burguesa*, São Paulo, Nobel, 1989.

SIhi

tórias traduzidas de autores estrangeiros. Histórias encantadas de fadas, reis e rainhas, fantasiosas, mágicas, de países longínquos, por vezes exóticos, povoando os textos infantis de consumo restrito. Contos, na sua maioria. Diga-se que no material compulsado, até por volta de 1904, não se deparou com a concepção de uma imagem da criança leitora, nem mesmo na perspectiva de ilustrações estrangeiras aqui reproduzidas. As ditas "seções infantis" desse periodismo de virada e alvorecer de século limitaram-se a reproduzir jogos de adivinhações, de passatempos e curiosidades. E as figurações infantis então reproduzidas limitavam-se invarialvemente às estampas de meninas com bonecas, ou como *rainhas do lar* miniaturizadas ou meninos com piões e cavalinhos-de-pau, confirmando o aprisionamento rígido aos valores dos aludidos universos.

Contudo, no horizonte das especulações comerciais do impresso, delineou-se prontamente o potencial desse segmento leitor. Com a educação básica fortalecida e o investimento em escolas, vislumbrou-se na criança a garantia do consumidor efetivo. Junto com ela, ou antecipando-a, a instituição que a formava – a escola que freqüentava, ou melhor, a rede de escolas que a nova República edificava em nome de sua proposta liberal, voltada para a formação do cidadão. Ali concentrava-se o público garantido do novo segmento editorial.

Essa perspectiva não escapou aos periodistas de plantão da época. Inicialmente, apenas como apelo de chamada do subtítulo, confirmando o estereótipo revista como publicação abrangente, tal como se verificou na luxuosa *Ilustração Brasileira*, de 1901[260], uma revista francesa que farejava mercados e que anunciava temas infantis, embora em seu interior nada constasse nesse sentido. A menção constituía-se em chamariz para seu comércio e/ou anúncio prévio do que pretendia no futuro incluir.

Na seqüência de avaliação de público para sua aproximação, surgiram os suplementos infantis que acompanhavam as revistas de circulação já definida, cooptando mais um leitor na família, consolidando o núcleo familiar como público cativo. Em São Paulo, o nome de Arthur Goulart deve ser lembrado nesse ensaio de veiculação infantil percebido no periodismo[261]. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1895, em 1897 colaborava n' *O Cabrião*,

260. *Ilustração Brasileira*, Paris, 1901, n. 1.

261. Arthur Goulart, 1872-1910, mestre, escritor, jornalista, um dos nomes que mais se dedicou à imprensa. Colaborou em *O Cabrião*, 1897; *Capital Paulista*, 1899; *Novidades*, 1900; *A Semana*, 1902; *Novidades*, 1902; *Via Láctea*, 1903; *A Nova Cruz*, 1905; *Palladium*, 1905.

anunciando no prelo um livro de contos infantis. Em 1900, saía seu *Literatura Infantil, Monólogos, Recitativos, etc., para Crianças.*

Marcante, contudo, confirmando a oportunidade mercadológica, a revista infantil *O Pequeno Polegar, revista bimensal ilustrada para meninos*[262], de 1904. Bem cuidada, com oito páginas, direção de Benedito Silva, redação de Amadeu Amaral e ilustração de Alfredo Norfini. Na mera relação desses nomes infere-se a conjunção de oportunidades profissionais e de mercado, representadas então por um dos mais conceituados escritores paulistas, Amadeu Amaral, e pelo festejado pintor, professor do Liceu de Artes e Ofícios, Alfredo Norfini, amparados pela bem-sucedida Livraria Magalhães. Seu conteúdo? Um "Pequeno Polegar", criação de Amadeu Amaral, adaptado às terras brasílicas, descobrindo nossas verdes matas, a rica fauna, a exuberância do País. No primeiro editorial, com tinturas ufanistas, Amadeu Amaral historia o percurso de um "Pequeno Polegar" cansado de muito andar, que resolve ficar no Brasil:

> "chegou e gostou da terra"[...] como isto é lindo, como isto é lindo! E mais contente ficou, se é possível, quando se lhe asseverou [...] que eram também apreciáveis e doces como esse sol, essas flores, esses montes e essas águas, as brandas alminhas dos meninos e das meninas [...] Pequeno Polegar ficou encantado e resolveu fixar-se entre vós, meninos e meninas de São Paulo[263].

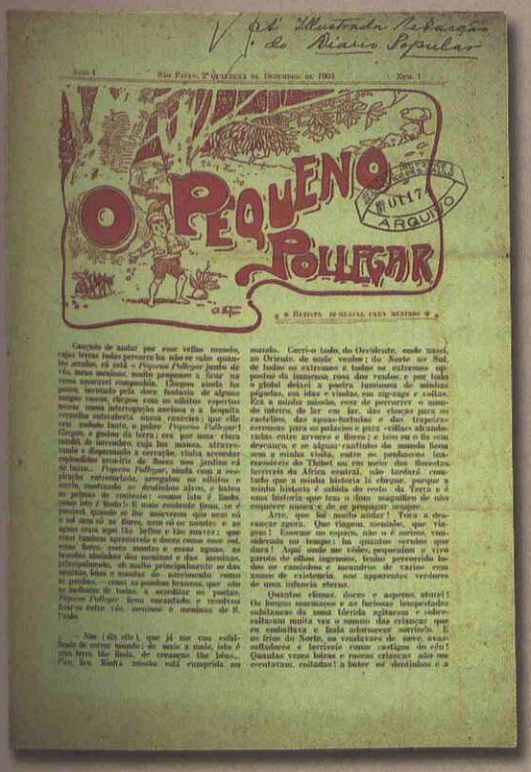
Na seqüência desse "folhetim de abertura", seguiam-se historietas, contos, curiosidades, jogos de adivinhações, competições literárias. Não se conhece a duração desse *Pequeno Polegar.* Seus três números iniciais consultados confirmaram o ensaio do gênero, dando mostras da efetiva existência de um público infantil; reforçavam, igualmente, o diapasão uníssono que reinou naquele periodismo, voltado para o engrandecimento pátrio, procurando em todos os segmentos cunhar a imagem de um País único, singular, brasileiro.

Em 1905, uma inovação nesse campo, proveniente do Rio de Janeiro: a primeira revista em quadrinhos do País, *Tico-Tico,* criação de Angelo Agostini para crianças, trazendo os personagens *Reco-Reco, Bolão* e *Azeitona*[264].

262. *O Pequeno Polegar, revista bimensal ilustrada para meninos,* São Paulo, Livraria Magalhães/ Tipografia Wenditine, 1904.

263. *O Pequeno Polegar, revista Bimensal ilustrada para meninos, op. cit.,* 1904, ano I, n. 1.

264. *Tico-Tico,* Rio de Janeiro, 1905. Ver *Nosso Século. A Era dos Bacharéis. 1900-1910,* São Paulo, Abril Cultural, 1980, pp. 130-220.



O Pequeno Pollegar

Illustração Brasileira
do Diario Popular

Ano I — São Paulo, 2ª quinzena de Dezembro de 1903 — Num. 1

O PEQUENO POLLEGAR

REVISTA BIMENSAL PARA MENINOS

Caminho de andar por esse velho mundo, cujas trevas todos percorre ha não se sabe quantos seculos, é esta o *Pequeno Polegar* junto de vós, meus meninos, muito pequenos a ler na vossa tenra candidez. Chegou ainda ha pouco, intimado pela dura fatalidade de alguns amigos vossos, eleitos com os ellustres espertos nossos, uma interrogação aterradora e a bespalta cerrou as outras ripostas; que elle vem andado tanto, o pobre *Pequeno Pollegar*! Cingem, a ponto da terra; era por uma cinta redonda de nevoeiro, cuja luz mansa, atravessando e dispersando a cerração, vinha accender esplendidos presentes de flores nos jardins ed de luzes... *Pequeno Pollegar*, ainda com a respiração entrecortada, arregalou os olhitos e sorriu, mostrando os dentinhos alvos, e bateu as palmas de contente: ecanso isto é lindo. Isto isto é lindo!» E nisto confessou-me, se é possivel, quando se lhe assevenou que nem só o sol nem só as flores, nem só os montes e as aguas eram aquelles belleza e luz nuvens, que eram tambem apreciaveis e dignos como esse sol, essas flores, esses montes e essas aguas, as bondosas almitudes dos meninos e das meninas, principalmente, oh muito principalmente as das meninas, bôas e mansas de sorrisando como as pombas, — como as pombas brancas, que são as mellores de todas, a acreditar os poetas. *Pequeno Pollegar*, ficou encantado, e resolveu ficar os entre vós, meninos e meninas de S. Paulo.

— Não (diz elle), que já me vou estabelecer de novo mundo; de mais a mais, isto é uma terra tão linda, de creanças tão bôas... Fica, fica. Minha missão está cumprida no mundo. Corri-o todo, do Occidente, onde nasci, ao Oriente, de onde venho; do Norte ao Sul, de todos os extremos a todos os extremos opostos da immensa rosa dos ventos, e por todo o globo deixei a poetra luminosa de minhas páginas, em idas e vindas, em zig-zags e rodas. Era a minha missão, essa de perverter o mundo inteiro, de ler em lar, das cinzas para os castellos, das aguas-furtadas e das trapeiras ecreanças para os palacios e para «ellas» alcanduchas entre arvores e flores; a isso eu o fiz com descança, e se algum cantinho do mundo ficou sem a minha visita, entre os productos inexgotaveis do Thibet ou em noite dos thesouros terrenos da Africa central, não tardará em tudo que a minha historia lá chegue, porque a minha historia é sabida de resto da Terra e é uma historia que tem o dom magnifico de não enjoiver nunca e de se propagar sempre.

Arre, que ha muito andar! Toca a descançar agora. Que vingem, meninos, que vingem! Enxugar os espiços, não o é nenem, vangloriais no tempo: ha quantos verões que dura! Aqui onde me vêdes, pequenino e vivo garoto de olhos ingenuos, tenho percorrido todos os caminhos e meandros de varios cem zonas de existencia, nos apparentes verdores de uma infancia eterna.

Quantos risinhos, doces e aqueses, atures! Os loquios mourinços e ao burlonas tempestades subitaneas da sesta tórrida agitaram e sobresaltaram muita vez o somno das creanças que eu embalava e fazia adormecer sorrisos. E os frios do Norte, os vendavaes de neve, avassalladores e terriveis como castigos do céu! Quantas vezes bôcas e rosetas crianças não me encostavam, coitadas! a bater os dentinhos e a

1 2

Periodismo Infantil: Um Filão de Início Tímido... • A revista *O Pequeno Polegar* constituiu-se em ensaio de revista infantil literária, tendo o escritor Amadeu Amaral como redator e o pintor Alfredo Norfini como ilustrador. *O Pequeno Polegar, revista bimensal ilustrada para meninos*, São Paulo, Livraria Magalhães/Tip. Wenditine, 1904, n. 1. • 1. Capa • 2. Contracapa.

Com nova proposta gráfica, em quadrinhos e colorida, a revistinha alastrou-se pelo País, referência quase exclusiva de leitura periódica dos mais díspares leitores. Rui Barbosa não se furtou a afirmar em público a origem de determinada citação: "Isto eu li no *Tico-Tico*"; Paulo Duarte, ao conhecer a coleção de amiguinho assinante, criou coragem e "enfrentou" o pai com o pedido de uma assinatura, procedimento incomum para crianças de sua faixa etária. E assim todas as gerações pós-1905 cobiçaram avidamente o *Tico-Tico*, recorrendo a expedientes e estratégias vários para obtenção de um exemplar. Nas cidades do interior, a distribuição da revistinha pelas vias férreas pautou o cotidiano infantil, balizado pela chegada do trem, trazendo o número mais recente.

Se *Tico-Tico* constituiu-se no modelo bem-sucedido de revistas para crianças, outras devem ser lembradas, ainda que de vida efêmera, editadas na concepção tradicional daquele periodismo, ou seja, através de textos e imagens seqüenciadas.

Em 1905, *A Mocidade*, semanário infantil redigido pelos meninos Jeremias Sandoval, redator chefe, e Alfredo Pujol Filho[265]; no mesmo ano, foi lançado *Cri-Cri, o jornal das crianças*, suplemento da revista *O Eco*[266]; em 1906, *Nenê, jornal da infância*, com direção e redação de João Augusto Pereira Jr., tendo como ilustrador o caricaturista Capuzzi, trazendo historietas e ilustrações coloridas, jogos de passatempo e concursos literários[267]; em 1908, o *Pica-Pau, quinzenário infantil*, com ilustrações de Voltolino, tiragem de 15.000 exemplares e propriedade da Livraria Magalhães, encartando seus anúncios em seis páginas em que, de quebra, relacionava mais de centena de artigos papeleiros.

> É muito simples a história deste Pica-Pau, que hoje aparece para divertir a criançada... Vae, por esse mundo, mensageiro da alegria, instrue, diverte e anima a criançada[268].

Em 1908, surgiu *Ronda, revista semanal ilustrada de atualidades*, com 36 páginas, que editava uma seção, *Jornal das Crianças*, publicando, como estratégia da moda, retratos de seus pequenos leitores[269]. Em 1910, a *Ilustração Paulista* lançava seu suplemento infantil – *Simplício, jornal de crianças*[270].

265. *A Mocidade*. Semanário infantil redigido por Jeremias Sandoval e Alfredo Pujol Filho. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 975.
266. *O Eco*, *op. cit.*, nov. 1916, ano XV, n. 5.
267. *Nenê, jornal da infância*, São Paulo, Tip. Ideal de F. Canton, 1906, n. 1.
268. *Pica-Pau, quinzenário infantil*, São Paulo, Livraria Magalhães, 15 abr. 1908, n. 1.
269. *Ronda, revista semanal ilustrada de atualidades*, São Paulo, 1908.
270. *Simplício, jornal de crianças, Ilustração Paulista*, *op. cit.*, 1911, n. 3.

SIhi

Entre os apelos para angariar público, o mais freqüente voltava-se para a conquista da "mãe do pimpolho". No cotejo de texto e imagem do período, os artigos infantis aparecem e proliferam, num apelo sutil à excelência da criação dos filhos ou do desvelo materno.

Em 1905, a revista paulistana *A Ilustração Brasileira*[271] lançava concurso de beleza infantil, assegurado por júri de senhoras e senhoritas da sociedade, com prêmio de medalha de ouro em alto relevo; enquanto isso a Casa Baruel anunciava o sabonete infantil de sua fabricação. Vale lembrar que a Casa Edison tinha uma seção de brinquedos que podiam ser comprados por reembolso, daí a oportunidade de *Cri-Cri*, divulgadora daqueles produtos, garantindo sua circulação e consumo.

Entre as imagens infantis relacionadas – da robustez do bebê do concurso infantil à criança embevecida com a natureza de seu País, ou às gentis filhas do Comendador Fulano de Tal – outra imagem infantil se interpunha naquele periodismo, sem cerimônia, sem censura e por vezes sem pudor: a imagem da exploração do trabalho infantil registrada na chave do progresso, fosse através da figura dos pequenos trabalhadores das fábricas que se tornavam indústrias ou do menino jornaleiro. A revista *O Pirralho* atentara para o abuso da mão-de-obra infantil denunciando o fato em artigo contundente; a *Terra Paulista*[272], por sua vez, exaltando os capitães de indústria não se acanhavam em publicar, ao lado das máquinas agentes propulsores daquele "progresso", crianças na faixa de 7 a 10 anos. Quanto ao menino jornaleiro, configurava o tipo cotidiano que marcava a paisagem paulistana. Associado recorrentemente à distribuição do jornal, tornou-se quase seu ícone. No *Mercan~, folha diária, publicação a tarde, leitura para bonde* [*sic*] de Santos, em 1904, a silhueta do "moleque do pregão" abria o jornal, à guisa de logotipo[273]. O jornalista Antonio Figueiredo registra sua referência indefectível no universo gráfico, ao mencionar a tabuleta de um estabelecimento do gênero, no *Triângulo*:

> Na esquina da Rua Quinze com a do Comércio estavam as oficinas e a redação do vespertino *A Platéa*. Na sacada, além da tabuleta, em letras graúdas, havia uma estátua de ar-

271. *A Ilustração Brasileira*, São Paulo, *op. cit.*, 1905, n. 2.
272. *Terra Paulista, revista literária, artística e de atualidades, ciência, literatura, arte, comércio e indústria*, São Paulo, 1920, n. 1, p. 6.
273. *Mercan~, folha diária, publicação a tarde, leitura para bonde* [*sic*], Santos, 1904, n. 1.

gila, representando um garoto que vendia folhas. Garoto em farrapos, de calças arregaçadas até o joelho, e de chapéu batido na frente a imitar os capoeiras, e a boca desmedidamente aberta como se estivesse a apregoar. Para os entendidos, talvez fosse uma detestável obra arquitetônica, mas tinha qualquer coisa de expressivo[274].

A despeito da produção relativamente incipiente desse periodismo infantil da virada do século, em seu conjunto delinearam-se algumas posturas, por vezes estampadas quase às escâncaras, reveladoras dos segmentos sociais diferenciados e respectivos níveis de cuidado. Para a criança da elite sugeria-se a literatura infantil, entremeada com banhos do sabonete *Nenê*; para o menino jornaleiro, o pregão das ruas e os andrajos, que configuravam os *bambini*, reproduzidos pela pintora Berta Worms como ícone daquele cotidiano; para o filho do operário, o trabalho constante na máquina da fábrica, em turnos prolongados, que lhe roubavam a infância e a vida.

Ao fim e ao cabo, a conquista do público infantil foi o elo conclusivo dessa cooptação de mercados para o impresso periódico.

Do passar em revista essa segmentação do periodismo paulistano emergiu a produção significativa de seus agentes, nomes ligados ao universo das letras em sua maioria. A melhor percepção desse produto "revista" exige, pois, que se perpasse pelo rico quadro dos expedientes desses impressos, reveladores não só de medalhões de uma geração, mas igualmente de figuras anônimas, talentos esquecidos por uma teia de adversidades típicas daquela especial conjuntura da República das Letras. Convém recuperá-los.

274. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, p. 95.

Slhj

6

Gerações Diversas





[...] toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.

Sergio Miceli[1]

1. Sergio Miceli, *Poder, Sexo e Letras na República Velha. Estudo Clínico dos Anatolianos*, São Paulo, Perspectiva, 1977, p. 15.

Slhi

Polígrafos da Transição: Escritores e Literatos no Periodismo

No interior da produção periodística, complexa e multifacetada, a demarcação e/ou caracterização de seus agentes não foi tarefa fácil. Afloraram gerações literárias em transição, que se mesclavam a redatores de filiações políticas diversas, quando não dúbias, transitando em cotidiano de mudanças repentinas, sujeitas a transformações de toda ordem. De pronto, a discriminação por representantes de escolas literárias revelou-se temerária, pois realistas, naturalistas, parnasianos, simbolistas, decadentistas, nefelibatas, regionalistas e pré-modernistas conjugavam suas vozes numa mesma publicação, convivendo em espaços comuns, confundindo-se e transmudando-se ao longo daquela primeira República das Letras.

O elenco de biografias arrolado[2], contudo, permitiu um recorte primordial, definido por faixas etárias que, por sua vez, delineou dois tempos políticos, caracterizando gerações formadas no Império, e aquelas que se colocaram na República; e mais uma distinção, de ordem geográfica, entre escritores do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Do Rio de Janeiro provinham nomes famosos e vendáveis, confirmando no primeiro tempo republicano a Capital Federal como *locus* cultural do País, *demi-monde* litorâneo, cosmopolita, centro de escritores requisitados pela sua importância nacional e garantia do sucesso da publicação que os veiculava.

2. Foram levantadas 32 biografias relativas aos nomes que mais apareceram no conjunto das revistas paulistanas pesquisadas. Destes, os mais representativos foram selecionados para análise.

SIhi

Quanto aos nomes de São Paulo, sem a ressonância daqueles, provinham em parte do interior da antiga Província, desenvolvendo-se em paisagem urbana diversa – em meio ao canteiro de obras da cidade, à algaravia de línguas, aos bairros operários, às instituições culturais de caráter científico que a cidade inaugurava – pressentindo a urgência da mudança. Em movimento quase oposto àquele da orla, ombrearam-se com o estrangeiro e temerosos da perda dos valores vernáculos, interiorizaram o olhar e fixaram-no em seu universo bandeirante, quase que de costas para o mar, buscando o Brasil no interior, no sertão.

Diga-se que parte significativa dos redatores que atuou na Capital paulista iniciou-se no interior, fosse na terra de origem ou naquela onde, por certas circunstâncias, exercera algum cargo público, em especial o magistério. Ali puderam atuar com autonomia e liberdade, produzindo textos de qualidade. O depoimento do jornalista Antonio Figueiredo confirma a especial produção:

> Nas zonas rurais de São Paulo, o desprezado jornalismo de restos de material de grandes tipografias, é muito mais adiantado do que o dos centros cultos. A censura é menor, e os iniciados nas letras, amadores ou profissionais, desenvolvem o seu intelecto. Vários problemas espirituais vi debatidos com elegância e desenvoltura, em mesquinhos papéis, cor de rosa ou amarelecidos, que se editavam em lugarejos, cuja existência eu apenas supunha por hipótese![3]

O jornal *O Minarete*[4], de Pindamonhangaba, nascido em 1903, ilustra essa particularidade. Seu proprietário, Benjamin Pinheiro, amigo de Monteiro Lobato, deu toda a liberdade aos "moços do Cenáculo"[5] para se colocarem, combatendo a situação; durou cinco anos e, através de inúmeros pseudônimos, revelou a produção de jornalistas estreantes às vésperas de tornarem-se afamados na literatura.

O escritor Léo Vaz, mestre-escola no interior, veio para a Capital já com nome feito, com o *Professor Jeremias* na cabeça; assim como Sud Menucci, também mestre-escola de ofício, que galgou os degraus da administração pública; Ama-

3. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, pp. 198-199. Lembramos ainda, nesse sentido, a *Verde, revista mensal de arte e cultura*, Cataguazes, 1927, manifesto modernista em terras mineiras, dirigida por Henrique de Resende, Martins Mendes e Rosário Fusco.
4. *O Minarete*, Pindamonhangaba, jul. 1903, ano I, n. 1.
5. Grupo do Cenáculo: Godofredo Rangel, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas, Arthur Ramos, Monteiro Lobato, Tito Lívio Brasil, Albino de Camargo, Raul de Freitas, Lino Moreira, Cândido Negreiros, José Antonio Nogueira. Menos assíduos e aparecendo mais tarde Júlio Costa, professor; Arthur Ramos, parente de Ricardo; Edgard Jordão. Edgard Cavaleiro, *Monteiro Lobato. Vida e Obra*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955, vol. 1, pp. 78-93.

deu Amaral publicou os primeiros versos em *O Popular*, jornal de propriedade de seu pai, em São Carlos; Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, o futuro Juó Bananére, iniciou-se na imprensa de Araraquara, estreando com versos jocosos.

Sobrepor nomes, datas, gerações, geografias e práticas culturais resultou no delineamento de grupos diferenciados, presididos por um tempo cultural em transformação[6], que encontrou no periódico "revista" um de seus intérpretes mais fiéis.

Do primeiro grupo delineado, emergiram homens que conheceram o tempo monárquico e republicano, nascidos entre as décadas de 30 e 60 do século XIX, em que se encontrou Couto de Magalhães [1837], Carlos de Laet [1847], Joaquim Nabuco [1849], Rui Barbosa [1849], Garcia Redondo [1854], Múcio Teixeira [1858], Eduardo Prado [1860], Raul Pompéia [1863], para citar os mais presentes. A seqüência de nomes, por si só, já revela parte de sua filiação monárquica.

Um segundo grupo, constituído ainda pela geração de 60, mas sobretudo por aquelas de 70 e 80 do século XIX, em que comparecem as primeiras mulheres, figurou-se por Júlia Lopes de Almeida [1862], Coelho Neto [1864], Olavo Bilac [1865], Vicente de Carvalho [1866], Presciliana Duarte de Almeida [1867], Medeiros e Albuquerque [1867], Sílvio de Almeida [1867], Afonso Arinos [1868], Álvaro Guerra [1868], Zalina Rolim [1869], Júlio César da Silva [1872], Arthur Goulart [1872], Batista Cepelos [1872], Valdomiro Silveira [1873], Basílio Magalhães [1874], Francisca Júlia da Silva [1874], Amadeu Amaral [1875], Cláudio de Souza [1876], Afonso Taunay [1876], Lima Barreto [1881], Monteiro Lobato [1882], Ricardo Gonçalves [1883], Godofredo Rangel [1884], Cornélio Pires [1884], bloco de grande maioria parnasiana, em que despontaram nomes paulistas circunscritos ao regionalismo e pré-modernismo.

O terceiro grupo, formado por homens que já nasceram e cresceram na República, constituído de paulistas na maioria, com alguma presença carioca e mineira: Afonso Schmidt [1890], Oswald de Andrade [1890], Alexandre Ribeiro Marcondes Machado [Juó Bananére – 1892], Menotti del Picchia [1892], Ronald de Carvalho [1893], Mário de Andrade [1893], Aníbal Machado [1894], Cassiano Ricardo [1895], nomes que confirmaram a inicial mudança de eixo da produção literária do Rio de Janeiro para São Paulo.

6. Ver Sílvia Helena Telarolli Almeida Leite, *Chapéus de Palha, Panamás, Plumas, Cartolas, Rigolegios: A Caricatura na Literatura Paulista. 1900-1920*, São Paulo, Unesp, 1996.

Não obstante a dissimilitude de origem e formação desses agentes, o ponto comum a todos foi a colaboração no periodismo como prática cultural que lhes conferia representação, especialmente nas revistas de variedades, modalidade indefectível para aqueles dias de experimentos de toda ordem. Nas páginas de uma só publicação reuniam-se escritos de monarquistas, republicanos, engenheiros, indigenistas, escolas literárias diversas, mulheres, homens, autores do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, velhos e moços, passadistas e modernos. Isto porque até por volta de 1900, a especialização temática e de grupos afins das revistas ainda era relativa, sem público afinado e cativo a segmentos homogêneos, justificando mais tarde o surgimento de publicações com linhas editoriais precisas, a exemplo da católica *A Ordem*, em 1921; ou da política *Cultura Política*, em 1941; ou da literária *Clima*, em 1941[7].

Polígrafos de plantão colocaram-se na Imprensa – principal instância de produção cultural – exercitando vários papéis[8]. Sua recuperação demanda a reconstituição das respectivas trajetórias, inferindo seus recrutamentos, os mecanismos de consagração vigentes e a natureza dos capitais que presidiram suas biografias[9].

Medalhões de uma Geração

Conjugando política e literatura no Império, os bacharéis em direito confirmaram na República a militância profissional no jornalismo, em que seus nomes já afamados resultavam consagrados e poderosos, creditando os órgãos da grande imprensa e vice-versa. No Rio de Janeiro, responderam por colunas fixas, beneficiados por salários atraentes: Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Eduardo Prado, Raul Pompéia, Afonso Arinos, bacharéis-jornalistas presentes no periodismo diário da virada do século, pouco comparecendo às revistas, salvo em circunstâncias estratégicas. Eduardo Prado, na mira da censura, utilizou-se da *Revista de Portugal* para desferir suas críticas contra a República; Afonso Arinos, jornalista com vocação, colocou-se na *Revista Brasileira*, de José Veríssimo, em 1895.

7. Sobre a revista *Clima* ver Heloísa Pontes, *Destinos Mistos: O Grupo Clima no Sistema Cultural Paulista. 1940-1968*, São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1996.
8. Restringimos a análise aos nomes do periodismo paulista que viveram na cidade de São Paulo. Os colaboradores do Rio de Janeiro ocuparam relativamente pouco as páginas paulistas, assíduos nas revistas cariocas *Kosmos*, *Renascença*, *Fon-Fon*, *Careta*.
9. Sergio Miceli, *op. cit.*

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
José Vieira COUTO DE MAGALHÃES	1837/1898. Diamantina MG/ Rio de Janeiro RJ.		Seminário Mariana. Escola Militar da Corte. Faculdade de Direito de São Paulo. Doutor em Direito.
JOAQUIM Aurélio Barreto NABUCO de Araújo	1849/1910. Recife PE/ Washington EUA.	Conselheiro José Tomás Nabuco de Araújo, estadista do Império e D. Ana Benigna de Sá Barreto.	Primeiras letras em casa. Colégio Pedro II. Faculdade Direito, São Paulo e Recife 1870.
RUI de Oliveira BARBOSA	1849/1923. Salvador BA/ Petrópolis RJ.	Advogado João José Barbosa de Oliveira e Maria Adélia Barbosa de Oliveira.	Ginásio Baiano. Faculdade de Direito, Recife e São Paulo 1870.
Manuel Ferreira GARCIA REDONDO	1854/1916. Rio de Janeiro RJ/ São Paulo SP.	Manuel Ferreira de Sousa Redondo e Francisca Carolina Garcia Redondo.	Ginásio Coimbra. Escola Politécnica, Rio de Janeiro 1877.
EDUARDO PRADO	1860/1901. São Paulo SP/ Fazenda Brejão SP.	Fazendeiro Martinho da Silva Prado e Veridiana Valéria da Silva Prado.	Faculdade de Direito, São Paulo 1881.
JÚLIA Valentina da Silveira LOPES DE ALMEIDA	1862/1934. Rio de Janeiro RJ/ Rio de Janeiro RJ.	Médico Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Valentim, e Adelina Pereira Lopes.	Primeiras Letras em Campinas.
RAUL de Ávila POMPÉIA	1863/189. Jacuacanga RJ/ Rio de Janeiro RJ.	Antonio D'Ávila Pompéia e Rosa Teixeira Pompéia.	Interno no Colégio Abílio. Rio de Janeiro. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro. Faculdade de Direito, São Paulo e Recife.

Slhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
Família tradicional. Faculdade de Direito. Larga erudição. Altos Cargos na Administração Pública. Lança *O Selvagem*, em 1876.	Presidente das Províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso, São Paulo. Participação navegação rios Araguaia, Marajó, e Tocantins. Cia. Minas and Rio Railway. Sociedade de Imigração de São Paulo. Introdutor estudos folclóricos.	Romance. Novelas. Gramática. Relatos de viagem.	**Colaborador** O Comércio de SP, *A Bohemia* 1896, *O Cabrião* 1897, *A Borboleta* 1898. **Homenagens em** *A Arte* 1900, *Revista de São Paulo* 1902, *A Nova* 1905, *A Nova Cruz* 1905 (Foto). *Ilustração Brasileira* 1905 (Escultura).
Presidente da Província de São Paulo. Família tradicional com atuação política. Bacharel. Abolicionista. Diplomata.	Advogado. Adido EUA e Inglaterra. Deputado. Jornalista. Embaixador em Washington.	Artigos jornais. Poesia. Teatro. Panfletos. Biografia	**Colaborador** *O Globo, O País.* **Fundador** com Machado de Assis *A Época.* **Co-fundador** e **Diretor** *Jornal do Brazil.*
Família tradicional. Bacharel. Abolicionista. Orador. Jornalista. Político.	Advogado. Jornalista. Conselheiro do Império. Ministro da Fazenda. Senador. Delegado em Haia. Presidente da Academia de Letras.	Artigos Jornais. Discursos. Obra jurídica. Conferências.	**Colaborador** Jornal estudantil BH, *Ipiranga* SP, *Independência* SP, *Imprensa Acadêmica* SP, *Diário da Bahia.* **Fundador** *Radical Paulistamo.* **Redator chefe** *O País.* **Diretor** *Diário de Notícias, Jornal do Brasil.* Reproduzido intensamente nas revistas da época do Brasil.
Politécnico. Jornalista *OESP.*	Engenheiro. Jornalista. Co-fundador da Academia Brasileira de Letras. Responsável pela publicação d'*Os Sertões*, pela Casa Laemmert, por intermédio de Lúcio de Mendonça	Poesia. Conto. Teatro. Crônica. Conferência.	**Colaborador** *OESP.* **Fundador** *O Peregrino*, periódico literário em Portugal. **Diretor** *Correio Paulistano, A Vida Moderna.*
Família tradicional. Abastado. Roda intelectual portuguesa e francesa.	Advogado. Jornalista. Adido em Londres. Co-organizador da Academia Brasileira de Letras.	História. Relatos de viagem. Polêmica. Panfletos	**Colaborador** *Correio Paulistano, Constitucional, Gazeta de Notícias, Revista Entreato, Revista de Portugal.* **Diretor** *Comércio de São Paulo.*
Família tradicional. Posses médias. Marido gerente de *OESP.* Roda literária.	Casamento 1887 com Filinto de Almeida, português, diretor da revista *A Semana.* Mãe de família. Escritora.	Estréia na *Gazeta de Campinas* 1881, com crítica teatral. Romances. Contos. Comédia. Folhetim.	**Colaboradora** *Gazeta de Campinas, Revista A Semana* RJ, *Jornal do Comércio, O Bromofórmio* 1906, *Chácaras e Quintais.*
Posses médias. Abolicionista. Jornalista.	Jornalista. Professor de Mitologia na Escola de Belas Artes 1891. Diretor Biblioteca Nacional 1894. Patrono cadeira	Estréia no jornal manuscrito *O Archote.* Primeiro romance: *Uma Tragédia do Amazonas*, com 17 anos. Romances.	**Criador** *O Archonte*, jornal manuscrito, no Colégio Abílio. **Colaborador** *O Boêmio* SP, *Gazeta de Notícias*, com o

SIhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
Henrique Maximiano COELHO NETO	1864/1934. Caxias MA/ Rio de Janeiro RJ.	Comerciante português Antonio da Fonseca Coelho e Ana Silvestre Coelho, "índia civilizada".	Primeiras letras no Rio de Janeiro com tio. Colégio Jordão, Mosteiro de São Bento, Colégio Pedro II. Faculdade Direito, São Paulo 1883. Faculdade de Direito, Recife 1884. Abandona curso 1885.
OLAVO Brás Martins dos Guimarães BILAC	1865/1918. Rio de Janeiro RJ/ Rio de Janeiro RJ.	Cirurgião do Exército Brás Martins dos Guimarães Bilac e Delfina de Paula dos Guimarães Bilac.	Interno Colégio S. Francisco de Paula, RJ. Faculdade de Medicina 1880, RJ (abandonou). Aluno ouvinte na Faculdade de Direito, São Paulo 1887.
PRESCILIANA Duarte DE ALMEIDA	1867/1944. Pouso Alegre MG/ São Paulo SP.	Tenente Coronel da Guarda Nacional Joaquim Roberto Duarte e Rita Vilhena de Almeida Duarte.	Primeiras letras em Pouso Alegre.
SÍLVIO Tibiriçá DE ALMEIDA	1867/1924. Pouso Algre MG/ São Paulo SP.	Dr. Augusto Aureliano Batista de Almeida Junior.	Primeiras letras em Pouso Alegre. Secundário no Rio de Janeiro. Faculdade de Direito, São Paulo 1892.

SIhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
	33 da Academia Brasileira de Letras.	Caricatura. Panfletos. Crítico de arte.	folhetim *As Jóias da Coroa, Jornal do Comércio,* com *Canções sem Metro, Gazeta de Notícias,* com *O Ateneu,* e a seção *Pandora,* como crítico de arte, *A Rua,* de Pardal Mallet. **Correspondente** *Diário de Minas.*
Posses médias. Quase Bacharel. Roda boêmia e literária do Rio de Janeiro. Presidente Academia Brasileira de Letras. Viagem à Europa.	Jornalista. Professor de História da Arte. Prof. Ginásio de Campinas, por concurso. Lente de Literatura no Pedro II. Deputado pelo Maranhão. Secretário de Governo do Estado do Rio de Janeiro. Presidente Academia Brasileira de Letras 1926.	Estréia 1886, *Gazeta da Tarde* de José do Patrocínio. Romance. Conto. Teatro. Crítica. Obra didática.	**Colaborador** Praticamente em todas as revistas e jornais: *Gazeta da Tarde, Novidades, Cidade do Rio, A Notícia, Gazeta de Notícias, O País, A Noite, Diário de Notícias* e outros. *Revista de Ciências Artes e Letras de Campinas; Revista Moderna, Kosmos, Renascença, Revista Americana, Vida Moderna, Semana* etc.
Posses médias. Jornalista. Roda boêmia e literária. Orador. Propaganda Liga Nacionalista. Príncipe dos Poetas pela *Fon-Fon* 1907. Foi três vezes à Europa.	Jornalista. Inspetor Escolar. Secretário Geral da 3ª Conferência Pan Americana. Secretário Prefeito Sousa Aguiar e Governador Portela. Delegado 4ª Conferência Pan Americana. Conferencista. Fundou em 1917 a Liga Defesa Nacional. Fundador da Academia Brasileira de Letras.	Estréia aos 12 anos com poesias no colégio. Poesia. Crônica. Novela. Crítica. Teatro infantil. Traduções. Obra didática.	**Colaborador** Praticamente em todas as revistas e jornais: *Gazeta Acadêmica* 1883, *Gazeta de Notícias, Diário de Notícias, A Semana, Kosmos, O Pirralho* SP, *A Lua* SP, *Diário Mercantil* SP. **Secretário** *Cidade do Rio.* **Fundador** *Vida Semanária.*
Família tradicional. Posses médias. Casamento com Sílvio de Almeida 1892, educador e filólogo. Roda literária. Proprietária da revista *A Mensageira.*	Escritora. Proprietária e diretora de revista. Co-fundadora da Academia Paulista de Letras e primeira mulher a tornar-se acadêmica. Mãe de família escritora.	Estréia adolescente em jornalzinho de sua direção, em Pouso Alegre. Poesia. Ensaios. Literatura infantil.	**Colaboradora** *A Semana* 1902 SP, *Educação* 1902, *Gazeta Artística* 1909. **Fundadora** Jornalzinho manuscrito na adolescência, *A Mensageira* 1899-1901.
Família tradicional. Posses médias. Marido de Prisciliana Duarte de Almeida.	Jornalista. Poeta. Filólogo. Lente do Ginásio do Estado. Fundou Ginásio Sílvio de Almeida, mais tarde Instituto de Ciências e Letras. Em sua casa, na Alameda Ribeiro da Silva, realizaram-se as primeiras reuniões para criação da Academia Paulista de Letras.	Poesia. Filologia. Artigos.	**Colaborador** *Diário Popular, Illustração Brasileira* SP 1905, Gazeta Artística SP 1909. **Redator** *A Paulicéa*: folha jurídico literária. **Fundador** *Revista de Filologia Portuguesa.*

Slhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
José Joaquim de Campos da Costa MEDEIROS E ALBUQUERQUE	1867/1934. Recife PE/ Rio de Janeiro RJ.	Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros Albuquerque.	Primeiras letras com a mãe. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro. Escola Acadêmica de Lisboa
AFONSO de Melo Franco ARINOS	1868/1916. Paracatu MG/ Barcelona Espanha.	Promotor Dr. Virgílio de Melo Franco e D. Ana Leopoldina de Melo Franco.	Primário em Goiás. Ginásio Colégio do Cônego Costa Machado, São João Del Rei. Conclusão no Ateneu Fluminense. Faculdade de Direito, São Paulo 1889.
ÁLVARO GUERRA	1868/1942. São João Batista do Arrosal-Piraí RJ/ São Paulo SP.		Preparatórios para medicina em Resende 1888.
AFONSO Antonio de FREITAS	1870/1930. São Paulo SP/ São Paulo SP.	Antonio José de Freitas e D. Senhorinha Barbosa Correia de Freitas.	Primeiras letras Escola Mista D. Maria Floriano. Aulas noturnas com Júlio Ribeiro. Humanidades na Escola Mineira.
JÚLIO CÉSAR DA SILVA	1872/1936. ? / São Paulo SP.	Advogado Miguel Luso e professora Cecília Isabel da Silva.	Faculdade de Direito, São Paulo 1895.

Slhj

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
Família tradicional. Jornalista. Político.	Jornalista. Poeta. Propagandista República. Autor letra *Hino da República*. Diretor da Instrução Pública. Inovou nos métodos pedagógicos. Deputado. Co-fundador da Academia Brasileira de Letras. Secretário Geral da Casa de Machado de Assis. Presidente da ABL-1924. Autor da primeira reforma ortográfica 1907. Envolveu-se com hipnotismo	Poesia. Polêmica. Contos. Teatro. Conferências. Ensaios. Crítica. Estudos. Memórias. Romance.	**Colaborador** em quase todos os jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo, em particular no *OESP*.
Família tradicional. Círculos literários. Professor.	Professor concursado de História do Brasil no Liceu Mineiro em Ouro Preto. Fundou Faculdade de Direito de Minas, assumindo cadeira de Direito Criminal, idealizou o Arquivo Público Mineiro. 1896: viagem à Europa. Direção do *Comércio de São Paulo* 1897. Eleito para a ABL 1901. Escritório Comercial em Paris.	Primeiro conto: "Manuel Lúcio, histórias do sertão", publicado em *O País*, 1893. Romance. Teatro. Reportagem.	**Colaborador** *Revista Brasileira* de J. Veríssimo, *Revista do Brasil*. **Diretor** *Comércio de São Paulo*.
	Jornalista. Professor do Externato Amor e Ciência. Professor magistério secundário no Colégio São João Evangelista, de Taubaté. Redator do *O Comércio de São* Paulo 1895. Cronista e crítico do *Correio Palistano*. Retorna ao *O Comércio de São Paulo* a convite de Afonso Arinos. Em 1909 dedica-se exclusivamente ao magistério. Membro da Academia Paulista de Letras	Poesia. Artigos Editoriais. Crítica. Obras didáticas.	**Colaborador** *O Constitucional* de Macaé RJ 1885, Revista literária *O Colibri* 1889, *O Noticiarista* de Taubaté. Após 1895: *O Comércio de São Paulo, Correio Paulistano, Ilustração Brasileira, Palladium, Orkidea* **Redator** *A Internacional* 1905. **Diretor** *Iris*.
Jornalista. Membro Academia Paulista de Letras. Inserção rodas literárias. Erudito. Jornalista. Presidente IHGSP. Domínio do tupi guarani.	Funcionário público. Jornalista do *Diário Popular* e *Comércio de São Paulo*.	Ensaios. História. Dicionários.	**Colaborador**. *Redenção* de Antonio Bento, *Diário Popular*, *OESP*.
Irmão da poeta parnasiana Francisca Júlia. Bacharel. Rodas literárias.	Funcionário administrativo.	Poesias.	**Colaborador** *Bohemia, Novidades, Ilustração Brasileira*. **Proprietário** *Sul Americana, A Crônica*.

SIhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
ARTHUR GOULART Penteado	1872/1910. São Paulo SP/ São Paulo SP.		Primeiras letras com irmão. Preparatórios Escola Normal da Praça. São Paulo.
BATISTA CEPELOS	1872/1915. Cotia SP/ Cantagalo RJ.	João B. Cepelos e Maria Diniz B. Cepelos.	Primeiras letras com o pai. Formação na polícia militar. Faculdade de Direito, São Paulo 1902.
VALDOMIRO SILVEIRA	1873/1941. Cachoeira Paulista SP/ Santos SP.	João Batista da Silveira, bacharel pela Faculdade de Direito São Paulo após nascimento do filho, e Cristina Carlinda de Olivér.	Primeiras letras e preparatório em Casa Branca. Faculdade de Direito, São Paulo.
FRANCISCA JÚLIA da Silva	1874/1920. Xiririca SP/ São Paulo SP.	Advogado Miguel Luso e professora Cecília Isabel da Silva.	Primeiras letras com a mãe.

Slhj

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
			Editor *A Cigarra, Vida Moderna.* **Secretário** *Revista do Brasil.*
Professor pela Escola Normal da Praça, São Paulo. Jornalista.	Professor. Diretor de colégio. Jornalista.	Poesias. Contos. Novelas. Romances. Literatura infantil. História. Teatro. Conferências.	**Colaborador** *O Neófito, O Dia, O Diário, Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, *A Seara* e *O Diário* de Santos, *A Comarca* de Mogí Mirim, *Correio da Noite* e *Correio do Povo* de Campinas, *O Lutador* de Descalvado, *A Cidade* de Bragança, *O Apóstolo* de Avaré, *A Opinião* de Carangola, *Pátria Mineira, Gazeta* de Uberaba, *Revista Franco Italiana* de Nápoles, Itália, *A Madrugada* de Lisboa, *Revista IHGSP* 1895, *O Cabrião* 1897, *Novidades* 1900, *A Semana* 1902, *Palladium* 1905. **Diretor** *Capital Paulista* 1899, *Novidades* 1902, *Vida Moderna* 1903, *A Semana, A Nova* 1905, *A Nova Cruz* 1905. **Retratado** *Via Láctea.*
Larga erudição. Bacharel. Carisma pessoal. Inserção rodas literárias.	Militar. Advogado. Promotor.	Poesias. Romances.	**Colaborador** *Revista Azul, Diário da Manhã.*
Família tradicional. Bacharel. Orador da turma. Jornalista. Amigo Euclides da Cunha. Relacionado literatos da época. Político.	Promotor. Advogado no escritório de Martin Francisco em Santos, profissão que exerceu até o fim da vida. Deputado federal. Secretário Educação e Saúde Pública. Secretário Justiça e Segurança Pública. Deputado à Constituinte. Vice-presidente da Constituinte.	Estréia com soneto *Desesperança*, na *Gazeta do Povo*, aos 17 anos. Crônica. Contos. Romance.	**Colaborador** *Gazeta do Povo* SP, *O Mercantil* 1891, *Correio Paulistano, OESP* 1900-1905, *O País* RJ (primeiro trabalho de regionalista), *Diário Popular* com *O Rabicho*, pioneiro no gênero regionalista 1894, *Arco Iris* 1905, *Aurora* 1905, *Orkidea* 1920.
Posses médias. Filha de bacharel. Aclamada pela crítica. Prestígio pelo real talento.	Casamento e dedicação ao lar.	Estréia no *OESP*. Poesia.	**Colaboradora** *OESP, Correio Paulistano, Diário Popular, O Álbum* RJ, *A Semana* RJ, *Bohemia* SP, *A Paulicéa* (capa) 1896, *Educação* 1902, *São Paulo Illustrado* 1904, *A Vida Moderna* 1905, *Ilustração Brasileira* 1905, *Orkidea* 1920.

SIhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
BASÍLIO DE MAGALHÃES	1874/1957. Barroso MG/ Lambarí MG.	Origem humilde.	Primeiras letras Escola João dos Santos, com medalha de ouro. Humanidades. Não cursou a Faculdade de Direito, por falta de posses.
AMADEU AMARAL	1875/1929. Fazenda São Bento da Boavista SP / São Paulo SP.	Fazendeiro e dono de jornal João de Arruda Leite Penteado e Maria Ccarolina Pacheco.	Primário completo. Autodidata.
AFONSO d'Escragnolle TAUNAY	1876/1958. Florianánópolis SC/ São Paulo SP.	Alfredo D'E. Taunay, Visconde de Taunay, e Cristina Leite D'E. Taunay.	Politécnica RJ.
CLÁUDIO Justiniano de SOUSA	1876/1954. São Roque SP/ Rio de Janeiro RJ.	Cláudio Justiniano de Sousa e Antonio Barbosa de Sousa.	Aos 14 anos concluiu o ginasial e matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Transfere-se para Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
Afonso Henriques de LIMA BARRETO	1881/1922. Rio de Janeiro RJ/ Rio de Janeiro RJ.	Tipógrafo da Imprensa Nacional João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto.	Primeiras letras com a mãe. Escola Pública. Liceu Popular Niteroiense. Exames no Ginásio Nacional. Colégio Paula Freitas. Escola Politécnica (incompleta).
RICARDO Mendes GONÇALVES	1883/1916. São Paulo SP/ São Paulo SP.	Família tradicional.	Infância em Ribeirão Preto. Fluente em francês e inglês. Faculdade de Direito, São Paulo 1905.

Slhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
Larga erudição. Domínio de várias línguas, incluisve tupi. Membro IHGSB, IHGMG. Político.	Tipógrafo. Professor História do Brasil do Ginásio de Campinas ao lado de Coelho Neto. Deputado Estadual. Deputado Federal. Senador. Manifesto de criação do Serviço de Proteção ao Índio. Diretor Biblioteca Nacional RJ.	Contos. Ensaios. História. *Dicionário Tupi Guarani.*	**Tipógrafo** *Gazeta Mineira, Pátria Mineira.* **Colaborador** *Educação* 1902, *A Internacional* 1905, *Ronda* 1908, *Revista dos Educadores* 1911.
Família tradicional. Talento literário. Carisma pessoal. Jornalista de *OESP.*	Menino de recados. Jornalista de *O Correio Paulistano, O Estado de S. Paulo.* Oficial de Gabinete do Chefe de Polícia do Rio de Janeiro. Diretor do Imposto de Renda do Rio de Janeiro. Diretor do Ginásio Moura Santos SP.	Poesia. Prosa. Folclore. Artigos de jornal.	**Colaborador** *Boêmia* 1896, *Paulópolis, Via Láctea* 1903, *O Pequeno Polegar* 1904, *A Internacional, A Vida Moderna, Íris, Ilustração Brasileira, Vida Paulista* 1905, *Ronda* 1908, *O Pirralho, Revista dos Educadores* 1911, *A Farpa, Revista do Brasil* 1916, *Orkidea* 1920.
Família Tradicional. Politécnico. Larga erudição. Funcionário alta burocracia. Membro principais instâncias de consagração, IHGSP, IHGB, USP, APL, APH.	Professor Politécnica SP. Diretor Museu Paulista. Diretor Museus Estado de SP. Nomeado pelo Governo para reorganizar Biblioteca e Arquivo do Ministério das Relações Exteriores. Prof. USP. Membro IHGB. Academia Paulista de Letras. Academia Portuguesa de História. Presidente IHGSP.	Basicamente obras de História. Produção de mais de 70 títulos.	**Colaborador** *Correio Paulistano, O Pirralho.* **Diretor** *Revista do Museu Paulista, Revista do IHGSP.*
Família tradicional. Médico. Professor Escola de Farmácia SP 1898. Ligação com intelectuais. Membro da ABL.	Médico. Jornalista. Professor de terapêutica da Escola de Farmácia. Proprietário Laboratório de Produtos Femininos. Administração da *Revista Feminina.* Abandonou a Medicina pelas Letras. Eleito para ABL. Presidente da ABL.	Estréia aos 16 anos em jornais cariocas. Crônica. Teatro. Tradução. Memórias. Conferências. Discursos. Obras de medicina.	**Colaborador** *O Mercúrio* 1904, *Revista Feminina* 1915, *Papel e Tinta* 1920.
Proteção familiar do Visconde de Ouro Preto. Participação nas rodas boêmias e intelectuais. Crises de embriaguez e loucura. Internamento em Hospício.	Jornalista. Concurso para Diretoria do Expediente da Secretaria de Guerra, Aposentado por Decreto Presidencial pela fratura de clavícula.	Estréia em 1902 na imprensa periódica. Praticamente toda sua obra ficcional foi publicada em jornais e revistas do Rio de Janeiro	**Criador** Revista *Floreal.* **Colaborador** Presente nos periódicos cariocas mais importantes. Em São Paulo publicou pela Monteiro Lobato.
Família tradicional. Faculdade de Direito São Paulo. Carisma pessoal. Grupo do Minarete.	Advogado. Vereador da Câmara Municipal de São Paulo. Militante socialista.	Estréia com 12 anos no jornal *O Leque* de São Simão. Jornal manuscrito *O Martelo*, da família Gonçalves. Poesia.	**Colaborador** *O Minarete* de Piracicaba, *A Borboleta* 1898, *Via Láctea* 1903, *A Ilustração Brasileira* 1905, *Vida Moderna*

Slhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
José GODOFREDO de Morais RANGEL	1884/1951. Três Corações MG/ Belo Horizonte MG.		Primeiras letras Três Corações MG. Faculdade de Direito, São Paulo.
José Bento MONTEIRO LOBATO	1882/1948. Taubaté SP/ São Paulo SP.	José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato.	Primeiras letras em Taubaté. Preparatório em São Paulo. Faculdade de Direito, São Paulo.
AFONSO SCHMIDT	1890/1964. Cubatão SP/ São Paulo SP.	João Afonso Schmidt e Odila Bruckenn Schmidt.	Primeiras letras. Escola Pública de Cubatão. Grupo Escolar do Brás SP. Grupo Escolar do Oriente SP. Faculdade de Direito, São Paulo (abandonou).
José OSWALD de Sousa ANDRADE	1890/1954. São Paulo SP/ São Paulo SP.	Corretor de Café José Oswald Nogueira de Andrade e Inês Henriqueta de Souza.	Ginásio São Bento São Paulo. Faculdade de Direito, São Paulo.
Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (JUÓ BANANÉRE)	1893 /1933 Pindamonhangaba SP/ São Paulo SP.	Médico José Francisco Marcondes e Mariana Machado.	Primário Araraquara. Preparatório Campinas. Escola Politécnica, São Paulo 1917.
ANÍBAL MACHADO	1894/1964. Sabará MG/ Rio de Janeiro RJ.	Virgílio Cristiano Machado e Maria Helena Machado. Pai descendente de armadores de baleia.	Primeiras letras mãe e governanta alemã. Interno Colégio Dom Viçoso BH. Externo Colégio Mineiro. Colégio Abílio RJ. Faculdade de Direito, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Slhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
			1905, *A Minerva* 1913, 1º colocado no concurso de *O Pirralho* sobre rapaz de mais talento de São Paulo. **Criador** *Revista Nova.*
Faculdade de Direito, São Paulo. Grupo do Minarete. Amizade com Monteiro Lobato.	Juiz de Termos MG. Juiz de Direito MG. Professor. Tradutor.	Estréia no *Minarete* de Piracicaba. Romance. Contos. Artigos.	**Colaborador** O *Minarete*, de Piracicaba, *Revista do Brasil.*
Família tradicional, neto do Visconde de Tremembé. Abastado. Bacharel. Grupo do Minarete. Jornalista de *O Estado de S. Paulo.* Editor.	Jornalista. Promotor em Areias. Fazendeiro. Proprietário editor da *Revista do Brasil.* Proprietário da Editora do Brasil.	Estréia aos 14 anos no jornal estudantil *O Guarani.* Artigos. Contos. Novela. Romance. Tradução.	**Colaborador** *O Guarani, O Patriota, A Pátria, O Fazendeiro, O Estado de São Paulo* 1908, *O 11 de Agosto* 1911, **Proprietário e Editor** *Revista do Brasil*
Roda boêmia e intelectual. Bacharel. Integrante do Partido Socialista.	Repórter. Puxador de Trena na construção da Estrada Ferro Santos Jundiaí. Redator de *Comércio de São Paulo, Diário de Santos, A Tribuna de Santos, Folha da Noite* SP, *OESP.* Proprietário do *A Voz do Povo* no Rio de Janeiro.	Estréia aos 12 anos imprimindo jornaizinhos. Edita Semanário *Zig-Zag* com Oduvaldo Viana. Poesia. Conto. Novela. Romance. Biografia.	**Editor** *A Voz do Povo.* **Colaborador** *A Garoa* 1921.
Filho único de família tradicional e abastada. Sobrinho de Inglês de Souza. Bacharel. Rodas boêmias e literárias. Participante da Semana de 1922. Jornalista.	Fazendeiro de café (pouco tempo). Jornalista. Escritor ou, como se auto referia: "Um homem sem profissão".	Estréia no *Diário Popular.* Crítica. Ensaio. Teatro. Romance. Conto. Poesia. Memórias. Polêmica.	**Colaborador** *Diário Popular, Correio da Manhã, Correio Paulistano, A Manhã, O Estado de S. Paulo* **Diretor** *O Homem do Povo.* **Co-Fundador** *O Pirralho.*
Engenheiro socialmente bem situado, ligou-se aos intelectuais e jornalistas da época.	Engenheiro com escritório próprio.	Estréia com versos satíricos em jornal de Araraquara. Prosa. Poesia.	**Co-Fundador e Colaborador** *O Pirralho, O Queixoso* 1915, *A Vespa* 1916.
Família abastada. Bacharel. Fez parte grupo de Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Pedro Nava, Milton Campos Martins de Almeida, Rodrigo M. F. de Andrade, Abgard Renault.	Promotor Airuoca MG. Professor História Ginásio Mineiro BH. Delegado Polícia RJ. Catedrático Literatura Pedro II. Oficial Gabinete Ministro da Justiça. Professor. Oficial de Registro Civil. Presidente Associação Brasileira de Escritores. Participante do Congresso de Escritores da Unesco.	Estréia com Contos, na *Estética.* Poesia. Novela. Teatro. Romance. Tradutor.	**Diretor** *São Paulo Ilustrado, O Espírito Novo Rio de Janeiro.* **Colaborador** *Antropofagia, Estética, Boletim de Ariel.*

SIhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Nome	*Data e lugar de nascimento*	*Filiação*	*Educação*
MENOTTI DEL PICCHIA	1892/1988. São Paulo SP/ São Paulo SP.	Luis Del Picchia e Corina Del Picchia.	Primeiras letras em São Paulo e Itapira. Ginásio no Culto à Ciência de Campinas. Preparatórios em São Paulo. Faculdade de Direito, São Paulo.
CLEÓMENES de Oliveira CAMPOS	1895/1968. Maroim SE/ São Paulo SP.	Manuel Joaquim de Oliveira e Maria da Conceição Vieira Campos de Oliveira.	Liceu S. José Aracajú SE. Ginásio São José Salvador BA. Ateneu Sergipense Aracaju SE.
CASSIANO Leite RICARDO	1895/1974. São José dos Campos SP/ São Paulo SP.	Fazendeiro e proprietário de gráfica Francisco Leite Machado e D. Minervina Ricardo Leite.	Grupo Escolar Olímpio Catão em São José dos Campos. Ginásio Nogueira da Gama em Jacareí. Faculdade de Direito, São Paulo. Faculdade de Direito, Rio de Janeiro.

SIhi

QUADRO XVII. AUTORES QUE COLABORARAM EM REVISTAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

Trunfos Sociais	*Profissão / Carreira*	*Obra / Gênero*	*Atuação Jornais e Revistas*
Bacharel. Jornalista, ligado aos principais orgãos de propaganda da imprensa.	Jornalista. Diretor e proprietário de vários jornais. Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Deputado estadual e federal. Academia Paulista de Letras. Academia Brasileira de Letras. Prêmio Juca Pato.	Aos 16 anos, funda o jornal *O Mandú*, em Campinas. Poesia. Prosa. Romance. Contos. Novelas. Crônicas. Discursos parlamentares. Teatro.	**Colaborador** *Diário da Noite, Correio Paulistano, Alvorada* 1913, *Papel e Tinta* 1920. **Redator Principal** *A Gazeta, O Correio Paulistano, O Anhanguera.* **Diretor** *Cidade de Itapira, A Tribuna Santos, O Planalto, O Papel.* **Proprietário** *União Jornalística Brasileira, A Cigarra, Nossa Revista.* **Fundador** *O Mandu*, de Pouso Alegre, *O Grito*, de Itapira, *A Noite* SP. **Diretor de Rotogravura** *São Paulo, Brasil Novo.*
Mudança para Santos, onde conhece a roda boêmia e intelectual. Funcionário concursado do Serviço de Correios de São Paulo.	Funcionário concursado do Serviço dos Correios de São Paulo. Agente Fiscal do Imposto de Consumo do Ministério da Fazenda.	Estréia com livro de versos, em 1923 , *Corações Encantados*, pela Editora Monteiro Lobato. Poesia. Prosa. Teatro.	**Secretariou** *A Garoa* 1921.
Bacharel. Inserção na vanguarda literária, integrando o grupo dissidente da Semana de Arte Moderna. Um dos cinco formadores do grupo Verde-Amarelo. Membro da APL e da ABL. Redator do *Correio Paulistano.*	Advogado. Político. Jornalista. Funcionário público. Censor teatral e cinematográfico. Diretor da Secretaria de Governo do Estado. Membro da APL e da ABL. Presidente do Clube de Poesia SP. Diretor de Escritório Comercial – Paris.	Por influência da mãe, que fazia versos, iniciou pela poesia, criando um jornal manuscrito, O *Ideal*, que circulava entre os colegas do Grupo. Poesia. Prosa.	**Criador** Jornal manuscrito escolar, *Suplemento Autores e Livros.* **Redator** *Panóplia, Papel e Tinta.* **Diretor** *Novissima*, Jornal *A Manhã*

Fonte: A amostragem não se propõe a ser exaustiva. Dados obtidos a a partir das obras: Raimundo Menezes, *Dicionário Brasileiro Ilustrado*, prefácio de Antonio Candido, São Paulo, Saraiva, INL, 1969, 5 vols.; Luís Correa de Melo, *Dicionário de Autores Paulistas*, São Paulo, Comissão do Quarto Centenário, 1954; Raimundo Magalhães, op. *cit.*

Provenientes de vários estados do País e fixando-se, sobretudo, no Rio de Janeiro, possuíam como traço comum não só a passagem pela Faculdade de Direito, mas a origem em clãs oligarcas e a trajetória marcada pelo envolvimento com o periodismo, sobretudo diário e de caráter político, com discurso vazado de nacionalismo. Medalhões de uma geração, acabaram por ingressar na Academia Brasileira de Letras, corolário da consagração.

Não foi diverso o caminho de turmas posteriores das Arcadas, nomes de São Paulo na sua maioria. Com destaque para o grupo do *Cenáculo*, coabitantes do "Minarete" no Belenzinho, redatores do jornal de Pindamonhangaba, *O Minarete*, que durou de julho de 1903 a julho de 1907, representação mais acabada do bacharel na imprensa. Agentes que se colocaram na grande imprensa, foram assíduos colaboradores e criadores de revistas. Monteiro Lobato, Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel, Indalécio Aguiar, expressaram, por caminhos diversos, as aptidões dessa geração. Insista-se que aos bacharéis que não atuaram na carreira, o jornalismo aparecia como instância profissional imediata, complementado por vezes pelo funcionalismo público e/ou magistério.

O exemplo de bacharel-literato em tempo integral, que perpassa estas gerações, vem de Júlio César da Silva, formado pela São Francisco em 1895. Nome dos mais freqüentes nas revistas, nunca advogou, vivendo de expedientes jornalísticos e de pequeno salário de servidor municipal[10]. Em meio à geração de parnasianos, inclusive à da própria irmã, a poeta Francisca Júlia da Silva, fez-se e permaneceu simbolista. Em 1896 estava no concorrido lançamento da revista *A Banana, periódico musáceo e desopilante*, onde brindou a imprensa paulista, como seu representante, junto a Juvenal Pacheco e Lisboa Junior; no mesmo ano escrevia na revista *A Boêmia, quinzenário ilustrado e literário*, talvez a primeira publicação colorida da Paulicéia; em 1900, no jornal *Novidades*, com direção de Pio Correa; em 1905, na *Ilustração Brasileira*, de Boucher Filho e Platão de Andrade; em 1905 tornou-se proprietário da *Sul Americana*, dirigindo, em 1908, *A Crônica, revista mensal de artes e letras*, em cujo artigo de fundo combatia a corrupção na imprensa, recusando artigos políticos; colaborou assiduamente na *Cigarra* de

10. Júlio César da Silva trazia biografia curiosa. Nascido em Xiririca, atual Eldorado, em 1872 ou 1874, vinha de origem social respeitável, mas desprovida de posses, filho de advogado provisionado, mãe professora e irmão da consagrada poeta parnasiana Francisca Júlia. Inclinado inicialmente à carreira eclesiástica, fez-se atleta e acrobata de circo, tentou a vida literária em Buenos Aires e Montevidéu e ingressou na São Francisco, turma de Álvares Guimarães. Em Raimundo de Menezes, *op. cit.*, v. 4, p. 1192; Luís Correa de Mello, *op. cit.*, pp. 586-587.

Gelásio Pimenta, assinando quase sempre a crônica de abertura; em 1920 colaborava em *Terra Paulista*; escreveu editoriais em *Vida Moderna* e secretariou a *Revista do Brasil*, ao tempo de Paulo Prado.

Talvez dos nomes mais presentes no gênero revista, publicou sua obra em livros editados pelas mesmas casas impressoras envolvidas com a imprensa periódica[11]. Esta circunstância confirmou a intermediação da revista entre autor e livro ou, em outras palavras, a função decisiva da revista no ensaio editorial livreiro paulista.

O figurino do literato paulista da transição não podia ser mais completo. Origem tradicional, passagem pela São Francisco, cultivo de rodas literárias, versejador, ainda que de escolas passadistas – tais características instrumentalizavam o homem de imprensa, inseriam-no na ribalta cultural, mesmo que sua produção literária até sugerisse anacronismo. Júlio César da Silva, escritor de perfil *fin de siècle*, simbolista, participou de sucessivos circuitos literários, convivendo inclusive com o grupo modernista, quando secretariou a *Revista do Brasil*, na direção de Paulo Prado. Seu nome, identificado com gerações pregressas, causa surpresa quando arrolado na mesma publicação em que se colocou a vanguarda literária paulista. Concorriam para esse dom de ubiqüidade, trunfos de sua trajetória pessoal, marcada pelos sinais de distinção de velha cepa paulista e, sobretudo, pelo parentesco ilustre da irmã, a poeta Francisca Júlia, presença simultânea nas revistas em que se colocou, unanimidade de competência parnasiana, a despeito de tratar-se de uma mulher[12].

Ao contrário de Júlio César da Silva, sua irmã Francisca Júlia recolheu-se a cotidiano discreto, envolvida com lides domésticas e produção literária[13], refe-

11. A Tipografia Hennies, a Editora Livraria Magalhães, a Editora Vida Moderna, a Empresa Gráfica Monteiro Lobato. Bibliografia: *Stalactites* [versos], São Paulo, Hennies & Verniger, 1891-1892; *Ester* [poemas], *Sarcasmos* [poemas], São Paulo, Hennies & Verniger, 1893-1895; *Alma Infantil*, parceria com sua irmã Francisca Júlia, São Paulo, Magalhães, 1912; *Morte de Pierrot* [comédia em verso], São Paulo, Vida Moderna, 1915; *Arte de Amar* [versos], São Paulo, Gráfica Monteiro Lobato, 1921-24; *O Diabo Existe* [contos], São Paulo, Gráfica Monteiro Lobato, 1925; *Gaveta de Sapateiro* [prosa]; *A Mulher Amada* [contos], São Paulo, 1927, Coleção Feira Literária; *O Meu Livro de Amor* [inédito]; *A Taça do Rei de Thul* [poema]; *Esquina do Pecado*, por Judas Isgorogota, *A Época*, 3 ago. 1948, cf. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, p. 587.

12. Maria de Lourdes Eleutério oferece interessante análise das relações intelectuais e fraternais dos irmãos Júlio César da Silva e Francisca Júlia, cotejando suas obras e dimensionando-as no registro de seu tempo. Ver Maria de Lourdes Eleutério, *op. cit.*

13. Obra de Francisca Júlia: *Mármore* [poesias], pref. de João Ribeiro, São Paulo, 1895; *Livro da Infância*, pref. de Júlio César da Silva, São Paulo, 1899; *Esfinges* [versos], pref. de João Ribeiro, São Paulo, 1903; *Alma Infantil* [versos para uso das escolas], em colaboração com Júlio César da Silva, São Paulo/Rio de Janeiro, 1912.

renciada pela imprensa como *A musa impassível*, título de seu poema homônimo. Ocupara precocemente as instâncias de consagração da época, pois aos 14 anos publicou versos no jornal *O Estado de S. Paulo*, em seguida no *Correio Paulistano* e *Diário Popular*, festejada por toda a crítica a cada lançamento de novo livro. O reconhecimento público, porém, só se deu após a aparição em revista, especialmente n' *A Semana*, de Valentim Magalhães e n' *O Álbum* de Arthur Azevedo, ambas do Rio de Janeiro. Diferindo dos pares renomados, ao recusar a entrada na Academia, declarou em 1923 à revista *O Pirralho*, singularizando-se naquele quadro cultural: *Não creio em Academias. A Arte não se faz por associação*[14].

Caju, como a chamava o irmão na intimidade, nome formado pela última sílaba de Francisca e primeira de Júlia, precedera Júlio César na consideração literária dos pares, ocupando lugar ímpar no *panteon* parnasiano, tornando-a referência estigmatizadora na carreira do irmão, sempre mencionado como "irmão da grande poeta parnasiana Francisca Júlia". Talvez mais forte que sua contribuição literária, o parentesco com a irmã ilustre, abriu-lhe espaços que não se furtou a ocupar, contribuindo, a sua maneira, com a produção cultural periódica, fosse pela iniciativa de criar a revista *A Crônica*, de 1908, ou secretariando, tão-só um trabalho quase burocrático, a *Revista do Brasil*, negação de todas as suas tendências literárias.

Bem mais jovem, com perfil e conduta opostos aos de Júlio César, mas igualmente bacharel-literato, "um homem sem profissão" está Oswald de Andrade[15]. Paulistano, de origem abastada, filho único, relacionou-se com a boêmia estudantil das Arcadas aos quinze anos, especialmente com o grupo do *Cenáculo*, quando freqüentava o Colégio São Bento. Já aluno regular da Academia, vocacionado para as letras, integrou-se à roda literária, sempre de forma inovadora. Nascido em 1890, marcou com a geração daquela década a renovação de toda ordem a que se assistiu, ao lado dos colegas bacharéis-literatos Aníbal Machado [1894][16],

14. "São Paulo Intelectual, Francisca Júlia fala ao Pirralho", *O Pirralho*, 25 out. 1923.

15. Maria de Lourdes Eleutério, *Oswald – Itinerário de um Homem sem Profissão*, Campinas, Editora da Unicamp, 1989; Maria Eugênia Boaventura, *O Salão e a Selva: Uma Biografia Ilustrada de Oswald de Andrade*, São Paulo/Campinas, Editora Ex-Libris/Editora da Unicamp, 1995.

16. Aníbal Machado [1894-1964] nasceu em Sabará, cursou o Colégio Abílio, bacharelando-se em Belo Horizonte. De carreira tumultuada, foi delegado de polícia, promotor, professor de literatura do Pedro II, oficial de Gabinete do Ministro da Justiça na última presidência oligárquica paulista. Dadas as dificuldades financeiras, amigos o colocaram como distribuidor da justiça no Rio de Janeiro e oficial do Registro Civil. Presidente da ABE organizou com Sérgio Milliet o 1º Congresso de Escritores da Unesco. Ver R. de Menezes, *op. cit.*, p. 740.

Menotti del Picchia [1892][17] e Cassiano Ricardo [1895][18]. Colocando-se como jornalista, dirigiu o jornal *O Homem do Povo* e fundou a revista *O Pirralho*, prenunciando a renovação literária em curso, "apresentada" no Teatro Municipal, em 1922.

Aliando funcionalismo/literatura, magistério/literatura, jornalismo/ literatura, os bacharéis encontraram no periodismo a representação possível para suas carreiras híbridas. Na maioria originários de famílias bem situadas, mas geralmente vivenciando o declínio econômico, colocaram-se na alta burocracia ou no funcionalismo, ostentando a posição do literato em meio provinciano e semiculto. Mais que isso, esse bacharel transformou a atividade literária em capital cultural que lhe garantiu, com honra, a inserção na sociedade burguesa. Ou, conforme inferiu Vera Chalmers, este bacharel-literato foi "[...] o portador de uma concepção aristocrática da cultura, diletante e livresca, da eloqüência jurídica e da retórica literária, marcas de distinção que têm o privilégio da atividade intelectual, fruto mais antigo do preconceito de uma sociedade escravocrata que estigmatizava o trabalho"[19]. De fato, nas lides da produção periódica, o estigma do diletantismo e/ou apartamento profissional se desfazia. Fosse pela colaboração nos prestigiosos *O Estado de S. Paulo, Correio Paulistano* e *Diário Popular* – e/ou criando, dirigindo e colaborando num órgão de veiculação, em especial uma revista – a *praxis* de trabalho do intelectual se revelava, conferindo-lhe visibilidade, situando-o na sociedade já competitiva daquela virada de século[20].

17. Menotti del Picchia [1892] nasceu em São Paulo. Bacharelou-se pela São Francisco. Dirigiu O *Correio Paulistano*; proprietário de *A Cigarra* e *Nossa Revista*. Liderou a Semana de Arte Moderna; realizou o Movimento Verde Amarelo; diretor do DIP de SP; deputado estadual e federal; membro da ABL; Prêmio Juca Pato. Ver Raimundo de Menezes, *op. cit.*, v. 4, p. 994.
18. Cassiano Ricardo [1895] nasceu em São José dos Campos. Ingressou na São Francisco e bacharelou-se no Rio de Janeiro; advogou em São Paulo, Passo Fundo e Vacaria; do grupo dissidente da Semana, lançou o movimento Anta; dirigiu *Novíssima*; censor teatral e cinematográfico; membro da ABL em 1937; de 1953 a 1955 esteve na Europa como diretor de Escritório Comercial em Paris; intelectual do ano em 1965. Ver Raimundo Menezes, *op. cit.*, v. 4, p. 1088.
19. Vera M. Chalmers, *3 Linhas e 4 Verdades: O Jornalismo de Oswald de Andrade*, São Paulo, Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, pp. 40-41.
20. Antonio Figueiredo dimensiona dois grupos nos jornais: o da Faculdade de Direito e o grupo da "tarimba". No primeiro, Argemiro Acaiaba, talento que se foi cedo, pela tuberculose; Moacir Piza, que aos 19 já era redator secretário da *Gazeta*, para pagar os estudos, trabalhando em três jornais simultaneamente: num, o noticiário ligeiro, noutro a crítica, noutro o artigo doutrinário; e, ainda, Sarti Prado, Jacob Dihel Neto e Vicente Ancona. Ver Antonio Figueiredo, *op. cit.*, pp. 186-193.

Competitiva sim, pois aquela virada do século pôs em cena novos profissionais no campo do trabalho e, por conseqüência, no periodismo. A valorização das ciências pelo Positivismo, a ascensão das camadas médias urbanas, o avanço da ferrovia e dos meios de transporte e as reformas urbanas em curso viabilizaram novas carreiras no mercado, afeitas ao exercício das ciências e da técnica. Médicos e politécnicos colocaram-se nas revistas, sobretudo nas publicações de suas áreas de conhecimento, divulgando a produção das instituições culturais nascidas com a República.

Os médicos Carlos Botelho e Luís Pereira Barreto conciliaram política, burocracia e periodismo. Aquele, formado em Paris, envolveu-se profissionalmente com agricultura e zootecnia, decorrência dos cargos políticos que desempenhou e do patrimônio agrícola do qual foi herdeiro; esse, também formado em medicina e igualmente com patrimônio assentado na propriedade de terras, contribuiu para a pesquisa agrícola, mas, sobretudo, colocou-se como porta-voz paulista do Positivismo.

Desde 1886, a criação da Comissão Geográfica e Geológica[21] vinha estimulando pesquisas daquele teor, intensificadas na República. Como se viu, nasceram com o propósito aparelhador do novo regime, o Instituto Bacteriológico, em 1892, o Instituto Agronômico de Campinas, em 1892, a Escola Politécnica, em 1893, o Museu Paulista, em 1895, a Escola de Engenharia do Mackenzie, em 1896, a Escola Livre de Farmácia, em 1898, o Instituto Butantã, em 1899, a Escola Superior de Agronomia de Piracicaba, em 1901, a Escola de Comércio Armando Álvares Penteado, em 1902, a Escola de Comércio Mackenzie, em 1902. Os profissionais da área, dependentes de raros empregos técnico-burocráticos, num País tardiamente voltado para a ciência, encontraram nas publicações periódicas afins, o espaço para divulgação de suas pesquisas e demais atividades da área.

Diga-se que a construção daquela São Paulo da ciência, com seus institutos recém-criados ou em fase de implantação, tornou-se a meca de egressos da tradicional Escola Politécnica do Rio de Janeiro e mesmo de cientistas lá radicados. Daquela saíram e ocuparam cargos na Capital paulista assíduos colaboradores de

21. Sua criação data de 27 de março de 1886, lei n. 9 da Assembléia Legislativa de São Paulo. Ver Sílvia Fernanda de M. Figueirôa, *Um Século de Pesquisas em Geociências*, São Paulo, Governo do Estado, 1985, p. 13.

SBHI

revistas como Theodoro Sampaio, Afonso de Escragnolle Taunay, Augusto Ramos. A busca de novo mercado, sobretudo pela retração do Museu Nacional que, em tempos de República, não mais desfrutava do apoio do Imperador, motivou funcionários de seus quadros a optarem por São Paulo. A começar pelo cientista americano Orville Derby, aceitando convite para dirigir a Comissão Geográfica e Geológica do Estado, trazendo na oportunidade não só seu assistente Theodoro Sampaio como o alemão Hermann von Ihering, naturalista do mesmo Museu Nacional, que respondeu por 22 anos pela direção do Museu Paulista, assim como pela revista da Instituição; o engenheiro Euclides da Cunha, correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* na cobertura da Guerra de Canudos, que fiscalizou as construções públicas do interior paulista, criando em São José do Rio Pardo, junto com Francisco Escobar, um jornal-revista de cunho socialista, *O Proletário*.

Ao contrário da Academia de Direito, celeiro de filhos da oligarquia, a Escola Politécnica do Rio de Janeiro recebeu alunos de proveniência social vária, em particular apadrinhados e/ou oriundos do Exército; especialmente da Escola Militar. Já a geração formada pela Escola Politécnica paulista foi absorvida pela cidade em obras, configurando o profissional do momento, imprescindível, geralmente a serviço de monopólios estrangeiros, que presidiam o crescimento da Capital, a Light and Powers & Co., por exemplo. Na sua maioria, contudo, voltavam-se para a carreira burocrática, alocando-se na inchada Secretaria de Obras e Saúde Pública[22].

Uma exceção curiosa vem da atuação de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, de pseudônimo Juó Bananére. Formado em 1917 pela Politécnica de São Paulo, sempre recusou empregos públicos. Profissional autônomo, montou sociedade com Otávio Ferraz Sampaio em escritório técnico de construções, assinando projetos de inúmeros prédios, entre os quais o Palacete Chavantes, na Benjamin Constant. Concomitantemente, dedicou-se ao periodismo. A inclinação para a imprensa vinha de longe, exercitando-a quando adolescente no interior, já despontando a verve satírica. Participou da fundação de *O Pirralho*, junto com Voltolino, de *O Queixoso* e do *Estadinho*, tornando-se o terror dos políticos. Sua independência dos escalões do poder, uma vez autônomo e profissional liberal, o

22. Exemplo de Francisco Prestes Maia, que participaria do Plano das Grandes Avenidas em 1930, contumaz assinante de revistas científicas estrangeiras, tornou-se técnico exemplar do momento imediatamente posterior.

individualiza no quadro dos pares jornalistas. Singularizado, igualmente, pelo teor de sua produção, da percepção do ítalo-paulista e da fala "macarrônica", temática preferencial de seus artigos, assim como a identificação com a arquitetura neo-colonial, revelada em alguns de seus projetos. Um intelectual *raté*? A observação de Oswald de Andrade sobre o ex-amigo e posterior desafeto deve ser vista com reservas. Inúmeras diferenças pautaram as respectivas condutas e profissões[23]. Importa sublinhar a colaboração inovadora, a crítica aguda exercida naquele jornalismo pelo personagem múltiplo que foi o engenheiro, jornalista e crítico Alexandre Marcondes Machado.

Em torno da "Escola Normal da Praça"

Ao lado de bacharéis e engenheiros – profissionais freqüentes no periodismo paulista – a contribuição do professor foi decisiva, sobretudo aquela do professor normalista. Mais ainda quando egresso da recém-criada e modelar Escola Normal da Praça, instituição qualificadora da época, um dos caminhos para o reconhecimento social, alicerce de expressivas trajetórias. Conciliando magistério e imprensa, o professor normalista procurou qualificar-se pelas letras, exercitando seus pendores literários, quando não ensaiando o periodismo como negócio. Em sua maioria homens de origem social diversificada, produziram revistas e alguma literatura, divididos entre o pragmatismo da imprensa e a produção literária propriamente dita.

No Rio de Janeiro, o maranhense Coelho Neto cumpriu esse roteiro. Interrompendo o curso de Direito, iniciou-se como professor de História da Arte no Ginásio de Campinas e, mais tarde, como lente no afamado Pedro II, do Rio de Janeiro; cargo que aliado à atuação na imprensa levou-o a ascender à Câmara dos Deputados, chegando a Secretário de Governo do Rio de Janeiro, Diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, finalmente, Presidente da Academia Brasileira de Letras; o mineiro Afonso Arinos, contando com mais trunfos familiares que aquele, recém-formado bacharel, ocupou como professor concursado a cadeira de História do Brasil, no Liceu Mineiro, em Ouro Preto. De lá, fundou a Faculdade de Direito de Minas, em que assumiu a cadeira de Direito Criminal

23. Ver Elias Thomé Saliba, "A Dimensão Cômica do Dilema Brasileiro: Testemunhos da Belle Époque 1890-1914", *Cultura*, Petrópolis, Vozes, n. 1, jan.-fev. 1993, pp. 46-53.

e idealizou o Arquivo Público Mineiro, cuja revista – *Revista do Arquivo Público Mineiro* – resultou das mais importantes entre as congêneres. A posterior colaboração no jornal *O Estado de S. Paulo* e a direção do *Comércio de São Paulo*, em 1897, alavancaram ainda mais sua bem-sucedida carreira, concluída em Paris, onde faleceu, quando dirigia escritório comercial.

O magistério em escolas qualificadas conferiu renda digna e prestígio àqueles profissionais que conjuntamente se debatiam na imprensa; mais prestigiados ainda quando o concurso público os carreava para os Ginásios do Estado, criados em São Paulo pelo governo republicano, ou para a Escola Normal, em particular as modelares Escola Normal da Praça, mais tarde Caetano de Campos, Escola Normal de São Carlos e Escola Normal de Itapetininga. Os mestres João Kopke, Caetano de Campos, Roldão de Barros, Oscar Thompson, Gabriel Prestes, Cyridião Buarque, Sílvio de Almeida – nomes de procedência social e trajetórias várias – fizeram do magistério aliado à imprensa instrumentos oportunos de inserção nos quadros dirigentes. Através das revistas, divulgaram suas obras e feitos, as reformas de ensino, projetos e críticas que pontuaram a inicial organização escolar republicana.

O exemplo de Sílvio de Almeida ilustra o significado do professor nesse quadro de carreiras que emergiu com a República, e que se valeu do periodismo como meio de colocação efetiva. Bacharel, sem exercício da carreira, optou pelo magistério, reconhecido como filólogo e pedagogo[24]. Criou a *Revista de Filologia Portuguesa*, tornou-se lente de literatura do Ginásio do Estado e fundou o colégio que se transformou no Instituto de Ciências e Letras. Casou-se com sua prima e conterrânea Presciliana Duarte de Almeida, responsável pelo lançamento da revista *A Mensageira*. Juntos, dedicaram-se à administração do conceituado Ginásio Sílvio de Almeida, na alameda Ribeiro da Silva, em São Paulo e à criação da Academia Paulista de Letras, da qual ambos fizeram parte. Em 1905 escrevia na *Ilustração Brasileira*; em 1909, na *Gazeta Artística*, ao lado de Presciliana[25].

24. Sílvio de Almeida nasceu em 1867, em Pouso Alegre, onde cursou o primário, prosseguindo o ginásio no Rio de Janeiro. Ingressou na São Francisco, turma de 1892, iniciando-se no jornalismo através do *Diário Popular* e redigindo em *A Paulicéia*, folha jurídico-literária. Estreou nas letras com versos e dedicou-se aos estudos filológicos. Obras de Sílvio Tibiriçá de Almeida: *Efêmeras*, com introdução de Raimundo Correa, São Paulo, 1898; *Antigo Vernáculo, Estudos*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967. Ver Raimundo Magalhães, *op. cit.*, v. 1, pp. 53-54.

25. Nas publicações, ao lado de seu nome, estava sempre o de sua esposa Presciliana Duarte de Almeida, assim como ao lado do nome do poeta Júlio César da Silva, o de sua irmã Francisca Júlia. Essa participação con-

Nessa mesma chave de pedagogos envolvidos com a imprensa, porém sem os trunfos sociais de Sílvio de Almeida, está Arthur Goulart. Egresso do magistério, mas identificado com a imprensa periódica, Arthur Goulart [Penteado] resultou no estereótipo do literato paulistano que viveu do magistério e cultivou o periodismo[26]. À sombra da Escola Normal, nasceu o jornalista. Como aluno, ali redigiu *O Neófito*, dirigindo mais tarde, como redator-chefe, a *Revista da Escola Normal*; concomitantemente, colaborou no *Correio Paulistano* e fundou o *Clube Republicano Normalista.*

Se a carreira do magistério lhe deu sobrevivência econômica, foi no periodismo que se colocou, considerando sua vocação para as letras, exercitando-se em inúmeros gêneros, responsável por múltiplas publicações, numa intensa participação nas folhas e revistas periódicas. Em 1893 criou a *Revista Moderna*; em 1896, publicou a *Biografia de Alexandre de Gusmão*, na recém-criada *Revista do Instituto Histórico de São Paulo*, reduto fechado de conceituados colaboradores. A proeza seguinte foi a criação da revista literária *Capital Paulista* [1899-1901], em que homenageava um escritor por número, inclusive estampando-o na capa. A falta de colaboradores o levou a multiplicar sua participação no periódico, assinando seções e artigos sob os pseudônimos de Arthur Romero e Rui de Goa, em geral no mesmo número, onde também se registrava a contribuição de Francisco Gaspar, companheiro de sempre. Em *A Semana*, de 1902, escrevia ao lado de Presciliana Duarte de Almeida; assim como em *Minerva* entre 1903 e 1905; em 1905, junto com Francisco Gaspar, fundou *A Nova, revista mensal de letras e artes*, cujo último número, em 1910, dedicou à cobertura do Segundo Congresso de Geografia realizado em São Paulo.

Precursor da literatura infantil paulista, publicou em 1900 *Literatura Infantil, Monólogos, Recitativos, etc. para Crianças;* em 1902, redigiu o *Novidades.* Sua colaboração não se restringiu às revistas paulistanas, estendendo-se a *O Dia*, *O Diário* e *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro; *A Seara* e *O Diário*, de Santos; *A*

junta configurou um bloco coeso, marcado pela mesma origem social e trajetórias profissionais semelhantes, com vinculação a um nome feminino de brilho.

26. Arthur Goulart nasceu em São Paulo em 2 de outubro de 1872; iniciou as primeiras letras com o irmão, cursou os preparatórios e ingressou na Escola Normal, diplomando-se em 1890. Formado, ocupou a direção das escolas de Mogimirim [1891], redigindo no *A Comarca*; após lecionar no 4º distrito da Capital [1894], retirou-se para o Rio Grande do Sul, retornando em 1897 como diretor do Grupo Escolar de Botucatu. Faleceu em 1910 no cargo de diretor do 3º Grupo Escolar do Bráz. Raimundo de Menezes, *op. cit.*

Comarca, de Mogimirim; *Correio da Noite* e *Correio do Povo*, de Campinas; *O Lutador*, de Descalvado; *A Cidade*, de Bragança; *O Apóstolo*, de Avaré; *A Opinião* de Carangola, Minas Gerais; *Gazeta*, de Uberaba; *Revista Franco Italiana*, de Nápoles, Itália; *A Madrugada*, de Lisboa. Em contrapartida, familiarizado com as tipografias que serviam ao periodismo, ali publicou parte de sua obra, às próprias expensas, como era de praxe à época[27]. O empenho em exercitar-se nas letras levou-o a uma prática incomum entre seus pares, isto é, a correspondência com Phileias Lebesgue, Florian Parmentier e Rémy de Gourmont, que traduziram para o francês alguns de seus contos.

O exemplo de Arthur Goulart reforça o significado do periodismo para a colocação literária, ainda que tratando-se de agente desprovido de trunfos sociais e de participação na grande imprensa. A importância desse professorado para o periodismo paulista não se esgotou em seu papel de letrados que criaram, dirigiram e/ou colaboraram nas revistas. Mais do que isso, fomentaram a imprensa periódica no interior das escolas, prática desenvolvida pelo corpo docente e discente, às voltas com uma produção de ideário homogêneo, voltada para a divulgação de valores patrióticos elegendo as datas cívicas, os temas indigenistas e a magnificação da natureza como assuntos recorrentes.

Escola e periódico resultaram em espaços privilegiados para o exercício das letras, aquela estimulando talentos, que só puderam se evidenciar através das oportunidades da imprensa, ou ainda criando seu próprio órgão de divulgação, ou a revista de suas fantasias e projeções literárias.

O escritor Álvaro Guerra, nome dos mais presentes naquele periodismo, confirma a regra[28]. De origem humilde, desenvolveu sua aptidão literária a partir da escola, cobrindo duas décadas da produção periodística de São Paulo, com rica participação na imprensa. Em 1889 passou a exercer o magistério secundário no Colégio São João Evangelista, em Resende. Já escrevera em *O Constitucional*, de Macaé e redigira a revista literária *O Colibri* no Externato Amor e Ciência. Transferindo-se para São Paulo em 1895, ingressou na redação do *Comércio de São*

27. Obras de Arthur Goulart publicadas pelas tipografias Andrade & Melo, Vanordem e Maré Monti & Cia; outras obras, como o romance *Memórias de um Guarda Noturno*, pelo *Correio da Noite*; *Vingança Terrível*, pelo *Lutador*, de Descalvado; *Brasileiros Notáveis* por *A Comarca*, de Mogimirim e pelo *Correio de Amparo*, da cidade de mesmo nome.

28. Álvaro Guerra nasceu em 1868 em São João Baptista do Arrosal, Município de Piraí, Rio de Janeiro. Em Resende, no ano de 1888, completou o preparatório para medicina, sem ingressar no curso. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, p. 598.

Paulo, passando para o *Correio Paulistano* como cronista e crítico literário. A convite de Afonso Arinos retornou ao *Comércio*, desenvolvendo em 1905 intensa atividade. *Íris, revista mensal de letras, ciências e artes, dedicada às famílias e à mocidade das escolas*, de 1905, foi sua criação mais bem-sucedida. Voltava-se para a divulgação de perfis de homens "talentosos mas obscuros", a campanha de nacionalização do teatro, a resenha de livros, contos e poesias. Nesse mesmo ano colaborou em *A Internacional* e *Palladium*, publicações de destaque na Paulicéia. Em 1910 estava em *A Farpa*; em 1920, na *Orkidea*.

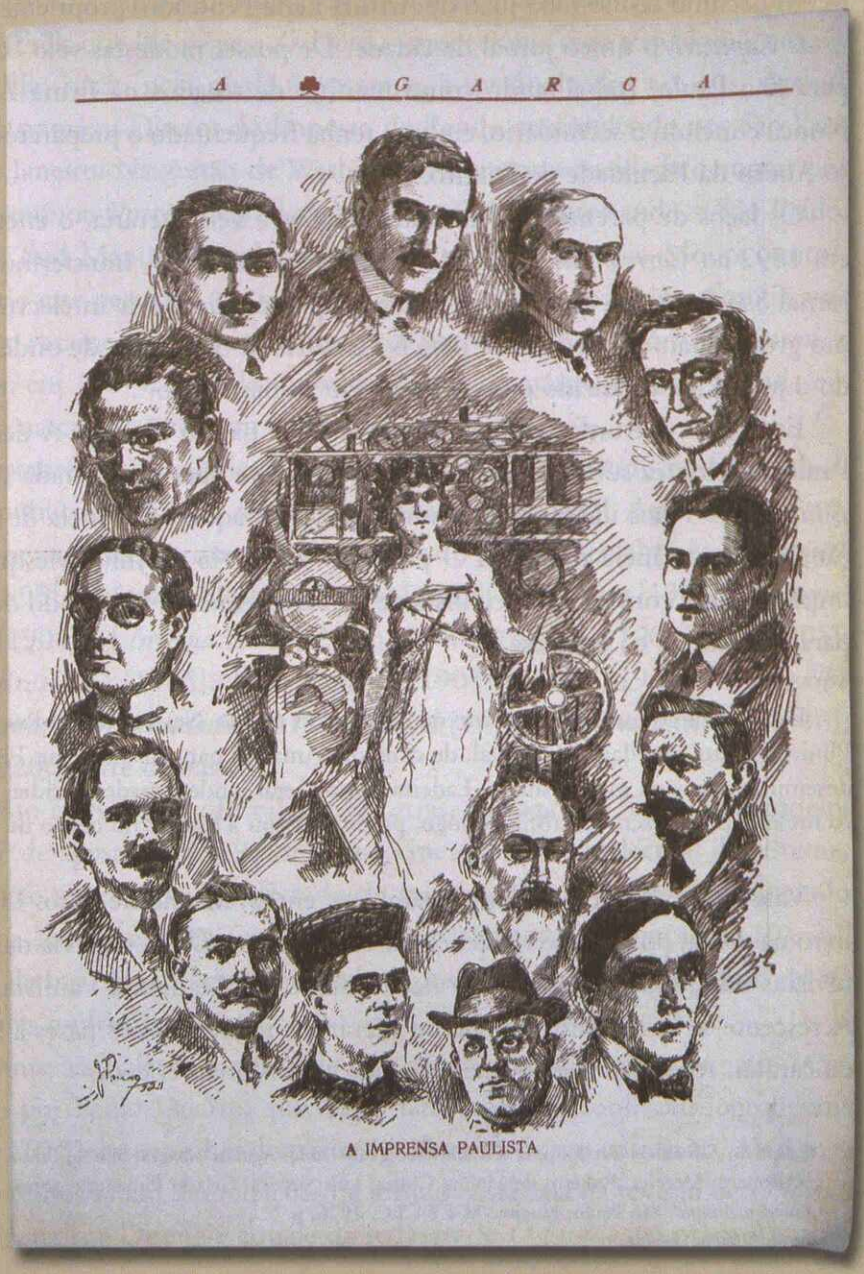
Desde 1909 abandonara o jornalismo na grande imprensa para dedicar-se ao magistério e à colaboração nas revistas. Daquele provinham os rendimentos módicos mas seguros. Faleceu em 1942, com 74 anos, após a entrada na Academia Paulista de Letras, vaga de Almeida Nogueira, consagração que corroborava, à época, o sucesso do obscuro autor, nascido em São João Baptista do Arrosal.

Não obstante o sucesso da carreira de alguns, especialmente daqueles que se colocaram na imprensa, a figura do professor guardava o estigma de profissional idealista, alijado econômico, ocupando lugar menor na sociedade de classes que se vinha formando. O romance *Professor Jeremias* resultou emblemático desse personagem. Seu autor, Léo Vaz, cumprira trajetória no magistério, iniciando-se como mestre-escola no interior, abandonando a atividade pelo jornalismo ao colocar-se em *O Estado de S. Paulo*. Antonio Figueiredo o situa no grupo dos "jornalistas da tarimba" do *Estado*[29], do qual faziam parte Nestor Pestana[30], Afonso Schmidt[31], Sud Menucci, Guilherme de Almeida, Galeão Coutinho, Paulo Gonçalves.

O exemplo maior, contudo, representação mais acabada de prestígio derivado da produção literária e da atuação periódica, conjugando magistério, funcionalismo e imprensa, foi dado por Amadeu Amaral.

29. Léo Vaz, nome literário de Leonel Vaz de Barros, nascido em Capivari [SP] a 6 de julho de 1890. Polígrafo de seu tempo, foi professor, bibliotecário da Faculdade de Direito de São Paulo [1921-1923], da Assembléia Legislativa, jornalista de *O Estado*, supervisor da *Revista do Brasil*, membro da Academia Paulista de Letras, ensaísta, crítico, romancista. Obras: *O Professor Jeremias*, São Paulo, Saraiva, s/d; *Ritinha e Outros Casos*, São Paulo, 1923; *O Burrico Lúcio*, São Paulo, Saraiva, s/d.
30. Nestor Pestana fundou *O Jornal*, em Santos e *A Notícia*, em São Paulo.
31. "Afonso Schmidt, desvencilhou-se do jornal, vivendo para um jornal. Tenho-o em conta de um dos melhores jornalistas literários dos nossos tempos. Ninguém o suplanta na arte de dar ritmo e harmonia às bugigangas diárias. [...] Tem o defeito da hora. Comunista... Defeito que é até sua melhor qualidade, porque seu comunismo vem de longe, dos idos de sua infância irrequieta. Sincero, portanto...", Antonio Figueiredo, *op. cit.*, pp. 197-198.

A Imprensa Paulista na Visão do Periodismo • A alegoria da imprensa e seus principais agentes. Distinguem-se, entre outros, Júlio de Mesquita, Nestor Rangel Pestana, Amadeu Amaral, Medeiros e Albuquerque, José Maria Lisboa, Garcia Redondo e Monteiro Lobato. *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 1.



Amadeu Amaral: Trunfos de um Autodidata

Amadeu Amaral resultou na unanimidade do período, talvez o nome mais freqüente daquele periodismo. Originário de tradicional tronco paulista, nasceu em 1875, na fazenda da família, entre Monte-Mor e Capivari, filho do fazendeiro em declínio econômico João de Arruda Leite Penteado, proprietário da *Gazeta de Capivari*, o único jornal da cidade. De posses modestas veio com 11 anos para São Paulo, trabalhando como menino de recados na firma *Lion & Cia.* Nunca concluiu o secundário, embora tenha freqüentado o preparatório do Curso Anexo da Faculdade de Direito.

Os laços de parentesco e amizade, aliados à veia literária, o encaminharam em 1892 ao *Correio Paulistano*. Aí permaneceu até 1905, transferindo-se para o jornal *São Paulo*, em que conviveu com grupo qualificado de intelectuais. O mesmo grupo chamou-o em 1908 para o *Comércio de São Paulo*, de onde saiu quando o jornal foi adquirido por grupo ligado ao hermismo[32].

Em 1910, o trunfo decisivo com a entrada para o *Estadão*. A descrição que Paulo Duarte fez sobre a formalização do convite para sua entrada no jornal *O Estado de S. Paulo* ilustra os meandros de acesso àquela instância de representação, de importância nacional. O primeiro sinal veio de Júlio Mesquita, que se impressionara com o fervor civilista de Amadeu Amaral, cogitando de seu nome para os quadros da empresa.

> Daí o encargo que, do secretário da redação do *Estado*, Nestor Rangel Pestana, recebeu Plínio Barreto, já redator do jornal, de convidar Amadeu para ali trabalhar. Plínio Barreto, desempenhou-se da missão indo à Ladeira Porto Geral, onde Amadeu residia. Nos primeiro meses, apenas escrevia crônicas; logo, porém, passou a figurar no corpo de redatores[33].

Vale lembrar que Amadeu Amaral era, então, um nome feito. Literato com livro na praça, pois em 1899, aos 24 anos, publicara *Urzes*, escrevia nas principais revistas da cidade, colaborando na fundação da Academia Paulista de Letras. Acrescente-se aos trunfos do talento literário a referência dos pares à sua firmeza de caráter, reconhecimento unânime dos profissionais coevos.

32. Grupo do *São Paulo*, que foi para *O Comércio de São Paulo*: Agenor Silveira, Simões Pinto, Adalgiso Pereira, Roberto Moreira, Roberto de Molina Cintra, Luís Silveira, Gelásio Pimenta e outros. Paulo Duarte, *Amadeu Amaral*, São Paulo, Hucitec/SCET-CEC, 1976, p. 5.
33. Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 9.

A trajetória profissional foi típica do homem de letras sem ambição, que à instância de amigos poderosos e sob a proteção desses, colocou-se no funcionalismo. Ocupou o cargo de Oficial de Gabinete do Chefe de Polícia da época, Dr. Antonio de Godói e trabalhou na Secretaria de Justiça. Em 1922, seguiu para o Rio de Janeiro como secretário da *Gazeta de Notícias*, enviando sua crônica diária para *O Estado*. Em desavença com a direção da *Gazeta*, reduziu-se aos 400$000 réis que lhe pagava *O Estado*, importância com a qual não sustentava a família; razão pela qual, novamente à instância dos amigos, Arthur Bernardes o nomeou Diretor do Imposto de Renda, respondendo por São Paulo e Rio de Janeiro. Na gestão de Washington Luís, a necessidade de optar por Belo Horizonte ou Porto Alegre levou-o à demissão, regressando a São Paulo. Na Capital, Sud Menucci o colocou como diretor do Ginásio Moura Santos. Entremeando este percurso, outras tantas lutas. A morte dos pais, a família ampliada com o casamento e quatro filhos, a obrigatoriedade de retornar ao interior (São Carlos, em 1907), onde lecionou em curso primário, a saúde abalada e a recuperação na casa da mãe, em Anápolis.

Não obstante as vicissitudes do cotidiano difícil, sua produção foi notável. Em 1910, publicou *Névoa*, já ao gosto parnasiano; em 1917, *Espumas*. Dos nomes mais presentes nas revistas de todo o teor do período, colaborou em *Revista Literária* [1895]; *Boêmia* [1896]; *Paulópolis* [1903]; *Via Láctea* [1903]; *O Pequeno Polegar* [1904]; *A Internacional* [1905]; *A Vida Moderna* [1905]; *Íris* [1905]; *Ilustração Brasileira* [1905]; *Vida Paulista* [1905]; *Ronda* [1908]; *O Pirralho* [1911]; *Revista dos Educadores* [1911]; *A Vespa* [1916]; *Revista do Brasil* [1916]; *Orkidea* [1920], entre outras.

O ingresso na Academia Brasileira de Letras, na vaga de Olavo Bilac, cadeira n. 15, em 7 de agosto de 1919, foi o passo inevitável ao intelectual do sistema, com produção sintomática do período de transição então vivido. Considerado sincretista na classificação de Tasso da Silveira para poetas da geração de 10 e 20, guardou-se de sua obra a estética parnasiana, inscrita nesse período difuso de escolas literárias múltiplas.

Importante assinalar o carisma de que se revestia sua figura, registro também legado por Paulo Duarte, que, bem mais jovem, o conheceu logo depois da gripe de 1918, testemunhando parte significativa de seu cotidiano. Altas madrugadas e ambos saíam das redações de jornais. Este saía da revisão de *O Jornal do Comércio*, na rua Direita e aquele da redação de *O Estado*, na praça Antonio

Prado. Após o encontro no Café Acadêmico, nos "quatro cantos"[34], seguiam a pé pela madrugada, Consolação acima. Na esquina da rua Antonia de Queiróz se separavam, em percurso de anos a fio, amizade corroborada mais tarde pelo convívio diurno no próprio *Estado*, onde Paulo Duarte entrou por intermédio de Amadeu Amaral.

> Amadeu era um homem profundamente sereno. Alto, magro mas espadaúdo, cabelo e pele claros, herança da mãe [...], denunciava a sua serenidade até no andar. Olhos azuis, garços, muito grandes, davam a impressão de estar olhando ao longe, mesmo quando fitava alguém. Sua voz era um pouco rouca, sempre baixa e muito calma, e tomava uma grande expressividade quando conversava, falava em público ou lia versos ou prosa em voz alta, o que gostava muito de fazer. Até fins de 1917 ou 1918, usava grandes bigodes, como era moda, trambolho de que se libertou, dando ao rosto a sua verdadeira expressão de tristeza tranqüila. Era proverbial a sua bondade. Não há quem se lembre de haver ele levantado a voz a quem quer que fosse. Nunca falava de seus desafetos, todos gratuitos, a não ser para ressaltar um traço positivo[35].

O envolvimento com as revistas não se limitou à colaboração constante. Além de redator principal ou secretário editorial, empenhou-se em participar de publicações que tivessem sentido no mercado, num ensaio de obter das letras o sustento que empregos adversos lhe proporcionavam. A nomeação para Diretor do Imposto de Renda, cargo do qual demitiu-se por ter que permanecer por mais tempo em atividade penosa, fora do circuito de seus pares, confirmava a incompatibilidade com a função burocrática. Alguns experimentos marcantes revelam a abrangência de sua participação no setor periódico e editorial[36]. A começar pela redação da revista infantil *O Pequeno Polegar*[37], em 1904, uma das primeiras publicações voltadas para a criança, propriedade da Livraria Magalhães. Entre 1910 e 1915, a redação da bem elaborada *A Farpa*, de Mário Sampaio Ferraz, revista em que exercitou inclusive a veia humorística, abrindo-a com poema jocoso. Em 1915, a participação no *Queixoso*, órgão de sátira ao governo de Altino Arantes, iniciativa informal do grupo do *Estadão*. Em 1916, co-partícipe da fundação da *Revista do Brasil*, colaborando desde seu primeiro número, lançando aí parte de

34. Assim era conhecida a esquina da Direita com a São Bento, pois a praça do Patriarca ainda não existia.
35. Paulo Duarte, *op. cit.*, pp. 28-29.
36. Da primeira revista que fundou, em 1891, com José Máximo Pinheiro Lima, a *Revista Literária*, localizou-se apenas um exemplar no IHGSP. A única menção sobre esta iniciativa está em Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 4.
37. *O Pequeno Polegar. Revista bimensal para meninos*, São Paulo, 1904, n. 1.

suas obras, a começar por *Espumas*, *O Elogio da Mediocridade*, *O Dialeto Caipira* e *Letras Floridas*. Num ensaio de editoração, aceitou o convite de Olegário Ribeiro para dirigir um desafio de mercado, a coleção "dos mais notáveis novelistas nacionais", *A Novela Nacional* – "livro bom e bonito ao alcance de todos". O primeiro volume era de sua autoria, *A Pulseira de Ferro*. Seguia-lhe Lobato com *Os Negros*. A iniciativa constituía-se em mais um passo em busca da editoração livreira, ensaio que, iniciado nas revistas, procurava agora avaliar a viabilidade do lançamento de livros módicos, no tamanho e no preço, inferindo a potencialidade da população leitora do País.

Importa situar Amadeu Amaral no mercado das letras do período em apreço. A participação intensa no periodismo decorreu da particular conjuntura que presidiu a trajetória desse autodidata, sem profissão definida mas profundamente identificado com as práticas culturais do período. Certo que dispunha de talento, todavia, pesaram fortemente em seu percurso os trunfos adquiridos pela origem e posições políticas, que lhe favoreceram a entrada no jornal *O Estado de S. Paulo*, granjeando amizades nas mais diversas esferas, relacionando-o aos escalões privilegiados do País. O envolvimento com acontecimentos marcantes da vida cultural paulistana foi efetivo. Amadeu Amaral esteve na criação da Academia Paulista de Letras [1909]; da Sociedade de Cultura Artística [1912], onde proferiu a conferência inaugural; na fundação da *Revista do Brasil* [1916]; na fundação da Liga Nacionalista [1917] e ocupou a Presidência da Comissão de Defesa da Língua [1917]. Não participou da Semana de 1922. Assistiu-a como espectador sensível e sereno, sem repúdios às manifestações da nova estética que se buscava implantar. Consta que, entre os nomes conceituados que não aderiram ao movimento, só dois tiveram um olhar compreensivo para com o fato: Amadeu Amaral e João Ribeiro. Na década de 1920, a última de sua vida pois morreria em 1929, envolveu-se com a política como candidato a deputado estadual, mais ainda com as Academias e decididamente com o folclore. Embora perdendo na política e decepcionando-se com a Academia, foi com o folclore que produziu obra de fôlego, configurando uma das formas de descoberta do Brasil, entre as tantas em curso naquela transição.

"Cavaleiro andante das Academias", poeta parnasiano que chegou a esboçar o trabalho *O Parnasianismo no Brasil...*[38], foi autor que coexistiu em dois tempos.

38. Paulo Duarte, *op. cit.*, p. 173.

Antes e depois de 1922. Não obstante seu olhar receptivo para a manifestação dos "modernos", a memória sobre sua atuação subtraiu-lhe todo e qualquer papel renovador. Antes, confinou-o a rótulos definitivos que selaram sua representação nas letras, estigmatizando-o como póeta parnasiano, com livro prefaciado por Vicente de Carvalho, protótipo de intelectual vinculado aos cânones passadistas, alvo preferencial da crítica dos novos. Homem de seu tempo, ensaiou à sua maneira, com cabedal próprio e sensibilidade, a ansiada renovação que se pretendia. As revistas do período foram seu espaço de eleição, em que exercitou formas e gêneros literários, da poesia humorística aos estudos sobre o Estado e a Nação. Acima disso, ao dirigir a *Novela Nacional*, sem perceber, participava de mais uma fundação. Aquela da editoração no Brasil, uma vez que desta iniciativa de Olegário Ribeiro nasceria a editora Lobato & Olegário Ribeiro, de importância no inicial parque editorial paulista.

Imprescindível, porém, evocar aqui um contraponto de Amadeu Amaral.

Batista Cepelos: Biografia de Exclusão

Manuel Batista Cepelos, nascido em 1872, da mesma geração de Amadeu Amaral, tão assíduo quanto aquele nas ruas do *Triângulo* e nas rodas literárias, cumpriu trajetória anômala naquele cotidiano[39]. De origem humilde, fez carreira na Força Pública e ao abandoná-la envolveu-se com as letras, presença freqüente no periodismo em voga. Credenciado pelo ingresso nas Arcadas, onde tardiamente se formou bacharel, com poemas publicados, exerceu a função de promotor no interior paulista e mereceu reconhecimento de seus pares coevos. Por outro lado, estigmatizado pela origem humilde, mulato, altivo para a so-

39. Manuel Batista Cepelos nasceu em 10 de dezembro de 1872, em Cotia, vilarejo nos arredores de São Paulo, filho de João Batista Cepelos, professor de escola rural e Maria Dinis Cepelos. Em dezembro de 1889, tão logo proclamada a República, veio com o irmão para São Paulo, recebido por parentes. A necessidade de um emprego o levou a assentar praça no Corpo Policial de Permanentes, futura Força Pública do Estado. Ali fez carreira, chegando aos 21 anos ao posto de capitão. A despeito de carreira brilhante, insatisfeito com o ofício, ingressou nas Arcadas em 1898, bacharelando-se em 1902. Alocou-se no Ministério Público, publicou sua obra em livro e contratou casamento com figura de alta posição social, a filha do senador Peixoto Gomide, então vice-presidente do Estado. Às vésperas do casamento, a noiva foi assassinada pelo próprio pai que, em seguida, se suicidou. Apesar do apoio de amigos, Cepelos nunca se recuperou. Foi encontrado morto num quintal de Cantagalo, cidade do Rio de Janeiro onde deveria responder pela promotoria. Ver Raimundo de Menezes, *op. cit.*, v. 2; René Thiollier, *Episódios de Minha Vida*, São Paulo, Anhembi, 1956, pp. 9-48; João Gualberto de Oliveira, *Batista Cepelos, Cantor do Bandeirismo*, São Paulo, 1962.

ciedade do tempo, foi relegado ao esquecimento pelo seu percurso marginal e fatídico.

Sua inserção neste quadro é imperiosa. Figura absolutamente identificada com o jornalismo e as letras, respondeu pela produção de poesia e prosa incomuns à época. Iniciou-se na Faculdade de Direito, colaborando na *Revista Azul, Vida Paulista* [1905] e *Ilustração Brasileira* [1905]. Nesta última, o questionário para eleição do melhor poeta de São Paulo apontava como vencedor Vicente de Carvalho. Corajosamente, o combativo crítico e bacharel Francisco Lagreca discordou, insistindo na superioridade de Cepelos. Na ocasião, enumerou os nomes de valor literário, relação que fixou nas páginas de uma revista, um momento literário:

> Júlio César da Silva; Ezequiel Ramos; Francisca Júlia da Silva, que tantos aplausos tem conquistado apesar de seu marmóreo parnasianismo; Adolfo Araújo; Júlio Prestes; Sílvio de Almeida e Amadeu Amaral. Não lhe falta em arte o que sobra em política em Júlio Mesquita. O melhor estilista é Adolfo Araújo; [...][40].

Em 1908, o festejado poeta Vicente de Carvalho respondia a uma enquete semelhante no jornal *O Comércio de São Paulo*, então dirigido pelo também poeta Alberto de Sousa. Sua opinião corroborava a importância de Cepelos, dividindo-se entre as qualidades de Venceslau de Queirós, Amadeu Amaral e do próprio Batista Cepelos[41].

Num arroubo típico da época de polígrafos de plantão, Batista Cepelos lançou em 1909, no Brás, um jornal de sua propriedade, o matutino *Diário da Manhã*. Secretariado pelo combativo Francisco Lagreca, tinha um colaborador quase menino: Oduvaldo Viana. Na seqüência de sua obra delineou-se o nacionalista extremado, identificado com as tradições de sua terra, especialmente aquelas de São Paulo. Seu ápice – o sucesso de *Os Bandeirantes*, lançado em 1906 com prefácio de Olavo Bilac e segunda edição em 1908[42] – consagrava a representação paulista, na exaltação da figura épica do bandeirante, seu ícone recorrente.

40. *Ilustração Brasileira*, São Paulo, 1905, n. 3.
41. João Gualberto de Oliveira, *op. cit.*, p. 21.
42. Bibliografia: *A Derrubada* [poemeto] 1895; *O Cisne Encantado* [poema] 1902; *Os Bandeirantes* [poema] 1906, 1908; *Os Corvos* [crônicas] 1907; *Vaidades* 1908; *Surtos e Quedas, Batalhas da Vida. Evangelho dos Pobres*, com pref. de Araripe Junior 1899-1908; *Maria Madalena* [peça bíblica, poema dramático] 1915; *Sensações da Vida* [contos extraviados] e *O Vil Metal* [romance] 1910.

Promotor público, em princípio aceito pelos pares, participava da roda de René Thiollier nos cafés *Guarany, Java* e *Girondino.* Trajando-se com apuro, morando no *Triângulo,* num quarto acima da Tabacaria XPTO, na confluência da rua São Bento com a rua Direita – antes de existir a Praça do Patriarca –, acertou noivado com Sofia Gomide, bem mais jovem, filha do senador Peixoto Gomide. Não obstante a reticente aprovação paterna, acordou-se o casamento. Nas vésperas, a tragédia. O pai, inconformado com a proximidade do enlace, assassinou a filha a tiros, suicidando-se em seguida.

A imprensa de 20 de janeiro de 1906 noticiava o fato. Ou melhor: o escândalo. O jornal *O Estado de S. Paulo* revelou sobriedade e qualidade jornalística, não se furtando à descrição possível dos acontecimentos, em texto da lavra do próprio Júlio Mesquita, numa das páginas mais fortes e competentes daquele jornalismo[43].

O golpe aniquilou o poeta. Não obstante o apoio de amigos, sua decadência física e profissional foi progressiva. Retirou-se do convívio habitual, tentou colocar-se em vão como advogado, redigiu em periódicos do Rio de Janeiro e, sintomaticamente, em 1910, trouxe a lume através da Editora Cruz Coutinho seu romance *Vil Metal.* Nele, reproduzia a argentária sociedade paulistana, marcada pela pecúnia, captada com propriedade pelo autor. Nos idos de 1914 chegou a produzir uma peça teatral – *Maria Madalena* –, encenada em 1915.

Neste mesmo ano, sob a influência do amigo e deputado federal Martim Francisco, foi nomeado promotor público em Cantagalo, no Rio de Janeiro. Não chegou a tomar posse. Seu corpo foi encontrado no dia 8 de maio de 1915, após rolar de uma pedreira no subúrbio. No julgamento de um de seus raros e tardios biógrafos, "com a lápide de seu túmulo, desceu também o silêncio sobre o grande bardo"[44].

Sua contribuição literária é reconhecida pela crítica. Parnasiano na forma, segundo Bilac descobrira um novo caminho à poesia nacional, voltando-se para a poesia do bandeirismo. Nesse sentido sinalizou a atmosfera patriótica que impregnava a Capital, em confronto corajoso com o bovarismo em voga. Analista arguto da sociedade de seu tempo, reproduziu em *Vil Metal* o cotidiano da cidade, num registro sensível e agudo de sua gente, sua evolução urbana, os valores em voga, sua mentalidade. Com sua morte em 1915, sepultou-se também parte

43. *O Estado de S. Paulo,* 20 jan. 1909.
44. João Gualberto de Oliveira, *op. cit.*, p. 28.

daquela retórica patriótica e parnasiana, cara à geração que cantou o bandeirismo às margens do Tietê.

Às vésperas de 1922, o ambiente cultural na Capital paulista, mais que nunca, multifacetara-se. A criação da Academia Paulista de Letras em 1896, o surgimento do editor Monteiro Lobato em 1918, o espaço qualificador dos jornais de grande circulação, *O Estado de S. Paulo*, *O Comércio de São Paulo*, *A Gazeta* e a definição de novas áreas profissionais resultaram em alternativas para inserção do intelectual e/ou agente cultural do período. Concomitantemente, do embricamento de posições daquelas gerações literárias às vésperas da *Semana*, brotou uma literatura de autores periféricos, que se opunham à Academia e negavam o parnasianismo. Vera Chalmers reforça suas contradições:

> [...] a sua situação é, por vezes, ambígua porque alguns entre estes escritores boêmios são membros da Academia, ou então protegidos de alguma figura eminente na política, de quem dependem para a obtenção de um pequeno emprego burocrático. Pelo outro lado, fica sublinhada a sua ligação com a vida extraliterária, a subliteratura e o jornalismo[45].

Seu registro confirma o jornalismo ainda percebido pelo seu lado *gauche*, valendo para os novos autores sua ligação com a "vida extraliterária e a subliteratura", colocando-se em revistas em que figuravam como porta-vozes credenciados de grupos de expressão.

Nestas circunstâncias, a revista foi o instrumento decisivo para a colocação e reconhecimento público; e nesse sentido, talvez a melhor representação de produção daquele momento provenha de *O Pirralho, semanário ilustrado de importância... evidente*, fundado em 1911. Iniciando com jornalismo panfletário, ao final "literatizou-se", reunindo em seu corpo editorial nomes tão diversos como Amadeu Amaral, Vicente de Carvalho, Otávio Augusto, Afonso Celso, Cornélio Pires, Alexandre Ribeiro Marcondes [Juó Bananére], Paulo Setúbal, Simões Pinto, Theo Dias de Andrade, Taunay, Olavo Bilac, o próprio Oswald e o traço de Voltolino.

Não obstante a participação expressiva de representantes da estética parnasiana[46], outros escritores ensaiavam novas formas de expressão, confirmando que já se alastrara o regionalismo, fosse na recuperação de tipos urbanos – caso de

45. Vera M. Chalmers, *op. cit.*, p. 39.

46. Curiosamente Vicente de Carvalho, tido como o poeta mais importante, pouco aparece nas revistas compulsadas. Não se registrou sua direta participação na criação de revistas.

SIhi

José da Costa Sampaio, o José Agudo[47] –, ou daqueles do interior, resgatados no âmbito da língua e dos hábitos, nas obras de Amadeu Amaral, Cornélio Pires e Valdomiro Silveira. Nomes de qualificação heterogênea, davam o tom naquela imprensa dividida entre jornalistas e literatos.

Mais fidedigna daquele panorama, a apreciação do jornalista Antonio Figueiredo vinha pouco lisonjeira ao meio, confirmando a superioridade da produção jornalística e literária do Rio de Janeiro:

> Efetivamente o ambiente não podia ilustrar a ninguém. O jornalismo se mostrava de uma subalterna materialidade. Não estava em voga o jornalismo literário, e a politiquice indígena produzia uns ínfimos capatazes, com títulos de estadistas. Dos colaboradores literários em evidência, destacarei dois: Sílvio de Almeida e Alfredo Pujol. O primeiro foi um menino prodígio [aos quinze anos compararam-no a Victor Hugo], anquilosara seu cérebro no estudo do vernáculo. Os artigos, sob o título *Divagações*, pareciam-nos maçudos e indigestos. Alfredo Pujol mantinha a colaboração *Os meus Domingos*, em que explorava um fato qualquer da semana. Advogado acima de tudo, tomava as colunas do jornal como meio de reclame, para efeito da tabuleta com seu nome, afixada à porta do seu escritório ou da sua residência. A estes dois podiam ser acrescentados: um tal Drusos, que escrevia *Cartas da Alemanha*; Oliveira Lima, versando problemas de história e política internacional e, de onde em onde Luiz Pereira Barreto, Arnaldo Vieira de Carvalho e Vitor Godinho. Especialidades destes três últimos: a pecuária, forragens e medicina. Em geral, o utilitarismo desta colaboração, que além do mais não era freqüente, fazia com que os neófitos literatos estabelecessem paralelo entre o fecundo jornalismo carioca e o árido jornalismo paulista. No Rio sim, havia jornalistas que escreviam bem e todos os dias: Alcindo Guanabara, Medeiros e Albuquerque, Carlos de Laet, Eduardo Salamonde[48].

O espaço de exercício e convívio de figuras tão díspares era aquele das revistas. Mas, não só. Cruzavam-se amiúde nas ruas do *Triângulo*, reunindo-se no espaço preferencial de sociabilidade da época: os cafés e *brasseries*. Vale uma incursão.

47. José Agudo, *Gente Rica. Cenas da Vida Paulistana*, São Paulo, O Pensamento, 1912; *Gente Audaz. Cenas da Vida Paulistana*, São Paulo, O Pensamento, 1913.
48. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, p. 72.

"Cafés" da Paulicéia: Lugares de Sociabilidade

Para determinado grupo, especialmente aquele dos bacharéis, o pátio das Arcadas constituía-se no espaço privilegiado das relações sociais, convívio que permearia suas trajetórias profissionais, fosse de burocratas, homens públicos ou de letras. Em outro âmbito, função decisiva coube às redações dos jornais, cujo convívio solidário e instigante de seus agentes determinava a configuração de especial camaradagem, reforçando afinidades e projetos comuns. Em particular, as redações de *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *O Comércio* e *A Gazeta*, onde nasceram fecundas amizades, que conjugaram iniciativas políticas e literárias, especialmente a prática periódica. Inúmeras revistas foram concebidas na vigília daquelas salas, traçadas pela proximidade de seus pares. Algumas, mais explicitamente, desenvolveram-se como extensão dos grandes jornais, conformando outra dimensão de suas linhas editoriais. A revista *O Queixoso*, em 1916, ilustra esta circunstância com propriedade, criada por grupo de jornalistas de *O Estado* para oposição à administração de Altino Arantes. O título, alusivo à figura prognata de Arantes, se fazia acompanhar de caricaturas que deixavam claro a que vinham, em ataque direto ao grupo do poder.

Indefectíveis, contudo, naquelas relações de sociabilidade, o espaço dos Cafés. Entre eles, reinando absoluto na preferência, entre 1904 e 1914, o *Café Guarany*, implantado na XV de Novembro, defronte da travessa do Comércio, no mesmo bulício do *Triângulo*, onde já se encontravam as Arcadas e as redações dos jornais. Certo que havia o *Brandão*, o *Girondino*, o *Java*, o *Caridade* e os diversos *Acadêmicos*; mas o *Guarany* sobressaía-se dentre todos. Vale percorrê-lo com Afonso Schmidt:

Um salão enorme para aquele tempo. Mesas de mármore, cadeiras austríacas. Compridos bancos laterais com espaldares de couro. No fundo um estrado com grades. Nesse estrado, a orquestra. As valsas de Lehar e Strauss estavam em moda. Ali se reuniam médicos, advogados, jornalistas prósperos, políticos de certo prestígio e, principalmente estudantes. Lá em cima havia bilhares. Um clube não sei de quê. Na porta, um preto velho, gordo, de *cachenê*, desempenhava as funções de leão de chácara[49].

Teria espelhos à volta? Este registro não se guardou. De dia à noite, varando a madrugada, em atmosfera febril, a freguesia segmentava-se. Pela manhã e à tarde era o Café de negócios e empreendimentos para encontro de comerciantes e corretores. À noite, engalanava-se, até com orquestra, quando a freqüência diversificava-se, com assiduidade de políticos, jornalistas e homens de letras. Após a meia-noite, tão logo acabavam os espetáculos nos teatros das imediações – o Santana, São José e Politeama – vinha a revoada das famílias para um breve lanche, antes de tomar o bonde para os bairros. Fechamos na calada da noite, ainda com Schmidt:

Ali pelas duas horas, o salão já estava quase deserto. Caixeiros apagavam lâmpadas incandescentes. Na meia escuridão só permaneciam animadas as mesas do fundo. Eram os retardatários, que vinham das reuniões sindicais. O Pimenta dos "Gráficos", o João Freire dos "Garçons", o Antonelli da "Construção Civil e Anexos" e os jornalistas menos prósperos. Redatores, tipógrafos e revisores dos matutinos instalados nas proximidades entravam de gola erguida, as mãos nos bolsos, por causa do frio. [...] O tempo era de penúria. Eu, para ser franco, não dispunha todas as noites dos quatro tostões para a média com pão quente. Mas os caixeiros eram uns camaradões. Havia aquele careca [Deus lhe fale na alma...] que, nem eu bem acabava de fazer a merenda, gritava para dentro:

– Está pago. Suspenda a louça!

E o garçom mais próximo arrebatava pratos e xícaras, sem importar-se com reles questões de dinheiro[50].

Lá fora, na cidade vazia, é Monteiro Lobato, assíduo freqüentador, quem dá notícia do rumo de seus clientes boêmios:

[...] quando a roda levanta acampamento do *Café Guarany* e se põe a perambular pelas ruas garoentas, a velha poesia volta[51].

49. Afonso Schmidt, *São Paulo de Meus Amores*, *op. cit.*, p. 126.
50. *Idem*, p. 127.
51. *A Barca de Gleire*, *op. cit.*

Não fora apenas um Café. Em 1900, funcionara como "escritório" do semanário burlesco *O Garoto*, ilustrado por Raul, vendido por módicos 100 tostões, conforme anúncio de página inicial: "Escritório: mesa do canto do *Café Guarany* ou no olho esquerdo da rua". Na expectativa de obter anunciantes, o semanário dirigia-se ao "comércio inteligente" veiculando a força da propaganda[52].

Além de "escritório", *O Guarany* era importante ponto de distribuição dos periódicos, vendidos e anunciados em suas dependências, provavelmente na charutaria anexa. Em 1903, a nacionalista *Via Láctea*, de Jorge Costa, trazia anúncio do *Café Guarany*, corroborando seu papel aglutinador da intelectualidade paulistana: "O único procurado pela intelectualidade de São Paulo". Em 1905, a vitoriosa *A Vida Moderna*, com Garcia Redondo na direção, valia-se de uma ocorrência da vida econômica do País para divulgar o estabelecimento: "*Café Guarany*, a casa que promoveu a valorização do café. Serviço modelar. Ponto elegante da cidade".

A Casa de inúmeros papéis, emblemática da São Paulo dos anos de 1910, mais ainda da vida literária e periodística da cidade, conjugava em suas mesas escritórios, endereços, encontros diários de amigos, rodas literárias, profissionais afins, socorrendo inclusive os que deixavam o interior para alguns dias na Capital como referência de encontro seguro: "Sábado próximo, ao meio-dia, no *Café Guarany*. Está bem? *Ciáo...*"[53]. Ainda em 1915, *O Tagarela*, na seção "Tagarela Sportivo", informava: "Diz-se: que o ponto dos footballers é a porta do *Guarany*"[54]. Presença marcante no cotidiano local, foi parar nas páginas do romance *Gente Rica*, de José Agudo, ao flanar dos personagens, descrito como ponto de "agrupamento de bacharéis em perspectiva, que ali costumam expor diariamente aos transeuntes pacatos o irrepreensível corte das calças vincadas e dos paletós cintados [...]"[55].

Sabe-se ainda que à direita da entrada estava o vendedor de estampilhas, tendo por vizinho ao fundo o charuteiro, local exato da venda de revistas. Ainda em 1919, era o café preferido de Lobato. Já editor da *Revista do Brasil*, referindo-se às pressões diárias dos novos, admitia:

52. *O Garoto, op. cit.*
53. Afonso Schmidt, *op. cit.*, p. 127.
54. *O Tagarela*, São Paulo, 1915, n. 1.
55. José Agudo, *Gente Rica, op. cit.*, pp. 26-27.

Felizmente há o banho desodorante de todas as noites no *Café Guarany* – ou o que o Renée [refere-se ao Thiollier] com cara de nojo, deve chamar a "roda do Lobato". Um dia te conto o que é a minha roda. Compõe-se dum pau d' água, dum tungador engraçadíssimo, dum empregado de banco e mais coisas assim. Conversa-se de tudo, menos de literatura e arte; e a obrigação é só dizer coisas interessantes e que façam rir – e todos nós rimos continuamente ainda que não haja graça. O tungador é um prodígio de gíria malandra; conta com tal graça as patifarias que faz, que até as vítimas se regalariam, se o ouvissem. Nenhum deles sabe que sou escritor, porque eu funciono com uma coisa só: o "pagante". Ninguém compreende que eu me reúna todas as noites a essa roda, diante de chopes lá no *Guarany*, em vez de estar conversando sobre os sonetos do Bilac[56].

A exemplo dos velhos Cafés do centro, *O Guarany* não ficou imune às transformações do *Triângulo*. Transformações de costumes e transformações físicas. Aquelas, introduzindo o hábito das refeições na cidade, quando *O Guarany* virou restaurante, potencializando economicamente seu imenso espaço para serviços mais rendosos que o simples cafezinho; estas, levando-o à demolição, valorizando seu espaço na construção de um arranha-céu.

Mas havia ainda a confeitaria *Castelões*, inaugurada em 1893, propriedade do Major Carlos Castellões e Pierre Brielmayer, localizada no antigo largo do Rosário. Era o local preferido das famílias, que, entre duas e meia e quatro da tarde, ali tomavam sorvete e comiam doces. Saíam em seguida, porque às cinco era hora das cocotes de alto coturno, que então tomavam conta do local até a noite[57]. Ao tempo da praça Antônio Prado, o *habitué* era Vitaliano Rotellini, fundador do *Fanfulla*, figura local boêmia e querida.

A Confeitaria *A Paulicéia*, na rua XV de Novembro, marcou igualmente o período. Ali, Vicente de Carvalho fez a primeira leitura de seu poema *Rosa, Rosa de Amor*; também a freqüentou Amadeu Amaral, recém-chegado do interior, com o manuscrito de seu primeiro livro de versos e posterior sucesso, *Urzes*. Afonso Schmidt menciona as "orgias literárias", sobretudo quando Vicente de Carvalho e Francisco Escobar vinham de Santos...[58]

O local também era freqüentado pelas famílias, no hábito de tomar sorvete na cidade, após o jantar; ou para ver-se e ser visto, através dos "espelhos dos dois lados, enquanto o reflexo recíproco estendia as imagens dos candelabros de cris-

56. *A Barca de Gleire, op. cit.*, v. II, pp. 196-197.
57. Bóris Kossoy, *op. cit.*
58. Afonso Schmidt, *op. cit.*, p. 172.

tal até o infinito", conforme o depoimento de Jorge Americano[59]. O chope, que veio depois, afastou as famílias; a *Paulicéia* virou *Progredior*, e logo desapareceu.

No pós-guerra, contudo, os apelos do Centro passaram a ser de outra ordem. As casas de chá, anunciadas nas revistas de público mais sofisticado, recebiam as famílias para o *five o'clock tea* tão em voga. A elegante *Sports*[60] mencionava a *Mappin Webb*, ao tempo da XV de Novembro e seu salão de chá ao fundo, com vista para a várzea do Carmo e Brás; mais tarde, já na praça do Patriarca, ampliou o bar e virou restaurante. Concomitante, veio a moda das *Brasseries*, onde imperavam as cervejas.

A mais elegante era a *Brasserie Paulista*, na praça Antônio Prado. Em 1922, a *São Paulo Ilustrado* fazia propaganda de sua transformação "no mais lindo ponto de reunião da elite paulistana". Verticalizou-se, passando para cima a fábrica de doces, com escadas e elevadores[61].

Também naquele ano, a mesma revista divulgava a inauguração do *Palace Café*: "a afamada terra do café não tinha, até há pouco, nesse ramo do comércio, uma casa que reunisse as condições de elegância, asseio e bem estar que se desfrutam no *Palace Café*" considerado o mais luxuoso café da cidade[62].

Nestes espaços, contudo, não obstante a presença de famílias em horários adequados, infere-se uma sintomática exclusão: a da mulher das letras, submetida a códigos de conduta que impediam-na de desfrutar dos mesmos espaços de sociabilidade masculinos.

59. Jorge Americano, *op. cit.*, p. 37.
60. *Sports*, *op. cit.*, 1919, n. 1.
61. *São Paulo Ilustrado*, *op. cit.*, n. 61.
62. *Idem*, n. 62.

Uma Ausência Instigante[63]

Apartada do circuito cotidiano dos polígrafos masculinos, a mulher escritora não freqüentava as Arcadas, não se reunia nas sedes de redações, muito menos nos Cafés literários em voga. Privada do hábito dos salões, comuns no Rio de Janeiro, mas raros ainda em São Paulo, produziram seus textos no âmbito do lar, já questionando a postura recôndita e discreta que culturalmente lhes coubera. Não é descabido, pois, que na primeira parte deste capítulo se registrasse tão-só a colaboração periódica masculina, a despeito da significativa contribuição da mulher através das bem-sucedidas "revistas femininas". No conjunto da produção periódica paulistana elas só apareceram expressivamente naquele espaço e nas revistas pedagógicas em curso. Algumas exceções, contudo, se fizeram presentes em publicações de teor vário, com participações alicerçadas nos capitais de origem e de trajetória, que as autorizou a colocarem-se na imprensa. A começar pelo exemplo da autora mais lida e festejada na época, a escritora Júlia Lopes de Almeida.

Pois eu, em moça, fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido. Sentia, ao mesmo tempo, a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas... De repente um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretária: "Já vai, já vai"[64].

63. Esta avaliação complementar das mulheres escritoras do período conjuga-se à análise do periodismo feminino realizada no subcapítulo *A Produção de Uma Nova Mulher*, do cap. V.

64. O episódio vem narrado em Paulo Barreto, *Momento Literário*, *op. cit.*, pp. 25-26.

SIhi



(Photographia Tullio M.—Cliché *Chacaras e Quintaes*).

A grande escriptora brazileira D. Julia Lopes de Almeida, uma das mais queridas collaboradoras da popular CHACARAS E QUINTAES

«Em vez de acoroçoar a melancholia das tuas pequenas, suspirando por alegrias estinctas e assignando-lhes jornaes de modas que ellas não podem seguir nessas paragens benignas, assigna de preferencia revistas agricolas, instructivas, alegres, que lhes deêm noções aproveitaveis de industrias campestres e as induzam a um trabalho propicio e benefico em favor da sua linda propriedade. . . . . .

«Acredita que o campo brazileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua lartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos do carinho, de actividade, de amor á natureza, levando-o assim na esteira da sua intelligencia para um futuro melhor.»

Dos «Correio da Roça» *d'O Paiz.*

Nota do Editor: — Mães brazileiras assignae de preferencia, entre as revistas agricolas do paiz, a *Chacaras e Quintaes*, que é um magazine leve, variado, interessante e util. A assignatura annual custa tão sómente 10$000!
Pedidos e vales ao editor: Conde Amadeu A. Barbiellini — Rua da Assembléa, 32 — S. PAULO.

Tanto maior é a ventura quanto menos dura.

A Oportunidade da Mulher no Periodismo e Vice-versa • A participação da escritora Júlia Lopes de Almeida nas páginas de *Chácaras e Quintais* foi benéfica para ambas. A autora ocupava um dos espaços de maior veiculação da época, atingindo novos públicos, enquanto a revista qualificava-se pela sua participação, chamariz para a leitora feminina. *Almanak Agricola Brazileiro*, São Paulo, Editora Chácaras e Quintais, 1912.

É sintomática a reminiscência da consagrada escritora relativa ao susto, quando surpreendida pelo pai a escrever um poema às escondidas, em seu quarto. Reação inusitada, pois foi exatamente seu progenitor, o médico Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Valentim, homem esclarecido do Império, quem a induziu posteriormente a publicar no jornal *O Estado de S. Paulo*, oportunidade rara na época. O fato ilustra o estranhamento do hábito de escrever da mulher, a velada culpa por expor-se, postura encontrada mesmo numa representante de categoria social elevada, vivendo as transformações de hábitos do fim do século.

Não obstante a latente censura à mulher escritora, data desse momento sua colocação com mais vigor em letra impressa, fosse no papel de colaboradora, redatora, diretora e/ou criadora de periódicos. Sua produção – ainda que veiculada por órgãos inofensivos à ordem vigente e em princípio reforçando valores femininos secularmente predeterminados pelo viés masculino – veio com uma carga de coragem e transgressão incomuns para a época. Acabaram por produzir obra de laivos contestadores, conquistando espaços e abrindo portas não só das revistas mas da grande imprensa e mesmo da Academia Paulista de Letras[65].

Seus nomes? Em ordem cronológica e com os atributos classificatórios para sua ampla aceitação: Francisca Júlia da Silva, filha de juiz de direito, irmã do poeta Júlio César da Silva, casada, sem filhos, considerada excelente poeta parnasiana de seu tempo, ainda que em cotejo com Bilac e coevos; Presciliana Duarte de Almeida, filha de juiz, editora de *A Mensageira*, casada com seu primo, o bacharel, filólogo e educador Sílvio de Almeida, assíduo colaborador das revistas da época; Júlia Lopes de Almeida, a de maior sucesso mercadológico, romancista, com títulos no mercado em tiragens de milheiros de muitas edições, casada com Filinto de Almeida, português, diretor do órgão de maior circulação em São Paulo, *O Estado de S. Paulo*; Zalina Rolim, casada com o desembargador José Xavier de Toledo, Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo por dezoito anos, respondendo por cargos administrativos na Educação, enquanto veiculava produção diversificada, de poesias à trabalhos didáticos; Ibrantina Cardona, esposa do jornalista Francisco Cardona, também proprietário de casa tipográfica, residiu em Campinas e São José do Rio Pardo, produzindo poemas e colaborando nas revistas da época[66].

65. Ver Maria de Lourdes Eleutério, *op. cit.*

66. Sobre Ibrantina Cardona, embora o casamento reforçasse os vínculos com o mundo editorial, só publicou

Slhi

Também para elas, a marca da consagração era a entrada nas páginas de *O Estado de S. Paulo*. Diga-se que o jornal apresentava receptividade incomum para com a participação da mulher na vida pública. Em 1911 anunciava a recente inauguração da Universidade Feminina Literária e Artística, fundada na Capital pela Sra. Altina Jardim. Seu programa incluía cursos e conferências patrocinados por Washington Luís, Vergueiro Steidel, Caio Prado, Alfredo Pujol, Júlio Mesquita, Aguiar de Andrade e Antonio Prado Junior. A abertura seria com uma conferência de Júlia Lopes de Almeida, sobre o tema "A Mulher e a Guerra"[67].

No tocante à produção de escritoras paulistas – senão de origem, pelo menos estabelecidas no Estado – importa reforçar que suas trajetórias foram marcadas por algum talento, mas sobretudo por trunfos sociais coincidentes. No geral, provinham de famílias tradicionais, quando não abastadas, unindo-se por casamento a figuras de destaque no quadro social e cultural, especialmente Presciliana Duarte de Almeida, Júlia Lopes de Almeida, Zalina Rolim e Ibrantina Cardona. O convívio com as rodas literárias permitiu-lhes a inserção no meio intelectual, aprovando-lhes a conduta de mulheres que moderna e "adequadamente" se colocaram no impresso. A competência da poeta parnasiana Francisca Júlia, reverenciada pelos seus pares masculinos, qualificou o periodismo feminino, com participação em *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário Popular* e nas revistas *O Álbum* [RJ], *A Semana* [RJ], *Boêmia*, *A Paulicéa* [capa] 1896, *Educação* 1902, *São Paulo Ilustrado* 1904, *A Vida Moderna* 1905, *Ilustração Brasileira* 1905, *Orkidea* 1920.

Amor, Família e Pátria foram apelos constantes naquela produção homogeneizando o discurso da Ordem. Não obstante, ali também aflorou muita sensualidade, num ensaio de despudoramento consentido, em que a mulher procurava seu verdadeiro lugar. A poeta e escritora Gilka Machado assumiu esta fala, marcando sua produção pela transgressão temática, cultivando "rimas cheirando a pecado"[68], não temendo expor-se através da paixão. Alguns aspectos de sua biografia a singularizam naquele contexto e explicam, em parte, o avanço de sua obra. O nascimento em 1893 já a situa numa geração etária e literária imediatamente posterior àquela das mulheres escritoras mencionadas, nascidas nas décadas de

sua obra em livro em 1922, com a coletânea de poesias *Heptacórdio*; ainda em 1951 lançou *Cosmos*, vindo a falecer em 1956.

67. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov. 1911 ou 1919, p. 4. Não se obteve mais informes sobre a iniciativa da Universidade Feminina.

68. Humberto de Campos, *Crítica*. 2ª série, *op. cit.*, pp. 272-275.

SIhj

60 e 70 do século XIX. Por outro lado, originária de uma família de artistas, colocava-se numa conjuntura diversa da ambiência social daquelas. Raimundo de Menezes sintetiza sua linhagem artística:

> [...] filha do poeta Hortêncio da Gama Souza Melo. Sua genitora e suas tias foram atrizes de teatro, seu avô materno o violinista português Francisco Pereira da Costa. Era bisneta do repentista baiano, Francisco Moniz Barreto. Sua tia, Maria Selica da Costa, inspirou a Olavo Bilac tamanho amor, que o levou a pedi-la em casamento, segundo cartas do poeta. [...] Casou-se em 1910 com o poeta simbolista Rodolfo de Melo Machado[69].

Crescendo em atmosfera de valorização cultural e de extrema sensibilidade, desconhecendo no ambiente familiar parte das restrições impostas às mulheres de seu tempo, encontrou condições para explorar temas e posturas, de ordinário recriminadas pela sociedade. Não sem dificuldade. A par de uma crítica elogiosa, sua obra foi objeto de crítica ferina, acoimada de inverter os papéis, "apressando-se ela em dizer aos homens, como poetisa, certas coisas que devia esperar que eles lhe dissessem primeiro", conforme registro de Agripino Grieco, que finalmente reconhecia seu talento[70]. Não por acaso, ao lado de Júlia Lopes de Almeida, Gilka Machado foi das escritoras do período que mais títulos publicou em livros[71], assim como foi uma das grandes colaboradoras de revistas, solicitada sobretudo pelas publicações de maior circulação.

Importa sublinhar que o conjunto periódico trabalhado permitiu dimensionar algumas posturas e parte da produção do universo feminino na virada do século. Da leitora em potencial do século XIX, aprisionada pelo romance e circunscrita às práticas de leitura na intimidade do lar, desabrochou a mulher que ousou se expor através das letras. Da leitura de romances para a escrita do diário e o cultivo do gênero epistolar, ingressaram nas páginas do impresso, pela via do periodismo. As revistas, em particular, constituíram-se no veículo quase exclusivo e preferencial daquela colocação, abrigando a produção inaugural de mulheres que, posteriormente, colocaram-se em livro, solicitadas pela emergente editoração paulista.

No caso de São Paulo, aquela colaboração, ainda que fugaz, nas páginas de *O Estado de S. Paulo, Correio Paulistano* ou *Diário Popular* funcionava como auto-

69. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, v. III, p. 743.
70. Agripino Grieco, *Evolução da Poesia Brasileira*, pp. 114-116.
71. *Cristais Partidos* [poesias] 1915; *Estados de Alma* [poesias] 1917; *Mulher Nua* [poesias] 1922; *Meu Glorioso Pecado* [poesias] 1928; *Carne e Alma* [poemas escolhidos] s/d; *Sublimação* [poesias] 1938; *A Revelação dos Perfumes* [conferência literária] 1916.

rização oficial para o ingresso nas letras, possibilitando-lhe o seqüente trânsito na imprensa. Não só como escritoras, mas delineando uma atuação empresarial incomum no universo feminino, que ia da fundação ao gerenciamento do empreendimento periódico. Iniciativa coroada de sucesso, singular no campo editorial da época. São comprobatórios os exemplos de Anália Franco, com as revistas *Álbum das Meninas* e *Vóz Maternal*, Presciliana Duarte de Almeida, com *A Mensageira*, e, particularmente, no posto de editora e administradora competente, Virgiliana Salles de Souza, fundadora e diretora da *Revista Feminina*, o periódico feminino então de maior tiragem e circulação.

O objetivo deste balanço não se voltou para a qualificação literária de suas obras, mas procurou percebê-las social e culturalmente, registrando a emergência e configuração de suas inquietações e inserções. Neste rastreamento, aflorou outro papel decisivo do gênero periódico revista, instrumento viabilizador de seu ingresso nas letras, fosse pelas limitações editoriais da época ou mesmo e, sobretudo, pelas restrições que encontravam para exposição e divulgação de suas idéias no campo literário.

A revista, conforme vezo de apresentação do periodismo feminino, foi a "amiga da mulher", sua solidária na busca de espaço e representação na restritiva sociedade do tempo. Vistas até então como "amáveis e gentis colaboradoras", passaram a ser solicitadas por editores que, enquanto reconheciam o apelo da escrita "feminina" naquele periodismo, já se rendiam ao talento efetivo de muitas delas.

Com o quadro a seguir, reproduzindo parte de suas trajetórias, encerramos este capítulo. Insista-se tão só que, na difícil inserção na sociedade excludente do tempo, a mulher escritora – que não freqüentava os Cafés – encontrou nas revistas o instrumento adequado e favorável para colocar-se em letra impressa. Mais do que isso, naquelas páginas construiu seu espaço de legitimação.

* * *

Se as revistas foram a modalidade de sucesso, consolidando a segmentação tipológica e de público, permitindo inclusive a emergência de uma produção literária, outra contribuição expressiva falta ser revelada: aquela da reportagem mais propalada, o tema de maior sucesso que se veiculou pelas páginas revisteiras. Sim, pois, neste folhear, uma temática foi recorrente, quase um *leit-motiv* a perpassar aquela produção. Refiro-me à cidade de São Paulo, cantada em verso, prosa e imagem, em termos grandiloqüentes e ufanistas. Sua incidência no periodismo da época demanda consideração especial. Ou melhor. Seu tratamento em capítulo final.

QUADRO XVIII. MULHERES ESCRITORAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

NOME	NASCIMENTO / MORTE	FILIAÇÃO	EDUCAÇÃO
Júlia Valentina da Silveira **Lopes de Almeida**	1862 / 1934 (Rio de Janeiro, RJ).	Médico Valentim José da Silveira Lopes (Visconde de São Valentim); Adelina Pereira Lopes.	1ª letras com a mãe.
Presciliana Duarte de Almeida	1867 (Pouso Alegre, MG) / 1944 (São Paulo, SP).	Tenente Coronel da Guarda Nacional Joaquim Roberto Duarte; Rita Vilhena de Almeida Duarte.	1ª letras, Pouso Alegre.
Anália Emília **Franco**	1856 / 1919 (São Paulo, SP)	Teresa Franco e Antônio Maria Franco	Escola Normal.
Júlia Cortines Laxe	1868 / 1948 (Rio Bonito, RJ).	Advogado, orador e deputado João Baptista Cortines Laxe; Júlia Cortines Laxe.	1ª letras com avó, Colégio Inglês Niterói, professora.
Ibrantina de Oliveira **Cardona**	1868 (Nova Friburgo, RJ) / 1956 (São José do R. Pardo, SP).	Advogado Thomas A. D'Oliveira; Izabel F. de Oliveira.	
Maria **Zalina Rolim** Xavier de Toledo	1869 (Itapetininga, SP) / 1961 (São Paulo, SP).	Juiz José Rolim de Oliveira Ayres; Maria Cândida do Amaral Gurgel.	Escola Normal.
Francisca Júlia da Silva Münster	1874 (Xiririca, SP) / 1920 (São Paulo, SP).	Advogado Miguel Luso; professora Cecília Isabel da Silva.	1ª letras com a mãe, Escola Normal.
Gilka da Costa de Melo **Machado**	1893-1980 (Rio de Janeiro, RJ).	Poeta Hortêncio da Gama Sousa Melo; Teresa Costa (atriz).	

QUADRO XVIII. MULHERES ESCRITORAS NO PERIODISMO PAULISTANO (1890-1922)

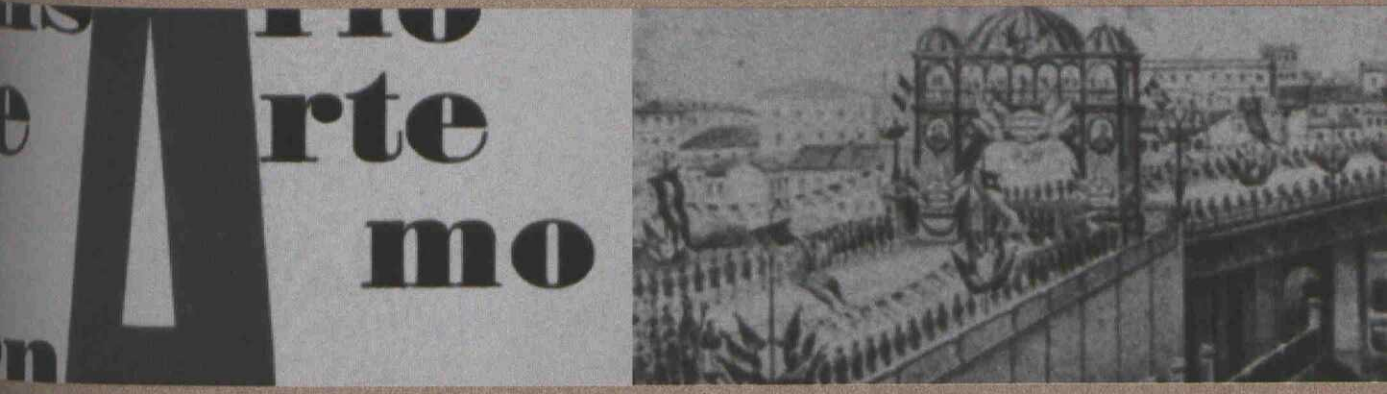
TRUNFOS SOCIAIS	PROFISSÃO / CARREIRA	OBRA / GÊNERO	ATUAÇÃO JORNAIS / REVISTAS
Família tradicional. Posses médias. Marido diretor de *O Estado de S. Paulo*. Roda literária.	Casamento em 1887 com Filinto de Almeida, português, diretor da revista *A Semana* com Valentim Magalhães. Mãe de família. Escritora.	Estréia na *Gazeta de Campinas* em 1881, com crítica teatral. Romances. Contos. Comédia. Folhetim.	**Colaboradora:** *Gazeta de Campinas, Revista A Semana* RJ, *Jornal do Comércio, O País* RJ, *O Bromofórmio* 1906 SP, *Chácaras e Quintais* SP e outras.
Família tradicional. Posses médias. Casamento com Sílvio de Almeida, educador e filólogo. Roda literária. Proprietária de *A Mensageira*.	Casamento em 1892 com Sílvio de Almeida. Escritora. Proprietária e Diretora de revista. Co-fundadora da Academia Paulista de Letras e primeira mulher a tornar-se acadêmica. Mãe de família escritora.	Estréia adolescente em jornalzinho de sua direção, em Pouso Alegre. Versos. Ensaios. Literatura infantil.	**Colaboradora:** *A Semana* 1902 SP, *Educação* 1902, *A Crônica* 1908, *Gazeta Artística* 1909. **Fundadora:** Jornalzinho manuscrito *O Colibri* na adolescência, rev. *A Mensageira* 1899- 1901.
Escola Normal. Filantropia. Escritora.	Professora primária. Fundadora de asilos para crianças abandonadas e viúvas com filhos.	Romance. Poesia. Comédia. Opereta. Teatro. Obra didática.	**Fundadora:** *Álbum das Meninas* 1898, *Vóz Maternal.* **Colaboradora:** *A Família* 1888, *A Semana, Educação* 1902, *Almanaque de Senhoras de Lisboa.*
Família tradicional. Viagens para Europa. Domínio de francês e inglês.	Professora. Celibatária.	Poesias. Impressões de Viagens. 1º livro *Versos*, com pref. de Lúcio de Mendonça.	**Colaboradora:** *O País* RJ, *Álbum Imperial* SP 1906, e outras.
Casamento com jornalista Francisco Cardona, Campinas.	Escritora.	Poesia.	**Colaboradora:** *São Paulo Ilustrado* 1904, e outras.
Escola Normal. Casamento com José Xavier de Toledo, Desembargador Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo por 18 anos.	Profª. Escola Modelo. Subinspetora do Jardim Infância da Praça. Homenageada pelo Centro Professorado Paulista; saudada por Sud Menucci.	Poesia. Contos. Trabalhos pedagógicos. Poesias sacras. Catecismo em poesia para cânticos na Igreja.	**Colaboradora:** *A Mensageira, A Bohemia* 1896, *Revista Azul* 1896, *O Álbum das Meninas* 1898, *Educação, Revista de Ensino, São Paulo Ilustrado* 1904, e outras.
Aclamada pela crítica e prestígio pelo real talento.	Casamento e dedicação ao lar.	Estréia em *O Estado de S. Paulo*. Poesia. Mármores. *Livro de Infância. Esfinges. Alma Infantil. Poesias.*	**Colaboradora:** *OESP, Correio Paulistano, Diário Popular, O Álbum* RJ, *A Semana* RJ, *Bohemia* SP, *A Paulicéa* (capa) 1896, *Educação* 1902, *São Paulo Ilustrado* 1904, *A Vida Moderna* 1905, *Ilustração Brasileira* 1905, *Orkidea* 1920.
Bisneta de repentista baiano; neta de violinista português; filha de poeta; mãe e tias atrizes teatrais; casada com o poeta Rodolfo Machado.	Precoce. Começou a escrever ainda menina. A Maior Poetisa do Brasil, segundo concurso de *O Malho*, em 1933.	Estréia em 1915 com o livro de poesias *Cristais Partidos.*	**Fundadora:** Revista *Festa*, com Cecília Meireles. **Colaboradora:** *Panóplia* e outras.

Fonte: Maria de Lourdes Eleutério, *Esfinges e Heroínas: A Condição da Mulher Letrada na Transição do Fim do Século*, tese de doutorado, FFLCH-USP, 1997.

Slhi

7

São Paulo: Uma Matéria de Sucesso



[...] a história da imprensa paulistana é a própria história intelectual e política, é a documentação mais abundante e valiosa da história da evolução social moderna de nossa terra, em suas ramificações várias, porquanto *São Paulo, máximo expoente da civilização e do progresso brasileiros, reflete com intensidade extrema todas as irradiações de uma perfeita nacionalidade adiantada.*

Afonso de Freitas[1]

1. Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 1132, grifo nosso.

SIhi

Cidade Mercadoria: A Venda de uma Imagem

[...] a história da imprensa paulistana é a própria história intelectual e política, é a documentação mais abundante e valiosa da história da evolução social moderna de nossa terra, em suas ramificações várias, [...]

Com este registro ufanista, Afonso de Freitas, bacharel, jornalista, geógrafo, historiador da imprensa paulista, representante da primeira geração do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, concluía em 1914 sua *História da Imprensa Periódica de São Paulo*, trabalho modelar no gênero. Homem de seu tempo, testemunha das céleres transformações em curso, não pôde ficar infenso à apoteose paulística que desfilou sob seus olhos, no manuseio de centenas de revistas da Capital.

Aprisionado pela grande reportagem que aquele periodismo produziu sobre a cidade, seria difícil visualizar outra imagem, tal a profusão de celebrações veiculadas em torno da "Paulicéia", da "Capital Artística", da "Cidade do Progresso". São Paulo foi divulgada em sua materialidade e pujança, sendo minimizados, quando não abafados, os registros de tensão, os conflitos urbanos, os dramas de toda ordem. Inúmeros recursos nortearam os disfarces, presididos pelo brilho do cuchê, o trabalho fino das aspirais de guirlandas *art nouveau* e iluminuras, a fotogravura sempre ordenada e gloriosa – das recepções em palácio aos féretros com muita pompa –, das visitas ilustres que chegavam à Estação da Luz, dos edifícios públicos suntuosos, que surgiam na paisagem asséptica do espaço que se queria saneado.

O folhear das revistas revelou a cidade como palco, abrindo-se para viver o seu projeto de Ordem e Progresso. Nele, o espaço público foi idealizado. O lugar do cidadão republicano, que comportava novas identidades, sociabilidades múltiplas, condutas diversas, foi amalgamado pelo olhar classificador de uma imprensa comprometida com a reportagem impactante, que garantia a venda e que trazia o lucro. Ao réporter, novo profissional na praça, cabia farejar o inusitado, o extravagante, valendo-se da técnica a serviço da imagem, que possibilitava qualificar e conferir verossimilhança à matéria sobre o Progresso. Toda rapidez da "novidade" precisava ser registrada. São Paulo, cujo ritmo de construção de imóveis foi num crescendo contínuo – sendo construída, por volta de 1928, uma casa em menos de uma hora e meia –, prestou-se idealmente à pauta da reportagem, modalidade jornalística então em voga[2].

Acrescente-se que a formulação da idéia urbana, atrelada à idéia sanitária, encontrou na fotografia o recurso ideal de sua propagação, reproduzindo imagens quase imaculadas, no cenário traçado a compasso, sugerindo asseio, relações civilizadas e castas, conforme inspiração do utilitarismo inglês[3]. Em lugar das febres e doenças endêmicas – surtos crônicos associados à imagem que se tinha lá fora do Brasil – estampava-se o serviço de saneamento em ação, a inauguração do edifício do Desinfectório Público; à desordem urbana, contrapunham-se os desfiles impecáveis da Força Pública do Estado, em cerimonial ditado pela Missão Francesa; o controverso cotidiano operário desaparecia nas reportagens de exaltação da indústria paulista, com seus proprietários triunfantes, exibindo o maquinário moderno e as amplas instalações; quanto às greves, resultavam, isto sim, em oportunidades para reportagens fotográficas impactantes, estampando praças e ruas tomadas pela multidão, cena desconhecida nos ralos centros urbanos de um País ainda marcantemente rural.

A celebração do Progresso, a invenção da tradição, a cunhagem de um mito, o espaço da Ordem, foram temáticas reproduzidas nas revistas paulistanas, que fizeram da cidade sua principal reportagem. Subjacente à sua divulgação estava a apologia do novo Estado. Na seqüência de clichês e slogans propalados pelo periodismo, inferiu-se a criação do mito da pujança paulista, acompanhado da con-

2. Em 1901, registram-se 289 construções para um total de 6.867 em 1928. *Brasilia, organe officiel de la chambre de commerce franco-brésilienne*, Paris, 1935, nouvelle serie, n. 68.
3. Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 91.

sagração dos valores da tradição. Tradição recuperada ao sabor dos interesses do grupo dominante, a oligarquia paulista. O projeto de arquitetura neocolonial também se inscreveu nesta proposta.

A imagem de fausto, contudo, não se construía só com o dinheiro do café e a "alvenaria burguesa". Uma imprensa vivaz, inovadora em seus segmentos, refletia a nova ordem política e a nova sociedade, trazendo um pouco de tudo. Publicações luxuosas, a serviço do sistema, eram subsidiadas pelo Poder, enquanto impressos mais modestos abriam caminho para grupos que buscavam sua representação: operários, tipógrafos, minorias étnicas, evangélicos e espíritas, a "classe caxeiral", os grupos carnavalescos. Reciprocamente, a cidade fez daquela imprensa, dotada de tantos recursos, porta-voz na divulgação de seus feitos, sua riqueza, seu progresso. Vendeu sua imagem, em cores, clichês, charges, rotogravuras, e deu sentido às temáticas das revistas; prestou-se idealmente aos revolucionários experimentos da arte gráfica e do impresso, enquanto se tornava o instrumento preferido dos donos do poder, magnificando-lhe as realizações.

Imprensa e poder, instâncias intrinsecamente conjugadas, chegavam às últimas conseqüências para glorificar a cidade que sediava o capital. Das páginas periódicas emergiu a construção da Capital do Progresso, percebida em três dimensões: aquela da *cidade mercadoria*, que revirou e especulou seu espaço para conformá-lo à imagem civilizada e moderna dos cartões-postais; outra, que se queria *artística*; e, finalmente, aquela que se apresentou como palco do *projeto nacional*. Trataremos a seguir dessas imagens.

A Celebração do Progresso

Em 1890, a lembrança da cidade de São Paulo como acanhado burgo dos estudantes ia longe, quase se apagara. A Capital do Café possuía agora 64.934 habitantes[4], número significativo, pois em 1873, por ocasião do primeiro censo do País, contava apenas 23.000 almas[5]. Capital dos Fazendeiros era outro epíteto a qualificá-la, centro dinâmico do Estado, considerado então o mais forte da Federação. Essa autopercepção do poderio paulista não escapava ao obscuro Adolpho de Freitas, redator de *O Operário, órgão de interesses da classe operária*, num registro de 1891, alerta premonitório dos problemas que estavam por vir:

> O Estado de São Paulo, hoje autônomo e independente, apenas ligado à República pelos laços da federação, mas gosando de vida própria pela riqueza do solo e amenidade do clima, representa o coração do país, isto é, sua parte principal, aquela onde se concentra a maior porção de vida e de onde, si não já, mas em futuro próximo, hão de partir os elementos de progresso e desenvolvimento dos demais estados [...]. Nestas condições é fácil prever que o estado, cuja população é hoje um mixto de diversas raças e onde o elemento estrangeiro está prestes a absorver o nacional, há de ser presa das mesmas convulsões que presentemente afligem as velhas nações[6].

As palavras do redator resultaram proféticas no tocante aos problemas da sociedade de classes e exploração do trabalho que em breve convulsionariam a

4. Joseph H. Love, *São Paulo in the Brazilian Federation [1882-1930]*, California, Stanford University Press, 1980, p. 32.
5. *Completo Almanaque Administrativo Comercial e Profissional do Estado de São Paulo*, [org. Canuto Thorman], São Paulo, Cia Industrial de São Paulo, 1985, p. 168.
6. *O Operário, órgão de interesses da classe operária*, São Paulo, 1891, ano I, n. 5. *Apud* Afonso A. de Freitas, *op. cit.*, p. 692.

Slhi

cidade. A presença estrangeira já era um fato em 1891, a ponto de representantes de diferentes colônias apresentarem-se como candidatos aos pleitos eleitorais, possibilidade aberta pela primeira Constituição Republicana. Concorreram Miguel Arcanjo Carmano, pela colônia italiana, o engenheiro Alberto Kuhlman pela alemã e o jornalista José Maria Lisboa, pelos portugueses. Em 1898, Vitaliano Rotellini, apoiado pela colônia, foi lançado à Presidência do Estado. Não ganhou e consta que não se importou. Registre-se que, exatamente esses nomes estrangeiros, estavam à frente de grandes jornais, confirmando a ligação entre imprensa e política, pois José Maria Lisboa respondia pelo *Diário Popular*, Rotellini pelo *Fanfulla*, do qual era fundador. Em 1893 o estrangeiro já constituía 54,6% da população total da cidade e uma proporção ainda maior de sua população ocupada[7].

Desde 1889, contudo, Antônio da Silva Prado, figura emblemática de tradicional clã paulista, tomara posse como primeiro prefeito escolhido da cidade, mudando-lhe a imagem durante sua longa gestão, de onze anos[8]. Obras de vulto, do saneamento ao embelezamento, redesenharam o espaço urbano, em paralelo ao excepcional crescimento demográfico, que elevara a população para 150.000 habitantes em 1895. Neste ano registravam-se 16.504 prédios e mais 168 "edifícios notáveis", termo sem dúvida magnificado para designar alguns edifícios oficiais e palacetes de escala modesta, enquanto as igrejas ainda predominavam na paisagem, mantendo o aspecto claustral da cidade[9].

A despeito da presença militar na República recém-instaurada, o poder também advinha de ex-titulares do Império, senhores de terras que diversificavam seu capital com os lucros do café, sediados especialmente no estado paulista. Na sua maioria, fazendeiros-citadinos assumindo o papel de representantes da "aristocracia" local, alguns portando o título de doutor, marcados pela origem agrária, ensaiando os primeiros passos de um viver "civilizado". Inventar a tradição era preciso e, mais que isso, "alçar o País ao nível dos países cultos", jargão reverberante entre as elites. A construção do palacete urbano fora o movimento inicial dessa sociedade ainda rude em busca de representação social, introduzindo

7. Bóris Fausto, *op. cit.*, p. 29.
8. Antonio da Silva Prado, empossado em 7 jan. 1889, deixou o cargo em 15 jan. 1911. Ver Darrel E. Levi, *A Família Prado*, São Paulo, Cultura 70, 1977, pp. 296-300.
9. Entre eles, o Palácio do Governo, a Faculdade de Direito, a Câmara Municipal, a Escola Normal, a Santa Casa de Misericórdia, o Desinfectório, o Quartel da Luz e as Secretarias de Estado, ainda em construção. *Almanak Thorman*, São Paulo, 1895, pp.68-169.

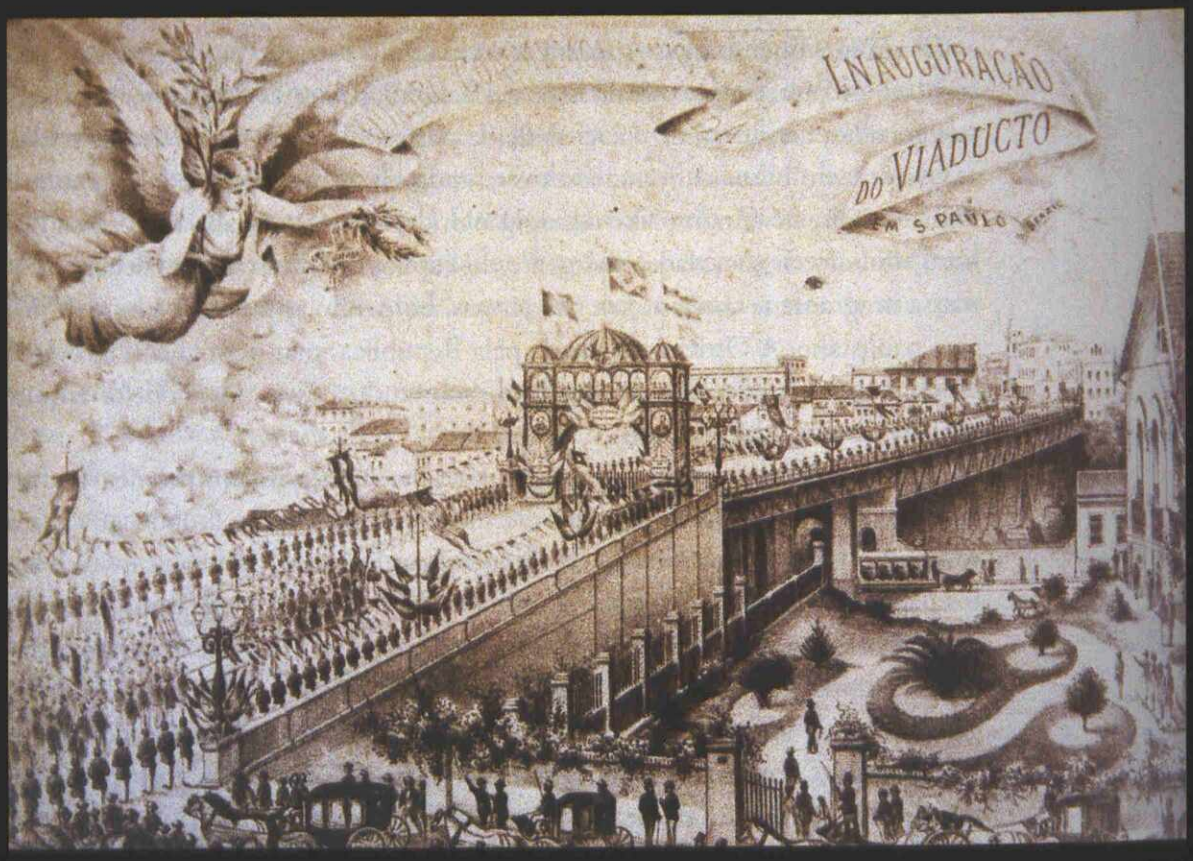
nele o que havia de novidade, refinado e qualificativo para atender aos novos grupos, que se queriam urbanos, lidavam com capital comercial e financeiro, transitando pela ferrovia, dividindo-se entre campo e cidade. Sua reprodução nas revistas foi uma constante.

Num movimento quase simétrico, enquanto o cinturão das chácaras que circundava os pitorescos arrabaldes se desfazia, os palacetes erguiam-se em áreas selecionadas, confirmando a sociedade de classes. Os bairros residenciais subiam as encostas em busca de terrenos altos e saudáveis, estimulando o loteamento de Higienópolis, até atingir o alto do espigão onde, em 1891, se abria a avenida Paulista, símbolo da sociedade emergente do capital da indústria; paralelamente, a massa imigrante se concentrava nas várzeas, bordando as faces sul e leste do maciço paulistano. A Ordem era ditada pela República, mas permanecia a reverência aos valores estéticos da extinta Corte, sobretudo através dos modelos arquitetônicos de filiação francesa[10].

A aventura do Encilhamento[11], em 1891, se num primeiro momento possibilitou a ascenção de arrivistas, em seu melancólico desfecho acabou por refrear o impulso especulador sobre o mercado financeiro, canalizando os investimentos para aquisição de bens imóveis, indo às últimas conseqüências na retalhação do espaço urbano, com vistas à sua mercantilização. A especulação com os terrenos urbanos se intensificou, divulgada através de jornais e revistas, que anunciavam firmas de loteamento e construção. A localização e a distância dos bairros periféricos ao centro potencializaram os fatores diferenciais do valor da terra, transformando o lote urbano em mercadoria altamente rentável[12].

Simultaneamente, o processo autofágico desencadeado em São Paulo, em nome do projeto utópico da cidade planejada e higienizada, subordinou-se a interesses menores, de especuladores imediatistas, pessoas físicas e entidades jurídicas, elos fortes da voracidade capitalista em curso. Não era uma corrida do ouro, *lato sensu*, mas quase. Desenfreavam-se os instintos e ações, em nome da riqueza fácil, da busca do lucro imediato, num exercício primitivo de relações de mercado, com rebatimento na desordem do espaço, na convulsão da própria to-

10. Maria Cecília Naclério Homem, *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira. 1867-1918*, São Paulo, Martins Fontes, 1996.
11. Antonio Reinero Leirias, *O Encilhamento e a Cidade de São Paulo*, São Paulo, Mestrado História-USP, 1988 [mimeo.].
12. Carla Milano Benclowicz, *Prelúdio Modernista: Construindo a Habitação Operária em São Paulo*, São Paulo, Mestrado FAU-USP, 1989 [mimeo.].



Inauguração do Viaduto do Chá • 1. Inauguração do Viaduto do Chá. Litografia de Jules Martin. *Apud* Benedito Lima de Toledo, *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno, op. cit.* • 2. Alegoria à construção do Viaduto do Chá, por Jules Martin. À direita, em cima, Jules Martin empunhando um binóculo e cercado de personalidades da época. Embaixo, a representação de uma bizarra orquestra rica em pormenores e repassada de alegorias mordazes. Junto ao Mandarim, uma planta da casa dos Barões de Tatuí, sacrificada para abertura do Viaduto. *Apud* Benedito Lima de Toledo, *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno, op. cit.*

SIhi


HISTOIRE ILLUSTRÉE D'UN VIADUC A S. PAULO,
(BRESIL.)
1887 — N°1
PIÈCE FÉERIQUE EN 3 ACTES
avec ballet et apothéose

pografia local, canalizando rios, aterrando áreas, conformando a imagem da cidade à aprovação do olhar do investidor. No tratamento da evolução urbana de São Paulo já se tornara consenso o domínio do privado em detrimento dos interesses públicos[13].

Um dos conjuntos urbanos mais reproduzidos nas revistas da década de 1890 foi aquele da praça do Palácio do Governo, ladeado pelas Secretarias de Estado. Significativo que, a despeito de tantas mudanças simbólicas, a representação do poder local, agora republicano, não mudara de lugar, permanecendo no mesmo discreto Palácio do Governo, antigo convento dos jesuítas, localizado num dos vértices do *Triângulo*; no segundo vértice, o inquieto celeiro de donos desse poder, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que também ocupava a velha sede do convento dos franciscanos; no terceiro, a confirmação da presença ainda forte da Igreja, configurada num de seus pilares, o Mosteiro de São Bento.

No palimpsesto da planta paulistana, a laicização ia dar início a sua inscrição na trama urbana, até então tecida pela Igreja[14]; no interior do *Triângulo*, a vida acontecendo. Ali, na intensidade de transeuntes, vendedores ambulantes, trabalhadores autônomos, comércio elegante, ruídos, sons, odores, circulação de toda ordem, línguas diversas – bela algaravia –, o poder municipal deu início à expansão do Centro. Em 1895, após longa pendência com a baronesa de Tatuí, tão reproduzida nas charges da imprensa[15], inaugurava-se o Viaduto do Chá, projeto de Jules Martin, iniciado em 1892, acesso para a cidade nova, com pedágio dos dois lados.

Em curso, outra transformação de monta: a expulsão dos negros do entorno da Igreja do Rosário. As casinhas dos africanos e o terreno do cemitério, desapropriados em 1872, deram lugar ao Largo do Rosário, com chafariz inaugurado pelo então presidente da província João Theodoro. Agora, apinhados no Paissandu, os negros expulsos retomavam suas práticas e crenças, enquanto o antigo Largo, desapropriado em 1903, com sua igreja demolida em 1904, ordenava o espaço transformando-se na praça Antônio Prado, em homenagem ao

13. Benedito Lima de Toledo, *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno*, São Paulo, Empresa das Artes, 1996.

14. Benedito Lima de Toledo, *Três Cidades em um Século*, São Paulo, Duas Cidades, 1980; Murilo Marx, *Nosso Chão: Do Sagrado ao Profano*, São Paulo, Edusp, 1989.

15. A caricatura sobre a pendenga foi estampada em litografia de Jules Martin, publicada por Benedito Lima de Toledo, *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno*, *op. cit.*, pp. 62-63.

SIhi

prefeito que a remodelara. Nela, o endereço comercial mais elegante da cidade, o edifício Martinico Prado, com quatro andares e elevador, inaugurado em 1905, onde se instalaria o jornal *O Estado de S. Paulo.*

A princípio, para divulgar o empório comercial paulistano, a imagem mais veiculada no periodismo foi aquela da rua XV de Novembro, convincente na reprodução de um comércio próspero. Antiga rua do Rosário, depois da Imperatriz, agora XV de Novembro, na visão dos coevos talvez fosse a mais importante do *Triângulo*, a julgar pelas inúmeras menções textuais e reproduções iconográficas. O fotógrafo suíço Gaensly, em prestação de serviço oficial, cuidou de sua exaustiva reprodução. Seria uma rua de Paris? Os estabelecimentos elegantes da moda lá situados davam essa impressão na seqüência de suas denominações e fachadas ecléticas: *Au Palais Royal* n. 37, *Au Salon de la Mode* n. 31, *Notre Dame de Paris* n. 41, *Au Printemps* n. 57-A, *Au Pygmalion* n. 34, *Au Paradis des Enfants* n. 13. Referência indefectível, a célebre *Casa Garraux*, no n. 40, que "fornecia os melhores vinhos", na sutil referência de Afonso Schmidt[16], onde paulistanos que se queriam ilustrados podiam também adquirir livros e até, eventualmente, apreciar exposições. Mais do que sofisticada, a rua era poderosa. Lá sediavam-se as agências bancárias e as redações dos jornais: o *Correio Paulistano*, de Manoel Lopes de Oliveira, no n. 51 e o *Diário Popular*, de José Maria Lisboa, no n. 54. O estabelecimento de n. 58 abrigava o *Banco de São Paulo*, com capital autorizado de 10.000:000$000, sob a Presidência do Conde do Pinhal.

No Centro, contudo, as mudanças chegaram céleres. No cenário de fachadas anacrônicas ao seu entorno, desconectadas de uma evolução urbana planejada, manifestaram-se alguns sinais excêntricos do que estava por vir – do som do primeiro fonógrafo da *Casa Edison* em 1892 ao susto maior em 1893: uma máquina locomovendo-se no *Triângulo*. Era Henrique Santos Dumont dirigindo um *Dammler* inglês, espavorindo os transeuntes.

Tempo de velocidade, tempo de notícias circulando com mais rapidez, enquanto os *bambini* jornaleiros marcavam as ruas da nova cidade. Rara é a fotografia ou ilustração de época em que este personagem não se faça presente. De Gaensly, em 1900, Voltolino em 1911, às memórias do jornalista Antonio Figueiredo, nos anos 20, os *bambini* sinalizavam a nova dinâmica urbana, figura-símbolo de sua imprensa, da circulação de notícias, da universalização da cidade.

16. Afonso Schmidt, *São Paulo de Meus Amores*, *op. cit.*, p. 14; Boris Kossoy, *São Paulo, 1900*, *op. cit.*

Espalhavam-se, em número cada vez maior, especialmente pelo Largo do Tesouro, anunciando aos berros, só no ano de 1897, os avanços da Guerra Turco-Grega, o incêndio do teatro São José, os desafios de Canudos e as sucessivas derrotas do governo naquele sertão; no interior do jornal, a obstinada campanha de defesa indígena da sra. Deolinda Daltro, e o lançamento da mais recente revista feminina, *A Mensageira*, de Presciliana Duarte de Almeida.

A despeito da incessante veiculação da "próspera São Paulo" através das revistas editadas na França para divulgar o Brasil, a imagem pré-fabricada de *cidade civilizada* não se fizera de todo convincente nessa primeira década republicana, sobretudo aos olhos críticos do estrangeiro investidor. Nas ruas acanhadas, dotadas de difusa iluminação a gás, a tração animal era a força motriz a serviço das ruidosas engrenagens de carroças e tílburis. O lazer, arraigadamente bucólico, levava as famílias a excursões na Cantareira, a festas no Jardim da Luz, enquanto a população elegante freqüentava as corridas no distante Hipódromo da Móoca, os concertos da Sala Steinway, ali no início da av. São João, ou aguardava a *tourné* anual de Henrique Oswald, disputando aulas com o maestro Chiafarelli.

Sob a busca da Ordem, o sanitarismo presente nos projetos e discursos era tematizado com graça na imprensa humorística em 1899 pelo jornal *O Cordão: Aperta, Segura, Estica e Não Rebenta. Jornal Feito a Vapor para Mudos e Canhotos. Assinatura grátis, mas cada número custava 200 réis, uma bela e grande moeda de nickel.*

> Sem ser essencialmente sanitário, pretende *O Cordão* sanear quando menos a nossa galante Paulicéa, defendendo-a do nefário influxo do terrível micróbio do tédio, que infelismente vai avassalando[17].

A atmosfera da "Paulicéia" – que desde 1899 já incorporara o cognome – estava longe da imagem cosmopolita, mundana, refinada e festiva associada ao clima internacional da *belle époque* vivenciado no Rio de Janeiro, tendo na revista *Kosmos* sua melhor tradução. A Capital paulista guardava austeridade e continuava solene, um pouco de mantilhas, às voltas com as safras do café, com a especulação monetária e a busca da identidade. Contígua ao *Triângulo*, a paisagem ainda era bucólica, conforme a revelava Gaensly em 1900, fotografando as lavadeiras no Rio Tamanduateí, próximo à ponte do Carmo, reprodução não estam-

17. *O Cordão: Aperta, Segura, Estica e Não Rebenta. Jornal Feito a Vapor para Mudos e Canhotos*, São Paulo, 1899, n. 1.

pada nas revistas[18]. Descolando-se da imagem e deixando o Centro, a realidade era outra; ruas sem calçamento, quarteirões irregulares nascidos ao capricho da geografia, vielas escuras, poças d'água estagnadas, perímetro urbano onde coexistiam áreas rurais, intercaladas por chácaras, terrenos baldios, espaços abandonados. Estes, porém, também não apareciam nas revistas. Havia lugar apenas para o progresso.

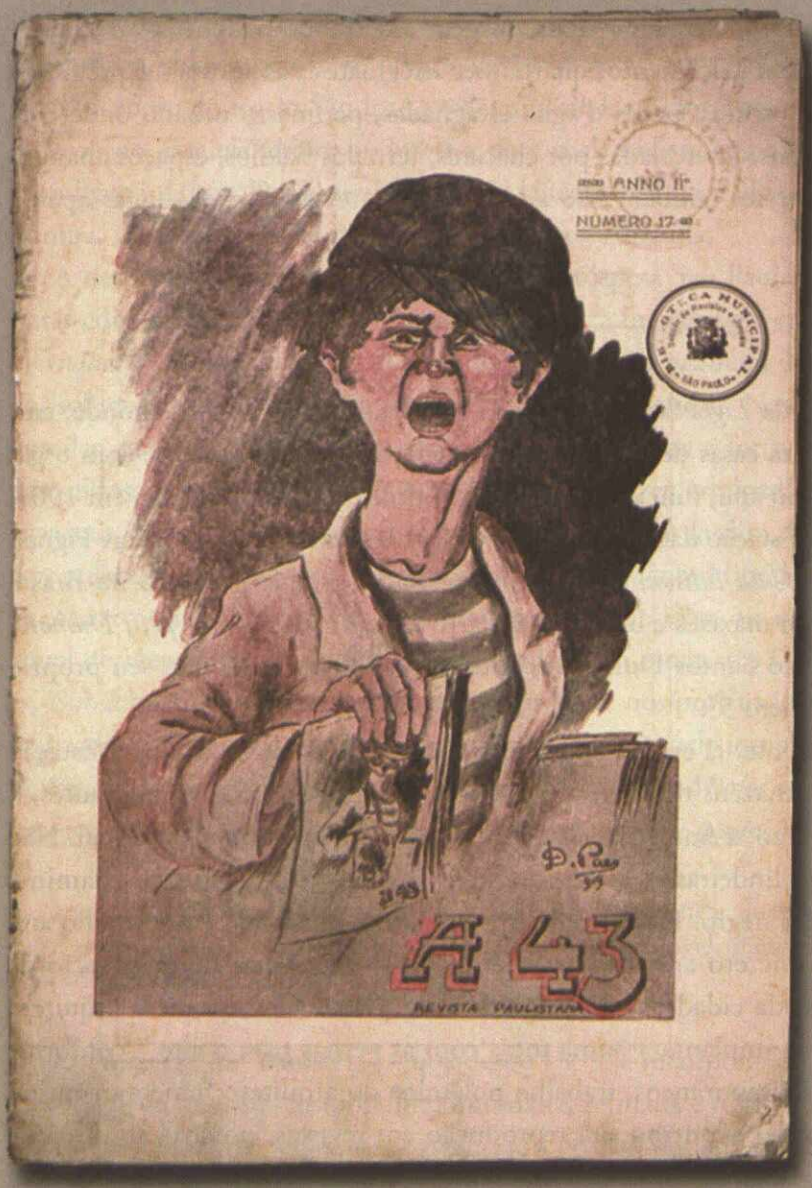
Progresso e Tradição

A instalação da *Light* fazia circular em 1900 a primeira linha de bonde, embora apenas trinta casas desfrutassem de luz elétrica, conjuntamente com o gás de rua; no mesmo ano, funcionava a Usina Hidroelétrica de Parnaíba; em 1901, inaugurava-se a Estação da Luz, um ícone do progresso da cidade; Gustav Figner, proprietário da *Casa Edison*, caixa de maravilhas, introduzia o disco no Brasil, em gravação com maxixes e lundus; em Paris, façanha máxima, *le petit Dumont*, o paulista Alberto Santos Dumont, contornava a Torre Eiffel, em seu próprio dirigível, o "número 5".

Repentinamente, já eram marcos na paisagem, a Estação da Luz, a Estação do Norte, os Armazéns do Pari, o Gasômetro, a Hospedaria dos Imigrantes, o Moinho Matarazzo, a Antártica, o novo Viaduto do Chá, a Escola Normal. Não muito distantes, lindeiras aos trilhos de ferro, as indústrias com suas chaminés de rolos de fumo negro. Nesse conjunto, uma obra inusitada, edificada no ano de 1906, em concreto armado, de estética proto-moderna. Era a Estação de Mairinque, fora da cidade, mas integrada a ela pela ferrovia, onde o arquiteto Victor Dubugras implantara "uma mesa com as pernas para o alto", conforme a viam seus contemporâneos, trabalho polêmico do arquiteto franco-argentino no Brasil. Não se encontrou sua reprodução em revistas, possível sintoma de seu desagrado visual; sintoma efetivo, contudo, das diversas temporalidades em curso na estética da imagem urbana.

Edifícios e logradouros definiam a nova cidade, mas sua dinâmica e ritmos provinham, isto sim, do trânsito intenso de uma população diversificada – gente da terra, imigrantes, visitantes, *business-men*, *touristes* – favorecendo a prosperidade dos hotéis, que se esmeravam com serviços de alto padrão. Ainda em 1900,

18. Bóris Kossoy, *São Paulo 1900*, *op. cit.*



Notícias a Todo o Instante • A figura do *bambino*, menino jornaleiro a apregoar as novidades da hora, do dia e da semana, tornou-se temática cara ao periodismo em voga, quase um símbolo daquela atividade. *A 43. Revista dos Tenentes*, São Paulo, 1918, ano II, n. 17.

Rui Barbosa mencionava a singularidade da Capital paulista, prevendo-lhe futuro grandioso:

> [...] expressão do espírito *yankee* amenizado e perfumado pela graça do gosto italiano. [...] Triplicada em população e opulência, no espaço de poucos anos, esta cidade está destinada a ser a mais magnífica de toda a América Meridional[19].

O registro era confirmado por Lobato, em 1904, em carta ao amigo Rangel, referindo-se ao contingente de trabalhadores estrangeiros que cruzavam com a burguesia citadina:

> São Paulo, com seus italianos, que anunciam coisas *friescas*, mais os bondes e os autos, anda um horror de barulho [...][20].

Parte desta população já diversificava seu capital, iniciativa urgente imposta pela crise de superprodução de café, que vinha abalando as fortunas lastreadas na lavoura.

A República era dos bacharéis, mas não provinha deles exclusivamente o tom da Paulicéia, já em desvario. Agora, a presença necessária para o avanço da cidade era a dos politécnicos. Ao lado dos engenheiros do Rio de Janeiro, uma leva já se formava na Politécnica de São Paulo, criada em 1893, lá para os lados do Bom Retiro[21]; um grupo restrito estudara na Inglaterra e Estados Unidos, profissionais que dividiam com médicos sanitaristas e higienistas as interferências urbanas. Taunay, politécnico, estava no Museu Paulista e escrevia na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*; seu colega Teodoro Sampaio cuidava do serviço de águas da Capital; Garcia Redondo lecionava na Politécnica e dirigia a *Vida Moderna*; Marcondes Machado, o Juó Bananére, tocava seu escritório de obras com o colega Otávio Ferraz Sampaio enquanto publicava no *Pirralho* e na *Farpa*.

19. Henrique Raffard, *Alguns Dias na Paulicéia*, São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1977, p. 14.
20. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. I, p. 58. Ver ainda M. Carla Blenclowicz, *op. cit.* A chegada em massa de italianos diminui a partir de 1904 e os portugueses passam a ser mais representativos na imigração. De 1910 a 1920 chegam 316.481 portugueses, vindo em seguida os espanhóis, 181.657, e, só então, os italianos.
21. O espaço da Ciência configurara-se no Bom Retiro, a partir da instalação da Politécnica, no Palacete do Marquês de Três Rios. Ao lado dela, pelo risco de Ramos de Azevedo, o Instituto de Mecânica; na mesma rua, mais adiante, a Escola de Obstetrícia e Farmácia.

A partir do momento em que os Estados Unidos tornaram-se nossos maiores compradores de café, a comparação com o *espírito yankee* tornou-se freqüente, embora os eflúvios da França marcassem a cidade, confirmados por ingerências várias daquele modelo na Capital: as importadoras de vinhos, o comércio elegante, as revistas ilustradas francesas e as nacionais de forte influência francesa, os colégios religiosos de moças – *Sion, Sacre Coeur, Des Oiseaux* –, os convescotes da Vila Kirial, do poeta Freitas Valle, de pseudônimo Jacques Devray. Acentuava esse pendor a ida constante da elite à França, embarcando por valores módicos nos vapores que demandavam Bordéus e Marselha, rotina que só seria interrompida durante a guerra. Quanto à Inglaterra, era presença comercial de monta, percebida na infra-estrutura urbana que a *Light and Powers & Co* implantava, nos anúncios da *Mappin Webb*, da *Casa Clark*, da *Hat Store* e, sobretudo, pelos últimos empréstimos dos banqueiros Rotschild, de Londres, ao Estado.

O País, contudo, passara ao controle dos bacharéis paulistas, também grandes proprietários, que chegaram efetivamente ao poder a partir de 1894, com a posse do primeiro Presidente da República civil, o paulista de Itu, Prudente de Moraes; controle que no âmbito econômico se confrontaria em breve com aquele do capital industrial, embate expresso pela querela da agricultura com a indústria, aquela defendida pelos oligarcas e essa pelos imigrantes em ascenção. Em 1900, segundo Warren Dean, esse embate se atenuava, pois uma classe já entrara na outra, a julgar pela política de casamentos, observada entre famílias tradicionais paulistas e imigrantes economicamente bem situados[22].

O lançamento da revista *A Cidade de São Paulo, semanário republicano e científico*[23], em 1905, sinalizava a carga de referência de seu próprio topônimo. Balizava, igualmente, a transformação da Capital em temática recorrente nas inúmeras revistas então criadas: *Álbum Paulista*, 1904, *Vida Paulista*, 1905, *São Paulo Magazine*, 1906, *O Criador Paulista*, 1906, *Ilustração Paulista*, 1910, *Semana Paulista*, 1910, *O Paulista*, 1914, *Ilustração de São Paulo*, 1916, *São Paulo Ilustrado*, 1919, *Terra Paulista*, 1920[24].

22. Warren Dean, "A Industrialização durante a República Velha", *HGCB*, São Paulo, Difel, 1977, pp. 251-283.
23. *A Cidade de São Paulo, semanário republicano e científico*, São Paulo, Irmãos Sandoval, 1905, em Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 974.
24. Precedendo esses títulos, circularam na capital: *A Quinzena Paulista* 1889; *Capital Paulista* 1899; *Ilustração Paulista* 1893; *Revista de São Paulo* 1902.

Em 1906, a revista católica *Santa Cruz*, de ampla circulação, divulgava a exposição do fotógrafo Valério Vieira. Nela, uma ode a São Paulo: o panorama da cidade, reproduzindo-a nos moldes das grandes capitais européias. O trabalho, que media 11m x 1,43m, era anunciado como a maior fotografia do mundo, enfatizando o potencial daquele recurso gráfico na divulgação da cidade no estrangeiro[25]. O enaltecimento da Capital foi assumido como temática das revistas, corroborando na construção magnificada da "laboriosa população paulistana", exaltando seus feitos em prosa, verso e imagem. As mesmas revistas, porém, divulgavam, quase inadvertidamente, outra mensagem, mais capciosa: aquela de uma "cidade dividida" entre a premência da entrada no Progresso, muitas vezes confundido com a "novidade", e a busca vital da Tradição e/ou invenção das Tradições.

Naquela voracidade, a cidade experimentou um pouco ou muito de tudo, acentuando suas inúmeras contradições, percebidas no periodismo que espelhou aquelas dicotomias, oscilando entre a incorporação do novo e a busca das raízes; entre o propósito informativo, atualizado com as últimas notícias, a última novidade, conforme exigiam as regras da imprensa, e a "saudade", a ligação ancestral com o passado telúrico, o cotidiano agrário, em busca do entendimento das origens e da raça. No ano de 1902, a revista *Cidade de São Paulo* expressava ambas as expectativas:

> [...] nós iremos ajudando com a nossa pedrinha no desenvolvimento dessa colossal construção, dessa obra majestosa do progresso, que fez da taba humilde, do rústico guaianá, esta suntuosa capital de São Paulo[26].

Em busca do inusitado, surgia em 1905 a revista *Novidade*, trazendo no título seu principal componente. Reproduzia contos de Coelho Neto, enquanto insistia em seu propósito de veicular o novo:

> É uma revista; procurará servir aos seus leitores a última novidade em ciência, em arte, em literatura, em *sport*[27].

Enquanto já se associava o *Triângulo* à idéia de centro velho, a Praça da República, na cidade nova, era o mais divulgado postal da cidade, escolhido para

25. *Santa Cruz*, São Paulo, nov. 1905, pp. 182-183.
26. *Cidade de São Paulo*, São Paulo, 1902.
27. *Novidade*, São Paulo, 1905, n. 1.

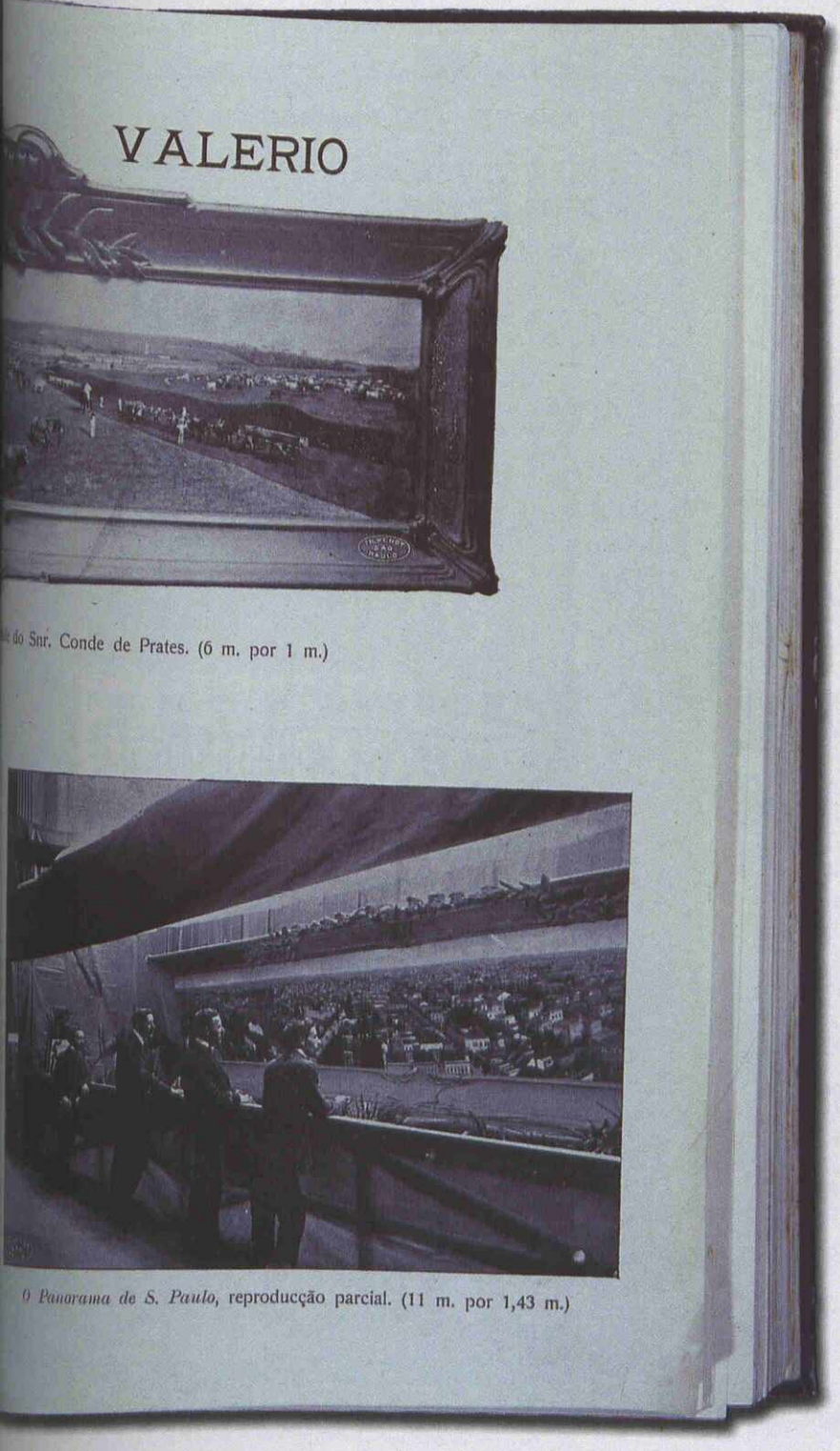
EXPOSIÇAO



Panorama da Fazenda de Santa Gertrudes (Municipio



Um aspecto do 2.º salão da Exposição — Ao fundo vê-se o grupo — *Governo do Estado* — occupando o centro o Dr. Jorge Tibiriçá, presidente.



do Snr. Conde de Prates. (6 m. por 1 m.)

O Panorama de S. Paulo, reproducção parcial. (11 m. por 1,43 m.)

A Técnica a Serviço do Enaltecimento da Capital do Progresso • O fotógrafo Valério Vieira expunha 57 trabalhos, entre eles o formidável *Panorama de São Paulo*, de 11 m por 1,43 m, tomado segundo a crítica periódica nos moldes das grandes capitais européias, representação que haveria de "mostrar no estrangeiro a alto grau de nosso progresso artístico e cultural". Exposição Valério. *Revista Santa Cruz*, São Paulo, 1º set. 1906, s/n.



1

São Paulo em Revistas... • 1. *Illustração Paulista.* São Paulo, 1893, n. 4. • 2. *Vida Paulista.* São Paulo, 1905, n. 74. • 3. *O Album Paulista.* São Paulo, 1913, n. 1. • 4. *São Paulo Magazine.* São Paulo, 1906, n. 1. • 5. *Illustração de São Paulo.* São Paulo, 1917, s/n. • 6. *São Paulo Illustrado.* São Paulo, 1920, n. 17.



2



3

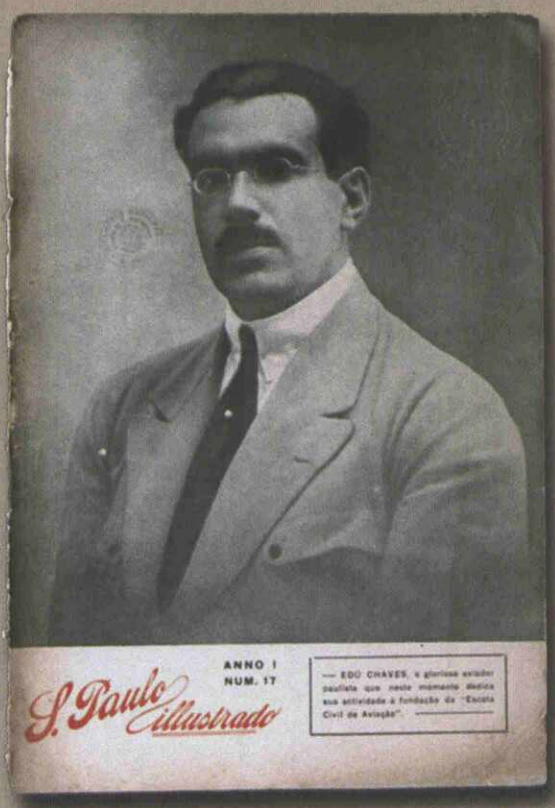
SIhi


Anno I-N.° 1 20 Maio 1920 S. Paulo-Brasil
SÃO-PAULO
"MAGAZINE"
Dr. JORGE TIBIRIÇÁ
Presidente do Estado de S. Paulo
1903-1907.
SUMMARIO:
Dr. Jorge Tibiriçá — Portugal moderno — Presidente Pallières — Venezuela — Escultura Franceza — Marrocos — Monumento de Chopin — Pernambuco — A Molestia do Somno — O Calor em Nova-York — Agricultura, Creação e Sports.
Redacção e Escriptorio: Rua de S. Bento, 65 — LIVRARIA PAULISTA.
Numero avulso Rs. 1$000

4

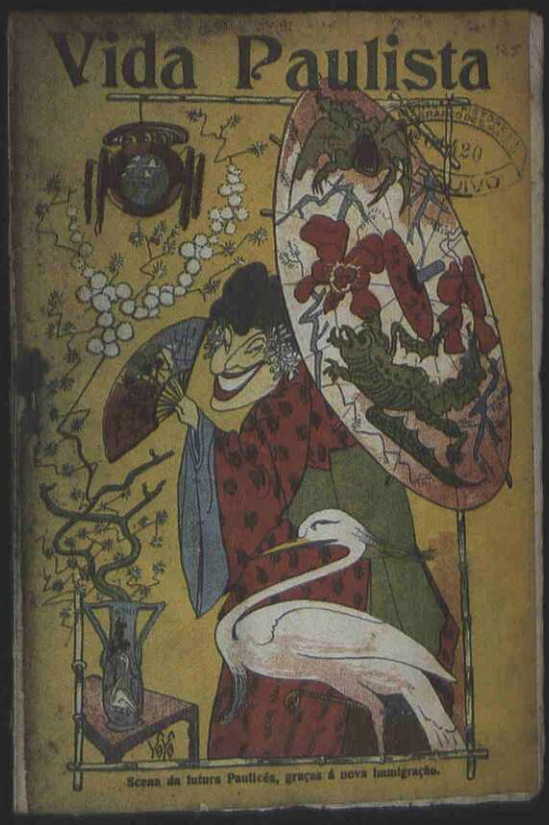

ILLUSTRAÇÃO DE S. PAULO
REVISTA MENSAL
OS NOSSOS JARDINS
Um lindo trecho do jardim da Praça da Republica, vendo-se ao fundo algumas arvores attingidas pela geada.

5


ANNO I
NUM. 17
S. Paulo Illustrado
— EDU CHAVES, a gloriosa aviador paulista que neste momento dedica sua actividade á fundação do "Escola Civil de Aviação".

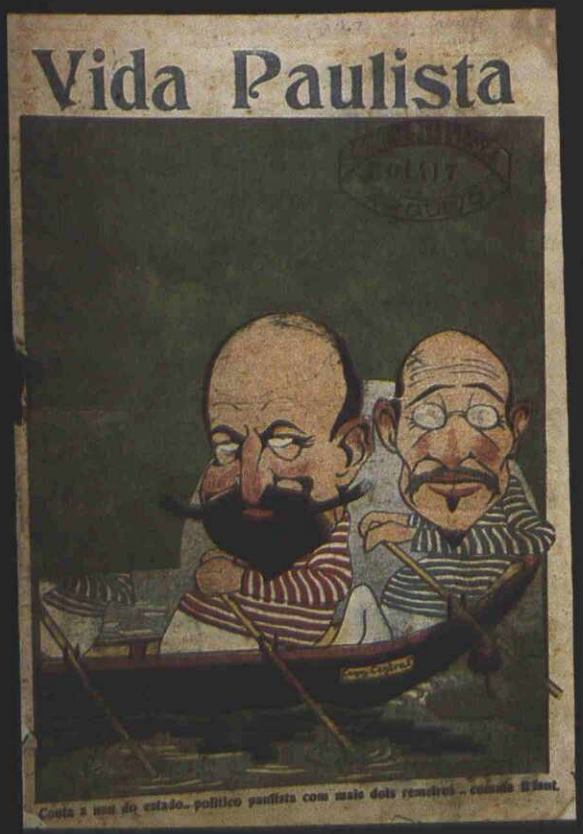
6





Pluralidade de Tendências Gráficas • 1. *Vida Paulista*, São Paulo, 1908, n. 3. • 2. *Vida Paulista*, São Paulo, 1908, n. 5. • 3. *Vida Paulista*, São Paulo, 1908, n. 8. • 4. *Vida Paulista*, São Paulo, 1908, n. 10.

SIhi


Vida Paulista
Conta a nau do estado.. politico paulista com mais dois remeiros .. comme il faut.


Vida Paulista
Si jeunesse savoit...

reprodução da imagem da Capital paulista lá fora, em edição da *Mission Brésilienne de Propagande*, de Paris[28]; o mesmo ocorria com a Escola Politécnica, em cartão-postal editado pela tipografia Roseńhaim. O Rio Tietê, contudo, recebia homenagens dos moços das Arcadas que pela madrugada iam recitar às suas margens, lá na Ponte Grande, versejando sobre a cidade e seus heróis. Quais? Os bandeirantes, claro, conforme haviam sido enaltecidos nos versos de Batista Cepelos, lançados em livro de muitas edições[29]. Não obstante tanto avanço, em 1908, a revista *Vida Paulista* noticiava com espanto um carro de boi em pleno Largo S. Francisco, "dos raros que aparecem na cidade"[30].

A campanha civilista e a vitória do hermismo, entre 1909 e 1910, interferiram naquele cotidiano, acirrando posições e provocando debandadas em massa de órgãos da imprensa e da própria administração da cidade. Embora o prefeito Antonio da Silva Prado, surpreendentemente, não tivesse se envolvido com a campanha, coincidência ou não, em 1911, com 70 anos, deixava a Prefeitura[31]. Entre suas obras de maior visibilidade destacavam-se a abertura da avenida Tiradentes, larga e arborizada, a remodelação do Jardim da Luz, o ajardinamento da Praça da República, o "aformoseamento" do Largo do Paissandu e do Largo do Arouche, a transformação da várzea de Santo Amaro em área habitável do Ibirapuera, a conclusão dos jardins do Museu do Ipiranga; e mais, as construções do Teatro Municipal [1903-1911]; do Viaduto Santa Ifigênia [1910-1913]; reforma do antigo Largo da Sé [1910] e reurbanização do Vale do Anhangabaú. Completando o considerável rol de benfeitorias urbanas, correram em paralelo as obras de saneamento na várzea do Tamanduateí, canalização de rios e córregos, sob responsabilidade do engenheiro Theodoro Sampaio. Praticamente todos estes melhoramentos estamparam-se nas revistas. O impacto da arquitetura de ferro do Viaduto Santa Ifigênia mereceu artigos constantes na *Revista de Engenharia.*

Em 1911, a nomeação de Raimundo Duprat para o cargo de Prefeito da cidade, no lugar de Antonio Prado, sinalizava a mudança social nas hostes do po-

28. Esta documentação está no Museu Paulista, catalogada sob a referência IC 7343.

29. João Gualberto de Oliveira, *Batista Cepelos, O Cantor dos Bandeirantes*, São Paulo, 1962; René Thiollier, *Episódios de Minha Vida*, São Paulo, Anhembi, 1956.

30. *Vida Paulista*, *op. cit.*, 1908, p. 134.

31. O afastamento de Antônio da Silva Prado é explicado pela dificuldade de convívio do prefeito quase septuagenário com uma geração mais nova de políticos, mais devotada aos interesses privados que aos benefícios públicos. Segundo Level, "Foi esta evolução, supostamente, que fez com que ele deixasse o gabinete municipal em 1910". Darril E. Level, *op. cit.*, p. 299.

der. Não obstante sua titulação nobiliárquica, o Barão de Duprat representava o forte grupo de comerciantes da cidade, proprietário da Empresa Gráfica Duprat, originária da *Jorge Seckler Tip. a vapor*, uma das tipografias locais mais antigas e credenciadas. Do capital agrícola para o comercial, o poder começava a mudar de mãos. Assim, o surto urbano foi veiculado à exaustão através de impressos de toda ordem, quando o periodismo se valeu ainda mais das imagens da São Paulo do Progresso, ou seja, da gestão de Raimundo Duprat. Era preciso, a exemplo do que ocorria nas principais capitais da América Latina, criar a imagem urbana confiável e estimulante, atraente aos investidores de fora. O ímpeto de remodelação a qualquer custo prosseguiu frenético, quando a esplanada do Teatro Municipal se convulsionaria, desta vez por longos anos, para receber o novo projeto do Vale do Anhangabaú, do arquiteto Bouvard, que fora assistente de Haussmann na remodelação de Paris.

A despeito das críticas pelo caos urbano, as benfeitorias que qualificavam a cidade eram festejadas: telefone, água potável, esgoto e luz elétrica farta, trazida pelas Usinas de Paula Souza, em 1912, e Itupararanga, em 1914, ano em que Duprat deixou a Prefeitura, substituído por Washington Luís Pereira de Souza. O periodismo intensificou sua campanha em prol da cidade, tematizando-a na maioria de seus impressos, veiculando seu assombroso crescimento.

"É Escandaloso este Progresso"

A revista *O Pirralho*, em 1911, não contemporizava e vinha com artigo de fundo incriminador dos desmandos do País:

> O Brasil é governado por um *complot* administrativo que manda e desmanda. Nos estados e na capital os jornais reclamam e gritam: são concessões escandalosas, são empréstimos, desaparecimentos, empregos criados para protegidos dos grandes e tudo o mais que se sabe. [...] E no meio de tudo isso o país progride, embeleza-se e aumenta [...]: *é escandaloso este progresso*[32].

Entre 1914 e 1918, *pari passu* com a guerra, os civis retornaram ao poder, sob a presidência do mineiro Wenceslau Brás; Altino Arantes, apadrinhado por Rodrigues Alves, assumia a Presidência do Estado de São Paulo; outro protegido

32. *O Pirralho. Semanário ilustrado de importância evidente...*, *op. cit.*, 1911, n. 6, Editorial (grifo nosso).

seu, Washington Luís, assumia a Prefeitura – personagens que inspiraram o lançamento das revistas críticas mais espirituosas da imprensa paulistana: *O Queixoso*, *A Vespa* e *A Farpa*. Em 1915, o registro de Monteiro Lobato, tentando a venda da fazenda para fixar-se em São Paulo, revelava o estágio de progresso da Paulicéia:

São Paulo já é alguma coisa, e vale a pena entrar no palco por essa porta[33].

Antes, já em 1914, *O Momento* trouxera texto de qualidade sofrível, mas cheio de vida, de embevecimento para com o *Triângulo*, o centro nervoso local[34]:

O *Triângulo*, nome geométrico pelo qual é conhecido o pouco artístico coração da Paulicéa, compõe-se das Ruas Quinze, Direita e São Bento, lindamente bordadas de cafés, casas de modas, livrarias e cinematógrafos...

Ele é para a vida paulistana como a medula espinal para o ser vivente; ele é mostruário principal de todas as atividades, de todas as forças e, sobretudo, o veículo principal de todas as sensações; ele é geralmente a fórmula representativa de São Paulo, como a Rua do Ouvidor o é do Rio, o *Strand* é de Londres, a *Place de L'Opera* é de Paris e a *Calle de Mayo* é de Buenos Aires.

Isso não implica sua superioridade sobre as outras ruas, não. Nem por isso a Rua do Ouvidor é a primeira do Rio ou a *Strand* é o ponto principal da capital da Inglaterra.

Há cidades que têm o seu "centro nervoso", a sua *city*, num recanto bem modesto – Lisboa, por exemplo a encantadora capital portuguesa que possue a Avenida da Liberdade e a Praça Camões, etc., tem por centro o Chiado, modesto encontro de duas ruas de secundária importância, além disso horrivelmente estreitas.

Nós tivemos a felicidade de consagrar um conjunto de ruas importantes sobre todos os pontos de vista. O comércio dessas ruas é importantíssimo; nelas estão situadas as agências e as sedes de alguns dos principais bancos do Brasil ou mesmo de todo o mundo; os grandes magazines de novidades abrem sobre elas a fascinação de suas *montres*; as livrarias abrem aos transeuntes as principais novidades literárias de todo o mundo civilizado; os *ateliers* de modas expõem diariamente toda uma loucura de vestuários de estética complicada e de manhã...

Já passastes pelo *Triângulo Central* às oito horas da manhã? Ele tem proporções de uma primavera feminina, uma lírica primavera de costureiras, de chapeleiras, de floristas que vão doidamente alegres para o pão nosso de cada dia dos *ateliers*, onde vão bocejar sob o olhar vigilante das contra-mestres ranzinsas...E à tarde? Já passastes pelo *Triângulo Central* na hora suave do *Angelus*, do aperitivo e da Viúva Alegre?

33. Carta de Lobato a Rangel de 23 jan. 1915, em *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. II, p. 11.
34. *O Momento*, São Paulo, 1914, p. 3.

SHi

Na dupla fila dos autos de passeio a *jeunesse dorée* faz o seu corso; abre-se a feira dos casórios, a pesca ao dote funciona; os cafés regorgitam de estudantes, jornalistas, boêmios, *scrocs* e cavadores de camisa engomada; a imprensa amarela afixa os seus despachos de última hora – os escândalos da política a política dos escândalos – e, numa gargalhada de luz, explodem os globos elétricos das portas e retinem alucinadamente as dez mil campainhas de todos os cinemas!

Mas tudo isto é hilariante, nevrótico, fantástico – num turbilhão de poeira *chic*, numa atmosfera lindamente mortal, de tuberculose, gasolina e eletricidade...

Este é o simbólico *Triângulo* da vida paulistana e da vida universal neste heróico século em que João Miséria come o pão que o diabo amassou e um outro João, o sr. João do Rio, prega divertidos sermões de moral[35].

No ano seguinte, 1915, o registro do professor da Faculdade de Direito Jorge Americano vinha igualmente sugestivo. Perplexo com tanta transformação, em trajeto pela cidade nova, além do Anhangabaú, nas imediações da Consolação, dava conta do "sumiço" de tradicionais referências urbanas:

Olhou para o lado oposto. Era a casa de José Carlos de Macedo Soares, na esquina da Rua Major Quedinho. Na outra esquina o Colégio Sagrado Coração de Jesus, para meninas. Mas sumiu a casa de José Carlos, sumiu o colégio, e sumiu a Rua Major Quedinho! Ah! não! ao menos a Rua Major Quedinho está ali adiante[36].

Em meio ao canteiro de obras que se tornara a Capital, o noticiário inseria algum acontecimento positivo que pudesse justificar a desordem. A feira de flores, por exemplo, inaugurada na esplanada do Municipal, reproduzindo aquelas das grandes capitais, era destaque na reportagem de *O Eco*, a publicação marcada pelos deleites – dos gramofones às vitrolas e demais maravilhas do século.

São Paulo tem de agora em diante como as cidades mais embelezadas da Europa e dos Estados Unidos e do Japão a sua linda feira semanal de flores na esplanada do Municipal, uma vez por semana[37].

Inegável, pois, a existência de uma nova cidade, no lugar da antiga. Desde o final da década de 1910, com 375.000 habitantes, o centro já estava iluminado e bairros novos circundavam o antigo perímetro; em 1915, o total de habitantes

35. *O Momento*, São Paulo, 1914.
36. Jorge Americano, *São Paulo de Ontem*, *op. cit.*, p. 14.
37. *O Eco*, *op. cit.*

O Serviço Sanitário de Privilegiados, segundo Voltolino • *O Parafuso*, São Paulo, 1920, ano VI, n. 197.



subira para 472.728; em 1917, atingia 501.237 e em 1920 perfazia 579.033 habitantes[38]. Definindo o desenho daquele crescimento, os postes da *Light*, o "polvo canadense", fincados nos pontos extremos no sentido norte-sul, leste-oeste, criavam áreas bolsões, supervalorizando os terrenos que os intermediava, favorecendo ainda mais a especulação imobiliária[39]; no interior dos bondes, uma multidão anônima se acotovelando, submetida à fatalidade daquele progresso, criticado via caricatura nas revistas da oposição.

O trem de ferro já não era mais imagem impactante. De uma certa forma, banalizara-se. Trilhos e locomotivas até eram anunciados e vendidos com facilidade nos *Irmãos Arens*, na rua Direita, n. 9, adquiridos por fazendeiros do interior e industriais em ascensão. A Estação da Luz, contudo, espaço de celebrações, permanecia como estampa recorrente nas revistas ilustradas, divulgando a chegada de autoridades, visitantes ilustres, políticos em campanha. Na busca da Ordem, propagada com mais intensidade no transcorrer da campanha patriótica de Olavo Bilac – iniciada em São Paulo, em 1916 – a imagem da desordem alastrava-se pela cidade, traduzida pela crise econômica, pela multidão operária em greve, pela carestia de víveres, pela devastação da gripe espanhola, relatada por Antonio Figueiredo, que viveu tudo da sala de uma redação, no jornal *O Estado de S. Paulo.*

> A gripe foi a devastação. [...] Em São Paulo, de quasi um milhão de habitantes, morriam quinhentas a seiscentas pessoas por dia. [...] A noite era o pavor. As ruas sem transeuntes, apagados os anúncios luminosos [...] passam os automóveis da Cruz Vermelha e, de vez em quando, os caminhões da Segurança Pública, com silvos sinistros. [...] Os próprios guardas cívicos se escondem, inalando drogas preservativas. [...] Na redação, cinco gatos pingados despacham o expediente. Dos vinte e três efetivos, só os cinco permanecem de pé, esperando a sua vez. E esperam a sua vez jogando poquer. Na sala da secretaria, um contínuo permanece rente ao telefone, afim de receber as comunicações fúnebres[40].

O período crítico, de convulsão total no espaço urbano, aconteceu ao final da década, em 1918, ano marcante dos quatro gês[41] – guerra, gripe espanhola,

38. Mário Lopes Leão, "O Crescimento de São Paulo", *Revista Engenharia*, São Paulo, maio 1945, ano III, vol. III, n. 33, pp. 355-361.
39. Nicolau Sevcenko, *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pp. 123 e ss.
40. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, pp. 174-175.
41. A expressão foi usada por Altino Arantes, referindo-se a três "gês": gripe, gafanhoto e guerra, sem menção às greves, *in*: Célio Debes, *Washington Luís. 1869-1924*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1994.

gafanhotos e greves. A nova interferência só foi possível pelo empréstimo de quinze milhões de libras esterlinas, quando a área do Anhangabaú sofreu a maior intervenção, de acordo com o plano de Bouvard[42].

> Todos os prédios edificados nesses terrenos e que formavam as ruas Líbero Badaró, São João, Formosa e Largo da Memória tinham sido demolidos e toda essa enorme área, na parte mais central da cidade, estava intransitável, suja, perigosa, e anti-higiênica, constituindo um atestado de incúria e de inobservância dos elementares princípios de defesa da saúde pública. [...] um vasto lodaçal, negro e repulsivo, cortado de valas de agrão, coberto de mato, com enormes lagoas de águas verdes, representadas pelas depressões do terreno, pelos escombros das demolições, por alicerces a flor da terra; todo ele estava transformado em descomunal sentina, na parte central da cidade, devassada do Viaduto do Chá, de intenso tráfico, e estendia-se como mancha desonesta entre os formosos palácios qu se edificaram na Rua Líbero Badaró, sem acessos e o admirável Teatro Municipal na esplanada oposta[43].

Acrescente-se que no ano seguinte, 1919, o movimento paredista levou à greve aproximadamente mil empregados da limpeza pública reivindicando 30% de aumento, quando o acúmulo da sujeira das ruas produziu espetáculo lamentável. Dispondo de apenas uma carroça a cavalo como carro de limpeza, o movimento contava aparentemente com o apoio do jornal *O Estado de S. Paulo*, que denunciava a situação injusta[44]. No mesmo ano e no mesmo jornal registrava-se a expulsão dos anarquistas: Gigi Damiani, Zanella e Antonelli[45].

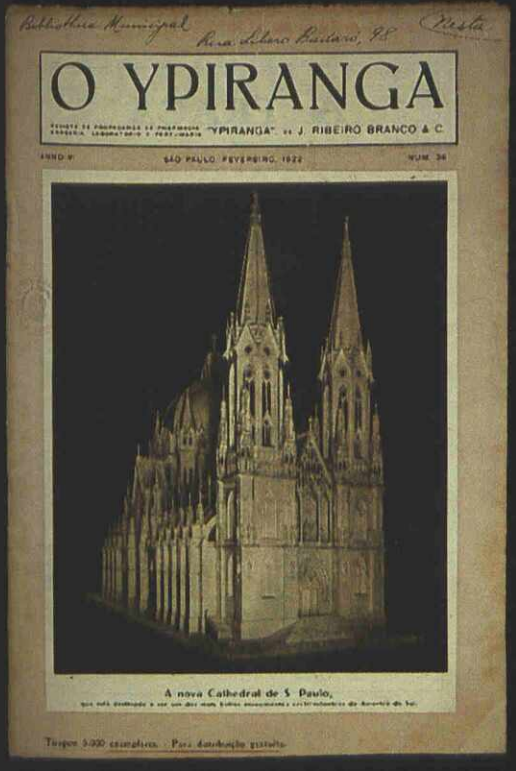
Mas a *Kodak* da *São Paulo Ilustrado*, órgão do *Estadão*, não parava, retratando o progresso local: alargamento e ajardinamento de parte da antiga ladeira de São João, entre o Largo do Paissandu e a rua dos Timbiras; a melhoria do Teatro Santana, dos mais confortáveis da cidade; reforma na Brasserie Paulista, o mais lindo ponto de reunião da elite paulistana, na Praça Antonio Prado, que se verticalizara passando para cima a fábrica de doces Brasserie, com escadas e elevadores ascendendo à entrada; melhoramentos da Várzea do Cármo; abertura do Palace Café, na rua XV de Novembro, o mais luxuoso, propriedade de Nagib Miguel. O jardim da Praça da República era então o mais divulgado. A revista *Ilustração de São Paulo*, de 1918, o estampava na capa, em tricotomia, com a le-

42. Antonio Figueiredo, *op. cit.*, p. 106.
43. Relatório Pereira de Sousa, São Paulo, Casa Vanorden, 1918, p. 88, em Célio Debes, *op. cit.*, p. 158.
44. *OESP*, 21 set. 1919, p. 4.
45. *OESP*, 1º nov. 1819, p. 4.

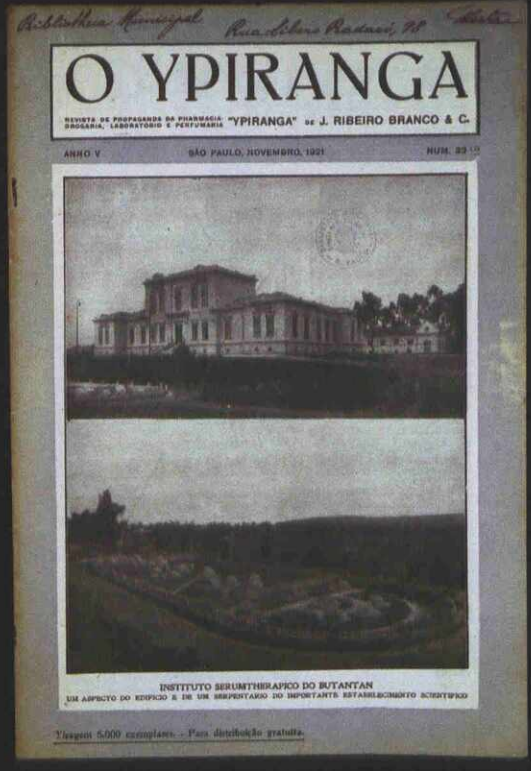
A Imagem Saneada e Ordenada • 1. Penitenciária do Estado: marco da Ordem. *O Ypiranga*, São Paulo, 1922, ano VI, n. 40. • 2. Nova Catedral: ainda a força da Igreja Católica. *O Ypiranga*, São Paulo, 1922, ano VI, n. 36. • 3. Instituto Butantã: o culto à Ciência. *O Ypiranga*, São Paulo, 1921, ano V, n. 51.



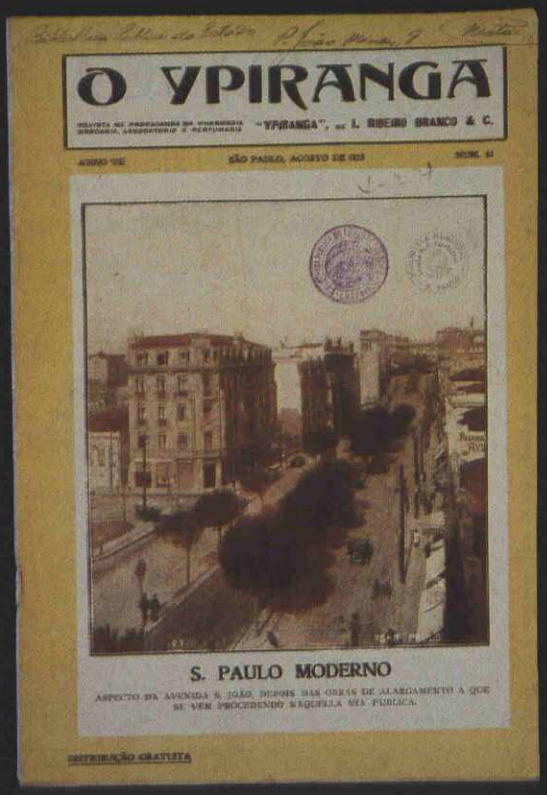
1

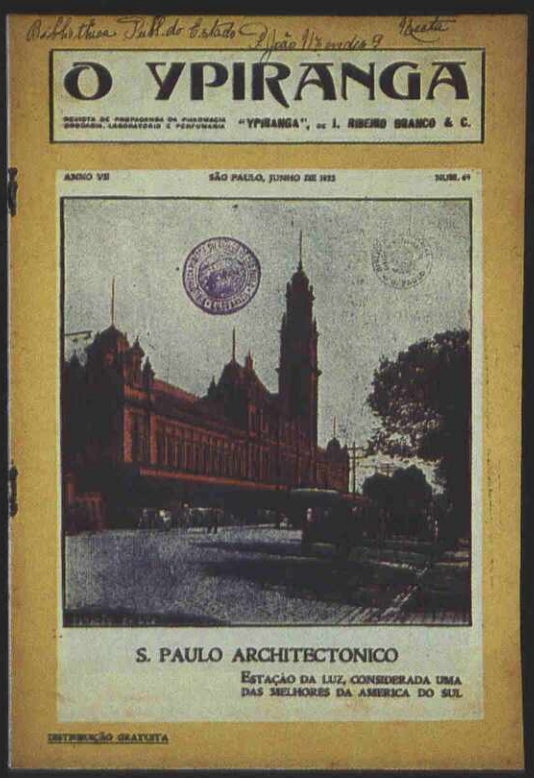


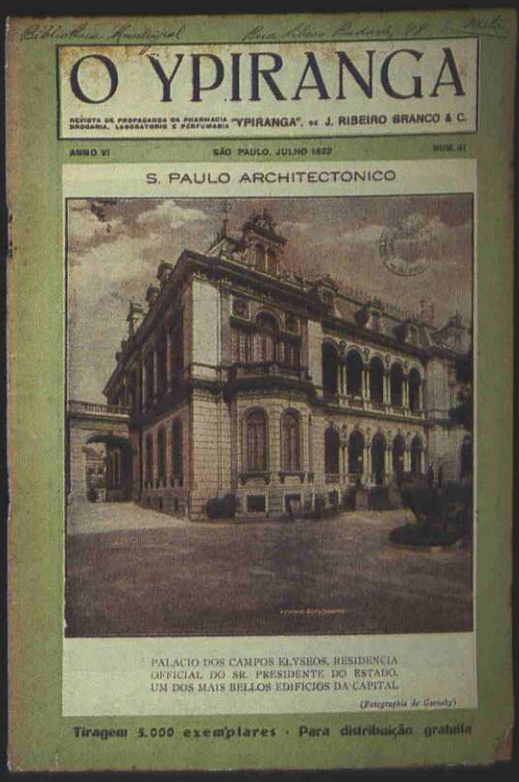
2



3





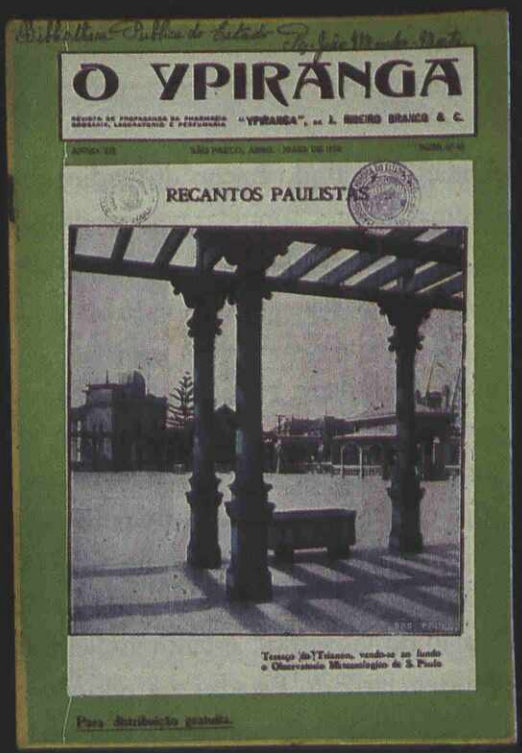


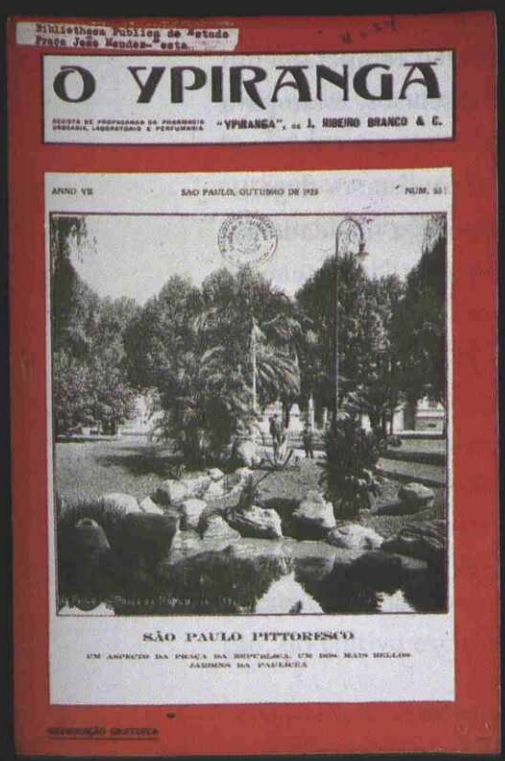
"São Paulo Arquitetônico" e "São Paulo Moderno"

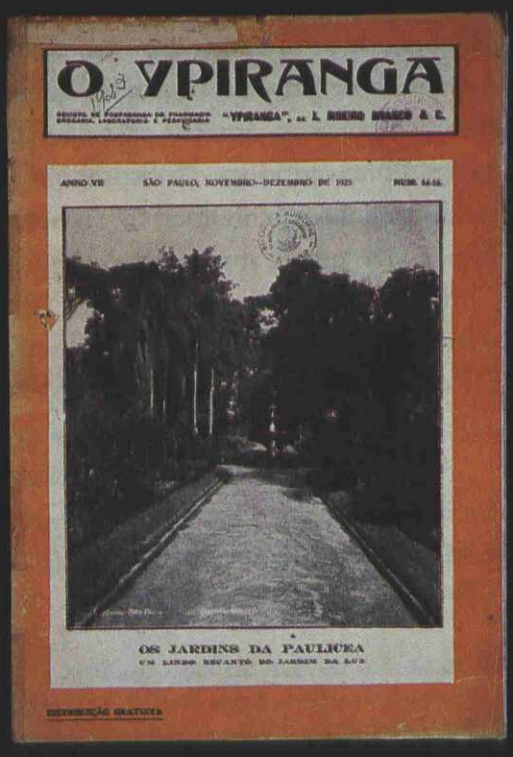
• 1. Aspecto da Av. São João, após alargamento. *O Ypiranga*, São Paulo, 1923, ano VII, n. 31. • 2. Estação da Luz, considerada uma das melhores da América do Sul. *O Ypiranga*, São Paulo, 1923, ano VII, n. 49. • 3. Palácio dos Campos Elíseos, residência oficial do Presidente, um dos mais belos edifícios. *O Ypiranga*, São Paulo, 1922, ano VI, n. 41.

São Paulo Pitoresco, seus Jardins e Recantos

• 1. Terraço do Trianon. Ao fundo o Observatório Meteorológico de São Paulo. *O Ypiranga*, São Paulo, 1923, ano VII, n. 47-48. • 2. Praça da República, belos jardins da Paulicéia. *O Ypiranga*, São Paulo, 1923, ano VII, n. 53. • 3. Um lindo recanto do Jardim da Luz. *O Ypiranga*, São Paulo, 1923, ano VII, n. 54-55.







genda: "Um lindo trecho do jardim da Praça da República, vendo-se ao fundo algumas árvores atingidas pela geada"[46]. Geada que também se estampou na capa da *Ilustração Fotográfica*[47], confirmando a potencialidade do recurso técnico das *Kodaks* em voga.

No discurso das capas, a *Revista Ypiranga* vinha imbatível na divulgação de uma outra cidade. Naquele orgão de propaganda, de firma sólida, constituída pela *Farmácia, Drogaria, Laboratório e Perfumaria Ypiranga*, a imagem veiculada contrariava aquela da desordem descrita acima. Edifícios de grande porte vinham isolados na paisagem, de tal forma que seu entorno resultava em moldura valorativa para seu realce e, sobretudo, na ordem plácida que supostamente caracterizava a cidade. Lá estavam os símbolos da civilidade [O Museu do Ipiranga ou a sede do Palácio do Governo], o culto à Ciência [Instituto Butantã], o marco da Ordem [Penitenciária do Estado] e a permanência da força da Igreja Católica [a nova Catedral da Sé]. A moderna avenida São João, o suntuoso Palácio das Indústrias e a imponente Estação da Luz completavam a vitrine urbana estampada naquele periódico. Lugares pitorescos não podiam faltar, recorrendo-se ao Jardim da Luz, à Praça da República e ao mais requintado deles – o terraço do Trianon.

Em 1920 saía a revista *Terra Paulista*. Voltava-se para a exaltação de Washington Luís, insistindo em seu "vulto de elevada estatura moral, temperamento másculo e de irresistível força do querer". Divulgava seus discursos, estampava suas fotos em pose especial para a revista, enquanto reforçava a pauta com revelações sobre o cotidiano "sofisticado" que se vivia na Capital paulista: os flagrantes de senhoras e senhoritas em compras pela XV de Novembro; a novidade das *bombonieres* que se abriam no *Triângulo*, sempre repletas, a partir da pioneira de Christian Stöcksen, também na rua XV, esquina com o Largo do Tesouro; o chá elegante oferecido por Zélia Street, esposa do industrial Jorge Street, estampado em matéria ilustrada com fotografias de qualidade; o anúncio, em editorial, da visita dos reis da Bélgica, evento que mobilizaria a cidade, o Estado e o País.

As inúmeras interferências realizadas pelo poder público no Centro e arredores imediatos não bastaram para satisfazer o ímpeto de remodelação, ou melhor, de especulação no perímetro da cidade. Com a posse do Prefeito Firmino

46. *Ilustração de São Paulo*, São Paulo, ago. 1918, n. 16.
47. *Ilustração Fotográfica. Revista científica, mensal e de ensino de fotografia e artes correlativas*, São Paulo, 1919, vol. I.

Pinto, outras figurações se impunham, determinadas pelo *Centenário da Independência.* Cognomes e alegorias renovavam-se recorrentemente para a apreensão das tantas projeções da Paulicéia. São Paulo até virou a Capital da Terra Roxa, equívoco geográfico! Naquela celebração, a cidade homenageou seu passado e elegeu seus heróis, em matérias periódicas sucessivas. A locomotiva ainda era sua metáfora, mas Mário de Andrade já a negava e ultrapassava, fazendo o elogio do Tietê. Simultaneamente, o registro de Jorge Americano descrevia outra desordem, ilustrando a transição marcada por convivências anacrônicas, procurando ajustar suas temporalidades, em que coexistiam velhos e novos objetos, antigos sons e ruídos modernos, a exemplo de sons de

> [...] pássaros e das cigarras. Grilos e sapos. Automóveis e bondes. Latidos de cães, miados de gatos. Canto de galo. Mugidos de vacas. Balidos de cabras. Farfalhar do arvoredo. Barulhar das águas correntes. Campainhas de ambulâncias, depois, sereias de ambulâncias e Corpo de Bombeiros. Escapamento aberto de motocicletas. Vitrolas. Rádios. De vez em quando um ruído de avião[48].

Através de renovadora linha editorial surgia, em 1921, *A Garoa.* Revista quinzenal de variedades, em papel cuchê, trazia redação de Martins Fontes, Ribeiro Couto, Cleómenes Campos e Afonso Schmidt. Vinha com registro atenuante do desvario urbano revelado pelas *Kodaks* e pelas reportagens de impacto. Traduzia a atmosfera típica da cidade que era da garoa, enquanto procurava aprisionar a magia do momento fugaz, insistindo no devaneio, em busca da futilidade, da leveza, numa possível vertigem, que a cidade do capital e do trabalho já não mais permitia.

> Ao contrário da maior parte de suas congêneres, A GAROA não tem programa traçado, nem se propõe trazer isto ou aquilo de novo para nosso meio. Apenas deseja gravar o momento que passa, com sua futilidade adorável, a sua leveza aérea, a sua vertigem louca. Chama-se A GAROA, porque surgiu em São Paulo [...] Procuramos um nome despretencioso, que dissesse do Estado d'alma da cidade[49].

Em nota de número posterior, reincindia na proposta, sempre de figuração diferenciada, atenuante da imagem da terra do trabalho, das fábricas, da produção, do cultivo exclusivo do capital.

48. Jorge Americano, *op. cit.*, p. 62.
49. *A Garoa*, São Paulo, 1921.

Slhi

São Paulo [...] aparece sempre nevoenta, imprecisa, com um tom de poesia amável em tudo, e sob um luar de legenda. Aos emotivos, sobretudo, dá a impressão de um jardim fantástico, como o das hesperides, onde as letras são pomos de ouro...é que São Paulo é da Garoa[50].

O periódico insistia em revelar uma outra São Paulo, mais sensível, num primeiro delineamento da "São Paulo Artística". Contudo, na "Cidade Mercadoria", do capital e do trabalho, haveria realmente lugar para a "Cidade Artística"? Desde os idos de 1889, os fundadores da revista *Quinzena Paulista de Letras e Artes*, ironizavam sua própria audácia com aquele lançamento, dada a distância entre os interesses do País agrícola e a poesia. Reforçavam o estereótipo da cidade afeita aos negócios e limitada à exploração do capital:

Em verdade, nós compreendemos toda a inutilidade do esforço contra a inércia literária deste país agrícola. Sabemos que é mais fácil remover uma montanha do que abalar a indiferença pública, mesmo com este formidável escândalo – a literatura[51].

De fato, os compromissos da cidade não prestigiavam as manifestações do espírito, afinando-se tão-só com suas conquistas mercantis e tecnológicas. Não obstante esta melancólica percepção de muitos homens de letras da época, naquele periodismo tentava-se outra representação. Aquela da São Paulo, "Capital Artística do Brasil".

50. *A Garoa, op. cit.*, 1921.
51. *A Quinzena Paulista – Letras e Artes*, São Paulo, Tip. União, 2 jun. 1889, n. 1.

"Capital Artística"

Sarah Bernardt esteve no Brasil três vezes. Em 1886, 1893 e 1905[52]. As capitais Rio de Janeiro e Buenos Aires justificavam a sacrificada *tournée* da diva dos palcos franceses, em direção à América do Sul. São Paulo, em meio ao caminho, embora sem teatro a sua altura, tinha algum público interessado e, mais que isso, muito abonado. Compensava-lhe, nessas excursões caça-níqueis, uma parada entre a lisonja dos acadêmicos da São Francisco e a generosidade dos fazendeiros locais, apresentando-se no extinto Politeama.

Em 1893, ao deixar a cidade, definiu-a como a "Capital Artística do Brasil", expressão imediatamente incorporada e assumida pela sociedade local, ávida de qualificar valorativamente o acanhado meio. A imprensa capitalizou-a e, nas episódicas matérias sobre arte, lá vinha o jargão, adotado como estatuto. E não só. Nas revistas, ele aparecia em destaque, como subtítulo ou título de seções que tratavam dos raros acontecimentos artísticos locais.

Em 1898, a revista *O Guarany* propunha consignar subscrições para a construção de um teatro, dado o "grau de adiantamento compatível com a célebre denominação que Sarah Bernardt deu a esta Capital – a Capital artística do Brasil" [*sic*][53]. Em 1910, a revista *A Lua*, com provável redação de Olavo Bilac[54], em texto irônico, endossava o aposto, justificando seu lançamento para salvaguarda do renome de "Capital Artística do Brasil":

52. Lafayette Silva, *História do Teatro Brasileiro*, Rio de Janeiro, MES, 1938. A atriz esteve, em 1905, encenando em 10 de outubro no Politeama *La Sorcière*, que Sardou escrevera expressamente para ela.
53. *O Guarany, órgão do Congresso Carlos Gomes, apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 819.
54. O texto assinado por Pierrot, pseudônimo de Olavo Bilac, e a fatura parnasiana sugerem sua autoria.

Slhi

Dão licença?

[E vai em forma de oratória que é mais solene.]

Senhoras e Senhores

É em nome da minha Eleita, cujo encanto sublimado, eu ando a milhares de anos a decantar, que aqui venho, de guitarra em punho, sacudindo a guizalhada [...] para passar uma cantata em ordem e convincente nos seus 10.000 adoradores, digo mal, – leitores...

Atenção, pois que lá vai a sapiência, sem modéstia de frases e economia de termos.

Preclaro auditório! Ela, a opalescente Lua, a misteriosa Ofélia de corpo lácteo [...] desce hoje à *gloriosa Pauliceia lendária, para salvar-lhe o renome justamente conquistado de cidade artística do Brasil.*

Assim, com vívido espanto dos sábios astrônomos [...] a minha carinhosa amada veio fechar o Ciclo das tentativas ousadas na imprensa artística de São Paulo, baixando à terra...em papel glacé e tintas mil, para tornar-se o semanário sem rival das orgulhosas plagas dos bandeirantes imortais[55].

A expressão "Capital Artística" reverberou por muitos anos, veiculando a imagem de uma cidade afinada com a cultura, embora o segmento letrado se ressentisse do atraso local. Com o tempo, o cognome foi questionado. A revista *Terra Paulista,* de 1920, na seção *Palcos e Telas,* lamentava o dito da atriz, incompatível com a realidade da cidade:

Sarah Bernardt, aquela mulher adorável que um dia teve a má idéia de dizer que São Paulo era uma capital artística, talvez se repetisse hoje as suas memoráveis palavras, falaria com mais razão... De fato. Era artística a capital que deixava às moscas os bons teatros, as belas exposições, a capital que fugia às celebridades do mundo para encurralar-se nos circos de cavalinhos? [...] Por certo que não. Não era, nem é. Daí o adiantarmos ser uma idéia condenável a da grande trágica francesa em dar-nos aquele honroso qualificativo o nome distinto que encheu de dedos, durante muito tempo, quasi toda uma geração... Idéia lamentável; humorismo desaforento![56]

Em 1924, no editorial da *Revista do Brasil,* um Paulo Prado indignado retomava o equívoco, lamentando sermos um povo essencialmente literário, numa época de realizações práticas. Condenava nosso "regresso às formas de um passado decrépito [...] anacronismo que recende a naftalina", assim como a adoração livresca da França Acadêmica, o culto a Anatole France e o ridículo do academicismo brasileiro.

55. *A Lua,* São Paulo, 1910, ano I, n. 1, grifo nosso.
56. *Terra Paulista, op. cit.*, nov. 1920, ano I, n. 8.

E para templo dessa religião instalam-se num Trianon versalhesco e cinzento, muito enfiado na sua correção, junto ao que Mário de Andrade chamou de o pinote do Corcovado[57].

Na mesma *Revista do Brasil*, em 1934, retomava a frase de Bernardt com recriminação. Insistia no propósito adulador que a presidiu e, numa radiografia cruel, desmontava a ilusão de que éramos a Capital artística do Brasil:

Nosso bovarismo é inerente ao nosso contexto, à nossa realidade política [...] imitação do infantil sistema político inglês e [...] arremedo do constitucionalismo americano. [...] Mas de todas as nossas pretensões megalomaníacas, nenhuma sobrepuja a tradicional convicção de que somos a capital artística do país[58].

Para o crítico, a arte em São Paulo, com algumas exceções, era "uma grosseira caricatura das musas divinas". A música estaria defasada em cinqüenta anos, a pintura era "repugnante exibição de mau gosto dos novos ricos" e a escultura não passava de "monstros semeados pelas praças e ruas da cidade". Atribuía essa "lamentável falha de nosso progresso", constituído sobretudo de fábricas e cafezais, à nossa profunda anemia intelectual e artística elencando mais uma patologia da qual éramos vítimas, endossando a ótica de Lobato e Manoel Bonfim, explicadores do Brasil[59].

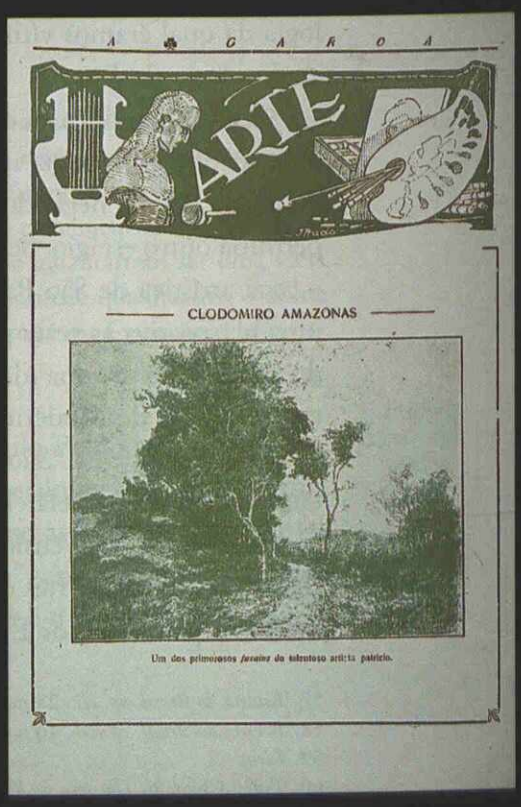
O nível de exigência de Paulo Prado, um dos homens que percebera o Brasil a partir de Paris, exigia indiretamente que se reproduzisse aqui o que havia de avançado lá fora, negando um processo histórico que naquele momento não nos permitia outro estágio. Seu registro inscreve-se naquele "olhar modernista" sobre a cena artística de São Paulo que, de acordo com Chiarelli, vinha "imbuído de uma perspectiva às vezes preconceituosa da situação pré-modernista [...] obstando à formação de uma idéia mais aproximada do real [...] nos anos que precederam a eclosão do Modernismo"[60].

Insista-se que na "São Paulo Artística", o mecenato exercido pelo Estado era também presidido pela elite paulista, à medida que esse grupo conjugava-se ao poder. As bolsas do Pensionato Artístico, liberadas pelo Sr. Freitas Valle, as exposições do Liceu de Artes e Ofícios, em cuja direção estava Ramos de Azevedo, e mesmo o patrocínio de Exposições, eram iniciativas oficiais mas, a rigor, da bur-

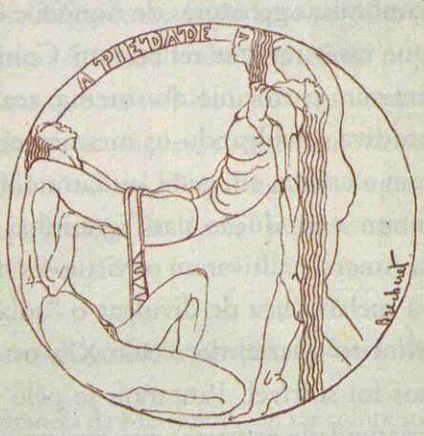
57. *Revista do Brasil, op. cit.*, 28 nov. 1934.
58. *Revista do Brasil, op. cit.*, 16 nov. 1934.
59. *Idem.*
60. Tadeu Chiarelli, *Um Jéca no Vernissage*, São Paulo, Edusp, 1994, p. 64.

Páginas de Arte • A revista *A Garoa*, de 1921, com Cleómenes Campos como redator e J. Prado como ilustrador, punha em cena a produção artística do momento. Ao lado de Clodomiro Amazonas, colocavam-se Ferrignac, Victor Brecheret, Belmonte e Di Cavalcanti. • 1. Clodomiro Amazonas, *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 5. • 2. Ferrignac, *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 3. • 3. Victor Brecheret, *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 1. • 4. Di Cavalcanti, *A Garoa*, São Paulo, 1921, n. 4. • 5. Belmonte, *A Garoa*, São Paulo, 1922, n. 12.









VICTOR BRECHERET



PENSIEROSA



DI CAVALCANTI





O SUPLICIO MODERNO

BELMONTE

guesia paulista, que, afinal, constituía o poder. O resultado não podia ser diverso num empório comercial em que o dinheiro vinha do cafezal e da indústria, matrizes econômicas geradoras de riqueza e que davam o tom.

O que essas revistas refletiram? Considerando que muitas das publicações contavam com patrocínio do sistema, acabaram por reproduzir aquilo que o Estado aprovava, divulgando os mesmos nomes já consagrados pelo crivo oficial. Exerceram a crítica, em geral laudatória, fosse a crítica de serviço ou a militante, estamparam a produção das "igrejinhas literárias", que faziam de seu centro Amadeu Amaral, cultivaram os virtuoses musicais de "sucesso no exterior", numa tentativa melancólica de divulgar o "adiantado da Capital". Em seu conjunto, até o primeiro quartel do século XX, o total de realizações divulgado por estes impressos foi sofrível. Pautaram-se pelo esforço de valorizar manifestações de pouca criatividade artística, que estavam subordinadas aos cânones de Escola, a qual já tivera seus epígonos: na pintura, o paisagismo tão adequado ao projeto de valorização do nacional; no terreno musical, teimavam em reproduzir os clássicos europeus, ainda aficcionados das companhias líricas que excursionavam pela América Latina; quanto ao teatro, debatendo-se pela temática autóctone, foi aos poucos perdendo espaço naquelas revistas, em princípio pelo avanço do cinematógrafo, seguido da difusão do cinema.

Por um lado, Paulo Prado tinha razão. A Capital do Café não passava de uma cidade de negócios, com medíocre fermentação artística, subordinada a um mecenato pouco categorizado, enquanto a crítica veiculada pelo periodismo de oposição vinha perspicaz ao elucidar os entraves do setor. Negando a produção artística local, investia contra seus patrocinadores oficiais, ou seja, contra os donos do poder, sinalizando que a produção da cidade não passava de reflexo do próprio atraso de seus dirigentes. Sob o pseudônimo de Mem Bugalho, era Lobato quem trazia avaliação sagaz, nas páginas de *O Queixoso*:

> A gente do governo, de coisas artísticas, inda não passou da arte culinária eleitoral. O Conselheiro [...] distingue a Vênus de Milo da Vênus Hotentote pelo número de braços de cada uma. Ponham um braço postiço na de Milo e ele, tonto, vacilará. O futuro Altino de pintura não vai de pernas, em música lacrimeja ao ouvir a *Cabocla do Caxangá*, em arquitetura só pesca de igrejas e capelinhas, em escultura tem para si que o Marino del Favero, com seus santos de gesso pintado, é um Fídias de miguelangesco vôo [...][61].

61. *O Queixoso*, São Paulo, 29 jan. 1916, ano I, n. 4.

SIhi

Não obstante cobrar-se do público paulistano, avesso ao cultivo artístico, um maior envolvimento com as manifestações de arte da cidade, a censura direta e constante incidia contra Freitas Valle[62]. *O Queixoso*, órgão que se voltava contra o círculo de seu caricaturado titular, Altino Arantes, vinha impiedoso no enfoque do poderoso mecenas Freitas Valle. Claro que através da ironia, em tom benevolente, justificando de forma jocosa todas as acusações, com lábias sábias, típicas da pena de Lobato. Ainda sob o pseudônimo de Mem Bugalho, sugeria que o "delegado de Apolo em São Paulo para padreação das Artes" pulasse na arena para receber "defesa":

> De que o increpam? De quatro crimes sem perdão: *Rebentos, Ophis,* a *Vila Kirial, Taphos.*
>
> *Rebentos*, seu livro de versos escrito em francês da Martinica [...]; ser composto em versos simbólicos.
>
> *Ophis*, de novo pelo livro escrito em francês? Como poeta francês é inofensivo [...]
>
> *Vila Kirial.* Só por batizar sua casa de Vila? [...] Kirial é um som, nada mais. [...] É Kirial, como seria sem mudança de uma telha, Kirie-eleison, Killopodia, Kinesoclica, Kilométrica ou outra qualquer sonância enfeitada com KK e YY e se quisesse XX...
>
> É asneira, não resta dúvida, mas não vai além. Uma asneira com portas e janelas, telhado, paredes e o habitante dentro...
>
> *Taphos*, porque banqueteia amigos e brinda ao Conselheiro a copitar de vinho de Taphos [...]
>
> Entronizou-se [...] na cadeira Pontifícia da estética Oficial [...] É hoje o Papa infabilíssimo. Premia e castiga. Dá e tira Pensões. Protege ou despreza artistas como lhe sobe na veneta. Tem o Gonzaga do Tesouro à mão para consolidar a Infalibilidade [...][63]

Não obstante, o provincianisno e/ou bovarismo da cena artística paulistana que emergiu das revistas periódicas ainda nesse primeiro quartel de século foi eventualmente quebrado pela divulgação da produção pictórica local, traduzida nas exposições improvisadas em salões de livrarias e confeitarias do *Triângulo*. Na sua maioria, resultavam da produção de bolsistas do Pensionato do Estado, apre-

62. José de Freitas Valle [1870-1957], pseudônimo Jacques D'Avray, nasceu em Alegrete [RS]. Bacharel por São Paulo, dedicou-se à advocacia e ao magistério, ingressando com 23 anos por concurso na cadeira de francês e literatura francesa do Ginásio Oficial de São Paulo, onde permaneceu 43 anos e 7 meses, sendo em seguida nomeado subprocurador oficial do Estado. Poeta simbolista, fez de sua casa na Vila Mariana um centro de artistas. Iniciou o movimento simbolista em São Paulo. Escreveu sempre em francês: *Tragipoemes* [versos], *l'Etincelle* [peça em versos], *Le miracle de la semence* [libreto com música de Alberto Nepomuceno]. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, vol. V, pp. 1282-1283.

63. *O Queixoso*, São Paulo, 29 jan. 1916, n. 1.

sentando os resultados das estadas em Paris, pouco inovadores, na realidade. Sabe-se que Pedro Alexandrino, Benedito Calixto e Wasth Rodrigues retornaram ainda mais apegados às suas tradicionais estéticas e na esteira do cultivo do nacional aperfeiçoaram respectivamente naturezas-mortas, marinhas e paisagens.

Folhear as revistas de variedades permitiu, contudo, visitar algumas exposições ali estampadas, quando não a leitura da incipiente e, por vezes, pernóstica crítica então encetada. Até 1904, a cidade pouco sabia desse hábito, constando datar de 1872 a primeira das exposições, realizada na *Casa Garraux*, no vasto salão térreo do sobrado[64]. Em 1880, Jules Martin causou impacto ao organizar a maior delas, de vistas fotográficas da província tiradas por Marc Ferrez[65]. Em princípios do século, o registro de exposições nas revistas limitava-se à menção do evento, tão-só com fins de divulgá-lo, restringindo-se a cumprimentos ao artista. Não chegava nem mesmo a ser uma crítica de serviço[66], dado o laconismo do informe. Em 1904, a *Antártica Ilustrada,* que tinha Norfini como diretor artístico e Phoca como caricaturista, trazia a exposição de Antonio Parreiras, no fundo da *Castelões.* A mesma revista noticiava ter recebido a visita em sua redação de Antonio Parreiras e Ferrigno; em 1905, *A Novidade* cumprimentava Aurélio de Figueiredo, que se apresentava na rua XV de Novembro: "Que o inspirado artista tenha feliz êxito na exposição que acaba de inaugurar são os nossos vótos"[67]; em 1908, a *Vida Paulista* estampava Belmiro de Almeida trabalhando no quadro *O Progresso*[68]; *Vida Intensa*, em 1914, reproduzia a *Fundação de São Paulo* e *Instituição da Câmara Municipal*, de Antonio Parreiras[69].

Contudo, o pintor mais festejado naquele periodismo foi Benedito Calixto. *A Boêmia* estampou seu retrato, assim como *A Nova Cruz*, ambas de 1905; *A Crônica*, de 1908, com Júlio César da Silva na direção, reproduziu as cenas de São Vicente, de sua autoria, enquanto a católica *Santa Cruz* divulgava longa matéria sobre sua exposição, festejando-lhe a obra. Não obstante a extensa análise da coletânea exposta, o texto não passava de crítica de serviço. Oportuno lem-

64. Goulart Manfredini, *op. cit.*, p. 32.
65. *Idem*, p. 39.
66. Chiarelli define a *crítica de serviço* tomando como exemplo sua prática em *O Estado*. Além do objetivo de informar a ocorrência do evento, "se apresentava mesclada pela necessidade de conferir ao objeto exposto seu justo valor enquanto obra de arte, uma vez que à crítica se colocava o propósito não só de informar, mas também de orientar o gosto do público em geral e o próprio expositor", *op. cit.*, p. 70.
67. *A Novidade, op. cit.*, 3 jul. 1905, p. 36.
68. *Vida Paulista, op. cit.*, 1908, p. 135.
69. *Vida Intensa, op. cit.*, mar. 1914, n. 1.

brar que Benedito Calixto, ex-pensionista do Estado, era figura absolutamente identificada com a situação. Afinava-se com o círculo oficial e mais ainda com a Igreja, dado seu efetivo envolvimento com a religião católica. Assim, compartilhava das pesquisas históricas com Taunay, por quem foi incumbido de reproduzir em tela as técnicas de beneficiamento de café, em extinção nas velhas fazendas; recebia encomendas de pinturas murais em igrejas do interior e da Capital; ganhava as páginas periódicas da imprensa católica, especialmente da revista *Santa Cruz*, dos salesianos.

Não era muito diferente a situação de Alfredo Norfini. Ligado ao grupo do Liceu, também uma instituição do Estado, colocou-se pelas relações e pelo talento como ilustrador da *Antártica Paulista* e diretor artístico/ilustrador de *O Pequeno Polegar*; em 1920 anunciava seu *atelier* na revista *São Paulo Ilustrado.*

Wasth Rodrigues contou, igualmente, com as benesses do apadrinhamento do governo. Em 1917 foi solicitado por Washington Luís para executar o brasão da cidade, conquistando os espaços de que necessitou para divulgação de suas obras. Umberto della Latta, festejado pela crítica na revista *O Eco*[70], durante anos foi ilustrador da *Vida Moderna*[71], envolvendo-se com as ilustrações publicitárias da *Falchi* e cigarros *Sudan*[72]. Di Cavalcanti, de geração mais jovem, vinha como renovação. Integrado ao grupo de colegas bacharéis, sobretudo pela bagagem afinada com as demandas artísticas da época, compareceu em *O Pirralho* 1911, *Miscelânea* 1920, *Panóplia* 1921, entre outras, portando traço diverso dos tradicionais paisagistas que ocuparam o periodismo[73].

No âmbito literário, o surgimento da *Academia Paulista de Letras*, em 27 de novembro de 1909, iniciativa do médico e ensaísta Joaquim José de Carvalho, secundado por Sílvio de Almeida e sua mulher, a escritora Presciliana Duarte de Almeida, configurou mais um sodalício, aberto aos mesmos nomes que freqüentavam as tradicionais instituições culturais da cidade. Sua instalação, sob a presidência de honra do Presidente do Estado, Albuquerque Lins, em sessão realizada no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, assinalava o nascimento de uma extensão do poder, também fruto da Ordem. Julgar sua atividade através das revistas é pouco produtivo. Não se registrou naquele periodismo nenhuma

70. *O Eco*, São Paulo, set. 1919, ano XIX, n. 3.
71. *Vida Moderna*, *op. cit.*, 1909.
72. *Panóplia*, *op. cit.*, 1918, ano II, n. 2.
73. Walter Zanini, *História Geral da Arte no Brasil*, *op. cit.*, pp. 520-521.



EXPOSIÇÃO

ALEXANDRINO

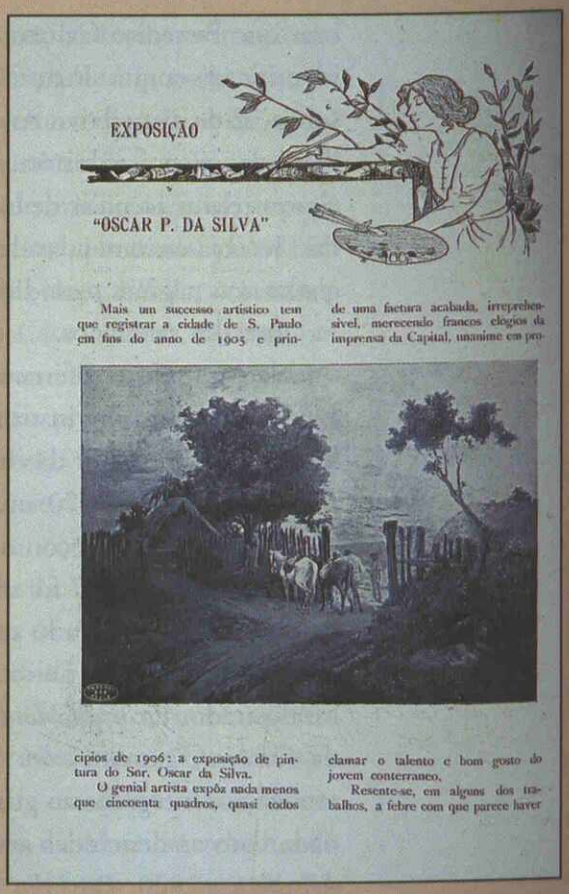
Inaugurou-se, ha mais de um mez, na artistica Pauliceá, a exposição de quadros do distincto pintor paulista, Pedro Alexandrino, installada em um dos salões do Lyceu de Artes e Officios.

Pedro Alexandrino, antigo e prezadissimo discipulo de Almeida Junior, esteve ausente da terra natal dés do anno 1897 e, agora, recentemente chegado a esta capital, veio patentear aos seus conterraneos e admiradores o quanto progredio nos nove annos consumidos, no grande centro artistico que é Paris, em aperfeiçoar-se no estudo da pintura.

A exposição de seus quadros inaugurou-se com o comparecimento dos snrs. drs. Jorge Tibiriçá, presidente do

52 — Cuivre et raisins

1



EXPOSIÇÃO

"OSCAR P. DA SILVA"

Mais um successo artistico tem que registrar a cidade de S. Paulo em fins do anno de 1905 e principios de 1906: a exposição de pintura do Snr. Oscar da Silva.

O genial artista expõz nada menos que cincoenta quadros, quasi todos de uma factura acabada, irreprehensivel, merecendo francos elogios da imprensa da Capital, unanime em proclamar o talento e bom gosto do jovem conterraneo.

Resente-se, em alguns dos trabalhos, a febre com que parece haver

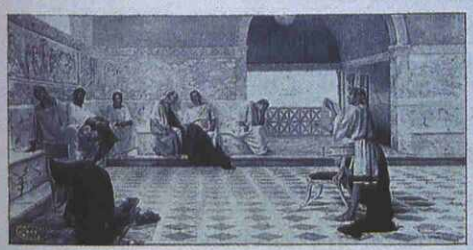
2

O Ensaio das Exposições de Arte • A Capital do Café dava os primeiros sinais de sua potencialidade como empório artístico. Artistas do Rio de Janeiro descobriam em São Paulo o mercado favorável para aquisição de seus trabalhos e passavam a expor suas obras em salas improvisadas do *Triângulo*. A divulgação dos eventos ficava a cargo das revistas, em que também encetava-se a crítica de arte, fosse de serviço ou militante. Nas páginas da *Revista Santa Cruz* e do *Álbum Imperial*, ambos de São Paulo, observamos as exposições estampadas • 1. Exposição de Pedro Alexandrino • 2. Exposição de Oscar Pereira da Silva. • 3. Exposição de Weingärtner. • 4. Exposição de Benedito Calixto.

SIhi

EXPOSIÇÃO WEINGÄRTNER

Gérome, o celebre pintor e esculptor francez ha pouco fallecido e que legou á posteridade treze obras primas, escreveu:



Recitator acerbus

«*L'interprétation saine, puissante et vraie de la nature est la seule voie qui conduit aux chefs-d'œuvre.*

«*Le véritable artiste est celui qui voit la nature avec sincérité. Elle est le seul guide qui ne trompe jamais; mais il faut la suivre au plus près*».

Para o artista, porém, a natureza não é somente o descampado simples, nem a perspectiva caprichosa dum conjuncto de maravilhas naturaes artificialmente architectadas e conscienciosamente representadas; para elle, a natureza é o universo inteiro, os seres viventes e as coisas, os campos, as florestas, os prados, as montanhas, as nuvens, o céo, a rua, a praça publica, os interiores, os episodios da vida, etc., em summa, tudo que ostenta ou possue fórmas, e offerece á imaginação elementos de sensação.

A natureza entrega-se inteiramente, com todos os seus segredos e



EXPOSIÇÃO CALIXTO

—E' absolutamente inutil, diziamos em nosso numero de outubro passado, tentar enaltecer os meritos de Benedicto Calixto, pois esse pintor é uma individualidade bem distincta e notoria na pleiade illustre de nossos artistas.



Benedicto Calixto

E como se, para accentuar a verdade d'essa asserção, não bastassem os laureis já tantas vezes colhidos em exhibições anteriores, determinou o illustre mestre fazer ainda este anno uma exposição publica de seus ultimos trabalhos, quasi todos rubricados com data de 1906.

Inaugurada a 12 de Maio em um dos salões do *Mundo Elegante*, á rua 15, a 24 do mesmo mez dava-se por concluida a exposição, que foi visitada por mais de 3000 pessôas, das mais gradas da sociedade paulistana.

A imprensa diaria foi prodiga dos mais francos encomios á obra ingente do Sr. B. Calixto e a *Santa Cruz*, engalanando suas columnas com a reproducção de alguns d'esses trabalhos outra cousa não faz senão dar cumprimento a um duplo dever, de justiça e de gratidão ao eminente artista nacional.

D'entre os numerosos quadros, que occupavam duas salas do edificio, sobresaem os assim chamados *de marinha*, representando

fermentação cultural pela iniciativa da *Academia*, apesar de ocuparem sua presidência figuras de significado na cena cultural, alguns deles polígrafos de periódicos. Brasílio Machado permaneceu como presidente de 1909 a 1919, ano de sua morte, a que se seguiu uma longa vacância; só em 1929 subiria Amadeu Amaral, que faleceria seis meses depois da posse. Nesse apartamento da vida cultural da cidade reafirmava-se o significado das revistas periódicas, como espaço quase exclusivo para colocação dos aspirantes às letras. A própria *Academia* só viria a ter sua revista em 1937, na gestão de Alcântara Machado, por iniciativa do então membro e secretário René Thiollier.

Na cena teatral, 1911 foi ano-marco na vida artística paulistana, com a inauguração do Teatro Municipal e a Exposição de 1911. Finalmente, a cidade tinha uma casa de espetáculos à altura dos palcos europeus, com projeto arquitetônico neo-renascentista, de autoria de Cláudio Rossi, associado posteriormente a Domiciano Rossi e Ramos de Azevedo. No centro do teto abobadado, três telas decorativas pintadas diretamente no forro por Oscar Pereira da Silva, referentes ao Teatro Grego, à Música e à Dança. A capa do programa inaugural vinha gravada em ouro, com clichês de Frederico Emanuel, desenhos de F. Ranzini, fotogravuras de Luiz Giuisti e a impresão Pocai & Weiss. A companhia italiana trazia o barítono Titta Ruffo[74], que retornava de *tournée* pela Argentina. A escolha da ópera *Hamlet*, de Ambroise Thomas, contrariou os nacionalistas e criou celeuma. O então vereador Alcântara Machado protestou na Câmara Municipal, enviou representação pedindo apoio ao *Centro de Ciências e Letras* de Campinas e como paliativo, precedendo a discriminada ópera, se ouviu a protofonia de *O Guarani*. Iniciou-se, a partir de então, um calendário anual preciso de corrida às temporadas líricas, que trazia mais cedo do *Hotel de La Plage*, no Guarujá, a elite em *vileggiatura*, época apropriada para a mais concorrida exibição das *toilletes* e agitação social da elite.

Sem reprodução nas revistas, salvo de alguma *prima dona* de presença marcante nos palcos, ou pelas notas sociais – as temporadas líricas firmaram a agenda do Teatro Municipal. Entre 1912 e 1926 levaram à cena 88 óperas, consignando o repertório geral das temporadas em 270 espetáculos![75] Neste mesmo ano

74. O convite para a inauguração consta do acervo do Museu Paulista, sob a referência arq 81 D 4376.

75. Franco Cenni, *Italianos no Brasil*, *op. cit.*, pp. 361-362. Ver ainda sobre o Teatro Municipal, Antonio Barreto do Amaral, *História dos Velhos Teatros de São Paulo*, Pref. de Miroel Silveira, São Paulo, Governo do Estado, 1979, pp. 391-402.

de 1911 lançou-se *O Pirralho*. Nele, o caricaturista Voltolino evidenciou parte do crescimento da evolução artística da cidade, reproduzindo os grandes nomes de lírica e as companhias dramáticas italianas que pisaram seu palco, também fixando na rua o cartaz da Exposição de 1911. São Paulo tinha então seu primeiro salão de artes plásticas. A *Ilustração Paulista* divulgava os nomes da comissão promotora, entre outros, Adolpho Pinto, Carlos de Campos, Augusto Barjona, Couto Magalhães, Amadeu Amaral, o que vale dizer, homens do governo e figuras do jornalismo, especialmente de *O Estado de S. Paulo*[76].

A criação da *Sociedade Cultura Artística* em 1912[77], por iniciativa do grupo de *O Estado de S. Paulo*, sinalizava que a cidade comportava uma agremiação de caráter privado, voltada especialmente para a propagação das manifestações artísticas. Por sua iniciativa, sucederam-se saraus lítero-musicais, palestras sobre o idioma nacional e arquitetura brasileira, proferidas por Afonso Arinos, Amadeu Amaral, Plínio Barreto, Ricardo Severo.

Concomitante, a vinda de artistas do Rio de Janeiro para expôr suas obras na Capital paulista referendava a existência de público interessado e, mais que isso, com poder aquisitivo. O que se intensificou com o deflagrar da guerra, obrigando o retorno de artistas pensionistas da Europa para o Brasil. Aqui, deram início à abertura de cursos particulares de pintura, sobretudo para senhoras e senhoritas, acentuaram o hábito de Exposições, não só dos mestres, mas igualmente de seus alunos, resultando uma agenda de eventos mais ambiciosa. Na vaga da Liga Nacionalista, o hábito das conferências recrudesceu, privilegiando-se o cultivo da temática nacional, que encontrou nas obras dos paisagistas naturalistas sua melhor tradução. Benedito Calixto, Antonio Parreiras, Batista da Costa, Clodomiro Amazonas ao reproduzirem a paisagem brasileira correspondiam plenamente no campo artístico ao debate instaurado pela República, que privilegiara a estética naturalista, em contraponto à produção da Academia Imperial de Belas Artes. A despeito da estada européia de alguns deles, viu-se que preservavam-se incólumes às influências daquela vanguarda, permanecendo fiéis às tendências do repertório temático brasileiro[78].

76. *Ilustração Paulista*, São Paulo, 24 jun. 1911, n. 25.

77. A *Sociedade de Cultura Artística*, fundada em 1912, foi a primeira associação paulistana fortemente marcada pela necessidade ética de valorizar o nacional, criada por jornalistas e intelectuais ligados ao *Estado*, entre eles Amadeu Amaral, Arnaldo Vieira de Carvalho e Nestor Pestana. Tadeu Chiarelli, *op. cit.*, p. 93.

78. Estes artistas se colocaram na situação desejada pelo *status quo*: negavam a produção da antiga Academia Imperial de Belas Artes, vista como marco retrógrado do Império, e não se influenciaram pelas correntes da

SIhi

Balizando a singular dinâmica cultural da Capital paulista, no ano de 1916, um lançamento de significado – a *Revista do Brasil*. Pelo corpo de colaboradores e propósitos anunciados, o empreendimento filiado ao jornal *O Estado de S. Paulo* redundava na contribuição mais importante daquele periodismo. No mesmo ano, precederam-na duas revistas de oposição, marcadas pelo talento de Amadeu Amaral, a criatividade de Marcondes Machado [Juó Bananére] e de Voltolino, permitindo mais avaliações da ainda decantada "Capital Artística do Brasil": *O Queixoso*, cujo primeiro número é de 29 de janeiro de 1916 e *A Vespa*, lançada em 18 de abril de 1816. A primeira, embora trouxesse uma seção intitulada "Capital Artística", não poupava críticas ao estágio cultural da Paulicéia. A segunda, mais ferina, retomava a equivocada frase de Bernardt, insistindo na esperteza da artista face à precariedade daquele meio, à época:

> O nosso povo aplaudiu-a com frenesi, juncando o palco de flores e chapéus [...] Agradecida, a genial cabotina apresilhou na lapela da Paulópolis ingênua a comenda de Capital Artística – não disse se do Bráz ou do Brasil[79].

No mesmo ano, a tradicional *O Eco* anunciava a exposição de pintura do mineiro Fernandino Júnior nos altos da *Casa Di Franco* adiantando, numa observação acaciana: "São Paulo é um centro adiantado e cultiva o bom gosto pelas artes"[80]. Em 1919, a mesma *O Eco* estampava a Exposição Della Lata, dos irmãos Menotti e Umberto, confirmando sucesso de venda. O periódico aproveitava o espaço da crítica para desfazer o equívoco do demérito da paisagem paulista:

> Tínhamos como certa a lenda de que a Paulicéa foi mal aquinhoada em paisagens pela natureza, entretanto não deixou de inspirar lindos quadros aos jovens expositores. Sirva isso de desmentido aos que creem em tal lenda e de maior elogio ainda à arte dos jovens pintores[81].

vanguarda européia, que macularia a manifestação de uma arte genuinamente nacional. Tadeu Chiarelli, *op. cit.* José Carlos Durand numa outra linha de interpretação entende que a frágil situação social do bolsista brasileiro em contexto adverso impediu-lhe aproximação e integração às rodas de vanguarda. Entre estes estaria Benedito Calixto, que voltou o mesmo, Wasth Rodrigues e mesmo Portinari, que antecipou sua volta. No lado oposto, estaria Tarsila do Amaral, portadora dos trunfos sociais exigidos para integrar-se àquela vanguarda. Ver José Carlos Durand, *Arte, Privilégio e Distinção. Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil 1885-1985*, São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989, parte II, cap. 5, em especial pp. 77-80.

79. *A Vespa*, São Paulo, 18 abr. 1816, ano I, n. 1.
80. *O Echo, op. cit.*, nov. 1916, ano XV, n. 5.
81. *O Echo, op. cit.*, set. 1919, ano XIX, n. 3.

SIhi

A julgar pelas Exposições mencionadas naqueles periódicos, a cidade vivia momento de rica programação no setor pictórico. A crítica ali estampada, ensaiando a crítica militante[82], elucidava o valor da mostra, mas revelava também o nível de recepção da cidade às manifestações daquele teor. Vale deter-se em algumas revistas da oposição, com ataque frontal ao governo de Altino Arantes, e por conseqüência, ao seu representante no setor artístico, Freitas Valle.

Em *O Queixoso*, a seção "Capital Artística", incidia na Exposição de Wasth Rodrigues e no recital da pianista Antonieta Rudge. O crítico iniciava com ataque sutil, senão irônico, à pouca divulgação dos eventos, ressentindo-se de que os artistas não fizessem propaganda dos louros colhidos no exterior, divulgando "os trechos amáveis da crítica de *todas as aldeias da Europa*". Todo um intróito para lamentar a pouca freqüência à Exposição de pintura e à reserva de ingressos para o recital, o que resultava numa lástima maior: a ínfima aquisição de obras. Cabia destaque à provecta Marquesa de Itu, que, entusiasmada com a paisagem de Vuturuna-Tietê, adquiriu-a "para ornamento de sua suntuosa residência". Citada e elogiada a civilizada iniciativa da Sra. Marquesa, que reservara o quadro afixando-lhe seu cartão na lateral, o crítico prosseguia desmerecendo a sociedade paulistana, "arrivista e materializada", censurando especialmente os responsáveis pelo incentivo artístico na Capital, vale dizer, o Sr. Freitas Valle:

> Esses traços de fidalguia já se vão perdendo na nossa sociedade arrivista e materializada... Nem mesmo aqueles a quem a Constituição distribuiu o papel de proteger as letras e as artes se lembram de que há uma arte nacional servida por artistas brasileiros. Os seus ricos automóveis, de ostentosos emblemas oficiais, podem parar às portas dos cinemas, dos "bars" e de outras casas de diversões; mas, nunca se viu abrirem-se as suas portinholas diante de uma exposição de pintura ou à entrada de uma sala de concerto, para deixar passar a oficial pessoa de um dos estadistas que fazem a felicidade desta terra.
>
> Não estão para maçadas...Um concerto! Ainda se fosse no Cassino, com uns números de tango pelo meio... E então uma exposição de pinturas... Para que, se aí temos de graça a nossa tão decantada "naturaleza"?
>
> Afinal, por que mais pintores? Pois não nos bastam para os retratos oficiais o Calixto e o Jonas de Barros?[83]

82. Chiarelli entende como crítica militante "[...] os textos onde se percebe o desejo de intervir decisivamente na cena artístico-cultural, propondo sua transformação sempre a partir de um parâmetro ético, estranho à especificidade artística – no caso, o forte nacionalismo", *op. cit.*, p. 70.

83. *O Queixoso*, São Paulo, 29 jan. 1916, n. 1.

S|hj

Em número seguinte, a mesma seção confirmava o proliferar de exposições, ao tratar das mostras de Lucílio e Georgina de Albuquerque, Dario e Mário Villares Barbosa e Levino Fanzeres. Através de crítica militante, aquilatava a produção dos pintores no quadro de suas trajetórias:

São Paulo esteve por alguns dias abarrotado de quadros. Tantas exposições espalhadas por aí – na rua XV, na de S. Bento, na Líbero Badaró – faziam lembrar o célebre epíteto que nos ficou pegado ao lombo como uma marca indelével: "Capital Artística". Até que enfim, vivíamos a correr de uma exposição para outra: da de Lucílio para a dos irmãos Barbosa, da dos irmãos Barbosa para a de Levino Fanzeres... No terceiro "vernissage" houve mesmo quem lembrasse Paris, com as suas mil e uma exposições – de aquarelistas, de orientais, de novos, de independentes, de decadentes, de cubistas...

Mas, tudo quanto se expoz, merecia a pena, realmente ser exposto? É o que conviria dizer, se estivéssemos aquí para dizer... desaforos. Mas também em Paris, nem todos os dez mil quadros que se expunham anualmente, eram admiráveis. E Paris não é a *Capital Artística*[84].

O crítico, que se assinava "J", não era outro senão Mário Pederneiras, elogiando a Exposição de Lucílio e Georgina de Albuquerque, que expunham cerca de quarenta telas, "aquele em boa hora chamado para ser professor da Escola Nacional de Belas Artes"; os pintores Dario e Mário Villares Barbosa, retornando do estrangeiro, apresentaram-se com cerca de 200 telas, na opinião do crítico, "[...] nem todas elas são obras-primas – mas revelam aproveitamento e decidida vocação artística". Referindo-se à exposição de Levino Fanzeres, prêmio de viagem da Escola Nacional de Belas Artes, adiantava: "Levino confirmou plenamente nossa expectativa: é um temperamento de artista, que muito fará com o diuturno aperfeiçoamento de sua técnica. Os seus quadros são a prova mais eloqüente de que muito há de esperar dele".

Entre o ataque e desmerecimento da crítica de oposição e os encômios da imprensa oficial no âmbito da arte, a Capital Artística ainda era a Capital do Café. A Pinacoteca, tida como pobre, ficava escondida do público lá para os lados da Luz, junto ao Liceu, e seu acervo não passava de cem obras[85]. As iniciativas de qualidade resultavam sempre da elite, pensadas, finalmente, para seus pares. Em 1919, não foi diferente na montagem da peça *O Contratador de Diamantes*, de Afonso Arinos, encenada no Teatro Municipal, com amparo oficial[86].

84. *O Queixoso*, São Paulo, 7 mar. 1916, ano I, n. 7.
85. *OESP*, 21 set. 1919, p. 5.
86. Para uma descrição minuciosa da encenação ver Tania Regina de Lucca, *op. cit.*

Todavia, às vésperas do *Centenário da Independência*, numa radiografia via mercado periodístico, a produção artística da Capital apresentava inovações. *Terra Paulista*, revista de 1920, não obstante alguns senões, até admitia o estágio superior da cidade:

> [...] nosso público vai se enfronhando nas cousas da arte, já não lhe tem horror, já lhe faz carícias – muito embora de quando em vez, dê umas ratas como essa de ter deixado ir-se livremente um conjunto apreciável como a Companhia Poneti, de incontestável valor. [....] São Paulo já se vai civilizando em matéria de artes e, principalmente, de belas artes[87].

No geral, todavia, seu público – com exceção da elite educada, e que ainda freqüentava Paris – pouco motivava-se para o desfrute das manifestações artísticas; e as instituições culturais permaneciam as mesmas da década de 1910, vincadas ao perfil tradicional que as presidira.

Contudo, havia inquietação no ar. O percurso pelas revistas revelou que a cidade se aprontava para vôos mais ambiciosos no terreno artístico. Não exatamente pela sensibilidade e demanda de seu público, mas através do consumo viabilizado pela nova sociedade, que dispunha de capital e encontrava naquele comércio de artes, sinais de civilidade e distinção[88]. Concomitantemente, a nova fatura do impresso periódico também apontava para uma evolução. Em 1917, a revista *Panóplia* inovava no tratamento gráfico e na estética da diagramação; em 1919, *Sports* vinha moderna, com traço de Hasmussen na capa cheia de força; *Papel e Tinta*, de 1920, com logotipo de Brecheret e ilustrações de Paim, trazia nomes jovens no quadro redator: Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia; *São Paulo Ilustrado* contratara Aníbal Machado para a direção; *Terra Paulista*, de 1920, estampava a maquete vencedora do *Monumento da Independência*, de Ettore Ximenez; a estética de revistas como *A Garoa*, 1921, com Alceu Dantas Maciel na direção, Cleómenes Campos, redator secretário e J. Prado na redação e ilustração, conferindo peculiaridades gráficas e textuais inovadoras. Amadeu Amaral, que ainda centralizava na literatura, trazia para a *Revista do Brasil* o professor de piano de sua filha no conservatório – Mário de Moraes Andrade. Este nome também já aparecera em *Terra Paulista*. O ano de 1921, pródigo em eventos artísticos, teve repercussão na revista *A Garoa*: as Exposições de Clodomiro Amazonas e

87. *Terra Paulista, op. cit.*

88. Não se tratava ainda do dinheiro educado, que na década de 1940 propiciaria a São Paulo uma série de iniciativas culturais de vulto, entre elas a criação do Masp e do MAM.

SIhi

Di Cavalcanti, na editora O Livro[89], o Festival Artístico Literário, no Teatro Municipal. A revista *Vida Paulista*[90], na seção *Pingos de Arte*, trazia crítica à exposição de Alfredo Norfini. E *O Estado de S. Paulo* informava:

> No campo gráfico, um grupo de ilustradores próprios apresentava arte original e interessante, nomes festejados na imprensa do país: Rodrigues, Paim, Carnicelli, Ruy Ferreira, Rasmussen, J. Prado, Voltolino, Belmonte, Della Latta, Norfini[91].

Contudo, a julgar pelo que as revistas divulgaram, o ambiente paulistano ainda era tacanho às vésperas de 1922. São Paulo, agora Metrópole do Café, não se elevara artisticamente na proporção de seu crescimento material. Não bastasse o testemunho das revistas, o júri para o concurso de pintura celebrativo da data centenária tinha como membro o arquiteto Ramos de Azevedo, nome vinculado aos cânones tradicionais; entre as concorrentes, Tarsila do Amaral, então aluna de Pedro Alexandrino, se apresentava com tela acadêmica de natureza-morta; em 1921, Rui Barbosa discursava aos bacharelandos da São Francisco; na colina do Ipiranga, o vetusto Monumento da Independência ganhava os últimos retoques a partir da concepção de Ettore Ximenes, preterido que fora o trabalho de Brecheret.

De repente, mas não tão de repente, a *Semana de Arte Moderna*, no Teatro Municipal. A notícia de seu encerramento com concerto de Villa Lobos vinha discreta nas páginas de *O Estado de S. Paulo*. A nota era quase anódina, sem entusiasmo, isenta de crítica mais cerrada. Apenas alegava

> [...] ser difícil numa primeira audição apreciar todas as qualidades do compositor. As peças foram interpretadas por virtuoses da cidade [homens e mulheres]. A Semana encerrou-se dia 17, uma sexta feira[92].

Amadeu Amaral, o nome então de maior respeito e visibilidade artística, não se chocou. Ele e João Ribeiro. Até aplaudiram. Junto com a *Semana*, o lançamento da revista *Klaxon*. Soava como passado a produção de Olavo Bilac e seu parnasianismo épico. A pretendida "Capital Artística do Brasil" entrava no século XX. Ou melhor. Nascia em 1922.

89. *Enciclopédia do Século, op. cit.*, p. 163.
90. *Vida Paulista, op. cit.*, n. 15.
91. *O Estado de S. Paulo*, 5 mar. 1921, p. 4.
92. *O Estado de S. Paulo*, 18 fev. 1922, p. 2.

Inquietação Artística no Ar • Em *Papel e Tinta* a experiência de jovens, com logotipo de Victor Brecheret, ilustrações de Paim, e, no quadro redator, Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia. *Papel e Tinta*, São Paulo, 1920, ano I, n.1.



Paleo da Nacionalidade

A busca do nacional – um dos objetivos mais perseguidos para a definição da identidade – encontrou nas revistas paulistanas o espaço adequado para seu exercício e veiculação. A temática era da ordem do dia e, sob grafismos e apelos múltiplos, permeou aquelas publicações, divulgando em verso, prosa e imagem sucessivos modelos para a construção do Estado e da Nação[93]. O periodismo paulistano, contudo, foi pródigo em forjar, para *vender mais*, uma imagem magnificada de seu progresso. A começar pela cunhagem de epítetos da Capital, da reprodução em série das imagens promocionais, da venda de ilusões.

Diga-se que a questão do nacional fora onipresente no periodismo "indígena". Da paulistana *Revista Filomática* à edição francesa de *Niterói*, chegando à *Revista Brasileira*, sobretudo da fase de José Veríssimo, à *Revista do Brasil*, buscou-se recorrentemente o entendimento do País, a definição de seu caráter, a expressão de sua nacionalidade. Caminho árido, particularmente naquele entresséculos, quando o Brasil se debatia com inúmeros modelos a sua volta. A começar pelo questionamento do cômodo e elegante figurino cultural, absolutamente francês. Seguiam-no a dependência econômica inglesa e norte-americana, a estreita convivência com etnias diversas, do passado e do presente, o estranhamento com o biotipo da terra e a eleição de um novo protótipo da raça. Concomitantemente, as pressões do cosmopolitismo de uma *belle époque* de importação se fizeram inevitavelmente presentes. Até mesmo a nova configuração territorial,

93. A questão da nação como uma unidade própria emergiu em diferentes momentos do processo de autoconsciência dos intelectuais brasileiros [...], Lúcia Lippi Oliveira, *A Questão Nacional na Primeira República*, São Paulo, Brasiliense, MTC/CNPq, 1990, p. 70.

SIhi



A Representação do Modelo Civilizatório • Na *Ilustração de S. Paulo*, já se delineava a mensagem onipotente de um modelo civilizador para o país. *Ilustração de S. Paulo*, São Paulo, 1917, n. 17.

com a recente incorporação do Acre ao território brasileiro, surgia como componente estranho a ser amalgamado no desenho do País.

Em São Paulo, as etapas desse processo se expressaram em caráter de urgência. Ameaçada pela maciça população estrangeira, sobretudo italiana, pelo uso inadequado e/ou substituição da língua portuguesa, pelo estrangeiro empreendedor e politizado e até pela elite afrancesada, São Paulo cuidou de disseminar à exaustão os valores pátrios. Na celebração do progresso, cunhou-se o mito paulista. A exaltação do passado bandeirante, seu papel no alargamento de fronteiras, a Independência proclamada às margens do Ipiranga foram retomados, transformando o Estado no palco disseminador da nacionalidade. Aos olhos de seus formuladores, o espetáculo de sua pujança, então veiculado, legitimava a aspiração. O periodismo paulistano cultivou a busca do nacional, tomando o exemplo paulista como referencial para o País. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* evidenciava esse propósito na ocasião de seu lançamento, em 1895, quando a primeira frase do artigo de apresentação não deixava dúvidas quanto ao que vinha:

> A história de São Paulo é a própria história do Brasil[94].

Mas não só aquele sodalício tomou São Paulo como referência. Das revistecas de quatro folhas em papel-jornal às luxuosas publicações francesas, passando pelos cuchês brilhantes das revistas financiadas por altos capitais, a temática vinha uniforme, no propósito de glorificar os feitos da cidade e, por conseqüência, o Estado.

O discurso começou tímido, sem menção explícita a São Paulo, tão-só voltado para o engrandecimento do País. As manifestações se davam por caminhos vários. A começar pela celebração, via periodismo, das festas cívicas nacionais, particularmente em torno do 15 de Novembro, data comemorada com forte carga jacobina; ou o 7 de Setembro, de especial significado para São Paulo, reforçando seu papel na Independência do País, às margens do Ipiranga. Naqueles discursos, exaltava-se a instituição republicana, propondo-se a "alçar o País à altura dos povos cultos", a "colocar o Brasil ao nível do século", a "acelerar a marcha para alcançar a parcela mais avançada da humanidade" – *slogans* e projetos do agrado dos cientificistas ilustrados em fins do século XIX; simultaneamente, em oposi-

94. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 1895, n. 1.

SIhi

ção à busca da singularidade, característica do Romantismo, incidia-se no esforço da universalização[95]. A modesta revista *Bogari*, em 1896, procurava estimular seus leitores na busca da ilustração, "pugnando" pelo seu investimento cultural:

> Abroquelado no mais engendrado amor às letras, o *Bogari* pugnará sempre em prol do adiantamento moral e intelectual de seus associados [...][96].

O texto arrevesado, eufemístico nos propósitos, mas vazio de ação, repetiu-se em inúmeras publicações menores que circularam naquele final de século. Em *A Borboleta*, de 1899, órgão de rapazes do Congresso Brasileiro, o programa em torno do 7 de Setembro vinha vagamente enunciado e curiosamente comemorado, bem ao espírito efêmero de seu título. A publicação fazia-se acompanhar ao final de um vistoso "*carnet* de baile", homenageando a Independência do Brasil.

> Ela tráz unicamente desenrolada a bandeira daqueles que entusiasticamente batem-se pela renascença das coisas ideais [...] temos adquirido a doutrina *do patriotismo como toda a mocidade brasileira* [...]; assim é que, reunidos, deliberamos ofertar ao 7 de setembro uma modesta *soirée* como prova do nosso nunca desmentido e *entranhado amor à nossa pátria*[97].

A possibilidade de representação social, supostamente aberta pela República, fez surgir em 1889 uma inusitada publicação – *A Pátria, órgão dos homens de cor* – um dos raros periódicos de negros de que então se tem notícia[98]. O título já enunciava a busca de identidade de seus agentes, ex-escravos, trazendo estampado na primeira página, em 1890, um retrato de João China, conceituado chefe abolicionista[99].

O nacionalismo jacobino propagado no Rio de Janeiro a partir da gestão de Floriano Peixoto [1891-1894], por sua vez, dava-se a conhecer no periodismo paulista em *O Nativista, órgão de defesa dos interesses dos brasileiros natos*, de 1895 que tinha por divisa: "Tudo pela Pátria – República ou Morte"; por bandeira, "O Brazil para os Brazileiros" e, por lema, "Vencer ou Morrer". Em 14 de junho de 1895 o periódico inseria uma nota singular, bem ao sabor de sua defesa radical dos valores pátrios:

95. Ver Lúcia Lippi Oliveira, *op. cit.*, p. 81.
96. *Bogari. Órgão Literário da Sociedade União Familiar 16 de Outubro*, São Paulo, 1896, n. 1.
97. *A Borboleta*, São Paulo, 1899, n. 1, grifo nosso.
98. Os periódicos *O Menelick*, *A Rua* e *O Xauter*, de 1916, são apontados como os primeiros da imprensa negra em São Paulo. Ver Mirian N. Ferrara, *A Imprensa Negra Paulista*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986.
99. *A Pátria, órgão dos homens de cor*, São Paulo, 24 jul. 1890. *Apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 675.

Exclusivismo. – Para fazer jus ao título de *Nativista* da nossa folha, a bugrada toda de que se compõe o corpo de redação e de colaboradores deste jornal resolveu que do segundo número em diante, *O Nativista* não use mais de galicismos, anglicismos, etc. Tendo a língua vernácula sido enriquecida com tão lindas e sonoras palavras das línguas brasílicas *tupy* e *guarany*, bem pode dispensar os termos de outros idiomas do mundo.

Vejam só esta amostra de palavras de um dos idiomas dos bugres desta terra, onde se vê que eles usam as cinco vogaes do alfabeto:

Pararáca
Pereréca
Piririca
Pororóca
Pururuca[100].

Outros exemplos confirmavam nesta virada de década o jacobinismo exacerbado, fosse pelo temor da reação monárquica como pela ameaça da população estrangeira, predominante na Capital, verdadeira Babel, que já se alastrara pelo interior do Estado. Em 1901, *O Pequeno Jornal*, editado por um grupo do Partido Nativista, pretendia dar ao periódico "circulação nacional"; em 1903, *A Vida de Hoje*, jornal claramente republicano, discutia a influência estrangeira em São Paulo, com ataque frontal à São Paulo Railway; neste mesmo ano, a *Via Láctea* trazia em seu programa a proposta de libertar a literatura e as artes nacionais da influência estrangeira, publicando a "produção nacional"; *Íris*, de 1905, com direção de Álvaro Guerra e no quadro de colaboradores Amadeu Amaral, insistia no propósito de cultivo das manifestações brasileiras e emprego irrestrito da língua portuguesa:

> O nosso intuito [...] é proporcionar aos leitores de *IRIS* [...] uma leitura leve, variada e, quanto possível, *brasileira*. Sim: *brasileira*! Tanto assim é que, na seção de excertos, terão sempre a preferência, no domínio da língua portuguesa, os escritos de autores nacionais, ou os trabalhos relativos a cousas de nossa pátria.

A especificidade paulista – da sua paisagem às características da língua e, sobretudo, de suas tradições –, infiltrava-se através de cultores do regionalismo. Até mesmo a publicação libertária *Aurora*, de 1905, com direção de Neno Vasco, trazia o conto *Tocaia*, de Valdomiro Silveira, em dialeto paulista[101].

100. *O Nativista, órgão de defesa dos interesses dos brasileiros natos*, São Paulo, 14 jun. 1895, n. 1. *Apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 739.

101. *Aurora, revista mensal de crítica social e literatura*, São Paulo, ago. 1905, n. 7. Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 970.

SIhi

Enquanto a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* revisava a história pátria na trilha das tradições paulistas, a efetiva exaltação da Capital do Café, via periodismo, se dava através de segmento oposto, qual seja, aquele das revistas de matriz francesa, voltadas para a elite cosmopolita do País, isto é: *Revue du Brésil*, 1896, de Alexandre d'Atri, *Revista Moderna*, 1896, de Martinho Botelho, *Ilustração Brasileira*, 1901, de Saraiva & Cia., *France-Brésil*, 1904 e *Universo*, 1906, as duas últimas de Charles Hu, o próspero exportador de vinhos de Bordéus. Todas elas comprometidas com o sucesso comercial do empreendimento periódico, mas, sobretudo, com a colocação dos produtos que anunciavam. Não obstante distribuídas por todo o Brasil, predominavam informações, fotografias e propaganda sobre a Capital paulista, potencializando seu mercado, magnificando seu progresso.

Diga-se que na esteira deste circuito comercial infiltravam-se as tendências jacobinas de alguns de seus proprietários, que temiam a reação monárquica e viam na República melhores chances de negócios. A *Ilustração Brasileira* trazia, em primeira página, a fotografia do presidente Campos Salles, confirmando a exaltação do regime, tônica que se mantinha no interior da publicação, em que divulgava vista parcial da cidade de São Paulo, em 1904. Seguiram neste propósito as brasileiras *A Vida Sportiva*, 1903; *Nova Cruzada*, 1903; *São Paulo Magazine*, 1906, e a *Revista dos Estados*. Nesta última, observou-se a seqüência obstinada, através da reprodução em fotografia, de "ilustres personalidades paulistas": Albuquerque Lins, presidente do Estado; Antonio Dino da Costa Bueno, senador estadual; conde Asdrúbal do Nascimento; a Fazenda Santa Gertrudes, do Conde Prates, propriedade modelar.

Entre as revistas que memorizavam as múltiplas identidades de São Paulo e que a divulgavam cosmopolita, insistia-se no modelo "sorriso da sociedade", característico dos *magazines*, fórmula ideal para o sucesso do periódico naquele momento. A presença das revistas francesas não conflitara com "os nacionalismos" em curso naquele primeiro tempo republicano, ou seja, o nacionalismo jacobino exacerbado, antiinglês e antilusitano e o nacionalismo ufanista, antiamericano[102].

102. Lúcia Lippi Oliveira, *op. cit.*, p. 109. A autora enumera modelos sucessivos de nacionalismo: nacionalismo conservador, representado por Eduardo Pardo e Afonso Celso, que negava a face militar do governo, de postura antiamericana; o nacionalismo jacobino exacerbado, contra Portugal e Inglaterra, presidido por Floriano Peixoto; imediatamente posterior, o nacionalismo ufanista, projetado na obra de Lima Barreto, especialmente em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

A *São Paulo Magazine*, de Martinho Botelho, de 1906, até por ser distribuída entre os hotéis de luxo no estrangeiro, pautou-se pela tendência cosmopolita do periodismo internacional, com destaque para os feitos paulistas – das fazendas-modelo aos locais elegantes da Capital; a mesma linha inferiu-se das revistas *magazines*, conforme se observou na *Ilustração Paulista*, 1910, em *A Cigarra*, 1914, na *Vida Moderna*, 1915 e na *São Paulo Ilustrado*, 1919. Em todas elas, a cidade vinha como alentada matéria em meio aos fatos internacionais.

Não se perca de vista que, desde 1894, com a eleição de Prudente de Morais para a presidência da República, o cargo máximo da nação passou a ser ocupado e/ou controlado por paulistas, reforçando a visibilidade do Estado no quadro do País, detentor de extraordinária força econômica e política. O mito paulista ganhava novos contornos, alimentado agora pelas imagens de suas edificações de vulto. Salvo alguns apliques de símbolos nacionais – caso particular das escolas republicanas, com o brasão da República – o partido inglês e francês da maioria dos edifícios e logradouros anunciava o espírito cosmopolita, percebido no ecletismo de sua arquitetura, presidindo o tempo e as obras da Capital e do Estado. Não obstante o discurso e o uso exaustivo na propaganda de referências nacionais, o empréstimo desses elementos de fora e a incorporação de traços das capitais modernas revelavam o profundo desejo de "pertencimento" à civilização[103].

Esse particular cosmopolitismo paulista, contudo, diferia muito daquele carioca, que produzira um João do Rio, um Afrânio Peixoto e um Medeiros e Albuquerque. Embora estampado na arquitetura oficial e nos hábitos estrangeiros cada vez mais arraigados, do *lawn tennis* ao *football* no *sport*, do *petit déjeuner* ao *five o'clock tea* da terminologia cotidiana, o mesmo não ocorria na produção literária em curso. O texto paulista buscou temáticas que refletissem o País, em linguagem brasileira, mapeando as tradições do Estado, recorrendo ao feito bandeirante, ao Grito do Ipiranga, à pujança da terra do café – símbolos e mitos que o periodismo se encarregou de veicular à exaustão.

Em 1908, a ameaça ao controle oligárquico, pressentida na disputa à presidência da República, acirrara os ânimos paulistas. A oposição lançara um candidato militar, general Hermes da Fonseca, ao qual se contrapunha o civil Rui Barbosa, apoiado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, vale dizer, por São Paulo. O transcurso da Campanha Civilista, em 1909, colocou em campos opostos, não

103. Lúcia Lippi Oliveira, *op. cit.*, p. 113.

dois candidatos à presidência, mas duas facções que tradicionalmente se opunham: o militar e o civil e/ou a farda e a casaca. Subjacente naquela competição, os paulistas apoiando Rui Barbosa [que era baiano], contra um cearense, representante de forças de fora do Estado.

O episódio, que se alastrou pelo Brasil configurado na Campanha Civilista, norteou a imprensa paulistana da época, marco na sua trajetória. Houve debandadas em massa de um órgão para outro, conforme os alinhamentos adotados. As posições radicalizaram-se. Amadeu Amaral demitiu-se do *Comércio de São Paulo*, seguido de vários colegas. Abominava-se o hermismo que maculava a civilidade paulista. Com a vitória de Hermes e, durante sua permanência no poder, nenhum novo jornal se abriu em São Paulo; contudo, surgiram revistas que incidiram na contribuição paulistana ao periodismo do País, divulgando intensamente os feitos da cidade e do Estado: *Ilustração Paulista*[104], *Alvorada*[105], *Pirralho*, *A Cigarra*[106], *Revista dos Tribunais*. Cada qual, à sua maneira, propagou aspectos e informações da cultura paulista, ampliando seu alcance, porta-vozes da qualificada produção que Voltolino estampou no *Pirralho*, onde Juó Bananére também imortalizou o ítalo-paulista. O padrão gráfico e de conteúdo imprimido por Gelásio Pimenta à *Cigarra* transformou-a numa das mais competitivas revistas do mercado, distribuída para todo o País; a contribuição sólida da *Revista dos Tribunais* tornou-a referência na área jurídica, de consumo obrigatório nas lides forenses.

Ilustração Paulista, semanário popular de atualidades, de 1910, que emprestara o nome da antiga e extinta publicação *Ilustração Paulista*, de 1893, vinha com uma proposta mais leve, menos ambiciosa no conteúdo e de grande alcance pelo custo baixo. Com direção de Couto Magalhães Sobrinho, secretariada por Gelásio Pimenta tinha colaboração de Marcondes Machado [Juó Bananére] e Voltolino; na publicidade, João de Sá Rocha e, como agente no Brás, Oduvaldo Viana. Não obstante sua crítica aguçada, valeu-se da propagação do progresso de São Paulo para justificar seu lançamento e sucessivas matérias, com o propósito explícito de divulgar as realizações da festejada Metrópole. Dosando encômios e crítica jocosa, resultou numa das publicações mais sensíveis do período que se

104. *Ilustração Paulista*, São Paulo, 22 out. 1910.
105. *Alvorada. Revista Ilustrada de Fina Colaboração*, São Paulo, Tip. da Casa Minerva, jun. 1913, n. 1. *Apud* Afonso de Freitas, *op. cit.*, p. 1094.
106. *A Cigarra*, São Paulo, 6 mar. 1914, n. 1. Afonso de Freitas, *op. cit.*, pp. 105-116.

propunha a "espelhar o momento". Abria o primeiro número com misto de elogio e crítica à cidade, tônica da publicação, recurso que contribuía para disseminar ainda mais os feitos paulistas.

São Paulo, com a sua população de trezentas mil almas, com a sua vida intensa e desbordante, com o seu belo adiantamento que equilibradamente se afirma em todos os sentidos, apresenta umas pequenas anomalias e pequenas falhas inexplicáveis. Como explicar [...] que mantendo 10 ou 12 jornais diários, gozando de benefícios de uma instrução largamente espalhada, consumindo livros em quantidade, dispondo de bibliotecas, de institutos de ensino superior, de associações doutas, dando enfim todos os sinais de uma vida intelectual bem definida, não tenha uma única revista digna do meio, onde esse meio se reflita em todos os aspectos de sua fecunda, acelerada, irradiante atividade? [...]A *Ilustração Paulista* quer ser, acima de quaisquer restrições, o espelho e o expoente da vida de São Paulo[107].

Não obstante, a nova publicação retratou a elite paulista em grande gala, com alguns curtos-circuitos naquela cadeia de pompas. Na maioria, provocados pelo traço de Voltolino que, fazendo rir, destilava crítica pertinente ao momento[108], enquanto Juó Bananère, na seção *Sem p'Avanti: verve, literatura, futurismo, cavaço, etc., etc.*, desmontava as poses de Altino Arantes, Freitas Valle e Oscar Rodrigues Alves.

Festa da Ordem

São Paulo das revistas transformou-se numa festa da Ordem[109]. Naquelas páginas, o governo paulista engalanou-se através da Força Pública do Estado, recém-inaugurada por Washington Luís, enfeitando com figurino francês as cerimônias do governo, as posses aos cargos de alto escalão, a abertura da Assembléia. Os visitantes ilustres eram recebidos com pompa na Estação da Luz, levados à várzea do Carmo, para um espetáculo exclusivo de demonstração da ordem e excelência da corporação. O poder entrava em cena, em eventos de grande im-

107. *Ilustração Paulista*, São Paulo, 22 out. 1910.

108. Para Belluzzo, Voltolino percebia o estrangeiro com uma visão anticolonialista, inserindo-o num espaço de afirmação nacional. "Sua compreensão da imigração expressa as contradições dos 'novos brasileiros' mas está voltada para sua efetiva incorporação [...] que cruza os anseios de ascensão da classe média com as contingências de origem dos imigrados italianos". Ana Maria Belluzzo, *op. cit.*, pp. 112-115.

109. George Balandier, *O Poder em Cena*, Brasília, Editora da UnB, 1982; Guelf Pierpe, *Una Teoria de la Fiesta*, Barcelona, 1982.

pacto para as massas, interferindo no emocional e no comportamento. No ano de 1910 a Força Pública foi aplaudida por Georges Clemenceau, ex-vice-presidente da França, e Pierre Baudin, que assistiram aos exercícios de cavalaria e de infantaria; na platéia, a ala das autoridades com Jorge Tibiriçá, Washington Luís, Afonso Arinos e Augusto Ramos, que acompanhavam as evoluções. Fraques, cartolas, cavanhaques, janotas, tendo ao fundo uma fachada versalhesca ou um bem-ordenado jardim francês, geometricamente emoldurados pela correção dos batalhões, reproduziam quadros convincentes do espetáculo civilizatório então perseguido.

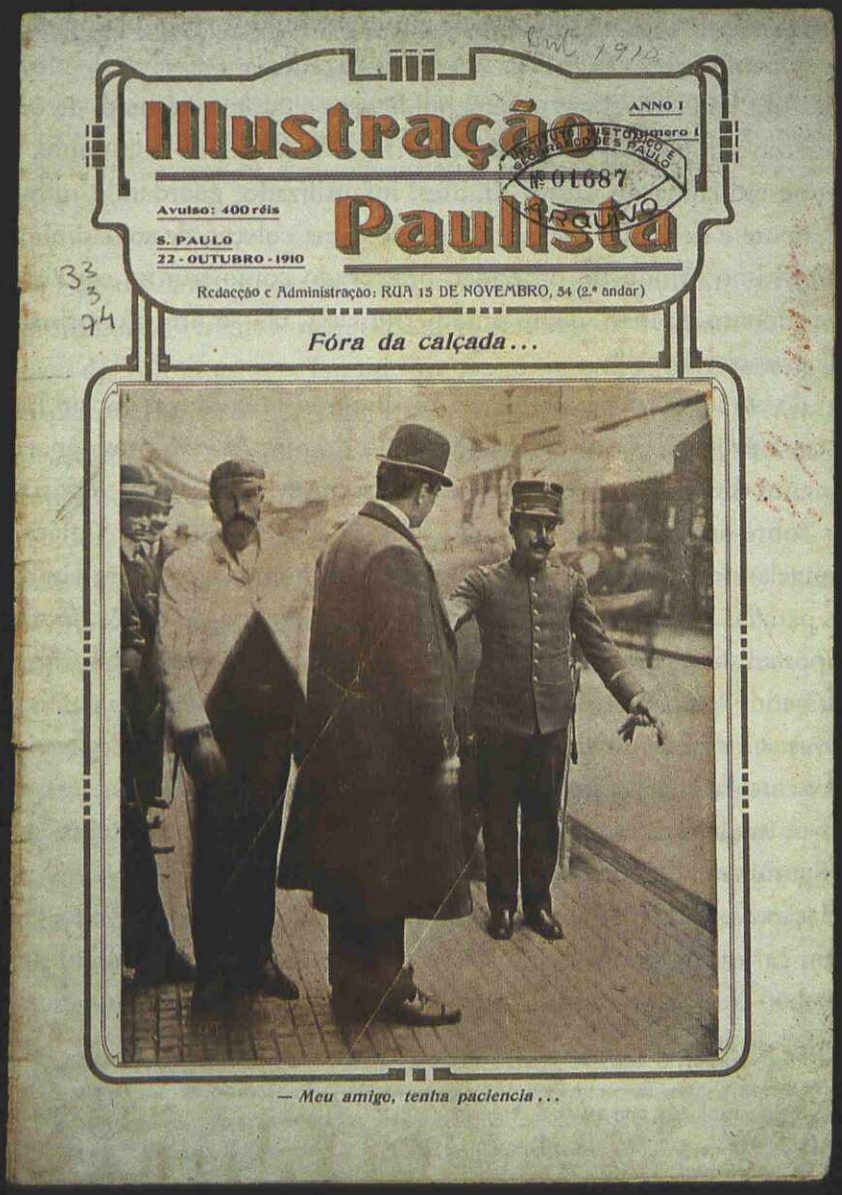
Mas a caricatura, implacável, na mesma publicação e mesmo número, desorganizava e fragilizava a imagem construída. O traço de Voltolino compunha a figura prognata e esquálida de Altino Arantes, infantilizado, guardando numa redoma transparente e delicada, com total desvelo, uma coleção de soldadinhos de chumbo. O último brinquedo do poder, preservado como trunfo, era visto como um investimento de luxo, quase uma perfumaria, tão-só um preciosismo para deleite de grupos seletos[110].

A excursão do então secretário da Justiça Washington Luís ao interior do Estado, com vistas à propaganda da campanha de Rodrigues Alves à presidência, foi exemplarmente divulgada. Estampou-se o curso da Mojiana, com reportagens especiais sobre as cidades de Ribeirão Preto, Casa Branca, São Simão e Cravinhos, congelando em fragmentos fotográficos as homenagens com banda de música nas paradas das estações[111]. Em edição extraordinária de 1912, *Ilustração Paulista*, após anunciar que contratara fotógrafo do Rio de Janeiro, imprimia um suplemento com "reportagem fotográfica" da cerimônia de posse do paulista Rodrigues Alves. O espetáculo não poderia ser mais grandioso. Carruagens, librés, fraques e cartolas sucederam-se nas páginas de imagem qualificada, de que se banira o povo, totalmente ausente daquela matéria, voltada tão-só para o desfrute de seus figurantes, vale dizer, da elite paulista[112].

A remodelação da cidade, estampada como marca de progresso no texto, era reproduzida em caricatura por White. Nela, o prefeito Duprat, picareta em punho, cavava o chão com esforço, enquanto Washington Luís, aprumado, janota, passava sorrindo, dizendo:

110. *Ilustração Paulista*, São Paulo, 22 out. 1910, n. 1.
111. *Idem*, 24 jun. 1911, n. 25.
112. *Idem*, maio 1912, suplemento ao n. 67.

O Figurino da Civilidade Veiculado pelas Revistas • O impacto da recém-inaugurada Força Pública do Estado, concebida a partir de modelo francês, conferia autoridade aos seus representantes, procurando educar o cidadão da República. *Ilustração Paulista*, São Paulo, 1910, ano I, n. 1.



ANNO I

Illustração Paulista

Avulso: 400 réis

S. PAULO
22 - OUTUBRO - 1910

Redacção e Administração: RUA 15 DE NOVEMBRO, 54 (2.º andar)

Fóra da calçada...

— Meu amigo, tenha paciencia...

Vá cavando Duprat, vá cavando nesse São Paulo velho. O novo... fá-lo-á o Degas...[113]

E as imagens se sucediam propagando os melhoramentos de São Paulo: o aprazível bairro de Higienópolis, as tomadas panorâmicas do Anhangabaú, o anúncio da próxima demolição do cine Bijou, o mais tradicional da cidade. Entre tantas demolições, fossem dos edifícios que não se coadunavam com a nova imagem ou aquelas já perpetrada pelos desmandos do poder, o que resultava era a propagação da pujança paulista, a exposição de seu sucesso em campos vários, a ratificação de sua importância e significado no quadro do País.

Diga-se que a gestão do prefeito Washington Luís, que se desenrolou paralelamente à guerra de 1914 a 1918, imprimiu outra visibilidade à Capital, intensamente veiculada pelo periodismo paulistano. Não obstante mais um bacharel no cargo, Washinton Luís vinha com perfil de historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, afeito ao cultivo das tradições – traços que determinaram suas iniciativas para vincar ainda mais o contorno do modelo paulista. Em 1917, a criação do "brasão da Capital", por Wasth Rodrigues, com a legenda altiva e centralizadora – *Non Ducor Duco* –, talvez tenha sido um dos mais fortes símbolos de seu projeto de valorização do Estado. Incluem-se nesse cuidado a publicação da Coleção de *Atas da Câmara de São Paulo*, o incentivo às conferências sobre arte tradicional do arquiteto Ricardo Severo, sócio de Ramos de Azevedo – que resultaram na proposta da arquitetura neocolonial – a construção do Obelisco da Memória, e o apoio à encenação da peça *O Contratador de Diamantes*, de Afonso Arinos – iniciativas que avivaram a reflexão patriótica e/ou nacional, de forte teor paulista[114].

Em 1916, um dos *magazines* mais tradicionais do mercado, o popular *O Eco*, da Casa Edson, condensava num só número as transformações urbanas que marcavam a Capital. A revista chegava até Itabaiana, no Rio de Grande do Norte, onde só o assinante Sr. Victor Antunes obtivera 56 assinaturas![115] O periódico, disputado pelas novidades que apresentava no mercado fonográfico, surpreendentemente mudava sua capa, retirando a alegoria que por muitos anos a identificara[116]. A conhecida "figura do Apolo que berrava" foi substituída por um tra-

113. *Idem*, 27 jul. 1912, n. 77.
114. Carla Milano Blenclowicz, *op. cit.*, p. 132.
115. *O Echo*, *op. cit.*, nov. 1916, ano XV, n. 5.
116. *O Echo*, *op. cit.*, out. 1916, ano XV, n. 4.

balho do pintor Almeida Júnior. Em seu interior, estampava seu quadro, *Caipiras Negaceando*, e trazia a colaboração do escritor Cornélio Pires; informava que o autor percorria os sertões de São Paulo e de Minas, recolhendo documentos para seus contos caipiras. Todavia, em seu interior, incluía propaganda da The Berlitz School of Languages através da chamada – "quem fala dois idiomas vale por dois, é preferido no comércio" – e anunciava a inauguração do Trianon, no espigão da avenida Paulista[117]. Do consumo das novidades do mercado *yankee*, expostas nas vitrinas da Casa Edson, à divulgação da produção artística de fatura brasileira – o quadro *Caipiras Negaceando* de Almeida Júnior, os contos caipiras de Cornélio Pires, a propaganda da escola de idioma estrangeiro e a menção da réplica francesa recém-inaugurada –, ensaiavam-se os novos caminhos da estética e da arte na Capital, que ainda era do café.

Na Vaga do Nacionalismo Guerreiro

O contexto da guerra acirrou o ímpeto nacionalista. Em 1915, a tendência pró-Aliados manifestara-se no País, com a criação da Liga Brasileira pelos Aliados, sob a presidência de Rui Barbosa[118]. Nesse mesmo ano, Olavo Bilac[119] falava aos estudantes de Direito de São Paulo e iniciava, no emblemático espaço das Arcadas, sua jornada patriótica que contaminaria a Nação. Sob inspiração daquela conferência, organizou-se, no Rio de Janeiro, a Liga da Defesa Nacional, cujos propósitos se desdobraram em São Paulo com a criação da Liga Nacionalista[120]. Aquela pregava o serviço militar obrigatório e a educação cívica patriótica, polarizando o debate da questão nacional em torno da oposição militarismo *versus* antimilitarismo. Em São Paulo, Estado de convergência do poder pela liderança política de sua oligarquia, a Liga Nacionalista acrescentou à questão militar e à educação cívica mais uma orientação, de caráter político: a importância e o significado do voto. Concomitantemente, a repercussão da Revolução Russa

117. *O Echo*, São Paulo, 1916, ano XV, n. 5.

118. Faziam parte da Liga Brasileira pelos Aliados, entre outros, José Veríssimo, Graça Aranha, Antonio Azevedo, Pedro Lessa, Barbosa Lima, Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Lúcia Lippi, *op. cit.*, p. 118.

119. Olavo Bilac, *A Defesa Nacional*, 1917; Leôncio Corrêa, *A Boêmia do Meu Tempo*, Rio de Janeiro, F. Lemos Editor, 1935.

120. A Liga de Defesa Nacional foi instalada em 7 de setembro de 1916 no Rio de Janeiro. A Liga Nacionalista surgiu oficialmente em 25 de janeiro de 1917, em São Paulo. Ver Brasil Bandechi, *Liga Nacionalista*, São Paulo, Ed. Parma, 1980, Cadernos de História, n. 14, p. 21.

de 1917 e a entrada do Brasil na guerra recrudesceram a onda nacionalista militar, assumida pela campanha cívica, estampada nos jornais e revistas. Na Capital paulista, um ano antes, o clima de fermentação nacional já fora assinalado por iniciativa periódica da maior importância, reveladora do embate em curso – o lançamento da *Revista do Brasil*. Em seu artigo de apresentação balizava o estágio incipiente da auto-percepção do País e, indiretamente, assumia uma posição norteadora [ou nucleadora] de um projeto nacional.

> O que está por trás do título desta revista e dos homens que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente, numa projeção rigorosa e fulgurante de sua personalidade.

De fato, o curso de sucesso da *Revista do Brasil* transformou-a em modelo paradigma de revista cultural. Sempre gravitando em torno do entendimento do País, reuniu as funções vitais das revistas, cumprindo seu papel clássico, definido pela informação imediata, passando em revista os acontecimentos, voltada para a divulgação, seleção, valoração, reavaliação e consagração de autores[121]. Acima de tudo, empenhou-se na *formação* da e na *intervenção* na realidade nacional, chamando às falas o País perdido entre projetos e modelos em curso. Sua crítica incidia no divórcio entre a elite culta e a realidade nacional, repudiando a marca francesa, propondo a valorização das manifestações legitimamente brasileiras. Entre a vaga nacionalista guerreira, encetada por Olavo Bilac, que encontrou eco e reverberou por todo o território através de São Paulo, e a mensagem nacionalista da *Revista do Brasil*, editada por representação ligada ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o mito paulista saiu fortalecido. Através da *Revista do Brasil*, o "Estado bandeirante", então sede do progresso, passou o *Estado em revista*, descobrindo suas lendas e tradições, recuperando seus documentos, estudando o tupi-guarani, explicando seu dialeto caipira, produzindo seus contos regionais. Em busca das marcas da singularidade, produziu crônicas, contos, novelas, propaganda, publicidade e figurações, em que São Paulo se auto-referenciava na reflexão maior sobre o País[122].

121. Reproduzimos aqui as funções das revistas, conforme classificação de Clara Rocha em *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, *op. cit.*, pp. 92-113.

122. No mesmo contexto nasceu no Rio de Janeiro em 1917 a revista *Brasílea*, fundada por Álvaro Bomílcar e

O mercado periódico se fortalecia, acentuando as publicações de cultivo literário voltadas para a questão nacional. Em junho de 1917 saiu dos prelos uma revista inusitada: *Panóplia. Mensário de Arte, Ciência e Literatura*[123], com direção de Pedreira Duprat e Cassiano Ricardo, nomes de *curriculum* recente na imprensa paulistana. Anunciava-se revista de arte, apolítica, não se vinculando a grupo literário, muito menos a grupo jornalístico. Seu corpo de colaboradores reunia figuras conceituadas, mas absolutamente díspares na formação e produção: entre outros, o monarquista Afonso Celso, o parnasiano Olavo Bilac, o mordaz Emílio de Menezes, o cientista Franco da Rocha, o católico Benedito Calixto, a "unanimidade" Amadeu Amaral, uma única mulher escritora, Gilka Machado, e um Afonso Taunay que em alentado artigo desmontava a "lenda" da opulência do passado paulista. Também nesta revista, ao que consta pela primeira vez em periódico, estampava-se uma água-forte de Anita Malfatti intitulada *Outono*[124].

Teria o novo mensário aspirações a concorrer com a *Revista do Brasil*? Significativo que o lançamento de *Panóplia*, alguns meses após aquela, reunindo corpo editorial tão qualificado quanto o da *Revista do Brasil*, tinha por trás o sólido capital da Casa Duprat. Seu proprietário, conde Raimundo Duprat, que já estivera à frente da prefeitura paulistana, respondia agora pela presidência da Câmara paulista. Reunindo a melhor gráfica e a influência política de Duprat, retaguarda privilegiada do periódico, fica em parte explicada a superior fatura da revista, produzida em pleno transcurso da guerra, em meio à crise do setor papeleiro, composta com papel superior tipo vergê, de alta gramatura e impressa em tricromia. Tanto a imprensa local quanto a do Rio de Janeiro não lhe mediram elogios. O jornal *O Estado de S. Paulo*, experiente em realizações do gênero, vinha com o reconhecimento da superior qualidade do impresso:

> *Panóplia* admirável, elegante [...] constitui uma demonstração do que já se pode fazer e se faz em São Paulo, não só em literatura como em tudo o que se quer, *para a produção dessa obra difícil e complexa que é uma revista* digna de ser vista e lida. Cremos bem dizer mais, dizendo que no gênero, nunca se fez coisa mais apresentável no Brasil[125].

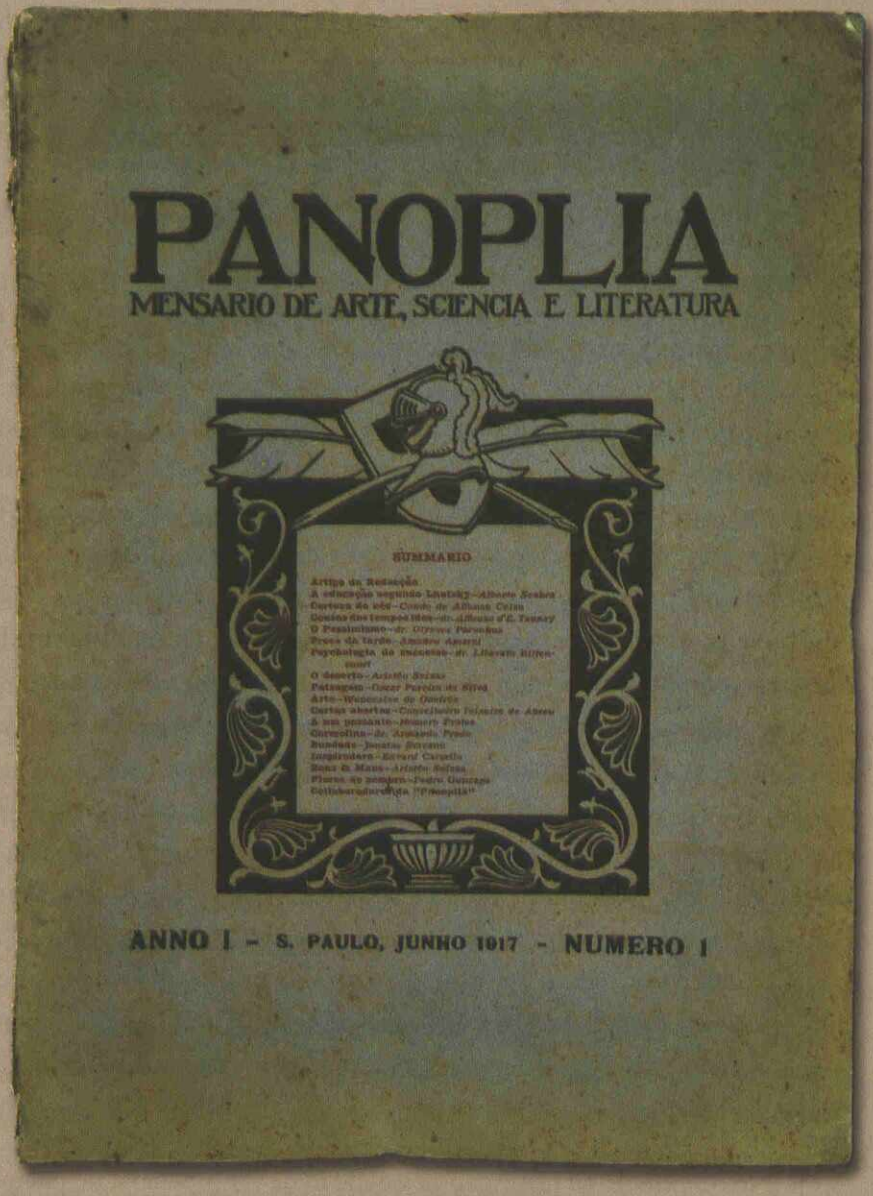
Arnaldo Damasceno Vieira, destinada a defender o "brasileirismo puro e integral", *Brasílea*, Rio de Janeiro, 1917, n. 1.

123. *Panóplia. Mensário de Arte, Ciência e Literatura*, São Paulo, Casa Duprat, jan. 1918, ano II, n. 1.

124. *Idem, ibidem.*

125. *O Estado de S. Paulo, apud Panóplia, cit.*, jun. 1917, ano I, n. 2 (grifo nosso).

SIhi



A Excelência do Parque Gráfico Paulista • *Panóplia* vinha com relevância gráfica, papel superior tipo vergê, e quadro de colaboradores respeitável. Um jovem Di Cavalcanti comparece como seu diretor artístico. *Panóplia, Mensário de Arte, Ciência e Literatura*, São Paulo, jun. 1917, ano I, n. 1.

SIhi

O *Diário Popular* trazia cumprimento enfático:

Nesta Capital, nunca se publicou uma revista tão caprichosamente confeccionada, e sem exagero, podemos dizer que, no gênero, atualmente, é a melhor do Brasil[126].

No Rio de Janeiro, da parte do *Jornal do Comércio*, a crítica veio efusiva:

São Paulo possue, afinal, uma luxuosa revista de arte, ciência e literatura, [...] que foge absolutamente à vulgaridade das publicações congêneres, pelo apuro de sua fatura material, *podendo neste particular ser apontada como a revista mais cuidada do país*[127].

A despeito de seus colaboradores de fama, o impacto causado pela publicação decorreu, sobretudo, da confecção apurada, com diagramação inovadora e ilustrações preciosas, assinadas por Voltolino, Juarez e um jovem Di Cavalcanti. *Panóplia*, contudo, que durou pouco mais de um ano, não se consolidou como publicação de linha editorial renovadora. Certo que bons artigos estão lá firmados, todavia, a heterogeneidade de seu corpo redator, talvez a imaturidade de seus diretores, não lhe conferiram alcance maior no período, salvo o embevecimento suscitado pelo seu padrão gráfico. Não conflitou-se, pois, com a sólida *Revista do Brasil*, que seguiu seu curso deixando rastros de toda ordem.

Todavia, a questão nacional não deixou de ser veiculada pela revista, em especial quando passou à direção literária de Guilherme de Almeida e Homero Prates, com direção artística de Di Cavalcanti. Sob o título *Arte Regional*, o artigo de fundo assinado por Homero Prates expunha a tensão entre o "nacional" e o exageradamente "nosso", que elegia tão-só o pintor, poeta, romancista, arquiteto *brasileiros*. Acreditando na universalidade da "Grande Arte", apontava as restrições culturais do Brasil, na produção de algo genuinamente qualificado, a partir dos termos regionais do País.

[...] restringem de tal maneira o nosso modo de ver o mundo, de interpretar a Vida, como se o Universo não fosse além de Mato Grosso! [...]

Insistia no atraso desta visão, no estágio incipiente das regiões tematizadas pela literatura, não acreditando que o Brasil estivesse à altura de produzir uma "entidade espiritual":

126. *Diário Popular, apud Panóplia, op. cit.*, jun. 1917, ano I, n. 2.
127. *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, *apud Panóplia, op. cit.*, jun. 1917, ano I, n. 2, grifo nosso.

[...] ainda em formação e composto na quase totalidade de analfabetos, pudesse inventar, do dia para a noite, uma entidade espiritual [consciência, personalidade moral ou que melhor nome tenha].

[...] Desde que o mundo é mundo só se aclamou e sentiu [...] das obras de arte de todos os tempos, o que elas possuiam de universal e de humano [...] de transcedental e de simbólico. [...]

Não é possível existir o Nacionalismo em grande Arte [*sic*][128].

Inconformado, estendia-se por longos parágrafos, ilustrando o universalismo de Ésquilo, Sófocles, Shakespeare, D'Annunzio, Goethe, Byron e até Rabindranah Tagore, recém-premiado com o Nobel de Literatura, e que não se fixara na descrição de usos e costumes das aldeias indianas. Voltava à carga criticando a celebração em versos, romances, telas, em tudo enfim, de episódios mesquinhos do sertão, desde os índios "clássicos" à "brutalidade tradicional e pernóstica dos nossos caboclos", não merecedores de suas glorificações em poemas. Fundamentava a crítica, evocando o "episódio funestíssimo" do *Guarani*, de "nosso glorioso Carlos Gomes".

Independente da procedência do registro enfático de Homero Prates, sua retórica permite apreender algumas das resistências ao discurso patriótico guerreiro da época. Entrava-se em 1918 e, até ali, correra solta e forte a campanha da Liga Nacionalista confundindo todas as instâncias de sagração do nacional. Tudo indica que o controle ideológico neste âmbito atuava com rigor, discriminando produções, condicionadas e aprisionadas às fórmulas da conveniência oficial. O viés simplório que pautou aquele momento de culto ao nacional foi uma constante nos ensaios literários da época. Fazia-se tábula rasa de sensibilidades com características diversas, ou de criações literárias a partir de outros referenciais que não se atrelassem às noções de Pátria, Nacionalismo e Regionalismo em voga. Homero Prates passava ao largo destas tendências. Rio-grandense, bacharel, advogado em São Paulo, juiz do trabalho, foi poeta simbolista com inclinação para as ciências ocultas. Visto como um isolado egocêntrico, considerando com indiferença seus semelhantes e alheio às mudanças, indignava-se com o que julgava produção menor daquele ensaio do nacional[129].

Contudo, se *Panóplia* não exaltou especialmente São Paulo no discurso, como era norma daquele periodismo "regional", acabou por fazê-lo indiretamente, pro-

128. *Panóplia, op. cit.*, jan. 1918, ano II, n. 1.
129. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, vol. 4, p. 1032.

duzindo, de fato, a melhor revista do País, no tocante à produção material e tratamento gráfico. São Paulo, via *Panóplia*, acabava por anunciar que seu parque gráfico constituia-se então no melhor aparelhado do País. O que, de fato, estava em vias de o ser, conforme se inferiu de estatísticas da imprensa de 1923, quando escritores cariocas passaram a procurar as gráficas paulistas para impressão de suas obras.

Insista-se que não foi só através de publicações luxuosas e festejadas pela grande imprensa que se divulgou a imagem do vigor paulista. Até mesmo revistas de fraco lastro editorial cumpriram o papel de disseminadoras dos feitos da "terra bandeirante". No calor daqueles dias de cultivo patriótico, ainda sob influência e valorização da participação militar na guerra, não seria de causar surpresa, o lançamento da revista *A "43"*, de um grupo de tenentes da Capital. Estranho, contudo, procedendo daquele núcleo, seu conteúdo frívolo, não obstante a proposta inicial de tom positivista:

> O nosso programa enlaçará a arte da guerra com as suas irmãs do vasto domínio da estética. Graça e Técnica. Espírito e Utilidade. Qualquer desses lemas encerra as nossas intenções [...] moços que se adestram para materialização veemente das nossas aspirações de *paiz grande e forte*[130].

Em seu interior sucediam-se "ricochetes sociais" anunciando as excelências de São Paulo, com a *Exposição Industrial* e o *Palácio das Indústrias*, o *Trianon* enquanto perpassava cenas do cotidiano burguês da cidade: a saída das missas da São Bento e da Santa Cecília, a ida das normalistas à Escola da Praça, a espera do carro elétrico, o chá do Mappin ou do bar Viaduto[131]. A revista obtinha larga circulação, atingindo todos os estados do País. Qual a estratégia para tal alcance, em face dos parcos capitais dos quais dispunha? Seu editor, com notável habilidade, valia-se da voga militar do momento, utilizando-se de toda uma logística de divulgação, apoiada gratuitamente na cadeia do recém-montado serviço militar obrigatório. Ou seja, cabia aos instrutores dos Tiros de Guerra, espalhados por todo o País, o papel de agentes divulgadores do periódico. Assim, sem os custos de um agente publicitário, contava com inúmeros representantes, garantindo a ampla colocação do produto.

130. *A "43". Revista dos Tenentes*, São Paulo, 1918, n. 1, grifo nosso.
131. *Idem*, n. 7.

Esta *A "43"*, quinzenal, a partir do número doze, trocou seu proprietário e subtítulo para *revista paulistana de grande circulação*, acrescida de propaganda com anunciantes de porte: Antártica, Casa Matarazzo, Casa Melillo. Tudo leva a crer que, garantida sua ampla distribuição, passou a interessar como "negócio", veículo de propaganda efetivo para comerciantes que ali se faziam anunciar. Tornara-se não só um negócio viável comercialmente, como oportuno para disseminar a paulistanidade em marcha.

A Revista Feminina, igualmente de ampla difusão, veiculou o nacionalismo militar dos tempos da guerra com ênfase paulista. Em 1918, as crônicas de Ana Rita Malheiros, pseudônimo de Cláudio de Souza, divulgaram aquele modelo nacional, vindo em defesa do serviço militar obrigatório, conclamando as mulheres a se inscreverem na Cruz Vermelha e elogiando a participação da mulher brasileira na guerra.

Importa considerar que, por caminhos vários, as imagens de São Paulo foram propaladas por todo o Brasil, em registro seletivo e magnificado: *São Paulo do Progresso*; *São Paulo do Trabalho*; *Terra Bandeirante*. Todos estes apostos estampavam-se nas revistas através do relato de seus feitos e da multiplicação infinita da imagem propiciada pela fotografia. Uma das mensagens mais fortes era aquela da *São Paulo Patriótica* que, destemida, estampava a República associada à Civilização.

O registro do nacionalismo guerreiro, veiculado como mensagem particularizada em algumas revistas paulistanas, recebia críticas de figuras procedentes. Lima Barreto desmerecia-o ao cotejá-lo com o nacionalismo do passado, veiculado pela *Gazeta Literária* do Rio de Janeiro, em 1884, marcado pela busca das origens e definição de identidade. Referindo-se à *Gazeta Literária*, rememorava:

> O espírito que a animava era de um grande nacionalismo. [...] Não era o nacionalismo dos nossos dias, guerreiro, espingardeiro, "cantativo", mas que acaba na comodidade das linhas de tiro de classes e repartições e deixa para as funções árduas do verdadeiro soldado a pobre gente que sempre as exerceu, com sorteio ou sem êle. Era um patriotismo mais espiritual, que não tinha uma finalidade guerreira e pretendia tão somente conhecer as coisas da nossa terra, a alma das suas populações, o seu passado, e transmitir tudo isto aos outros, para nós nos ligarmos mais fortemente no tempo e no espaço, em virtude desse próprio entendimento mútuo[132].

132. Lima Barreto, Hoje, Rio de Janeiro, 20 mar. 1919. *Apud Marginália*, *op. cit.*, pp. 242-243.

Em São Paulo, outra voz lhe fazia coro. Em carta a Rangel, de 1916, Monteiro Lobato insistia que as manifestações nacionalistas recentes, do patriotismo ao civilismo, eram engendradas por grupos políticos, fragilizadas pelo caráter passional que as envolvia:

> Minha ogeriza contra o "patriotismo"e o "nacionalismo" [...] que o Bilac [...] e outros andam a lançar, vem duma coisa orgânica em mim: o "Amicus Platus sed magic amica veritas". Ponho sempre a verdade no topo – e não há verdade possível em nada visto através dos óculos desnaturadores de qualquer apaixonamento – seja patriotismo, nacionalismo, hermismo, civilismo, etc. Tudo isso não passa de políticas partidárias, de que os filósofos naturalmente se afastam[133].

Nas revistas paulistanas, contudo, a partir de 1920, o fóco temático nacional mudou de espectro. Da campanha civilista à jornada de Bilac, São Paulo filtrara seus valores de Ordem e Progresso nas mensagens nacionalistas. Finda a guerra, vitoriosas as forças aliadas, os armistícios do Palácio de Versailhes propalados com alguma freqüência nas páginas periódicas[134], retomava-se a divulgação apologética da terra paulista. As lentes, porém, centravam-se num outro horizonte, bem mais próximo: o *Centenário da Independência*, a ser comemorado em 7 de setembro de 1922.

Não por acaso, em 1920, surgia a revista *Terra Paulista*, cujo artigo de fundo auto-elogioso, deixava claro tratar-se de uma revista a serviço do sistema:

> *Terra Paulista*, ao iniciar a sua carreira na imprensa periódica de São Paulo, gloriosa terra dos *ínclitos bandeirantes*, saúda na pessoa do emérito homem do estado o maior dos democratas e extremadíssimo patriota [...][135]

A exaltação focalizava Herculano de Freitas, secretário de Altino Arantes, mas toda ela voltava-se para a valorização das figuras paulistas do poder, fossem políticos, comerciantes, industriais; ou, nomes de alguma expressão econômica, o suficiente para justificar com bom pagamento a impressão de sua imagem e/ou seu negócio naquelas páginas periódicas.

De fato, às vésperas dos festejos de 1922, o nacionalismo adquiriu diferentes facetas. O agricultor, o comerciante e o industrial, ameaçados em sua ascensão,

133. Monteiro Lobato, *A Barca de Gleire*, *op. cit.*, vol. II, p. 80.
134. *O Echo*, *op. cit.*, jul. 1919, ano XVIII, n. 1.
135. *Terra Paulista, revista literária, artística e de atualidades*, São Paulo, 10 mar. 1920, n. 1, grifo nosso.

valeram-se do nacionalismo como arma ideológica. Na pluralidade de raças que formava a nação, procurou congraçar todos os povos, proclamando que um novo tipo de homem resultaria do caldeamento, da mistura dos sangues – o brasileiro de amanhã. O dito de Washington Luís caía perfeito naquele contexto: "Fortifiquemos e, sobretudo, abrasileiremos o brasileiro."

Ao longo dos anos, a construção paulatina do especial significado paulista cunhara auto-imagem generosa. Um identidade nova, que continuou a fazer uso das teorias racistas era camuflada pelos ideais de Saúde e Educação, receita de cura para todos os males brasileiros. Ainda em 1921, o lançamento da revista *Papel e Tinta*, com direção de Menotti del Picchia, dava uma guinada no tratamento paroquial e ufanista do periodismo paulistano. Em seu primeiro editorial, refletindo sobre o verdadeiro nacionalismo, questionava a crítica aos estrangeiros e insistia em neonacionalismo. Divulgava, com ênfase, o quanto aquele estupendo São Paulo nababesco, brasileiríssimo, patriótico, era quase uma colônia estrangeira, conclamando:

> Oh! Reivindiquemos a ávida propriedade! Brasil, desnacionalize-se![136]

Já em 1922, o tempo e o espaço resultavam favoráveis para a invenção e o reforço das tradições[137]. Heróis, datas e símbolos vieram ao encontro do pretendido. A vaga nacionalista insistia, materializando-se então através da abertura de concursos para exaltação de momentos pátrios. As revistas cuidaram de dar ampla divulgação à confecção destes marcos, estampando o curso de suas realizações. A começar pelo *Monumento a Bilac*, uma iniciativa dos acadêmicos da São Francisco, que se envolveram em renhida campanha de arrecadação de fundos, contratando o escultor Willian Zadig, cuja maquete foi estampada pela revista *O Eco*:

> a mocidade paulistana, sempre solerte e atenta na defesa das nossas glórias, vai erigir-lhe um monumento que diga de quanta ufania foi o talento raro do saudoso poeta. [...] Por isso, muito bem fizeram os nossos moços dando incumbência a Willian Zadig, o escultor maravilhoso, de imortalizar no mármore a efígie tão doce do suave cantor de *Tarde*[138].

136. *Papel e Tinta, op. cit.*, n. 1.
137. Erich Hobsbawm, *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
138. *O Eco, op. cit.*, 1919, p. 16.

Inicialmente, a mocidade paulistana se envolvera com a realização do *Monumento a Bilac;* agora, São Paulo se mobilizava para o concurso do *Monumento do Centenário* a ser erigido na esplanada do Museu do Ipiranga, à guisa de altar da Pátria. Na cidade de Santos, a data seria comemorada com um *Monumento aos Irmãos Andradas*, para o qual também se abrira concurso. Naquelas obras, o território da tradição era mapeado a partir de São Paulo. Vale deter-se em suas referências simbólicas, estampadas desde 1920 nas maquetes, reproduzidas pelo periodismo em circulação.

O Espetáculo das Maquetes: A Pátria em Miniatura

Nem só a escultura vencedora do *Monumento da Independência*, de Ettore Ximenes, foi estampada nas revistas. Precedendo-a, às vésperas dos concursos, aconteceram Exposições dos projetos inscritos, sempre através de *maquetes*. O espetáculo das obras em miniatura exigiu sua divulgação, sobretudo para visitação pública, teoricamente envolvida com aquele julgamento, embora os projetos vitoriosos fossem escolhidos por sodalícios, a portas fechadas. Em Santos, a exposição de *maquetes* do *Monumento aos Andradas* foi prestigiada com a visita de René Viviani, ex-Presidente do Conselho de Ministros da França, noticiada em ampla reportagem na imprensa[139]. Lá estavam os trabalhos concorrentes de Arnaldo Zecchi, autor do *Monumento à Independência Argentina*, o chileno Ettore Ximenez, do projeto do *Monumento à Independência* em São Paulo, o italiano Nicola Rollo e mais Zani, Starace, Etzel-Contrati; entre os brasileiros, os paulistas Vitor Brecheret e o jovem Leão Velloso. Segundo *Terra Paulista*, o favorito, mais uma vez, era Victor Brecheret, seguido de Nicola Rollo e do projeto da Companhia Construtora de Santos. O escultor paulista punha em cena os recorrentes heróis paulistas – os bandeirantes –, fixando o território; a presença dos conjurados mineiros, "extensão da história paulista", figurava como representação da liberdade; a inserção dos irmãos Andrada naquele *Panteon* vinha como reforço da idéia de liberdade, concretizada às margens do Ipiranga, marco da geografia paulistana:

> Brecheret, o grande artista patrício, apresenta a maquete *mais nacionalista* no sentido histórico do termo. Em dois belos grupos anteriores sintetiza o artista a *fixação do território*, representando num os *bandeirantes, legionários desta cruzada nobre* e noutro a fixação

139. *Terra Paulista, op. cit.*, 30 set. 1920, ano I, n. 7.

Slhj

da idéia simbolizada no martírio dos conjurados Mineiros, a vitória da idéia de liberdade, mais tarde conquistada pelos irmãos Andrada. Os grupos laterais simbolisam, um a ação da independência, as forças que participaram do *grito do Ipiranga*, representada por cavalheiros e heróis; outro, a messe da idéia, o resultado obtido com a valorização da aspiração dos brasileiros, significado por uma vitória que paira sobre cavalos soltos em marcha pacífica e laboriosa. Na parte posterior do monumento, uma grande figura da pátria, no bloco central José Bonifácio, aos lados Martin Francisco e Antonio Carlos. A sua concepção é ótima, foi concretizada com arte expressiva e magestosa, com técnica de mestre.

O resultado, contudo, preteriu o candidato. A vitória coube à Companhia Contrutora de Santos, cuja mera nomeação da equipe sugere a força política de que se investia o grupo. Na direção do projeto estava o "notável engenheiro patrício" Roberto Simonsen, auxiliado por Afonso E. Taunay, historiador, Antonio Sartório, escultor e Gaston Castel. A mesma revista *Terra Paulista*, depois de apontar a excelência do projeto de Brecheret, numa mudança súbita de opinião, vinha encomiástica na preferência do vencedor, insistindo no caráter nacionalista da obra, consagradora das figuras componentes da raça:

> O cunho genuinamente nacionalista de que ela se revestiu foi o título de maior glória e de mais alto valor. [...] É que ela favoreceu a nossa vaidade patriótica, caracterizando em sua obra, nos mais pequenos detalhes, os símbolos representativos de nossa raça e da nossa nacionalidade. O Cruzeiro do Sul, as ramas braileiras, as figuras formadoras de nossa raça, a belíssima apoteose, tudo isso aproveitado com habilidade de mestre tornaram o projeto invencível[140].

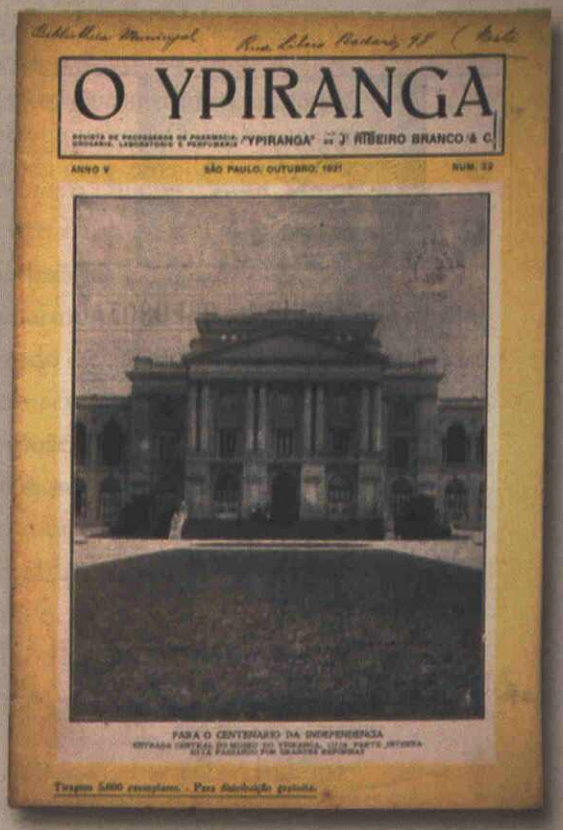
A culminância da exaltação dos valores da nacionalidade, da raça e da tradição, expressos nas revistas, encontrou na festa do *Centenário* o seu veículo apropriado. Viveu-se o apogeu e a decadência do próprio ufanismo, a construção simbólica de maior constância e penetração naquelas décadas. Esta apoteose de 1922, contudo, não imperou hegemônica. Entre a verbosidade do nacional, o cultivo da língua geral e a gramatiquice em voga, o cinema chegava na frente. Via cinema, e por conta dele, através do periodismo, entravam todas as subversões de modelos de fora naquele projeto nacionalista. As revistas divulgavam em seu interior o culto dos valores pátrios mas, já traziam na capa, estampas de Hollywood, com artistas da cena muda. Em *Panóplia*, segunda fase, vinham June Caprice e Mary Pickford[141]; em *Terra Paulista*, a estrela de cinema

140. *Terra Paulista*, *op. cit.*, nov. 1920, ano I, n. 8.
141. *Panóplia*, *op. cit.*, dez. 1918, ano II, n. 6.

Monumento da Independência: Exaltação e Crítica • 1. A revista *Vida Paulista* trazia na capa a crítica do monumento, ironizando: "O escultor Ximenez vai instalar no bairro do Ypiranga uma grande oficina para fazer a fundição das várias peças do monumento. A primeira peça (o cofre do tesouro)". *Vida Paulista*, São Paulo, 1921, ano II, n. 15. • 2. Já a celebrativa publicação *O Ypiranga* estampava, imponente, a fachada do museu: "Museu do Ipiranga: Ícone da Independência". *O Ypiranga*, São Paulo, 1921, ano V, n. 32.



1



2

Dolly Morgam[142]; n' *O Eco*, Mary Thurman[143]. As melindrosas de Hollywood, em modelito *art-decô* que os *ballets* de Diaguilev e o próprio cinema ajudaram a divulgar, substituiram as paisagens, as cenas bucólicas, os edifícios suntuosos que "ornavam" a Capital. As revistas gráficas alemãs eram substituídas pelas americanas.

Ainda em 1923, Lobato insistia com Belmonte para inspirar-se nos alemães:

> [...] Se puderes estudar desenho como os alemães o estudam serias um formidável ilustrador. Tenho aquí um álbum de desenhos de A. Menzel, o mais assombroso desenhador alemão. Cada página é uma obra prima – mas a gente vê que formidável dose de estudo...[144]

Contudo, o caricaturista acertou seu traço a partir das revistas americanas, imprimindo aquela marca nas inúmeras ilustrações, particularmente ao retratar a Segunda Guerra.

Entre as comemorações oficiais do *Centenário* e a *Semana* de 1922, os projetos se conflitavam. Tradição e ruptura, passadismo e futurismo acentuavam-se respectivamente na festa do "Poder" e naquela da "Semana". Correndo por fora, as mensagens de Hollywood, a compra de nosso café pelos norte-americanos, a propaganda de Roosevelt, a euforia da paz. E a festa do *Centenário* não foi só expressão do nacionalismo, mas também do cosmopolitismo apreendido naquelas páginas periódicas, especialmente através dos anúncios da publicidade; o que acentuava a diversidade cultural do País, revelando as várias dimensões de percepção e/ou projetos em curso, em torno do cultivo do nacional.

Em 1922, uma nota dissonante, sob a grafia de uma buzina: *Klaxon*, a revista porta-voz do grupo modernista da Semana de Arte Moderna. Lançada enquanto corria solta a preparação dos festejos do *Centenário*, era proposta muito estranha àquele meio. Pela forma, pelas ilustrações, pelo texto. Menotti del Picchia, adiantava:

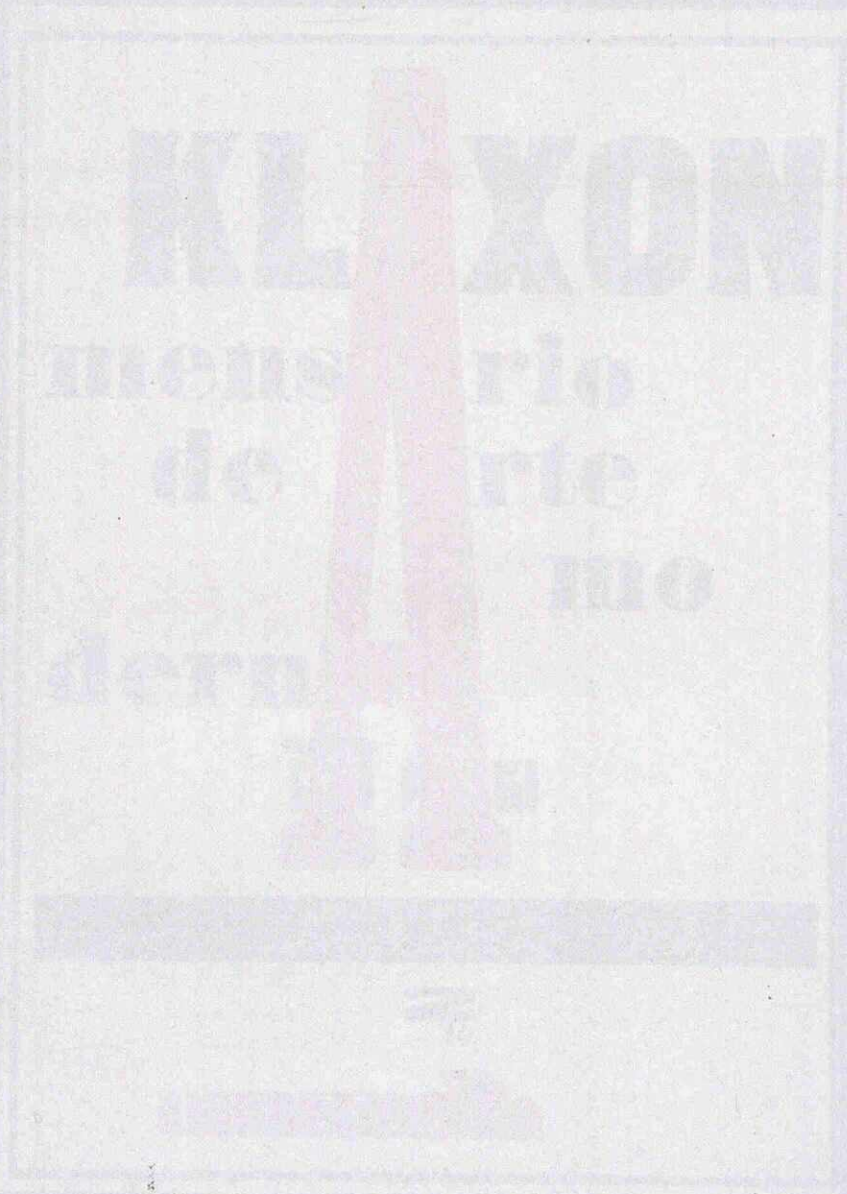
> *Klaxon*, magrinho de papel, custa uma fortuna. [...] Mas *Klaxon* é orgulhoso e vende-se caro. Se ninguém o ler, paciência. *Klaxon* não se queixará jamais de ser incompreendido pelo Brasil. O Brasil é que se esforçará para compreender *Klaxon*[145].

142. *Terra Paulista*, *op. cit.*, 1920, n. 5.
143. *O Echo*, *op. cit.*, maio 1919, ano XVII, n. 9.
144. Carta de Monteiro Lobato do Rio de Janeiro de 1º de abril de 1923 a Belmonte em São Paulo. Inédita. [mimeo.] Coleção Laís Barreto Sadala.
145. *São Paulo: A Capital Artística na Comemoração do Centenário*, São Paulo, 1922, s/p., 1984.

Numa Revista, a Configuração da Modernidade • Lançada a 15 de maio de 1922, durou até janeiro de 1923. Inovava em tudo. Não trazia expediente, mas grupo que se nomeava redação, constituído por Couto de Barros, Tácito de Almeida, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes e Luís Aranha. Quanto à capa, Guilherme de Almeida depôs: "A capa não foi 'esboçada' por mim ante um livro de Léger. Nada disso. Couto, Tácito, Aranha, Rubens e eu fomos à Tipografia Paulista, e aí foi que compus tipograficamente [...] o 'enigma pitoresco'. Retirei eu mesmo do caixotim das maiúsculas de madeira o que me pareceu melhor: um *A* imenso, igual àquele que estava ali, num cartaz, na parede: o *A* da ópera *Aída*, que ia ser cantada no Municipal. E no componedor, sobre esse asão, apliquei todos os dizeres da capa, até mesmo o til de São Paulo. "O Nosso Klaxon", *O Estado de S. Paulo*, 10 fev. 1968.



A buzina estridente, de som dissonante, alastrou-se, ecoando até hoje como um ponto de inflexão na recorrente busca do nacional. São Paulo, com a velha oligarquia no poder apontava, via uma publicação requintada, conquanto esdrúxula e marginal, a possível modernidade. Ao contrário de seu gritante progresso material, primitivo e retrógrado em seu curso, anunciava no texto impresso, a nacionalidade possível. O nascimento de Macunaíma, foi sua contrafação. Visualizava-se, finalmente, o País, o homem, o seu *ethos* cultural.


KLAXON

Considerações Finais

A recuperação da história de parte significativa das revistas paulistanas, revelou dimensões insuspeitas de sua potencialidade como impresso, pêndulo das transformações de mercado, publicação síntese de uma época presidida pelo signo da mudança. A riqueza deste *corpus* documental demanda que as considerações finais caminhem em várias direções, contemplando quatro aspectos daquela produção, bastante singularizada no caso de São Paulo:

- Sua contribuição relevante para a ampliação do público leitor.
- Seu significado no mercado do impresso e na política editorial.
- Sua importância como modeladora do quadro social, com rebatimento no plano das idéias, conformando ideário[s].
- Sua decisiva influência na construção da imagem épica e magnificada da cidade e do Estado de São Paulo.

Diga-se, preliminarmente, que o conjunto analisado reforçou os tradicionais papéis conferidos ao periodismo como instância de representação e legitimação de indivíduos, grupos e idéias, espaço celebrativo de aspirações e projetos de gerações, suporte quase exclusivo para colocação do autor em letra impressa. No Brasil, onde os prelos tardaram a chegar, e especialmente em São Paulo, de peculiar conjuntura, coube à revista possibilitar – exatamente pelo seu caráter periódico e ligeiro – experimentos múltiplos, fundamentais na alavancagem da alfabetização, da editoração, da produção literária e do parque gráfico.

De pronto, a constatação de sua importância histórica, como tradição mais legítima do momento, dada a preferência então pelo "texto curto, pela palestra ou pela crônica em detrimento do livro, dos textos de leitura mais exigente"[1].

1. Tristão Ataíde. *Apud* Flora Sussekind, *op. cit.*, pp. 102-103.

SIhi

Por outro lado, eficaz quanto à divulgação das informações de vanguarda, condensadas em matérias especializadas, sobretudo de caráter científico – *Revista de Engenharia* –, entre outras. Contundente, o significado da revista francesa *L'Esprit Nouveau*, de influência, inclusive, na formação de Mário de Andrade, determinante para sua formulação da estética Modernista no Brasil[2].

Todavia, na Paulicéa aqui *em revista*, o gênero ultrapassou seus atributos permanentes, ocupando lugar especial, colocando-se como impresso fundamental na intermediação entre o jornal e o livro, elo propiciador da evolução editorial então registrada, assinalando a especificidade do estágio cultural, gráfico e de mercado da cidade e do Estado de São Paulo.

Sublinhe-se, inicialmente, *a importância das revistas para a criação de comunidades leitoras*, sobretudo, a partir da segmentação daquele periodismo. O leque temático então aberto atingiu a sociedade como um todo, gerando demandas de consumo e/ou construção de públicos. Para a mulher, leitora em potencial já no século XIX, as revistas constituiram-se no espaço de inserção feminina por excelência, quer como consumidora quer como produtora. Ultrapassou as fronteiras do impresso dito feminino, para colocar-se na gama variada de revistas do período. Exemplo maior, a revista *Chácaras e Quintais*, onde comparecia Júlia Lopes de Almeida, em meio à exclusiva colaboração masculina. Segundo seu próprio editor, a alta tiragem daquele título deveu-se, em grande parte a sua participação, responsável pela conquista do público feminino.

Importante, igualmente, a disseminação do gênero no reticente universo masculino, cooptando o leitor em seus vários níveis, fosse através das revistas agrícolas [*O Fazendeiro, Chácaras e Quintais*]; ou aquelas do comércio e indústria [*Revista do Comércio e Indústria*]; as políticas jocosas [*O Queixoso, A Vespa, A Farpa*]; as técnicas [*Revista de Engenharia*] e, sobretudo, as esportivas [*Sports* e as inúmeras ditas de *Variedades*].

Inovadora, a conquista do público infantil e adolescente, tanto através das revistas escolares, em particular aquelas das escolas da rede oficial de ensino, ou as ditas infantís [*O Pequeno Polegar*, os tantos Suplementos Infantis e *Tico-Tico*, do Rio de Janeiro].

Para segmentos já envolvidos com o hábito da leitura as possibilidades se abriram e potencializaram-se, através das revistas especializadas de instituições cul-

2. Maria Helena Grembecki, *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*, *op. cit.*

turais. Desde as tradicionais acadêmicas, da São Francisco [*XI de Agosto*] àquelas das sociedades recém criadas: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Museu Paulista, da Sociedade Científica* etc...

Decisiva, também, a disseminação da leitura através do periodismo operário, numa proporção mais acentuada que da imprensa burguesa. Todas as atividades continuamente veiculadas em seus impressos – a divulgação de excertos de teóricos da causa, o anúncio da chegada de obras de interesse, a promoção de seções de leitura – induziram aquele público ao exercício da leitura e às práticas culturais típicas da classe, o teatro inclusive.

Insista-se que nesta conquista de públicos, não só a *letra* foi decisiva mas, em grande parte, a *imagem*. Sua proliferação, concomitante à política de alfabetização encetada pelo Estado republicano, ampliou a demanda, atingindo até o semi-analfabeto. Num segundo momento, a força da publicidade entrou como elemento decisivo para potencializar aquela conjunção lúdica de *letra* e *imagem*. Não por acaso, a revista tornou-se, então, a embalagem preferencial da propaganda e da publicidade.

Na formação do parque editorial paulista, o papel das revistas foi fundamental. Se no Rio de Janeiro havia uma *Garnier*, extremamente seletiva, em São Paulo nem mesmo isto existia. Lima Barreto confirmava a limitação geral do mercado, num registro definitivo: "[...] nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal"[3]. Em São Paulo – não obstante o papel abrangente de seus grandes jornais –, coube à revista aglutinar os escritores de plantão, criar e segmentar o público leitor, sinalizar tendências e demandas de consumo. Basta lembrar que a maior parte das tipografias que editou revistas também tentou o livro; que Amadeu Amaral e Monteiro Lobato, dois nomes reconhecidos no período, valeram-se expressivamente das revistas para as respectivas visibilidades literárias; que artistas plásticos, ainda sem mercado garantido – pintores, caricaturistas, fotógrafos, artistas gráficos, de Alfredo Norfini a Voltolino –, encontraram nas revistas, o espaço para colocação e profissionalização.

Exemplo paradigmático da sua importância no campo editorial decorreu da criação da primeira editora de porte paulista, a *Editora Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato, originária da *Revista do Brasil*. Outro exemplo contundente do es-

3. Revista "Floreal", n. 1. *Apud* Lima Barreto, *Impressões de Leitura, op. cit.*, pp. 182-183.

tágio então vivido, da especial transição da revista para o livro, veio de *A Novela Semanal*, editada por Olegário Ribeiro e Cia., ambas nascidas da *Revista do Comércio e Indústria*. Em 1921, a mesma revista, em pesquisa de mercado sobre a produção editorial, confirmava o crescimento do parque gráfico paulistano e, indiretamente, revelava sua dependência daquele surto das experiências periódicas em curso.

O referido balanço, publicado em *O Estado de São Paulo*, anunciava a existência de 20 [vinte] casas editoras de "maior e menor importância", divulgava apenas as 15 [quinze] mais expressivas e destas, 8 [oito] derivavam da experiência periódica. A já citada "Editora Revista do Brasil", [*Revista do Brasil*]; a "Editora Sociedade Olegário Ribeiro", [*Revista do Comércio e Indústria*]; a "Companhia Melhoramentos", sucessora da "Weisflog Irmãos", [*Revista Nacional*]; a "Editora Liceu Sagrado Coração de Jesus", [*Álbum Imperial e demais revistas católicas*]; a "Editora Livraria Magalhães", [*O Pequeno Polegar* e revistas de propaganda]; a "Editora Chácaras e Quintais" [*Revista Chácaras e Quintais*]; a "Editora da Vida Moderna", [*Vida Moderna*]; a "Editora Revista dos Tribunais" [*Revista dos Tribunais*]; a "Editora Capital Paulista" [*Capital Paulista*][4].

Poderia se argumentar que, tanto quanto das revistas, as editoras também surgiram de casas gráficas que optaram por diversificar suas atividades no ramo livreiro. A hipótese não resiste, ao se cotejar as tendências temáticas que presidiram as edições de seus livros, praticamente calcadas naquelas que vigoraram no mercado periódico, sinalizador da demanda e responsável pelas iniciativas editoriais em curso. A "Monteiro Lobato & Cia", com obras de literatura, liderava em número de títulos; a "Melhoramentos", com obras didáticas; a "Chácaras e Quintais" com publicações agrícolas e zootécnicas; a "Editora Livraria Magalhães", com obras populares; a "Revista dos Tribunais", com livros jurídicos.

Em outras palavras, as editoras lançavam-se apoiadas na existência prévia de público, já cativado pelas revistas. Inicialmente o periódico garantia uma sistematização de demanda, pela própria rotina de seu consumo, o que na sequência justificava o lançamento de obras de maior fôlego sobre a temática, de colocação praticamente garantida.

Em 1921 o parque editorial paulistano era um fato, sob a responsabilidade de empresas cujas primeiras experiências haviam transcorrido com as *revistas*.

4. *O Estado de S. Paulo*, 5 mar. 1921, p. 4.

Nesta altura, São Paulo já recebia o aposto de "Capital do Livro", procurada até mesmo pelas editoras da Capital da República na impressão de suas obras, prenunciando a mudança de eixo da produção cultural do Rio de Janeiro para a Capital paulista. Os elementos para desenvolver sua indústria editora estavam postos: a melhor indústria gráfica do País; número de escritores apreciável, só excedido pelo Rio de Janeiro; um grupo de ilustradores próprios, com arte original e interessante – Rodrigues, Paim, Carnicelli, Ruy Ferreira, Rasmussen, J. Prado, Voltolino, Belmonte, Della Latta, Norfini; empresas editoras com grande capacidade de expansão, pois apoiadas pelo capital nacional e local; indústria papeleira em desenvolvimento; público cada vez maior dentro do próprio Estado, suficiente para consumir a produção que só no Estado de São Paulo igualava-se a de todo o resto do País.

A importância da revista na conformação de ideário[s], como disseminadora de políticas e modeladora da sociedade, foram outras dimensões inferidas na produção periódica paulistana. Não por acaso, aquele impresso tornou-se o invólucro preferencial da propaganda e da publicidade, relevante especialmente na Capital São Paulo. Na cidade de etnias múltiplas, grupos sociais emergentes de teor vário, idealizações e aspirações de toda a ordem, a revista constituiu-se no meio de comunicação ideal para manipulação de valores, ao sabor dos interesses mercadológicos e políticos. Coube-lhes, através da publicidade, nortear o consumo da sociedade e por meio da propaganda investir na cooptação ideológica. Na publicidade, o exemplo do periodismo gratuito de alguns estabelecimentos comerciais – a revista *Ypiranga*, dos Laboratórios Ipiranga; na propaganda, a *Ilustração Brasileira*, de Paris e de São Paulo, divulgando a República e a oligarquia do poder; ou o *Álbum Paulista*, valorizando a Monarquia; ou *Aurora*, de crítica social, divulgando a corrente socialista. Num determinado momento, ambas, propaganda e publicidade, se confundiram naquelas páginas periódicas. Os *Chocolates Lacta* se apresentavam como preferidos de políticos do PRP; os produtos da farmacopéia nacional transmitiam força e poder, associada à longevidade do médico positivista e político de "firme têmpera", Luís Pereira Barreto. Neste propósito, os modernos recursos técnicos da impressão, otimizados com métodos fotoquímicos puderam ser amplamente exercitados nas revistas, em detrimento dos jornais.

Sua melhor resolução nas páginas em cuchê [ou papel glacê] do que em papel-jornal, carrearam para o periódico revista os experimentos do setor. Mais uma

vez, texto e imagem, embalados no atraente e prático formato "revista", modelaram o quadro social, manipularam idéias, conformaram ideários. Em particular a fotografia, falseando a realidade, mistificadora de mensagens, criando uma segunda realidade presidida por interesses sócio-econômicos de grupos poderosos.

Nesse sentido, limitamo-nos a pontuar brevemente as tantas manipulações, usos e abusos que afloraram daquele periodismo, porta-voz de políticas, grupos, instituições, legitimador de idéias.

Periodismo agrícola: A defesa dos interesses da oligarquia foi a tônica daquela produção. A falsa propaganda da paradisíaca vida no campo para atrair a mão de obra, se possível subsidiada, foi o registro mais gritante; vez ou outra, a denúncia de abusos nos contratos de trabalho. A mensagem final, contudo, privilegiou o proprietário e não o trabalhador rural.

Periodismo Pedagógico e Escolar: Dependentes do apoio do Estado, as revistas pedagógicas apoiaram-se em associações de ensino de forte vínculo com o governo republicano, exaltando, de forma magnificada, seu investimento na Educação. Concomitantemente, tornaram-se reprodutoras de seu discurso ufanista de fortalecimento da Pátria, endossando a cunhagem de mitos e tradições.

Periodismo Institucional: Vindo de encontro ao projeto da nova ordem republicana – de racionalização e progresso – as revistas institucionais enriqueceram o panorama cultural, contribuindo em várias instâncias pragmáticas, do conhecimento científico e técnico, até então praticamente inexistente. Não obstante o vezo nacional ufanista de algumas delas – em especial a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* – acabaram por legitimar o aparelhamento técnico-científico do Estado, dando-lhe consistência e visibilidade. A *Revista do Museu Paulista* também inscreve-se nesta dimensão.

Periodismo Esportivo: Nas lúdicas e atraentes revistas esportivas foram implementados os projetos de fortalecimento do Estado. Em especial, através de um discurso subliminar, disseminador das teorias racistas herdadas do final do século XIX, que retomadas na República sob o viés eugênico, veicularam os propósitos de branqueamento e fortalecimento da raça. O culto do mais forte, a vitória pela força, foram idéias amplamente propaladas, somados às imagens de valorização do estereótipo dolicocéfalo loiro, negação do tipo nacional.

Periodismo religioso: Proselitista por excelência, retomou com vigor a tradição católica, vincando ainda mais a subserviência ao poder constituído. A liberdade de culto, possibilitando o surgimento e a concorrência de outras crenças, que se

Slhi

manifestavam expressivamente nos respectivos orgãos de divulgação, exigiu uma propaganda mais consistente por parte da Igreja católica, configurada posteriormente na criação da revista *A Ordem.*

Periodismo feminino: De fundamental importância para a colocação da mulher na sociedade restritiva de seu tempo. Espaço quase exclusivo para exercício de novos papéis, possibilitando a emergência de novas posturas femininas, da mulher escritora à sufragista, à feminista, à politizada.

Periodismo nas artes cênicas: A diminuta produção de revistas teatrais do período fez ressaltar a força com que o cinema dominou aquela cena. Não obstante registrar-se vigor nacionalista na produção teatral do período, o segmento não contou com o apoio do Estado. A exceção ficou por conta da peça o *Contratador de Diamantes*, de Afonso Arinos, com subsídios do Governo. A produção vinha em reforço ao especial momento de "invenção das tradições", recuperadas de acordo com os interesses do grupo dominante, vale dizer, a oligarquia paulista. Paralelamente, abriu-se a brecha para o consumo de um produto voraz, que presidiu os anos subseqüentes: os *films* da poderosa indústria cinematográfica de Hollywood.

Periodismo Infantil: Praticamente formatado no periodismo estudado. Inferiu públicos, dimensionou demandas e firmou-se como segmento dos mais relevantes no mercado periódico.

Periodismo de crítica social: Emergindo com a industrialização, constituiu-se num dos instrumentos mais efetivos de propaganda ideológica, configurando as tantas correntes em curso – socialismo, anarquismo, anarco-socialismo, sindicalismo. Sua força chegou a constituir-se em séria ameaça à ordem estabelecida. Tão ou mais forte que sua função doutrinadora, foi seu papel disseminador de leitura e crítico daquela sociedade estamental.

Insista-se no propósito propagandístico que presidiu as revistas como um todo. Na gestão de Campos Salles este objetivo chegou às últimas consequências, fosse nas revistas editadas no exterior como naqueles de produção da casa, periodismo paulistano. *Ilustração Brasileira*, editada em Paris e *Terra Paulista* em São Paulo confirmam o aludido.

Desnecessário enfatizar a importância das revistas no ensaio literário a que se assistiu no período – produzindo conjuntamente naturalismo, simbolismo, parnasianismo, regionalismo e, por fim, modernismo. Como resultado, a figuração da modernidade numa revista, sinalizadora de novo tempo cultural: *Klaxon.*

Finalmente, coube às revistas, a função disseminadora da idéia do Progresso, vale dizer, do progresso paulista. Naquele veículo publicitário, se delineou e tomou vulto, uma imagem avassaladora: aquela da cidade de São Paulo, fenômeno urbano mundial, onde o dinheiro do café corria solto, para o País e para o mundo. Sua excelência, ampliada pela propaganda e pela publicidade, foi vendida em papel glacé, papel jornal, prosa, verso, charges, caricatura, em nome de seu poderio econômico, da indústria nascente, da remodelação urbana – a terra do dinheiro fácil. Progresso foi a mensagem mais veiculada naquele periodismo para tornar atraente a cidade que se transformara em peça importante na engrenagem do capitalismo internacional. Vendida como *O maior empório comercial da América do Sul*, inchou sua população com a mão de obra excedente da crise européia, consumiu vinhos que a produção francesa achou por bem desviar para os trópicos, recebeu indústrias e conglomerados financeiros que diversificavam suas aplicações, abriu espaço para técnicos qualificados que não dispunham de mercado de trabalho nas já remodeladas capitais da Europa. A imigração subvencionada e a seguinte, os produtos comestíveis do comerciante francês Charles Hu, as maravilhas da RCA Victor, a Light and Power & Co., a Companhia Antártica de Cerveja, a Ligderwood de máquinas agrícolas, a Companhia City de loteamentos, os tantos bancos Francês e Italiano, Banco Alemão, o arquiteto-urbanista Bouvard – são alguns exemplos do que se carreou para a cidade de São Paulo, em nome do propalado progresso da *Capital do Café*. Epíteto que se transformou em *Metrópole do Café*, *Capital Artística*, *Capital da Terra Roxa*, *Capital Bandeirante* e, às vésperas de 1922, a *Leipzig Brasileira* [ou seria a Frankfurt?], a *Capital do Livro* no País. Por trás daquela criação fantástica, estavam as revistas paulistanas a serviço dos poderosos do dinheiro e da política, cunhando *slogans*, exaltando a Capital e o Estado paulistas, disseminando ilusões, enquanto transformavam-se, elas próprias, em atraente filão do mercado, negócio vantajoso para seus investidores.

Por outro lado, aquelas mesmas revistas, balizavam as transformações, sinalizando que no pós-guerra e, sobretudo pós – 1922, a cidade e o Estado eram outros. Setores fundamentais da vida nacional, expressos através do periodismo, revelaram que se vivia momento diverso daquele da inicial República, demandando reformas substanciais. Na Educação, as propostas da Escola Nova veiculadas pela *Revista Nacional* lançada em 1921 já eram um alerta; no campo religioso, a criação da revista *A Ordem* anunciava os novos rumos da Igreja no Brasil;

na agricultura, o sucesso e a liderança de revistas voltadas para a pequena propriedade, como *Chácaras e Quintais* confirmavam outra realidade do campo, agora significativamente em mãos de proprietários de posses médias ou emigrantes enriquecidos; no setor comercial e industrial, a *Revista do Comércio e Indústria* espelhava a competitividade dos respectivos setores; a mulher despregava-se da imagem da *Rainha do Lar* posando livre e independente, ao volante de um *Packard* ou trazendo entre os dedos cigarrilhas de sofisticadas marcas; as revistas infantis, como *Tico-Tico*, outrora inexistentes, inundavam o mercado, lidas e elogiadas até por Rui Barbosa; a busca e reconstrução do Brasil era a meta explícita da *Revista do Brasil;* a proliferação de revistas institucionais confirmavam o aparelhamento técnico-científico do Estado; prenunciando a ruptura do tempo cultural, o enjôo parnasiano, a recusa da opereta italiana e da recorrente estética da Academia, a revista *Klaxon*, lançada em 1922, encerrava, simbolicamente, um tempo cultural.

Das pálidas imagens em papel-jornal da década de 1890, passando pelas guirlandas *art-nouveau* dos clichês de fatura francesa, chegou-se às capas de estética *art-decô*. Introduzidas no País via Hollywood, estampavam o brilho e o *glamour* das estrelas do cinema americano e na seqüência, os valores da sociedade *yankee*. Na verdade, o novo clichê anunciava a vitória de outro veículo de comunicação de massa – o cinema. Em seu interior, ou mesmo nas ruas da Capital, a presença do automóvel confirmava outra dinâmica temporal, ainda mais acelerada. No ar, o cheiro era de gasolina e o ruído das buzinas – fosse *Fon-Fon* ou *Klaxon*.

Do exposto, ao fim e ao cabo, a revista, emergiu como o veículo ideal daquele processo civilizatório, configuradora do ritmo de seu tempo cultural, de seus projetos, de suas utopias.

Slhi

Fontes e Bibliografia

Fontes

Revistas da Cidade de São Paulo

A Arte. São Paulo, Jornal da Tarde, jun. 1890, n. 1.

L'Agricultura Paulista. São Paulo, Tip. Pocai-Weiss & Cia., 1913.

Álbum das Meninas. Revista Literária e Educativa dedicada às Jovens Brasileiras. São Paulo, 30 abr. 1898, ano I, n. 1.

Álbum Imperial. Quinzenário Político e Literário. São Paulo, 1906.

L'Amico de Lavatore. São Paulo, 1902.

Alvorada. Revista Ilustrada de fina colaboração. São Paulo, Tip. da Casa Minerva, jun. 1913, n. 1.

O Anel. São Paulo, 1897, n. 1.

Anima e Vita. S. Paolo, 1º gennaio 1905.

Arte e Sport, semanário de reclame. São Paulo, 1903, ano I, n. 1.

Aurora, revista mensal de crítica social e literária. São Paulo, ago. 1905.

Autoridade. Jornal semanário, órgão do Club Monarquista. São Paulo, 1897, n. 1.

A Bicicleta, revista de velocipedia. São Paulo, 1896, n. 1.

Bogari. Órgão Literário da Sociedade União Familiar 16 de Outubro. São Paulo, 1896, n. 1.

Boletim de Agricultura. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1900.

Bom Gosto. São Paulo, Tip. Duprat & Cia., 1907.

A Borboleta. São Paulo, 1899, n. 1.

O Café. São Paulo, 1902.

Caixeiro Viajante, órgão de propaganda comercial. São Paulo, Papelaria Guarany, 1895.

O Cenáculo, quinzenário paulista. São Paulo, jun. 1890, ano I, n. 1.

Cidade de São Paulo. São Paulo, 1902, n. 1.

Cidade de São Paulo, semanário republicano e científico. São Paulo, Irmãos Sandoval, 1905.

Chácaras e Quintais. São Paulo, Amadeu A. Barbiellini, 1910.

A Crença. Revista Católica. São Paulo, 6 jun. 1901, ano I, n. 2.

SIhi

A Cruz. Semanário, católico, literário, comercial. São Paulo, 1904.
A Cigarra. São Paulo, 6 mar. 1914, n. 1.
Cigarra Esportiva, revista semanal ilustrada consagrada a todos os ramos de sport. São Paulo, 1917.
O Cordão: aperta, segura, estica e não rebenta. Jornal feito a vapor para mudos e canhotos. São Paulo, 1899, n. 1.
O Criador Paulista. São Paulo, Tipografia Ideal de Fratelli Canton, 1906, ano I, n. 1.
Diário dos Mensageiros. Órgão dos interesses gerais e especialmente do comércio. São Paulo, 23 mar. 1905, n. 1.
O Echo. São Paulo, set. 1919, ano XIX, n. 3.
Educação. Ciência, arte, religião, filosofia, moral, indústria, higiene. Revista de Assuntos Gerais e Pedagógicos. São Paulo, 1902.
O Ensaio, órgão dos alunos do ginásio Anglo Brasileiro. São Paulo, Tip. Hennies Irmãos, 1907.
A Eschola Publica. [Primeira Fase.] São Paulo, 1895.
A Eschola Publica. Pedagogia Prática. [Segunda Fase.] São Paulo, Tip. da Industrial de São Paulo, 1896, ano I, n. 1.
O Esforçador, da Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. São Paulo, 1905.
Estandarte Católico. Edição do Sul. São Paulo, 1900.
A Evolução Agrícola. São Paulo, Tip. Pocai & Weiss, 1913.
A Família. Jornal literário dedicado à educação da mãe de família. São Paulo, 1889, ano I, n. 10.
O Farol, semanário católico. São Paulo, 1901.
A Farpa: São Paulo, 9 fev. 1910, ano I, n. 1.
O Fazendeiro. Revista mensal de agricultura, indústria e comércio. Dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira. São Paulo, 1908, ano I, n. 1.
O Fim do Século. Revista mensal. São Paulo, 1901.
A Garoa. São Paulo, 1921, n. 1.
O Garoto, semanário burlesco. São Paulo, 1890, ano I, n. 1.
O Grito do Povo. Semanário socialista revolucionário. São Paulo, 1º maio 1900, ano II, n. 26.
Ideal Sport-Club, órgão do Ideal Sport Club. São Paulo, AF 968.
Ilustração Fotográfica. Revista Científica, mensal e de ensino da fotografia e artes correlativas. São Paulo, jun. 1919, ano I, n. 4, 5.
Ilustração Fotográfica. Revista associada à Casa Stuck, de Otto Stuck. São Paulo, A. de Barros Lobo, 1919-1920.
Ilustração Paulista. São Paulo, 22 out. 1910, n. 1.
Íris, revista mensal de letras, ciências e artes, dedicada às famílias e mocidade das escolas. São Paulo, Andrade e Mello, 1905, ano I, n. 1.
Klaxon. Mensário de Arte Moderna. São Paulo, maio 1922 a jan. de 1923.
Kodac. São Paulo, Typ. da Casa Garraux, 1912.
A Lanterna, órgão da liga anticlerical. São Paulo, 1901.
O Leque, órgão literário dedicado ao belo sexo. São Paulo, 1887.
A Lua, semanário ilustrado. São Paulo, 1910, n. 1.
A Luz Divina. São Paulo, 1º jun. 1901, ano I, n. 1.
O Menelick. Órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homesn de cor. São Paulo, 17 out. 1915, ano I, n. 1.

A Mensageira. Revista Literária dedicada à Mulher Brasileira. São Paulo, 19 out. 1897.
O Mercúrio, órgão comercial de propaganda. São Paulo, 1907, ano II, n. 10.
O Mercúrio, órgão mensal de propaganda comercial. São Paulo, 1906, ano I, n.1.
O Momento. Jornal Imparcial, publicado às segundas-feiras. São Paulo, 20 jul. 1914.
O Nativista, órgão de defesa dos interesses dos brasileiros natos. São Paulo, 14 jun. 1895, n. 1.
Nenê, jornal da infância. São Paulo, Tip. Ideal de F. Canton, 1906, ano I, n. 1.
A Novidade, revista de literatura, crítica, arte e esporte. São Paulo, 1905.
Panóplia. Mensário de Arte, Ciência e Literatura. São Paulo, Casa Duprat, jan. 1918, ano II, n. 1.
O Parafuso. Semanário Crítico e Ilustrado. Semanário de Combate. São Paulo, 1915, ano I, n. 1.
A Pátria, órgão dos homens de cor. São Paulo, 24 jul, 1890.
A Platéia. São Paulo, 1889, ano II, n. 65.
Pequeno Mensageiro. São Paulo, Cardoso Filho & Motta, 1903.
O Pequeno Polegar. Revista bimensal ilustrada para meninos. São Paulo, Livraria Magalhães/ Tipografia Wenditine, 1904.
Pica Pau. São Paulo, 15 abr. 1908.
O Queixoso. São Paulo, 29 jan. 1916, ano I, n. 4.
A "43". Revista dos Tenentes. São Paulo, 1918, n. 1.
O Radium. São Paulo, 1913, n. 1.
O Ramilhete. Órgão dedicado ao belo sexo. São Paulo, 1901, IV, n. 4.
Revista Agrícola. Órgão da Sociedade Pastoril e Agrícola. São Paulo, 1895, n. 1.
Revista do Brasil. São Paulo, jun.-abr. 1916, ano I, vol. 1.
Revista do Brasil. São Paulo, 1916, n. 1.
Revista do Brasil. São Paulo, 1918, n. 3, 4, 5.
Revista de Comércio e Indústria. Publicação oficial da Associação Comercial de São Paulo. São Paulo, Casa Editora Olegário Ribeiro, 1916, n. 18.
Revista da Educação. São Paulo, Imprensa Metodista, 1923.
Revista de Engenharia, publicação mensal de engenharia civil, industrial, arquitetura e agronomia. São Paulo, 10 jun. 1911, vol. I, n. 1.
Revista da Engenharia. Eletrotécnica, Hidráulica e Industrial. São Paulo, 1º abr. 1914, vol. III, n. 10.
Revista de Ensino. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, abr. 1902.
Revista do Ensino, órgão da Associação Beneficiente do Professorado Público do Estado de São Paulo. São Paulo, Diretoria Geral da Instrução Pública, 1918-1919, n. 1 a 4.
Revista dos Educadores. São Paulo, 1912.
Revista da Faculdade de Direito. São Paulo, 1893-1972.
Revista Feminina. São Paulo, 1915.
Revista Filomática. São Paulo, Tip. do Farol Paulistano, 1833, n. 1 a 7.
Revista Fotográfica. São Paulo, 1908.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. São Paulo, 1895.
O Repórter. São Paulo, 1895.
Revista Ítalo-Brasileira. São Paulo, 1915, n. 1.
Revista do Museu Paulista. São Paulo, Tip. a vapor de Hennies Irmãos, 1895.
Revista Nacional. Nossa Terra, nossa Gente, nossa Língua, Educação e Instrução – Ciências e Artes.

SIhj

São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, Weisflog Irmãos Incorporado, out. 1921, ano I, n. 1.
Revista Odontológica Paulista, órgão da Sociedade Odontológica Paulista. São Paulo, 1905.
Revista Politécnica, órgão do Grêmio Politécnico. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, nov. 1905, n. 1.
Revista de São Paulo. São Paulo, fev. 1902, ano I, n. 1.
Revista da Sociedade Científica de São Paulo. Órgão da Sociedade Científica de São Paulo. Mensário destinado à publicação de trabalhos inéditos dos membros da Associação. São Paulo, 1905.
A Rolha. Semanário independente...enquanto puder. São Paulo, 12 mar. 1918, ano I, n. 1.
São Paulo Judiciário. São Paulo, 1903-1914.
São Paulo Magazine, revista brasileira e universal de atualidades, arte, literatura, viagens, sport, agricultura e indústrias. São Paulo, out. 1907, n. 7.
Santa Cruz. São Paulo, Escola Tipográfica Salesiana, 1900.
São Paulo Ilustrado. São Paulo, fev. 1904, n. 19.
São Paulo Ilustrado, revista semanal de atualidades. São Paulo, Oficinas de *O Estado de S. Paulo*, 1920, ano I, n. 1; n. 31.
Sport. São Paulo, 1905.
O Sport. São Paulo, Livraria Magalhães, 1898.
O Sportsman, órgão do Club de Esgrima. São Paulo, 1902, n. 1.
Sportmen, revista esportiva e literária, mensal. São Paulo, 1906.
Sports, revista de todos os sports. São Paulo, Oficinas de *O Estado de S. Paulo*, 1919, n. 1.
Terra Paulista. São Paulo, nov. 1920, ano I, n. 8.
O Trabalhador Gráfico. Órgão da União dos Trabalhadores Gráficos. São Paulo, Tip. Andrade & Mello, 1904.
União dos Lavradores, órgão da Sociedade União dos Lavradores de São Paulo. São Paulo, 1902.
Vera Cruz. São Paulo, 1904.
A Vespa. São Paulo, 18 abr. 1816, ano I, n. 1.
Via-Láctea. Revista ilustrada de assuntos gerais, atualidades, arte e ciência. São Paulo, 1903, ano I, n. 1; set. 1910, vol. VI, n. 17.
Vida Paulista. Edição semanal d'A Notícia. São Paulo, 1908, n. 1.
A Violeta. São Paulo, 1902, ano I, n. 3.

Outras Revistas

O Álbum. Rio de Janeiro, jan. 1893.
Brasílea. Rio de Janeiro, 1917, n. 1.
O Brasil Artístico. Revista da Sociedade Propagadora das Belas Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1911, n. 1.
A Careta. Rio de Janeiro, 11 mar. 1922.
Kosmos. Rio de Janeiro, 1904.
A Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, 1860.
Revue du Brésil. Paris, 1897, n. 1.
Vamos Ler. Rio de Janeiro, S.A. A Noite, 1936.

Revista do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas. Campinas, Tipografia a Vapor Livro Azul-Castro Mendes & Irmão, 1902, n. 1.
VERDE, revista mensal de arte de cultura. Cataguases, 1927.
Brasilia, organe officiel de la chambre de commerce franco-brésilienne. Paris, 1935, nouvelle série, n. 68.
France-Brésil, Revue Mensuelle de Propagande Industrielle et Commerciale. Paris/Bordeaux, 1904.
La Hacienda, revista mensal ilustrada sobre agricultura, criação de gado e indústrias rurais. Buffalo, N.Y., 1907, n. 1.
Je sais tout, encyclopédie mondiale illustrée. Paris, Publication Pierre Lafite, 1905, I janvier.
Revista Moderna. Paris, 1896.
Revista de Portugal. Porto, Lugan & Genelioux, 1890.
Revue des Deux Mondes. Paris, 1890.
Universo. Paris/Bordeaux, Charles Hu & Cia., 1906, ano I, n. 1.

Jornais

O Correio Paulistano. São Paulo, 1890 a 1922.
O Estado de S. Paulo. São Paulo, 1890 a 1922.
Minarete. Pindamonhangaba, 2 jul. 1903, ano I, n. 1.

Bibliografia Geral

ABDELMALACK, Genny. *Momentos da História do Brasil através da Caricatura.* São Paulo, Mestrado ECA-USP, 1991 [mimeo.].
ADORNO, Sérgio. *Os Aprendizes do Poder: O Bacharelismo Liberal na Política Brasileira.* São Paulo, Paz e Terra, 1988.
AGUDO, José. *Gente Rica: Cenas da Vida Paulistana.* São Paulo, Emp. Tip. Edit. O Pensamento, 1912.
AMARAL, Amadeu. *Ensaios e Conferências.* São Paulo, Hucitec, 1976.
_____. *Letras Floridas.* São Paulo, Hucitec, 1976.
_____. *Memorial de um Passageiro de Bonde.* São Paulo, Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
_____. *Novela e Conto.* São Paulo, Hucitec, 1976.
_____. *O Dialeto Caipira.* São Paulo/Brasília, Hucitec/INL, 1982.
_____. *Tradições Populares.* São Paulo/Brasília, Hucitec/INL, 1982.
AMARAL, A. Barreto do. "Catálogo de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro [1808/1889]". *ABN*, 1965, vol. 85.
_____. "Nossas Revistas de Cultura: Ensaio Histórico e Literário 1833-1950". *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, separata, n. CLXXIV, 1967.
_____. "Curioso Crime de Imprensa em 1886". *RIHGSP*, n. 62.
_____. "Jornalismo Acadêmico". *RAM*, n. 190.
AMARAL, Aracy. *Tarsila: Sua Obra e Seu Tempo.* São Paulo, Tenenge, 1986.

SIhi

AMERICANO, Jorge. *São Paulo Naquele Tempo [1895-1915].* São Paulo, Melhoramentos, 1962.
_____. *São Paulo Nesse Tempo [1915-1935].* Com desenhos do autor. São Paulo, Melhoramentos, 1962.
ANDRADE, Oswald de. *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe.* Rio de Janeiro, MEC/Civilização Brasileira, 1974.
ANTUNES, Cristina. *Tipografias de São Paulo.* São Paulo, 1986 [mimeo.].
ALBUQUERQUE, J. J. de Campos da Costa Medeiros e. *Quando Eu Era Vivo: Memórias 1867-1934.* Rio de Janeiro, Record, 1981.
ALMEIDA, Gastão Thomaz de. *Imprensa no Interior: Um Estudo Preliminar.* São Paulo, Convênio Imesp/Daesp, 1983.
ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da Roça.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933.
_____. *Jornadas no Meu País.* Desenhos de Albano Lopes de Almeida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1920.
AMARAL, Aracy. "Antes da Semana". *Artes Plásticas na Semana de 1922.* São Paulo, Perspectiva, 1992.
AMORA, A. Soares. Prefácio à edição fac-similar da *Revista Filomática.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/Metal Leve, 1977.
ANTUNES, Cristina. *Tipografias de São Paulo.* São Paulo, s/d. [mimeo.].
ARANHA, Graça. *Canaã.* Paris/Rio de Janeiro, Garnier, 1901.
ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade.* São Paulo, Martins Fontes, 1992.
ARINOS, Afonso. *Pelos Sertões [Histórias e Paisagens].* Rio de Janeiro, Laemmert, 1898.
ARRIGUCCI Jr., Davi. "Fragmentos sobre a Crônica". In: *Enigma e Comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência.* São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
AUMONT, Jacques. *A Imagem.* Campinas, Papirus, 1993.
AZEVEDO, Aroldo de. *A Cidade de São Paulo e Seus Subúrbios.* São Paulo, Geografia-USP, 1945.
BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira.* São Paulo, Ática, 1990.
BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena.* Brasília, Editora da UnB, 1982.
BANDECHI, Brasil. *Liga Nacionalista.* São Paulo, Parma, 1980, Cadernos de História, n. 14,
BANDEIRA JUNIOR, Antonio Francisco. *A Indústria no Estado de São Paulo.* São Paulo, Tip. Diário Oficial, 1901.
BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha.* Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo, Ediouro, s/d.
_____. *Vida e Morte de Gonzaga de Sá.* São Paulo, Brasiliense, 1956.
_____. *Diário Íntimo: Memórias.* Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo, Brasiliense, 1956.
_____. *Marginália.* São Paulo/Rio de Janeiro, Editora Mérito S. A., 1953.
_____. *Impressões de Leitura.* São Paulo, Brasiliense, 1956.
_____. *O Cemitério dos Vivos: Memórias.* Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo, Brasiliense, 1954.
_____. *Correspondência.* Prefácio de Antonio Noronha dos Santos. São Paulo, Brasiliense, 1956.

SIhi

_____. *Correspondência Ativa e Passiva.* Prefácio de B. Quadros. São Paulo, Brasiliense, 1956, 2 vols.

_____. *Vida Urbana.* São Paulo, Brasiliense, 1956.

BARRETO, Paulo [João do Rio]. *Momento Literário.* Rio de Janeiro, H. Garnier, 1905.

BAKHTIN, Mikail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais.* São Paulo/Brasília, Hucitec/Editora da UnB, 1987.

BEIGUELMAN, Paula. *Companheiros de São Paulo.* São Paulo, Símbolo, 1977.

BELO, Luís Alves Leite de Oliveira. *Imprensa Nacional: Apontamentos Históricos, 1808-1908.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.

BELLO, José Maria. *Movimento Literário de São Paulo e a Literatura Nacional.* Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1923.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as Raízes do Modernismo.* São Paulo, Marco Zero, 1992.

BENCLOWICZ, Carla Milano. *Prelúdio Modernista: Construindo a Habitação Operária em São Paulo.* São Paulo, Mestrado FAU-USP, 1989 [mimeo.].

BENDER, Flora. *A Cena Muda.* São Paulo, Doutorado ECA-USP, 1979.

BERCITO, Sonia de Deus. *Ser Forte para Fazer o País Forte.* São Paulo, Mestrado História-USP, 1991 [mimeo.].

_____. "Educação Física e Construção Nacional". In: FERREIRA NETO, Amarílio. *Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira.* Vitória, Ufes, 1996.

BERMANN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade.* São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro do Século XIX, 1840-1890.* São Paulo, T. A. Queiroz, 1988.

BERTARELLI, Ernesto. *Il Brasile Meridionale.* Roma, Tip. Editrice Nazionale, 1914.

BILAC, Olavo. *Conferências Literárias.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1912.

_____. *A Defesa Nacional.* 1917. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Pátria, Civilização e Trabalho: O Ensino de História nas Escolas Paulistas, 1917-1939.* São Paulo, Loyola, 1990.

BLASS, Leila Maria da Silva. *Imprimindo a Própria História: O Movimento dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo no Final dos Anos 20.* São Paulo, Loyola, 1986.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O Salão e a Selva: Uma Biografia Ilustrada de Oswald de Andrade.* São Paulo/Campinas, Ex-Libris/Ed. da Unicamp, 1995.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, Suspense, Emoção. Literatura e Cultura de Massa no Brasil.* São Paulo, Fapesp/Educ/ Estação Liberdade, 1996.

BOSI, Alfredo. *O Pré -Modernismo.* São Paulo, Cultrix, 1967.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo, Cultrix, 1970.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos.* São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

_____. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operários.* Petrópolis, Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas.* Tradução de Sergio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo, Perspectiva, 1987.

_____. *O Poder Simbólico.* Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa; Rio de Janeiro, Difel/ Bertrand Brasil, 1989.

Slhi

BRESCIANI, Stella [coord.]. *Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX.* São Paulo, Marco Zero/ Anpuh/Fapesp, 1993.
BRITTO, Iêda Marques. *Samba na Cidade de São Paulo 1900-1930: Um Exercício de Resistência Cultural.* São Paulo, FFLCH-USP, 1986.
BROCA, Brito. *Vida Literária no Brasil em 1900.* Rio de Janeiro, MEC, 1956.
_____. *Raul Pompéia.* São Paulo, Melhoramentos, s/d.
_____. *Teatro das Letras.* Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
_____. *Escrita e Vivência.* Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
BUITONI, Dulcília S. *Mulheres de Papel: Representação de Mulheres pela Imprensa Feminina Brasileira.* São Paulo, Loyola, 1981.
_____. *A Imprensa Feminina.* São Paulo, Ática, 1986.
CAGNIN, Antonio Luiz. "O Diabo Coxo: O Primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo". *DO Leitura,* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 13 [149], out. 1994.
CAMARGO, Ana Maria de A. *A Imprensa Periódica com Objetivo de Instrumento de Trabalho: Catálogo da Hemeroteca Júlio de Mesquita do IHGSP.* São Paulo, Doutorado História-USP, 1975 [mimeo.].
_____ & MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro, 1808-1822.* São Paulo, Edusp/Kosmos, 2 vols.
CAMARGO, Mônica Junqueira de & MENDES, Ricardo. *Fotografia: Cultura e Fotografia Paulista no Século XX.* São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
CAMPOS, Maria de Fátima. *Rian: A Primeira Caricaturista Brasileira. Primeira Fase Artística: 1909-1926.* São Paulo, Mestrado ECA-USP, 1990 [mimeo.].
CAMPOS, Vitor. *Art-Decô na Arquitetura Paulista.* São Paulo, Mestrado FAU-USP, 1996.
CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.
_____. "Literatura e Subdesenvolvimento". *Argumento,* I [1], 7-24 de out. 1973.
_____ [org.]. *A Crônica: O Gênero, Sua Fixação e Suas Transformações no Brasil.* Campinas/Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial de São Paulo.* São Paulo, Difel, 1977.
CAPELATO, Maria Helena R. & PRADO, Maria Lígia Coelho. *O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de S. Paulo".* São Paulo, Alfa Ômega, 1980.
CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista, 1920-1945.* São Paulo, Brasiliense, 1989.
_____. "Imprensa: Uma Mercadoria Política". *História & Perspectivas,* Uberlândia, 4, pp. 131-139, 1991.
CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas: O Deops e as Minorias Silenciadas.* São Paulo, Estação Liberdade, 1987.
CARVALHO, Alfredo de. *Anais da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821 a 1908.* Recife, Jornal do Recife, 1908.
CARVALHO, Elysio de. *As Modernas Correntes Estéticas na Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro, Garnier, 1907.
_____. *Five o'Clock.* Rio de Janeiro/Paris, Garnier, 1909.
CARVALHO, José Murilo de. "Aspectos Históricos do Pré-modernismo Brasileiro". In: *Sobre o Pré-modernismo.* Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CASTELLO, José Aderaldo. "Prefácio" ao trabalho de NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo.* São Paulo, IEB-USP, 1970.
CASTRO, Renato Berbert de. *A Primeira Imprensa da Bahia e Suas Publicações: Tipografia de Manuel Antonio da Silva Serva: 1811-1819.* Salvador, Secretaria de Educação e Cultura, s/d.
CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico.* São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955, 2 vols.
_____. *A Correspondência entre Lobato e Lima.* Rio de Janeiro, MEC, 1955.
CENTENÁRIO de Júlio Mesquita. São Paulo, Anhambi, 1964.
CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.* São Paulo, Brasiliense, 1986.
CHALMERS, Vera M. *3 Linhas e 4 Verdades: O Jornalismo de Oswald de Andrade.* São Paulo, Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
CHARLOT, M. & MARX, R. *Londres, 1851-1901: A Era Vitoriana ou o Triunfo das Desigualdades.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
CHARTIER, Roger. "As Práticas da Escrita". In: *História da Vida Privada, da Renascença ao Século das Luzes.* São Paulo, Companhia das Letras, 1990, vol. III.
_____. *A História Cultural, entre Práticas e Representações.* Rio de Janeiro/Lisboa, Editora Bertrand Brasil S.A./Difel, s/d.
_____. *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII.* Brasília, Editora da UnB, 1994.
CHARTIER, Roger [coord.]. *Práticas da Leitura.* São Paulo, Estação Liberdade, 1996.
CENNI, Franco. *Italianos no Brasil, "Andiamo In'merica".* São Paulo, Martins, s/d.
CEPELLOS, Baptista. *O Vil Metal.* Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, 1910.
CIMORRA, Clemente. *Historia del Periodismo.* Buenos Aires, Atlántida, 1946.
COELHO NETO, Henrique Maximiniano. *Sertão.* Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1896 [Coleção Alva].
_____. *A Conquista: Episódios da Vida Literária do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Laemmert, 1899.
COHEN, Ilka Stern. *Para onde Vamos? Alternativas Políticas no Brasil, 1930-1937.* São Paulo, Doutorado História-USP, 1997 [mimeo.].
CONTIER, Arnaldo. *Imprensa e Ideologia em São Paulo, 1822-1842.* Petrópolis/Campinas, Vozes/Ed. da Unicamp, 1979.
CORREIA, Leôncio. *A Boêmia do Meu Tempo.* Rio de Janeiro, F. Lemos Editor, 1935.
COSTA, Cacilda Teixeira da. *O Sonho e a Técnica: Arquitetura de Ferro no Brasil.* São Paulo, Edusp, 1994.
CRESPO, Regina Aida. *Crônicas e Outros Registros: Flagrantes do Pré-modernismo, 1911-1918.* Campinas, Mestrado Unicamp, 1990 [mimeo.].
CRUZ, Heloísa Faria. *Na Cidade, sobre a Cidade: Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana. São Paulo 1890-1915.* São Paulo, Doutorado História-USP, 1994.
CUNHA, Euclides da. *Os Sertões.* Rio de Janeiro, Laemmert, 1902.
DARNTON, Robert. *Boêmia Literária e Revolução: O Submundo das Letras no Antigo Regime.* São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

_____. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução.* São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
_____. *Edição e Sedição: O Universo da Literatura Clandestina no Século XVIII.* São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
_____. *O Iluminismo como Negócio: Uma História da Publicação da Enciclopédia, 1775-1800.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
DAVIS, Natalie Zenon. "O Povo e a Palavra Impressa". In: *Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
DEAN, Warren. "A Industrialização durante a República Velha". *HGCB*, São Paulo, Difel, 1977.
DEBES, Célio. *Washington Luís: 1869-1924.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1994.
_____. "Aspectos da Produção Historiográfica de Barreto do Amaral". *RIHGSP*, 1996, n. 92.
DECCA, Maria Auxiliadora de. *A Vida Operária fora das Fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo 1920/1934.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
DEL FLORENTINO, Teresinha A. *Prosa de Ficção em São Paulo: Produção e Consumo, 1900-1920.* São Paulo, Hucitec/Secretaria de Estado da Cultura, 1982.
_____. *Utopia e Realidade: O Brasil no Começo do Século XX.* Prefácio de Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo/Brasília, Cultrix/INL, 1979.
DIAS, Marcia Lúcia Rebello Pinho. *Desenvolvimento Urbano e Habitação Popular em São Paulo, 1870-1914.* São Paulo, Nobel, 1989.
DIMAS, Antonio. *Rosa Cruz, Contribuição ao Estudo do Simbolismo.* São Paulo, IEB-USP, 1980.
_____. *Tempos Eufóricos. Análise da Revista Kosmos: 1904-1909.* São Paulo, Ática, 1983.
DONATO, Hernâni. *100 Anos da Melhoramentos: 1890-1990.* São Paulo, Melhoramentos, 1990.
DOYLE, Plínio. *História de Revistas e Jornais Literários.* Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976, vol. I.
DOYLE, Plínio; LYRA, H. C. de; SENNA, H. & COUTO, I. S. do. *História das Revistas e Jornais Literários: Índice da Revista Brasileira.* Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1995, vol. II.
DUARTE, Paulo. *História da Implantação da Imprensa no Brasil: Imprensa de São Paulo.* São Paulo, ECA-USP, 1972.
DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935.* São Paulo, Nova Fronteira, 1977.
DURAND, José Carlos. *Arte, Privilégio e Distinção: Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil 1885-1985.* São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989.
ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald – Itinerário de um Homem sem Profissão.* Campinas, Ed. da Unicamp, 1989.
_____. *De Esfinges e Heroínas: A Condição da Mulher Letrada na Transição do Fim do Século.* São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1997 [mimeo.].
FABRIS, Annateresa. "Modernidade e Vanguarda. O Caso Brasileiro". In: *Modernidade e Modernismo no Brasil.* São Paulo, Mercado das Letras, 1994.
FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social.* São Paulo, Difel, 1977.
_____. "A Igreja na Primeira República". *HGCB*, São Paulo, Difel, 1977, vol. III, t. 2.
FERES, Nites Therezinha. *Leituras em Francês de Mário de Andrade.* São Paulo, IEB-USP, 1969.

_____. *Aurora da Arte no Século XX: A Modernidade e Seus Veículos de Comunicação.* São Paulo, USP, 1972.
FERRARA, Mirian N. *A Imprensa Negra Paulista.* São Paulo, FFLCH-USP, 1986.
FERREIRA, Maria Auxiliadora Tomiasso. "Anarquismo, Anarquistas e Semana de Arte Moderna: O Papel dos Intelectuais". *Análise & Conjuntura,* Belo Horizonte, jan.-abr. 1992, 7 [1].
FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil, 1880-1920.* Petrópolis, Vozes, 1978.
FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira.* São Paulo, Melhoramentos/Edusp/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977.
FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. *Um Século de Pesquisas em Geociências.* São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, 1985.
FIGUEIREDO, Antonio. *Memórias de um Jornalista.* São Paulo, Editora Unitas, 1933.
FLEIUSS, Max. "A Caricatura no Brasil". *RIHGB,* Rio de Janeiro, pp. 584-609, 1916.
FONSECA, Gondim da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908.* Rio de Janeiro, Quaresma, 1941.
FREITAS, Afonso A. de. "A Imprensa Periodística de São Paulo". *RHIGSP,* 1914, vol. XIX.
_____. "A Imprensa Periódica de São Paulo 1823-1918". *RIHGSP,* 1917, vol. 82, 2ª parte.
_____. "Notas à Margem do Estudo da Imprensa Periódica de São Paulo". *RIHGSP,* 1919, vol. 25.
_____. "O Primeiro Centenário da Fundação da Imprensa Paulista". *RIHGSP,* 1919, vol. 25.
GALLOTTA, Brás Ciro. *O Parafuso: Humor e Crítica na Imprensa Paulistana, 1915-1921.* São Paulo, Mestrado PUC, 1997.
GALVÃO, Patrícia [Mara Lobo]. *Parque Industrial.* São Paulo, Alternativa, 1981.
GALVÃO, Walnice N. *No Calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais.* São Paulo, Ática, 1977.
GEBARA, Ademir. *Campinas 1869-1875: Republicanismo, Imprensa e Sociedade.* São Paulo, Mestrado História-USP, 1975 [mimeo.].
GLEDSON, John. *Bons Dias!.* São Paulo/Campinas, Hucitec/Unicamp, 1990.
GLEZER, Raquel. "São Paulo e a Elite Letrada Brasileira no Século XIX". *Revista Brasileira de História,* 12 [23-24], pp. 19-30, set. 1991/ago. 1992.
GOLDSTEIN, Norma. *Do Penumbrismo ao Modernismo.* São Paulo, Ática, 1983.
GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
GOMIS, Lorenzo. *Teoría del Periodismo: Como se Forma el Presente.* Barcelona/Buenos Aires/México, Paidós, 1991.
GONÇALVES, Janice. *Música na Cidade de São Paulo 1850-1900: O Circuito da Partitura.* São Paulo, Mestrado História-USP, 1995 [mimeo.].
GONÇALVES, Vergniaud Calazans. *Automóvel no Brasil, 1893-1966.* São Paulo, Edimovel, s/d.
GORDINHO, Margarida *et alii. Gráfica: Arte e Indústria. 180 Anos de História.* São Paulo, Bandeirante Editora, 1990.
GORDINHO, Margarida Cintra & MARTINS, Ana Luiza. *Memória do Harmonia.* São Paulo, Marca D'Água, 1993.

GOULART, Paulo César A. & MANFREDINI, Adriana. "A História da Papelaria no Brasil". *Revista Lojas, Papelaria & Cia.*, São Paulo, maio 1994.
GREMBECKI, Maria Helena. *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau.* São Paulo, IEB-USP, 1969.
GROSTEIN, Marta Dora. *A Cidade Clandestina: Os Ritos e os Mitos.* São Paulo, Doutorado FAU-USP, 1987 [mimeo.].
GUASTINI, Mário. *Tempos Idos e Vividos.* São Paulo, Editora Universitária, s/d.
GUELFI, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: Estética e Ideologia na Década de Vinte.* São Paulo, IEB-USP, 1987.
GUZMAN, José Ramón Sanchez. *Breve Historia de la Publicidad.* Madrid, Ediciones Forja S.A., 1982.
HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937.* Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo, Brasiliense, 1981.
HALLEWELL, Lawrence. *O Livro no Brasil: Sua História.* Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1985.
HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem Patrão: Vida Operária e Cultura Anarquista no Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1983.
HOBSBAWM, Erich. *A Invenção das Tradições.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
_____. *Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o Café: Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934.* São Paulo, Paz e Terra, 1984.
HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira, 1867-1918.* São Paulo, Martins Fontes, 1996.
HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração Italiana em São Paulo.* São Paulo, IEB-USP, 1986.
IANNI, Otávio. "A Idéia de Brasil Moderno". *Revista Resgate*, Campinas, Centro de Memória da Unicamp/Papirus, 1990, n. 1.
IGLÉSIAS, Francisco. *História e Ideologia.* São Paulo, Perspectiva, 1971.
IKEDA. Marilda A. Balieiro. *Revista do Brasil. Segunda Fase: Contribuição para o Estudo do Modernismo Brasileiro.* São Paulo, Mestrado Letras-USP, 1975.
IMPRESSÕES do Brasil no Século XX. Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913.
INFANTOSI, Ana Maria. *A Escola na República Velha: A Expansão do Ensino Primário em São Paulo.* São Paulo, Edec, 1983.
IPANEMA, Marcello de. *Legislação da Imprensa.* Rio de Janeiro, Gráfica Aurora Ltda., 1949, 2 vols.
IPANEMA, Rogéria de. *A Idade da Pedra Illustrada. Litografia, um Monolito na Gráfica e no Humor do Jornalismo do Século XIX no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Mestrado Escola de Belas Artes-UFRJ, 1995, 2 vols. [mimeo.].
JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República.* São Paulo, Brasiliense, 1986.
KLINTOWITZ, Jacob. *A Arte do Comércio.* São Paulo, Senac, 1988.
KOSSOY, Bóris. *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil: Século XIX.* Rio de Janeiro, Funarte, 1980.

SIhi

_____. "Panorama da Fotografia no Brasil desde 1832". *O Estado de S. Paulo,* 18 out. 1975, Suplemento do Centenário, n. 42.
_____. "Fotografia". In: *História Geral da Arte no Brasil.* São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983, vol. II, pp. 867-913.
_____. *São Paulo, 1900.* São Paulo, CBPO, 1990.
LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Leitura Rarefeita: Livro e Literatura no Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1991.
LAJOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a Literatura Escolar na República Velha.* Rio de Janeiro/Porto Alegre, Globo, 1982.
_____. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.* São Paulo, Ática, 1993.
_____. *A Formação da Leitura no Brasil.* São Paulo, Ática, 1996.
LAMBERT, Priscila. "O Diabo Coxo Está Fazendo 130 Anos". *Jornal da USP,* 10 a 16 out. 1994.
LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Adolpho Gordo. Senador da Primeira República. Representação e Sociedade.* Brasília, Senado Federal, 1989.
LARA, Cecília de. *Nova Cruzada.* São Paulo, IEB-USP, 1971.
LEÃO, Mário Lopes. "O Crescimento de São Paulo". *Revista Engenharia,* São Paulo, maio 1945, ano III, vol. III, n. 33.
LEIRIAS, Antonio Reinero. *O Encilhamento e a Cidade de São Paulo.* São Paulo, Mestrado História-USP, 1988 [mimeo.].
LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. "O Periódico: Variedade e Transformação". In: *Anais do Museu Paulista,* São Paulo, USP, 28, pp. 137-151, 1977.
_____. "Bibliografia Anotada sobre a Mulher Brasileira". *Ciência e Cultura,* São Paulo, jan. 1978.
_____. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura.* São Paulo, Ática, 1984.
LEITE, Sílvia Helena Telarolli Almeida. *Chapéus de Palha, Panamás, Plumas, Cartolas, Rigolégios: A Caricatura na Literatura Paulista, 1900-1920.* São Paulo, Unesp, 1996.
LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Alvenaria Burguesa.* 2. ed. São Paulo, Nobel, 1989.
LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo, Roteiro de Libertação Social: Antologia de Doutrina Crítica, Histórica e Informações.* Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1963.
_____. *Organização dos Jornalistas Brasileiros 1908-1951.* São Paulo, Com-Arte, 1982.
LEVI, Darrell E. *A Família Prado.* São Paulo, Cultura 70, 1977.
LEVIN, Orna Messer. *As Figurações do Dândi: Um Estudo sobre a Obra de João do Rio.* Campinas, Unicamp, 1996.
LIMA, Luiz Costa. "Da Existência Precária: O Sistema Intelectual Brasileiro". In: *Ensaios de Opinião,* Rio de Janeiro, Editora Inúbia, 1978, vol. 7.
LIMA, Sandra Lúcia Lopes de. *O Espelho da Mulher.* São Paulo, Doutorado História-USP, 1991.
LIMA, Yone Soares de. *A Ilustração na Produção Literária: São Paulo, Década de Vinte.* São Paulo, IEB-USP, 1985.
LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleire: Quarenta Anos de Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel.* São Paulo, Brasiliense, 1948, 2 vols.
_____. *Urupês.* São Paulo, Editora da Revista do Brasil, 1918.
_____. *Idéias do Jeca Tatu.* São Paulo, Editora da Revista do Brasil, 1919.

LOVE, Joseph. *A Locomotiva. São Paulo na Federação Brasileira: 1889-1937.* Tradução de Vera Alice Cardoso da Silva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a [N]ação.* São Paulo, Doutorado História-USP, 1997.

LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes: A República no Catete.* Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

MACHADO NETO, Antonio Luís. *Estrutura Social da República das Letras: Sociologia da Vida Intelectual Brasileira.* São Paulo, Grijalbo, 1973.

MALANGA, Eugênio. *Publicidade, uma Introdução.* São Paulo, Atlas, 1976.

MARAN, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

MARSON, Adalberto. "Dimensões Políticas do Modernismo na Década de Vinte". *Revista Ciência e Cultura,* São Paulo, separata, 25 [11], pp. 30-37, nov. 1973.

MARSON, Maria Isabel Andrade. *Posições Políticas na Imprensa Pernambucana 1842-1849.* São Paulo, Mestrado História-USP, 1974.

MARSON, M. Isar. "Da Feminina 'Macha' aos Homens Sensíveis". *Cadernos AEL,* Unicamp, Campinas, 1995-1996, n. 3-4.

MARTINS FILHO, Carlos Botelho. *Introdução ao Conhecimento da Gravura em Metal.* Rio de Janeiro, PUC/Fundação Grandjean de Montigny, 1981.

MARTINS, Ana Luiza. *A Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.* São Paulo, Condephaat, 1981 [mimeo.].

_____. *Gabinetes de Leitura da Província de São Paulo: A Pluralidade de um Espaço Esquecido, 1847-1890.* São Paulo, Mestrado História-USP, 1990 [mimeo.].

_____. *Da Academia ao Vulgar Impresso: O Outro Lado de 22.* Comunicação apresentada ao *Congresso América 92,* São Paulo, USP, 1992 [mimeo.].

MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra.* São Paulo, Hucitec, 1986.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita.* São Paulo, Anhembi, 1957.

MARX, Murillo. *Nosso Chão: Do Sagrado ao Profano.* São Paulo, Edusp, 1989.

MAUL, Carlos. *O Rio da Bela Época.* Rio de Janeiro, Livraria São José, 1968.

MELLO, José Eduardo M. de. *Sociologia da Imprensa Brasileira.* Petrópolis, Vozes, 1973.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil.* São Paulo, Edusp, 1993.

_____. *Folhetim, uma História.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sergio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha: Estudo Clínico dos Anatolianos.* São Paulo, Perspectiva, 1977.

_____. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil, 1920-1945.* São Paulo, Difel, 1979.

_____. *A Elite Eclesiástica Brasileira [1890-1930].* Campinas, Livre-docência Unicamp, 1985 [mimeo.].

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1950.

_____. *Prosa de Ficção [de 1870 a 1920].* Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio; INL, 1973.

MINDLIN, José E. "Illustrated Books and Periodicals in Brazil, 1875-1945". *Journal of Decorative and Propaganda Arts,* Japan/Miami, The Wolfson Foundation of Decorative and Propaganda Arts, 1995.

SIhi

MONEGAL, E. R. "Tradição e Renovação". In: *América Latina e Sua Literatura.* São Paulo, Perspectiva, 1979.
MOOG, Clodomiro Viana. *Eça de Queirós e o Século XIX.* Rio de Janeiro, s/ed., 1966.
MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo Aprendiz.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975.
_____. *Domingo dos Séculos.* Rio de Janeiro, Edição da Candeia Azul, 1924.
MOREIRA, Sílvia. *São Paulo na Primeira República.* São Paulo, Brasiliense, 1988.
MOTA, Carlos Guilherme Seroa da & CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo, 1921-1981.* São Paulo, Impress, 1980.
MOTTA, Flávio L. "*Art-Nouveau*, Modernismo, Ecletismo e Industrialismo". In: ZANINI, Walter [org.]. *História da Arte no Brasil.* São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1982, vol. 1.
MOTTA, Marly Silva da. *A Nação Faz 100 Anos: A Questão Nacional no Centenário da Independência.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1992.
MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Inventários do Vale do Paraíba no Século XIX.* São Paulo, Condephaat, 1979 [mimeo.].
MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de Outrora [Evocações da Metrópole]: Psicologia das Ruas.* São Paulo, Melhoramentos, 1932.
MOURA, Sérgio Lobo de & ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. "A Igreja na Primeira República". *HGCB*, t. III, vol. 2.
NADAI, Elza. *Ideologia do Progresso e Ensino Superior, 1891-1934.* São Paulo, Doutorado História-USP, 1992.
NAGLE, Jorge. "A Educação na Primeira República". *HGCB*, t. III, vol. 2.
NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo.* São Paulo, IEB-USP, 1970.
NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século.* Tradução de Celso Nogueira. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
NEIPP, Lucien. *Les machines à imprimer, depuis Gutenberg.* Préface de George Dangon. Paris, Club Bibliophilie de France, s/d.
NOBRE, José Freitas. *História da Imprensa de São Paulo.* São Paulo, Editora Léia, 1950.
OBERLAENDER, Ricardo. *Publicidade e Propaganda.* Rio de Janeiro, Shogun Arte, 1984.
OITICICA, José. *Curso de Literatura.* Corrigido e revisto por Roberto das Neves. Rio de Janeiro, Editora Germinal, s/d.
OLIVEIRA, João Gualberto de. *Batista Cepelos, o Cantor dos Bandeirantes.* São Paulo, Ed. do Autor, 1962.
_____. *Nascimento da Imprensa Paulista.* São Paulo, Ed. do Autor, 1978.
OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República.* São Paulo, Brasiliense, 1990.
ORTIZ, Renato. "Memória Coletiva e Sincretismo Científico: As Teorias Raciais do Século XIX". In: *Cultura Brasileira e Identidade Nacional.* São Paulo, Brasiliense, 1985.
PAES, José Paulo. "O *Art-Nouveau* na Literatura Brasileira". *Gregos e Baianos.* São Paulo, Brasiliense, 1985.
PAIXÃO, Sylvia. *A Fala-a-menos: A Repressão do Desejo na Poesia Feminina.* São Paulo, Numen Editora, 1991.

SIhi

PEIXOTO, Afrânio. "Aspectos do Humor na Literatura Nacional". *Revista Americana,* Rio de Janeiro, nov. 1916, pp. 30-59.
PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910: Retrato de uma Época.* São Paulo, Martins, 1962.
PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro *et alii.* "A Imprensa Republicana na Cidade de São Paulo, 1870-1889". In: *O Ideal Republicano. Anais do II Encontro do Núcleo Regional de São Paulo.* São Paulo, Anpuh, 1974, Coleção da Revista de História, LII.
PIEPER, Guelf. *Una Teoría de la Fiesta.* Barcelona, 1982.
PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência: A Vida do Trabalhador Pobre na Cidade de São Paulo, 1890-1914.* São Paulo, Edusp, 1994.
PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos: Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-1968.* São Paulo, Cia. das Letras, 1998.
PRADO, Antonio Arnoni. *1922: Itinerário de uma Falsa Vanguarda. Os Dissidentes, a Semana e o Integralismo.* São Paulo, Brasiliense, 1983.
_____ [org.]. *Libertários no Brasil: Memórias, Lutas, Cultura.* São Paulo, Brasiliense, 1986.
_____ . *Lima Barreto: O Crítico e a Crise.* São Paulo, Martins Fontes,1989.
_____ [org.]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: Estudos de Crítica Literária, 1901-1947.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996, vol. 1.
PRADO, Eduardo. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil.* Prefácio de Leopoldo de Freitas. São Paulo, Livraria Magalhães, 1923.
_____ . *A Ilusão Americana.* São Paulo, Brasiliense, 1958.
PRADO, Maria Lígia C. *Novelas para Mulheres no Brasil Joanino.* Comunicação ao Congresso de Cambridge, Inglaterra, jun. 1996 [mimeo.].
PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de Época na Literatura.* São Paulo, Ática, 1988.
QUEIRÓS, Eça de. *Ecos de Paris.* Porto, Chardron, 1919.
RAFFARD. Henrique. *Alguns Dias na Paulicéia.* São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1977.
RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930.* São Paulo, Paz e Terra, 1981.
_____ . "Prazer e Perdição: A Representação da Cidade nos Anos 20". *Revista Brasileira de História,* São Paulo, Anpuh, set. 1986/fev. 1987.
RAMOS, Ricardo. *Do Reclame à Comunicação: Pequena História da Propaganda no Brasil.* São Paulo, Atual, 1985.
REZENDE, Pádua. "Editorial". *A Exposição de 1922; Órgão da Comissão Organizadora.* Rio de Janeiro, Tip. Fluminense, 1922.
RIBEIRO, Maria Izabel Meirelles Reis Branco. *O Museu Doméstico: São Paulo, 1890-1920.* São Paulo, Mestrado ECA-USP, 1992 [mimeo.].
RIZZINI, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.
_____ . *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500-1822: Com um Breve Estudo Geral sobre Informação.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1988. Edição fac-similar.
ROCHA, Clara. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal.* Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: Introdução Metodológica.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 1910.* São Paulo, Ática, 1997.
RODRIGUES, Olao. *História da Imprensa de Santos.* Santos, Editora do Autor, 1979.
ROSINHA, Raul C. *Os Periódicos Brasileiros de Agricultura.* Brasília, DNPEA, 1973.
SAES, Décio. *Classe Média e Política na Primeira República 1889/1930.* Petrópolis, Vozes, 1975.
SALIBA, Elias Thomé. "A Dimensão Cômica do Dilema Brasileiro: Testemunhos da *Belle Époque*, 1890-1914". *Cultura*, Petrópolis, Vozes, jan.-fev. 1993, n. 1, pp. 46-53.
SAMPAIO, Teodoro. *São Paulo no Século XIX e Outros Ciclos Históricos.* São Paulo/Petrópolis, Sec. da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo/Vozes, 1978.
SANTOS, Délio Freire dos. "Prefácio" à edição fac-similar de *Cabrião. Semanário Humorístico. 1866-1867.* São Paulo, Convênio Imesp/Daesp, 1982.
SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. *Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1894-1984.* São Paulo, Reitoria-USP, 1985.
SCHMIDT, Afonso. *São Paulo de Meus Amores.* São Paulo, Clube do Livro, 1954.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no Final do Século XIX.* São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
_____. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
SCHWARTZ, Roberto [org.]. *Os Pobres na Literatura Brasileira.* São Paulo, Brasiliense, 1983.
SEMERARO, Cláudia Marino & AYROSA, Christiane. *História da Tipografia no Brasil.* São Paulo, Masp, 1979.
SENNA, Ernesto de. "A Imprensa Régia". *RIHGSP*, São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1911, vol. XIII.
SEVCENKO, Nicolau. "O Fardo do Homem Culto: Literatura e Analfabetismo no Prelúdio Republicano". *Almanaque, Cadernos de Literatura e Ensaio*, São Paulo, Brasiliense, 1982, n. 14.
_____. *Literatura como Missão: Tensões e Criação Cultural na Primeira República.* São Paulo, Brasiliense, 1983.
_____. "O Cosmopolitismo da *Bélle Epoque*: Uma Utopia Liberal". *Revista de História*, São Paulo, jan.-jun. 1983, n. 114, pp. 85-94.
_____. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20.* São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
_____. "Transformações da Linguagem e Advento da Cultura Moderna no Brasil". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 6 [11], pp. 79-88, 1993.
SILVA, Beatriz Nizza da. *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brasil.* São Paulo, Cultrix/INL/MEC, 1978.
SILVA, Marco Antonio da. *Caricata República.* São Paulo, Marco Zero, 1990.
SILVA, Margareth Abdulmassih Wood da. "O Projeto de Estudo de Periódicos do IEB da USP". *Revista do IEB*, São Paulo, 21, pp. 117-122, 1979.
SILVA, Sérgio. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil.* São Paulo, Alfa Ômega, 1976.
SINZIG, Pedro. *A Caricatura na Imprensa Brasileira.* Petrópolis, Vozes, s/d.
SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
SOUZA, Jonas Soares de. "A Vitrine do Imaginário: Periódicos Ilustrados do Século XIX". *Bo-*

SIhi

letim do Centro de Memória, Campinas, Unicamp, jul.-dez. 1991, 3 [6], pp. 33-43.
STIEL, Waldemar Correa. *História dos Transportes Coletivos em São Paulo*. São Paulo, McGraw-Hill/Edusp, 1978.
SUSSEKIND, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
_____. *Cinematógrafo das Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
TELLES, Augusto C. da Silva. "O Papel". *Revista de Engenharia*, jan. 1905, n. 2, pp. 71-74; mar. 1905, n. 3, pp. 121-124.
THIOLLIER, René. *Episódios de Minha Vida*. São Paulo, Anhembi, 1956.
THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa*. Petrópolis, Vozes, 1995.
TINHORÃO, José Ramos. *Os Romances em Folhetins no Brasil: 1830 à Atualidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1994.
TOLEDO, Benedito Lima de. *Três Cidades em um Século*. São Paulo, Duas Cidades, 1980.
_____. *Victor Dubugras e as Atitudes de Inovação em Seu Tempo*. São Paulo, Tese de Livre-docência FAU-USP, 1988 [mimeo.].
_____. *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno*. São Paulo, Empresa das Artes, 1996.
TOLEDO, Lafayette de. "Memória Histórica". *RIHGSP*, 1897, vol. III, p. 303.
TORGAL, Luís Reis. *História e Ideologia*. Coimbra, Livraria Moderna, 1989.
TRAVASSOS, Nelson Palma. *Pequena História da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1969.
TRENTO, Angelo. *Do Outro Lado do Atlântico, um Século de Imigração Italiana*. São Paulo, Nobel, 1989.
VASCONCELOS, Ary. *Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro, Liv. Sant'Anna, 1977.
VELLOSO, Mônica Pimenta. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
_____. *A Brasilidade Verde-amarela*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1990.
_____. *O Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
VIANA, Hélio. *Contribuições à História da Imprensa Brasileira 1812-1863*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.
VILLA, Marco Antonio. *Canudos: O Povo da Terra*. São Paulo, Ática, 1995.
_____. *O Nascimento da República no Brasil: A Primeira Década da República no Brasil*. São Paulo, Ática, 1997.
WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda [barão Pati do Alferes]. *Memória sobre a Fundação de uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro*. Brasília/Rio de Janeiro, Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985.
WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: Na História e na Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. *Espaço e Educação: Primeiros Passos da Arquitetura das Escolas Paulistas*. São Paulo, Mestrado FAU-USP, 1992 [mimeo.].

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo.* São Paulo, Martins, 1954.
ZEQUINI, Anicleide. *Papel de Salto: 110 Anos de Evolução e Tecnologia (1888-1999).* Fotografia de Victor Andrade. Salto, Papel de Salto, 1999.

Catálogos

ÀS MARGENS do Ipiranga: 1890-1990. Catálogo de Exposição. São Paulo, Museu Paulista-USP, 1990.
CATÁLOGO da Biblioteca de Lima Barreto. In: BARBOSA, F. de A. *A Vida de Lima Barreto, 1881-1922.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1952, pp. 120 e ss.
CATÁLOGO de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro, Existentes na Biblioteca Nacional, 1808-1889". Apresentação de Plínio Doyle. *ABN,* Rio de Janeiro, Divisão de Publicações e Divulgação, 1981, vol. 85, edição fac-similar.
CATÁLOGO de Periódicos Brasileiros Microfilmados. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994.
CATALOGUE de la Bibliothèque de Eduardo Prado. São Paulo, Typ. Brasil de Rothschild & Cia., 1916.
BIBLIOTECA Brasiliense Seleta. Catálogo de uma preciosa coleção de livros, gravuras e mapas, referentes ao Brasil, em especial à América Latina em geral, que pertenceu ao conhecido bibliófilo e homem de letras Dr. Alfredo de Carvalho. Recife, Imprensa Industrial, 1916.

Biografias e Memórias

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto, 1881-1922.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.
CAMARGO, Odécio Bueno de. *Jules Martin: Artista, Patriota, Empreendedor, 1832-1906.* São Paulo, Edicon, 1996.
CARDOSO, Francisco Malta. *Augusto Ferreira Ramos e Carlos José Botelho. Revista da Sociedade Rural Brasileira,* São Paulo, separata, dez. 1948.
CARVALHO, Afonso de. *Bilac, o Homem, o Poeta, o Patriota.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1942.
CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra.* São Paulo, Companhia Distribuidora de Livros para Companhia Editora Nacional, 1955.
DUARTE, Paulo. *Memórias.* São Paulo, Hucitec, 1978, 8 vols.
FONTOURA, Cândido. *Evocação de Pereira Barreto.* São Paulo, 1957.
GUIMARÃES, Archimedes Pereira. "Vida e Obra de Theodoro Sampaio". *RIHGSP,* vol. LXVII.
KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: Uma Voz Libertária. Imprensa, Memória e Militância Anarco-sindicalista.* São Paulo, Doutorado FFLCH-USP, 1988.
LEITE, Aureliano. *Retratos à Pena.* São Paulo, Tip. Bancária, 1929.
OCTÁVIO, Laura Rodrigo. *Elos de uma Corrente, Seguidos de Novos Elos.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.
PONTES, Eloy. *A Vida Exuberante de Olavo Bilac.* Rio de Janeiro, José Olympio, s/d, 2 vols.

SIhi

Obras de Referência

AMARAL, Antonio Barreto do. *História dos Velhos Teatros de São Paulo.* Prefácio de Miroel Silveira. São Paulo, Governo do Estado, 1979, vol. XV (Coleção Paulística).

BELLANGER, C.; GODECHOT, J.; GUIRAL, P. & TERROU, F. *Histoire générale de la presse française.* Paris, PUF, 1969.

BOSI, Alfredo. *A Literatura Brasileira: O Pré-Modernismo.* São Paulo, Cultrix, 1969.

_____ . *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo, Cultrix, 1970.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário Portuguez, & Latino, aulico, anatomico, architectonico, Bellico, Botanico, Brasílico, Comico, Critico, [...], authorizado com exemplos dos Melhores escritores Portuguezes & latinos, e offerecido a ELRey de Portugal Dom Joam V pelo Padre D. Raphael Bluteau clerigo* [...]. Lisboa, Collegio das Artes da Companhia de Jesu [vols. 1-4]; Officina de Pachoal da Silva [vols. 5-8-; Officina de Joseph Antonio da Sylva [suppl.], MDCCXII [1712-1728], 2 vols.

CAMPANHOLE, Adriano & LOBO, Hilton. *Constituições do Brasil.* São Paulo, Atlas, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.

CARONE, Edgard. *A República Velha: Evolução Política, 1889-1930.* Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1977.

CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean [direction]. *Histoire de l'édition française. Les temps des éditeurs. Du romantisme à la belle époque.* Paris, Promodi/Centre National des Lettres, 1985.

CIMORRA, Clemente. *Historia del Periodismo.* Buenos Aires, Atlántida, 1946.

ESTATÍSTICA da Imprensa Periódica no Brasil. Rio de Janeiro, Typ. do Departamento Nacional de Estatística, 1931.

EGAS, Eugênio. *Galeria dos Presidentes de São Paulo: Período Republicano, 1889-1920.* São Paulo, Publicação Oficial do Estado de São Paulo, comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil, 1927, vol. II.

ENCICLOPEDIA Britannica. Chicago/London/Toronto/Geneva, William Benton Publisher, 1962.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira.* São Paulo, Melhoramentos/Edusp/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977.

FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1943.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira.* São Paulo, Cultrix/Edusp, 1977, vol. II.

MELO, Luís Correa de. *Dicionário de Autores Paulistas.* São Paulo, Comissão do IV Centenário, 1954.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado.* São Paulo, Saraiva/INL, 1969, 5 vols.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção, 1870-1920.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1950 (Coleção Documentos Brasileiros, vol. XII).

RIBEIRO, José Jacintho. *Cronologia Paulistana.* São Paulo, 1901.

SIhi

ROBERT, Paul. *Le Robert, dictionnaire de la langue française.* Canadá, Les Dictionnaires Robert/ S.C.C., 1989.

SILVA, Lafayette. *História do Teatro Brasileiro.* Rio de Janeiro, MES, 1938.

THE 1995 GROLIER Multimedia Encyclopedia. Novato, Grolier Electronic Publishing, 1995.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a Academia de São Paulo.* São Paulo, Saraiva/Livraria Acadêmica, 1924.

ZANINI, Walter [org.]. *História da Arte no Brasil.* São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles/ Fundação Djalma Guimarães, 1982, vol. 1.

SIhi

Índice Remissivo de Revistas Consultadas

Acta Eruditorum, 39
Alarme, O, 231, 256
Álbum, O, 16, 187, 427, 436, 463
Álbum das Meninas, O, 308, 357, 375, 383, 406, 465, 467
Álbum Imperial, 16, 172, 174, 189, 231, 235, 357, 467, 560
Álbum Paulista, 172, 486
Aljava, A, 159, 235, 237, 238
Almanaque Agrícola, 239, 301, 302, 461
Almanaque Ilustrado de São Paulo, 172, 174
Almanaque do Lavrador Brasileiro, 104
Almanaque Literário de São Paulo, 254
Alvião, O, 369
Alvorada, 151, 533
Amador Dramático, O, 398
América Latina, 74
Amigo do Povo, O, 226, 389, 395
Anel, O, 151
Amor, O, 173
Anima e Vita, 376, 388, 392
Antártica Ilustrada, 172, 174, 231, 246, 252, 265, 266, 343, 344, 514, 515
Anti-Clerical, 369
Anuário da Escola Politécnica de São Paulo, 104
Apóstolo de Avaré, O, 427, 443
Arara, 128, 208, 231
Arco Íris, 159
Argos, 72
Armas, 221
Arte e Sport, 235, 238, 255, 344, 397
Arte, A, 179
Artista, O, 398, 400
Atlante, 173
Autoridade, 152
Aurora, 226, 231, 316, 388, 393, 427, 530, 561
Auto-Propulsão, 269
Auxiliador da Indústria Nacional, O, 283
Avanti, 126, 384, 392
Ave Maria, 362
Avenida, 73, 144
Avicultura Moderna, 269
Banana, A, 434
Beija Flor, O, 373
Belo Sexo, 372
Bicho, O, 162, 174, 231, 398
Bicicleta, A, 92, 340, 341, 344
Blackwood Magazine, 38, 39
Boa Imprensa, 367
Boato, O, 402
Boêmia, A, 190, 230, 308, 421, 429, 434, 447, 463, 467, 514
Bogari, 529
Boletim Agrícola, 280
Boletim da Devoção de São José, 366

SIhj

Boletim de Agricultura, 102, 293
Borboleta, A, 16, 172, 174, 317, 373, 421, 429, 529
Brasil Agrícola, 269
Brasil Artístico, O, 186
Brasil Ilustrado, 269
Brasil Médico, 269, 327
Brasílea, 539
Brésil, Le, 83
Bromofórmio, O, 172, 235, 238, 421, 467
Bruxa, A, 87
Buenadicha em Albor, 159
Cá e Lá, 173, 400
Cabrião, 41, 61, 78, 127, 406, 407, 421, 427
Café, O, 293, 294, 301
Caixeiro Viajante, 225, 244
Camélia, A, 194, 372, 374
Camaleão, O, 173
Capital Paulista, 228, 230, 407, 427, 442, 486, 560
Caras y Caretas, 95
Caráter, O, 367
Careta, A, 72, 132, 145, 186, 269
Caridade, A, 367
Católico, O, 366
Cena Muda, A, 204, 405
Cenáculo, O, 264, 265
Chácaras e Quintais, 144, 228, 231, 237, 239, 280, 298, 299, 301, 302, 467, 558, 560, 565
Chromo, O, 375
Cidade de Bragança, A, 427, 443
Cidade de São Paulo, A, 486, 487
Ciência e Arte, 172
Ciências Penais e Medicina Legal, 328
Cigana, A, 344, 380
Cigarra Esportiva, 221, 231, 242, 342, 344, 347, 348
Cigarra, A, 141, 154, 156, 195, 207, 220, 221, 240, 252, 348, 427, 433, 434, 532, 533
Clima, 71, 419
Clube de Engenharia, 333
Colibri, O, 425, 443, 467
Colombo, 173
Comarca de Mogi Mirin, A, 427, 443
Combatente, O, 141
Comércio de São Paulo, O, 189, 356, 396, 421, 425, 441, 443, 446, 451, 453, 533
Constitucional de Macaé, O, 425, 443
Cordão, O, 482
Correio Brasiliense, 47, 48
Correio da Manhã, 132, 138, 188, 431
Correio da Noite de Campinas, 427, 443
Correio do Povo de Campinas, 427, 443
Correio Nacional, O, 126
Correio Paulistano, 87, 147, 170, 210, 211, 302, 347, 425, 427, 431, 436, 437, 442, 443, 446, 463, 481
Crença, A, 358, 360, 366
Criador Paulista, O, 173, 220, 269, 295, 486
Cri-Cri, 410, 411
Crisálida, A, 373
Crônica, A, 238, 374, 425, 434, 436, 514
Cruz, A, 366
Cultura Política, 71, 419
Daily News, 40, 227
Daily Telegraph, 227
Destino, O, 172
Deutsche Zeitung, 126
Dia, O, 118, 427, 442
Diabo Coxo, 41, 59, 78, 170
Diabo, O, 104
Diário da Manhã, 427, 451
Diário de Santos, O, 427, 442
Diário dos Mensageiros, 118
Diário Mercantil, 170, 423
Diário Popular, 87, 171, 211, 436, 437, 467, 475, 481, 542
Diário, O, 442
Dom Quixote, 87, 139, 145, 269
Domingo, O, 372
Echo Fonographico, 144
Echo, O, 262, 263, 382, 404, 410, 497, 515, 520, 537, 547
Eco das Damas, 372
Éden, 399, 400

SIhi

Edinburgh Review, 38, 39
Educação, 304, 310, 311, 312, 313, 374, 427, 463, 467
Ensaio, O, 172, 174, 316
Época, A, 118
Escola Pública, A, 172, 238, 304, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 406
Esforçador, O, 370
Esforço Cristão, O, 370
Esmeralda, A, 373
Espelho, O, 373
Esperança, A, 235
Estação Teatral, A, 72
Estação, A, 78, 79, 81
Estadinho, O, 218, 439
Estado de S. Paulo, O, 66, 68, 87, 96, 98, 123, 130, 133, 138, 141, 157, 170, 174, 183, 188, 199, 213, 218, 219, 227, 231, 233, 256, 268, 301, 356, 393, 399, 436, 437, 439, 441, 444, 446, 447, 448, 452, 453, 455, 462, 481, 499, 519, 524
Estandarte Católico, O, 357, 366
Estrela do Mar, 367
Eu Sei Tudo, 96, 204, 207, 269, 321, 322
Evolução Agrícola, A, 295
Família, A, 373, 467
Fanfulla, 126, 204, 205, 458, 475
Farol Paulistano, O, 121, 170
Farol, O, 358, 359, 360, 362, 366
Farpa, A, 130, 131, 133, 152, 153, 173, 220, 231, 252, 400, 444, 448, 485, 496, 558
Fazendeiro, O, 16, 130, 144, 173, 220, 231, 239, 280, 286, 287, 288, 289, 299, 301, 337, 431, 558
Fiat Lux, 172
Figuras & Figurões, 95
Fim do Século, 116, 118
Fischietto, 97
Flamme, La, 72, 103
Floreal, 72, 104, 119, 120, 145, 161, 240, 429, 559
Folha Nova, 141, 172, 173, 174, 241
Fon-Fon, 72, 104, 139, 186, 228, 269, 565
France-Brésil, 91, 231, 237, 531
Frou-Frou, 231
Garoa, A, 153, 191, 231, 240, 248, 249, 344, 431, 445, 505, 510, 523
Garoto, O, 242, 254, 344, 457
Gavroche, 173, 239, 344
Gazeta, A, 138, 170, 189, 453
Gazeta Artística, A, 231, 253, 374, 398, 441
Gazeta de Capivari, 446
Gazeta de Notícias, A, 138, 188, 423, 442, 447
Gazeta de Uberaba, A, 427
Gazeta do Povo, 211, 427
Gazeta do Rio de Janeiro, 167
Gazeta Literária, 72, 103, 545
Gazeta Médica, 327
Giornale de Letterati, 39
Gli Schiavi Bianchi, 391
Grinalda, A, 373
Grito do Povo, O, 391, 392
Guanabara, 61
Guarani, O, 396, 431, 507
Hacienda, La, 280, 296, 297, 299, 300, 301
Hoje, 72
Ideal Sport-Club, 342
Illustration Française, 78, 89, 206
Ilustração Brasileira , 88, 127, 143, 162, 186, 191, 192, 231, 233, 241, 252, 266, 344, 398, 407, 411, 425, 427, 429, 434, 441, 451, 463, 467, 531, 561, 563
Ilustração de São Paulo, 92, 93, 221, 486, 500, 527
Ilustração Fotográfica, 504
Ilustração Paulista, A, 92, 151, 196, 230, 255, 398, 410, 486, 519, 532, 533, 535
Império, 400
Imprensa Médica, 333
Industrial Paulistano, O, 283
Internacional, A, 425, 429, 444, 447
Iracema, 159
Íris, 24, 159, 172, 189, 190, 191, 231, 239, 337, 425, 429, 444, 447, 530
Je Sais Tout, 96, 321
Jockey, O, 221, 344

Jornal da Tarde, O, 179, 180, 181, 235, 400
Jornal das Senhoras, 372
Jornal do Agricultor, 283
Jornal do Brasil, 188
Jornal do Comércio, 51, 124, 125, 138, 145, 161, 215, 447, 467, 542
Jornal, O, 344, 444
Journal des Savants, 38
Jour, Le, 83
Juvenil, O, 370
Juventude, A, 367
Klaxon, 106, 108, 110, 524, 551, 563, 565
Kodak, 189
Kosmos, 22, 23, 24, 144, 150, 423, 482
L'Agricultura Paulista, 295
L'Amico de Lavatore, 293
L'Esprit Nouveau, 106, 108, 110, 558
L'Ingénieur, 206
Lábaro, 316, 317
Lanterna, A 72, 104, 357, 358, 359, 360
Lavoura, A 102, 283
Leque, O, 372, 373
Libertas, 316, 317
Lírico, O, 172, 242, 254, 396
Lírio, O, 373
Livre Pensador, O, 369
Lotus, 172
Lua, A, 152, 153, 173, 174, 220, 231, 256, 266, 267, 398, 423, 507
Luta Moderna, 73
Lutador de Descalvado, O, 427, 443
Lux, 232
Luz da Verdade, A, 369
Luz Divina, A, 358, 359, 360
Maçã, A, 132, 277
Madrugada de Lisboa, A, 427, 443
Malho, O, 130, 186, 269
Maná, O, 366
Mecan-, O, 162, 411
Mensageira, A, 374, 380, 385, 423, 441, 462, 465, 467, 481
Mensageiro Católico, O, 366
Mensageiro, O, 366
Mercure de France, 72, 103
Mercúrio, O, 159, 162, 187, 240, 241, 255, 256, 295, 344, 362
Mês, O, 118
Metodista, O, 370
Minarete, 141, 417, 429, 431, 434
Miscelânea, 269, 515
Mixórdia Protestante, 370
Mocidade, A, 172, 317, 410
Momento, O, 118, 157, 158, 242, 496
Monitor, O, 344
Monitor Mercantil, 269
Natalício de Jesus, 367
Nativista, O, 126, 529, 530
Nature, La, 206
Nenê, 173, 241, 410, 412
Neófito, O, 427, 442
Névoas, 172, 174
New Letters, 38
Niterói, 49, 51, 59, 526
Noite, A, 118, 161, 400, 423
Nouvelle Revue Française, 72, 103
Nouvelle Revue, La, 99
Nova Cruz, A, 407, 427, 514
Nova Cruzada, 92, 231, 238, 531
Novidade, A, 262, 341, 343, 344, 402, 407, 487, 514
Novo Mundo, O, 51, 98, 108
Observador Constitucional, O, 170
Ondina, 376, 380
Onze de Agosto, 141, 329, 431, 559
Operário, O, 475
Opinião de Carangola, A, 427, 443
Ordem, A, 108, 365, 368, 419, 563, 564
Orkidea, 173, 444, 447, 463, 467
País, O, 138, 188, 421, 467
Palavra, A, 173, 366
Palco, O, 172, 398
Pall Mall Gazett, 156
Palladium, 172, 398, 407, 427, 444
Panóplia, 252, 258, 380, 467, 515, 523, 540, 543, 549
Papel e Tinta, 160, 231, 344, 429, 433, 523, 547

SIhi

Para Todos, 269
Parafuso, O, 130, 132, 134, 135, 221, 252, 498
Pasquino, 98
Pátria, A, 316, 317, 431, 529
Patriota, O, 167, 172, 316, 317, 431
Paulicéa, A, 159, 173, 221, 230, 235, 344, 427, 441, 463, 467
Paulista, O, 170, 486
Paulistana, A, 231
Paulópolis, 154, 160, 231, 429, 447
Pendão, O, 370
Pequeno Jornal, O, 344, 530
Pequeno Mensageiro, 360, 366
Pequeno Polegar, O, 159, 172, 220, 241, 408, 447, 448, 515, 558, 560
Pica-Pau, 410
Piratininga, O, 367
Pirralho, O, 133, 139, 141, 154, 156, 187, 238, 242, 344, 400, 411, 423, 429, 431, 436, 437, 439, 447, 453, 485, 495, 515, 519, 533
Platéia, A, 125, 159, 160, 211, 400, 411
Porvir, 316, 317
Povo, O, 392
Presse, La, 87
Primavera, 173, 373
Profeta, O, 366
Proletário, O, 126, 393, 437
Propaganda, A, 256
Província de São Paulo, A, 210
"43", A. Revista dos Tenentes, 197, 221, 234, 354, 484, 544
Quartely Review, 38, 39
Queixoso, O, 123, 130, 133, 155, 221, 344, 431, 439, 448, 455, 496, 512, 513, 520, 521, 558
Questão Social, A, 126
XV de Novembro, 315
Quinzena Paulista, 486, 506
Radium, O, 158
Ramilhete, O, 162, 376, 383
Reação, A, 367
Renascença, A, 206, 256, 385, 423
Repórter, O, 156, 157, 256
Revista Agrícola, 102, 239, 284, 285, 286, 289, 291, 292, 293, 295
Revista Azul, 172, 174, 308, 427, 451, 467
Revista Brasileira, 61, 63, 66, 77, 102, 116, 419, 425, 526
Revista Católica, 102
Revista Comercial, 61, 151
Revista Contemporânea, 72, 73, 104
Revista da Academia Brasileira de Letras, 108
Revista da Educação, 308, 321
Revista da Época, 72
Revista da Escola Normal, 442
Revista da Faculdade de Direito, 329
Revista da Língua Portuguesa, 269
Revista da Semana, 74, 186, 187, 269
Revista da Sociedade Científica de São Paulo, 288, 328, 336, 337, 339
Revista da Sociedade de Antropologia Criminal, 329
Revista da Sociedade Filomática, 52, 57, 58, 59
Revista da União Farmacêutica de São Paulo, 328, 338
Revista de Antropofagia, 160
Revista de Comércio e Indústria, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 239, 240, 259, 301, 558, 560, 565
Revista de Criminologia e Medicina Legal, 328, 339
Revista de Engenharia, 202, 213, 334, 338, 494, 558
Revista de Engenharia do Mackenzie, 338
Revista de Ensino, 151, 304, 308, 309, 310, 312, 318, 406, 467
Revista de Filologia Portuguesa, 423, 441
Revista de Horticultura, 283
Revista de Medicina, 328, 339
Revista de Portugal, 77, 109, 122, 419
Revista de São Paulo, 231, 383, 486
Revista do Arquivo Público Mineiro, 441
Revista do Brasil, 66, 67, 68, 74, 77, 97, 102, 139, 146, 156, 159, 192, 231, 403, 425, 427, 429, 431, 435, 436, 447, 448, 457, 508, 523, 526, 539, 559, 565

Revista do Centro de Ciências Letras e Artes, 328
Revista do Clube de Engenharia, 333
Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, 329
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 102, 104, 329, 562
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 77, 107, 328, 329, 330, 332, 338, 427, 485, 528, 531, 559
Revista do Museu Paulista, 102, 328, 329, 330, 331, 338, 559, 562
Revista dos Educadores, 239, 304, 313, 429, 447
Revista dos Estados, 173, 231, 531
Revista dos Fazendeiros, 269
Revista dos Tribunais, 533, 560
Revista Farmacêutica, 328, 338
Revista Farmacêutica e Odontológica, 328, 338
Revista Feminina, 73, 228, 269, 357, 376, 384, 429, 465, 545
Revista Filomática, 170, 526
Revista Fotográfica, 189
Revista Ilustrada, 43, 74, 78, 98, 144, 146
Revista Literária, 277, 447
Revista Médica, 327, 328
Revista Médica de São Paulo, 328, 329, 339
Revista Moderna, 42, 51, 52, 88, 157, 162, 240, 304, 305, 442, 531
Revista Nacional, 319, 320, 323, 560, 564
Revista Odontológica Brasileira, 328, 338
Revista Odontológica Paulista, 328, 329, 338
Revista Politécnica, 329, 332, 333, 336, 338
Revista Sousa Cruz, 139, 160, 161
Revista Teatral, 172, 173, 174, 220, 344, 397, 402, 404
Revue, La, 72
Revue Blue, 99
Revue Bresiliénne, 59, 168
Revue des Cours, 72, 103
Revue des Deux Mondes, 72, 74, 75, 77, 99, 103, 114
Revue du Brésil, 82, 83, 86, 87, 88, 531
Revue Française, 59, 92
Revue Mensuelle du Touring Club de France, 92
Revue Philosophique, 72, 103, 138
Rire, Le, 97, 98
Rolha, A, 130, 132, 134, 135
Ronda, 231, 240, 343, 398, 410, 429, 447
Rosa d'Amor, 173, 220, 382
Rosa Cruz, 144
Saison, La, 80
Santa Cruz, 362, 363, 364, 365, 487, 514
São Paulo, 356, 446
São Paulo Ilustrado, 68, 96, 127, 151, 183, 213, 219, 220, 231, 233, 236, 242, 252, 269, 344, 400, 427, 459, 463, 467, 486, 500, 515, 520, 523, 532
São Paulo Judiciário, 329
São Paulo Magazine, 52, 92, 172, 174, 187, 220, 230, 234, 235, 344, 486, 531, 532
Sciencia e Arte, 344
Seara, A, 442
Seleta, 269
Semana, A, 28, 118, 172, 374, 407, 442, 467
Semana Católica, 366
Semana Farmacêutica, A, 328, 338
Semana Ilustrada, 188
Semana Paulista, 486
Sereno, O, 172
Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, 328, 338
Sexo Feminino, O, 372
Simplício, 410
O Socialista, 126
Sport, O, 144, 173, 231, 262, 341, 344
Sports, 252, 344, 349, 352, 353, 354, 459, 523, 558
Sportsman, O, 172, 231, 342, 344, 345, 346
Sportmen, 342, 344
Tagarela, O, 457
Tebaida, 87
Tempo, O, 256
Terra Paulista, 231, 380, 411, 435, 486, 504, 508, 523, 546, 548, 549, 563
Tico-Tico, O, 144, 207, 269, 408, 410, 558, 565
Torquez, A, 172, 235, 238
Trabalhador do Livro, O, 391, 395
Trabalhador Gráfico, O, 181

SIhi

Tribuna Brasileira, 239
Tribuna de Santos, 138, 139, 141, 433
Tribuna Evangélica, A, 370
Tribuna Liberal, 124
União Católica, 362, 366
União dos Lavradores, 295, 400
União Farmacêutica, 269, 328, 338
Universo, 91, 228, 531
Vamos Ler, 96, 322
Vanguarda, A, 390
Variedades, 167, 173, 235, 255, 400
Vera Cruz, A, 172, 220, 362, 366
Verdade, A, 159, 162, 369
Verde, A, 417
Vespa, A, 128, 129, 133, 221, 431, 447, 496, 520
Via Láctea, 151, 220, 231, 255, 362, 407, 427, 429, 447, 457, 530, 558
Vida, A, 103, 104, 154, 156, 159, 388
Vida de Hoje, A, 118, 530
Vida Fluminense, 104
Vida Ilustrada, A, 254
Vida Intensa, 118, 514
Vida Moderna, A, 117, 162, 174, 183, 189, 192, 220, 342, 423, 427, 429, 447, 457, 463, 467, 483, 515, 532, 560
Vida Paulista, 151, 172, 343, 400, 429, 447, 451, 494, 514, 524
Vida Sportiva, A, 92, 172, 344, 345, 486, 531
Vinte e Dois de Maio, O, 256
Violeta, A, 25, 172, 238, 254, 372
Voz Maternal, A, 375, 465, 467
Weekly Times, 98, 138
Ypiranga, O, 235, 501, 504, 561
Zé Povo, 256
Zig-Zag, 70, 431

Slhj

Título	*Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*
Autora	Ana Luiza Martins
Produção	Ricardo Assis
	Cristiane Silvestrin
Projeto Gráfico e Capa	Ricardo Assis
Reprodução de Fotos	Angela Garcia
Editoração Eletrônica	Ricardo Assis
Editoração de Texto	Alice Kyoko Miyashiro
Revisão de Provas	Claudia Agnelli
	Tania Mano Maeta
	Évia Yasumaru
	Marilena Vizentin
	Fábio Duarte Joly
Divulgação	Regina Brandão
	Edilena Colombo
	Cinzia de Araujo
Secretaria Editorial	Eliane dos Santos
Formato	21 x 27 cm
Tipologia	AGaramond
Papel	Cartão Supremo 350 g/m² (capa)
	Couché Fosco 120 g/m² (miolo)
Número de Páginas	600
Tiragem	2000
Fotolitos	Imprensa Oficial do Estado
	Liner Fotolito
Impressão e Acabamento	Rettec Artes Gráficas

SIhi

maioria delas trazia a rubrica "revista literária", ou por vezes, "revista de arte".

Por tudo isso, *Revistas em Revista* funciona como uma vitrine fulgurante do extraordinário progresso da capital paulista e de sua urbanização peculiar, aspectos veiculados nas páginas de diversas revistas que elegeram a polêmica sobre Tradição e Modernidade em temática por excelência, pautando as reportagens de maior sucesso numa imprensa que se fazia indústria. Indiretamente, foi possível identificar também espaços dinâmicos de sociabilidade literária que conferiam novo perfil à vida urbana da Paulicéia. Atenta aos debates contemporâneos sobre o trabalho do historiador, Ana Luiza Martins alia ao rigor da pesquisa uma preocupação que atravessa todo o texto e que pode ser expressa na indagação: seriam as revistas, tomadas como fonte histórica, uma cilada documental?

A Autora

Ana Luiza Martins é doutora em História pela USP. Voltada especialmente para a História Social da Cultura vem dedicando-se ao conhecimento do processo histórico paulista, com ênfase nos estudos da evolução urbana do Estado. Atua profissionalmente na área do Patrimônio Cultural, como historiadora do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo), da Secretaria de Estado da Cultura.

Slhi

Revistas em Revista é exatamente o que diz o título e muito mais. É uma obra de referência que garante aos impressos ilustrados seu lugar na história da cultura brasileira e na história da leitura no Brasil. Respeitando o jargão empregado pelas revistas ilustradas da virada do século, este estudo diz, por si só, "*a que se deve*". • Envolvida com o texto e contexto das revistas ilustradas, a autora recupera os novos hábitos criados pela cultura do impresso nos tempos da velha República (1890-1922), atenta à velocidade com que nossa memória se desmancha no ar. Daí o registro detalhado do tempo de produção do impresso periódico, dos seus múltiplos e coloridos conteúdos que privilegiaram São Paulo como "cidade-mercadoria". • Este livro não se presta apenas a ser lido: é também para folhear e admirar, permitindo-nos um verdadeiro mergulho no tempo. Em desfile: *revistas, hebdomadários e magazines*, muito mais que meros "mostruários de uma elite ociosa" e "embalagens da propaganda e da publicidade". O *corpus* documental incluído aqui recupera o mercado do impresso, a política editorial e o papel social do periodismo, enquanto instância de representação e legitimação de indivíduos, grupos e idéias. Direcionado para a produção paulistana, o estudo de Ana Luiza Martins assume a forma de um conjunto lúdico que torna o livro verdadeiramente irresistível, tal qual as revistas: "um narcótico habitual com que se entretém o leitor".

Maria Luiza Tucci Carneiro
Universidade de São Paulo



Capa: *Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto*, de José Ferraz de Almeida Júnior, 1891. Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo.

ISBN 978-85-314-0569-3